

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE – UFF  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA – ICHF  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH

JOUGI GUIMARÃES YAMASHITA

AS GUERRAS DE MARC BLOCH:  
Nacionalismo, memória e construção da subjetividade

NITERÓI  
2016

JOUGI GUIMARÃES YAMASHITA

AS GUERRAS DE MARC BLOCH:  
NACIONALISMO, MEMÓRIA E CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
História da Universidade Federal Fluminense, como  
requisito parcial para obtenção do grau de Doutor.  
Área de concentração: História Social.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. DENISE ROLLEMBERG CRUZ

Niterói  
2016

JOUGI GUIMARÃES YAMASHITA

AS GUERRAS DE MARC BLOCH:  
NACIONALISMO, MEMÓRIA E CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
História da Universidade Federal Fluminense, como  
requisito parcial para obtenção do grau de Doutor.  
Área de concentração: História Social.

Aprovada em março de 2016.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Denise Rollemberg Cruz - Orientadora  
UFF

---

Prof. Dr. Ronaldo Vainfas  
UFF

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lucia Maria Paschoal Guimarães  
UERJ

---

Prof. Dr. Pedro Spinola Pereira Caldas  
UNIRIO

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rebeca Gontijo Teixeira  
UFRRJ

Niterói  
2016

À Isadora, mãe, pai, Thiago e Arthur, minhas melhores memórias.

## AGRADECIMENTOS

Essa tese contou com o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) durante todo o período em que pesquisei em território nacional, e da Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) ao longo do intervalo no qual realizei o meu estágio de doutorado sanduíche em Paris. Sem o suporte dessas agências, a pesquisa dificilmente aconteceria.

Gostaria de agradecer aos funcionários do PPGH-UFF, sempre dispostos a tirar dúvidas e facilitar o percurso acadêmico, entre recorrentes pedidos de declarações e solicitações.

À minha orientadora, Denise Rollemberg Cruz, pelo apoio inestimável. Pelas revisões precisas, os encontros de orientação sempre instigantes, pelo empenho dispensado a me ajudar, mesmo sem obrigação, para que a tese saísse como tal, só tenho a agradecer-lhe. A gratidão e o carinho cultivados nesses anos de UFF vai além da relação orientador/orientando.

Agradeço também à professora Sílvia Capanema, supervisora de meu estágio na França. Sempre atenciosa, apontou-me caminhos de pesquisa instigantes e mostrou-me uma Paris mais “real” que adorei conhecer, através da Université Paris XIII e de Saint-Denis.

Sou muito grato aos membros da banca, tanto da qualificação como a da defesa. Giselle Venâncio, Ronaldo Vainfas, Pedro Caldas, Rebeca Gontijo, nomes que respeito demais e que muito me deixam honrado por terem aceitado participar da minha arguição. À Lúcia Guimarães, um agradecimento especial. Acompanhou-me desde a graduação e o mestrado, na UERJ, e muito do meu apreço pela historiografia vem de suas aulas e encontros nos laboratórios de pesquisa sobre o Oitocentos.

Aproveito para agradecer a outros professores que foram caros ao meu percurso acadêmico: Tania Bessone, Lucia Bastos e Francisco Martinho Palomanes, todos meus orientadores em algum momento de minha carreira, são também exemplos da boa prática historiográfica, além de pessoas incríveis. Certamente, tive bastante sorte de ter esbarrado com cada um deles ao longo desses anos de História.

Não posso deixar de agradecer a alguns amigos que aliviaram um pouco o peso de escrever uma tese de doutorado. Os mais antigos, de tempos de colégio: Saulo Portela,

Delano Aguiar, Pablo Lôbo e Brunno Sampaio. Os pouco menos antigos: Rodrigo Molardi, Fernanda Diniz, Bárbara Skaba, Yuri Siqueira, Marcela Skaba e Marco Antônio de Carvalho. Todos, às suas maneiras, foram importantes para que eu mantivesse os pés no chão em tempos de trabalho árduo e prazos apertados. Não posso esquecer também dos amigos do *troisième étage*, feitos em Paris, especialmente à Daiane de Aguiar, minha consultora de assuntos jurídicos, fundamental para que eu entendesse o papel de um juiz de instrução.

À Maria do Amparo Maleval, sempre um modelo para mim da importância do trabalho duro para o desenvolvimento intelectual. Agradeço também, como de hábito, pelo carinho de sempre.

À minha querida avó, “dona Má” (agora “dona Juju”). Não consigo deixar de pensar que, por ironia trágica do destino, quanto mais eu me aprofundava nos estudos sobre a memória, mais a dela ia se esvaindo. Mas isso não importa: sigo lembrando, vó.

Agradeço aos meus irmãos, tão queridos. As risadas, conversas e partidas de videogame foram essenciais. Apesar de ser o mais velho, foram eles que tomaram conta de mim nesses quatro anos. A tese é para eles.

Aos meus pais. Nunca importaram as dificuldades que se apresentavam; eles estavam lá. Pelo amor incondicional, pelo apoio, pelos suquinhos para que eu aguentasse a viagem de volta para casa, pelas idas ao Maracanã, muito obrigado. Dedico também a eles esta tese.

Este trabalho é igualmente dedicado à Isadora. Posso dizer, assim como Bloch disse a Febvre, que não sei se as páginas que se seguem foram escritas por mim ou por ela. Certamente, realizei o procedimento mais imediato da coisa, digitando, formulando frases. Por isso, os erros são meus. Mas foi só em decorrência das inúmeras conversas sobre a pesquisa, da felicidade dividida quando encontrava uma nova fonte, das dicas e sugestões, que esta tese se criou. Também devo a ela demais pelo dia-a-dia, assumindo as tarefas que cabiam a mim para que a vida de casal funcionasse como planejamos. Se eu trabalhei em dobro em alguns momentos, ela o fez em triplo, facilmente. A Isadora foi tudo para o meu doutorado, como também é tudo para a minha vida.

“Nada passa, nada expira  
o passado é um rio que dorme  
e a memória uma mentira multiforme”

José Eduardo Agualusa – *O vendedor de passados* – 2004

## **RESUMO**

Essa tese investiga a construção e os usos da memória sobre Marc Bloch. A partir de sua trajetória pessoal, busca-se elementos que justifiquem a relevância da lembrança do seu nome em meios historiográficos, bem como em espaços públicos na França e fora dela. A partir de escritos pessoais, como cartas, diários, testemunhos e escritos eruditos, pretende-se dar forma a imagens de si pensadas por Marc Bloch. Escritos de amigos, familiares e admiradores de sua obra e/ou postura política, especialmente diante do contexto do nazismo e da França de Vichy, são analisados para a compreensão de sua memória. Assim também são analisados os lugares de memória em sua homenagem. Percebe-se, então, que a relação de sua trajetória com o nacionalismo e com a renovação historiográfica acabam por servir a distintos discursos, tornando o seu nome, por isso, constantemente referenciado.

**Palavras-chave:** Marc Bloch. Memória. Nacionalismo. Historiografia.



## **ABSTRACT**

This thesis investigates the construction and the uses of Marc Bloch's memory. From his personal trajectory, we seek elements that justifies the relevance of remember his name between academics and public spaces as well, in France and beyond. From personal writings, such as letters, diaries, testimonies and writings scholars, it is intended to form images of himlself designed by Marc Bloch. Writings of friends, family and admirers of his work and/or political position, especially given the context of Nazism and Vichy France, are analyzed to understand his memory. So they are also analyzed the places of memory in his honor. It is then clear that the relationship of his career with nationalism and the historiographical renewal end up serving different speeches, making his name so referenced several times.

**Key-words:** Marc Bloch. Memory. Nationalism. Historiography.

## SUMÁRIO

|                                                                                |            |
|--------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                        | <b>13</b>  |
| <b>Capítulo 1 – MARC BLOCH E A GRANDE GUERRA (1914-1918) .....</b>             | <b>20</b>  |
| <b>1.1 Sobre a necessidade de produzir memórias na Grande Guerra .....</b>     | <b>20</b>  |
| <b>1.2 Os cadernos de guerra de Marc Bloch: conteúdo e materialidade .....</b> | <b>23</b>  |
| <b>1.3 A guerra de Marc Bloch .....</b>                                        | <b>28</b>  |
| 1.3.1 A Batalha do Marne .....                                                 | 34         |
| 1.3.2 Entreatos .....                                                          | 40         |
| 1.3.3 La Gruerie .....                                                         | 43         |
| 1.3.4 Ruínas .....                                                             | 48         |
| 1.3.5 A guerra sem <i>Souvenirs</i> .....                                      | 50         |
| <b>1.4 Sobre escrever no trauma .....</b>                                      | <b>57</b>  |
| <b>1.5 A construção da memória de situações-limite .....</b>                   | <b>60</b>  |
| <b>1.6 As marcas do trauma .....</b>                                           | <b>64</b>  |
| <b>1.7 O homem, a memória e o tempo .....</b>                                  | <b>66</b>  |
| <b>Capítulo 2 – AS GUERRAS PELA HISTÓRIA .....</b>                             | <b>69</b>  |
| <b>2.1 O status da disciplina “pré-Annales” .....</b>                          | <b>70</b>  |
| 2.1.1 O inimigo: a escola metódica .....                                       | 71         |
| 2.1.2 As armas .....                                                           | 79         |
| 2.1.2.1 Durkheim e a comparação .....                                          | 80         |
| 2.1.2.2 Debates acadêmicos .....                                               | 86         |
| 2.1.2.3 A geografia humana .....                                               | 88         |
| 2.1.2.4 Inspirações .....                                                      | 90         |
| <b>2.2 De Straßburg a Strasbourg .....</b>                                     | <b>92</b>  |
| <b>2.3 O clima de Estrasburgo .....</b>                                        | <b>104</b> |
| <b>2.4 Annales: os caminhos para a primeira edição .....</b>                   | <b>107</b> |
| 2.4.1 Epístolas para uma nova história .....                                   | 108        |
| <b>2.5 Annales, ano 1 .....</b>                                                | <b>111</b> |
| 2.5.1 Acordos .....                                                            | 111        |
| 2.5.2 O editor .....                                                           | 115        |
| 2.5.3 Passos curtos para uma história possível .....                           | 117        |

|                                                                            |     |
|----------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>2.6 As rusgas</b>                                                       | 121 |
| 2.6.1 Os concursos                                                         | 121 |
| 2.6.2 Lucie Varga                                                          | 128 |
| 2.6.3 Reformulações                                                        | 130 |
| <br><b>Capítulo 3 – A GUERRA COMO FIM (1939-1944)</b>                      | 134 |
| <b>3.1 O desapontamento</b>                                                | 134 |
| <b>3.2 Escritos de guerra entre o público e o privado</b>                  | 135 |
| 3.2.1 Premonições                                                          | 137 |
| 3.2.2 A vida privada                                                       | 139 |
| <b>3.3 A derrota: experiência e análise a partir do “testemunho civil”</b> | 145 |
| 3.3.1 A trajetória pessoal                                                 | 147 |
| 3.3.2 Os motivos da derrota                                                | 154 |
| 3.3.3 O francês no divã                                                    | 162 |
| <b>3.4 Entre a memória e a história</b>                                    | 171 |
| <b>3.5 O fim heroico: a Resistência</b>                                    | 177 |
| <b>3.6 Epílogo</b>                                                         | 189 |
| <br><b>Capítulo 4 – AS GUERRAS PELA MEMÓRIA</b>                            | 191 |
| <b>4.1 Construções de si</b>                                               | 191 |
| 4.1.1 O patriota                                                           | 191 |
| 4.1.2 O orangotango oculto: o historiador-detetive                         | 193 |
| 4.1.3 O historiador e o juiz de instrução                                  | 199 |
| 4.1.4 <i>Veritas vinum vitae</i> : o trabalhador                           | 204 |
| 4.1.5 Escritos como autorretratos                                          | 207 |
| <b>4.2 Lugares de memória</b>                                              | 211 |
| 4.2.1 Os guardiões da memória                                              | 213 |
| 4.2.1.1 Lucien Febvre                                                      | 213 |
| 4.2.1.2 Étienne Bloch                                                      | 224 |
| 4.2.1.3 Outras memórias                                                    | 235 |
| 4.2.1.4 O herói em espaços públicos                                        | 245 |
| <b>4.3 Marc Bloch e Vichy</b>                                              | 255 |
| 4.3.1 <i>Les Parisiens sous l’Occupation</i> : o tabu em evidência         | 256 |
| <b>4.4 O dever de memória na França</b>                                    | 259 |

|                                                                  |                |
|------------------------------------------------------------------|----------------|
| <b>4.5 Marc Bloch, Lucien Febvre e a síndrome de Vichy .....</b> | <b>266</b>     |
| <br><b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                            | <br><b>273</b> |
| <br><b>BIBLIOGRAFIA .....</b>                                    | <br><b>283</b> |
| Fontes (Marc Bloch) .....                                        | 283            |
| Fontes (outras) .....                                            | 285            |
| Artigos e livros .....                                           | 286            |
| <br><b>ANEXOS .....</b>                                          | <br><b>294</b> |
| Anexo 1 .....                                                    | 295            |
| Anexo 2 .....                                                    | 296            |
| Anexo 3 .....                                                    | 297            |
| Anexo 4 .....                                                    | 298            |
| Anexo 5 .....                                                    | 299            |
| Anexo 6 .....                                                    | 300            |

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                                                            |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1 - Carta de lançamento dos <i>Annales</i> .....                                                    | 118 |
| Figura 2 - Primeira página do panfleto de propaganda dos <i>Annales</i> .....                              | 118 |
| Figura 3 - <i>Ex-libris</i> de Marc Bloch .....                                                            | 204 |
| Figuras 4e5 - Primeiras páginas do encadernado da solenidade em homenagem a<br>Marc Bloch .....            | 246 |
| Figuras 6 e 7 - Referências a Marc Bloch no <i>Musée de la Shoah</i> , em Paris .....                      | 250 |
| Figura 8 - Referências a Marc Bloch no <i>Musée de la Shoah</i> , em Paris .....                           | 251 |
| Figura 9 - Placa instalada no edifício onde Bloch viveu em Paris .....                                     | 251 |
| Figura 10 - <i>Panthéon</i> , espaço dedicado aos mortos pela Pátria na Segunda Guerra<br>Mundial .....    | 252 |
| Figuras 11 e 12 - Placa da Sorbonne em homenagem aos mortos pela França na<br>Segunda Guerra Mundial ..... | 253 |
| Figuras 13 e 14 - Sala Marc Bloch, na Sorbonne .....                                                       | 253 |
| Figuras 15 e 16 - Praça Marc Bloch, em Paris .....                                                         | 254 |
| Figura 17 - Reprodução da página 86 do <i>Le Figaro-Histoire</i> .....                                     | 281 |

## INTRODUÇÃO

Tive a oportunidade de conhecer a Sorbonne quando do meu estágio de doutorado sanduíche em Paris, no ano de 2014. Ouvira dizer então que os portões da universidade ficavam fechados, com entrada restrita apenas a professores, funcionários e alunos. Os seguranças nas entradas impediam o acesso de turistas que, barulhentos e sempre ávidos por registrar fotos dos auditórios consagrados como símbolos de Maio de 1968, atrapalhavam o andamento das atividades acadêmicas.

Para realizar a incursão preparei um disfarce – ainda que não muito elaborado. Pasta a tiracolo, óculos no rosto, bloco de anotações na mão e o grande trunfo: minha esposa, que na verdade tinha uma reunião com uma das professoras da instituição e me convidara a acompanhá-la para que eu tentasse, sob a desculpa de participar do tal encontro, conhecer a universidade. Frente à frente com o segurança, apresentamos a cópia do e-mail com a marcação do encontro e entramos.

Como nos é de costume, nos perdemos bastante até conseguirmos entender o mapa da universidade, que havíamos estudado previamente. Após a rápida reunião, percorremos alguns corredores e escadarias que certamente são anexos à construção original, pois não contavam com a mesma exuberância arquitetônica dos corredores e salas que se encontram mais próximas à entrada principal. A missão de reconhecimento fazia parte, na verdade, de um dos objetivos desta tese: mapear lugares de memória<sup>1</sup> sobre o historiador Marc Bloch. Havia uma sala com o seu nome naquele lugar, mas eu não sabia com exatidão onde ela estava.

Depois de algumas voltas quase “à deriva”, decidimos, então, vestir em definitivo a carapuça de turistas e conhecer os espaços mais prestigiosos da instituição. Fomos direto ao anfiteatro Richelieu. No meio do caminho para o complexo de auditórios, havia uma antessala, com diversas placas comemorativas. Entre elas, uma em homenagem aos alunos e professores da universidade mortos durante a Segunda Guerra Mundial. Casualmente, eu havia encontrado uma referência a Bloch. O pequeno ato subversivo já valia a pena para os fins da minha pesquisa<sup>2</sup>.

Satisfizemos a vontade de ver com os próprios olhos o anfiteatro e cumprimos com louvor a condição de turistas (portanto, barulhentos e ávidos por registros

---

<sup>1</sup> Tomamos de empréstimo o conceito debatido e consagrado por Pierre Nora, como mostraremos no capítulo 4 da tese.

<sup>2</sup> As fotos da placa aparecem no capítulo 4 da tese (Figuras 11 e 12).

fotográficos): um leve tropeço na porta do anfiteatro e consegui atrapalhar o andamento de uma palestra que ali ocorria.

Seguimos o percurso tirando mais fotos – desta vez, do exterior da famosa capela Santa Úrsula, sob a perspectiva da praça (interna) da universidade. Maravilhamo-nos com toda a força simbólica que emanava de cada canto daquele lugar. Victor Hugo à esquerda, Pasteur à direita, as estátuas que pareciam guardar a entrada da capela refletiam bem a importância dos dois para a cultura nacional, como também aquela postura que julgamos “tipicamente francesa”: os personagens foram representados como se, indiferentes aos que os rodeavam, estivessem mergulhados em suas próprias reflexões.

Sob a perspectiva da capela, tínhamos vindo do anexo à esquerda, mais próximo à estátua do escritor. Faltava, então, conhecer o lado da direita. Finalmente encontramos as salas dos departamentos de filosofia e história. No segundo andar daquele bloco, a última sala de um corredor com visão para a praça – a mais próxima de Pasteur, portanto – registrava acima da porta: *Salle Marc Bloch*. Podemos dizer que se trata de um local de honra, portanto, demarcando bem a relevância da memória sobre o historiador. Com a sala, seu nome rodeava, junto à primeira homenagem citada, a área mais nobre da Sorbonne.

Poucos dias depois, saí em busca de registros de outro lugar de memória, uma praça com o seu nome, localizada no XX<sup>e</sup> *arrondissement* de Paris. Após uma manhã de pesquisa nos *Archives Nationales* de Pierrefite-sur-Seine, em Saint Denis (onde estão armazenados os documentos pós-1790 de posse do arquivo), tomei o metrô em direção ao local. Ao sair da estação, percebi que estava em um bairro parecido, em termos sociais, com aquele do qual acabara de sair. O comportamento e a maneira de vestir dos moradores deixavam claro que eu estava em uma região habitada por imigrantes em sua maioria.

As pessoas olhavam diretamente para os meus olhos quando passavam por mim na rua, algo incomum em áreas habitadas por “legítimos” parisienses, que detestam o contato visual, a menos que estejamos conversando com eles. Nas vias, conversas em um tom diferente daquele murmúrio rabugento ao qual estava acostumado depois de algumas semanas. Certamente distante de qualquer rota turística, eu conheci ali uma Paris que muitos não têm interesse em visitar.

De acordo com o mapa, a praça Marc Bloch situava-se a alguns quarteirões entre a estação de Montreuil e o parque Jean Moulin, denominação em homenagem ao maior

herói da chamada Resistência Interna<sup>3</sup>, que ficava bastante próximo ao cemitério *Père-Lachaise*. Tracei um raio de aproximadamente dois quilômetros no qual encontraria o local de destino. No entanto, como já comentei, não sou um bom leitor de mapas. Andei por longas ruas de ladeira, aparentemente cercando a praça, sem encontrá-la. Pedia informações às poucas pessoas que encontrava, mas ninguém conseguia me ajudar. Entrei em uma pequena lanchonete, onde fui atendido por uma mulher que usava o seu *Hijab* e falava um francês de difícil compreensão. Não conseguíamos nos comunicar de jeito algum. Logo surgiu seu marido dos fundos do estabelecimento, postando-se em sua frente e tentando responder às minhas perguntas. Diante da impossibilidade, proferiu algumas palavras em uma língua que nunca poderei decifrar e fez gesto com as mãos, enxotando-me do local. Frustrado, cansado e perdido, procurei uma estação de metrô e retornei para casa.

Deixei para fazer nova busca em um fim de semana. Teria mais tempo, disposição e companhia da minha esposa para encontrar a praça. Um pouco mais ambientado com o bairro, finalmente escolhi o lado certo da rua e encontrei o local.

A perspectiva era de encontrar uma praça “à francesa”, como tantas que observei durante a minha estadia por lá. Com canteiros floridos, sempre ocupadas, vivas. Quem sabe, um busto da figura homenageada. A praça Marc Bloch, no entanto, não tinha nada disso. Seis tímidas árvores, um pequeno canteiro com mato alto, dois postes, nenhum banco sequer... Eu me dava conta de que ela era mais um caminho entre dois prédios para um condomínio que se localizava na parte de trás do quarteirão do que propriamente uma praça<sup>4</sup>. O esforço de memória se restringia à placa com o nome e informações do homenageado, e de uma escola de artes com a mesma designação.

Foi então que me dei conta das peculiaridades na construção memorialística sobre Marc Bloch. Ao refletir sobre a pompa garantida na Sorbonne em comparação com o total desconhecimento dos moradores sobre a praça que compunha a rua em que habitavam, percebi que devia atentar para os limites do alcance de sua figura como herói nacional.

Tive outras experiências que, de certa forma, ampliaram essa impressão. Lembro-me de quando cheguei ao aeroporto Charles de Gaulle – homenagem ao maior herói da chamada Resistência Externa – e procurava o metrô-RER que deveria tomar para

---

<sup>3</sup> De maneira geral, divide-se a Resistência Francesa em duas frentes: a Resistência Externa, comandada pelo general De Gaulle a partir da Inglaterra; e a Interna, sob a liderança de Jean Moulin.

<sup>4</sup> Fotos da praça Marc Bloch no capítulo 4 (Figuras 15 e 16).



chegar à moradia dos próximos meses. A minha primeira impressão dos franceses, passado todo o procedimento de checagem de passaportes e autorização de entrada, se deu quando pedi informações a um policial. Apontou-me a direção da estação, explicou-me o procedimento de compra de bilhetes e depois, curioso, perguntou de onde eu vinha e quais eram meus objetivos na cidade. Mostrou-se animado com a resposta, já que era um apaixonado pela história. Frente à pergunta que julguei irresistível de fazer no contexto – “você conhece Marc Bloch?” – respondeu-me afirmativamente – “Mas é claro!”.

Apesar de entusiasmado com a perspectiva, não consegui levar à frente aquele que poderia ser, ao menos, um mapeamento entre os parisienses do conhecimento que tinham sobre Bloch. Demandaria tempo demais, além de um método que precisava ser cuidadosamente pensado, algo que não poderia ser feito sem prejuízo à pesquisa original. Isso não me impediu, no entanto, de fazer frequentemente às pessoas, quando achava conveniente, a mesma questão que havia posto ao policial.

Foi assim que, na minha primeira visita aos *Archives Nationales*, tomei a liberdade de perguntar a uma funcionária, que me ajudou na pesquisa inicial, se ela possuía parentes que haviam lutado na guerra de 1939-45. Orgulhosamente, ela me respondeu que os pais haviam sido resistentes após a derrota de 1940. Disse-me que entendia a minha pergunta com mais clareza após descobrir o objeto de estudo e que era importante que eu soubesse que Marc Bloch fazia parte do *Franc-Tireur*, do sul, e não do *Franc-Tireur et Partisans*, braço armado mais radical da Resistência, que atuava com mais força ao norte do país. – O que você acha de Marc Bloch, perguntei. A resposta, vivaz: – “Um grande historiador!”.

E Lucien Febvre? “Esse não era tão bom assim... não gosto muito dele”. Dado o contexto da conversa, logo compreendi que poderia estar se referindo à postura do cofundador dos *Annales*, por vezes acusado, como veremos, de ter tomado uma decisão dúbia ao propor retirar o nome de Bloch da publicação para que a revista não fosse proibida no país ocupado. Quando perguntei o porquê, ela lançou o veredito: colaborador.

Dessa forma, descobri nos arquivos que visitei uma ótima porta de entrada para garantir um bom tratamento dos funcionários. Pedia perdão pelo meu francês e, rapidamente, indicava estar à procura de documentação relativa a Bloch. Finalizava sempre com “você está familiarizado com esse nome?”. Respostas afirmativas, normalmente seguidas de um elogio ao historiador. Por outro lado, nas raras conversas

com franceses na cozinha da *Maison du Brésil* – onde vivi –, a resposta era inversa, sempre negativa.

Tal misto de celebração acadêmica com desconhecimento na sociedade em geral (que deduzi a partir dos exemplos da Sorbonne e da *Place Marc Bloch*) acabou me parecendo uma regra mais geral – e um problema a ser encarado na tese que estava em vias de elaborar. Para investigar essa situação, recorri ao exame de sua trajetória, bem como a maneira pela qual ela foi observada pelo próprio Bloch e por outros, especialmente após a sua morte, a fim de compreender o seu alcance. Apesar de desconhecido nas proximidades da praça e da mesma se localizar fora de roteiros turísticos, o nome está lá. Houve, portanto, em algum momento e por algum motivo a necessidade de usá-lo para denominar um lugar público, uma tentativa de lembrar que ele foi uma figura importante para a coletividade.

Posso dizer, nesse sentido, que acabei seguindo um pouco as sugestões de meu objeto de pesquisa, ao partir de um problema que servisse como guia aos estudos. Pretendi abordar a construção de memórias e, para tal, enfrentei os desafios da escrita biográfica<sup>5</sup>, especialmente atento a não me deixar seduzir pela “ilusão”, fazendo de uma trajetória complexa um enredo de coerência e linearidade. Bloch não foi um resistente “de primeira ordem” e, mesmo assim, é celebrado à frente de muitos outros que desde 1940 apostavam na luta direta contra o invasor nazista e seus colaboradores. Não importa aos meus objetivos classificar a relevância de um tipo ou de outro, mas compreender os motivos dessa seleção específica.

Da mesma forma, foram extremamente úteis algumas reflexões sobre a escrita autobiográfica, sobretudo para a análise das “construções de si”<sup>6</sup> feitas por Bloch, e de que maneira elas acabaram por fortalecer o mito em torno dele após sua morte. Fez sentido, portanto, quando observei o quanto ele tentou reforçar em correspondências, testamentos e testemunhos de guerra o seu elo com a nação, que sobrepunha, inclusive, outras identidades – como suas raízes judaicas.

---

<sup>5</sup> Atento a reflexões como, por exemplo, as de Pierre Bourdieu. “A ilusão biográfica”, e Giovani Levi. “Usos da biografia”. In: Marieta de Moraes Ferreira, Janaína Amado (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*, Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996, pp. 183-191, pp. 167-182; Daniel Madélenat. *La Biographie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1984; François Dosse. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP, 2009.

<sup>6</sup> Ver Phillippe Lejeune. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008. Ângela de Castro Gomes (org). *Memórias e Narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro: FGV, 2009. Idem. “Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo”. In: \_\_\_\_ (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, s.d..

Além disso, posso dizer que muito das formulações que virão a seguir são fruto de um conjunto de diálogos com temas e visões bastante diversas. Sempre citadas em notas e na bibliografia, discussões relativas às relações entre memória e história me foram obviamente muito caras, abrindo o caminho para a reflexão sobre a questão das construções de discursos que constroem a imagem de uma vida exemplar, apagando tensões e hesitações. Também devo muito ao que se convencionou chamar de história intelectual, uma vez que, especialmente no segundo capítulo, procuro expor debates, inspirações e dificuldades enfrentadas por Bloch na sua elaboração de uma visão sobre a história. Numa perspectiva mais ampla, história cultural e a história política surgem como outros holofotes que guiaram o meu trabalho com as fontes, já que busco nelas relações de poder, diálogos, limites e possibilidades ao longo de toda a trajetória de Bloch – o homem e a lembrança.

O objetivo da tese é, portanto, *analisar como se construiu e qual é a relevância da memória sobre Marc Bloch para a França*. Sua transição entre espaços privados e públicos, seus silêncios, ênfases, enfim, os seus meandros serão investigados. Através de escritos pessoais (diários, testemunhos, artigos, livros, cartas) e de escritas públicas (lembranças de outros, lugares de memória), pretendo então organizar traços de uma trajetória que deram forma e relevância a uma memória.

\* \* \*

A tese se estruturou a partir de quatro capítulos.

No capítulo 1, apresento ao leitor como Marc Bloch viveu a Grande Guerra (1914-1918). A partir dos seus diários, pretendo mapear o seu caminho durante o conflito, testemunhando algumas das grandes batalhas, como a do Somme. Ao mesmo tempo, procurei demonstrar como o nacionalismo e a luta pela verdade, mais do que presentes, são estruturais nesses escritos.

O capítulo 2 pretende dar forma a outra guerra na qual Bloch atuou: o combate pela história. É ela que normalmente aparece primeiro no discurso de quem lembra de Marc Bloch. Refiro-me ao seu engajamento pela renovação historiográfica. Discuto essa questão apresentando os antecedentes dos *Annales*, evidenciando a historiografia contra

a qual se lutava e as inspirações que animavam o combate – com o fim de debater o quão inovadora fora a abordagem da revista em meios acadêmicos. Em seguida, abordo as dificuldades e tensões entre Bloch e Febvre para dar conta da publicação da revista. No âmbito geral, relativizo o mito da tal “revolução” historiográfica desde 1929, com a publicação do primeiro número dos *Annales*. Se é certo o seu lugar entre os grandes momentos da historiografia do século XX, deve-se refletir sobre a construção da memória que sacralizou o periódico e a relação dos seus diretores, depurando, assim, as contradições no interior da publicação entre Marc Bloch e Lucien Febvre.

O capítulo 3 acompanha Bloch no drama da derrota da França na Segunda Guerra Mundial. A partir de seu testemunho de guerra, em conjunto com as correspondências trocadas com o filho, tento entender como viveu a derrocada. E, mais uma vez, como construiu uma autoimagem de patriota. Apresento, também, vestígios do fim de sua vida, quando atuava na Resistência Francesa, o que acarretaria sua prisão pela Gestapo e seu fuzilamento. As condições da morte são importantes elementos para os trabalhos de memória, pois acabaram colaborando com a carga simbólica conveniente à imagem do indivíduo que “deu a vida pela nação que tanto amava”.

O último capítulo apresenta um conjunto de memórias sobre Marc Bloch. Primeiramente, elenquei aquelas construções de si que ao longo dos outros três capítulos foram mencionadas. Depois apresentei dois personagens que chamei de “guardiões da memória”, o filho Étienne Bloch e o amigo Lucien Febvre. Devido aos seus esforços, a imagem do historiador como elemento-chave para a escrita da história e exemplo de entrega à nação se manteve ativa durante as décadas que se sucederam à sua morte. Da mesma forma, procurei demonstrar a força dessa memória construída, apresentando não somente alguns exemplos de lembranças de outros indivíduos sobre Marc Bloch em ocasiões comemorativas, como os lugares que foram nomeados em sua memória. Finalmente, comparo a sorte que tiveram as lembranças sobre ele e Lucien Febvre, contextualizando as razões da heróicização de um e da demonização do outro.

Pretendo com essa estruturação apresentar *as guerras de Marc Bloch*. Pela França, nos dois conflitos mundiais. Pela história, através de sua produção acadêmica. Pela memória, com o quê de subjetividade deixado em seus escritos e com as lembranças sobre ele, produzidas ao longo das décadas seguintes ao seu desaparecimento.

## CAPÍTULO 1 – MARC BLOCH E A GRANDE GUERRA (1914-1918)

### 1.1 Sobre a necessidade de produzir memórias na Grande Guerra

“O homem é levado pela corrente da história”. Essa sentença está carregada de redundância no contexto de um trabalho acadêmico da disciplina supervisionada por Clio. Lugar-comum absoluto, reflexo da preguiça ou falta de inspiração na escrita do historiador que a enuncia, a frase pode se aplicar a qualquer esforço de pesquisa na área.

Trazê-la à tona, aqui, não é sinal de uma tentativa de menosprezar ou irritar o leitor. É que parece, em certos momentos, que essa noção abstrata é sentida mais concretamente pelas pessoas. A certeza de presenciar “algo histórico”, um evento que irá alterar de forma marcante a realidade e a percepção de que este é um sentimento compartilhado por todos ao redor é algo um pouco menos constante.

Fato é que essa noção foi sentida com uma força arrebatadora a partir de agosto de 1914. Direta ou indiretamente, boa parte dos europeus parecia saber que ali iniciava-se um processo de proporções imensuráveis, após cair por terra aquele pensamento inicial de que o conflito seria curto e que duraria, no máximo, até o fim daquele ano<sup>7</sup>. Não é à toa que o evento foi batizado como a “Grande Guerra”<sup>8</sup>. Seria aquela “para acabar com todas as guerras”<sup>9</sup>, a definitiva. O senso do inescapável que adveio do conflito não para por aí. No contexto francês, que é o que mais nos importa neste trabalho, pode-se dizer com segurança que a totalidade do corpo nacional sofreu com os seus efeitos. Com força análoga a Humboldt, Golfo ou Benguela – e usamos os fenômenos oceânicos porque a metáfora do rio parece pequena face aos eventos –, a corrente da guerra que se tornaria mundial carregou consigo a realidade de uma nação para uma direção incerta e avassaladora. Voltar atrás não era opção.

Conflito fundamental para entendermos a configuração do mundo na contemporaneidade, a Grande Guerra é vista por alguns historiadores, inclusive, como o marco inicial do que se convencionou chamar de o “breve século XX”<sup>10</sup>. A experiência

---

<sup>7</sup> Cf. Marc Ferro. *A Grande Guerra*. Lisboa: Edições 70, 1990, p. 75.

<sup>8</sup> Nos 90 anos do conflito, chegou-se mesmo a utilizar o termo “Très Grande Guerre”, a “Muito Grande Guerra”. Cf. Centre de Recherche de l’Historial de Péronne. *14-18: la très Grande Guerre*. Le Monde Édition: 1994.

<sup>9</sup> Cf. Marc Ferro. *Op. cit.*, p. 75.

<sup>10</sup> Eric Hobsbawm. *A Era dos extremos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

dos soldados no *front* teria sido o símbolo maior de um mundo novo que começava a ocupar seu espaço, tomando o lugar de valores e tradições dos séculos anteriores<sup>11</sup>. O que estava em jogo, portanto, não era apenas a aplicação de uma inédita forma de combate, mas a consolidação de uma nova mentalidade na Europa ocidental. Em meio a grandes transformações tecnológicas e produtivas, estavam os homens que, baseados na moral e nos costumes do Oitocentos, se viram forçados a uma adaptação radical frente ao quadro que se apresentava para eles.

Um impacto óbvio desse movimento em direção ao incerto foi uma sensação intensa de insegurança. Fora a questão da finitude física do indivíduo, pairava uma noção de que a própria realidade política de alguns lugares estava em jogo. Em 1914, parecia claro que alguns países e nações podiam ser extintos<sup>12</sup>. Se pensarmos em termos psicanalíticos, podemos logo inferir que esse empuxo contingencial gerou nos indivíduos uma sensação de ansiedade extrema. Conscientemente ou não, o efeito mais imediato dessa situação foi uma busca intensa por referenciais tradicionais. A nação, a terra, os companheiros, enfim, muito daquilo que remetesse ao passado que porventura seria perdido tornavam-se valores pelos quais valeria a pena lutar até o fim.

Entravam em jogo, também, ambições consideradas socialmente menores, talvez carregadas por certo egoísmo – no sentido de atender às demandas egóicas. No decorrer do conflito, cada indivíduo avizinhava-se profundamente do término de sua trajetória; a morte era onipresente. Somava-se aos perigos do *front* as dificuldades que a campanha militar geravam para aqueles da retaguarda e, assim, o horizonte de possibilidades dos membros dos corpos nacionais envolvidos no conflito reduzia drasticamente. É nesse sentido que parece surgir, em muitos, uma ânsia em deixar registrada a sua passagem através de diários e memórias: - *Se o fim é inevitável, que ao menos eu me torne “rastros”*<sup>13</sup> *do que vivi. Produzo, então, reminiscências de mim*. Este seria o *topos* dos homens em batalha, e que tornou a Grande Guerra conhecida, entre tantas coisas, por ser o momento de explosão de produções de escritas de si, entre memórias, diários e autobiografias<sup>14</sup>, sem contar as cartas aos familiares, que foram produzidas massivamente – também porque o serviço dos correios era gratuito na frente de batalha.

---

<sup>11</sup> Ver Arno Mayer. *A Força da Tradição: a persistência do Antigo Regime (1818-1914)*. São Paulo: Cia. da Letras, 1987; Modris Eksteins. *A Sagração da Primavera: a Grande Guerra e o nascimento da Era Moderna*. São Paulo: Rocco, 1997.

<sup>12</sup> Jean-Noël Jeanneney. *La Grande Guerre: si loin, si proche*. Paris: Seuil, 2013, p.27.

<sup>13</sup> Utilizamos aqui o referencial benjaminiano. Sobre a ideia de rastros, ver Walter Benjamin. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

<sup>14</sup> Nicolas Beaupré. *Écrire en guerre, écrire la guerre*. Paris: CNRS Éditions, 2006.

Ao mesmo tempo em que essa “explosão autobiográfica”<sup>15</sup> passa pelos efeitos psicológicos da experimentação de uma situação-limite enxergada simultaneamente como um divisor de águas, sua localização temporal precisa ser levada muito em conta. Se é certo que a impressão da chegada de um novo tempo histórico gera uma necessidade de expressar-se, no início do século XX esse traço parecia se potencializar devido ao vertiginoso aumento do mercado editorial. Basta lembrar que na França, por exemplo, havia pouco “nascia” o intelectual moderno com o Caso Dreyfus<sup>16</sup> e toda a sua repercussão nos meios impressos. Tão importante quanto o papel do jornalista no registro e na divulgação de fatos eram os críticos que, em suas áreas de especialização (artes, política, literatura, entre tantos), atuavam como guias para as opiniões que os indivíduos tinham sobre determinados assuntos<sup>17</sup>. Tudo isso acabava por gerar uma sensação de que o registro da realidade, especialmente quando a mesma mostrava-se extraordinária, era fundamental. Sabia-se que algo se perderia para sempre naquelas trincheiras europeias. Era, então, importante produzir esses pequenos “lugares de memória”<sup>18</sup> para evitar, justamente, a perda da mesma.

O clima que atingiu o *front* como um todo obviamente acertou em cheio os homens do mundo das letras. Para tal grupo, essa aparente urgência em dizer o indizível e testemunhar o sofrimento compartilhado era algo intenso, quase uma “febre lírica”<sup>19</sup>. Os escritores combatentes pareciam preencher uma lacuna criada com o conflito: eles eram porta-vozes do evento. As ferramentas necessárias ao processo de escrita estavam com eles e eram fundamentais para a legitimação da realidade e a sua subsequente análise. Mesmo nos meios privados pareceu prevalecer esse compromisso entre eles<sup>20</sup>.

---

<sup>15</sup> Pensa-se, aqui, nessa questão mais geral das escritas de si do que em autobiografias propriamente ditas. O uso do termo baseia-se na noção de “pacto autobiográfico” de Philippe Lejeune, que descreve o pacto como aquele definido pela identidade entre narrador e o personagem, cuja identidade se complementa pela produção de um discurso (narrativa) socialmente responsável. Ver Philippe Lejeune. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

<sup>16</sup> Batalha judiciária que se estendeu na França entre 1894 e 1906 sobre a condenação do capitão Dreyfus, judeu, por alta traição. O caso mobilizou a imprensa e é tratado como um momento de virada na história da França, expondo a divisão política e o antissemitismo daquele país. O caso tem tamanha relevância que, para muitos, é o responsável pelo nascimento da figura do “intelectual”, homem de letras engajado, no país. Cf. Pascal Ory, Jean-François Sirinelli. *Les intellectuels en France : de l'affaire Dreyfus à nos jours*. Paris: Éditions Perrin, 2004.

<sup>17</sup> Sobre o crítico como guia (especialmente para a burguesia) ao longo do século XIX, ver Peter Gay. *Guerras do Prazer: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

<sup>18</sup> Utilizaremos, em capítulo posterior, o conceito de “lugar de memória” com mais afinco. Por ora, ver Pierre Nora. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. In: *Projeto História*. São Paulo, nº10, p. 7-28, dez.1993.

<sup>19</sup> Nicolas Beaupré. *Op.Cit.*, 2006, p. 28.

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 95.

Esse é o caso de Marc Bloch. Não havia a pretensão de que seus escritos de guerra entre 1914 e 1918, objetos de análise do presente capítulo, viessem a ser publicados. Ainda assim, demonstram preocupações bem claras no sentido de tecer uma imagem da guerra *tal como os eventos ocorreram*. O esforço, aqui, será o de analisar esses rastros da experiência de Bloch no conflito, identificando elementos que garantam a sua originalidade, mas evitando sempre desconectá-lo de seu “lugar de fala”<sup>21</sup>.

Afinal, o seu testemunho é, como qualquer outro produzido á época, uma modalidade da memória<sup>22</sup>. No caso de uma catástrofe como a Grande Guerra, escrever um relato dessa natureza parecia urgente. No afã de narrar algo inenarrável<sup>23</sup>, aumentava bastante a produção de testemunhos – *supertes*<sup>24</sup> – gerando assim uma “onda de memória” da qual os historiadores encontrar fontes inestimáveis de conhecimento sobre o período.

## 1.2 Os cadernos de guerra de Marc Bloch: conteúdo e materialidade

Marc Bloch registrou sua trajetória militar em quatro cadernos, produzidos em 1914, 1916, 1917 e 1918<sup>25</sup>, além de sua narrativa memorialística em *Souvenirs de guerre 1914-1915*<sup>26</sup>, escrito durante o período no qual esteve convalescendo de uma febre tifoide, em 1917<sup>27</sup>. Por se tratar de registros de naturezas distintas, algumas observações merecem ser feitas nesse primeiro momento.

Todos os escritos foram permeados por uma necessidade de lembrar e organizar os eventos do *front*. Porém, os quatro cadernos de anotações não possuem o mesmo estilo de *Souvenirs*. Neles, predominava o registro factual do cotidiano de Bloch, como eventos

---

<sup>21</sup> Michel de Certeau. “A operação historiográfica”. In: *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

<sup>22</sup> Márcio Seliegmman-Silva. “Narrar o trauma – a questão dos testemunhos das catástrofes históricas”. *Psicologia clínica*, Rio de Janeiro, vol. 15, n.2, 2003, pp. 65-82.

<sup>23</sup> “Narrar o que não pode ser narrado” é uma noção que se consagrou especialmente por conta da *Shoah* e de testemunhos como o de Primo Levi, mas que aplica-se também aos horrores do primeiro conflito mundial.

<sup>24</sup> Márcio Seliegmman-Silva diferencia o *supertes*, o testemunho do sobrevivente, que lida com o desafio de simbolizar na escrita a morte que viu de perto) com o *testis* (o testemunho jurídico). Ver Márcio Seliegmman-Silva. “O local do testemunho”. *Tempo e Argumento* – revista do programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 3 – 20, jan. / jun. 2010.

<sup>25</sup> Acredita-se que nunca existiu um caderno de 1915. Em 1917, o historiador retrava seu caminho naquele ano a partir do diário de marcha do regimento do qual faz parte. Cf. Marc Bloch. *Écrits de Guerre (1914-1918)*. Paris: Armand Colin, 1997, p.37.

<sup>26</sup> *Ibidem*, pp. 119-153. A partir de agora iremos nos referir a este texto como *Souvenirs*.

<sup>27</sup> Infelizmente, todas as cartas pessoais trocadas por Marc Bloch ao longo desse período foram perdidas.



e locais pelos quais passou em detrimento de uma descrição mais detalhada de certas passagens da guerra – esta, uma característica mais marcante de suas memórias.

Um caderno de papel quadriculado recebeu as anotações do ano de 1914. Quase diariamente Bloch registrava nele alguma coisa. Um traço separava as anotações de cada dia, já que esse caderno não possuía datas impressas, não era uma agenda. Da primeira anotação, em 4 de agosto, até 7 de setembro, a tinta reina sobre o papel. Posteriormente, as anotações foram feitas a lápis. Os três cadernos seguintes são cadernos-agenda (Bijou de bolso, 7 x 13,5 cm) e, por isso, os registros são feitos em folhas quadriculadas cujas datas foram previamente impressas e respeitadas pelo autor<sup>28</sup>.

A relevância em destacar esta questão vem do fato de que essa mudança foi acompanhada de outra: a da escrita. Se em 1914 observamos elementos de uma narrativa memorialística embrionária, como impressões pessoais e pequenas descrições de eventos, a partir da mudança de caderno os relatos tornam-se muito mais objetivos. A maioria dos registros descreve apenas o local onde seu autor se encontrava.

A primeira hipótese que podemos levantar é justamente a do impacto da alteração material. Roger Chartier<sup>29</sup> já apontou a relevância do livro como produto para a prática de leitura. Cor, qualidade, gramatura, fonte, tudo isso influencia a experiência do leitor e pode ser, ao fim e ao cabo, elemento de distinção para o sucesso editorial de determinadas obras. A partir daí, é possível inferir que a mesma questão pode ter impacto significativo na prática da escrita. Não são poucos os casos conhecidos de autores que, mesmo em situações-limite, protegiam sempre que possível a continuidade física de seus trabalhos. Talvez a necessidade em manter coerência no texto passe pela suposta padronização material<sup>30</sup>. Assim, o caos da guerra não alteraria o conjunto de pensamentos de Bloch.

É claro que atribuir somente a essa questão a abordagem diversa nos diários é reduzir por demais o debate. Podemos seguir nossas considerações sobre tal alteração a

---

<sup>28</sup> *Ibidem*, pp. 37-38.

<sup>29</sup> Roger Chartier. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. Ver também do mesmo autor *Inscrição e apagamento: cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII)*. São Paulo: UNESP, 2007.

<sup>30</sup> Um dos casos mais representativos para ilustrar essa afirmação é o de Antonio Gramsci, que escreveu seus *Cadernos do Cárcere* em diversos cadernos da mesma marca e com a mesma qualidade de lápis. Isso fazia com que ele sentisse a continuidade do trabalho, como se mudar de material fosse deixar a essência de suas reflexões partir. Em cartas que escreveu à irmã, ele comentou não conseguir escrever suas reflexões filosóficas em outro lugar. Cf. Antonio Gramsci. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000 (3 vols.). Marc Bloch também privilegiou, após a mudança em 1915, a mesma marca de caderno (Bijou de bolso, 7 X 13cm, folhas quadriculadas). No contexto da Grande Guerra, para verificar outros autores e seus materiais preferidos para a escrita nas trincheiras, ver Nicolas Mariot. *Tous unis dans les tranchées? 1914-1918, les intellectuels rencontrent le peuple*. Paris: Seuil, 2013 (versão Kindle).

partir de indícios<sup>31</sup> legados pela Grande Guerra. O primeiro deles é mais detalhado e, a partir do segundo, o padrão torna a escrita mais objetiva possível: há aí uma certa coerência cronológica em relação aos métodos de escrita de Marc Bloch. Seria demais relacionar esse estilo cada vez mais econômico com as palavras a todo o turbilhão experiencial do soldado Bloch? Não haveria, por trás daquelas poucas referências, sobretudo geográficas, um desenvolvimento crescente de uma espécie de “atitude *blasé*”<sup>32</sup> em relação à jornada da guerra e a todos os horrores que lhe são inescapáveis? Quando situações extremas passam a ser a constante da vida de um indivíduo, este desenvolve uma espécie de indiferença ao seu arredor violento, algo como uma anestesia social; isso seria condição *sine qua non* para a sua sobrevivência. Chocar-se com cada morte testemunhada, no contexto de uma guerra, significaria a paralisação de uma vida<sup>33</sup>. O reflexo disso, na escrita, seria justamente a redução de registros de sentimentos de surpresa ou espanto.

Ainda neste capítulo, retornaremos a essa questão. Por ora, basta registrar que o primeiro caderno serviu como base para a escrita de *Souvenirs*, conjunto de reflexões mais substanciais do soldado-historiador sobre os primeiros anos em combate. Este último, não devemos esquecer, é um texto memorialístico baseado no diário que ele manteve nos primeiros meses do conflito. Então, apesar de escritas ainda no contexto da guerra, já ocorre, de certa forma, um trabalho mais consciente de seleção e controle da memória por parte do autor.

Houve ocasiões em que Bloch não pôde contar com suas anotações diárias, pois a intensidade do combate ou sua própria indisposição não havia permitido registros imediatos que, assim, foram deliberadamente “esquecidos” nos diários. Esses momentos, durante o esforço de rememoração do autor, ficaram desconexos e fragmentados, como qualquer exercício de memória. Encontrar coerência e precisão foi um trabalho penoso e, definitivamente, não alcançado por Bloch, como ele mesmo demonstrou:

Nesse momento, encontro-me em Paris, em situação de convalescência, tratando-me aos poucos de uma grave febre tifoide que me forçou a abandonar

---

<sup>31</sup> Trabalhamos aqui com a noção de “paradigma indiciário” desenvolvido por Carlo Ginzburg. Para o historiador, haveria um modelo epistemológico pouco trabalhado nas ciências humanas, que procura dar conta da importância de indícios, pistas e sinais na pesquisa histórica. Trabalhá-los, portanto, seria algo legítimo. Ver Carlo Ginzburg. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

<sup>32</sup> Georg Simmel. “A metrópole e a vida mental” In Otavio G. Velho. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

<sup>33</sup> O que não significa perda de humanidade ou sensibilidade. Como veremos mais adiante, algumas mortes afetaram Marc Bloch.

o *front* no último 5 de janeiro. Tenho algum tempo de ócio. Pretendo usar este repouso para fixar minhas lembranças enquanto elas ainda estão frescas e possuem cores vibrantes. Não me recordarei de todas as coisas; **o esquecimento deverá ter sua quota**. Mas eu não quero abandonar os cinco surpreendentes meses que acabo de viver aos caprichos de minha memória, que tendeu no passado a fazer uma seleção imprudente, concentrando-se em detalhes maçantes, enquanto permitia que cenas inteiras, muitas delas preciosas, desaparecessem. A essa escolha, que tem sido exercida de maneira tão pobre, **pretendo neste momento me controlar**<sup>34</sup>. (grifos meus)

Ele expunha, portanto, logo no primeiro parágrafo, a preocupação tão cara aos esforços memorialísticos: a de escrever antes que o tempo “apague” o acontecimento. Ainda assim, o autor mostra-se ciente do papel inextinguível do esquecimento e de seleções que acabariam sendo expostas em seu texto. Interessante notar que essa relação complementar entre lembrar e esquecer será consagrada no contexto posterior à guerra, a partir dos trabalhos de autores como Freud, Halbwachs e Proust. Cada um, em sua área, procurará elucidar o problema de maneira única. Não queremos dizer, com isso, que Bloch foi o protagonista de uma *prototeorização* dos estudos sobre a memória ou algo do tipo, apenas que *Souvenirs* é um exemplo de que o contexto parecia favorecer o desenvolvimento desse *topos*, e que talvez a experiência de milhões nas trincheiras europeias tenha potencializado a relevância desse debate.

Outro fator importante deve ser destacado. O texto não foi produzido para ser publicado. Podemos inferir daí, portanto, que de alguma forma o esforço de construção de memória e identidade presentes em *Souvenirs* teve forte caráter subjetivo; apresenta, então, a imagem que Bloch construiu dele *para ele mesmo*. As implicações teóricas desse problema serão analisadas posteriormente.

Cabe também um último esforço de contextualização antes de seguir para o conteúdo das fontes. Nos passos de uma análise minuciosa sobre a forma pela qual Marc Bloch procurou marcar sua lembrança da guerra, não é demais recordar que tal ato reflete um panorama que lhe era próprio. Trata-se sobretudo de um texto produzido por um intelectual. Sua visão dos acontecimentos, a princípio, já começaria diferenciada devido

---

<sup>34</sup> Do original: “*Je suis maintenant à Paris, en congé de convalescence, me remettant peu à peu d’une grave fièvre typhoïde qui, le 5 janvier dernier, me força à quitter le front. J’ai des loisirs. Je les emploierai à fixer mes souvenirs avant que le temps n’efface leurs couleurs, aujourd’hui si fraîches et si vives. Je ne recueillerai pas tout. Il faut faire à l’oubli sa part. Mais je ne veux pas abandonner aux caprices de ma mémoire les cinq mois étonnants que je viens de vivre. Elle a coutume de faire dans mon passé un triage qui me paraît souvent peu judicieux. Elle s’emcombre de détails sans intérêt et laisse s’évanouir des images dont les moindres traits m’eussent été chers. Le choix dont elle s’acquitte si mal, je veux qu’il soit cette fois remis à ma raison*”. Marc Bloch, *Op.cit.*, 1997, p. 119.

a esse traço. Se o mundo das letras era o seu ambiente profissional, dele Bloch se servirá para tentar entender e registrar o impacto de sua experiência no grandioso evento.

Ao passo que 1914-18 favoreceu a já mencionada explosão de produções de diários e memórias de trajetórias individuais<sup>35</sup>, característica que traz um quê de ordinário ao seu esforço, deve-se lembrar também de que ele já atuava academicamente naquele momento, o que garantiu certas peculiaridades ao texto. Um exemplo disso é o registro de determinados dias nos cadernos que ele consultaria para escrever *Souvenirs*. Adota-se uma preocupação metodológica análoga a de um historiador-ideal, buscando escapar das armadilhas do tempo. Combate-se o fantasma do anacronismo e dos dados imprecisos com o registro objetivo de lugares, eventos e sensações. Aqui seu testemunho apresenta uma especificidade interessante, uma vez que os diários (indelevelmente íntimos), memórias e romances produzidos naquele momento apelavam bastante para o componente emocional do combatente. Se as memórias de Bloch são preenchidas com esse componente individual e emocional tão comum ao tempo e à natureza desse tipo de fonte, especialmente este último ponto não sobrepuja a marca do historiador, de produzir um texto que seja antes de tudo idealmente fidedigno aos acontecimentos.

À altura do início do conflito, Bloch já se preparava para seguir a carreira de historiador. O cuidado em expor as fontes e lacunas documentais – episódios que lembrava, mas não havia anotado no diário – é uma prova de que as precauções metodológicas do *métier* estavam sendo respeitadas, mesmo naquele texto com o qual Bloch ainda dava os primeiros passos acadêmicos. A partir desse fato, podemos concluir que a lucidez com que ele apresentou os limites de sua memória ao longo da escrita pode ter relação<sup>36</sup> com uma incipiente “sociologia da memória”, que se consolidaria somente alguns anos após o fim da guerra, com o sociólogo – e colega de Bloch – Maurice Halbwachs<sup>37</sup>.

Partindo dessas observações, devemos iniciar a exposição dos pontos principais de Memórias. O texto apresenta pistas importantes sobre o impacto do conflito na trajetória de Marc Bloch. De antemão, devemos ressaltar que tal impacto não foi pequeno. Carlo Ginzburg, por exemplo, atribui à experiência de Bloch ter visto os soldados feridos em combate a inspiração para que ele escrevesse *Les Rois Taumaturges*<sup>38</sup>. Importante

---

<sup>35</sup> Sobre essa questão, ver Philippe Lejeune. *Op. cit.*, 2008.

<sup>36</sup> E mais uma vez seguimos as orientações metodológicas de Carlo Ginzburg sobre o paradigma indiciário.

<sup>37</sup> Cf., por exemplo, Maurice Halbwachs. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

<sup>38</sup> Ver prefácio de Ginzburg em Marc Bloch. *Os Reis Taumaturgos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

também mencionar, para além de outros aspectos<sup>39</sup>, que nos anos posteriores à guerra, ele se identificou como *poilu*<sup>40</sup> e oficial de guerra. Na Resistência Francesa, seu principal pseudônimo foi *Argonne*, nome da floresta onde lutou contra os alemães durante alguns meses em 1916.

### 1.3 A guerra de Marc Bloch

Realizado o *briefing*, podemos ingressar na trajetória da Grande Guerra a partir da visão de Marc Bloch. Aos 28 anos, ainda no início de sua trajetória profissional<sup>41</sup>, foi forçado – assim como milhões de indivíduos – a protagonizar um interlúdio com notas de sangue e lama, ritmado pelos estalidos de metralhadoras e bombas. Se aquele momento parecia uma exceção, dali em diante sua vida mostrou-se marcada pelo combate. Somente as armas utilizadas se diferenciariam.

Teve início a campanha que marcou o apogeu do nacionalismo. Em todos os Estados beligerantes pairava a ideia de que responder ao apelo da nação era cumprir com o dever de patriota. Em linhas gerais, todos consideravam que seu país estava sendo vítima de uma agressão e que, ao fazer a guerra, os soldados estariam promovendo a paz eterna. Justamente por isso a guerra era compreendida como um ato de defesa patriótica e, portanto, justa<sup>42</sup>. Havia certo entusiasmo pelo início do combate.

A França de Marc Bloch estava inserida nessa atmosfera de nacionalismo. Marc Ferro diz que o conflito de 1914-1918 foi a primeira e única guerra verdadeiramente patriótica do país<sup>43</sup>. Ele a considera o momento em que os membros da nação realmente se integraram, o que explicaria, por exemplo, o fracasso das reivindicações internacionalistas do socialismo. Contra uma estimativa do governo de 5% a 13% de

---

<sup>39</sup> A obsessão de Bloch pela verificação da autenticidade dos documentos, mas sem deixar de lado a intencionalidade dos documentos falsos seria resultado de sua experiência no *front*, pelas falsas notícias que ele e seus homens recebiam sobre o conflito.

<sup>40</sup> Membro da infantaria francesa.

<sup>41</sup> Cabe aqui traçar um pequeno histórico do percurso de Marc Bloch antes da guerra. Foi aluno da *École Normale Supérieure* entre novembro de 1904 e outubro de 1908 (no meio dos quais ocorreu seu alistamento militar, sobre o qual trabalharemos logo adiante). Em seguida, foi contemplado com uma bolsa de estudos no exterior, entre 1 de outubro de 1908 a 1 de outubro de 1909. Posteriormente, foi pensionista da *Fondation Thiers* (na instituição, “bolsistas” ganham apoio financeiro durante um ano e “pensionistas” por três anos). No ano letivo de 1912-1913 foi professor em Montpellier e, no seguinte, no Liceu de Amiens. Ao longo desse período de formação publicou 5 artigos. Cf. Stéphane Audoin-Rouzeau. *Introduction*. In: Marc Bloch. *Op. cit.*, 1997, p. 7 (notas 8 e 9).

<sup>42</sup> Marc Ferro. *Op.cit.*, 1990.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 73.

desertores, a França conheceu apenas 1,5% de cidadãos que se recusaram a vestir o uniforme e enfrentar o *front*<sup>44</sup>. A pátria realmente parecia latejar nas veias dos homens que a representavam<sup>45</sup>; chegava a ser maior até mesmo do que os objetivos imperialistas dos Estados, verdadeiro motivo da guerra.

A partir de 1905, começava a se consolidar esse nacionalismo de direita e conservador, que colocava os alemães como o grande inimigo hereditário<sup>46</sup>. O desejo belicista, portanto, era estimulado. Parecia que era a hora de se vingar por 1870. O último sopro de pacifismo vinha do ídolo de Marc Bloch à época, Jean Jaurès. Por uma coincidência que só a história pode nos trazer, essa força foi apagada quase no momento exato em que o conflito se confirmou. Em um café de Paris, Jaurès foi assassinado por um fanático da *Action Française*<sup>47</sup>. Era 31 de julho de 1914. Apenas um dia depois teve início a mobilização geral, tanto na França, quanto na Alemanha. Marc Bloch estava na Suíça quando tomou ciência de que o conflito tão aguardado pelos Estados nacionais, que outrora haviam se digladiado, tornara-se inadiável:

Agosto de 1914! Eu ainda me vejo em pé no corredor do trem que trazia o meu irmão e eu de volta de Vevey, quando descobríamos em 31 de julho a declaração da Alemanha do estado de guerra. Assisti ao nascer do sol num belo céu nublado, e repetia a mim mesmo, sussurrando, palavras em si mesmas perfeitamente insignificantes que, no entanto, me pareciam carregadas de um sentido oculto terrível: “aqui começa o mês de agosto de 1914”. Chegando a Paris, na gare de Lyon, fomos informados pelos jornais do assassinato de Jaurès.<sup>48</sup>

---

<sup>44</sup> *Ibidem*, p. 22.

<sup>45</sup> Jay Winter refuta esta tese. Para ele o entusiasmo com a guerra era um mito. A censura fazia parecer que todos estavam engajados no projeto nacional. Essa é uma variável que, certamente, não pode ser deixada de lado, apesar de acreditarmos na possibilidade de haver um real entusiasmo por parte dos franceses em apoiar a guerra, a julgar pelo texto de Bloch e dados estatísticos aqui apresentados. Cf. Jay Winter. *Remembering War: the Great War between memory and History in the 20<sup>th</sup> century*. New Haven, Conn: Yale University Press, 2006. Ver também, sobre a mesma questão, Jean-Jacques Becker. *1914: Comment les Français sont entrés dans la Guerre*. Paris, Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1977.

<sup>46</sup> Antes desta data reinava na França um nacionalismo voltado “para dentro” (pautado contra a suposta interferência dos judeus nos negócios do estado), com o Caso Dreyfus. Quando estourou o conflito, ele já estava modificado, especialmente por obra de Charles Péguy. Michel Winock. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 144.

<sup>47</sup> Movimento político francês de extrema direita, nacionalista e monarquista, nascido justamente por conta do Caso Dreyfus. Eram os *anti-dreyfusards*.

<sup>48</sup> Do original: *Août 1914! Je me vois encore, debout dans le couloir du wagon qui nous ramenait, mon frère et moi, de Vevey où nous avions appris dans la journée du 31 juillet la déclaration par l'Allemagne de l'état de guerre. Je regardais le soleil se lever, dans un beau ciel nuageux, et je me répétais à mi-voix ces mots, en eux-mêmes parfaitement insignifiants et qui me paraissent pourtant lourds d'un sens redoutable et cache: 'Voici l'aube du mois d'août 1914.' En arrivant à Paris, à la gare de Lyon, nous connûmes par les journaux l'assassinat de Jaurès*. Marc Bloch. *Op. cit.*, 1997, p. 119.

Bloch possuía alguma experiência militar naquela altura da vida. Após a sua admissão na *École Normal*, foi *engagé volontaire* durante três anos, ao longo dos quais foi nomeado sargento (18 de março de 1907)<sup>49</sup>. No decorrer do conflito, galgou outros degraus no exército. Mobilizado em 1º de agosto de 1914, foi nomeado *adjudant* em 5 de novembro do mesmo ano. Em 29 de março de 1916 promovido a subtenente; logo depois, tenente (30 de agosto). Finalmente, no dia 18 de agosto de 1918, tornou-se o “capitão Bloch”, título temporário que se tornou definitivo em 1921<sup>50</sup>. Sua atuação no segundo conflito mundial será com essa gradação.

A primeira impressão do estado de guerra foi bastante contraditória em relação ao que se imagina. Paris estava fascinante. Para Marc Bloch, uma das mais belas lembranças deixadas pela guerra era a da cidade naqueles primeiros dias de crise. Um clima pacífico e solene, o trânsito calmo... a paz que só a guerra pode causar. Em sua visão, a tristeza que avassalava os corações dos franceses não transparecia nas ruas, à exceção de algumas mulheres de olhos inchados pelas lágrimas<sup>51</sup>. Na cidade, havia então somente duas classes: aqueles que lutariam a guerra e aqueles que dariam apoio aos bravos soldados até o momento decisivo da partida<sup>52</sup>. Os homens que iriam derramar seu sangue não estavam alegres, mas resolutos.

No dia 4 de agosto, deu-se a sua partida para Amiens, onde começaria a sua participação efetiva nas batalhas contra os germânicos. Bloch e outros homens foram levados à cidade em um caminhão que transportava legumes. O autor desenvolve a sua primeira memória associativa da guerra: o cheiro de repolhos e cenouras estariam dali para frente sempre relacionados ao misto de ansiedade e angústia do caminho em direção ao perigo<sup>53</sup>.

Esses sentimentos foram vãos se comparados aos primeiros dias como militar em combate. O então efetivado sargento do 272º regimento de infantaria (18ª Companhia, 4ª Seção) atuou junto aos seus homens na guarda de um ponto estratégico numa região de vales (Meuse). Foram “belos dias, muito calmos, um pouco monótonos”, banhados pelo sol e por “prazeres bucólicos” como a pesca, banhos de rio e cochilos na grama. Dias que

---

<sup>49</sup> Antes, em 18 de setembro de 1906, havia sido nomeado cabo.

<sup>50</sup> Stéphane Audoin-Rouzeau. *Op. cit.*, 1997. p. 1.

<sup>51</sup> “*Le tableau qu’offrit Paris pendant les premiers jours de la mobilisation demeure un des plus beaux souvenirs que m’ait laissé la guerre. La ville était paisible et un peu solennelle. La circulation très ralentie, l’absence des autobus, la rareté des auto-taxis rendaient les rues presque silencieuses. La tristesse qui était au fond de tous les coeurs ne s’étalait point; seulement, beaucoup de femmes avaient les yeux gonflés et rouges*”. Marc Bloch. *Op. cit.*, 1997, p. 119.

<sup>52</sup> *Ibidem*, p. 120.

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. 120.

seriam perfeitos, não fosse a onipresente agonia da espera do inescapável encontro com o inimigo<sup>54</sup>.

Tal expectativa só fazia aumentar. Em 10 de agosto, Marc Bloch pôde comunicar aos seus homens a primeira conquista em campo do exército francês, enquanto eles ainda não haviam disparado um tiro. Somente dez dias depois, ouviram os primeiros estrondos de bombas e observaram a fumaça de explosões alcançando o céu azul daquele mês de 1914. Dias depois, numa marcha, encontraram os primeiros estilhaços. Mais à frente, somaram-se aos sons do combate iminente os lamentos e gemidos dos feridos. Em seu diário, registrou:

23: primeiro dia no qual a impressão é verdadeiramente alarmante – partimos pela manhã para nos juntarmos ao batalhão, ao sul de Verneuil – fomos então a Thonne les Prés – encontramos muitos feridos – construímos trincheiras – canhão – muitos isolados nas estradas – vimos nas estradas os restos de dois batalhões do 87: sobraram um capitão (que não vimos), um sargento-maior, um intendente, dois sargentos! – resultados de uma grande batalha – **acredito em uma grande vitória** – mas desde o dia 21 sei que os alemães estão em Bruxelas.<sup>55</sup> (grifos meus)

Até ali, a notícia era a de que os franceses penetraram na Bélgica no encalço dos alemães. A alegria do batalhão era patente e Bloch comentou ser um momento inesquecível<sup>56</sup>. Naquele mesmo dia, os homens tiveram uma pequena mostra da realidade das trincheiras que se tornariam a marca da Grande Guerra. No diário, registrou que na mesma noite vários homens caíram doentes – inclusive ele mesmo, que também relatou ter tido imensas dificuldades em dormir devido à diarreia<sup>57</sup>.

E se as dificuldades do enfrentamento se faziam cada vez mais presentes naqueles espíritos, chegava a hora de vivenciar uma decepção mais concreta. A alegria pela possibilidade de uma vitória fora rapidamente apagada diante da ordem de retirada. Sem o saber, Marc Bloch testemunhava o rompimento da crença na brevidade da guerra e o início de tempos bastante difíceis para a França.

---

<sup>54</sup> *Ibidem*, p. 41, 120.

<sup>55</sup> Do original: “23: première journée où l’impression est vraiment sérieuse – on part le matin rejoindre le bataillon au sud de Verneuil – puis on va à Thonne les Prés – on rencontre beaucoup de blessés – on fait des tranchées – canon – beaucoup d’isolés sur les routes – on voit sur la route les débris de deux bataillons du 87: reste une capitaine (que nous ne voyons pas), un sergent-major, un fourrier, deux sergents! – somme tout l’envers d’une grande bataille, - je crois à une grande victoire – mais depuis le 21 je sais les Allemands à Bruxelles.” *Ibidem*, p. 42 (grifos meus; tradução livre).

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 121.

<sup>57</sup> *Ibidem*, p. 42.



De acordo com a estratégia alemã (o Plano Schlieffen), era vital derrotar aquele país o mais rapidamente possível, para que os esforços se concentrassem na Inglaterra e na Rússia. Nesse início do conflito, a estratégia parecia provar-se bastante bem-sucedida, uma vez que exércitos alemães chegaram a acampar às Portas de Paris em menos de três semanas. Isso era reflexo, sobretudo, da situação com que a França começou a guerra: chefes incapazes de movimentar satisfatoriamente suas unidades, tropas mal treinadas, ausência de coordenação entre as unidades na marcha, tudo isso parecia marcar um futuro preocupante para o país<sup>58</sup>. Incapacitados de reagir naquele momento, especialmente por serem muito menos ágeis em manobrar em seu próprio terreno do que os alemães, logo os franceses perceberam que o país estava condenado a uma tática defensiva. Derrotados na “batalha das fronteiras”, o general Joffre<sup>59</sup> ordenava uma retirada geral.

O 272º regimento chegava então ao *front* no momento em que se configurava a derrota francesa na batalha das Ardenas. Marc Bloch sequer havia lutado e já estava fugindo do inimigo. Sobre essa questão, o diário de 1914 e *Souvenirs* apresentam informações bastante complementares:

25: partida pela manhã; retirada; havíamos visto no dia anterior inúmeras tropas batendo em retirada; marcha horivelmente penosa em si, porque (mal coordenados pelo capitão) somos constantemente cortados pela artilharia e comboios [...] – e sobretudo em função do meu estado; os homens não comeram nada.<sup>60</sup>

Na manhã de 25 [de agosto] batemos em retirada e percebi que a esperança da qual testemunham as linhas supracitadas se esvaía. Essa decepção, infinitamente cruel, a temperatura sufocante, as dificuldades da marcha ao longo das estradas ocupadas pela artilharia e comboios, somados à disenteria que adquiri na véspera daquele dia, fixaram-se na minha memória como uma das mais duras que conheci.<sup>61</sup>

É interessante comparar os dois registros. Em primeiro lugar, nota-se com clareza a diferença no caráter narrativo de cada anotação. Enquanto o primeiro preza pela já referida objetividade e o registro das impressões é feito de forma “esfacelada” – ideias

---

<sup>58</sup> Marc Ferro. *Op. cit.*, 1990, p. 78.

<sup>59</sup> Joffre comandou o exército francês até 1916 e ficou conhecido como “Pappa Joffre” por conta da popularidade garantida com alguns êxitos militares.

<sup>60</sup> Do original: “25 départ au matin; retraite; nous avons déjà vu la veille de nombreuses troupes battre en retraite; marche horriblement pénible en elle-même, parce que (mal dirigés d’ailleurs par le capitaine) nous sommes perpétuellement coupés par l’artillerie, des convois [...], - et surtout à cause de mon état; les hommes n’ont rien mangé”. *Ibidem*, p. 42.

<sup>61</sup> Do original: “Le 25 au matin, nous battîmes en retraite et je compris que l’espoir dont témoignent les quelques lignes que je viens de citer était trompé. Cette déception, infiniment cruelle, la température étouffante, les difficultés de la marche sur des routes encombrées par l’artillerie et les convois, enfin la dysenterie dont j’étais atteint depuis la veille font que cette journée du 25 demeure dans ma mémoire comme une des plus pénibles que j’ai connues”. Marc Bloch. *Op. cit.*, 1997, p. 121.

expostas sequencialmente a fim tão somente de impedir o seu esvair pelo esquecimento –, em *Souvenirs* está presente uma preocupação narrativa mais latente. Mesmo que a estrutura de ideias siga à risca aquela do diário (data – registro da retirada – problemas na marcha – preocupação com a saúde dele e dos seus homens), ela se desenvolve de forma mais orgânica se comparada à primeira. As pequenas diferenças mostram que essas lembranças ainda estavam vivas. Bloch descreve seu sentimento de decepção, lembra da temperatura e confirma, nesses pequenos detalhes, o caráter marcante daquela marcha de 25 de agosto.

Alguns traços do que seria posteriormente conhecimento geral sobre o percurso do exército francês na guerra eram esboçados levemente nessa primeira experiência. A força desse argumento está na exposição da má coordenação das tropas, descrita na confusão da marcha em terrenos ocupados por comboios e artilharia em movimento, somada à questão das más condições das trincheiras francesas – afinal, uma noite em uma delas foi suficiente para desenvolver uma disenteria no autor: a má distribuição de alimentos, a quebra das expectativas positivas com a presciência da retirada descrita no diário, que também evidenciava problemas de comunicação (os soldados não sabiam o que estava acontecendo) e a falta de preparo para o movimento de retirada. Bloch descobre que houve um atraso na transmissão da ordem de retirada<sup>62</sup>. Não foi necessário nem mesmo avistar o inimigo para que ele começasse a desconfiar de que seus comandantes estavam perdidos. E o desencanto se ampliava com a visão das pessoas obrigadas a abandonar seus vilarejos devido a essa perda de posições. Para ele, “esses camponeses da França, fugindo de um inimigo do qual não fomos capazes de proteger, constituíam um cruel quadro, talvez o mais incômodo de todos aqueles que a guerra nos oferece”<sup>63</sup>.

A retirada dura até o dia 5 de setembro. Até lá, dias difíceis. Marcha forçada e noites mal dormidas, que precisavam ser compensadas com cochilos em toda e qualquer pausa que as tropas faziam; o calor, associado à umidade dos locais pelos quais passavam – àquela altura, encontravam-se em Argonne, região de florestas muito importante na trajetória do autor na guerra –; todo um quadro de extrema rudeza na movimentação que aumentava a debilidade de Marc Bloch<sup>64</sup>. Sem disparar um tiro sequer, sem mesmo ter

---

<sup>62</sup> *Ibidem*, p. 121.

<sup>63</sup> Do original: “Ces paysans de France, fuyant devant un ennemi dont nous ne pouvions les protéger, composaient un cruel tableau, le plus enrageant peut-être de tous ceux que la guerre nous offrit”. *Ibidem*, p. 121.

<sup>64</sup> *Ibidem*, p. 42.

avistado um soldado alemão, a guerra já o abatia duramente. Não é de se espantar que suas lembranças desses dias sejam tão vagas. A extrema exigência física da retirada, o sentimento de impotência diante do inimigo e a agonizante falta de informações cobravam nas lembranças o seu preço:

Ela [a retirada] deixou-me apenas lembranças vagas e uniformemente dolorosas, semelhantes àquele desconforto muscular que segue as noites mal dormidas. [...] Tudo aquilo teria sido coisa pouca se não tivéssemos nos voltado em direção à fronteira, recuando em um movimento contínuo, sem combater. O que aconteceu? **Não sabíamos de nada. Eu sofria atrozmente por conta dessa ignorância. Suporto muito menos a incerteza do que as más notícias, e nada me enerva mais do que o sentimento de que me escondem a verdade.** Oh, dias cruéis da retirada, dias de cansaço, de tédio e de agonias!<sup>65</sup> (grifos nosso)

Temos aqui, na luta pela verdade e contra a sua camuflagem, a preocupação legítima (e, talvez, utópica) de alguém que tem na disciplina histórica a sua zona de conforto, em plena conjunção com a do soldado patriota, fatigado pela derrota.

De todas as angústias, uma seria aplacada em breve: a da expectativa pelo combate. Bloch e seus homens estavam em vias de participar de uma das mais importantes campanhas militares da Grande Guerra, a Batalha do Marne.

### 1.3.1 A Batalha do Marne

Seja por uma estranha coincidência ou pelas dificuldades de acesso a determinados materiais impostos pela vida militar, foi no momento do batismo de fogo de Marc Bloch que os registros deixam de ser à tinta, dando lugar ao lápis. O último registro à caneta não deixa claro quais seriam as suas expectativas para o confronto, agora certamente inevitável: “[...] fomos a Larzicourt onde assumimos nossa posição nas trincheiras”<sup>66</sup>.

Após a revelação de um superior de que o regimento a que pertencia seria enviado ao front, foram três dias ao som de tiros de canhão ao longe. Clarões e fumaça.

---

<sup>65</sup> Do original: “*Elle m’a laissé un souvenir vague et uniformément pénible, pareil à cette courbature qui suit les mauvaises nuits. [...] tout cela eût été peu de chose si nous n’avions constamment tourné le dos à la frontière, reculant d’un mouvement continu, sans nous battre. Que se passait-il? Nous n’en savions rien. Je souffrais atrocement de cette ignorance. Je supporte moins bien l’incertitude que les mauvais nouvelles, et rien m’énervé comme le sentiment que l’on me cache la vérité. Oh, jours cruels de la retraite, jours de lassitude, d’ennui et d’angoisses!*”. Ibidem, p. 122 (grifos meus, tradução livre).

<sup>66</sup> “7: toujours en espadrilles; on va à Larzicourt où on prend position dans des tranchées”. Ibidem, p. 42.

Finalmente, a marcha em direção à frente do Marne. Na noite de 9 de setembro, os homens foram postos em formação defensiva contra a artilharia inimiga. Começava uma forte chuva. Algumas horas depois com o amanhecer, a chuva foi outra: de balas de obuses e metralhadoras<sup>67</sup>. Era enfim a primeira experiência de batalha de Bloch. Ele relatava que, apesar de ter a certeza de que jamais esqueceria o dia 10 de setembro de 1914, suas recordações daquele momento não eram precisas. Lembrava-se apenas de *flashes* que pouco se interligavam. Devido à intensidade da experiência, registrou em sua mente apenas uma série descontínua de imagens. Descreveu a sensação: era como observar a projeção de um filme, mas no qual tivesse papel ativo em alguns momentos<sup>68</sup>. Em meio a perdas até então inacreditáveis, o trauma mostrou-se forte a ponto de tirar do historiador aquilo que torna o seu ofício tão peculiar: a intimidade com o tempo.

Nossas perdas foram muito fortes; elas chegaram a mais de um terço do efetivo de minha companhia, que não foi a mais posta à prova. **Não sei se a minha memória me engana, mas não me parece que o tempo tenha sido tão longo. Essas terríveis horas sem dúvida passaram bastante rápido.**<sup>69</sup> (grifos meus)

As anotações no diário de 1914 dão conta de 89 perdas da companhia, entre mortos e feridos, incluindo a de alguns sargentos e capitães. A lembrança do primeiro contato com um colega ferido, aliás, foi marcante. Estava passando por uma cerca viva quando interpelou rudemente um homem que havia parado sua marcha, ao que o mesmo respondeu ter sido atingido. Bloch então reparou que uma bala ou estilhaço, de fato, havia impactado seu companheiro. Logo em seguida vislumbrou o primeiro cadáver:

Era um cabo que não pertencia ao nosso regimento. Estava deitado em um declive, rígido, com a face virada para baixo. De sua marmita, aberta com a queda, tombaram algumas batatas, que ficaram espalhadas no solo ao seu redor.<sup>70</sup>

Apesar desses pequenos momentos de consciência, nos quais registrou situações chocantes, a perturbação com a situação-limite experimentada parecia torná-los - ele e os

---

<sup>67</sup> “[...] *pluie d’obus percutants et fusants, et de mitraille (50 mitrailleuses !)*”. *Ibidem*, p. 43.

<sup>68</sup> *Ibidem*, p. 123.

<sup>69</sup> Do original: “*Nos pertes furent très fortes; elles montèrent pour ma compagnie, qui ne fut pas la plus éprouvée, à plus du tiers de l’effectif. Je ne sais si ma mémoire me trompe, mais il ne me semble pas que le temps m’ait paru très long. Ces effroyables heures ont sans doute passé assez vite.*” *Ibidem*, p. 123 (grifos meus; tradução livre).

<sup>70</sup> Do original: “*C’était un caporal qui n’appartenait pas à notre régiment. Il gisait sur une pente, tout crispé, la tête en contrebas ; et de sa marmite de campement, qui s’était ouverte dans la chute, des pommes de terre s’étaient échappées, s’égrenant sur le sol au-dessous de lui.*” *Ibidem*, pp. 123-124.

demais - autômatos. Sabiam deitar a cada “alto!” que ouviam, atirar quando ordenados e seguir em frente, se fosse o desejo daquela voz que parecia vir do além. Assim, suportava-se viver no horror. Mesmo com a sinfonia de explosões e o barulho das metralhadoras, que mais pareciam enxames de vespas<sup>71</sup>, ia-se adiante. Porque qualquer reflexão sobre a situação só parecia apresentar a morte como opção: “E quando retomei a lucidez esperei que viesse o silêncio, e talvez com ele o golpe mortal”<sup>72</sup>.

Se tal golpe não veio, outro não letal o atingiu. Na tentativa de dar os primeiros socorros a um cabo ferido, Bloch e um sargento da companhia foram atingidos, este na coxa e o autor de *Souvenirs* no braço direito. Por sorte, “a bala teve o bom-gosto de não se alojar e apenas queimou a pele”<sup>73</sup>. Somente no dia seguinte se deu conta de que havia, em suas vestimentas, três buracos de bala<sup>74</sup>. Houve, então, momentos que puseram em xeque a sua integridade física que nem sequer foram percebidos.

A batalha seguia, no entanto. Por muito pouco, o grupo não sucumbiu a um dos mais fatais problemas coletivos: a queda do moral das tropas pelo medo. Se todo o contexto era favorável à irrupção de uma histeria geral, a faísca definitiva, pode-se dizer, foi a chegada, do lado alemão, de cavalos com metralhadoras como carga<sup>75</sup>. Essa visão desesperou muitos homens. Foi nesse momento que Bloch demonstrou bravura e certo tino para liderança. Segundo o seu relato, repetia sem cessar “nada de pânico!” na tentativa desesperada de acalmar os que estavam próximos. A despeito do medo e da desconfiança, a única chance de sobrevivência estava em seguir as ordens dos comandantes e buscar proteção em buracos e tocas. Só que o terror, mais uma vez, pareceu paralisar os seus sentidos:

Por quanto tempo permanecemos naquela dobra de terreno? Quantos minutos? Quantas horas? Não tenho a mínima ideia. Estávamos apertados uns contra os outros, amontoados uns sobre os outros. Como a artilharia inimiga nos atacou pelo flanco, à direita, o monte de terra que se elevava à nossa frente nos oferecia nada além do que um abrigo ilusório.<sup>76</sup>

---

<sup>71</sup> *Ibidem*, p. 43 e p. 124.

<sup>72</sup> Do original: “*Je rentrais la tête dans les épaules et j’attendais que vînt le silence, et peut-être avec lui le Coup meurtrier*”. *Ibidem*, p. 124.

<sup>73</sup> Do original: “*La balle [...] eut le bon goût d’en ressortir tout de suit et ne fit que me brûler la peau*”. *Ibidem*, p. 124.

<sup>74</sup> *Ibidem*, p. 43.

<sup>75</sup> *Ibidem*, p. 43 e p. 124.

<sup>76</sup> “*Combien de temps sommes-nous restés dans ce repli de terrain ? Combien de minutes ou combien d’heures ? Je n’en sais rien. Nous étions serrés les uns contre les autres, entassés les uns sur les autres. Comme l’artillerie ennemie nous prenait de flanc, par la droite, le talus qui s’élevait devant nous ne nous offrait qu’un abri illusoire*.” *Ibidem*, p. 124.

Nesse momento Bloch relatava, com certo humor, uma situação em que havia desejado mal a um concidadão, seu “vizinho de esquerda” na confusão das trincheiras, quando precisou se apoiar em seus ombros para escapar dos tiros:

Creio que jamais detestei tanto alguém como a este indivíduo, que nunca tinha visto até aquele dia e nunca mais revi desde então, e creio não ser capaz de reconhecer caso o reencontre. Ele estava com câibras nas pernas por conta do meu peso e, a fim de se aliviar, insistiu que eu me levantasse, o que faria com que eu me expusesse estupidamente à morte. Ainda hoje sinto-me satisfeito de tê-lo recusado, e espero que esse egoísta sofra frequentemente de reumatismo.<sup>77</sup>

A nobreza de espírito não era suficiente naquele contexto. Ora, esse episódio e a reação irritada de Bloch no relato são reflexos de uma questão recorrente em relatos de guerra: a camaradagem entre os soldados. No caso citado, faltou ao colega aquela dose de sacrifício individual em prol dos companheiros, tão marcante em todo o período da Grande Guerra. O incógnito literalmente não suportou o peso da vida de um companheiro de trincheira – comportamento que era, em todo caso, severamente criticado entre os demais.

Esse foi, em linhas bastante gerais, o microcosmos do historiador-soldado na Batalha do Marne, evento de extrema relevância que merece o levantamento de algumas questões. Seu impacto extrapola a conquista territorial (até porque ela foi mínima, em termos relativos) para atingir o campo das representações. Para a propaganda e para a memória construída sobre o evento, aquele foi o primeiro momento referencial francês da Grande Guerra e, ao mesmo tempo, uma guinada importante no horizonte de expectativas dos soldados franceses face ao conflito.

Ainda que tenha ocorrido um erro de estratégia por parte dos alemães – que ao invés de concentrar forças em certos pontos-chave, distribuíram homens e artilharia uniformemente ao longo do rio Marne –, o evento ficou mais conhecido pela consagração da cooperação entre franceses e ingleses. Os primeiros, mais fracos em relação ao inimigo, foram hábeis para evitar a capitulação até a chegada do apoio britânico, além de explorar com maestria as falhas alemãs.

---

<sup>77</sup> Do original: “*Je crois que je n’ai jamais détesté personne autant que cet individu, que je n’avais jamais vu jusqu’à ce jour, que j’ai jamais revu depuis et que je ne reconnaîtrais pas si je le rencontrais. Il avait des crampes dans ces jambes, sur lesquelles je pesais et il voulait absolument qu’afin de le soulager je me levasse, ce qui eût été m’exposer bêtement à la mort. Je suis encore heureux aujourd’hui d’avoir refusé et j’espère que cet égoïste souffre souvent de rhumatismes.*” Ibidem, p. 124.

Foi também o evento que consolidou a chamada União Sagrada entre os franceses, bem como o ponto de partida da construção de símbolos do heroísmo e cooperação nacional. Antes da guerra (e dessa batalha simbólica), pensava-se na França como um país dividido, graças a todo o contexto conturbado da Terceira República, e, especialmente, pela reverberação do Caso Dreyfus.

Digno de destaque também foi o intenso debate devido à Lei dos Três Anos (1913), que tornava o serviço militar obrigatório durante o período que a nomeia. Apesar da discordância inicial, ela provou-se fundamental para a vitória no Marne, porque possibilitou o preparo militar indispensável aos franceses em uma batalha daquele porte e num território com aquelas características. Ao menos momentaneamente, apaziguavam-se os espíritos dissonantes<sup>78</sup>.

Na batalha do Marne, foi também a primeira vez que a propaganda militar pôde utilizar o termo “vitória”<sup>79</sup>. Durante o enfrentamento, também surgiu um dos episódios mais explorados pela memória da guerra como signo do nacionalismo: a colaboração dos táxis do Marne. Como o balanço era desfavorável aos franceses em termos de indústria militar, não havia como realizar o transporte dos soldados ao *front* em tempo hábil. Por isso que Joseph Simon Gallieni, chefe militar de Paris, fez um apelo e convocou os taxistas da cidade para apoiarem as tropas necessitadas, que responderam imediatamente e realizaram o duro trabalho. Graças a esse suporte foi possível estar à altura dos alemães quando os enfrentamentos se iniciaram e o inimigo foi mantido longe de Paris. O Plano Schlieffen falhou e o mesmo general Joffre, que ordenara a retirada em Ardenas dias antes, comandou uma das campanhas mais memoráveis da França.

Por outro lado, essa batalha, além de vir a ser conhecida como uma grande conquista do comando francês, inaugurou a fase mais penosa da guerra em termos de perdas humanas, nas trincheiras. A partir dela, as frentes alemãs e francesas ficaram praticamente imobilizadas. A trincheira, mola mestra do sistema defensivo da Grande Guerra, proporcionou um espetáculo de mutilações e mortes, especialmente dos atacantes. O horror era a rotina. Não ter “nada de novo no front”<sup>80</sup> era garantir a sobrevivência em meio a corpos de colegas de tropa, conviver com ratos e pulgas, sentir frio, fome e dor, além de ser atormentado constantemente por tiros e bombardeios

---

<sup>78</sup> Cf. Jean-Jacques Becker. “La bataille de la Marne, ou la fin des illusions”. In: *14-18 : Mourir pour la patrie*. Paris: Seuil, 1992, pp. 124-136.

<sup>79</sup> *Ibidem*, p. 130.

<sup>80</sup> Título de um dos mais famosos livros sobre a Grande Guerra, escrito por Erich Maria Remarque (Porto Alegre: L&PM, 2008).

inimigos. Tudo isso dentro de um mesmo – e pequeno – espaço<sup>81</sup>. Para a França, o pior: o cenário dessa destruição era o território nacional. Reconstruir o país custaria muito caro; esse seria mais um duro golpe desferido pelos alemães. Sobre esta questão, Marc Ferro diz que “[...] ao imobilizar a guerra por mais de quatro anos no seu solo, a Alemanha iria infligir à França profundas feridas, ameaçar sua existência e paralisá-la por muito tempo”<sup>82</sup>.

Restava, ainda, outro elemento de virada. A vitória do Marne representou, de fato, o que Jean-Jacques Becker chamou de “o fim das ilusões” sobre aquele conflito entre as potências. Nesse primeiro momento, a opinião pública não explodiu de felicidade com o triunfo<sup>83</sup>. Parecia claro, a partir do entrincheiramento do conflito, que não se podia mais acreditar em uma guerra curta e – o que era ainda mais decepcionante – vitoriosa contra a Alemanha<sup>84</sup>. A França sentia-se forçada a levar à frente agora uma guerra longa. Saía-se da guerra das ilusões para ingressar na guerra das realidades<sup>85</sup>.

De sua parte, Marc Bloch exprimia apenas o alívio pela vitória, numa extensa passagem que merece ser reproduzida:

Apesar do cruel espetáculo, não me sentia triste naquela manhã de 11 de setembro. É desnecessário dizer que eu não sentia vontade de rir. Eu estava sério, mas a minha solenidade foi sem melancolia, como convinha a uma alma satisfeita; acredito que meus companheiros sentiram o mesmo. Lembro-me de seus rostos sombrios, mas contentes. Contentes com o quê? Bom, contentes, em primeiro lugar, por estarem vivos. Não foi sem um prazer secreto que eu contemplava o corte grande no meu cantil, três buracos no meu casaco feito por balas que não haviam me machucado, e meu braço dolorido, que ainda estava intacto, como provado na inspeção. Em dias após grande carnificina, exceto quando há algum doloroso sofrimento pessoal, a vida parece doce. Deixe aqueles que condenam esse prazer egocêntrico. Tais sentimentos são ainda mais solidamente enraizados em indivíduos que normalmente são semi-conscientes de suas existências. Nosso bom humor, no entanto, possuía acima de tudo as fontes mais nobres. A vitória que nos fora anunciada brevemente pelo coronel, ao passar de cavalo, me sublimou. Talvez, se eu parasse para pensar um pouco, tivesse algumas inquietudes. Os alemães recuaram na nossa frente. E se tivessem avançado em outro lugar? Felizmente, meus pensamentos eram vagos. A falta de uma noite de sono, os esforços da marcha e do combate, as emoções fatigaram a minha mente. Mas eu sentia intensamente. Eu compreendia mal a batalha. Era a vitória do Marne. Eu não sabia nomeá-la. Mas o que importava? Era a vitória. A má sorte que parecia pesar sobre nós desde o início da campanha havia partido. A alegria fazia bater

---

<sup>81</sup> Uma descrição bastante competente sobre todos esses elementos que compõem a realidade e as dificuldades nas trincheiras pode ser encontrado em Modris Eksteins. *Op.cit.*, 1997.

<sup>82</sup> Marc Ferro. *Op. cit.*, 1990, p. 88.

<sup>83</sup> Jean-Jacques Becker. *Op. cit.*, 1992, p. 131.

<sup>84</sup> *Ibidem*, p. 124.

<sup>85</sup> *Ibidem*, p. 136.



o meu coração, naquela manhã, naquele pequeno vale da Champagne, árido e devastado.<sup>86</sup>

### 1.3.2 Entreatos

Tal como o movimento das ondas, transcorre sempre o tempo da calmaria. Por mais caóticos e fortes que sejam os ventos que regem o balanço das águas do mar, essa oscilação necessariamente cessa em dado momento, e por isso a curva de intensidade não é sempre ascendente: há um vaivém natural. Na guerra, sempre existem os dias seguintes a uma batalha. E em 1914 esses períodos foram certamente apenas uma pausa para uma nova série de tormentas.

Não que a calmaria seja tão tranquila. Para alguém preso na correnteza, ela não significa livrar-se do afogamento. E para um indivíduo situado nas trincheiras em território francês, ela representava apenas a chance de ter um novo olhar sobre o horror. Para os soldados franceses, o cotidiano da guerra era assaz duro.

Passada a sensação inebriante da vitória, Marc Bloch percebeu-se em um espetáculo de horrores diretamente relacionado com a semana de intensas batalhas. O cenário era de destruição total:

Muitos cadáveres permaneciam ainda na terra. Pobres corpos, caídos em plena fadiga: seus músculos contraídos, como num último esforço. Os mortos de grandes combates não conhecem a majestade do eterno repouso. Um odor infecto inebriava o coração. O solo estava coberto de detritos de todo tipo: armas, equipamentos, fragmentos humanos. Deparei-me com uma perna que, separada do corpo que a tinha carregado e do qual ela havia sido arremessada

---

<sup>86</sup> Do original: “*En dépit de tant de cruels spectacles, il ne me semble pas que je fusse triste, ce matin du 11 septembre. Sans doute je n’avais pas envie de rire. J’étais grave, mais de cette gravité sans mélancolie dont s’accommode aisément un cœur satisfait. Je crois que mes camarades étaient pareils à moi. Je retrouve dans ma mémoire leurs visages sérieux et contents. Contents de quoi ? Eh bien ! d’abord, contents de vivre. Ce n’était pas sans un plaisir secret que je contemplais mon bidon béant d’une large plaie, ma capote trois fois trouée par des balles qui ne m’avaient pas blessé, que je tâtais mon bras douloureux mais après tout intact. Aux lendemains de grandes tueries, à moins de deuils particulièrement poignants, la vie paraît douce. S’indigne qui voudra de cette égoïste allégresse. De tels sentiments sont d’autant plus solidement enracinés dans les âmes qu’ils demeurent d’ordinaire inconscients à demi. Mais notre heureuse humeur avait aussi, avait surtout des sources plus nobles. La victoire que nous avait annoncé, en termes très brefs, le colonel passant au trot de son cheval, m’exaltait. Peut-être si j’avais réfléchi eussé-je conçu quelques inquiétudes. Les Allemands reculaient devant nous. Savais-je seulement s’ils avançaient pas ailleurs ? Par bonheur mes pensées étaient vagues. Le manque de sommeil, les efforts de la marche et du combat, les émotions avaient fatigué mon cerveau. Mais je sentais fortement. Je comprenais mal la bataille. C’était la victoire de la Marne. Je n’aurais pas su la nommer. Que m’importait ? C’était la victoire. Le mauvais sort qui semblait peser sur nous depuis le début de la campagne était levé. La joie fit battre mon cœur, ce matin-là, dans le petit vallon champenois, aride et dévasté*”. Marc Bloch. Op. cit., 1997, p. 126.

para longe, permanecia isolada, quase ridícula naquele horror. Passamos rápido. Finalmente, deixávamos para trás esses lugares fúnebres.<sup>87</sup>

Como se sabe, em determinados pontos do território francês, onde houve grandes batalhas, ainda hoje, passados 100 anos do início da guerra, é possível ver marcas dos enfrentamentos<sup>88</sup>. O peso de batalhas como a do Marne não seria aliviado tão rapidamente para aqueles que protagonizaram o evento.

No caso dos franceses e britânicos, a reestruturação de forças era um pouco mais facilitada, afinal, foram vitoriosos. As marchas, apesar de duras, eram feitas com mais complacência. Nesse sentido, o autor comentava: “Estávamos com calor. Tínhamos sede. Em dado momento, joguei-me no chão, exausto. No entanto, guardo dessa difícil caminhada uma boa memória. Era a perseguição”<sup>89</sup>. A alegria de Bloch ganhava mais sentido à medida que comentava ter passado por grupos de camponeses, reféns libertados pelos alemães. A satisfação era legítima<sup>90</sup>.

Acontece que não demorou muito para o entusiasmo se esvaír. As más condições das trincheiras<sup>91</sup>, o cansaço, as doenças (Bloch tinha constantes acessos de febre e disenteria) e a falta de perspectiva aplacavam rapidamente qualquer postura mais carregada de positividade. Não bastasse tudo isso, iniciou-se um período de chuvas frequentes, que logo tornaram o autor de *Souvenirs* nostálgico em relação aos dias de intenso calor de agosto. Menos de uma semana depois, os franceses estacionaram em novo cenário de guerra. Não mais avançaram, pois o inimigo encontrava-se recomposto em suas trincheiras. Bloch estava em Bois D’Hauzy, ainda na região da Champagne<sup>92</sup>.

A chuva era tão incômoda e causava tantos problemas que os bombardeios eram assunto para segundo plano. Em seu diário de 1914, escrevia em 17 de setembro que pouco pensava neles, naqueles dias de tempestade e imensas dificuldades em garantir a

---

<sup>87</sup> Do original: “Beaucoup de cadavres restaient encore à terre. Pauvres corps tombés en pleine fatigue, leurs muscles se contractaient comme en un dernier effort. Les morts des grands combats ne connaissent pas la majesté de l’éternel repos. Une odeur infecte soulevait le cœur. Le sol était jonché de débris de toutes sortes, armes, équipements, fragments humains. J’ai vu là une jambe qui, détachée du corps qu’elle avait porté et jetée loin de lui, gisait isolée et presque ridicule dans l’horreur. Nous passions vite. Enfin, nous laissons derrière nous ces funèbres lieux”. *Ibidem*, p. 127.

<sup>88</sup> Em 1936, Marc Bloch escreveu uma carta a seu filho, Étienne, com algumas orientações geográficas para que ele pudesse refazer o seu percurso durante algumas batalhas, especialmente na região de Argonne, por onde Bloch passaria em 1918, quando da contraofensiva aliada.

<sup>89</sup> “Nous avions chaude. Nous avions soif. A la grande halte, je me jetais à terre, épuisé. Pourtant je garde de cette rude journée un bon souvenir. C’était la poursuite”. *Ibidem*, p. 127.

<sup>90</sup> *Ibidem*, p. 128.

<sup>91</sup> As trincheiras francesas eram conhecidas por serem as mais improvisadas e com piores condições. Cf. Modris Eksteins. “Ritos de Guerra”. In: \_\_\_\_\_. *Op. cit.*, 1991, pp. 182 – 219.

<sup>92</sup> Marc Bloch. *Op. cit.*, 1997, p. 129.

chegada da comida dos soldados<sup>93</sup>. Deve-se lembrar que a chuva guardava relação diretamente proporcional ao ânimo dos soldados<sup>94</sup>. O desespero de Bloch em buscar abrigo em um local improvisado e todo o quadro de desesperança que isso causava foi um sentimento immortalizado no poema de Edward Thomas, escrito quando o poeta inglês passava por situação análoga: “Chuva, chuva da meia-noite, nada a não ser a chuva agreste / sobre esta cabana nua, e a solidão, e eu / lembrando outra vez que hei de morrer / [...] Miríades de juncos feridos, rígidos e imóveis / Como eu, que não tenho amor que esta chuva agreste / não tenha dissolvido, a não ser o amor da morte”<sup>95</sup>.

Além disso, a trincheira facilmente enchia com as chuvas. Daí vinha a dificuldade ainda maior de locomoção em decorrência do acúmulo de lama, da emersão de lixo, de ratos, de corpos, do frio, da possível perda de ração e alimentos, que causariam mais mortes. Segundo o relato em *Souvenirs*, durante qualquer pequena trégua dada pela natureza, os soldados rapidamente acendiam fogo, na tentativa desesperada de secar as roupas e calçados, procurando minimizar um pouco o inevitável sofrimento que chegaria com a noite. “Adeus, belas noites de agosto, tão propícias ao repouso sob as estrelas”<sup>96</sup>. Nesse quadro, uma noite passada em um celeiro tornava-se um luxo digno de registro entusiasmado<sup>97</sup>.

Apesar da situação imposta testar os limites do corpo, havia a necessidade de cumprir certas liturgias. Obrigações sociais feitas de bom grado em outras ocasiões, como ritos funerários de companheiros perdidos, tornavam-se intimamente questionáveis. Ele e os homens do regimento sentiam que precisavam dormir, o que tornava essas cerimônias nada mais do que eventos tediosos e aparentemente desnecessários<sup>98</sup>.

O incômodo dos sobreviventes aumentava quando estes buscavam informações: frente aos mortos, exigia-se decoro; aos vivos, sobrava a falta de respeito. Mais uma vez, Bloch repetiu a irritação que sentiu pela ignorância de informações sobre batalhas em outras frentes que lhes eram impostas. Ainda assim, o período desse entreato lhe pareceu

---

<sup>93</sup> As primeiras tentativas, falhas, resultaram na morte de alguns homens. *Ibidem*, p. 43.

<sup>94</sup> Modris Eksteins. *Op. cit.*, 1991, p. 193.

<sup>95</sup> Edward Thomas escreve o poema em 1916. Do original: “Rain, midnight rain, nothing but the wild rain/ On this bleak hut, and solitude, and me/ Remembering that I shall die[...] Myriads of broken reeds all still and stiff/ Like me who have no love with this wild rain”. Disponível em <<http://www.warpoetry.co.uk/thomas2.html>>. Acesso em: 26 dez. 2014

<sup>96</sup> “Adieu, les belles nuits d’août, si propices aux sommeils à la belle étoile.” Marc Bloch. *Op. cit.*, 1997, p. 129.

<sup>97</sup> No dia 20 de setembro registra em seu diário: “noite no celeiro: que delícia!”. Do original: “[...] nuit de grange o délice!”. *Ibidem*, p. 43.

<sup>98</sup> Salvo se se tratasse da morte de alguém próximo. Mais adiante traremos um caso de uma morte que abalou Marc Bloch.

agradável posteriormente, quando da escrita de *Souvenirs*: observar as mudanças do céu, ler e escrever cartas, estar nos campos em dias um pouco mais agradáveis, foram ações que acabaram por limar um pouco o desespero dos dias mais cruéis que viriam logo em seguida. No entanto, não se poderia esquecer de que esses momentos causavam apenas um alívio ilusório: mesmo na monotonia (e não foram poucos os momentos de inatividade), o perigo era onipresente. Seus comandantes faziam questão de sempre relembrar às tropas que uma morte gloriosa esperava a todos<sup>99</sup>. No início de outubro, iniciavam-se os preparativos para uma campanha de inverno. O grupo de Marc Bloch seria deslocado para a floresta de La Gruerie<sup>100</sup>, onde essa paz úmida, fria, faminta e mortal se esvairia.

### 1.3.3 La Gruerie

Havia a certeza de que mais um confronto se aproximava. Carregando consigo a experiência do Marne, Bloch observava nos novatos aquela tensão que antecede o morticínio. Porém, compartilhava com eles certas preocupações com aquele cenário. A noite na floresta não era silenciosa. Ventos, combinados a galhos e folhas secas, traziam ruídos constantes, que poderiam ser decisivos para evitar a percepção da aproximação dos alemães:

A noite veio, trazendo consigo as angústias que a proximidade das trevas faz nascer nos corações de soldados inexperientes, posicionados pela primeira vez próximos ao inimigo, especialmente se são colocados, como era o nosso caso, na mata. Temíamos ser surpreendidos. A espessura dos arvoredos tornava a escuridão ainda mais negra.<sup>101</sup>

Podemos deduzir o estado mental do autor graças a um relato tangencial. Um colega lhe emprestou um livro, roubado na biblioteca de La Neuville-au-Pont, cujo nome do autor e a trama foram totalmente esquecidos por Marc Bloch poucos meses depois,

---

<sup>99</sup> *Ibidem*, p. 131.

<sup>100</sup> Ainda em Argonne, beirando o rio Marne, na região de Champagne. Um ossuário com os corpos de mais de dez mil soldados desconhecidos franceses mortos ao longo da Grande Guerra localiza-se ali hoje. Ainda há, também, trincheiras que podem ser encontradas no meio da floresta.

<sup>101</sup> Do original : “*Le soir vint, apportant avec lui les angoisses que l’approche des ténèbres ne peut manquer de faire naître aux cœurs de soldats inexpérimentés, placés pour la première fois tout près de l’ennemi, surtout s’ils sont postés, comme nous l’étions, en plein bois. Nous redoutions d’être surpris. L’épaisseur des taillis rendait l’obscurité plus noire.*” *Ibidem*, p. 133.

quando da redação de *Souvenirs*<sup>102</sup>. Nota-se, então, a urgência que ele e milhões de outros sentiam em registrar certos acontecimentos em diários e cartas. O que não passasse para o papel corria sério risco de ser perdido. Sem conseguir dormir nem ter muito o que fazer a não ser esperar pelo momento da ação, acostumou-se ao longo dos dias com os sons da natureza, e tornou-se capaz de distingui-los com certa competência. E, mais uma vez, quando a situação cotidiana parecia se ajustar um pouco, os incidentes começaram.

O sargento Bloch, à altura chefe de trincheira, percebeu que a defesa do grupo estava sendo comprometida no flanco esquerdo: outro grupo atuava em uma trincheira rasa, mal construída, improvisada – criando ótima oportunidade para o rompimento da linha defensiva pelo inimigo. Justamente por isso, a companhia sofreu pesados ataques a partir dali. Nesse evento, Bloch relatou um episódio que ilustra bem, tanto a intensidade do combate, como a questão da responsabilidade do alto comando pela perda de muitas vidas, traço que será uma constante nessa memória e posteriormente, na sua visão sobre a derrota do país na Segunda Guerra Mundial. Um de seus melhores atiradores recebeu instruções de procurar, junto com outros três soldados, um cadáver que havia abatido, em momento de intenso tiroteio. A ordem era priorizar a coleta de informações que poderiam ser encontradas nos bolsos inimigos. O único a retornar foi aquele atirador, que teve que abandonar dois companheiros gravemente feridos e um morto na zona morta, e sem informações.

Sua situação não era mais confortável, apesar de atuar na liderança do grupo. A função exigia assumir grandes riscos. Para orientar seus homens, ele precisava observar a posição dos alemães e, com certa frequência, colocar a cabeça para fora da trincheira. Para ele, um trabalho perigoso, porém fundamental: “[...] não conheço outro meio de convencer as tropas de enfrentar o perigo que não enfrentá-lo eu mesmo”<sup>103</sup>. Mais adiante, essa ousadia cobraria o seu preço.

No mesmo contexto, o autor dava sinais de que o limite físico já tinha sido ultrapassado havia tempos. Suas ações tornavam-se cada vez mais mecânicas. Chegou ao ponto de conseguir dormir em meio a um conflito. Foram dois ataques pesados de metralhadoras alemãs. O terceiro o “[...] encontrou dormindo: cedi à fadiga, sem perceber.

---

<sup>102</sup> *Ibidem*, p. 133.

<sup>103</sup> “Or, je ne sais qu’un moyen de persuader une troupe de braver un péril : c’est de le braver soi-même”. *Ibidem*, p. 136.

Alguém me acordou: “Sargento, sargento!”, e levantei-me a tempo de comandar: “fogo à vontade nos arbustos à frente. Atirem pesado! Atirem pesado!”<sup>104</sup>

Seria somente esgotamento físico ou ele estaria acompanhado daquela indiferença social construída pela situação que impede o indivíduo de reagir a novos estímulos com a energia adequada? Segundo o conceito desenvolvido por Georg Simmel para pensar sobre a vida urbana no início do século XX, o intenso estímulo de atividades humanas na metrópole gerava o embotamento dos sentidos, tirando o reflexo da personalidade do indivíduo<sup>105</sup>. Se transportarmos essa ideia para a realidade do *front*, temos a potencialização desse elemento da vida em sociedade. Marc Bloch que, em *Souvenirs*, parecia sempre tão comprometido com o sucesso das operações das quais participava (e certamente tinha grande apreço pela sua vida), chegou ao limite de, comandando um grupo de pessoas, dormir! Talvez este seja um símbolo de toda a força da Grande Guerra em explorar e testar os limites do ser humano.

Não podemos dizer, com isso, que aqueles indivíduos eram completamente desumanizados. Houve muitos momentos nos quais nem a força dos canhões “apagava” a consciência dos soldados, e que a sensibilidade em relação à dura realidade aflorava com intensidade. Mesmo rodeado pela morte, alguns desaparecimentos foram sentidos com bastante pesar pelo sargento-historiador. Ao descrever aquele mesmo ataque, em *Souvenirs*, lembrou-se do fim de “G.”.<sup>106</sup> Foi durante uma chuva de bombas das quais eles se protegiam havia algum tempo, sem maiores danos, até que

[...] uma delas estourou com um estrondo a aproximadamente três metros à minha esquerda. Ouvi G. gemer e senti seu corpo pesando sobre o meu ombro. Eu não podia me virar sem me expor. Enderecei-lhe boas palavras, essas palavras cordiais e vazias que saltam dos lábios em casos como esse: “Coragem, camarada! Não será nada. Não tenha medo”. Finalmente, aproveitando-me de uma calmaria, eu olhei para ele: vi o seu rosto e me calei. Poucos minutos depois ele estava morto. Seu pobre corpo fora perfurado por estilhaços que vinham em minha direção, mas pararam em sua carne. Sem dúvida, salvou-me a vida.<sup>107</sup>

---

<sup>104</sup> Do original: “*J’avais cédé à la fatigue, malgré moi. Quelqu’un me réveilla: ‘Sergent, sergent!’ et me levai juste à temps pour commander: ‘Feu à volonté sur le taillis devant nous. Tirez dur! Tirez dur!’*”. *Ibidem*, p. 138.

<sup>105</sup> Gerog Simmel. *Op. cit.*, 1976.

<sup>106</sup> Seu nome, preservado em *Souvenirs*, está parcialmente escrito em seu diário. No dia 18 de outubro, registrava: “[...] pela manhã somos bombardeados; Guillemant é morto sobre mim”. Marc Bloch. *Op.cit.*, 1997, p. 44.

<sup>107</sup> Do original: “*Puis l’une d’elles éclata avec fracas sur le parapet à trois mètres environ à ma gauche, et j’entendis G. gémir et je sentis son corps peser sur mon épaule. Je ne pouvais pas me retourner sans m’exposer beaucoup. Je lui adressait de bonnes paroles, de ces mots cordiaux et creux que viennent naturellement aux lèvres en pareil cas: ‘Courage, mon vieux! Ce ne sera rien. Il ne faut pas avoir peur.’ Enfin, profitant d’une accalmie, je le regardai: je vis son visage et je me tus. Quelques minutes après il*

Foi um episódio de estreias definitivamente inesquecíveis: “pela primeira vez meus braços se esticavam para suportar o enorme peso da carne humana quando a vida a abandona. Também pela primeira vez, nessa campanha, meu coração estava de luto por um verdadeiro amigo”<sup>108</sup>.

Não foi à toa, portanto, que ele guardou agradáveis lembranças do dia 3 de novembro. Se o banho de sangue continuava – e seria uma das datas que marcariam a maior quantidade de perdas do 272º regimento –, naquele dia, o grupo de Marc Bloch fora designado ao acantonamento em Neuville-au-Port, merecido após a resistência ao forte ataque, que levou o capitão a qualificá-lo como “um verdadeiro *poilu*” pelo seu trabalho. Daquele dia guardou apenas a lembrança do luar visto através das folhas das árvores<sup>109</sup>.

Tempos depois, Bloch retornou à primeira linha, mas teve a sorte de passar por dias tranquilos, na medida do possível. Sobre esse final de novembro, cessaram as anotações do diário de 1914. A dor de uma pequena ferida e o início de uma doença não lhe permitiram continuar. Devia seguir escrevendo *Souvenirs* somente com o que ficou registrado em sua mente. Vale destacar que nesse momento ele era nomeado ajudante, subindo na hierarquia militar. Garantia para si, desse modo, um pouco mais de conforto em relação aos demais soldados, além de uma mesa própria para ler e escrever com mais conforto e menos dificuldade para conseguir notícias dos familiares. O preço disso era um contato bastante menor com os homens sob o seu comando, que a essa altura já eram fonte de grande apreço por parte dele.

Então que Bloch passou uma das situações mais difíceis do ano. Após retornar a La Gruerie, o grupo foi colocado em um ponto extremamente próximo dos alemães: não mais do que quarenta metros separavam as linhas adversárias; em certo ponto, à direita de onde se localizavam, a distância chegava a apenas doze metros, situação que se tornava ainda mais preocupante devido à vantagem estratégica e material do inimigo.<sup>110</sup> Durante três ou quatro dias, todo movimento era calculado, devia-se fazer o mínimo de barulho

---

*était mort. Son pauvre corps, transpercé par un éclat qui, volant vers moi, s'arrêta dans sa chair, m'avait sans doute sauvé la vie.*” Ibidem, p. 137.

<sup>108</sup> Do original: “Pour la première fois mes bras se tendirent pour soutenir le poids formidable que pèse la chair humaine lorsque la vie l'a abandonnée. Pour la première fois aussi, dans cette campagne, mon cœur était en deuil d'un véritable ami.” Ibidem, p. 137.

<sup>109</sup> Ibidem, p. 138-139.

<sup>110</sup> Essa distância de doze metros era coberta por um declive, onde os alemães estavam no topo e os franceses logo abaixo, em clara desvantagem.

possível, conversar através de cochichos, enfim, evitar ser percebido. Do outro lado, atiradores de qualidade foram postados. Assim que Bloch chegou à cena que seria a sua posição nos próximos dias, se debruçou rapidamente para observar a posição inimiga e quase foi atingido. Como ele mesmo disse, o momento da chegada de uma tropa ao local próximo ao adversário sempre é o mais perigoso.

Faltava acostumar-se com o ambiente e aprender que medidas de prudência se faziam necessárias em cada caso. Isso explica por que naquele dia eles tiveram algumas baixas. Mais uma vez, o relato de Bloch ilustra de forma clara a violência que os atingia:

Naquela primeira manhã, fomos cruelmente postos à prova; tivemos dois mortos e um ferido, todos os três alvejados na cabeça. Quando a bala atinge o crânio sob certo ângulo, ela estoura. Assim morreu L. Fui ao seu encontro. Metade do seu rosto estava pendurada, como uma janela cujas dobradiças não a seguram mais. Podia-se ver o interior da caixa craniana, quase vazia. Cobri a horrível ferida com uma toalha. Precisava escondê-la de meus soldados.<sup>111</sup>

Nota-se, aqui, o retorno da frieza e da impessoalidade necessárias à vida do combatente. A morte, chocante, não teve o peso daquela anteriormente relatada. Aparentemente, “L.” não era tão próximo de Bloch quanto “G.”: os laços não deviam ir além daqueles da camaradagem entre “irmãos de armas”<sup>112</sup>.

Curiosamente, naquele mesmo momento em que garantiu uma função um pouco mais elevada na hierarquia militar, Marc Bloch passou por outro percalço importante. Em meados de novembro, levou um tiro na cabeça: “Fui para a trincheira da frente e pedi um salvo na direção do inimigo. Exatamente no momento que ordenei ‘Fogo!’ recebi um pesado golpe na testa, acima do meu olho esquerdo; caí de joelhos, gritando: ‘Fui atingido!’”<sup>113</sup>. Percebeu que a bala tinha trespassado pelo seu capacete, e que o impacto e estilhaços havia causado arranhões na cabeça e nos joelhos. O que mais impressiona no relato é a frieza que aparentemente teve para lidar com a situação. Em um momento crucial de sua ação, Bloch pareceu não perder a razão:

---

<sup>111</sup> Do original: “*Le premier matin, nous fûmes cruellement éprouvés; nous eûmes deux morts et un blessé, tous les trois atteints par des balles à la tête. Lorsque la balle frappe le crâne sous un certain angle, elle le fait éclater. Ainsi mourut L. J’allai le relever. La moitié de sa figure pendait comme un volet dont les gonds ne tiennent plus et l’on voyait l’intérieur de la boîte crânienne, à peu près vide. Je couvris l’horrible blessure d’une serviette. Je tenais à la cacher à mes soldats.*” Ibidem, p. 141.

<sup>112</sup> O termo em inglês *brothers in arms*, estabelecido no segundo conflito mundial entre os aliados, procura dar conta desse sentimento de companheirismo entre os soldados.

<sup>113</sup> Do original: “*Je me rendis dans la tranchée avancée et je fis exécuter une salve sur eux. Au moment précis où je commandais ‘Feu!’ , je reçus comme un grand coup sur le front au-dessus de l’œil gauche, et je tombais sur les deux genoux en me criant: ‘Je suis touché!’*”. Ibidem, p. 142.



Tinha lido que feridas mortais normalmente não são muito dolorosas, e sabia também que feridas na cabeça são ou muito sérias ou insignificantes. Pensei: “se não estiver morto em dois minutos, estará tudo bem comigo”. Tendo sobrevivido os dois minutos fatais, julguei que as feridas não eram tão sérias. Preparei uma atadura emergencial e saí em busca do médico de campanha.<sup>114</sup>

Após ser observado e tratado, ele retornou imediatamente à frente de batalha. Pela bravura e pela sorte, seu comandante ofereceu-lhe um brinde. Assim terminava mais um período nas primeiras trincheiras.

#### 1.3.4 Ruínas

No último mês de 1914, Marc Bloch encontrava-se em Vienne-le-Château, local mais recuado em relação aos combates em Argonne. A cidade, no entanto, havia sido fortemente bombardeada. Uma vez mais, o seu discurso marca bem a incrível capacidade humana de adaptação a situações extremas. O que chamou sua atenção foi que as ruínas deixadas como marcas de conflitos dotaram a cidade de um “pitoresco inesperado”<sup>115</sup>. Muros caídos, escombros esfumaçados, buracos em paredes de casas revelando “lamentáveis pinturas internas” conferiam tal característica ao local. No entanto, um olhar mais cuidadoso revelou que poucas casas de fato tinham vindo abaixo e que, à exceção de uma ocasião, não chegou a se deparar com pessoas feridas. Acreditava ser uma prova de que as bombas faziam mais barulho do que estragos efetivos.

Apesar do impacto moral inicial ser bastante intenso, para ele não havia nada mais fácil com que se acostumar do que com um bombardeio, mesmo que houvesse alguns senões nessa situação. O momento era de recuperar as forças, e era isso que ele e os outros tentavam fazer:

Não creio que estilhaços e torpedos aéreos<sup>116</sup> tenham nos impedido de dormir em algum momento, ou de fazer caminhadas, ou mesmo de nos entreter, quando havia ocasião. Ainda assim, preferíamos descansar mais distante do

---

<sup>114</sup> Do original: “*J’avais lu que les coups mortels sont souvent peu douloureux et je savais par ailleurs que les blessures à la tête sont d’ordinaire ou très graves ou insignifiantes. Je pensais : ‘Si je ne suis pas mort dans deux minutes, tu va bien.’ Ayant survécu aux deux minutes fatales, j’estimai que tout allait bien. Je me fis mettre un pansement provisoire et je partis trouver le major.*” Ibidem, p. 142.

<sup>115</sup> Ibidem, p. 143.

<sup>116</sup> Marc Bloch usa o termo “*marmites*”, que era recorrente entre os soldados franceses no contexto da Grande Guerra para designar os projéteis alemães, talvez pelo seu formato parecido com uma jarra. Informação retirada do *Collectif de Recherche International et de Débat sur la Guerre de 1914-1918 – CRID*. Disponível em <[http://crid1418.org/espace\\_pedagogique/lexique/lexique\\_kp.htm#06](http://crid1418.org/espace_pedagogique/lexique/lexique_kp.htm#06)>. Acesso em: 29 dez. 2014.

*front.* Éramos indiferentes aos disparos que ouvíamos; mas escutar, mesmo estando acantonados, os assobios dos obuses nos soava abusivo; essa música deveria ser reservada às trincheiras.<sup>117</sup>

Havia portanto um quê de ordinário nos sons de guerra após quase cinco meses de conflito. A sinfonia da batalha era o som ambiente, que naquela ocasião embalava noites raras de sono – numa delas, ele pôde dormir em um quarto, numa cama de verdade! E sua regente, a morte, fazia questão de provar a onipresença que lhe era característica. Dessa vez, levaria outro amigo de Bloch, “F.”. Numa madrugada, ele fora acordado por gritos de socorro. Uma cabana ruína e soterrara alguns soldados franceses. O chão, enlodado pela quantidade de água que caía, fizera toda a estrutura ruir, causando o acidente e dificultando o resgate dos sobreviventes. Mais um espetáculo de horror. Após grande esforço, “F.” foi encontrado, com a “[...] face pálida, marcada pela sujeira e sofrimento, com os seus grandes olhos negros abertos”<sup>118</sup>.

O curioso sobre o relato dessa morte é que novamente em seu discurso há ecos da manobra psíquica de diminuição da sensibilidade frente à constante vivência com o terror. Apesar confessar que, intimamente, seu pesar ter sido menor por saber que o amigo não se perdera devido à uma ação do inimigo, o relato dá conta da grande sensibilização dos homens com aquelas mortes (além de “F.”, dois outros soldados desapareceram). O capitão, abalado, não conseguiu pronunciar palavras de despedida quando os corpos foram enterrados. Ora, não seria essa comoção causada porque perecimentos como esses não eram “naturais” como aqueles promovidos pela luta contra os alemães? Mesmo com a morte como companheira, perdas assim eram imprevisíveis. Nesse contexto, um rosto enlameado chocava mais do que um rosto esfacelado.

Essa morte, aliás, marcou o início do que chamou “a era de lama”, o período das chuvas de dezembro, que só faziam trazer/traziam mais dificuldades para a vida do entrincheirado. O solo da região, impermeável, favorecia o alagamento das trincheiras e todas as dificuldades que daí advinham. O trabalho dobrava, triplicava. Era necessário sempre fazer a água escorrer, evitar a perda do espaço. Bloch relatava que ele mesmo escapou, por pouco, de um soterramento. O barro tomou conta das roupas, calçados, alimentos e emperrava os equipamentos. Se havia um consolo aos franceses, era que a

---

<sup>117</sup> Do original: “*Je ne crois pas que shrapnells ou marmites nous aient jamais empêché de dormir, ou de nous promener, ou de prendre du bon temps, quand nous en trouvions l’occasion. Tout de même, nous aurions mieux aimé nous repouser plus loin du front. Entendre le roulement du canon nous était bien égal; mais entendre, même au cantonnement, les coups de sifflet des obus nous paraissait abusif; cette musique-là eût dû être réservée aux tranchées.*” *Ibidem*, p. 143.

<sup>118</sup> *Ibidem*, p. 144.

mesma água caía do lado alemão<sup>119</sup>. A equidade se dava, então, através do sofrimento ao longo desse período.

Do outro lado da trincheira, o filósofo alemão Ernest Jünger escrevia: “[...] nenhum fogo de artilharia podia quebrar a resistência de um homem de forma tão cabal quanto a umidade e o frio”<sup>120</sup>.

### 1.3.5 A guerra sem *Souvenirs*

As condições das trincheiras, então, pareciam mais perigosas do que o tiro que Bloch levou. Nesse final de 1914, foi acometido pela febre tifoide – fato já mencionado anteriormente por ter sido aquele o contexto da produção de *Souvenirs*. Em menos de um mês, sentiria a morte de perto pela segunda vez. Da doença, demorou meses para se recuperar. Por isso, até julho de 1915, ano em que todas as potências obtiveram numerosas baixas sem garantirem qualquer resultado estratégico importante, Marc Bloch não estava no *front*.

Ele só retornou à frente de batalha porque se voluntariou para isso logo após o término da licença de convalescença. Queria estar perto dos companheiros de luta, afinal, nesse quadro em que tudo parece hostil, a solidariedade entre os soldados era uma das poucas coisas que restavam de humanidade. Não podia deixar os companheiros desamparados. Em suas palavras, sentindo-se recuperado, não era capaz de esperar o chamado oficial para retornar ao combate. “O espetáculo desse nervosismo convida à coragem. [...] Se é necessário ir em direção ao perigo, que seja logo”<sup>121</sup>. O papel da solidariedade oriunda da guerra foi bastante trabalhado pela historiografia. Para Marc Ferro, por exemplo, ela foi a responsável pela formação de um novo grupo social que via com certo rancor outros membros nacionais: era a “classe dos sacrificados”<sup>122</sup>. Desenvolvia-se a ideia de que só aqueles homens teriam a dimensão do que era lutar pela nação.

Essa ideia, aliás, parecia ser compartilhada por aqueles que não estavam na frente de batalha. Quando se trata de homens em idade hábil para lutar, havia inclusive

---

<sup>119</sup> *Ibidem*, p. 145.

<sup>120</sup> Ernest Jünger citado em Modris Eksteins. *Op. cit.*, 1992, p. 193.

<sup>121</sup> “*Le spectacle de cette frousse invite au courage. [...] s’il faut aller au danger, je préfère que ce soit se suite.*” Marc Bloch. *Op. cit.*, 1997, p. 150.

<sup>122</sup> Marc Ferro. *Op. cit.*, 1990, p. 191.

uma certa vergonha em não ser lançado ao sacrifício, mesmo que alguma coisa o impedisse. Tomemos o exemplo de Maurice Halbwachs, contemporâneo de Marc Bloch e cuja trajetória lhe é inclusive bastante similar<sup>123</sup>. O sociólogo carregou ao longo de toda a vida o peso da dispensa em 1914 em decorrência de uma severa miopia, agravada pelo fato de estar em férias no momento da mobilização geral<sup>124</sup>. A honra, tão estimada, ficava seriamente ferida:

Lamentarei por toda a minha vida não estar no *front*: não que eu tenha o ardor de defender o meu país; mas arriscar a vida e dar provas de coragem, observar os homens sobre um campo de batalha com toda a sua violência, sua bestialidade e seu heroísmo, ser um elemento dessa onda tumultuosa e poderosa, é uma página que você gostaria de ter em sua vida. Todo o resto não passa de maneiras de enganar a sua impaciência, criando um simulacro de atividade.<sup>125</sup>

É, definitivamente, uma visão bastante romantizada, bem própria de quem está afastado dos horrores das fronteiras com o inimigo. Ainda assim, ilustra o fato de que todos os corações e mentes estavam no *front*, o lugar da honra na época. Para ele, era realmente necessário participar do evento. Por isso, desenvolveu certo fascínio por fotos tiradas na frente de batalha: através delas, trazidas pelos seus alunos que retornavam da luta, ele presenciava um pouco da violência que Bloch sentia na prática dia após dia<sup>126</sup>. Sua culpa só seria levemente mitigada em 1916, quando aceitou um convite para trabalhar com Albert Thomas no Ministério de Armamento e Indústria de Guerra<sup>127</sup>.

A frente de batalha, nesse sentido, tornava-se então uma “quase-ilha”<sup>128</sup>: o risco da morte parecia separar o militar da sociedade civil, não fosse a possibilidade de o soldado entrar em contato com os familiares através de correspondências (e as trocas de notícias delas advindas, mesmo que precárias).

Naquele ano, Marc Bloch seguiu atuando em Argonne, quando conseguiu outra promoção<sup>129</sup>. Na mesma época obteve quatro licenças, tiradas em Paris. Depois,

---

<sup>123</sup> Esta similaridade será retomada na conclusão da tese.

<sup>124</sup> Cf. Annette Becker. *Maurice Halbwachs: un intellectuel en guerres mondiales 1914-1945*. Paris : Agnès Viénot, 2003, p. 38.

<sup>125</sup> Do original: “*Je regretterai toute ma vie de n’avoir pas été au feu : non que je brûle de défendre mon pays; mais risquer la mort et faire l’épreuve de son courage, voir les hommes sur un champ de bataille avec toute leur violence, leur bestialité et leur héroïsme, être un élément de cette vague tumultueuse et puissante, c’est une page qu’on aimerait avoir dans sa vie. Tout le reste n’est que moyens de tromper son impatience de se duper par un simulacre d’activité.*” *Ibidem*, p. 45.

<sup>126</sup> *Ibidem*, p. 52-53.

<sup>127</sup> Ministère de l’Armement et Fabrication de Guerre. *Ibidem*, p. 91.

<sup>128</sup> Cf. Stéphane Audoin-Rouzeau. “*L’enfer, c’est la boue!*”. In: *14-18: mourir pour la patrie (l’Histoire, n°107, janvier 1988)*. Paris: Points, 2007, p. 140.

<sup>129</sup> Marc Bloch foi promovido a alferes.

subitamente, foi deslocado para o norte da África<sup>130</sup>, momento no qual termina o seu relato de *Souvenirs*. Mais um “golpe de sorte”: seu grupo foi um dos poucos que conseguiu “escapar” da batalha de Verdun, uma das mais importantes da Grande Guerra. Ele só retornou à França quando Pétain assumiu a defensiva estratégica do país.

Vale ressaltar que Verdun tornou-se um “lugar de memória”, um símbolo nacional festejado e sempre lembrado com orgulho. O motivo é compreensível. Todos os esforços dos franceses, naquela altura do ano de 1916, estavam concentrados na batalha do Somme, que seria a “batalha final” dos franceses e ingleses contra a Alemanha. Bloch, aliás, esteve lá em combate<sup>131</sup>. Assim, os soldados de Verdun encontravam-se em inferioridade numérica, de artilharia e de suprimentos. A derrota era certa, pelo menos no plano material. A palavra de ordem para eles era “aguentar”, consagrada pela famosa expressão do general Nivelle: “Não passarão!”. O único investimento que se fazia naquele espaço era na injeção do ânimo dos homens, ao espírito coletivo<sup>132</sup>. Honra, disciplina e resistência formavam a tríade fundamental para um sucesso que parecia só ter lugar em livros de ficção.

A despeito de todos esses fatos, a vitória se configurou. Ao preço de milhares de vida, é claro. Mas isso só viria a tornar o triunfo mais memorável. Havia sido, antes de tudo, e diferentemente de outras batalhas nas quais estratégia ou progressos técnicos foram determinantes, uma vitória do homem, da sua determinação em cumprir o objetivo, custasse o que fosse. Lembremos que a Grande Guerra, que foi uma “guerra total”, já que mobilizou todos os recursos das nações em conflito<sup>133</sup>, era experimentada ainda mais intensamente pelos franceses, uma vez que boa parte dos combates que se desenvolveram aconteceu em território nacional. Os soldados de Verdun lutavam para proteger o país e as suas famílias, que muitas vezes estavam a poucos quilômetros de distância da zona das trincheiras. Por isso, para a França essa batalha foi uma provação puramente nacional<sup>134</sup>. Com cifras de mais de 350 mil franceses mortos, essa seria a vitória nacional por si, conquistada pura e simplesmente através do sangue versado pelos franceses. Indubitavelmente, um marco para a história nacional. Os franceses que ali lutaram podiam

---

<sup>130</sup> Marc Bloch. *Op. cit.*, 1997, p. 150.

<sup>131</sup> Infelizmente não há relatos sobre essa passagem além de seus diários que, como já mencionamos, naquela altura registravam nada mais do que nomes de lugares, com raríssimas exceções.

<sup>132</sup> Cf. Stéphane Audouin-Rouzeau; Jean-Jacques Becker (org.). *Encyclopédie de la Grande Guerre 1914-1918*. Paris : Bayard, 2004.

<sup>133</sup> Cf. Marc Ferro. *Op. cit.*, 1990, p. 176.

<sup>134</sup> É claro que este sentimento nacional também arrefeceu. O contraponto da vertiginosa euforia de Verdun foi o desalento pela morte de muitos homens sem que o resultado claro fosse uma nova conquista. Por conta disso houve na França diversos motins nas trincheiras no ano de 1917.

acreditar que a vitória era uma prova de que a sua gloriosa história havia lhes dotado de uma herança de valores que caminhavam juntos desde sempre e para sempre: honra e pátria<sup>135</sup>. Eram esses os valores que faziam daquelas pessoas franceses.

E tudo isso aparentava valer muito mais do que a guerra “dos grandes”, que pareciam presos à mentalidade cavalheiresca que havia sobrevivido até aquele início de século. Mais importante do que os progressos da técnica, para esses franceses que ocupavam os altos cargos militares, era a honra adquirida, a tradição guerreira. Muitas vezes certos códigos de conduta batiam de frente com as metralhadoras alemãs de forma desigual. Foi assim que se viram, ao longo de todo o conflito, milhares de soldados partindo para a morte certa apenas para que o oficial mantivesse a suposta honra intacta, bem como comandantes que, pautando suas decisões sob esse prisma, deixaram de ganhar alguns duelos importantes. A Alemanha, país que assumiu para si o papel de baluarte da consolidação da modernidade, levou grande vantagem no conflito durante um bom tempo graças a isso<sup>136</sup>; e Verdun, nesse sentido, foi um ponto de virada.

Se a batalha de Verdun sagrou-se como aquela em que “morreu a juventude francesa” devido ao sacrifício demandado pelos concidadãos; a do Somme, estrategicamente bastante parecida com a primeira<sup>137</sup>, notabilizou-se igualmente como um evento catastrófico e, em decorrência do enorme sacrifício de vidas, outro produtor de “lugares de memória”. Ao passo que Verdun ganhou maiores ares de identificação nacional na França, Somme é rememorada mais como um exemplo da força da cooperação franco-britânica no país.

Via-se a extrema necessidade de dar cabo à guerra de trincheiras; os recursos nacionais davam claros sinais de esgotamento e, para o lado em questão, a derrota econômica tornava-se um fantasma tão ou mais presente do que a militar. Por isso, a estratégia era a de fazer os alemães recuarem a partir de três movimentos ofensivos. Primeiro, bombardeio pesado sobre as trincheiras alemãs. Em seguida, o avanço das tropas para, finalmente, promover a consolidação da ofensiva com o avanço de forte cavalaria. Aliás, outro signo que marcaria o evento: foi na batalha do Somme que se implementou o tanque em termos de estratégia militar. Seu uso era bastante discreto em relação ao que se imaginava naquele momento; serviam mais como transporte e

---

<sup>135</sup> Cf. Lucien Febvre. *Honra e Pátria*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

<sup>136</sup> Cf. Modris Eksteins. *Op. cit.*, 1992.

<sup>137</sup> Cf. Jean Jacques Becker. “*Les innovations stratégiques*”. In: *14-18: mourir pour la patrie (l'Histoire, n°107, janvier 1988)*. Paris: Points, 2007, pp. 85-103.

blindagem para proteger a movimentação da infantaria. Sua utilização por vezes mostrava-se mais um estorvo do que apoio, pois o atolamento das máquinas era recorrente. Havia também a questão do território acidentado, amplamente desfavorável à movimentação dos tanques, que tornavam a guerra ainda mais estagnada. Como se tratava de uma região que não era plana, muitos motores não suportavam subidas. O disparo de projéteis também não apresentava o refinamento necessário à proposta do seu uso (lembramos que Bloch questionava a efetividade dos bombardeios aéreos também àquela altura). Naquele momento, o maior impacto da máquina talvez fosse o psicológico. Ainda assim, até o final da batalha, em novembro de 1916, a aplicação do tanque em combate estaria bastante ajustada.

Mas o que espanta em relação à batalha de Somme são suas cifras. Uma das mais impressionante delas, e que foi a fundadora de um evento memorialístico, foi a do dia 1º de julho de 1916. Naquelas primeiras vinte e quatro horas, mais de dezenove mil soldados britânicos morreram<sup>138</sup>. Ali fundou-se o lugar de memória: *Le Trou de Mine de la Boissele*, o buraco de mina com incríveis noventa metros de diâmetro por trinta de profundidade tornou-se o símbolo dos pesados bombardeios na região, bem como o local da comemoração anual que ali ocorre, sempre às sete e meia da manhã, horário no qual se iniciou a ofensiva<sup>139</sup>.

Ao fim dos cinco meses de conflito, mais de um milhão de soldados foram mortos ou feridos<sup>140</sup>, consagrando um avanço de apenas doze quilômetros. Estava mais do que claro que o custo humano da guerra tornava-se absurdo. Marc Bloch foi testemunha do evento mas não deixou registros além de anotações bastante ligeiras em seu diário daquele ano.

Após o já mencionado período atuando no norte da África (final de 1916 até o início de 1917), seu registro seria igualmente econômico quando da sua participação em outra batalha-chave para a França na grande Guerra: Chemin des Dames, entre abril e junho de 1917. A ofensiva, organizada pelo general Nivelle<sup>141</sup>, tinha como fundo roteiro semelhante ao Somme: bombardeios intensos nas trincheiras alemãs, o avanço da infantaria e a consolidação das posições por veículos blindados.

---

<sup>138</sup> Mais de 56 mil ficaram fora de combate por ferimentos ou perecimento.

<sup>139</sup> Cf. Stéphane Audouin-Rouzeau; Jean-Jacques Becker (org.). *Op.cit.*, 2004.

<sup>140</sup> Cerca de 437 mil alemães, 419 mil ingleses e 202 mil franceses. *Ibidem*.

<sup>141</sup> Substituto de Joffre, Nivelle apostou nessa ofensiva para garantir o respeito frente às tropas. Talvez venha daí a teimosia estratégica que será exposta logo a seguir.

Se naquele momento houve um refinamento estratégico devido à experiência do Somme, e buscou-se concentrar massivamente o maquinário moderno em pontos específicos, ao invés de espalhá-los pelas linhas ofensivas, caminhava juntamente com determinadas escolhas bastante contraditórias. Ainda que o resultado final tenha sido o recuo efetivo dos alemães, Chemin des Dames pode ser considerado como uma derrota estratégica francesa, bem marcada pela crítica que Marc Bloch sempre fazia ao alto comando: incapacidade de observar a própria realidade do conflito. A vitória foi conquistada pela insistência quase cega na estratégia que naquele momento já não possuía a mesma eficácia do ano anterior. Ao longo do tempo em que a batalha ocorreu, muito se questionou sobre a relevância da conquista: não haveria outro jeito de combater naquele território? Estima-se que, ao cabo dos dois meses de conflito, mais 200 mil franceses tenham perecido. Portanto, em menos da metade da duração do Somme, as cifras se equipararam.

Foi por isso que nesse período iniciou-se uma série de motins nas trincheiras francesas. Insatisfeitos, os soldados recusavam-se a cumprir ordens e ameaçavam paralisar o esforço de guerra. O resultado foram mais de três mil condenações, dentre as quais 554 pessoas sentenciadas à morte. O exército francês parecia estar a ponto de ruir naquele ano.

Ainda que só tenhamos informações sobre o paradeiro de Marc Bloch nesse momento<sup>142</sup>, podemos imaginar<sup>143</sup>, ao observar suas anotações já aqui descritas, bem como aquelas que guiariam suas reflexões posteriores sobre a guerra, que esse clima de crítica e ressentimento trazido com a desvalorização da vida do soldado que tomava conta do *front* também o atingia. E, por falta de palavras próprias, podemos tomar emprestado aquilo que está na canção antimilitarista que se tornou o símbolo da experiência dos homens que combatiam no Aisne naquela primavera, a *Chanson de Craonne*<sup>144</sup>. Ela trata

---

<sup>142</sup> Suas anotações dão conta das comunas pelas quais passou naquela região da Champagne: Beaucourt, Noroy le Bourg, Esmerly-Hallon e Villévèque. Cf. Marc Bloch. *Op. cit.*, 1997, pp. 56-57.

<sup>143</sup> Uma vez mais, recorremos às sugestões de Carlo Ginzburg sobre a importância narrativa das lacunas documentais. Pensamos também em concomitância com o trabalho de Natalie Zemon-Davies em *O retorno de Martin Guerre*, que trabalha com maestria a carência documental, a partir de um exercício de “imaginação controlada” pelas evidências históricas, e do lugar do “talvez”, “eu penso”, “acredito” e outros termos análogos no discurso do historiador. Sobre esse debate, conferir. Carlo Ginzburg. “Decifrar em espaço em branco”. In: \_\_\_\_\_. *Relações de Força: história, retórica, prova*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, pp. 100 – 117; e, do mesmo autor, “Provas e possibilidades à margem de ‘O retorno de Martin Guerre’ de Natalie Zemon Davies”. In: \_\_\_\_\_. *A Micro-história e outros ensaios*. Lisboa: DIFEL, 1989, pp. 179-202. Ver também Natalie Zemon Davies. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

<sup>144</sup> Também conhecida como *La Chanson de Lorette*, nome pelo qual foi publicada pela primeira vez em 1919 por Paul Vaillant-Couturier. Existem várias versões das letras e sobre a origem da canção que, na verdade, foi sendo complementada ao longo da batalha de Chemin des Dames. Tomamos aqui como base



do drama da *permission*<sup>145</sup>, descanso que mostra ao soldado o quadro de subvalorização no qual estava inserido: no repouso são substituídos por homens que irão perder as vidas na luta, ao passo que veem os não-combatentes regozijando de uma vida sem perigos. “É em Craonne, sobre o planalto<sup>146</sup> / que devemos arriscar nossas peles / porque somos nós os condenados / somos nós os sacrificados!”<sup>147</sup>.

Se Bloch não exprimiu esses sentimentos em registros hoje acessíveis, apresentou pistas do desconforto que sentia ao abandonar os companheiros nos momentos de descanso durante as licenças. Não foi à toa que pediu para voltar ao *front* voluntariamente quando se sentiu melhor da febre tifoide. A canção termina com uma crítica aos que desejam o combate sem combater, seja os dispensados, seja a “alta classe”: “Mas isso acabou, porque os soldados / irão todos entrar em greve / e será a vossa vez, senhores opulentos / de entrar em cena / porque se vocês desejam fazer a guerra / arrisquem a sua pele!”<sup>148</sup>

No início de 1918 a vitória para qualquer lado parecia distante. Inesperadamente, contudo, a Alemanha demonstraria claros sinais de fraqueza. Para encobrir a derrota iminente (detectada pelo alto comando alemão, sobretudo devido à entrada dos Estados Unidos no confronto), os germânicos tentaram apressar a realização de acordos de paz. Como a estratégia não deu certo, no dia 11 de novembro aceitaram as condições de armistício apresentada pela *Entente Cordiale*. No diário de 1918, Marc Bloch apenas registra “armistício”. Nada de comentários, interjeições ou comemorações. Posteriormente, em junho de 1919, seriam obrigados a assinar o polêmico Tratado de Versalhes, que só gerou rancor por parte dos alemães em relação às potências vencedoras. Estes, sem perceber, “perdiam a paz no momento em que ganhavam a guerra”<sup>149</sup>.

Quanto aos homens que haviam lutado, era hora de voltar para casa. Exaustos, feridos, doentes, mutilados, famintos e, sobretudo, transformados. A sensação era a de dever cumprido. Esperavam nada mais que o reconhecimento, a gratidão por parte dos

---

aquela que está apresentada no site do CRID, baseada em cartas que se encontram nos arquivos do *Service Historique de la Défense Terre* (ref. SHDT 16N1521), e com algumas explicações sobre as inserções de cada trecho. Disponível em <[http://crid1418.org/espace\\_pedagogique/documents/ch\\_craonne.htm](http://crid1418.org/espace_pedagogique/documents/ch_craonne.htm)>. Acesso em: 26 dez. 2014.

<sup>145</sup> Referimo-nos aos dias de repouso após um período de oito dias nas trincheiras. Após o intervalo, os soldados voltavam novamente à frente de batalha.

<sup>146</sup> Referência à topografia da região do Aisne.

<sup>147</sup> Do original: “*C’est à Craonne, sur le plateau / Qu’on doit laisser la peau / Car nous sommes tous condamnés, / c’est nous les sacrifiés!*”.

<sup>148</sup> Do original: “*Mais c’est fini, car les troupes / Vont tous se mettre en grève. / Ce s’ra votre tour, messieurs les gros / De monter sur l’plateau, / Car si vous voulez faire la guerre / Payez-la de votre peau!*”.

<sup>149</sup> Marc Ferro. *Op. cit.*, 1990, p. 286.

demais membros do corpo nacional. Nada encontraram. O Estado não garantiu a essas pessoas os direitos que os ex-combatentes acreditavam possuir. Restou, enfim, o ressentimento<sup>150</sup>.

Marc Bloch, de certa maneira, não passou por isso. Para ele, havia reservada uma vaga como professor de uma nova universidade que seria criada na Alsácia retomada pelos franceses com o Tratado de Versalhes. Ficou, portanto, a impressão de ter participado de um dos grandes movimentos da história humana:

Bloch compreendia perfeitamente que aquela guerra tinha consequências revolucionárias “não apenas para uma classe, mas para toda a humanidade”. Ela tornar-se-ia também um dos principais pontos de referência da sua vida, como definição do heroísmo e da loucura humana, dos feitos técnicos e das suas limitações – uma experiência que o marcou indelevelmente, a ele e à sua geração<sup>151</sup>

#### 1.4 Sobre escrever no trauma

Findados os cinco meses iniciais da campanha, Marc Bloch fez um balanço de sua trajetória até ali. Escreveu em *Souvenirs* sobre a excepcionalidade de sua experiência:

Assim, de 10 de agosto de 1914 a 5 de janeiro de 1915, levei uma vida tão diferente quanto possível de meu curso ordinário, uma vida bárbara, violenta, frequentemente pitoresca, também frequentemente carregada de uma morna monotonia, com elementos de comédia e momentos cruelmente trágicos. Em cinco meses de campanha, quem não acumularia uma rica experiência?<sup>152</sup>

O relato resume bem traços frequentemente mencionados. A carência material para estar à altura dos alemães é reforçada: em La Gruerie presenciou a instalação na “terra de ninguém”<sup>153</sup> arames lisas ao invés dos farpados; era comum ele e os demais terem que responder a bombardeios com tiros de fuzil; cavou trincheiras com equipamentos portáteis para emergências, totalmente inadequados e ineficientes; o sistema telefônico impossibilitava a comunicação com a artilharia. Em Larzicourt, os

---

<sup>150</sup> Cf Marc Ferro. “Recordações amargas”. In: \_\_\_\_\_. *Op.cit.*, 1990, pp. 289-294.

<sup>151</sup> Carole Fink. *Marc Bloch: uma vida na história*. Lisboa: Oeiras, 1995, p. 76.

<sup>152</sup> Do original: “Ainsi, du 10 août 1914 au 5 janvier 1915, j’ai mené une vie aussi différente que possible de mon train ordinaire, une vie barbare, violente, souvent pittoresque, souvent aussi d’une morne monotonie, avec des parties de comédie et des moments cruellement tragiques. En cinq mois de campagne, qui n’amasserait une riche moisson d’expérience?” Marc Bloch. *Op. cit.*, 1997, p. 147.

<sup>153</sup> Espaço entre as trincheiras inimigas.

oficiais, escondidos em uma plantação, garantiam a segurança no momento em que se tornavam incomunicáveis e por isso incapazes de comandar as companhias. Tornaram-se meros espectadores da luta que deveriam liderar. Se houve progressos nesses primeiros momentos, foram desenhados de forma extremamente lenta e custosa aos franceses, tonificada sobretudo pela negligência do alto comando<sup>154</sup>.

Para o autor, aliás, essa questão do distanciamento e da indiferença dos comandantes em relação aos comandados era uma das coisas que mais o incomodava. Se no fim do século anterior a nação passou por uma derrota traumática para o inimigo que mais uma vez se fazia presente, a lição aparentemente não fora aprendida:

Por vezes, os encontrava [os comandantes] mediocrementemente preocupados com o bem-estar dos seus soldados, demasiadamente ignorantes da vida material dos homens e minimamente desejosos de a conhecerem. As palavras: “que se virem” – palavras sinistras que desde [18]70 não deviam ser pronunciadas – são ainda frequentes em seus lábios.<sup>155</sup>

No entanto, Marc Bloch sabia da importância de relativizar essas impressões. Apesar de lembrar-se de um capitão “rude” e “covarde”, que só conseguia o respeito dos seus homens através de ameaças e punições, escrevia também sobre o fato de ter convivido com homens memoráveis, que possuíam um “magnetismo bem próprio aos verdadeiros chefes” e cujas palavras, por menos esperançosas que fossem, eram capazes de movimentar as tropas em direção a um objetivo comum. Ainda assim, a falta de efetividade dos grandes generais era algo que lhe incomodou ao longo de toda a campanha – e esse incômodo iria retornar 21 anos mais tarde.

Em relação ao soldado comum, as impressões que ficaram foram bem mais agradáveis. Não eram raras demonstrações de honra e bravura. Bloch lembra com admiração da positividade do colega “M.”, que ao ouvir a notícia de que os alemães estavam a trinta metros deles, respondeu prontamente: “Ora, nós é que estamos a 30 metros dos alemães!”. Apesar dessas boas recordações, ele procurava não se deixar levar pela clara admiração que possuía pelos seus homens, e lembrava que em uma companhia não se pode contar somente com indivíduos uniformemente inteligentes e bravos como “M.”: nem todos os que ele comandou eram pessoas confiáveis e íntegras<sup>156</sup>.

---

<sup>154</sup> Marc Bloch. *Op. cit.*, 1997, p. 147.

<sup>155</sup> Do original: “*Je n’ai pas toujours été content de tous les officiers. Je les ai trouvés parfois médiocrement attentifs au bien-être de leurs soldats, trop ignorants de la vie matérielle des hommes et trop peu désireux de la connaître. Les mots : « Qu’ils se débrouillent » - mots sinistres que depuis 70 on ne devrait plus oser prononcer – sont encore trop souvent sur leurs lèvres.*” *Ibidem*, p. 147.

<sup>156</sup> *Ibidem*, p. 148.

Ainda assim, o que parecia reger o comportamento da grande maioria para Bloch era a coragem. Ainda que tenha visto a expressão do medo em alguns, a energia moral parecia generalizada<sup>157</sup>. A onipresença da morte era uma espécie de *turning point* para que tal comportamento prevalecesse. Era notável que

[...] por um feliz reflexo, a morte deixa de ser temível a partir do momento em que ela parece próxima: é isso que, no fundo, explica a coragem. A maioria dos homens temem ir ao fogo e sobretudo de retornar a ele; uma vez que lá estão, não tremem mais. Acredito que poucos soldados, salvo os mais inteligentes e aqueles com o coração mais nobre, são guiados corajosamente pela defesa da pátria; eles são muito mais frequentemente guiados pela honra individual, que é muito forte entre eles desde que seja estimulada pelo grupo: porque se em uma tropa a maioria é covarde, o ponto de honra será o de sofrer o menor dano possível. Sempre mantive a política de manifestar abertamente um sincero desgosto que me causavam determinados covardes de minha seção.<sup>158</sup>

Nesse trecho conjugam-se diversos elementos trabalhados ao longo do capítulo. Inicialmente, Bloch descreve sentimento análogo à já mencionada atitude *blasé*. O que chama de coragem é o não pensar na morte, que paralisaria a ação daqueles homens. Mais forte que evitar o fim individual é a honra pessoal, que necessariamente está atrelada a um comportamento social. Nessa disputa, “honra” tem mais força do que “pátria” para a maioria. Esta, aliás, estaria reservadas às almas mais nobres.

O interessante é notar que nesse trecho os soldados são “eles”. Bloch, de certa forma, se vê diferente em relação aos homens com os quais convive, em sua grande maioria camponeses e trabalhadores da França. Nas páginas seguintes levantaremos uma hipótese que procura explicar esse discurso. Mas, por ora, vale perceber: logo após anunciar que o nacionalismo é um diferencial dos espíritos mais elevados, Bloch se apropria das palavras de um companheiro, que lhe escreveu em carta, para finalizar o seu tópico: “Viva a França, e uma vigorosa vitória!”<sup>159</sup>

---

<sup>157</sup> *Ibidem*, p. 149.

<sup>158</sup> Do original: “*J’ai toujours remarqué que, par un heureux réflexe, la mort cesse de sembler très redoutable du moment qu’elle semble proche : c’est au fond ce qui explique le courage. La plupart des hommes craignent d’aller au feu, et surtout d’y retourner ; une fois qu’ils y sont, ils ne tremblent plus. Je crois que peu de soldats, sauf parmi le plus intelligents et ceux qui ont le cœur le plus noble, lorsqu’ils se conduisent bravement pensent à la patrie; ils sont beaucoup plus souvent guidés par le point d’honneur individuel, qui est très fort chez eux à condition qu’il soit entretenu par le milieu: car si dans une troupe il y avait une majorité de lâches, le point d’honneur ce serait bientôt de se tirer d’affaire avec le moins de mal possible. J’ai toujours estimé d’une bonne politique de manifester ouvertement le dégoût très sincère que m’inspiraient les quelques froussards de ma section.*” *Ibidem*, p. 150.

<sup>159</sup> O trocadilho não faz tanto sentido em português: “*Vive la France, et vivement la victoire!*” *Ibidem*, p. 150.

## 1.5 A construção da memória de situações-limite

Feita a exposição sobre a trajetória de Bloch durante a Grande Guerra, podemos nos deter em alguns pontos de análise sobre o texto ligados diretamente a essa questão da construção da memória de situações-limite. Afinal, a importância de incluir a noção de trauma como parte dos processos de construção da memória e do esquecimento estaria em compreender as marcas deixadas por essas situações tão específicas em termos subjetivos<sup>160</sup>.

Um primeiro elemento que deve ser levado em conta quando se lê *Souvenirs*, bem como qualquer outro texto de caráter mnemônico, é o problema da relação da memória como espaço de construção identitária. Todo o esforço individual de construção da memória é revelador de identidades como imagem para si mesmo e para os outros. Em uma situação-limite, esse traço ganha em complexidade: como ela arranca o indivíduo de seus referenciais, a necessidade dessa elaboração torna-se ainda mais forte e presente<sup>161</sup>. Nessa hora, Marc Bloch “escolheu” ser um nacionalista convicto, e um bom soldado, sempre preocupado com os seus irmãos de armas, que seriam a “verdadeira França”.

De acordo com essa ideia da relação entre memória e identidade, autores como Michael Pollak e Susana Kaufmann apresentam uma importante precaução metodológica: a produção de memória sempre pressupõe a atribuição de coerência do indivíduo, bem como a de sua continuidade física e psíquica<sup>162</sup>. Nesse sentido, mesmo levando em conta o fato de que o diário de Bloch foi escrito “no calor do momento”, percebe-se o esforço em manter a imagem do bom soldado patriota.

Apesar dessa construção, há momentos em que descreve comportamentos que não são condizentes com um cidadão modelo. Já mencionamos um episódio no qual ele comenta desejar mal a outrem, fato que justifica com o argumento de que o outro não se comportava como devia, foi egoísta. Da mesma forma, escreve um *mea culpa* significativo. Quando estava em Vienne-le-Château, no seu intervalo na floresta de La Gruerie, deparou-se, junto aos seus homens, com uma cidade quase vazia, reflexo da

---

<sup>160</sup> Sobre isso, ver Susana Griselda Kaufmann. “Sobre violencia social, trauma e memoria”. In: *Anais do Seminario memoria colectiva y represión - SSRC*, 1998. Disponível em: <<http://www.cholonautas.edu.pe/modulo/upload/GKaufman.pdf>>. Acesso em: abril de 2013.

<sup>161</sup> Cf. Michael Pollak. *Memoria, olvido e silencio*. La Plata: Al Margen, 2006, p. 204.

<sup>162</sup> Vale lembrar que, como aponta Pollak, o silêncio, tanto quanto a memória, é gestor de identidades. Ver do autor “Memória e identidade social”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

ordem do alto comando para que os moradores abandonassem o local. Ali, segundo o seu relato,

Deitávamo-nos nas camas de proprietários ausentes, comíamos em suas mesas e usávamos seus guardanapos, à luz de suas lâmpadas, eventualmente consumindo suas provisões. Era uma vida de ladrões. Apesar da vigilância, havia pilhagens. [...] Carrego na consciência o roubo de um castiçal e de uma coleção de poesias editada por volta de 1830. Perdi o primeiro, mas ainda possuo o livro.<sup>163</sup>

Mesmo com tais questões, o texto de Bloch parece comprovar a ideia de Pollak de que a construção de identidade conta com três elementos essenciais: a unidade física, a continuidade dentro do tempo e o sentimento de coerência<sup>164</sup>. Ora, se o ato ilícito é inegável, o contexto era favorável a tal prática. Ao menos desde a época medieval, a pilhagem encontra-se nos manuais de guerra como prática reprovável, porém aceitável. Ademais, mesmo o episódio dos roubos reforça determinada identidade de Marc Bloch: a do intelectual. Somente um homem das letras para observar valor em uma coletânea de poesias do século XIX durante aquele momento tenso e escolhê-la como espólio. E quanto ao castiçal: serviria para a leitura da obra?

Há também outro ponto importante, brevemente mencionado neste trabalho. As memórias de Bloch não foram escritas com claras intenções de publicação. Talvez o objetivo, para ele, fosse o de narrar os fatos para conseguir superar o trauma, como ocorre em tantos outros casos<sup>165</sup>. Esse era, afinal, um movimento bastante comum nas trincheiras, especialmente entre aqueles que tinham o mundo das letras como ambiente de trabalho. Os intelectuais, em seus relatos, comentavam sobre sentir uma necessidade quase inescapável de escrever<sup>166</sup>. A escrita, a leitura e o pensamento exercem papel duplo: são concomitantemente refúgio a esses homens e ferramentas para que possam recuperar um pouco de sua identidade, supostamente “mal aplicada” na realidade do exército, uma vez que lhes era exigido muito mais o esforço físico do que o intelectual, no dia-a-dia.

---

<sup>163</sup> “*Nous couchions dans les lits des propriétaires absents, nous mangions sur leurs tables et leurs nappes, à la lumière de leurs lampes, parfois consommant leurs provisions. C’était une vie de brigands. Malgré la prévôté, il y eu bien du pillage. [...] J’ai sur la conscience le vol d’un bougeoir et d’un recueil de poésies édité vers 1830. J’ai perdu le bougeoir, mais je possède encore le livre*”. Marc Bloch. *Op. cit.*, 1997, pp. 143-144.

<sup>164</sup> Michael Pollack. *Op. cit.*, 2006, p. 204.

<sup>165</sup> Levantamos essa hipótese baseados nas ideias de Pollack, que defende que muitas vítimas da *Shoah* escreveram suas memórias na tentativa de lidar com elas, e superá-las. Cf. “Memória e identidade social”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

<sup>166</sup> Toma-se aqui emprestada uma ideia de Nicolas Mariot, em livro que analisa a trajetória de 42 homens de letras franceses durante a Grande Guerra. Cf. Nicolas Mariot. *Op. cit.*, 2003.

Era, portanto, uma questão de ser e mostrar-se diferente. Em uma perspectiva do intelectual como “iluminador” social, estava subentendida uma pressão por postar-se de forma exemplar frente aos outros. Afinal, aqueles eram os que aceitaram o autossacrifício cientes de suas razões<sup>167</sup>.

Um episódio que retrata bem esse papel do intelectual que se observa diferente das “classes populares” é o da descrição de “M.”, cuja simplicidade chegava a ser digna de risos. Se “M.” parecia ignorante mesmo frente a outros soldados iletrados, o tom do discurso de Bloch é reflexo de uma visão idealizada do trabalhador francês:

Trazendo à memória a imagem do cabo M., não posso deixar de sorrir. Era um mineiro, atarracado, de pernas curtas rosto quadrado; seu nariz era ornado de uma bela cicatriz azulada que a poeira do carvão desenha frequentemente nos corpos dos trabalhadores de minas. Caminhante infatigável, porém pouco acostumado aos sapatos, percorreu as rotas da Lorraine e da Champagne descalço. Era tão negligente e estúpido que me parece hoje que passei as seis primeiras semanas de campanha procurando-o nos quatro cantos do acantonamento para lhe dar ordens as quais nunca compreendia.<sup>168</sup>

Foi justamente a não compreensão de uma ordem de posicionamento de Bloch que levou “M.” a se desligar do grupo, ferido ou morto em combate.

A mesma visão pode ser observada quando Bloch relata a morte de “F.” que, segundo suas palavras, foi por ele bastante sentida:

De todos os meus camaradas caídos em Champagne ou em Argonne, não houve algum que eu tenha chorado tanto como F., que foi sargento de minha 2ª semiseção. F. exercia uma profissão que por vezes consideramos mediocrementemente relevante: possuía uma loja de vinhos na Bastilha. Ele era pouco instruído e quase não lia. Ninguém me faria melhor compreender a beleza de uma alma naturalmente nobre e delicada. [...] Sua perda foi, para mim, a perda de um sustento moral.<sup>169</sup>

---

<sup>167</sup> *Ibidem*, pos. 353-355.

<sup>168</sup> Do original: “*En retrouvant la mémoire l’image du caporal M., je ne puis m’empêcher de sourire. C’était un mineur, trapu, bas sur pattes, le front carré; son nez s’ornait d’une belle cicatrice bleuâtre que la poussière de charbon dessine souvent aux corps des ouvriers de la houille. Marcheur infatigable, mais peu accoutumé aux souliers, il parcourut les routes de la Lorraine et de la Champagne pieds nus. Il était si négligent et si bête qu’il me semble aujourd’hui que les six premières semaines de la campagne je les ai passées à le chercher aux quatre coins des contonnements pour lui donner des ordres qu’il ne comprenait jamais.*” Marc Bloc. *Op. cit.*, 1997, p. 148.

<sup>169</sup> Do original: “*De tous mes camarades tombés là-bas en Champagne ou dans l’Argonne, il n’en est aucun que j’ai pleuré comme je pleurai F., qui fut sergent de ma 2<sup>e</sup> demi-section. F. exerçait un métier que l’on considère parfois comme médiocrement relevé; il tenait une boutique de marchand de vin dans le quartier de la Bastille. Il était peu instruit et ne lisait guère. Personne ne m’a mieux fait comprendre la beauté d’une âme naturellement noble et délicate. [...] En le perdant je perdis un soutien moral.*” *Ibidem*, p. 149.

Note-se que, apesar da enorme admiração que tinha pelo indivíduo, fez questão de ressaltar a pouca base letrada do mesmo. Nesse relato, percebemos bem a ambivalência da posição do intelectual em relação aos companheiros de trincheira: mesmo havendo uma aproximação, ela consolidou hierarquias sociais anteriores ao conflito<sup>170</sup>.

Se a admiração pelo campo e pelos camponeses foi repetida por Bloch ao longo de toda a vida, ela se desenvolvia a partir de uma visão idealizada do que era esse camponês. A simplicidade e o trabalho árduo são os seus signos. Camponeses que não seguiam esse padrão comportamental eram vistos com bastante desconfiança por ele. Como um grupo de bretões com que teve de conviver em meados de 1915: “bêbados”, “vagabundos” e “preguiçosos”<sup>171</sup>, irritavam profundamente o autor de *Souvenirs*.

Marc Bloch sentia uma aflição bem própria aos intelectuais: manter ao longo do tempo o comprometimento moral, a coerência psíquica em sua trajetória. Nesse sentido, mesmo a narrativa sobre a pilhagem não teria tanta força para limar a ideia construída no texto de que quem o escrevia era um bom francês. Quando ele a descreve, está na verdade trazendo à tona a sua identidade de historiador. Afinal, esse grupo profissional é regido pelo compromisso com a verdade, antes de mais nada, por mais inalcançável que ela seja.

Nesse sentido, encontramos outros elementos relevantes. O autor procurou deixar bem claros os procedimentos metodológicos que subjazem à narrativa – e devemos lembrar, uma vez mais, de que não havia intenção de publicação! O recurso aos diários – fontes primárias – e a preocupação em deixar claros alguns lapsos de memória são signos de um discurso preocupado em ser o mais fiel possível aos acontecimentos. A força do evento, no entanto, acabou por produzir o colapso da compreensão e alguns “vazios” na capacidade explicativa do conflito. Há outra questão também ligada a uma visão bastante própria a um historiador. Bloch procura deixar bem marcado que tem plena consciência de que o que relatou se trata de sua experiência, e não de algo coletivo. É o lugar do testemunho que ali está legitimando o discurso<sup>172</sup>. Ele tentou (dentro nos limites impostos pela situação e pela natureza do discurso que produziu) tornar objetivo o subjetivo, a partir desse esforço de rigor metodológico. Impacto inextinguível da cruel experiência.

---

<sup>170</sup> Cf. Nicolas Mariot. *Op. cit.*, 2003, pos. 129-133.

<sup>171</sup> *Ibidem*, p. 145.

<sup>172</sup> “[...] não posso falar além do que eu vi, e o campo da minha experiência é necessariamente muito estreito”. Do original: “[...] *je ne puis parler que de ce que j’ai vu et le champ de mon expérience est forcément demeuré très étroit*”. *Ibidem*, p. 149.



## 1.6 As marcas do trauma

Há tantas coisas que não ousou dizer  
Tantas coisas que não me deixaríeis dizer  
Tende piedade de mim  
(Guillaume Appolinaire)<sup>173</sup>

A Grande Guerra nunca deixou Marc Bloch. É bastante evidente que a experiência acompanhou as suas posteriores reflexões historiográficas. A vida entre 1914 e 1918 foi um mergulho profundo na terra que seria um de seus objetos de estudos. Observar por tanto tempo aquela paisagem do campo, mesmo que destruído, possibilitou importantes reflexões acadêmicas.

*La Terre et le Paysan*<sup>174</sup> não podia ser um título mais representativo dessa conjunção entre o soldado e o historiador. Ele trouxe para os estudos acadêmicos aquilo que mais o moveu ao longo da batalha: a “verdadeira França”, representada pelos campos e pelos camponeses (ideais). *Les Rois Thaumaturges*<sup>175</sup>, da mesma forma, é uma obra cuja faísca primordial veio da observação da força das crenças populares nas trincheiras. Não esqueçamos da mais óbvia das correlações: “Reflexões de um historiador sobre as falsas notícias de guerra”<sup>176</sup>, artigo publicado em 1921 na *Revue de synthèse historique*, cujas considerações sobre o efeito cascata do erro/mentira, bem como o seu caráter representativo de dado conjunto de valores historicamente localizados, guardam íntimas relações com aquelas que fará sobre os reis medievais com capacidades curativas.

O próprio Bloch aponta essa ligação que o soldado estabeleceu com a terra ao longo do conflito. Numa pequena resenha escrita nos *Annales d'histoire sociale* em 1940, ele comentava:

Um de meus camaradas de trincheira, há pouco mais de vinte anos, gostava de dizer que a guerra possuía ao menos uma vantagem: a “de se realizar no campo”. [...] É inegável que a mais de um cidadão os anos passados sob o uniforme azul marinho forneceram a ocasião de penetrar [...] na intimidade da natureza e do campo.<sup>177</sup>

---

<sup>173</sup> Do original: “Il y a tant de choses que je n’ose dire / Tant de choses que vous ne me laisseriez pas dire / Ayez pitié de moi.” Citado em: Silvana Vieira da Silva Amorim. *Guillaume Appolinaire: fábula e lírica*. São Paulo: Editora UNESO, 2003, p. 239.

<sup>174</sup> Marc Bloch. *La terre et le paysan : agriculture et vie rurale aux 17e et 18e siècles*. Paris: Armand Colin, 1999.

<sup>175</sup> Idem. *Les rois thaumaturges, étude sur le caractère surnaturel attribué la puissance royale, particulièrement en France et en Angleterre*. Strasbourg et Paris: Librairie Istra, 1924.

<sup>176</sup> Idem. “Réflexions d’un historien sur les fausses nouvelles de la guerre”. Paris: Éditions Allia, 2007.

<sup>177</sup> Do original : “Un de mes camarades de tranchée, il y a un peu plus de vingt ans, aimait à dire que la guerre a au moins un avantage: celui ‘de se faire à la campagne’. [...] il est indéniable qu’à plus d’un

Para além dessa característica, resta a construção de uma imagem de si em conjunto com a exaltação de alguns valores que teria presenciado nas trincheiras. Não são poucos os momentos nos quais coragem, honra, senso de dever e patriotismo são destacados como qualidades a serem reafirmadas. Em seus testamentos, tais traços sempre serão sublinhados como um resumo de sua trajetória<sup>178</sup>: queria ser lembrado por ter seguido esses princípios até o fim. Em cartas de condolências e relatórios oficiais, também são essas as qualidades ressaltadas.

Percebemos isso em *Souvenirs*. Não são raros os momentos nos quais ele ressaltou a sua capacidade de dar exemplo de sangue frio e coragem aos seus homens, bem como a de sua autêntica firmeza pessoal que teria garantido uma passagem bastante honrosa a ele e aos seus nas trincheiras. Também procurou deixar marcada a qualidade de não temer o perigo, por mais intenso que ele fosse. Todo o relato é permeado por um sentimento profundo de estima por si mesmo, e da necessidade de servir como modelo aos outros, que não poderia perder lugar. Mesmo a ideia de registrar os acontecimentos vividos “para não deixá-los sucumbir aos caprichos da memória”<sup>179</sup> seria um movimento nesse sentido, de tomar para si a missão de apresentar uma vida exemplar.

Marc Bloch seria recompensado por tal postura. Ao fim da guerra, somava quatro citações militares e uma Cruz de Guerra, uma escalada na hierarquia relativamente bem sucedida (terminara a guerra como “capitão Bloch”), com a posterior nomeação para a Legião de Honra. Também seria nomeado para um cargo na Universidade de Estrasburgo, cuja missão central era a de recuperar a identidade francesa àquela região da Alsácia recém reincorporada. Até o fim da vida, ele atribuiria grande valor a essas honrarias.

Porém, nem todas as marcas deixadas foram carregadas de positividade. Podemos afirmar com segurança que o historiador não passou psiquicamente incólume por uma experiência como a da Grande Guerra. Uma ferida o impediu de prosseguir a escrita do diário em 1915. Ele atribui à preguiça o seu abandono até 1916. Na retomada,

---

*citadin les années passées sous l'uniforme bleu horizon ont fourni l'occasion de pénétrer [...] dans l'intimité de la nature et des champs*”. Marc Bloch. “La forêt et les champs”, *Annales d'histoire sociale*, 1940, vol. 2, nº2, p. 165. Disponível em: <[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ahess\\_122563\\_1940\\_num\\_2\\_2\\_3051\\_t1\\_0165\\_0000\\_2](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ahess_122563_1940_num_2_2_3051_t1_0165_0000_2)>. Acesso em 10 dez. 2014.

<sup>178</sup> Escreveu um em 1915, confiado a sua irmã, e outro em 1917. Durante a Segunda Guerra Mundial, em 1941, escreveu aquele que seria o testamento definitivo, o mais conhecido e publicado nos *Annales* em 1945. No último capítulo de nossa tese, analisaremos todos com mais cuidado.

<sup>179</sup> Marc Bloch. *Op. cit.*, 1997, p. 19.

poucas páginas e, novamente, finda o manuscrito. Para Stéphane Audoin-Rozeau, a questão ia além da preguiça: era como se Bloch começasse a “reter” a Guerra<sup>180</sup>. Por mais escassos que fossem os registros a partir de então, um pequeno episódio relatado por seu filho Étienne é incrivelmente revelador. Ele diz que o pai nunca evocava a guerra – o assunto era quase tabu no meio familiar. Um dia, porém, ao entrar em uma loja em sua companhia, imediatamente Bloch sentiu a necessidade de sair do recinto: a imagem de manequins entulhados o lembraram do espetáculo de cadáveres do primeiro conflito mundial<sup>181</sup>. Repetimos, plenos de segurança: a Grande Guerra nunca abandonou Marc Bloch.

### 1.7 O homem, a memória e o tempo

Atualmente, uma das poucas afirmações que um historiador pode fazer sem ser questionado pelos seus pares é a máxima de que não podemos desvincular os documentos de seu contexto de produção. Ora, *Souvenirs* é, certamente, um testemunho particular, pertencente a um indivíduo que viveu uma experiência única. Mas, ao mesmo tempo, essa experiência, mesmo que não tenha sido vivida da mesma maneira pelos milhões de franceses que estavam no *front*, foi compartilhada entre eles. Se observarmos somente pelo prisma cronológico, percebemos que, à exceção da não-participação em Verdun e o intermédio em terras argelinas, a trajetória de Marc Bloch no conflito foi “banal”: esteve presente em momentos-chave vividos pela grande maioria dos soldados franceses. Assim como muitos, também fora ferido por diversas vezes (embora, no seu caso, nenhuma delas tenha tido demasiada gravidade). Não era em vão a sua certeza de conhecer os dramas pessoais dos “simples combatentes”, principalmente porque aqueles também eram os dele. Podemos, então, concluir que o testemunho de Bloch claramente o situa em seu tempo, uma vez que buscou, assim como muitas outras memórias sobre o mesmo evento, honrar os mortos e valorizar o esforço de guerra.

Outra máxima (que, aliás, foi anunciada por Bloch em seus trabalhos acadêmicos<sup>182</sup>) a qual o historiador pode anunciar com segurança é a de que o problema do presente orienta a visão sobre o passado. Funciona assim com os trabalhos de memória.

---

<sup>180</sup> Stéphane Audoin-Rozeau. “Introduction”. In: Marc Bloch. *Op. cit.*, 1997, p. 22.

<sup>181</sup> *Ibidem*, p. 21 (nota 44).

<sup>182</sup> Ver *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

Memórias silenciadas, memórias emergentes, disputas de memória, são constitutivas de disputas políticas do presente, invariavelmente. Esta é, segundo Yosef Yerushalmi, a essência da memória coletiva: um movimento dual de recepção e transmissão, que continua alternadamente em direção ao futuro<sup>183</sup>.

Nesse sentido, é interessante retomar uma informação anunciada anteriormente neste texto: o diário de Bloch foi publicado pela primeira vez em 1969 – 25 anos após a morte do historiador. A partir desse dado, temos uma pista interessante que pode nos conduzir ao possível entendimento de um importante problema: por que apenas nesse momento foi interessante que Bloch fosse “ouvido” pelos franceses?

Em linhas muito gerais, aquele foi o período de outro trauma se abater sobre a sociedade francesa: a derrota para a Alemanha e a experiência colaboracionista de Vichy durante a Segunda Guerra. Era o início de tempos difíceis nos quais os franceses teriam finalmente que lidar com suas próprias responsabilidades sobre a morte de seus concidadãos. A identidade nacional francesa parecia arrasada. Nesse espaço, quase como uma estratégia para recuperar um pouco do orgulho nacional ferido, a Grande Guerra de 1914-1918 tornava-se a prova maior da força do nacionalismo entre os franceses. Nada mais coerente, então, do que recuperar a memória de alguém que fora um herói naquele evento. E, no caso de Bloch, era ainda mais do que isso: um herói aparentemente incontestável do segundo conflito mundial, mesmo após o início do debate sobre Vichy.

Concomitantemente a isso, havia o recente cinquentenário do fim da guerra, ocorrido no ano anterior, e certamente espaço de comemoração que eleva a guerra àquela categoria de temas a serem revisitados<sup>184</sup>. Se determinadas atitudes ao longo da Segunda Guerra passaram a ser questionadas, aquelas da Grande Guerra foram potencializadas como fontes importantes de construções simbólicas do nacionalismo francês. “Jamais esquecer, jamais repetir” tornou-se o lema, ainda mais forte, do conflito do início do século XX<sup>185</sup> numa sociedade que, por ver seus valores individuais em xeque, passava a apostar então no *soldado desconhecido* - lugar de memória bastante difundido referente ao soldado anônimo que se perdeu em batalhas na Grande Guerra – como guia moral.

---

<sup>183</sup> Yosef Hayim Yerushalmi. “Reflexiones sobre el olvido”. In: YERUSHALMI et al. *Usos del olvido*. Buenos Aires: Nueva Vision, 2006, p. 6.

<sup>184</sup> Sobre comemorações, ver Pierre Nora. *Les lieux de mémoire* (t1 – La République). Paris: Gallimard, 1984.

<sup>185</sup> Jean-Noël Jeanneney. *La Grande Guerre si loin, si proche: réflexions sur un centenaire*. Paris: Seuil, 2013, p. 12.

Marc Bloch, portanto, tornou-se mais do que um nome. Foi um homem de seu tempo, mas cuja trajetória atravessou a própria existência física para ser enquadrada nos embates da memória nacional.

E hoje? Qual seria a relevância da retomada de seu testemunho?

Testemunhos como os de Bloch trazem aos estudos acadêmicos aquela dimensão que por vezes falta em pesquisas da disciplina. Não se pode deixar escapar o forte traço do *métier*, explicitado justamente pelo indivíduo que norteia os estudos e tantas vezes repetido: nós, historiadores, tal como “o ogro da lenda”, temos faro para a carne humana<sup>186</sup>. E a questão da violência que o seu testemunho apresenta com maestria deveria aguçar os sentidos dessas criaturas que habitam os *campus* universitários. Afinal, se tomarmos a analogia de Bloch como certa, a guerra é um verdadeiro banquete para elas. Nesse sentido, estamos seguindo os apelos de alguns historiadores, quando chamam a atenção para a carência de análises sobre esse tema ao longo do primeiro centenário do conflito: a violência, quando tratada, é “desencarnada”, muitas vezes reduzidas a cifras e estatísticas<sup>187</sup>. Foram oito milhões de franceses mortos, a maior cifra entre as potências beligerantes, vidas perdidas mais pela violência do que por doenças no *front*<sup>188</sup>. Definitivamente, este é um aspecto que não pode ser deixado de lado. Marc Bloch, simultaneamente agente e observador da bestialidade humana naqueles quatro anos, é apenas um dos inúmeros casos que devem ser trabalhados por nós<sup>189</sup> para que sejamos capazes de reparar esse meio-silêncio. Deixemo-nos levar pelas correntes, que entre 1914 e 1918 foram tingidas pelo sangue de milhões.

---

<sup>186</sup> Cf. Marc Bloch. *Op. cit.*, 2001, p. 54.

<sup>187</sup> Stéphane Audoin-Touzeau, Anette Becker. *14-18, retrouver la guerre*. Paris: Gallimard, 2014. Ver também Nicolas Beaupré. *Op. cit.*, 2006.

<sup>188</sup> Stéphane Audoin-Rouzeau. “*L’enfer, c’est la boue!*”. In : *14-18 : mourir pour la patrie (l’Histoire, n° 107, janvier 1998)*. Paris: Points, 2007.

<sup>189</sup> Sobre a relação entre o singular e o coletivo, ver Carlo Ginzburg. “Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito”. In: \_\_\_\_\_. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

## CAPÍTULO 2 – AS GUERRAS PELA HISTÓRIA

Finda a Grande Guerra, era chegado o tempo da reconstrução. Escombros e cadáveres deveriam desaparecer do cenário ou serem trabalhados para servir a uma memória do passado imediato. Entretanto, certas marcas são indelévels. Se ainda hoje a paisagem francesa reflete aqueles duros anos através de buracos de bombas e destroços onipresentes em florestas e campos transformados em palcos de grandes batalhas, outros elementos deram conta da persistência da guerra mesmo com o seu fim. Reposicionar-se no cenário internacional e construir uma nova normalidade interna tornavam-se o caminho tortuoso da vez.

A conjuntura parecia favorável à inovação. Afinal, é sabido que a Europa, nos anos 1920, conheceu um período de forte ebulição intelectual e cultural. Entre dadas, modernistas e expressionistas havia em comum uma certa tendência a colocar em xeque as referências de então<sup>190</sup>. Se Charles Lindhberg fazia o primeiro vôo transatlântico sem escalas em 1927, no ano seguinte Amelia Earhart tornaria-se a primeira mulher a realizar trajeto semelhante. A novidade era o que se apresentava como constante.

Nesse contexto de valorização da inovação, Marc Bloch fundou os *Annales d'histoire économique et sociale* junto ao historiador Lucien Febvre. A partir de Estrasburgo, “novidade” territorial francesa após a reanexação da Alsácia e Lorena, debateriam novos rumos para a disciplina.

No presente capítulo, pretendemos analisar esse período de grande ebulição intelectual buscando, mais uma vez, estabelecer as relações entre o indivíduo e seu contexto. E se a importância para a historiografia do peso garantido pela revista ao longo das décadas para a historiografia por si só justifica a ligação da mesma à memória de Bloch, buscaremos aqui relativizar a construção da memória de que, em 15 de janeiro de 1929, surgia uma publicação que desde então seria revolucionária e incontestável. Para cumprir a tarefa, o esforço será de debater os “bastidores” dessa produção, a fim de evidenciar desafios e dificuldades nem sempre levados em conta, dada a aura do marco de mudança historiográfica que reveste a publicação.

Ao trazer à luz tais elementos, observamos as fragilidades do projeto que por muito tempo pareceu incontestado em meios acadêmicos. “Movimento”, “revolução”,

---

<sup>190</sup> William Wiser. *Os anos loucos: Paris na década de 1920*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

“escola historiográfica” são denominações que acabaram por apagar o movimento que, de fato, iniciava-se naquela data: uma publicação que tateava o seu espaço, buscando a consolidação acadêmica. Veremos que não se pode negar a intencionalidade dos fundadores em promover debates pautados por um horizonte de renovação historiográfica. Mas este passo só ganhou efetividade – e só deixou vestígios – porque o projeto dos dois historiadores “vingou”. É a busca desses primeiros passos em direção ao sucesso editorial que analisaremos a partir de agora.

## 2.1 O status da disciplina “pré-Annales”

Um breve balanço da historiografia anterior aos *Annales* se faz necessária. Afinal, foram esses os trabalhos que compuseram grande parte da formação de ambos como historiadores, e foi em relação a eles que Bloch e Febvre se posicionaram. Nessa perspectiva alusiva, observa-se um impacto ambíguo da herança intelectual sobre a qual trabalharam. Ao passo que se negavam preceitos fundamentais da prática historiográfica então dominante, promoviam-se continuidades, ainda que veladas ou inconscientes.

Nesse sentido, importa evitarmos a adoção – ao menos, sem ressalvas – da ideia de que os *Annales* teriam sido uma espécie de “revolução” da escrita da história<sup>191</sup>. A afirmação de uma ruptura radical com um “Antigo Regime” historiográfico é muito frágil<sup>192</sup>. O próprio Marc Bloch, como veremos, algumas vezes declarou a sua dívida intelectual com grandes nomes da historiografia – nomes esses que, supostamente, propunha “pôr na guilhotina”, como Charles Seignobos. Ao mesmo tempo, a revista não teve impacto suficiente para alterar significativamente nesses primeiros anos o *status* da escola metódica. Pelo menos até a década de 1940, esta dominou o ensino e a pesquisa em história na França<sup>193</sup>. Por fim, ainda que se pusesse em questão uma nova forma de encarar a disciplina, a batalha imediata de Bloch e Febvre talvez tenha sido mais endógena ao círculo que tentavam desenhar com bastante dificuldade do que propriamente um

---

<sup>191</sup> Cf. Peter Burke. *A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

<sup>192</sup> É claro que as próprias revoluções modernas apresentam continuidades, a despeito da ideia autoproclamada dos revolucionários, em geral, de promoverem uma ruptura total com um *status* anterior. Sobre o conceito de revolução, ver Hannah Arendt. *Da Revolução*. São Paulo: Ática, 1990. Reinhart Koselleck. “Critérios históricos do conceito moderno de revolução”. In: *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, pp. 61-77.

<sup>193</sup> Guy Bourdê; Hervé Martin. *As escolas históricas*. Portugal: Editora Europa-América, 1983, p. 47.

combate aberto e sistemático de *rebeldes* contrários a determinações acadêmicas onipresentes. Isso é o que veremos ao longo desse capítulo.

Mas, por ora, cabe compreender as formas desse “fantasma” da jovem publicação. Tratemos, então, da escola metódica.

### 2.1.1 O inimigo: a escola metódica

Uma revista de história, cuja fundação tornou-se divisor de águas para a disciplina, apresentava suas ambições na primeira edição. Seus idealizadores defendiam a liberdade de espírito, fundamental para o avanço do conhecimento: “pretendemos permanecer independentes de qualquer opinião política e religiosa”. Os artífices dessa forma de lidar com a história deveriam, então, agir “sem bandeira”, buscando sobretudo “compreender e explicar” ao invés de “louvar e condecorar”. Ainda que sejam ideias bastante presentes nos discursos de Bloch e Febvre quando da fundação dos *Annales*, tais trechos foram extraídos da primeira edição da *Revue Historique*, organizada por Gabriel Monod e Gustave Fagniez em 1876<sup>194</sup>. Observamos, então, uma discreta semelhança entre os projetos. Apesar das diferentes escalas, o estatuto científico e a defesa de imparcialidade e independência de espírito do historiador aparecem como alvos a serem atingidos por ambos periódicos.

Tal constatação não atenua as diferenças notórias entre os dois projetos. No mesmo editorial, Monod defendia que o historiador possuía “direitos de crítico e juiz”<sup>195</sup>. Notemos que sua crítica recai sobre a *condecoração*, mas em momento algum menciona o *julgamento* – este execrado por Bloch, que põe em esferas irreconciliáveis o compreender e o julgar.

O primeiro texto da *Revue Historique* segue estabelecendo as bases que a consagrariam ao longo do período de triunfo da chamada escola metódica. Posicionava-se em relação à tradição ciceroniana da *historia magistra vitae* que defendia o caráter

---

<sup>194</sup> Gabriel Monod. “Du progrès des sciences historiques”. *Revue Historique*. 1/1, 1876, p. 30-31.

<sup>195</sup> “Ao mesmo tempo, o historiador conserva, todavia, a perfeita independência do seu espírito e em nada abandona os seus direitos de crítico e juiz”. Do original: “*Em même temps, l'historien conserve néanmoins la parfaite indépendance de son esprit et n'abandonne en rien ses droits de critique et de juge*”. *Ibidem*, p. 37.



instrutivo da disciplina<sup>196</sup>. Ela era entendida como reveladora de um sistema de possibilidades humanas dentro de um *continuum* temporal e, por isso, seus agentes seriam os detentores do conhecimento necessário para a correta ação humana. Como instrutora para a vida, a história mostraria, através de exemplos, sucessos do passado a serem repetidos, bem como falhas a serem evitadas<sup>197</sup>. Para Monod, se não havia dúvidas que notar os erros cometidos era algo positivo, “para evitar o seu regresso”, a história devia, ainda assim, realizar um leve desvio de foco, no sentido de *explicar* esse passado mais do que reverenciá-lo<sup>198</sup>, em nome de uma compreensão imparcial que, finalmente, consolidaria as suas bases científicas. Buscava, assim, afastar-se da filosofia da história, tão central ao longo do século XVIII e parte do XIX.

De fato, o projeto foi bem-sucedido, e a visão de história anunciada na revista foi protagonista durante toda a Terceira República (1870-1940), ofuscando a relevância de sua adversária, a *Revue des questions historiques*, fundada dez anos antes pelo marquês de Beaucourt<sup>199</sup>. Vale, aliás, mencionar elementos da oposição: era em relação a esta publicação de tendência católica<sup>200</sup> e conservadora que a *Revue Historique* propunha a independência de pensamento dos colaboradores. Daí a força do combate anticlerical da revista. Na prática, porém, havia uma concentração de protestantes, israelitas (entre eles o pai de Marc Bloch, Gustave) e apenas alguns católicos. Percebe-se a composição de um certo *lobby do conhecimento*, também porque a maioria dos autores era proveniente da *École Normale Supérieure* (ENS) e da *École nationale des chartes*<sup>201</sup> e contava com muitos membros influentes na política educacional da França.

Essa disputa era subjacente ao discurso que destacava o método científico, legitimador do que viria a ser publicado. No prefácio era destaque a necessidade de validar o discurso com “provas, envios às fontes e citações”, embora se preservasse o caráter literário da revista, tão estimado pelos franceses<sup>202</sup>. A história aparecia como “ciência mestra” e, justamente por isso, afastava-se de teorias políticas e filosóficas.

---

<sup>196</sup> “A história que ensina” foi um *topos* recorrente dentro da concepção moderna de história. Sobre isso, ver Reinhart Koselleck. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

<sup>197</sup> *Ibidem*, p. 42-43.

<sup>198</sup> Gabriel Monod, *op.cit.*, 1876, p. 32.

<sup>199</sup> A oposição entre as revistas foi anunciada pelo próprio Monod.

<sup>200</sup> Tratava-se do ultramontanismo, doutrina política bastante influente no contexto francês nas primeiras décadas do século XIX e que defendia a primazia política do papado.

<sup>201</sup> Guy Bourdieu, Hervé Martin, *op.cit.*, 1983, p. 98.

<sup>202</sup> Do original: “*tout en réclamant de nos collaborateurs des procédés d'exposition strictement scientifiques, où chaque affirmation soit accompagnée de preuves, de renvois aux sources et de citations, tout en excluant sévèrement les généralités vagues et les développements oratoires, nous conserverons à*

Curioso notar que o discurso em nome da imparcialidade parecia não excluir um subtexto político bastante evidente. A história deveria ser estudada com afinco, segundo Monod, para despertar na nação francesa a “consciência de si mesma”, estimulando assim a imperiosa unidade e força moral após a derrota de 1870 na guerra franco-prussiana<sup>203</sup>. Ainda que um inicial nacionalismo combativo fosse deslizar posteriormente em direção ao pacifismo (não seriam igualmente ecos da situação política francesa durante a Terceira República?), ele deu o tom desse momento historiográfico na França.

A nação, incorporada na forma da República, seria a protagonista da narrativa científica que se estabelecia. Era alimentada por ela e, ao mesmo tempo, motivada pelo esforço de apoiar o seu crescimento. Nesse contexto, a Revolução Francesa virava o mito fundador da Terceira República, senhora da democracia e do estabelecimento das reais fronteiras da França, naquele momento agredidas em função da perda da Alsácia e Lorena.

Através de artigos originais e de ampla publicação de crítica bibliográfica a *Revue Historique*, que já nascera grande, ajudava a fincar os alicerces da pesquisa em história das décadas seguintes. Ela seria ainda influência direta para outras publicações de muito peso: *L'Introduction aux études historiques* de Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos, e os manuais escolares de Ernest Lavissee, *Histoire de la France* e o “*Petite Lavissee*”.

Todos esses autores, aliás, tiveram trajetórias bastante semelhantes. O conluio *normalien/chartiste* se confirmava: Langlois era proveniente da escola baseada na Sorbonne, ao passo que os outros vinham da escola fundada à época da Revolução (a ENS)<sup>204</sup>. Os três *normaliens* experimentaram também um período de estudos em universidades alemãs, onde encontraram a grande inspiração de Leopold von Ranke<sup>205</sup>. Lavissee, inclusive, tivera aulas com seu ex-aluno e colaborador da *Monumenta Germaniae Historica*<sup>206</sup>, Georg Waitz, e dedicara sua tese de doutorado ao estudo da monarquia prussiana<sup>207</sup>. Por fim, a afinidade republicana: embora Lavissee inicialmente tivesse se mostrado desconfiado com a instauração da Terceira República, sua simpatia ao governo

---

la Revue historique ce caractere littéraire, auquel les savants ainsi que les lecteurs français attachent avec raison tant de prix”. Gabriel Monod, *op.cit.*, 1876, p. 2.

<sup>203</sup> Guy Bourdè, Hervé Martin, *op.cit.*, 1983, p. 101.

<sup>204</sup> Pim den Boer. *History as a Profession: the Study of History em France (1818-1914)*. Princeton, NJ: Princeton, University Press, 1998, p. 286.

<sup>205</sup> Maior expoente da escola metódica alemã.

<sup>206</sup> Coleção de documentos alemães. Projeto que seria o grande símbolo da escola metódica alemã.

<sup>207</sup> Tereza Cristina Kirschner. “Ernest Lavissee” in: Jurandir Malerba (org.). *Lições de História: o caminho da ciência ao longo do século XIX*. Rio de Janeiro: FGV. Porto Alegre: Edipucrs, 2010, p. 354.

se concretizaria no fim da década de 1870, quando o regime se consolidou e Lavissee assumiu o cargo de mestre de conferências da ENS em 1876<sup>208</sup>.

Observa-se, portanto, a composição de um ambiente cultural e político entre os autores que favorecia essa influência da revista de Monod em seus empreendimentos. *L'Introduction aux études historiques*, de Langlois e Seignobos, que viria a ser foco de muitas críticas dos *Annales*, parecia bem um eco da *Revue Historique*. Na sua primeira edição, em 1898, proclamava-se anticlerical e antifilosófica. Na busca pela isenção, preconizava uma espécie de ruptura epistemológica, ao buscar afastar-se do providencialismo cristão, do progressismo racionalista e do finalismo marxista<sup>209</sup>. O fim do historiador deveria ser o de se “apagar” por trás dos textos, em nome de uma estrita aplicação de documentos. Lembremos: trabalho documental criterioso em nome da propagação de determinado ideal nacional.

Subjacente a este argumento estava uma teoria do conhecimento muito influenciada por Ranke que regularia a prática da pesquisa. Comumente relacionada à proposição de mostrar os acontecimentos “tal qual efetivamente ocorreram”, que hoje sabemos ser bastante reducionista ao que de fato propunha Ranke<sup>210</sup> (e, por conseguinte, o que propunham os metódicos franceses), Langlois e Seignobos propunham que o tratamento das fontes mereceria a grande atenção do pesquisador. A relação entre o sujeito (o historiador) e o objeto (a documentação) era a pedra filosofal da prática historiográfica.

Nesse sentido, o trabalho se dividiria em 3 passos primordiais. O primeiro passo era o esforço de inventariar as fontes, a heurística. Entre outros aspectos, propunha-se a conservação dos documentos, sua classificação em fundos de arquivos e a preservação em depósitos a fim de protegê-los do grande perigo de sua perda, fosse pelo esquecimento ou pela destruição material. Tal esforço, levado a cabo por antiquários ao longo do século

---

<sup>208</sup> Posteriormente a sua carreira seria ainda mais alavancada: suplente de Fustel de Coulanges na Sorbonne, depois diretor de estudos na mesma universidade (a vaga seria ocupada por Monod), indicado à cátedra na Academia Francesa, editor da *Revue de Paris* e, depois da virada do século, diretor da ENS. *Ibidem*, pp 354-355.

<sup>209</sup> Guy Bourdê; Hervé Martin, *op.cit.*, 1983, p. 102.

<sup>210</sup> Destaque para o clássico texto de Sérgio Buarque de Holanda, “O atual e inatual em Leopold von Ranke” (in *Ranke*. São Paulo: Ática, 1979, pp.7-62), no qual o historiador brasileiro destaca que o historicismo alemão não fecha espaço ao historiador. Nos próprios escritos de Ranke o protestantismo e o prussianismo são bastante evidentes, o que seria um contrassenso em pensar na pura reprodução dos documentos. Ora, a própria escolha de que documentos seriam organizados em arquivos e publicações é, por si só, uma escolha e uma forma de o historiador mostrar-se para além de qualquer esforço de isenção.

XVIII<sup>211</sup>, era naquele momento praticado por especialistas, estabelecidos nos *Archives Nationales*, na *Bibliothèque Nationale* e em arquivos municipais, e cuja origem da função está diretamente associada ao projeto de nacionalização do passado iniciado com a Revolução Francesa, justamente quando da criação desses arquivos e museus. O projeto que a Terceira República herdou da Revolução era bastante claro: oferecer à França um passado que lhe garantisse um futuro, e um grande programa de coleta documental seria o caminho para atingir tal finalidade<sup>212</sup>. Buscava-se definir a arte nacional, sua literatura, sua cultura e, evidentemente, sua história. Não foram poucas as leis instituídas entre 1870 e 1940 que buscavam a preservação do patrimônio histórico francês<sup>213</sup>. Nesse sentido, os autores declaravam que todo o processo vivido naquele momento favorecia bastante o desenvolvimento da história que queriam escrever<sup>214</sup>.

Realizado o inventário, partia-se para a etapa seguinte, a de submeter o documento a operações analíticas. Primeiro a crítica externa, sob a forma do sistema de fichas. Atestar a veracidade do documento, confirmar a data e o lugar onde foi produzido, a sua finalidade, o seu espaço em um conjunto documental mais amplo, enfim, classificar a fonte com a maior exatidão possível dentro de um arquivo. São essas informações que permitirão ao leitor atestar a veracidade das afirmações do historiador. Passa-se daí para a crítica interna, que consiste em completar as fichas com o resumo do conteúdo essencial do documento. Esse procedimento, cunhado como hermenêutica, pressupõe uma intervenção ativa do historiador, no sentido de promover um estudo linguístico a fim de determinar com apuro o valor das palavras e conceitos utilizados, bem como interrogar-se sobre as intencionalidades de quem produziu o documento.

Não seria essa busca pelas entrelinhas uma amostra de que os metódicos eram mais do que meros reprodutores de fontes? Para um historiador “se apagar”, como defendiam Langlois e Seignobos, ele deveria se fazer muito presente, no sentido de buscar no documento algo que ele não diz num primeiro momento. Isso quer dizer que o apego

---

<sup>211</sup> Ver Arnaldo Momigliano. *As Raízes Clássicas da historiografia moderna*. São Paulo: EDUSC, 2004. Ver também François Furet. *O nascimento da história*. Lisboa: Gradiva, s/d.

<sup>212</sup> Ver Pierre Nora. “L’explosion du patrimoine”. In: *Present, nation, mémoire*. Paris: Gallimard, 2001, p. 104. Vale mencionar que ao longo de todo o século XIX houve esforços de patrimonialização do passado. Por exemplo: Guizot, enquanto ministro de instrução pública, foi autor de algumas projetos de preservação de documentos e criação de arquivos durante o império.

<sup>213</sup> Temos como exemplos as leis de 1882, que promoviam a organização administrativa das responsabilidades estatais sobre os museus, e a lei de 31 dezembro 1913, que propunha a classificação dos monumentos históricos. Fonte: <http://www.vie-publique.fr/politiques-publiques/politique-patrimoine/chronologie/> (acesso em 12 de dezembro de 2015, às 15:06hs).

<sup>214</sup> Guy Bourdê; Hervé Martin, *op.cit.*, 1983, p. 104.

à narrativa dos fatos apartado de filosofias e refinamentos literários românticos não diminuiriam necessariamente o papel subjetivo do profissional da ciência histórica.

Chegamos à última etapa, a das operações sintéticas. Uma vez organizados os documentos, importa compará-los a outros a fim de estabelecer um fato particular. Dados os fatos, cabe então inseri-los num quadro explicativo mais geral. Importante: não gerais a ponto de estabelecer um sentido para a história, tal como o marxismo, mas apenas conectá-lo a um contexto político, econômico, social, cultural, religioso de maior monta. Esse quadro estabelecido com os documentos existentes permite preencher a lacuna daqueles ausentes. Por fim, a seleção dos fatos que iriam compor a narrativa. Mais uma vez, deparamo-nos com uma escolha consciente por parte do historiador e que torna o projeto dos metódicos mais subjetivo do que se afigura em seus prefácios: ao selecionar o fato “que importa” para a história, esta torna-se a *sua* história, particular, apesar de idealmente isenta.

A iniciativa de Ernest Lavisse com seus manuais de história também acompanha muito bem o ritmo sugerido por Monod. Sua *Histoire de France* e o *Petit Lavisse* foram (e talvez a aplicação do tempo verbal no pretérito seja um pouco inconsistente<sup>215</sup>) relevantes na formação de muitos franceses. O autor, cuja celebridade precedeu essas publicações, esteve intimamente ligado a círculos imperiais antes da derrota de 1870<sup>216</sup>, e após a derrota passou pelo já citado período de estudos na Alemanha. O retorno fora muito proveitoso profissionalmente, e os cargos que assumiu<sup>217</sup>, somados a uma capacidade oratória bastante referenciada em salões e universidades francesas<sup>218</sup>, eram mostra de que a República também era bastante simpática à sua figura. Apesar de seguir trocando cartas com o príncipe imperial, Lavisse adaptara-se rapidamente à nova realidade política da nação.

Toda essa generosidade seria, de certa forma, retribuída através dos manuais escolares. A ampliação do mercado aparecia quase como mais um presente ao renomado historiador, uma vez que, em 1882, o então ministro da educação Jules Ferry instituiu as leis escolares, que tornaram o ensino primário obrigatório e gratuito. Dois anos depois, lançava o *Petit Lavisse*, para crianças de 7 a 12 anos, a fim de inspirar o patriotismo nos

---

<sup>215</sup> Apesar de não contarmos com números de vendas, facilmente podemos defender que se trata de um *best-seller* e um projeto bem-sucedido até hoje. Durante o meu recente período de doutorado-sanduíche em Paris, deparei-me com edições bastante recentes das duas obras (*Petit Lavisse* publicado em edição de bolso, e *Histoire de France* em 2013) vendidas em grandes livrarias e com certo destaque.

<sup>216</sup> Com 26 anos atuou como chefe de gabinete do Ministério da Instrução Pública.

<sup>217</sup> Ver nota 17.

<sup>218</sup> *Ibidem*, p. 106.

jovens concidadãos<sup>219</sup>. Nesse caminho de instrução das novas gerações, buscaria incitar o amor à República<sup>220</sup> e apartar o clericalismo que poderia ameaçar as instituições francesas.

Nesse esforço de moldar um nacionalismo para o porvir, os manuais traçavam a história da França de uma forma que justificasse os passos da nação àquela altura. Sua história remontaria à época galo-romana, e Vercingétorix aparecia como o primeiro herói nacional<sup>221</sup>. Todo o percurso francês evidenciava a história de uma nação destinada ao protagonismo mundial. A Revolução, pilar das democracias de então, era prova crassa da tese. No contexto contemporâneo, a colonização era plenamente legítima, uma vez que se tratava de educar para o republicanismo<sup>222</sup>. E tal nação, coberta de passado tão glorioso, deveria fazer no presente jus à herança histórica. Urgia, portanto, preparar a inevitável vingança contra o inimigo hereditário, a Alemanha, que havia pouco subtraído inestimável parte do território sagrado.

Assim também se organizava o discurso de outra ambiciosa coleção da qual Lavissee esteve à frente, concebida em 1890 e publicada a partir de 1900 (ao todo, foram 9 tomos lançados até o ano de 1922), *L'Histoire de France de l'époque gallo-romaine à la Révolution*. A proposta era de promover uma ampla reconstituição do passado nacional – iniciado na Antiguidade, cabe reforçar. Nas obras, optou-se por uma periodização por reinados, destacando feitos de homens ilustres e aspectos políticos, militares e diplomáticos. Economia e cultura seriam relegados a segundo plano<sup>223</sup>.

Na década de 1920, *L'Histoire de France Contemporaine depuis la Révolution jusqu'à la paix de 1919* era publicada a fim de completar a coleção anterior, fechando o marco temporal com textos sobre a contemporaneidade até o então recente fim da Grande Guerra. A organização seria confiada por Lavissee a Seignobos pouco antes de sua morte, ainda em 1922. A coleção parecia, de certa forma, rebelar-se um pouco contra a precaução feita por Monod na *Revue Historique*, quando ressaltava os perigos de temas contemporâneos à prática da isenção do historiador. Em 1876, a mensagem era clara:

---

<sup>219</sup> Intimamente envolvido com a política republicana, Lavissee foi também um dos redatores da Lei Poincaré (1886), que propõe uma grande reestruturação do ensino superior no país.

<sup>220</sup> Não tanto por ser um republicano, como vimos, mas porque a democracia seria o caminho necessário para “armar a França”. *Ibidem*, p.106.

<sup>221</sup> [https://fr.wikisource.org/wiki/Page:Ernest\\_Lavissee\\_-\\_Histoire\\_de\\_France\\_cours\\_%C3%A9I%C3%A9mentaire,\\_Armand\\_Colin,\\_1913.djvu/13](https://fr.wikisource.org/wiki/Page:Ernest_Lavissee_-_Histoire_de_France_cours_%C3%A9I%C3%A9mentaire,_Armand_Colin,_1913.djvu/13) acesso em 23 nov. 2015, às 15:00.

<sup>222</sup> *Ibidem*, p. 112.

<sup>223</sup> *Ibidem*, p. 113.

Deixamos a nossos colaboradores a liberdade e a responsabilidade de suas opiniões pessoais, pedindo apenas que evitem as controvérsias contemporâneas, e que tratem de seus objetos com o rigor do método e a imparcialidade que exige a ciência<sup>224</sup>.

Se o contemporâneo não era censurado, ele pelo menos seria evitado. O que permitia a abordagem proposta por Lavissee era o cenário mais amplo: o desafio de aplicar ao tempo recente o método científico da história viria provar, uma vez mais, a importância das instituições republicanas, bem como o protagonismo do francês no cenário mundial.

Ainda que essas corridas páginas deixem de lado considerações centrais sobre a historiografia francesa nesse final do longo século XIX, as que estão aqui presentes são suficientes para mostrar, entre outras coisas, como o apego ferrenho aos fatos que defendiam em nada repreendia a valorização de projetos políticos ao longo dos textos de Monod, Langlois, Seignobos e Lavissee.

Importante também destacar que esses historiadores possuíam uma clara noção de que estavam *empreendendo um projeto de bases bem estabelecidas*. Monod escrevia: “estamos ainda em um período de preparação, de elaboração de materiais que servirão mais tarde para construir edifícios históricos mais vastos<sup>225</sup>. Nota-se igualmente uma clara consonância entre o argumento dos autores e a sua prática historiográfica.

Também os seus posicionamentos no cenário político e acadêmico praticamente monopolizaram o fazer historiográfico francês. Ligação com ministério de instrução pública, cargos de chefia em universidades, veiculação em larga escala de suas publicações, tudo isso conjurou uma rede de conhecimento de sólidas bases durante muitos anos.

A rubrica científica que buscavam imprimir em seus ofícios legitimava os discursos e cobria, como já dissemos, um uso evidente da narrativa histórica para um viés político, ao buscar explicar o presente como o caminho correto para um virtuoso futuro. O apego nacionalista buscava convencer os leitores da validade do argumento de uma nação “imortal”, originária de tempos quase imemoriais e cujo horizonte, embora indefinido, seria certamente dotado de glórias das quais somente a França poderia ser

---

<sup>224</sup> Do original: “Aussi, tout en laissant à nos collaborateurs la liberté et la responsabilité de leurs opinions personnelles, leurs demanderons-nous d’éviter les controverses contemporaines, de traiter les sujets dont ils s’occuperont avec la rigueur de méthode et l’absence de parti pris qu’exige la science”. Gabriel Monod, *op.cit.*, 1876, p.1.

<sup>225</sup> Do original: “nous sommes donc encore dans une période de préparation, d’élaboration des matériaux qui serviront plus tard à construire des édifices historiques plus vastes”. Gabriel Monod, *op.cit.*, 1883, p. 37.

protagonista. Era o discurso mais conveniente a uma república que caminhava de maneira torta, buscando estabilidade em um cenário pós-Dreyfus bastante fragmentado. O mito da união nacional haveria de prevalecer, e a história poderia ser um de seus instrumentos mais poderosos.

Por tudo isso, não há constrangimento em falar dos metódicos enquanto uma *escola*, tal como intitulamos esta fração de tese. Se neste tópico as ideias dos autores foram trabalhadas em conjunto, complementando-se ao longo da narrativa, foi justamente na tentativa de dar corpo ao argumento de que se tratava, de fato, de um *projeto* bem delineado e seguido a par e passo pelos seus executores. O prefácio da *Revue Historique* a todo momento reforça a ideia de que a investigação científica empreendida então era apenas o início de um longo processo<sup>226</sup>. Ainda que possa haver diferenças sutis entre eles, prevalece o argumento da defesa do método que garantiria a cientificidade da disciplina. A história, definitivamente, não era literatura, e menos ainda filosofia. Não era a Comte ou a Michelet a quem eles se referiam, mas a Ranke.

### 2.1.2 As armas

Foi esse o grupo que Marc Bloch e Lucien Febvre ficariam consagrados por combater. De fato, a postura crítica em relação a essa forma de escrever a história aproximou bastante os dois historiadores. Notemos, no entanto, que os caminhos dessa renovação historiográfica passariam justamente pelo posicionamento gradativo em espaços antes dominados pelos metódicos. Cargos em universidades, ligações ministeriais e uma publicação fundadora movimentaram tanto o grupo surgido na década de 1870 quanto o de 1930. Resta mapearmos o sucesso relativo da iniciativa dos membros da nova geração que se apresentava após a Grande Guerra.

Antes, cabe ainda lembrar que a contestação ao modelo metódico precede a fundação da revista *Annales d'histoire économique et sociale*, e que a publicação não foi uma “criação espontânea”, surgida de lugar algum. A via proposta naquele momento, então, era a de estabelecer as bases que permitiriam à dupla de historiadores levar a cabo o empreendimento historiográfico que se consagraria como uma das mais relevantes do século, extrapolando inclusive os limites nacionais.

---

<sup>226</sup> Ver Gabriel Monod. *Op.cit.*, 1876, pp. 35, 37, 38.



Pode-se dizer que o fim do “longo século XIX”<sup>227</sup> foi palco desse espírito de crítica ao culto da objetividade a custo do relaxamento em relação a procedimentos que seriam específicos ao conhecimento histórico, e que se consagrariam como uma das marcas da publicação organizada por Bloch e Febvre. Nesse quadro, a história praticada pela escola metódica era acusada de partir por sendas cada vez mais distantes do caráter científico, a partir do momento em que se debruçaria excessivamente no particular, abrindo mão do geral<sup>228</sup>. Ou seja, era criticada no âmago daquilo que mais abraçava como causa. O dito monopólio, desde que estabelecido, começava então a ser alvo de questionamento.

#### 2.1.2.1 Durkheim e a comparação

A reação a isso veio em diversas frentes. Na França, nota-se na virada do século uma relativa autonomização do conhecimento histórico em relação à Alemanha, muito embalada pelo sucesso das reflexões sociológicas de Durkheim<sup>229</sup>. Aos inconformados com a maneira pela qual a história era veiculada, a simpatia ao modelo sociológico era plenamente justificada: uma vez que a cientificidade da disciplina parecesse ameaçada pela vinculação à particularidade – que parecia impedir o desenvolvimento de regras que organizassem o conhecimento – e ao nacionalismo – que limava o pressuposto tão almejado da cientificidade –, agarrar-se a uma ciência social de *status* inquestionável parecia um bom caminho. A aliança da história com as ciências sociais, segundo seus defensores, seria porto seguro para o correto desenvolvimento da objetividade e o enquadramento efetivo da história no campo das ciências do espírito, nas quais a ação humana era vista como dotada de sentido.

Para a sociologia durkheimiana, este sentido era subjacente aos *atos sociais*, encarados como coisas que existem fora do indivíduo e o impelem a agir. Se a escolha dos metódicos foi pela busca do particular, em que a relação de causalidade fosse o fio condutor da pesquisa em si, temos na sociologia incipiente a ideia de que existem elementos que “extrapolam” o ser humano e exercem sobre ele influência quase

---

<sup>227</sup> Termo consagrado por Eric Hobsbawm, ao defender permanências da dinâmica histórica e, com isso, ressaltar a ruptura da mesma com a Grande Guerra.

<sup>228</sup> Ver. Christian Delacroix, François Dosse, Patrick Garcia (orgs.). *As correntes históricas na França: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p.124.

<sup>229</sup> *Ibidem*, p. 126.

inescapável, mesmo que sejam frutos de sua criação. Religião, moeda, leis, a consciência pública, enfim, toda uma gama de fenômenos que influenciam diretamente modos de pensar e agir. Durkheim acreditava que mesmo os sentimentos mais íntimos tinham sua origem na vida em sociedade; existiriam inclusive fora das consciências individuais<sup>230</sup>.

Estabelecia uma diferenciação que viria a ser central para a sociologia – e, consequentemente, para a história escrita a partir dali: o objeto de estudos de sua disciplina residiria naquilo que fosse *social*. Fenômenos de ordem orgânica eram o campo das ciências naturais, e aquilo que ainda escapasse ao coletivo, da ordem da *psique*, poderia encontrar o seu espaço em outro terreno (e a psicanálise desenvolveu-se como ciência a partir dos trabalhos de Freud, que foram garantindo consolidação ao longo do início do século XX)<sup>231</sup>.

Durkheim abraça a dupla faceta do conceito na seguinte afirmação:

É fato social toda maneira de agir, fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou, ainda, que é geral ao conjunto de uma sociedade dada e, ao mesmo tempo, possui existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter<sup>232</sup>.

Entende-se, desse modo, que representações coletivas tomam formas individuais ao se difundir, bem como que modos de agir e maneiras de ser representam o ser social. É uma espécie de via de mão dupla, algo como um sistema de retroalimentação entre as duas extremidades à primeira vista irreconciliáveis da vida humana. A ação que parece me destacar enquanto indivíduo é justamente aquilo que reforça o meu espaço social, o conjunto de regras que me molda e que me leva a agir: “o comportamento que existe exteriormente às consciências individuais só se generaliza impondo-se a estas”<sup>233</sup>.

Temos então um primeiro argumento entre tantos que favoreceram a iniciativa de Marc Bloch e Lucien Febvre. Mesmo que os dois encarem de forma diferente o peso das ciências sociais para a escrita da história, Durkheim indubitavelmente foi um nome

---

<sup>230</sup> “Estamos, pois, diante de maneiras de agir, pensar e de sentir que apresentam a propriedade marcante de existir fora das consciências individuais”. Émile Durkheim. “O que é fato social?”. In: *As Regras do Método Sociológico*. Trad. por Maria Isaura Pereira de Queiroz. 6.a ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1972, p.1-11.

<sup>231</sup> Suas palavras: fatos sociais “consistem em maneiras de agir, de pensar e de sentir exteriores ao indivíduo, dotadas de um poder de coerção em virtude do qual se lhe impõem. Por conseguinte, não poderiam se confundir com os fenômenos orgânicos, pois consistem em representações e em ações; nem com os fenômenos psíquicos, que não existem senão na consciência individual e por meio dela. Constituem, pois, uma espécie nova e é a eles que deve ser dada e reservada a qualificação de *sociais*”. *Ibidem*, p. 2.

<sup>232</sup> *Ibidem*, p. 6.

<sup>233</sup> *Ibidem*, p. 4.

de peso em suas visões da disciplina que defendiam. Em termos discursivos, seu método indutivo desvendaria os elementos forjadores da coesão social, o que se opõe àquele do investimento no particular através da valorização dos grandes feitos e homens construtores e mantenedores da nação.

Mas em que sentido uma ciência distinta da histórica serviria de inspiração para o “motim” dos *Annales*? A própria opção por buscar nela inspiração para o desenvolvimento de uma metodologia específica sustenta aquilo que é um dos carros-chefe teóricos defendidos na publicação fundada em 1929: a interdisciplinaridade. O apoio de outras ciências (“auxiliares”) para a história, como a sociologia, a economia, a antropologia e a psicologia seria o meio e o fim dos estudos do passado pelos seus profissionais proposto pelos historiadores.

Mas certamente foi Marc Bloch quem mais se impactou com o método sociológico. Um eco sutil dessa influência se dá na visão de que a história, assim como outras ciências, era uma ciência *experimental em desenvolvimento*<sup>234</sup>. Cabia ao historiador encontrar o seu laboratório. Para Bloch, a Grande Guerra parecia um dos mais eficientes<sup>235</sup>. Ainda em 1921, publicaria um artigo tratando das notícias falsas de guerra e como a sua análise guardava relação direta com aquelas do método do historiador<sup>236</sup>. A partir da experiência com elas, ele perceberia que a mentira e o erro nas fontes possuíam papel importante na compreensão da história, e até *Apologie pour l’histoire* essa problemática irá acompanhar suas reflexões. *Les Rois Taumaturgues*, como já dissemos<sup>237</sup>, também parte do pressuposto de que nas trincheiras ocorriam explosões simbólicas, que trariam à tona não lama e restos de corpos, mas sistemas de crença arraigados na mentalidade coletiva havia séculos.

A maior contribuição da obra de Durkheim para a de Bloch vem de um desdobramento desse pensamento que privilegia a experimentação intelectual, que é

---

<sup>234</sup> Atribui-se essa herança intelectual a seu professor – e, posteriormente, colega de trabalho – Christian Pfister. Medievalista e historiador alsaciano, teve uma trajetória “clássica” do acadêmico de história de sua época: foi formado pela ENS, nomeado para uma cadeira na faculdade de história de Estrasburgo em 1919 (mesmo local para onde foram nomeados Bloch e Febvre naquele momento), e eleito reitor da universidade em 1925. Além disso, colaborou com muitos artigos para a *Revue Historique*.

<sup>235</sup> Segundo Ulrich Rauff, descrever a história como um laboratório era bastante comum ao longo da década de 1920, bem como a analogia da ciência histórica em relação às ciências naturais. Marc Bloch teria ido além justamente ao considerar a guerra como espaço privilegiado para as análises acadêmicas. Ver Ulrich Rauff. *Marc Bloch: um historien au XX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Fondation Maison des sciences de l’homme, 2005.

<sup>236</sup> Marc Bloch. *Réflexions d’un historien sur les fausses nouvelles de la guerre*. Paris: Allia, 2007.

<sup>237</sup> Ver capítulo 1.

justamente a *comparação*<sup>238</sup>. Para o sociólogo, fenômenos sociais distintos podem possuir os mesmos impactos e ter funções semelhantes: “a um mesmo efeito corresponde sempre uma mesma causa”<sup>239</sup>. Cabia ao pesquisador comprovar a efetividade de tais fenômenos e observar similitudes em ambientes distintos nos quais ele está presente, bem como divergências em espaços onde ele não está<sup>240</sup>. Tratava-se, portanto, de demonstrar os resultados da pesquisa laboratorial. Cada realidade social seria um tubo de ensaio específico, e entre reações e reagentes comprovar-se-ia a força de determinado elemento – o social.

A defesa do *método comparativo* ocupou bastante espaço em livros e artigos de Bloch e acabou por consagrar-se como uma de suas contribuições mais importantes para a disciplina. Ainda que não fosse novidade para a história<sup>241</sup>, ensaiar a sua esquematização e consolidação do seu espaço na pesquisa do historiador fora uma missão executada conscientemente por ele.

Um dos marcos desse esforço foi a sua participação na Conferência de Oslo, em 1927, com a comunicação “*Por une histoire comparée des sociétés européennes*”, publicada no ano seguinte na *Revue de Synthèse historique*<sup>242</sup>. Cabe também dizer que a sua candidatura para o *Collège de France*, em 1933, tinha justamente como tema a comparação entre sociedades europeias. Caso fosse eleito, história comparada seria a nova cadeira da instituição.

No artigo mencionado, Bloch defende as possibilidades de comparar em história. A busca por similitudes e diferenças deveria ser conjugada com duas aplicações distintas: sociedades separadas no tempo e no espaço; ou sociedades vizinhas e contemporâneas que, por serem submetidas a condições semelhantes, evidenciariam uma origem em

---

<sup>238</sup> Cabe destacar que outra referência importante para Bloch, tanto em relação à comparação enquanto método científico quanto à visão de que a história possui um laboratório que reside na experiência, foi Ernest Renan. Ao longo de sua produção, não são raras as referências ao autor. Ora, “a vontade de estar juntos”, argumento-chave para a sua defesa do retorno da Alsácia e da Lorena para o território francês, não seria sentimento observável pela experiência? O nacionalismo alsaciano não seria, portanto, passível de ser medido nesse laboratório da história? Ver Ernest Renan. In: Maria Helena Rouanet (org.). *Nacionalidade em questão*, Cadernos da Pós/Letras: UERJ, 1997.

<sup>239</sup> Durkheim, *Op. cit. Op. cit.*, 1972, p. 112.

<sup>240</sup> Sobre o método comparativo nas ciências sociais, ver Sérgio Schneider e Claudia Job Schmidt. “O uso do método comparativo nas ciências sociais”. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, v.9, p. 49-87, 1998.

<sup>241</sup> O comparatismo está presente, por exemplo, em Fustel de Coulanges em *La cité Antique* e no contemporâneo de Bloch, Henri Pirenne. Ver Otto Gerhard Oexle. “Marc Bloch et la histoire comparée de l’histoire”. In: Pierre Deyon, Jean-Claude Richez, Léon Strauss (org.). *Marc Bloch: l’historien et la cité*. Estrasburgo: Presses Universitaires de Strasbourg, 1997, p. 59.

<sup>242</sup> Marc Bloch. “*Pour une histoire comparée des sociétés européennes*”. *Revue de Synthèse historique*, n.46, 1928, pp. 15-50.

comum. A influência de Durkheim é clara, por exemplo, na seguinte passagem escrita em outro artigo de sua autoria:

O que [as características semelhantes entre diferentes sociedades] atestam, não é a existência, entre os dois sistemas considerados, de estreitas relações de filiação, ou de interdependência, ou ainda a sua semelhança genérica. É, mais simplesmente, a tendência do espírito humano para reagir, em circunstâncias análogas, mais ou menos da mesma maneira<sup>243</sup>.

Não seria essa tendência de reação do espírito humano algo equivalente àquilo que Durkheim esperava de fenômenos sociais distintos, mas com a mesma função? Fato é que ao longo de sua obra, vemos claramente a aplicação dessas duas alternativas apresentadas. Em *Les Rois Taumaturgues* o problema da taumaturgia medieval seria encarado a partir da comparação entre sociedades vizinhas e contemporâneas. Apostando com mais ênfase no cotejo entre França e Inglaterra, Bloch também analisou ocorrências do milagre na Espanha, na Alemanha e nos povos celtas, para chegar à conclusão de que o fenômeno da cura régia fora uma espécie de *erro coletivo*, que revelaria uma mentalidade comum a esses povos. Já em *La Société Féodale*, dedicou a parte final da obra a mostrar que o feudalismo não foi fenômeno exclusivamente europeu e medieval, ao comparar suas características com o que ocorria no Japão<sup>244</sup>, e em destacar reminiscências daquele sistema que se julgava “morto”, além de levantar a possibilidade de que ele tenha ocorrido em outros lugares – algo que um historiador apenas não seria capaz de mapear<sup>245</sup>.

A preocupação em estabelecer as bases do método comparativo em história fez Bloch se defrontar com o problema da semântica histórica, este postado em dois caminhos. O primeiro, que aproxima bastante suas reflexões daquelas que posteriormente seriam estruturadas pela história dos conceitos<sup>246</sup>, seria o de evitar os perigos do anacronismo através do mapeamento do sentido das palavras escritas nas fontes. Os vocabulários e seus sentidos por si sós são carregados de historicidade, e essa dimensão não pode jamais ser perdida pelo especialista da disciplina. Na comparação, o trabalho se complexifica: “como adequar para o francês o *Höriq* alemão, e para o alemão o

---

<sup>243</sup> Marc Bloch. “Comparação”. In: *História e historiadores – textos reunidos por Étienne Bloch*. Lisboa: Teorema, 1998, p. 111.

<sup>244</sup> “A feudalidade não foi ‘um acontecimento que teve lugar uma só vez no mundo’. Tal como a Europa – ainda que com as inevitáveis e profundas diferenças – o Japão atravessou essa fase”. Marc Bloch. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70, 2009, p. 519.

<sup>245</sup> *Ibidem*, p. 518.

<sup>246</sup> Podemos citar como exemplo, entre tantos nome relevantes, Reinhart Koselleck.

*tenancier* francês?”<sup>247</sup>. Qual seria o sentido de “vilania” nos diversos vernáculos? Não guardariam sutilezas que dificultariam o cotejo entre as realidades?

Para dar conta dessa questão, Bloch lançava em Oslo o desafio aos colegas europeus: “O que os senhores diriam de uma reconciliação de nossas terminologias e de nossos questionários?”<sup>248</sup>. Por trás do apelo está aquela que é a maior ambição do projeto de Bloch e Febvre, e que ao mesmo tempo os distanciava e os aproximava dos metódicos: a busca pela consolidação da história como uma ciência. Afinal, forjar uma linguagem comum, construir questionários que pudessem ser aplicados universalmente são ou não as bases de qualquer método científico? A ambição seria (e aqui se afastam diametralmente dos metódicos) a construção de uma disciplina transnacional, aplicável a qualquer realidade:

Em uma palavra, deixemos, por favor, de conversar eternamente, de história nacional em história nacional, sem nos entendermos. Um diálogo de surdos em que cada qual responde evasivamente as questões do outro. Isso é um velho artifício de comédia, bom para arrancar gargalhadas a um público disposto à alegria; mas não é um exercício intelectual bem recomendado<sup>249</sup>.

A comparação serviria, ao fim, para atender a uma demanda política (mesmo que Bloch não a reivindicasse como tal): ao passo que é certo que ela mostraria aquilo que é peculiar, nacional por assim dizer, ela também daria luz a elementos comuns, possíveis somente em razão de uma certa filiação, que remete ao “mundo ocidental”, mas que pode ser lido como “Europa”. Em artigo para os *Annales* de 1931, aparece essa ideia de uma larga unidade que abraça as diferentes realidades (note-se, entretanto, que a sentença inicia com o destaque à realidade europeia):

As sociedades europeias de outrora, como as de hoje... por mais distintas que tenham sido e que são, não pertencem menos, e nunca pertenceram menos a essa uma unidade mais larga que podemos chamar, se quisermos, de mundo ocidental<sup>250</sup>.

---

<sup>247</sup> Marc Bloch. “*Pour une histoire comparée des sociétés européennes*”. In: *Mélanges Historiques*. Paris: CNRS Éditions, 2011, pp. 16-40.

<sup>248</sup> Do original: “*Mais que diriez-vous d’une réconciliation de nos terminologies et de nos questionnaires?*”. *Ibidem*, p. 40.

<sup>249</sup> Do original: “*En un mot, cessons, si vous le voulez bien, de causer éternellement, d’histoire nationale à histoire nationale, sans nous comprendre. Un dialogue entre des sourds, dont chacun répond tout de travers aux questions de l’autre, c’est un vieil artifice de comédie, bien fait pour soulever les rires d’un public prompt à la joie; mais ce n’est pas un exercice intellectuel bien recommandable*”. *Ibidem*, p. 40.

<sup>250</sup> Do original: “*les sociétés européennes de jadis comme d’aujourd’hui... pour dissemblables qu’elles aient été, et qu’elles soient, n’en appartiennent pas moins, n’en ont pas moins appartenu à une unité plus large que l’on peut appeler, si l’on veut, le monde occidental*”. Marc Bloch. “Um temperamento: Georg von Below”, *Annales d’Histoire économique et sociale*, n.3, 1932, p. 553.

O método, portanto, trabalhava ao mesmo tempo a favor de uma causa epistemológica e política. Nesse processo, importava superar a forma pela qual o conhecimento estava sendo difundido em território nacional, levando à frente um projeto que superasse os problemas do anterior e que fosse reconhecido e praticado para além dos limites nacionais.

#### 2.1.2.2 Debates acadêmicos

Bloch e Febvre tomaram a iniciativa dos *Annales* contra uma historiografia que os incomodava. Havia armas para combatê-la, na forma das ciências sociais que ganhavam cada vez mais espaço no início do século XX e forneciam material para a crítica a essa historiografia em voga. E o tablado estava montado, com um cenário endógeno à disciplina marcado por debates cada vez mais intensos sobre os seus caminhos.

Uma vez mais, a sociologia aparece como agitadora do processo. Num período em que as disciplinas estavam se estabelecendo – e, portanto, confundiam-se entre si – François Simiand, um sociólogo/economista/historiador, discípulo de Durkheim (seria, então “mais” sociólogo?), envolveu-se em grande disputa com Charles Seignobos, que já vimos ser um dos protagonistas do ofício à época, em torno dos limites e possibilidades da história. A contenda entre os dois duraria sete anos, desde a publicação do artigo de Simiand na *Revue de Synthèse Historique*, intitulado *Méthode historique et science sociale*<sup>251</sup>.

O ataque fora aberto, direto, bem ao gosto das disputas intelectuais que tomariam o cenário francês após o caso Dreyfus<sup>252</sup>. Ponto a ponto, Simiand buscava provar que aquilo que Seignobos defendia que não podia ser posto em prática em função de problemas teóricos e metodológicos cruciais. A postura belicosa se anuncia desde a primeira frase do artigo:

---

<sup>251</sup> François Simiand. “Méthode historique et science sociale”. *Revue de Synthèse Historique*, n. 16, 1903, p. 129-157.

<sup>252</sup> Michel Winock reconstrói esse cenário de forma bastante competente em seu livro *O século dos Intelectuais* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000).

Gostaria, na primeira parte dessa exposição, de estabelecer que ao querer submeter à sua crítica e a seu exemplo a constituição de uma ciência dos fatos humanos, a metodologia da história tradicional desconsiderou radicalmente as condições necessárias e suficientes, e as vias próprias e reais de toda ciência positiva, em particular, de uma ciência social positiva<sup>253</sup>.

Para Simiand, a questão não era a de desconsiderar a existência de um espírito histórico, mas de que ele nunca seria atingido pelos moldes propostos por Seignobos, sem uma organização bem estruturada, com profissionais atuando em funções específicas, e por meio de um método claro e bem aplicado<sup>254</sup>. Almejava para a história a posição de uma ciência de fenômenos sociais similar às ciências positivas já constituídas<sup>255</sup>. A fim de garantir o estatuto científico, a disciplina deveria romper em definitivo com o psicológico, incorporado na busca pelos motivos dos atores sociais. A legitimidade viria com o encontro daquilo que fosse regular, geral, nos fenômenos do passado.

Em artigo posterior (1906), estabeleceria outros caminhos metodológicos que julgava interessantes:

- Definir em termos gerais o efeito preciso proposto para explicação;
- Entre os diversos antecedentes de um fenômeno, é a causa aquela que - pode ser ligado pela relação mais geral;
- Sempre explicitar o antecedente imediato;
- Sempre visar a estabelecer proposições explicativas cuja recíproca seja verdadeira<sup>256</sup>.

Ainda formularia a sentença mais identificada com as suas reflexões. Urgia ao historiador abandonar os três ídolos da história: o do político, o do indivíduo e o da cronologia. A partir dessa renúncia, nasceria finalmente uma ciência. Ao longo do debate, sua postura revela, no entanto, uma leve sutileza: se é certo que existe um espírito histórico que deve ser bem cuidado, o seu tratamento erudito se aproxima bastante da sociologia. Nesse sentido, haveria uma certa tendência de a história “desaparecer”, ao ser abraçada pela outra disciplina<sup>257</sup>.

---

<sup>253</sup> Do original: “J’ai voulu, dans la première partie de cet exposé, établir qu’en prétendant soumettre à sa critique et à son exemple la constitution d’une science des faits humains, la méthodologie de l’histoire traditionnelle méconnaissait radicalement les conditions nécessaires et suffisantes, et les voies propres et réelles de toute science positive, en particulier, d’une science sociale positive”. François Simiand, *op.cit.*, 1903, p. 129.

<sup>254</sup> *Ibidem*, p. 130.

<sup>255</sup> Christian Delacroix, François Dosse, Patrock Garcis. *As correntes históricas na França: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: FGV, São Paulo: UNESP, 2012, p. 129

<sup>256</sup> *Ibidem*, p. 130.

<sup>257</sup> *Ibidem*, p. 131.



As réplicas de Seignobos acabaram servindo como expositoras das vigas que sustentavam a escola metódica desde o fim dos oitocentos. Ficava evidente que as duas ambições para a disciplina eram diametralmente opostas. Para ele, a história estaria condenada a jamais atingir a plenitude, uma vez que sobre si pesava o fardo da empiria<sup>258</sup>. Sem arranhar o estatuto científico, essa marca da imperfeição era justamente o que a afastava de uma filosofia. Não havia como atribuir sentido ou generalidade a algo que precisasse sempre levar em conta a experiência, encarada como concreta. E é por isso que valorizar o individual não deveria ser algo condenável. Pelo contrário, na sua visão, era essa a marca da disciplina. O desconhecido, os fenômenos psicológicos deveriam, sim, ser valorizados e compor as análises do passado.

Talvez dessa controvérsia, quem mais tenha sido beneficiado foram os membros da geração intelectual seguinte, apresentada previamente às fragilidades e aos aspectos relevantes de cada uma das visões. Marc Bloch e Lucien Febvre teriam um ponto de partida. Bastaria estabelecer o de chegada.

#### 2.1.2.3 A geografia humana

Outro *normalien* impactou diretamente os caminhos da renovação historiográfica de Bloch e Febvre. Paul Vidal de La Blache, fundador da chamada Escola Francesa de Geografia, defendia a ideia de que a pesquisa científica devia ser uma atividade ancorada no presente. Ora, não era assim também com o método regressivo que, como vimos, marcou a escrita da história de Bloch?

La Blache fora um dos fundadores dos *Annales de Géographie*, cujo nome influenciaria diretamente no batismo dos *Annales d'Histoire Sociale et Économique*. Veremos isso mais adiante. Por ora, importa investirmos no plano das ideias. Muito de suas perspectivas ecoaram na visão de Bloch de que a história é a *ciência da observação*. Para o geógrafo, era necessário promover definitivamente a intrusão do mundo real no universo pedagógico. A natureza não “está lá”, simplesmente. Sempre em interação com os grupos humanos, ela pode potencializar ou limitar o seu desenvolvimento. Porém, nessa dinâmica, as sociedades não se limitam à natureza; ela apresenta-lhes *possibilidades* que lançam aos homens o desafio de se impor sobre o território.

---

<sup>258</sup> *Ibidem*, p. 131.

Dessa perspectiva relacional, Bloch defenderia a aproximação entre realidade social e ambiente natural. Nela, acreditava encontrar soluções para importantes desafios ao historiador. A ele, portanto, os olhos do historiador serviriam para ler e observar. Por isso, costumava levar os alunos para pequenas vilas do interior francês para aulas práticas de história da economia e agricultura<sup>259</sup>. No curso “Os ensinamentos históricos de uma caminhada em um vilarejo francês”, procurava provar aos discentes que as plantas, rotações de cultura, casas, igrejas, bem como a forma e a dimensão dos campos são evidências históricas que não podem ser ignoradas pelo profissional de história. Alargava, assim a noção de fonte, ao promover a ideia de que cabe ao historiador “fazer falar” objetos do mundo visível.

Sobre essa questão, o historiador alemão Ulrich Raullf afirma que Marc Bloch propõe uma “arqueologia ótica”, ao valorizar os olhos do historiador<sup>260</sup>. Nesse sentido, temos mais uma herança da atuação na guerra para a sua historiografia: foi a partir dessa experiência que compreendeu a contribuição do uso da fotografia aérea para a escrita da história. Se observar a paisagem é capaz de revelar a história, e se a mesma é a ciência da mudança, as fotografias, analisadas em conjunto com planos parcelares (que tomaram boa parte de sua atenção ao longo de sua atividade acadêmica), cartografia e guias de viagem históricas, tornam-se ferramentas essenciais para iluminar essas alterações e, consequentemente, a intervenção humana em dado espaço. A história agrária, presente em *Les caractères originaux de l’histoire rurale française*<sup>261</sup>, apresentava, nesse sentido, um importante ensaio do método regressivo a partir do uso dessas novas fontes.

Partir das coisas visíveis era revelador de novos caminhos para a temporalidade que Bloch mais estudou. Porque o historiador da Idade Média depara-se com a potencialização de um problema comum a todos: a importância da linguística. Afinal, aquilo que não é nomeado permanece invisível nas fontes, e analisar um conceito dentro de seus limites temporais é um desafio, muitas vezes, intransponível para os medievalistas. É por isso que Bloch investiu suas reflexões sobre as técnicas agrárias. A charrua, ferramenta usada para arar os campos, mostra-se, assim, uma das ferramentas-chave aos rumos tomados pelos medievais. Responsável por um controle dos campos quase sem precedentes, ela também era para o historiador no exercício de seu ofício um

---

<sup>259</sup> Ulrich Raullf. *Marc Bloch: un historien au XX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Fondation Maison des sciences de l’homme, 2005, p. 59.

<sup>260</sup> *Ibidem*, pp. 66-71.

<sup>261</sup> Marc Bloch. *Les caractères originaux de l’histoire rurale française*. Tomo 1. Paris: Armand Colin, 1931.

“objeto-fronteira”: intermediária entre visual e escrito, terra e texto, natureza e cultura<sup>262</sup>. Ela permanece ali, registrada em textos, concreta graças a descobertas arqueológicas, ainda presente em propriedades rurais em todo o globo. Ali, dando voz a quem não escrevia – os camponeses – e evidenciando o que não era nomeado – o que hoje chamaríamos energia, cuja economia em decorrência do uso da ferramenta fora responsável por essa revolução agrícola na Idade Média. Prova de que a geografia humana teve muito a revelar à história humana que Bloch preconizou.

#### 2.1.2.4 Inspirações

Resta, finalmente, mencionar as duas publicações que serviram de inspiração para os dois historiadores. Pois se a *Annales de Géographie*, por mera decisão editorial<sup>263</sup>, trouxe o nome para a revista de história que seria lançada em 1929, foram as *Revue de Synthèse Historique* e a *Année Sociologique* que garantiram o seu espírito. O conteúdo nelas lançado e, mais do que isso, as propostas que cada uma abraçava, ecoaram de forma categórica em suas páginas.

Cada historiador pareceu adotar uma das revistas como protagonista em termos de influência. Nada surpreendente, se pensarmos na forma como Bloch e Febvre encaravam individualmente o ofício.

A Marc Bloch, sempre inspirado pelas proposições de Durkheim, *Année Sociologique*, fundada por ele em 1896<sup>264</sup>, seria a protagonista. Georges Duby comenta que a revista fora para Bloch “quase o mesmo que foram os *Annales* para a minha geração”<sup>265</sup>. Engajada no estabelecimento de um paradigma sociológico, a revista propunha, desde o prefácio à primeira edição, a organização profissional a partir de uma espécie de divisão do trabalho e da esquematização de seus métodos, uma parceria necessária com a história<sup>266</sup>.

---

<sup>262</sup> Ulrich Rauff, *Op. cit.*, 2005, p. 81.

<sup>263</sup> Trabalharemos esse aspecto mais adiante.

<sup>264</sup> Curiosamente, o nome da revista muda em 1934 para *Annales Sociologiques*, fazendo coro a essas publicações que se propõem a ser anais das respectivas disciplinas.

<sup>265</sup> Prefácio da edição de *Apologie pour l'histoire* de Bloch publicado em 1974 para a Armand Colin. Retirado de François Dosse. *A história em migalhas*. São Paulo: Ensaio; Campinas: EdUnicamp, 1992.

<sup>266</sup> Ver Émile Durkheim. “Préface”. *Année Sociologique*, n.1, 1896, pp. I-VII. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k93908s/f2.image>>, acessado em 18 jan. 2016.

Já Lucien Febvre guardou fortes relações com a *Revue de Synthèse*. Nunca deixou de reconhecer a relevância da publicação para a sua formação, como fica bem claro na ocasião do cinquentenário da *Revue* em 1952, quando fez questão de escrever um panegírico ao fundador Henri Berr nos *Annales*<sup>267</sup>. Ali, contava a admiração que tinha pela publicação e a feliz surpresa que teve ao ser convidado, aos 27 anos, para nela publicar. A parceria com Berr, iniciada naquele período, se estenderia por longo tempo. Febvre publicou recorrentemente na *Revue*<sup>268</sup>, e se tornou amigo do ídolo intelectual, também fonte de inspiração devido à organização da *Encyclopédie française*<sup>269</sup>. A partir de 1914, Berr lançaria uma coleção enciclopédica intitulada *L'Évolution de l'Humanité*.

Para os *Annales*, a *Revue de Synthèse Historique* apresentaria dois caminhos que viriam a ser ambições de seus organizadores: o *espírito colaborativo* e a *divulgação de pesquisas que fossem atuais*. A proposta, ao fim e ao cabo, seria a de criar o espaço para uma nova geração de profissionais. Lembremos que Lucien Febvre sempre teve em conta a oportunidade oferecida em suas primeiras aventuras acadêmicas. Isso, somado à reflexão de especialistas de várias áreas sobre o passado era definitivamente algo que se queria emular em 1929.

Ao longo dos anos, todo esse cenário de contribuições para a *Revue de Synthèse Historique* garantiu a experiência de que Marc Bloch e Lucien Febvre precisavam. Dali, saíram muitas alianças fundamentais para a futura organização da revista como, por exemplo, aquela com membros da geografia de Vidal de la Blanche, que compunham eles mesmos também uma “nova geração”. Consolidavam, da mesma forma, suas posições contra a “história historicizante” que os consagraria<sup>270</sup>. É certo que esse clima de contestação e debate não era exclusivo aos bastidores editoriais da revista, mas foi lá que os autores puderam explorá-la com bastante vigor.

Foi o amálgama entre essas duas propostas que desembocou na ideia dos *Annales*. O espírito colaborativo e o frescor das pesquisas da *Revue de Synthèse* acabavam por tornar a revista de Berr muito “ecumênica” ao gosto de Bloch e Febvre<sup>271</sup>, que

---

<sup>267</sup> Lucien Febvre. “De la Revue de Synthèse aux Annales [Henri Berr ou un demi-siècle de travail au service de l'Histoire]”. In: *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 7<sup>e</sup> année, N. 3, 1952. pp. 289-292. Disponível em: <[http://www.persee.fr/doc/ahess\\_0395-2649\\_1952\\_num\\_7\\_3\\_2076](http://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1952_num_7_3_2076)>, acessado em 22 nov. 2015.

<sup>268</sup> Foram cerca de 280 contribuições, entre artigos e resenhas. Marc Bloch também publicaria alguns artigos. Por intermédio de Febvre, também estabeleceu relações com Berr.

<sup>269</sup> Nicole Racine. “Lucien Febvre et la Encyclopédie française”. *Vingtième siècle*, 1998, v.57, n. 1, pp. 132-133.

<sup>270</sup> Cristian delacroix, François Dosse, Patrick Garcia, *Op. cit.*, p. 133-134.

<sup>271</sup> *Ibidem*, p. 134.

julgavam necessário delimitar com mais firmeza o campo de trabalho que a ciência histórica deveria seguir. Para isso, os preceitos defendidos na *Année Sociologique* seriam o norte. A partir dos dois modelos, então, Bloch e Febvre procurariam desenvolver a noção de uma comunidade profissional, que debateria e produziria dentro de normas bem estabelecidas. Idealizariam, assim, o campo de conhecimento da história.

## 2.2 De Straßburg a Strasbourg

Até aqui, estabeleceu-se a trilha que embalaria a entrada de Febvre e Bloch no ringue dos “combates pela história”<sup>272</sup>. Resta, finalmente, observar com que motivação ambos entraram na contenda.

Sem abandonar a metáfora do boxe, podemos dizer que Charles Bémont e Christian Pfister serviram como eficientes *sparrings*<sup>273</sup>. Em 1919, após o término da Grande Guerra, propuseram a reorganização do trabalho científico: “é o primeiro dever que a pátria nos impõe”<sup>274</sup>. No clima de juntar os pedaços de um território que recebeu boa parte dos grandes conflitos, impunha-se aos autores da *Revue Historique* uma prestação de contas aos leitores frente às dificuldades de anos tão sombrios. No editorial da primeira edição após a paz, deixariam claras as dificuldades materiais e de pesquisa entre 1914 e 1918. Lacunas documentais não puderam ser evitadas, colaborações foram escassas, tiragens foram reduzidas. Tudo isso para exaltar a regularidade mantida pela publicação no período. Era quase como uma missão de guerra. Se homens de coragem não desanimavam frente aos reveses das trincheiras, por que haveriam de fazê-los os homens de letras em relação aos arames farpados que os afastavam dos arquivos e prensas, tão necessários às suas reflexões? A missão científica não só estava em pé de igualdade em termos de urgência, como viria a dar cabedal à afirmação de legitimidade dos combates:

Apesar de tudo, mantivemo-nos sempre fiéis ao lema escolhido pelo fundador da *Revue Historique*<sup>275</sup>: não dizer nada além da verdade, não ter medo de dizer toda a verdade. Nós sempre fizemos o nosso melhor para expandir e gerir a nossa informação para avaliar de forma justa as intenções e ações de nossos

---

<sup>272</sup> Título de livro de Lucien Febvre.

<sup>273</sup> Pugilistas que ajudam no treinamento de outros lutadores.

<sup>274</sup> Charles Bémont, Christian Pfister. “À nos lecteurs”. *Revue Historique*, 44, 1919, pp. 1. Disponível em <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k182250/f5.image.r=>>>, acessado em 28 dez. 2015.

<sup>275</sup> Gabriel Monod falecera em 1912.

inimigos. Se, mais de uma vez, desbotamos a política tortuosa do governo alemão, foi devido às mentiras que ele forjou para enganar o mundo e seu povo em primeiro lugar, e aos crimes que, seguindo ordens, suas tropas cometeram por terra, mar e ar. Não cedemos à força irracional do preconceito, mas às evidências de fatos comprovados<sup>276</sup>.

Afastar-se das paixões, portanto, só comprovaria a maior delas àquela altura. A ciência histórica dava o aval à necessidade de enfrentar a Alemanha. E na esteira desse movimento universalista da ciência – “em nome da verdade” –, com a particularidade das rivalidades entre os países, a cidade de Estrasburgo aparecia como local estratégico. Região fronteiriça, motivo de todas as disputas recentes entre os dois países, era nela que seriam decididos os resultados finais dessa contenda intelectual. Aos autores, parecia que pesava mais aos alemães o dever de abraçar de uma vez por todas o espírito de colaboração que a história demandava. Enquanto isso, os franceses deveriam manter os olhos abertos, e os membros da *Revue Historique* procuravam se mostrar dispostos a auxiliar nesse fim. Citemos o final do editorial daquela edição, em trecho tão longo quanto necessário para a compreensão dos caminhos que o capítulo irá seguir a partir de agora:

Eles [os franceses] terão que monitorar com perseverança as tendências e obras de uma Alemanha que se transforma, não sabemos em direção a qual destino, melhor ou pior. **A Universidade de Estrasburgo, reorganizada, será o posto de observação mais adequado a este fim**, e se necessário o ponto de resistência melhor armado para combater o antigo ou o novo germanismo. Um papel ainda mais nobre lhe é reservado: ela pode e ela deve, **se os alemães se mostrarem dignos**, servir como elo entre dois povos que duas grandes guerras, em meio século, separaram cruelmente; entre duas civilizações que, ao lugar de se completarem, se opõem como se fossem eternamente irreconciliáveis. A esses dois povos, ela servirá antes de mais nada para que melhor se compreendam. Conhecemos mal a Alemanha talvez por conhecermos muito bem alguns de seus aspectos; a Alemanha, por outro lado, esteve bastante enganada sobre quanto valia e podia a França. Uma psicologia mais penetrante, um estudo mais desinteressado, mais científico do passado auxiliará nessa reaproximação que colocará um freio no instinto guerreiro e tornará possível uma liga pacífica entre nações verdadeiramente civilizadas. Esse é o ideal que deve prevalecer **na Universidade, agora francesa e humana, de Estrasburgo**. De sua – pequena – parte, a *Revue Historique* deseja colaborar com esta grande obra. Destarte, um de seus diretores, de origem alsaciana e professor na Sorbonne, solicitou a honra de ensinar história na Universidade alsaciana. Estrasburgo e Paris tornaram-se por assim dizer os dois polos de nossa atividade intelectual, com duas faces voltadas: uma para o germanismo; o outro, para a latinidade. A *Revue* fundada por Gabriel Monod continuará a

---

<sup>276</sup> Do original: “*Malgré tout, nous sommes toujours restés fidèles à la devise choisie par le fondateur de la Revue Historique: ne rien dire que de vrai, ne pas craindre de dire tout et la vérité. Nous avons toujours fait notre possible pour étendre et contrôler nos informations, pour apprécier équitablement les desseins et les actions de nos ennemis. Si, plus d’une fois, nous avons flétri la politique tortueuse du gouvernement allemand, les mensonges qu’il a forgés pour tromper le monde entier et son peuple tout d’abord, les crimes que ses soldats ont, par ordre, commis sur terre, sur mer et dans l’air, ce n’est pas à la force irréflectie des préjugés que nous avons cédé, mais à l’évidence des faits mieux avérés*”. Ibidem, pp. 2-3.

tradição de seu passado, agora trabalhando em condições menos precárias para construir o futuro.<sup>277</sup> (grifos meus)

A paranoia em relação à Alemanha deve-se muito ao fato de o país ter se tornado uma incógnita para os vizinhos. A depender dos passos seguintes, ele seria um grande aliado ou voltaria a ser uma ameaça. Era evidente que acordos de paz – especialmente os que seriam assinados após a Grande Guerra – não seriam suficientes para superar o clima de desconfiança de quase quatro décadas de hostilidades. Aos diretores da *Revue Historique*, o conhecimento mútuo era o que havia faltado no passado, e no presente o que seria uma saída para pôr fim aos mal-entendidos e promover a aliança entre as nações civilizadas. Trata-se, no entanto, de um falso *mea culpa*, pois embora se defenda que um olhar mais atento para o outro lado pudesse ter evitado grandes conflitos – se a história ensina, faltou querer aprender com ela ao observar o território limítrofe –, não deixa de reforçar a noção de que foi a Alemanha a nação agressora e, portanto, principal responsável por todos os problemas entre os países.

Sobre isso, nota-se a importância conferida à Universidade de Estrasburgo. Encarada como um dos pilares para a efetiva retomada da região pelos franceses, a atuação de seus profissionais deveria ser exemplar, a fim de restabelecer os laços alsacianos com a França. O processo foi o mesmo promovido pelos alemães após assimilarem o território em razão da vitória na guerra franco-prussiana. Aqui, interessa notar o nível de engajamento encarnado pelos diretores visando ajudar a pátria mãe. Faziam questão de marcar que um representante da *Revue Historique* estaria presente nesse momento tão importante. Segundo o discurso, Christian Pfister seria o voluntário

---

<sup>277</sup> Do original: “Ils auront à surveiller avec une attention persévérante les tendances et les oeuvres d’une Allemagne qui se transforme, on ne sait vers quelle destinée, meilleure ou pire. L’Université de Strasbourg réorganisée par la France sera le poste d’observation le mieux approprié à cette fin, au besoin le point de résistance le mieux armé pour combattre le germanisme ancien ou nouveau. Un rôle plus noble encore lui est réservé: elle peut et elle doit, se les Allemands s’en montrent dignes, servir de trait d’union entre deux peuples que deux grandes guerres en un demi-siècle ont cruellement séparés, entre deux civilisations qui, au lieu de se compléter, s’opposaient comme si elles étaient à jamais irréconciliables. A ces deux peuples, elle apprendra tout d’abord à se mieux comprendre. Nous connaissons mal l’Allemagne, peut-être parce que nous en connaissons trop bien certains aspects; l’Allemagne, d’autre part, s’est lourdement trompée sur ce que valait, voulait et pouvait la France. Une psychologie plus pénétrante, une étude plus désintéressée, plus scientifique du passé aideront à ce rapprochement qui seul mettra un frein à l’instinct guerrier et rendra possible une ligue pacifique des nations vraiment civilisées. Tel est l’idéal que doit tendre à réaliser l’Université, à la fois française et humaine, de Strasbourg. De son côté et pour sa faible part, la *Revue Historique* veut collaborer à cette grande oeuvre. Déjà l’un de ses directeurs, Alsacien d’origine et professeur em Sorbonne, a sollicité l’honneur d’enseigner l’histoire à l’Université alsacienne. De Strasbourg comme de Paris, devenus pour ainsi dire les deux pôles de notre activité intellectuelle, avec deux faces tournées: l’une vers le germanisme, l’autre vers la latinité, la *Revue* fondée par Gabriel Monod continuera la tradition de son passé en travaillant dans les conditions moins précaires à édifier l’avenir.”. *Ibidem*, pp. 3-4 (grifos meus).

para essa missão. Um dos primeiros professores convidados a assumir uma cadeira de história na nova Universidade de Estrasburgo, ele seria nomeado o seu reitor em 1921.

Do trecho citado, porém, o que mais nos importa é a sua sentença final. A tradição que reclamam a manutenção foi aquela que os *Annales* tentariam quebrar anos mais tarde. Haveria ainda espaço para a escrita da história com caráter cívico e nacional? Se a guerra foi um divisor de águas em todo o contexto europeu, para a historiografia ela também agiu assim, de certa maneira. Onde os metódicos viram a necessidade de reafirmar suas bases e espaços de atuação, Febvre e Bloch encontraram as brechas para a sua iniciativa. Na mesma Universidade de Estrasburgo, os dois se conheceram e deram início ao projeto da revista. A instituição, portanto, funcionaria ao longo da década de 1920 como uma espécie de microcosmo da historiografia francesa, entre continuidades e renovações.

Um primeiro movimento nesse sentido partiu de Lucien Febvre. Já em sua aula inaugural na Universidade, responde de certa forma a essa postura dos metódicos. “*L’histoire dans le monde en ruines*”<sup>278</sup> possui o mesmo objetivo de promover um balanço historiográfico e uma projeção para o futuro que o editorial de Pfister e Bémont. No entanto, posta-se ao lado do periódico adversário e menos expressivo<sup>279</sup>, a *Revue de Synthèse Historique* de Berr.

Esta foi a aula/texto que consagrou uma de suas sentenças mais famosas: “a história que presta serviço é uma história serva”<sup>280</sup>. O apelo era pela liberdade da história das amarras nacionalistas:

Professores da Universidade Francesa de Estrasburgo, não somos os missionários civis de um evangelho nacional, por mais belo, mais grandioso e mais bem-intencionado que ele possa parecer. [...] Não trazemos a verdade cativa em nossas bagagens. Nós a buscamos, Nós a buscaremos até o nosso último dia. Ensinares a procura-la depois de nós, com a mesma angústia sagrada, aqueles que vierem a frequentar a nossa escola. Vesti-la à moda de um país, ao gosto de uma época, ao sabor de nossas paixões?<sup>281</sup>

<sup>278</sup> Posteriormente publicado na *Revue de Synthèse Historique*. Lucien Febvre. “L’Histoire dans le monde en ruines”. *Revue de Synthèse Historique*, t.30, 1920, p. 1-15. Disponível em: <[https://fr.wikisource.org/wiki/L%E2%80%99Histoire\\_dans\\_le\\_monde\\_en\\_ruines#](https://fr.wikisource.org/wiki/L%E2%80%99Histoire_dans_le_monde_en_ruines#)>, acessado em 12 jan. 2016.

<sup>279</sup> A publicação entrara em hiato em 1914 (e mesmo antes da eclosão do conflito mundial já contaria com certa irregularidade no cronograma de publicação), só retornando em 1919.

<sup>280</sup> “*L’histoire qui sert, c’est une histoire servie*”. *Ibidem*, p. 2.

<sup>281</sup> Do original: “*Professeurs de l’Université Française de Strasbourg, nous ne sommes point les missionnaires débottés d’un Évangile national officiel, si beau, si grand, si bien intentionné qu’il puisse paraître. [...] La vérité, nous ne l’amenons point, captive, dans nos bagages. Nous la cherchons. Nous la chercherons jusqu’à notre dernier jour. Nous dresserons à la chercher après nous, avec la même inquiétude sacrée, ceux qui viendront se mettre à notre école. L’habiller à la mode d’un pays, au goût d’une époque, au gré de nos passions?*”. *Ibidem*, p. 2-3 (tradução retirada de Delacroix. *Op.cit.*, 2012, p. 138).



Para Febvre, era a cientificidade transcendental, e não a nação. O verdadeiro espírito científico, acreditava, haveria de vencer e possibilitaria um amplo desenvolvimento dos estudos históricos. Ao longo de seu discurso, lança oposições que podem ser lidas como um ensaio para o que seria defendido quase uma década depois, com a fundação do periódico com Marc Bloch. Oposições essas que, no entanto, também muito se assemelham ainda ao momento “pré-*Annales*” de crítica aos metódicos. Até ali, dizia, os homens tinham para a história o horizonte ao alcance, “mas apenas escavavam o chão aos seus pés”<sup>282</sup>. Opunha uma história tradicional à síntese histórica<sup>283</sup>, declarando com isso uma continuidade do *métier* com o contexto anterior à guerra.

Ao tom cientificista subjazia a questão da responsabilidade do historiador para com a disciplina. Evitando o particular e na busca por leis que regessem a dinâmica histórica, o profissional atingiria a tão almejada isenção. A história, enfim, era para ele – naquele momento – a ciência do desenvolvimento dos homens, estes condicionados pelo seu agrupamento em sociedade. Nesse ponto, aproximava-se bastante do que Simiand defendia na primeira década do século. O que diferia os dois era que Febvre fazia questão de reforçar que esses elementos são o que a disciplina apresenta de ideal, porém, algo quase inalcançável. Daí a necessidade de ação constante por parte do historiador-cientista, sempre em busca dessas leis gerais. Se os *Annales* apostaram no econômico e no social, essa demanda soa como um significativo ponto de partida.

Sua reflexão, marcada no discurso, apoiava-se sobretudo em questões relativas à prática do historiador, muito mais do que à teoria<sup>284</sup>. Era um lembrete de todo o percurso e rigor metodológico que garantiria a grandeza da pesquisa, mas que parecia deixada de lado havia algum tempo.

Todo esse peso conferido à cientificidade recaía sobre o próprio Febvre. Está presente no texto a noção, bastante comum à época, de julgar a Grande Guerra como uma “falha de previsão” intelectual<sup>285</sup>, bem como um sentimento de crise do conhecimento. Com os horrores do conflito, as seguranças intelectuais pareceram fugir aos olhos dos eruditos. E a partir das discussões sobre a relatividade, proveniente das contribuições de

---

<sup>282</sup> *Ibidem*, p. 4.

<sup>283</sup> Ver Bertrand Müller. “Lucien Febvre et Henri Berr: de la synthèse à l’histoire-problème”. In: Agnès Biard (org.). *Henri Berr et la culture du XXe siècle*. Paris: Albin Michel, 1997, pp. 39-59.

<sup>284</sup> *Ibidem*, p. 46.

<sup>285</sup> Delacroix, Dosse, Garcia, *op.cit.*, 2012, p. 140.

Einstein, sua ausência seria ainda mais sentida. A atmosfera de falência e incerteza das ciências criava o momento ideal para uma reorganização.

A admiração de Febvre por Berr já foi diversas vezes mencionada neste capítulo. Resta apenas mencionar que o discurso servia não apenas como uma declaração de apoio ao empreendimento por uma síntese histórica, mas era quase um apelo para que o colega não abandonasse o posto de voz dissonante após tantos reveses. Isso fica bastante evidente nas epístolas que trocaram à época<sup>286</sup>. Febvre confiava muito no potencial da *Revue de Synthèse Historique* em ser o baluarte de uma renovação historiográfica.

Inúmeras vezes, sugeriu um tratamento mais cuidadoso para as questões do ofício: “acredito cada vez mais que nenhuma tarefa se impõe mais imperiosamente do que aquela de organizar o trabalho. Eu lhe suplico: não desista dessa tarefa na revista”<sup>287</sup>. Para ele, urgia estabelecer os meios pelos quais a história deveria ser escrita. A sugestão para lidar com o fardo é, no mínimo, curiosa, se pensarmos nove anos à frente. Febvre acreditava que a *Revue de Synthèse Historique* deveria seguir os moldes de organização do conhecimento e especialização... da *Année Sociologique*, que havia cessado suas atividades em 1909, já após um hiato de dois anos<sup>288</sup>. Justamente a interação que movimentaria os *Annales*.

Berr responderia ao apelo em editorial de 1920, mas a *Revue* nunca chegou a assumir esse papel de protagonista que almejava. Para Lucien Febvre, muito disso se devia ao próprio Berr, a quem faltaria maior firmeza e proatividade. Ao longo dos anos, foi desenvolvendo a noção de que tinha que assumir a responsabilidade, se quisesse ver a disciplina fluindo como deveria.

No fim de 1921, junto a Marc Bloch, endereçava ao prestigiado Henri Pirenne, historiador belga, medievalista, de quem ambos seriam grandes parceiros<sup>289</sup>, um pedido para que os dois dirigissem uma nova revista internacional de história, concentrada no econômico e social. A ambição era a de substituir a revista de história econômica alemã *Vierteljahrschrift für Sozial-und Wirtschaftsgeschichte*, que servia como um fórum de

---

<sup>286</sup> Bertrand Müller..*Op. cit.*, 1997, p.45.

<sup>287</sup> Carta de 5 de abril de 1919, de Lucien Febvre a Henri Berr. Do original: “*Je crois de plus en plus que nulle tâche ne s'impose plus impérieusement que celle d'organiser le travail Je vous en prie, n'abandonnes pas cette tâche-là dans la revue*”. *Ibidem*, p. 46.

<sup>288</sup> A revista seria publicada novamente em 1923 e 1924. Novamente um *gap* e o retorno, sob o nome *Annales sociologiques* (já mencionado em outra nota) entre 1934 e 1942. A partir desse ano, retomou o nome original, até a presente data (fontes: Gallica.fr e www.cairn.info. O site gallica disponibiliza os números até 1924, enquanto o Cairn os demais).

<sup>289</sup> Pirenne foi o único historiador estrangeiro a publicar de forma recorrente nos *Annales*. Além disso, atuava como um consultor dos rumos da revista.

debates internacionais<sup>290</sup>. Apesar das negociações chegarem a um esboço de primeira edição a ser lançada no ano de 1923, o projeto não foi adiante neste primeiro momento. Porém, foi o passo fundamental para o surgimento dos *Annales*. Bloch e Febvre adquiriram contatos que seriam os primeiros colaboradores da revista<sup>291</sup>, e esboçaram ali as matrizes intelectuais que consagrariam o projeto futuro.

Febvre manteve-se esperançoso no projeto de Berr até mesmo depois da fundação dos *Annales*. Não é difícil perceber que, dividido, encontrava dificuldades em conciliar as colaborações que os dois periódicos exigiam. Tentava separar tematicamente cada um dos projetos, a fim de que não entrassem em conflito. Sugeria, por exemplo, trabalhar na revista que dirigia temas ligados à geografia, enquanto a história das ideias seria assunto para a outra. Ele conseguiu levar essa situação até 1934 (ano em que entrou para o *Collège de France*), quando finalmente rompeu intelectualmente com Berr<sup>292</sup>. Ainda assim, a amizade entre os dois sempre foi declarada, e o malsucedido propalador da síntese histórica foi recorrentemente homenageado nos *Annales*<sup>293</sup>. Apesar dos resultados terem sido distintos, a dívida intelectual sempre fora reconhecida.

Marc Bloch, além de publicar algumas resenhas e artigos na *Revue de Synthèse Historique* desde 1920, também manteve relações profissionais com Henri Berr mais intensas, muito pelo intermédio de Lucien Febvre que, inclusive, recomendava efusivamente que ele colaborasse na organização de pelo menos dois volumes da revista:

Acredito já ter comentado sobre a estima intelectual que tenho por ele. Seu último livro sobre os reis taumaturgos é verdadeiramente um livro de primeira linha, de um talento e uma amplitude tal que, no mundo dos medievalistas, não conheço ninguém que tenha (de longe!) essa envergadura<sup>294</sup>.

---

<sup>290</sup> *Ibidem*, p. 48.

<sup>291</sup> Ver tópico “*Annales*, ano 1”.

<sup>292</sup> Chegou mesmo a demonstrar irritação pessoal com a figura de Berr. Em carta a Bloch datada de 8 de julho de 1934, comentava: “Encontrei com Berr em casa ontem à noite. Ele me irrita, me enerva, cada vez mais obtuso, limitado, incompreensível – e uma espécie de messianismo presunçoso brilha em seus olhos, e o impede de observar a realidade”. Do original: “*Vu Berr à la Maison hier. Soir. Il m’agace, il m’insupporte, il devient de plus en plus borné, limite, incomprehensif – et une sorte de messianisme béat lui dans ses yeux, qui l’empêche de rien voir des réalités*”. Marc Bloch, Lucien Febvre, *op.cit.*, 1997, p. 116.

<sup>293</sup> Lucien Febvre. “Da la revue de Synthèse aux Annales. Henri Berr ou un demi-siècle de travail au service de l’histoire”. In *Annales – économies, sociétés, civilisations*, 1952, vol7, n.3, pp. 289-292.

<sup>294</sup> A carta não é datada, mas certamente fora escrita no ano de 1924, não apenas por conta da publicação de *Les Rois Thaumaturges*, mas pelo cotejo entre a indicação e correspondências trocadas entre Bloch e Berr em agosto daquele ano. Do original: “*Je vous ai dit, je crois, en quelle estime intellectuelle je le tiens. Son dernier livre, sur les Rois thaumaturges, est véritablement un livre de tout premier ordre, d’un talent et d’une ampleur telles que, dans le monde de médiévistes, je ne connais personne qui soit (de bien loin!) de cette envergure*”. Marc Bloch. *Écrire La Société Féodale. Lettres à Henri Berr, 1924-1943*. Paris: Institut Mémoires de l’édition contemporaine, 1992, p. 18.

Berr aceitaria a indicação, e ambos trabalhariam juntos nas edições da revista, apesar de algumas diferenças entre os temperamentos e visões editoriais terem sido superadas com alguma dificuldade. Marc Bloch propunha divisões temáticas e cronológicas que não o agradavam. O número de volumes era outro ponto de discussão. O dossiê, que se chamaria “O desenvolvimento econômico: vida rural, vida urbana”, poderia contar com um, dois, ou até três volumes. Chegar a um consenso era processo tortuoso, especialmente para dois indivíduos que até então tiveram pouco contato entre si. “Colaboradores são indivíduos bem desagradáveis, não é?”<sup>295</sup>, escrevia Bloch a Berr, como um pedido de desculpas pela constante discordância entre eles.

Eles trabalhariam juntos, no entanto, em outras ocasiões. *La société féodale*, inclusive, fora publicada na coleção *L'Évolution Humaine*, dirigida por Berr (os dois volumes que compõem a obra de Bloch são os tomos 34 e 34bis da antologia). O contrato pelos direitos da obra, inclusive, era assinado e tinha como beneficiário Henri Berr<sup>296</sup>. Apenas mais tarde a situação jurídica dos direitos da obra seria regularizada.

Até o fim, a relação entre os dois parece ter sido a de um respeito mútuo, porém sem grandes laços de amizade. Nas cartas, sempre se referiu ao outro como “*Cher Monsieur*”, a saudação inicial que era a regra à época – não o tratava a partir de referenciais que denotassem maior intimidade. Apenas em uma epístola escrita em 11 de fevereiro de 1943, Bloch parece transcender brevemente essa relação profissional<sup>297</sup> e demonstra um pouco mais de afetividade. Na aparente despedida<sup>298</sup>, carta escrita em razão do aniversário de 80 anos<sup>299</sup> do colega, escrevia:

Gostaria de estar aí para dizer-lhe o que tantos de nós sentimos e que eu sinto, acredito, com uma força particular: tudo o que devemos, como historiadores que buscam praticar a verdadeira história, à sua ampla visão, à sua perspicácia, à sua audácia; tudo aquilo que devo, pessoalmente, à sua amizade [...]. Sua ação foi tão frutífera porque sempre foi, antes de tudo, cordial e generosamente humana. Mas não estou aí. Culpa do destino. Meus pensamentos, ao menos,

---

<sup>295</sup> Carta de Bloch a Berr, 12 de agosto de 1924. Do original: “*Les collaborateurs sont des individus bien désagréables, n’est-il pas vrai?*”. *Ibidem*, p. 37.

<sup>296</sup> 10% pelos 5.000 primeiros exemplares; 11% dos 5.000 aos 10.000; finalmente, 12% a partir dos 10.000. Bronislaw Geremek. “*Préface*”. In: *Ibidem*, p. 23.

<sup>297</sup> Vale destacar que Bloch confessou ao interlocutor estar escrevendo *Apologie puor l’histoire* em carta de 1943, como veremos no próximo capítulo. Este é mais um indício da confiança intelectual depositada em Berr, ainda que não houvesse uma amizade propriamente dita.

<sup>298</sup> É a última carta de Bloch a Berr que se tem registro.

<sup>299</sup> Que, de fato, ocorrera em 31 de janeiro daquele ano. Lucien Febvre havia feito uma festa surpresa ao amigo no início de fevereiro, em que Bloch não pudera estar presente em razão dos eventos da guerra (a esta altura, ele já havia entrado na clandestinidade).

estão contigo, com uma respeitosa simpatia ao belo exemplo de coragem<sup>300</sup> que você nos deu nesses trágicos dias<sup>301</sup>.

Mais do que amizade, ficava o registro da admiração pela coragem na luta pela história e pela transposição dela na própria vida em tempos de guerra. Bloch reconhecia, ao menos naquele momento, um “irmão de armas e penas”<sup>302</sup>. Como acabamos de mencionar em relação a Febvre, a dívida intelectual nunca deixou de ser reconhecida.

Para além da contribuição com Berr, Marc Bloch teve uma produção bastante profícua ao longo da década de 1920. Fixado em Estrasburgo na cadeira de História Medieval (e vizinho de Febvre, ocupante da cadeira de História Moderna), defendeu sua tese *Rois et Serfs*<sup>303</sup> (aliás, muito bem recebida<sup>304</sup>) e publicou *Les Rois Thaumaturgues*, entre outros artigos e resenhas em revistas da área. Gradualmente, ia fazendo o seu nome ser notado em meios acadêmicos. A cidade alsaciana traria ares relativamente agradáveis às suas aspirações.

E se vimos que a guerra finda em 1918 o ajudara no ofício de historiador, foi porque a partir da experiência no campo ele promoveu um deslocar da centralidade dos textos na pesquisa para os indícios materiais, elementos corporais e físicos e práticas, construindo bases para a consolidação da *observação do presente* na ciência histórica<sup>305</sup>. O gestual do campesinato nas trincheiras era similar ao daqueles desesperados pela cura

---

<sup>300</sup> Bloch refere-se à recusa de Berr em usar a estrela amarela para poder circular nas ruas de Paris, bem como na sua insistência em seguir publicando livros e artigos com o seu nome original, enfrentando o estatuto dos judeus – sobre o qual nos debruçaremos no próximo capítulo.

<sup>301</sup> Do original: “*J’aurais voulu pouvoir être là, afin de vous dire ce que tant d’entre nous sentent et que je sens, je crois, avec une force particulière: tout ce que nous devons, comme historiens qui cherchent à faire de la vraie histoire, à votre largeur de vues, à votre pénétration, à vos audaces; tout ce que je dois, personnellement, à votre amitié; – aussi bien comment séparer? votre action n’a été si féconde que parce qu’elle a été, avant tout, cordialement et généreusement humaine. Mais je n’étais pas là. C’est la faute du destin. Ma pensée, du moins, va vers vous, avec une respectueuse amitié vers le bel exemple de courage que vous nous avez donné en ces jours tragiques*”. *Ibidem*, p. 113.

<sup>302</sup> O termo “irmãos de armas” foi explicado no capítulo 01.

<sup>303</sup> Marc Bloch. *Rois et Serfs*. Paris: Champion, 1920.

<sup>304</sup> Ver, por exemplo, a resenha de Henri Sée, nos *Annales de Bretagne* (ano 1921, vol 35, n.2, pp 316-319) e a de Ganshof François-Louis na *Revue belge de philologie et histoire* (ano 1922, vol. 1, n.4, pp 758-763). O tratamento das fontes, a erudição e a abordagem inovadora são destacadas em ambas as críticas. As resenhas estão disponíveis, respectivamente, em <[http://www.persee.fr/doc/rbph\\_0035-0818\\_1922\\_num\\_1\\_4\\_6206\\_t1\\_0758\\_0000\\_3](http://www.persee.fr/doc/rbph_0035-0818_1922_num_1_4_6206_t1_0758_0000_3)> e <[http://www.persee.fr/doc/abpo\\_0003-391x\\_1921\\_num\\_35\\_2\\_4267\\_t1\\_0316\\_0000\\_3](http://www.persee.fr/doc/abpo_0003-391x_1921_num_35_2_4267_t1_0316_0000_3)>, acessados em 19 jan. 2016.

<sup>305</sup> O impacto da guerra para a visão que Lucien Febvre tinha do ofício do historiador deixou menos vestígios. Primeiro, porque ele não produziu (ao menos, não conservou) um diário como Bloch. Tampouco referiu-se a ela em artigos acadêmicos. Sabe-se, no entanto, que ele também foi profundamente marcado pelo evento. Bertrand Müller comenta que ele tinha o sentimento de ter escapado com vida pura e simplesmente por conta da sorte, quase um milagre. Assim como Bloch, ele poderia ser oficialmente desligado das obrigações militares, mas optou por não o fazer. Só não vestiu o uniforme na Segunda Guerra por conta da idade. Ver *Op. cit.*, 1997, p. 43.

real no medievo, visto em representações como pinturas e afrescos. A divulgação de notícias falsas entre bombas e metralhadoras e o seu impacto no cotidiano de guerra mostravam a atenção que se deveria dar ao erro histórico, proposital ou não nas fontes<sup>306</sup>. A psicologia social e as representações coletivas como caminhos de análise histórica tomavam o seu espírito e aumentavam a sua certeza de que a disciplina precisava seguir novos caminhos.

Contribuía para isso o momento vivido por ela. O processo de profissionalização, iniciado no século XIX, colhia frutos maduros. A história ganhava em autonomia, ao instaurar em 1921 licenciatura própria, por exemplo. Finalmente, historiadores formavam e recrutavam novos profissionais. É claro que a passos curtos. Lembremos, por exemplo, que Bloch e Febvre ocupavam cadeiras na faculdade de letras de Estrasburgo. Mas era um movimento inexorável de emancipação. Historiadores criavam e ocupavam seus espaços, enquanto também assumiam a direção de algumas instituições importantes<sup>307</sup>.

A atmosfera favorável, no entanto, encontraria suas barreiras. O período entreguerras ficou marcado por uma forte contração do mercado acadêmico, com uma acentuada diminuição de concursos e contratações universitárias. A falta de postos aticava rivalidades e reforçava atitudes conservadoras. O corpo de historiadores estabelecido após a Grande Guerra envelheceria estável e só na década de 1930 se aposentaria e abriria espaço para uma nova geração<sup>308</sup>. Nesse sentido, os parceiros deram sorte de serem nomeados para uma universidade distante de Paris, mas ainda assim central, pelos motivos políticos aqui já salientados. O infortúnio, entretanto, estava em outra esfera: a produção editorial histórica fora bastante reduzida. Nada bom para quem almejava criar uma nova revista com novas ideias.

É nesse sentido que se insere o ativismo de Marc Bloch em nome de uma renovação no ensino de história, outro elemento que faria a sua notoriedade nos anos seguintes<sup>309</sup>. Em 1921, denunciava no *Bulletin de la Société des Professeurs d'Histoire*

---

<sup>306</sup> Marc Bloch, *Op. cit.*, 2007.

<sup>307</sup> A título de exemplo, além do próprio Christian Pfister, já mencionado aqui como reitor da Universidade de Estrasburgo a partir de 1921, instituições como *Académie des Inscriptions et Belles Lettres*, *Comité des Travaux Historiques et Scientifiques*, *Comité Français des Sciences Humaine* contavam com historiadores como diretores. Ver Christian Delacroix, *Op. cit.*, p. 142.

<sup>308</sup> *Ibidem*, p. 142.

<sup>309</sup> Em 1937, no número 44 dos *Annales*, Bloch e Febvre denunciariam o despotismo dos concursos para a *agrégation*. O problema da educação sempre foi importante para a dupla. Ver Marc Bloch, « *Sur les programmes d'histoire dans l'enseignement secondaire* », BSPHG, janvier 1921, pp. 15-17; « *Pour le renouveau de l'enseignement historique* », *Annales d'histoire économique et sociale*, 1937, pp. 113-129.

*et Géographie*<sup>310</sup> a supressão, ocorrida desde 1902, dos estudos sobre Idade Média e a ausência total de temas relativos à Ásia, à África e a outros países europeus dos programas de ensino secundário. O argumento a favor dos estudos medievais carrega a máxima que talvez seja a que mais repetiu ao longo de sua carreira, e que seria desenvolvida mais tarde a partir da noção de história-problema:

A história é, sobretudo, a **explicação do presente pelo passado**. Ao suprimir, pelo menos no segundo ciclo, o estudo da Idade Média; ao encurtar em excesso o estudo dos séculos XVI e XVII, os programas de 1902 tendem a apresentar a Europa contemporânea como uma criação *ex nihilo* que em nada se conecta com aquilo que a precede. Isto é, nada explica<sup>311</sup>. (grifos meus)

Desde seus primeiros passos, portanto, buscava estabelecer essa relação direta entre as esferas temporais. Já vimos que suas reflexões sobre o passado estavam diretamente relacionadas ao presente; e ele acreditava que esse movimento deveria ser o de toda a disciplina. Uma história que trabalhasse o tempo como algo estanque seria, no limite, a-histórica.

Isso fica ainda mais claro quando Bloch comenta sobre a necessidade do estudo de sociedades extra-europeias. Argumentava que seria um ganho fundamental para a preparação dos alunos para a vida política. Conhecer a diversidade humana era uma lição imprescindível. Aqui, outra máxima de sua reflexão teórica vem à tona: a história é a ciência da *mudança*.

Ao nosso lado, na Ásia, África, na própria Europa, vivem outros grandes agrupamentos humanos de tipos bem diferentes. A tais sociedades, ninguém prepara nosso aluno a compreender e nem mesmo (e isso é ainda mais grave) a percebê-las diferentes de nós. Porque o ensino histórico que ele recebe, ainda mais o de épocas que lhes são próximas, nada fizeram para dar-lhe o senso do diferente e, ousar dizer, do exotismo histórico. Esse senso bem próprio à história poderia ser entregue a ele, sob a condição de exibirmos diante de seus olhos um espetáculo bastante variável. *A história é essencialmente o conhecimento de uma mudança*; essa é uma das razões de seu valor pedagógico. A compreensão das diferenças no tempo – mais imediatamente sensíveis para nós, pois concernem a povos que nos rodeiam de perto – serve para conduzir os espíritos à percepção das diferenças no espaço. Descrever as civilizações antigas ou medievais é abrir os olhos da criança à variedade do mundo<sup>312</sup>.

<sup>310</sup> Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5514004c/f1.image.r=marc%20bloch>, acesso em 22 out. 2015. Inserção de Bloch entre páginas 15 e 17.

<sup>311</sup> Do original: “*L’histoire, c’est avant tout l’explication du présent par le passé. En supprimant du moins dans le second cycle, l’étude du Moyen Age, en écourtant à l’excès celle du seizième et du dixseptième siècle, les programmes de 1902 tendent à présenter l’Europe contemporaine comme une création “ex nihilo” que rien ne rattache à ce qui l’a précédée, c’est-à-dire que rien n’explique*”. Ibidem, p. 16 (grifos meus).

<sup>312</sup> Do original: “*A côté de nous, en Asie, en Afrique, en Europe même, vivente d’autres grands groupes humaines, de types bien différents. Ces sociétés-là, rien n’a préparé notre élève à les comprendre, ni même (ce qui est plus grave encore) à les sentir dissemblables de nous. Car l’enseignement historique qu’il a*

Percebe-se, então, o engajamento da dupla em função dos rumos da história desde que se conheceram em Estrasburgo. Se a situação não era favorável a novos empreendimentos acadêmicos no início da década de 1920, a ideia de mudança e a parceria entre os dois ia se firmando ao longo dos anos, até que conseguissem reunir, em 1928, as condições para trazer à luz o projeto mais ambicioso de suas trajetórias como historiadores.

Projeto, vale repetir, que não pode ser enxergado como uma “escola”, tal qual os metódicos. Ao menos não no momento de Bloch e Febvre. Como veremos, se havia essa ambição de trazer à tona uma nova forma de escrever a história, nos primeiros anos em que codirigiram os *Annales* o objetivo era outro: consolidar a revista incipiente. Em termos comparativos, estavam longe do monopólio da história como o *lobby* Monod, Langlois, Seignobos e Lavis. Nenhum dos dois, até a metade da década de 1930, estava postado no topo daquilo que seria o auge da carreira de um historiador – mesmo que não sejam tão “marginais” como alguns esforços de memória levam a crer –, e por isso não ditavam o ritmo da produção e do ensino de história. Contra a *escola* metódica, então, viria o *movimento* dos *Annales*.

É por isso que julgamos que o melhor caminho para a análise seja o de tentar observar a publicação como ela foi planejada pelos dois. Muito mais um olhar para a frente do que para trás. A ambição maior era *fazer a revista dar certo*. A partir daí, sim, fixar as barras da cientificidade da disciplina, e abolir um mal-uso da mesma tal qual promoviam os seus antecessores. Nesse sentido, também perde um pouco de impacto a associação dos *Annales* a uma espécie de revolução francesa da historiografia<sup>313</sup>, como dissemos no início deste capítulo. Além dos tortuosos caminhos percorridos para a renovação historiográfica que poriam em curso, Bloch e Febvre não tinham uma relação tão “jacobina” com o passado. Vimos que nunca deixaram de reforçar as dívidas intelectuais com historiadores que tiveram propostas reformadoras anteriores às deles.

---

*reçu, pourtant surtout des époques rapprochés de lui, n'a rien fait pour lui donner le sens du différent et, si j'ose dire, de l'exotisme historique. Ce sens pourtant c'est de l'histoire seule qu'il pourrait le tenir, à condition que l'on déroulat devant ses yeux un spectacle assez varié. L'histoire est essentiellement la connaissance d'un changement; c'est une des raisons de sa valeur pédagogique. L'intelligence des différences dans le temps – plus immédiatement sensibles pour nous parce qu'elles concernent des peuples qui nous touchent de près – doit amener les esprits à percevoir les différences dans l'espace. Décrire les civilisations antiques ou médiévales, c'est ouvrir les yeux de l'enfant à la variété du monde”. Ibidem, p. 17.*

<sup>313</sup> Peter Burke, *Op. cit.*, 2000.



Em tempo: o orientador da tese de Lucien Febvre foi Gabriel Monod, e o de Marc Bloch, Charles Seignobos.

Marc Bloch foi mais além: não é raro encontrar citações suas em que trata com admiração o nome de Monod ao longo de toda a sua trajetória pessoal. Sua última obra de história possui um duplo título. O mais consagrado, “*Apologia da história, ou, o ofício do historiador*”, já demonstra que se trata de um livro ainda em curso de redação. Outro título possível, encontrado em rascunhos e escolhido por algumas editoras ao longo do tempo, era “*Introdução aos estudos históricos*”, o mesmo adotado por Langlois e Seignobos quase meio século antes. A escolha denota um diálogo direto, uma ambição de substituição, talvez, do manual anterior. Mas a referência não deixa de ser também uma reverência. Embora Bloch fosse sempre crítico à historiografia em curso desde o fim do século XIX até o seu presente, nunca deixou de reconhecer a grandeza de seus empreendimentos. Recomendava aos alunos sempre a leitura de Seignobos. No limite, afinal, o que movia a historiografia nesses dois momentos tão distintos era um mesmo fim, o de consolidar as bases científicas da disciplina.

### 2.3 O clima de Estrasburgo

Essa postura crítica e combativa adotada por Bloch e Febvre deveu-se muito a um tempo e a um espaço específicos. O tempo, examinamos até aqui. A atmosfera de reposicionamento das ciências comandou o período entreguerras. Em relação ao espaço, já houve a oportunidade de mencionar a importância política e simbólica da Alsácia e da Lorena para a reafirmação da nacionalidade francesa. Nesse sentido, a Universidade de Estrasburgo aparecia como um grande bastião da reconquista francesa.

Mas nos resta, ainda, dedicar algumas linhas à importância da instituição renana nessa dinâmica histórica. Se anteriormente mencionamos que ela aparecia como um espelho convexo<sup>314</sup> das batalhas historiográficas entre tradição e renovação, a partir da convivência entre Pfister com Febvre e Bloch, não se pode negligenciar o fator mais

---

<sup>314</sup> No sentido de representar em escala menor uma imagem mais ampla.

decisivo para a associação do local com a iniciativa dos dois historiadores: o “clima de Estrasburgo”<sup>315</sup>.

Como não poderia deixar de ser nessa relação entre evento e contexto, há uma relação inexorável entre a cidade e a revista. Se vimos que havia uma inquietude de espírito nos dois em relação à escrita da história, também observamos que a Universidade na qual ambos se estabeleceram receberia grande frescor com a renovação quase integral de seu corpo de funcionários e com a chegada de um novo aporte financeiro e estruturação advindos da recuperação da região pela França. Tem-se aí uma fórmula bastante favorável, que soma vontade de mudança com condições materiais.

Não foram só Bloch e Febvre que chegaram aos novos limites do país levados pelo espírito de pensar suas ciências justamente a partir de suas fronteiras. Havia toda uma atmosfera de colaboração, originalidade, autonomia e interdisciplinaridade que entusiasmava os profissionais recém-chegados. Rapidamente, professores ligados às humanidades estabeleceram importantes laços intelectuais e de amizade, que viriam a se provar bastante frutíferos a diversos campos do conhecimento na França.

Nomes como os do geógrafo Henri Baulig, o psicólogo Charles Blondel, os sociólogos Maurice Halbwachs e Gabriel Le Bras, além dos historiadores André Pignaniol, Charles-Edmon Perrin, Georges Pariset e Georges Lefebvre<sup>316</sup> juntavam-se a Bloch e Febvre entre cafés, bibliotecas, colóquios e salas de reunião e dariam corpo a uma *geração*<sup>317</sup> que substituiria aquela anterior à Grande Guerra.

Esses nomes promoveram, a partir de 1920, as “reuniões de sábado”, nas quais procuravam promover debates que ultrapassassem as barreiras da especialidade<sup>318</sup> de cada um. O que contava era a colaboração e o fluxo de ideias. Anos mais tarde, Febvre recordaria que o início de sua amizade com Marc Bloch estava diretamente relacionado ao germe desse grupo:

---

<sup>315</sup> Ver Charles-Olivier Carbonell, Georges Livet. *Au berceau des “Annales”. Le milieu strasbourgeois. L’Histoire en France au début du XX<sup>e</sup> siècle*. Toulouse: Presses de l’Institut d’études politiques de Toulouse, 1983.

<sup>316</sup> Este ingressou na Universidade mais tarde, em 1928.

<sup>317</sup> Tomamos o conceito de “geração” tal qual Jean-François Sirinelli definiu. Não como uma amarra temporal específica e fechada, mas enquanto um grupo que representa uma comunhão de pensamentos e atos que os distanciam de outro anteriormente postado. Mais do que uma “engrenagem do tempo”, trata-se da imposição de uma nova sociabilidade. Ver Jean-François Sirinelli. *Génération intellectuelle: Khâgneux et normaliens dans l’entre-deux-guerres*. Paris: Fayard, 1988.

<sup>318</sup> Febvre a Henri Pirenne (várias vezes convidado a participar das reuniões de sábado): “Aqui, em Estrasburgo, colaboramos assim, todas as semanas, professores de todas as disciplinas literárias, sem que perguntem nossas especialidades”. *Ibidem*, p. XX.

A primeira vez que nos encontramos em Estrasburgo foi, creio, em outubro de 1920, em uma dessas reuniões do corpo docente que deveriam deixar a seus participantes apenas lembranças de impulso generoso e ardor desinteressado. Nós éramos quarenta, muitos chegados à véspera, tendo acabado de largar o uniforme militar [...]. Estávamos diante uns dos outros com uma espécie de alegria espontânea que talvez nunca mais encontraremos. Nós cimentávamos [...] um belo bloco de amizade e dedicação<sup>319</sup>.

A Henri Berr, ainda naquele primeiro ano de atividades da instituição sob o controle francês, confessava:

Nós continuamos a ser a faculdade mais unida e mais ativa coletivamente que se possa ver; uma boa vontade, um desejo de colaboração unânime e jovem – muitas relações pessoais, visitas familiares e algumas vezes íntimas – de festas intelectuais.. nada é mais reconfortante que a unanimidade intelectual que se manifesta aqui. Existe um sentimento de solidariedade, de união, de troca que não podemos ter no mesmo grau em lugar algum<sup>320</sup>.

O ambiente, aberto à inovação, era também intensamente colaborativo, graças à congruência de pensamento entre os profissionais. E graças a Estrasburgo, pois tal frescor só seria possível longe da fechada Paris universitária, cujas cadeiras estavam ocupadas por professores que, no limite, representavam uma geração anterior. E o momento era propício paraa estar perto do Reno: a universidade contava com recursos financeiros excepcionais<sup>321</sup>. Iniciativas como publicações, viagens a congressos, organização de colóquios e aquilo mais que estivesse ligado ao mundo acadêmico não encontravam tantas barreiras como em outros lugares. A instituição, lembremos, teria que servir como um modelo da generosidade francesa para com seus concidadãos. Marc Bloch publicaria o seu *Les Rois Thaumaturgues* com recursos da universidade e Febvre, seu livro sobre Lutero<sup>322</sup>.

---

<sup>319</sup> Do original: “La première fois que nous nous rencontrâmes à Strasbourg, ce fut, je crois, en octobre 1920, à l’une de ses réunions de faculté du début qui devaient laisser à leurs participants de tels souvenirs d’élan généreux et d’ardeur désintéressée. Nous étions là quarante, arrivés de la veille pour la plupart, venant à peine de quitter l’uniforme [...]. Et nous allions au-devant les uns des autres, avec une sorte de spontanéité joyeuse que nous ne devons plus jamais connaître par la suite. Nous cimentions, avec des éléments d’ailleurs cohérents et choisis, un beau bloc d’amitié et de dévouement”. Marc Bloch e Lucien Febvre, *op. cit.*, 1997, p. XIX (retirado de Lucien Febvre. “Marc Bloch et Strasbourg. Souvenirs d’une grande histoire”. *Mémorial des années 1939-1945*, Strasbourg: Publications de la faculté des lettres, 1947).

<sup>320</sup> Carta de Febvre a Berr, 1920. Do original: “Nous continuons à être la faculté la plus unie, la plus active collectivement qui se puisse voir; une bonne volonté, un désir de collaboration unanime et jeune – beaucoup de relations personnelles, et fréquentations familiales et intimes à la fois – de fêtes intellectuelles... Rien n’est réconfortant comme l’unanimité intellectuelle qui se manifeste ici. On y a un sentiment de solidarité, d’union, d’échange qu’on ne saurait avoir au même degré nulle part”. *Ibidem*, p. XIX.

<sup>321</sup> Bertrand Müller, *Op. cit.*, 1997, p. XIX.

<sup>322</sup> Lucien Febvre. *Un Destin. Martin Luter*. Paris: PUF, 1928.

A positividade da atmosfera duraria até a metade da década de 1920. A partir de então, com a região mais estabelecida em território francês, os recursos começavam a escassear. Professores partiam para Paris, a ocupar cargos nas grandes universidades. Logo haveria uma mudança de clima, e o entusiasmo dava lugar a um incômodo pelo afastamento do centro. Pfister comentava em 1925 que os melhores estavam de saída, e o jeito seria mesmo resignar-se e buscar um espaço na Sorbonne<sup>323</sup>. Febvre, já em 1923, mostrava uma mudança de pensamento e mirava a cidade-luz como horizonte.

Apesar disso, a decisão de levar a cabo o projeto da nova revista de história certamente teve o peso do cenário de Estrasburgo. Os laços sociais seriam fundamentais para as colaborações que viriam. A experimentação da colaboração e da interdisciplinaridade, para a linha editorial da revista. Acompanhados pela ascensão profissional de ambos, vinha a clara noção de que concretizar o projeto era algo possível.

Alguns indícios de que o momento se tornava gradualmente mais favorável devem ser mencionados. Ao longo da década de 1920, a sociologia durkheimiana perdia relativamente o impacto que conquistara no início do século. Além disso, iniciativas importantes convergiram, e pareceram apresentar o cenário que seria aproveitado por Bloch e Febvre. Henri Berr, sempre dedicado ao esforço da síntese histórica, publicava os primeiros volumes de *L'Évolution Humaine*<sup>324</sup>. Em 1925, era fundado o *Centre Internationale de Synthèse*, no qual ambos participaram ativamente, promovendo algumas enquetes coletivas, além de publicações de outras naturezas<sup>325</sup>. Em 1929, ocorreriam importantes congressos internacionais de síntese e de história da ciência. No mesmo ano, seria anunciado o projeto de organização de uma *Encyclopédie Française* (cuja direção coube a Febvre)<sup>326</sup>.

## 2.4 *Annales*: os caminhos para a primeira edição

Após a tentativa fracassada dos dois de fundar uma revista de história em 1921, Marc Bloch tomou a iniciativa de tentar nova investida junto a editoras em 1928. Desta

---

<sup>323</sup> *Ibidem*, p. XXI.

<sup>324</sup> No qual, como já sabemos, Bloch publicaria *La Société Féodale* em um dos volumes (de duas partes).

<sup>325</sup> Bertrand Müller. “Archéologie du Centre de Recherches Historiques. Les enquetes collectives de Marc Bloch et Lucien Febvre et leur posterité”. *Les Cahiers du Centre de Recherches Historiques*, n. 36, 2005. Disponível em: <<http://ccrh.revues.org/3039#tocto1n3>>, acessado em 04 jan. 2016.

<sup>326</sup> Christian Delacroix. *Op.cit.*, 2012, pp. 148-149

vez, como sabemos, o projeto tomaria forma material. Chegamos aqui em um momento decisivo do capítulo. Pois, ao passo que muito se debate sobre a fundação da revista dos *Annales* e toda a sua relevância historiográfica, há uma certa negligência em relação às dificuldades encontradas por Bloch e Febvre para concretizar seus planos para a revista.

Talvez por conta da força de uma memória muito formatada por aquilo que a revista se tornou, seja creditado à primeira edição um propósito de renovação exagerado. Não que a revista não se apresente como um sopro de novidade aos estudos históricos. Mas ela foi capaz de cumprir à risca os objetivos dos seus diretores? Que negociações, conflitos e barreiras estariam por trás daquelas primeiras páginas que se apresentavam?

É curioso notar que, apesar de todo o peso conferido aos *Annales*, pouco se discuta sobre o seu conteúdo. É quase como se ela fosse uma entidade à parte de seus artigos. Essa percepção não foi antes o resultado da construção de uma memória acerca da revista, consolidada nas décadas seguintes à sua criação?

#### 2.4.1 Epístolas para uma nova história

Meu caro amigo, sou eu novamente! Tenho medo de que o epíteto “voraz”, adequado para caracterizar uma atividade epistolar normal, seja substituída *in petto* por você por uma outra, menos lisonjeira...<sup>327</sup>

No esforço de dar luz a este problema, o grande volume da correspondência trocada entre os fundadores da revista torna-se central. Através dela observa-se com clareza essas inconsistências, hesitações e negociações que rondaram a publicação. Ao mesmo tempo, são notados elementos que dariam corpo à memória construída sobre a dedicação de Bloch em prol de uma nova história.

Devemos levar em conta aqui algumas especificidades do gênero epistolar em termos metodológicos. Precisamos recorrer aos estudiosos que se dedicam a esse tipo de documentação a fim de buscar certa *blindagem* contra armadilhas bastante comuns na área. Porque o caminho mais atraente a ser percorrido é o de acatar o que está escrito nas cartas como se fosse uma tradução *ipsis litteris* do que seria a suposta essência do narrador, o seu espírito. Giselle Venancio nos aponta essa ressalva crucial: acreditando

---

<sup>327</sup> Febvre a Bloch, 23 de setembro de 1928. Do original: “*Mon cher ami, encore moi! J’ai peur qu’à l’épithète de “dévotante”, propre à caractériser une activité épistolaire aussi normale, vous n’em substituez in petto une autre, moins flatteuse...*”. Marc Bloch, Lucien Febvre, *op.cit.*, 1997, p. 79.

que a “verdade” de alguém estaria contida nesse tipo de documentação pessoal, cria-se efetivamente uma falsa noção de que conjuntos documentais de origem pessoal sejam “manifestação concreta e objetiva da memória individual de seus titulares”<sup>328</sup>.

Perigo assim subjaz a pesquisa de qualquer historiador, pois é recorrente, no limite, a qualquer tipo de fonte. No caso de arquivos pessoais, no entanto, torna-se mais gritante. Devemos notar que cartas, diários, arquivos pessoais e documentos análogos (que pressupõem a exposição da “intimidade” do indivíduo) são também *construções de si*<sup>329</sup>. No limite, as cartas escritas por Marc Bloch mostram um “Bloch para um Febvre”, ao passo que o caminho inverso também se aplica.

No caso das correspondências aqui tratadas, o caminho da construção de uma imagem ganha em complexidade. Porque a coleção organizada por Bertrand Müller teve um percurso que pode ter relações diretas com a imagem que seria construída sobre os dois historiadores. O historiador suíço conta que Fernand Braudel foi o primeiro a realizar o esforço de reunir as epístolas. Conseguiu reunir as cartas escritas por Marc Bloch. As de Lucien Febvre foram entregues a Müller pelo filho de Bloch, Étienne<sup>330</sup>. Vale destacar que estas cartas recebidas por Bloch haviam sido confiscadas pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial e foram parar em Moscou<sup>331</sup>. O trabalho de organização (Bloch não costumava datar as cartas), classificação e microfilmagem coube a outro historiador, Hilah Thomas. Ao fim do processo, elas foram entregues aos *Archives Nationales* e, finalmente, publicadas por Müller em três volumes. No total, foram 530 cartas, escritas entre 1928 e 1943. Dão conta, portanto, de praticamente toda a produção dos *Annales* a partir da parceria entre eles. Há, no entanto, lacunas importantes: temos acesso a uma quantidade bem maior de cartas escritas por Febvre do que por Bloch.

A perda de documentos por conta de questões materiais (cartas jogadas fora, ou desgastadas com o tempo, perdidas pela falta de armazenamento em arquivos etc.) é uma

---

<sup>328</sup> Gisele Venancio. “Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 28, 2001, p. 26.

<sup>329</sup> Vanessa Gandra Dutra Martins estabelece em um artigo muito bem esse caráter autoreferencial da escrita epistolar. Analisa também a aproximação forçada pelo estudo do gênero epistolar ao historiador. Ali, ele necessariamente deve esbarrar nos limites entre história e literatura; o esforço de construção de si pressupõe quase – ou de fato? – uma narrativa ficcional. \_\_\_\_\_. “Diálogos entre a história e a literatura: a escrita epistolar como recurso de construção do passado”. In: *Revista Vozes do Vale da UFVJM*, n. 2, ano I, 2012. Acesso em: <[http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Di%C3%A1logos-entre-hist%C3%B3ria-e-literatura-a-escrita-epistolar-como-recurso-de-constru%C3%A7%C3%A3o-do-passado\\_vanessa.pdf](http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Di%C3%A1logos-entre-hist%C3%B3ria-e-literatura-a-escrita-epistolar-como-recurso-de-constru%C3%A7%C3%A3o-do-passado_vanessa.pdf)>, acessado em 19 jan. 2015.

<sup>330</sup> Bertrand Müller. “Introduction”. In: Marc Bloch, Lucien Febvre, *Op.cit.*, 1997, p. VIII.

<sup>331</sup> Ver Étienne Bloch. *Marc Bloch: une biographie impossible*. Limoges: Culture et Patrimoine em Limousin, 1997.

realidade comum a qualquer acervo documental. Existe ainda a questão da “perda consciente”: por ser um arquivo que passou por muitas mãos, algo pode ter sido deixado de lado em nome, quem sabe, da pacificação de uma imagem ideal<sup>332</sup>. Nesse sentido, os temas das cartas também são fruto de uma seleção e organização, consciente ou não. Essa dimensão não pode ser perdida.

Ainda seguindo as sugestões de Giselle Venancio, há outro ponto importante a ser levantado. Nas correspondências pessoais temos um espaço ao mesmo tempo definidor e definido pela sociabilidade de um indivíduo<sup>333</sup>. A importância da correspondência pessoal vai além:

[...] [é] através dela que as pessoas, mesmo distantes fisicamente, podem trocar ideias e afetos, construir projetos mútuos ou discutir planos opostos, estabelecer pactos ou polêmicas e organizar ações. Esses documentos permitem, em síntese, esboçar a rede de relações sociais de seus titulares<sup>334</sup>.

O uso de cartas pessoais como fonte histórica é, portanto, extremamente plausível e, mais do que isso, relevante, especialmente quando se trata de analisar uma trajetória individual. Reveladora de relações sociais e de dados que não se encontram em outras fontes<sup>335</sup>, são incrivelmente frutíferas à pesquisa historiográfica, desde que tratadas sem a ingenuidade de acreditar estar garantindo autenticidade somente pelo seu acesso<sup>336</sup>. Temos a partir delas, no máximo, somente uma parcela da sempre dinâmica vida privada daqueles que estudamos a vida; “migalhas” de conversas que devem necessariamente passar pelo filtro contextual – a dimensão histórica, social, econômica e cultural na qual o indivíduo se insere<sup>337</sup>.

A postura do historiador em relação às epístolas tem ainda outros cuidados a serem levados em conta, diretamente relacionados a questões de produção e recepção. Para tanto, cabe contar com a contribuição de reflexões consagradas por Roger Chartier<sup>338</sup>, segundo as quais cartas estão a meio caminho entre a escrita e a oralidade:

---

<sup>332</sup> A hipótese se levanta principalmente porque na biografia de Bloch escrita por Olivier Dumoulin, que teve acesso aos originais, são citadas cartas que não compõem o acervo publicado por Müller.

<sup>333</sup> *Ibidem*, p. 32.

<sup>334</sup> *Ibidem*, p. 32.

<sup>335</sup> Gisele Venancio. “Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história”. In: Ângela de Castro Gomes (org.). *Op. cit.*, 1992, pp. 111-137.

<sup>336</sup> Cf. Christophe Prochasson. “Atenção: verdade! Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998, pp. 105-119.

<sup>337</sup> Teresa Malatian. “Cartas. Narrador, registro e arquivo”. In: Carla Bassanezi Pinsky; Tania Regina de Luca (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 195-249.

<sup>338</sup> Roger Chartier. *Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

denotam a intimidade entre os interlocutores, bem como definem os laços de sociabilidade entre eles, elementos que os unem de certa forma.

Nesse sentido, o tratamento quase sempre dispensado a Febvre, “*mon cher ami*”, é muito distinto daquele dado a Berr, “*cher monsieur*”. Gírias e maledicências, indícios de oralidade, eram permitidos porque os dois primeiros efetivamente cultivavam uma forte amizade. E brigas e decepções, da mesma forma, eram abertamente expostas.

Ainda que ao longo do texto outras reflexões sobre a produção dessas cartas venham a ser levantadas, há outro aspecto das mesmas que deve ser ressaltado neste breve preâmbulo: a própria publicação da correspondência denota um sentido. Refere-se, de fato, a um esforço de memória de um momento de extrema relevância para a historiografia francesa, a comprovação de que o esforço de Bloch e Febvre atingiu sucesso. Com a publicação, os dois entravam no *hall* de intelectuais cujas cartas comprovariam a relevância de suas trajetórias, tal qual Marx, Engels, Gramsci e tantos outros.

## 2.5 Annales, ano 1

### 2.5.1 Acordos

Observamos que os *Annales* são o tema principal das cartas. Negociações com o editor, busca por colaboradores, assinantes, discussões relativas aos artigos recebidos, enfim, todos os aspectos da produção de cada número podem ser acompanhados a partir delas. As epístolas foram adotadas como meio privilegiado para discutir assuntos da revista<sup>339</sup>.

Isso não significa que assuntos de outra ordem não sejam abordados com certa regularidade. Saúde, família, férias, viagens e – o que se tornaria uma polêmica entre os dois – candidaturas universitárias também aparecem em diversos momentos. Em contrapartida, pouco se discute sobre o ambiente político ou econômico da França. Tais assuntos ganham um pouco mais de corpo somente a partir da Segunda Guerra Mundial.

O volume das cartas também é bastante representativo no sentido de definir espacialidades. Os endereços de postagem e entrega revelam um pouco da movimentação dos dois em território francês, sempre se locomovendo entre Estrasburgo, Paris e o

---

<sup>339</sup> Bertrand Müller. *Op. cit.*, 1997, p. VI.



interior da França, em suas respectivas casas de campo. Além disso, o fluxo aumenta muito entre 1933 e 1935, reflexo da mudança de Febvre para Paris, após a nomeação para o *Collège de France*. Da mesma forma, quando Bloch torna-se professor da Sorbonne, em 1936, o volume decresce.

As cartas revelam ainda outra questão significativa para a história cultural que inspira algumas de nossas análises: a importância de dar forma material ao projeto historiográfico. Sem um periódico e sem que este ganhasse peso no cenário francês, a recepção de suas mensagens seria extremamente enfraquecida. Bloch e Febvre logo observaram que não bastava colaborar com a *Revue de Synthèse*; era necessário criar o próprio espaço, autônomo o suficiente para divulgar suas ideias. Febvre deixaria essa preocupação bem clara: “Quanto mais penso, mais concluo que precisamos intervir pessoalmente nos primeiros números, com energia e continuidade. [...] Desejamos uma revista motivada por um certo **espírito**”<sup>340</sup> (grifos meus). Controlar o projeto para que a sua recepção fosse a mais próxima possível do sentido de sua produção mostrou-se uma ambição sempre consciente da dupla<sup>341</sup>.

Apesar disso, deve-se ressaltar que discussões teórico-metodológicas são raras nas cartas. Suas grandes preocupações sempre foram mais de ordem prática. Desde as primeiras correspondências, observa-se que as questões materiais da revista predominam. Ora, a maneira pela qual a revista se apresentara seria tão determinante quanto o seu conteúdo.

E, nesse sentido, a escolha da editora exerceu papel fundamental. Se hoje a menção ao termo “*Annales*” é suficiente para identificarmos a empreitada de Bloch e Febvre, isso se deveu à escolha da Armand Colin frente à concorrência da Alcan. Esta publicava a *Année Sociologique* e a *Revue Historique*. Haveria, então, certa disputa interna, com duas revistas de história publicadas pela mesma editora. Mas a questão decisiva foi a remuneração oferecida pela Alcan aos dois historiadores, além da proposta de estruturação da revista que não os agradou.

---

<sup>340</sup> Do original: “*Plus je vais, plus je me dis qu’il faut que nous intervenions personnellement dans les premiers números, avec énergie et continuité. [...] nous voulons une revue animée d’un certain **esprit***” (grifos meus). *Ibidem*, p. 72.

<sup>341</sup> De fato, no primeiro número, além de assinarem juntos o editorial da revista, também assinaram um artigo em defesa das enquetes coletivas e a seção de novidades científicas, em parceria com outros colaboradores. Febvre assume ainda a autoria de oito resenhas, ao passo que Bloch publicaria treze resenhas e um artigo sobre o Congresso de Oslo, em que participou em 1928, e que será mencionado novamente em breve neste capítulo.

Feita a decisão, o próximo passo seria o de escolher o nome do impresso. A primeira ideia lançada por Bloch foi de batizá-lo como *L'Évolution Économique et Sociale*. Max Leclerc<sup>342</sup>, o editor, não ficou satisfeito. Julgava ser um bom título para um livro, não para um periódico. Sugeriu, então, *Annales Économiques*, pois a Colin publicava outra revista de relativo sucesso, *Annales de Géographie*. Criaria, assim, um senso de unidade entre as produções que potencialmente poderia atrair alguns assinantes. Prontamente, Bloch e Febvre reagiram. O nome não dava a ideia de que se tratava de uma revista de história. Além disso, ela não seria restrita somente a estudos econômicos. Chegaram, então, ao nome *Annales d'Histoire Économique et Sociale*. Apesar de ainda não estarem plenamente satisfeitos, decidiram por apresentar a sugestão ao editor após contarem com a benção do amigo Henri Pirenne<sup>343</sup>. Seu argumento a favor do nome se dava no seguinte sentido: deveriam convencer o editor a inserir especialmente o termo “social”, pois ele é tão vago e polissêmico que combinaria com qualquer ambição teórica que viessem a ter, além de ampliar significativamente as possibilidades de colaboração. Seria o artifício perfeito. Estava nomeada a revista.

Eram questões de mercado se impondo ao projeto desde o seu batismo, já que assim poderiam ampliar o quantitativo de leitores e colaboradores. Os *Annales de Géographie* – que, aliás, era dirigido por Albert Demangeon, que atuou como mediador entre os historiadores e o editor nas primeiras negociações por ser um entusiasta do projeto, colaborando inclusive com alguns artigos após a fundação – seriam o modelo de título e também de tipografia. A semelhança simbólica entre os projetos precisava ser evidente ao primeiro olhar do leitor.

Vencida a barreira inicial, logo se imporiam mais dificuldades. Outra que ainda esteve bem no germe das negociações foi a escolha do comitê de redação. Uma vez mais, o editor discordaria das escolhas dos dois. Leclerc não queria que o nome de Maurice Halbwachs, também professor da Universidade de Estrasburgo e grande amigo de Bloch<sup>344</sup>, figurasse na lista. Para ele, a sociologia era uma ciência incipiente e sem legitimidade e a associação dos *Annales* com ela não era bem-vinda. Após algumas reuniões, Lucien Febvre conseguiu manter o nome. O comitê, então, seria composto por

---

<sup>342</sup> Leclerc é o mesmo que viria ao Brasil, na qualidade de jornalista, cobrir a instauração da República em 1889. Da investigação sairia o livro *Lettres du Brésil*, publicado em 1890, conhecido como um dos primeiros registros sobre o Brasil republicano, dentro de uma acepção moderna. Ver Janete Silva Abrão. “O Brasil de Max Leclerc”. *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. 38, supl., p. S116-S128, nov. 2012.

<sup>343</sup> *Ibidem*, p. XXIV.

<sup>344</sup> Bloch chegou a morar algum tempo no apartamento que era de Halbwachs.

Alber Demangeon, geógrafo; Halbwachs; os historiadores Georges Espinas, Henri Hauser, André Pignaniol e Henri Pirenne; o economista Charles Rist; e André Sigfried, sociólogo ligado aos estudos do contemporâneo. Tem-se, portanto, definido o esboço daquela interdisciplinaridade que faria a fama da revista. A geografia humana de Vidal de la Blanche estava ali representada, bem como a sociologia e a economia, auxiliando na construção da história.

A mesma listagem vem representar outra questão que seria um problema aos *Annales*. De todos os nomes, apenas André Sigfried não colaborou com artigos na revista, apesar das constantes promessas. Coincidentemente, o contemporâneo e o tempo recente, a sua especialidade, seriam temas de muito valor para Bloch e a ideia que tinha da revista – e da história –, mas sobre os quais nunca conseguiram muitas contribuições. Quando organizaram a primeira edição, Bloch já sentia essa lacuna, que iria perdurar durante longo tempo: “Ciente de seu aviso concernente ao ‘contemporâneo’. Será difícil. Acabei de escrever a Baumont<sup>345</sup>. Verei o que posso fazer em Paris”<sup>346</sup>. Se a memória do legado dos *Annales* não conta com a história do tempo contemporâneo, não foi por falta de vontade e iniciativa dos seus diretores da primeira geração. Mais um indício das limitações editoriais impondo-se sobre a visão historiográfica.

Em maio de 1928, um primeiro acordo então era selado entre diretores e editora. Escolhido o título, a qualidade do papel (“bouffant blanc”<sup>347</sup>), a possibilidade de imprimir esboços para revisão (dentro de um certo limite de moderação não explicitado nas cartas), bem como o preço da assinatura da revista: anuidade de 55 francos na França, 60 e 65 fora do país<sup>348</sup>. Projetaram o lançamento para outubro ou novembro daquele ano – a primeira edição só sairia em janeiro do seguinte. A árvore organizacional da revista também se estabelecia: Max Leclerc como editor, a cuidar de questões técnicas e comerciais; Marc Bloch e Lucien Febvre como diretores; e Paul Leuilliot como secretário da revista, acumulando funções administrativas, menores do que em outras publicações porque a dupla de diretores queria manter o controle da publicação<sup>349</sup>. Por fim, o público

---

<sup>345</sup> Marc Bloch pediu a colaboração de Maurice Baumont, especialista em história da Alemanha: um artigo sobre a influência da crise econômica pós-guerra para a organização social alemã. *Ibidem*, p. 32, nota 85.

<sup>346</sup> Marc Bloch a Lucien Febvre, 4 de julho de 1928. Do original: “*Tout à fait de votre avis en ce qui regarde le ‘contemporain’. C’est sera dur. Je viens d’écrire à Baumont. Je verrai ce que je puis faire*”. *Ibidem*, p. 32.

<sup>347</sup> Papel até hoje bastante utilizado na impressão de livros. A gramatura é variável, mas a mais utilizada é de 80g/m<sup>2</sup>.

<sup>348</sup> A *Revue de Synthèse* custava 45 francos na França, 50 e 55 fora; os *Annales* saíam quatro vezes ao ano, enquanto a *Revue* era bimestral.

<sup>349</sup> Eram eles, por exemplo, que entravam em contato com autores buscando colaboração.

alvo: profissionais de história nacionais e estrangeiros, eruditos em geral e homens de negócio (especialmente banqueiros). Nota-se, portanto, uma abordagem que propunha ultrapassar os limites da especialidade na disciplina.

Faltava discutir a remuneração dos dois. Acordaram em 800 francos para cada por número lançado (mais 4 bilhetes para viajar entre Estrasburgo e Paris), após uma primeira oferta de 500. A título de comparação: os diretores dos *Annales de Géographie* recebiam 1100 francos cada<sup>350</sup>. Obviamente, os novos diretores tinham que percorrer longo caminho e justificar o investimento para alcançarem maior retorno financeiro.

## 2.5.2 O editor

Em carta escrita a 11 de maio de 1928, Febvre dizia ao amigo que havia se reunido mais uma vez com Max Leclerc. Comentava que o editor se mostrava simpático e amigável. No entanto, não demorou para perceberem que as relações com ele não seriam sempre amistosas. Na missiva seguinte, escrita apenas dois dias depois, o ambiente já havia mudado diametralmente. Leclerc estaria “mais imperador romano que nunca” e pressionava pela agilidade do trabalho dos dois: “*Imperatoria brevitats*<sup>351</sup>, *time is Money etc.*”<sup>352</sup>. Estava estabelecido o apelido preferido dos historiadores para se referirem ao superior: “O Imperador”.

Questões financeiras e o tempo necessário entre organizar e imprimir as revistas seriam constantemente alvos das discussões. Bloch e Febvre também se incomodavam com intromissões relativas a questões intelectuais. Buscavam sempre adotar artifícios que os livrassem de longos debates burocráticos. Em certa ocasião, Bloch comentava ter encontrado uma boa saída para a questão das reuniões. Marcá-las bem cedo: “Acabo de sair da casa do Imperador – um Imperador da manhã, difícil de acordar, mas em contrapartida extremamente aquiescente. Acredito, pessoalmente, que essa é a hora das assinaturas fáceis”<sup>353</sup>.

---

<sup>350</sup> *Ibidem*, p. 13.

<sup>351</sup> Expressão bastante utilizada em meios jurídicos na França. Sugere a objetividade do jurista em questões estilísticas. O editor estaria sugerindo uma abordagem mais direta dos problemas e caminhos a serem tomados pelos membros da revista.

<sup>352</sup> *Ibidem*, p. 15.

<sup>353</sup> Carta de Bloch a Febvre, 31 de outubro de 1928. Do original: “*Je sors de chez l’Empereur, – un Empereur du matin, difficile à reveiller, mais en revanche aisément acquiesçant, Je suppose que pour le personnel c’est l’heure des signatures faciles*”. *Ibidem*, p. 103.

Mas a irritação com a sua figura era patente. Na mesma carta, discutia sobre organização da primeira reunião do comitê de redação, prevista para 5 de novembro:

Quase timidamente, o Imperador me perguntou se poderia assistir ao menos o início da reunião, dar boas-vindas ao senhores... enfim... quem sabe... Naturalmente, disse a ele que a ideia era excelente, e patati patata, indicando discretamente que era bem possível que a reunião o entediase, que ele não veria nada de novo... Esteja preparado, então, para um discurso de inauguração<sup>354</sup>.

Além do desconforto com a necessidade de negociar com o editor, havia ainda essa tentativa velada de descolar a identidade da revista do seu nome. O desejo de controle do processo criativo da publicação talvez tenha sido determinante para as más relações com o editor. E, como se isso não fosse suficiente, haveria importantes discórdias de ordem financeira.

Alguns meses depois do primeiro acordo, Bloch e Febvre se sentiram ludibriados em razão de um novo acordo salarial que alteraria os seus honorários. A proposta reduziria o pagamento deles em 200 francos<sup>355</sup>. Após alguma discussão, chegariam a um acordo que consideravam justo, principalmente por garantir um bom pagamento ao secretário da revista<sup>356</sup>. Julgavam ser o momento de abrir mão de certas exigências porque, após algumas tortas contas<sup>357</sup>, chegaram à conclusão de que seria necessário operar com baixo fluxo de caixa durante um ano para que a revista apresentasse aos editores um retorno financeiro que garantisse a sua sobrevivência<sup>358</sup>.

Quando Leclerc morreu, em 1932, o novo editor tornou-se rapidamente o novo desafeto da vez. Ao fim e ao cabo, o que distanciava os historiadores do seu superior era maior do que suas personalidades. Representavam abordagens distintas em relação aos *Annales*. Para Leclerc, contava o lucro que o empreendimento poderia gerar. Ele deveria ser eficaz, atrativo e vendável. A Bloch e Febvre, pesavam muito mais as questões de

---

<sup>354</sup> Carta de Bloch a Febvre, 31 de outubro de 1928. Do original: “*Presque timidement, l'Empereur m'a demandé si je ne pensais pas qu'il pourrait assister au début au moins de la séance, accueillie ces MM... Enfin... peut-être... Je lui ai naturellement dit que cette idée était excellente, et patati patata, tout en lui indiquant discrètement que la séance tout entière l'ennuierait peut-être un peu, qu'il n'y apprendrait rien de neuf... Donc attendez-vous à un discours d'inauguration*”. *Ibidem*, p. 103.

<sup>355</sup> *Ibidem*, p. 63 e p. 68.

<sup>356</sup> 4000 francos para o secretário e 2400 para a dupla dividir entre si. Febvre cuidava exclusivamente do acordo financeiro.

<sup>357</sup> Frequentemente erravam cálculos básicos de multiplicação.

<sup>358</sup> “Acredito que devamos fazer de tudo para que o déficit não apareça rapidamente e muito forte. Isso vai nos deixar mais confortáveis para, posteriormente, solicitar melhorias”. Carta de Febvre a Bloch, 19 de setembro de 1928. Do original: “*nous devons, à mon sens, tout faire pour que le déficit n'apparaisse pas trop fort et cède vite; ceci nous rendra plus forts ultérieurement pour demander des améliorations*” *Ibidem*, p. 70.

conteúdo. Queriam bons artigos, a fim de garantir o renome da revista pelo seu caráter inovador. Nesse embate mercado *versus* erudição, a revista tomava suas formas, longe da concepção original de seus idealizadores e da sua memória posteriormente construída. A primeira edição foi a edição *possível*, não a imaginada.

### 2.5.3 Passos curtos para uma história possível

“Espero que, quando a revista for lançada, o trabalho seja mais simples. No momento, ele me parece bastante pesado”<sup>359</sup>. As cartas mostram que, apesar de as demandas do periódico terem se mantido grandes, de fato a organização da primeira edição envolveu mais questões. Embora novos problemas sempre fossem se apresentar, muito estava em jogo no primeiro número.

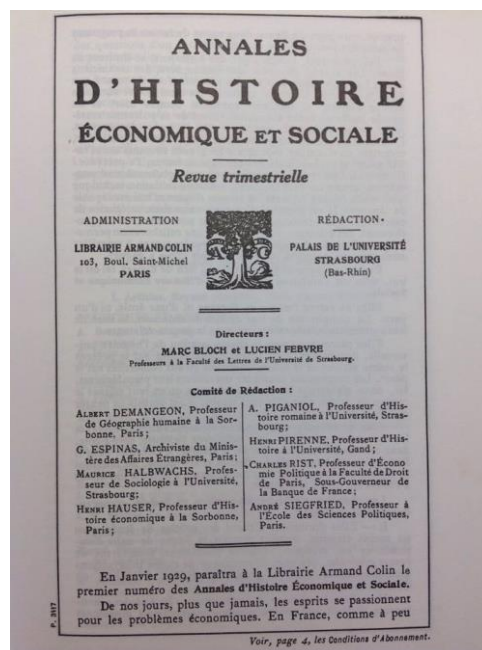
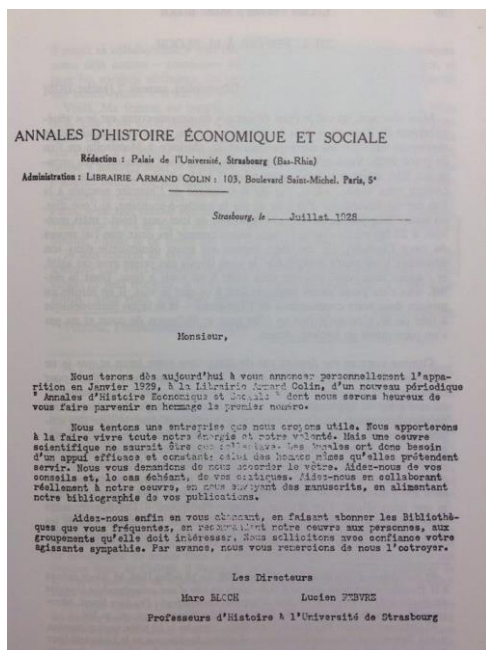
Por isso, para ela houve um certo investimento em propaganda. Muito cuidado devia ser dispensado para que o público-alvo tomasse conhecimento da entrada dos *Annales d'Histoire Économique et Sociale* no mercado. Nos meses que antecederam o lançamento, a divulgação da revista seria prioridade. Imprimiram e distribuíram circulares de lançamento<sup>360</sup>, nas quais clamavam por apoio em assinaturas, divulgação e críticas. Pouco depois, lançaram um panfleto com maiores informações sobre a estrutura da revista, a periodicidade, os colaboradores e os valores da assinatura anual ou da edição única (15 francos). Às vésperas da primeira edição, mais um panfleto foi impresso, dessa vez com os títulos dos artigos que seriam publicados nas primeiras edições, bem como os seus objetivos.

Neste, vendia-se a ideia de que a história econômica seria protagonista. “Em nossos dias, mais do que nunca, os espíritos se apaixonam pelos problemas econômicos”. No panfleto, argumentava-se que a curiosidade pelos temas relativos à economia seria satisfeita a partir de dois tipos de revista: de um lado, por aquelas escritas por historiadores; de outro, pelas escritas por economistas, técnicos e homens de negócio. Ora, a proposta da nova revista não poderia ser mais simples para ajustar essa fórmula: “estabelecer essa aproximação, unir ao invés de dividir, esse é o objetivo, essa é a ambição dos *Annales d'Histoire Économique et Sociale*”.

---

<sup>359</sup> Carta de Febvre a Bloch de 23 de setembro de 1928. Do original: “*J’espère qu’une fois la revue lancée, le travail sera plus simple. Pour l’instant, il me paraît assez lourd*”. *Ibidem*, p. 79.

<sup>360</sup> A propaganda foi distribuída sobretudo em universidades e liceus.



Figuras 1 e 2: Carta de lançamento e primeira página do panfleto de propaganda dos *Annales* (Fonte: Fonds Paul Leuilliot, *Bibliothèque municipale*, Colmar, retirado de Marc Bloch, Lucien Febvre. *Op. cit.*, 1994, p. 35, 110)

Fixavam-se as barras do espírito colaborativo, apostava-se na história econômica em nome de atender os anseios do presente: “aqui, ajudaremos os **homens de ação** oferecendo-lhes os meios de **melhor compreender o seu tempo**: acredita-se que isso já é o bastante”<sup>361</sup> (grifos meus). O conjunto de pensamentos que guiaria a prática de Marc Bloch – mais do que dos *Annales* propriamente dito – parece estar naquelas poucas linhas da propaganda da revista. De qualquer forma, deixavam clara a ambição de não separar a história da vida ordinária dos indivíduos.

Marc Bloch, durante o processo de “campanha” para a revista, participaria de um congresso na Noruega, o *Congrès de sciences historiques de Oslo*. Para ele e Febvre, essa era a oportunidade-chave para estabelecer contatos importantes com o objetivo de ampliar os horizontes nacionais da revista. Com panfletos na mala e o discurso afinado de que lançaria uma “revista nacional de espírito internacional”<sup>362</sup>, Bloch viajou. De passagem em Estocolmo, após o evento, relataria ao amigo que acreditava que a iniciativa seria bem recebida: “Como testemunham diversas cartas que recebi, encontraremos no

<sup>361</sup> *Ibidem*, p. 108. Reprodução de panfleto disponível em *Fonds Paul Leuilliot*, na Biblioteca Municipal de Colmar.

<sup>362</sup> *Ibidem*, p. 50.

estrangeiro importantes simpatias”<sup>363</sup>. Simpatias que, ao fim, não resultariam em tantas colaborações quanto fora esperado.

A questão dos artigos, aliás, era o grande desafio dos *Annales* no que se refere à visão de história que queriam divulgar. Faziam projeções bastante animadoras sobre o que seria a revista: “estou, assim como você, animado pelos títulos e temas dos artigos que nos foram generosamente prometidos por tantos ilustres colaboradores”<sup>364</sup>. Em pouco tempo, tal sentimento seria aplacado. Não é raro questionarem a qualidade dos artigos recebidos, tampouco enviarem um ao outro relatos de promessas de colaboração não cumpridas ou atrasadas. O sarcasmo com o qual tratavam Leclerc nas cartas apareceria também nos comentários sobre alguns artigos que recebiam. Bloch escrevia aborrecido com o trabalho de tradução de um artigo: “Li todo o [artigo de] Espinas e cortei diversas partes sem piedade. Quase tenho remorso de ter contribuído a solicitar aos *Annales* essa terrível peça de literatura. Não que ele seja estúpido, longe disso. Mas que língua!”<sup>365</sup>. A réplica de Febvre comenta sobre outro artigo, mas mantém o tom ácido:

Madame Bloch me enviou o manuscrito de Glotz. *Brrrou!* Senti um arrepio na espinha. Isso poderia ser engraçado, mas não é. [...] Admito que desejo que esse papiro vá ao diabo, ao invés de encabeçar nosso número 1. [...] Acusei o recebimento e (hipocrisia notória) o agradei<sup>366</sup>!

Ambos os artigos fizeram parte do primeiro número da revista. Apesar de todo o desgosto de Febvre, o artigo sobre os preços dos papiros gregos foi o que abriu a revista que tanto estimavam<sup>367</sup>. A falta de tempo, a escassez de colaborações e a necessidade de manter as relações sociais com os colaboradores constrangiam qualquer possibilidade de recusar uma colaboração àquela altura. “O verdadeiro problema está aí: precisamos de mais colaboradores”<sup>368</sup>. As pressões editoriais, mais uma vez, se impunham.

---

<sup>363</sup> Carta de Bloch a Febvre, 31 de agosto de 1928. Do original: “*Comme en témoignent par ailleurs diverses lettres que j’ai reçues, nous recontrerons à l’étranger des sérieuses sympathies*”. *Ibidem*, p. 50.

<sup>364</sup> Carta de Febvre a Bloch, 23 de setembro de 1928. Do original: “*je suis, d’autre part, comme vous sans doute, un peu ému par les titres et sujets des articles qui nous sont généreusement primis par tant d’illustres collaborateurs*”. *Ibidem*, p. 72.

<sup>365</sup> Carta de Bloch a Febvre, 31 de outubro de 1928. Do original: “*j’ai lu tout Espinas et y ai donné des forts coups de sabre. J’ai presque des remords d’avoir contribué à attirer aux Annales ce terrible morceau de littérature. Non que cela soit sot, tant s’en faut. Mais quelle langue!*”. *Ibidem*, p. 104.

<sup>366</sup> Carta de Febvre a Bloch, início de novembro de 1928. Do original: “*que Madame Bloch m’a transmis le manuscrit de Glotz. Brrrou! J’en ai un peu froid dans les dos. Ça aurait pu être assez drôle. Ça ne l’est pas.[...]. Je voudrais bien ce papyrus au diable, plutôt qu’em tête de notre numero 1, je l’avoue. [...]. J’accuse réception et (hypocrisie notoire!) je remercie!*”. *Ibidem*, p. 105.

<sup>367</sup> Gustave Glotz. “*Le prix du papyrus dans l’Antiquité grecque*”. In: *Annales d’Histoire Économique et Sociale*, 1<sup>re</sup> année, 1929, pp. 3-12.

<sup>368</sup> Febvre a Bloch, 26 de agosto de 1929. Do original: “*Le vrai problème c’est celui-ci: nous manquons de collaborateurs*”. *Ibidem*, p. 129.



É por isso que tanto se defende que o verdadeiro espírito dos *Annales* esteja nas suas resenhas. Sem muito controle sobre os artigos que recebiam – não podiam simplesmente “forçar” um ponto de vista dos colegas de trabalho –, deixavam para aplicar suas visões da história nos comentários que faziam dos livros havia pouco lançados. Nas resenhas percebe-se igualmente quem seriam os seus “homens de confiança”, que comungavam de suas perspectivas sobre a disciplina. Entre outros, Georges Lefebvre, Maurice Baumont, Albert Demangeon, Charles Edmond-Perrin, Maurice Halbwachs eram nomes recorrentes nessa espécie de contribuição. Mas, obviamente, Marc Bloch e Lucien Febvre eram de longe as assinaturas mais recorrentes dessas seções críticas<sup>369</sup>.

Todo o esforço para publicar e divulgar os *Annales* não teve bons resultados ao longo do primeiro ano. Precisavam de 800 assinantes para considerar a iniciativa um sucesso comercial. Em setembro de 1929, próximo ao fechamento da última edição daquele ano, contavam com uma base de 300 a 350 assinantes.

No ano seguinte, promoveriam uma grande reformulação da revista. Entre as mudanças, a que mais se destaca é a criação da seção de enquetes, mais uma tentativa para dar corpo ao projeto historiográfico que tinham idealizado. Nelas, realizavam um esforço de colaboração coletiva e internacional, além de buscar reforçar as bases científicas da história, bem aos moldes daquilo que propôs Bloch em seu discurso de 1921.

Os números de tiragens impressas também refletem o problema. A edição 1 teve 2.500 exemplares lançados no mercado. Os números 2, 3 e 4 contaram com uma grande queda, para 1.300 exemplares. O ajuste aqui realizado mostra que o impacto da revista não foi o esperado. De 1930 a 1933 cada edição contaria com 1.100 exemplares e, a partir daquele último ano, seriam impressos 1.000 exemplares por número<sup>370</sup>. O público leitor não aumentou significativamente ao longo dos anos; ficou mais ou menos estável. Bloch e Febvre contaram mais com o apoio do círculo construído ao longo de uma década de carreira universitária do que propriamente com o sucesso do esforço propagandístico. Mais um ponto que relativizava o peso da afirmação de uma “revolução historiográfica”.

---

<sup>369</sup> As resenhas eram normalmente divididas dentro de pequenas seções temáticas.

<sup>370</sup> Ver Bertand Müller, *Op. cit.*, 1997, p. XLV.

## 2.6 As rugas

A memória sobre Bloch e os *Annales* também tem como um dos maiores pilares a sua amizade com Lucien Febvre. Inabalável, ela seria crucial para garantir a longevidade da revista. Segundo tal construção, bastante recorrente, a revista sempre importaria mais do que possíveis rugas pessoais entre os organizadores.

É fato que os dois nutriram fortes laços de amizade – as centenas de cartas trocadas ao longo de mais uma década são provas suficientes disso. Apesar do trabalho ser o grande motivo da correspondência, há um sem número de indícios dos laços afetivos: a preocupação constante com os familiares; a confiança mútua, demonstrada, por exemplo, na troca de farpas acadêmicas relativas a artigos mal escritos e colegas de trabalho indesejados; os vários jantares e visitas combinados e mencionados; a amizade entre as esposas, que constantemente mandavam rápidos recados através das cartas dos maridos (e mantinham entre si uma correspondência pessoal); os pronomes de tratamento pelos quais quase sempre iniciavam as missivas (a própria ausência deles, em certas cartas, denotam também uma intimidade que ia além dos laços profissionais). Apesar de o apreço entre os dois ao longo da vida ser inquestionável, faz-se necessário mencionar que houve importantes desentendimentos.

A relevância em tratar das rugas reside no fato de que elas, de alguma forma, sempre giraram em torno do funcionamento dos *Annales*. Trazê-las à tona, portanto, é quase um duplo golpe na memória sobre Marc Bloch, ao trazer à luz aquilo que foi silenciado. Como já está claro a esta altura, não foi sem hesitações que o projeto historiográfico se manteve ao longo dos anos.

### 2.6.1 Os concursos

Podemos destacar quatro momentos nos quais a linearidade da trajetória da relação entre Bloch e Febvre mostrou-se torta em relação à sua rememoração posterior. A primeira delas foi iniciada em 1928 e, após um período de “aquietação”, retornaria com força na década de 1930. Trata-se da questão dos concursos para o *Collège de France*.

Os *Annales* não eram o único projeto que os dois tinham em comum. Suas ambições acadêmicas faziam crescer em ambos os espíritos a necessidade, cada vez mais urgente, de sair de Estrasburgo e buscar uma nomeação no centro intelectual do país.

Como já mencionamos, desde meados da década de 1920 a cidade tinha perdido um pouco de sua atratividade intelectual, contando com uma diminuição gradual de recursos após a reconquista do território, além de um esvaziamento dos maiores nomes do corpo docente. Assim que possível, os professores sempre buscavam Paris.

A questão é que quase sempre era a mesma vaga que se apresentava aos dois. Não tanto por conta de abordagens teóricas ou proximidade cronológica das áreas de especialistas (porque, no limite, um era especialista em Idade Média, enquanto o outro, em Idade Moderna), mas porque para assegurarem a entrada dependeriam do apoio das mesmas pessoas. Estava aí o ônus da sociabilidade construída em conjunto ao longo de uma década: pela maneira como se estruturavam os concursos, alguém tinha que abrir mão da candidatura para que o outro tivesse chances de assumir o cargo.

Em fins de 1928, com o primeiro número dos *Annales* quase no prelo, surgiu uma vaga no *Collège de France*, após a morte de Théodore Reinach. As propostas dos candidatos para ocupar a vaga (deveriam defender o título da disciplina que pretendiam ministrar na instituição) tinham que ser apresentadas em 20 de janeiro do ano seguinte. As correspondências mostram que os dois logo começaram a pensar seriamente na vaga. Lucien Febvre, de passagem em Paris, escrevia:

Meu caro amigo, duas palavras para lhe dizer que não retornarei a Estrasburgo até sábado. Tenho muito o que fazer por aqui [em Paris]. Não pense que seja uma atividade voraz de candidato: não sei se farei o “galope de verificação” preconizado pelos conhecedores. Tive um longo encontro com Jullian ontem à noite. Ele me falou de nove ou dez candidatos. O dele é *Grenier*, a quem ele próprio convidou a se candidatar. De resto, ele é hostil a Halphen, muito favorável a você contra ele. E quanto a mim, ele me expôs toda a sua crise de consciência e o início de sua “admiração” por mim. [...] O que me prende aqui são outros assuntos, e a revista está entre eles<sup>371</sup>.

Apesar de Febvre insistir no fato de que não fazia campanha, fica evidente ao menos que a contagem de votos começava com bastante vigor. Durante todas as candidaturas que tentariam durante a década de 1930, essa discussão relativa à

---

<sup>371</sup> Carta de Febvre a Bloch, 7 ou 14 de novembro de 1928. Do original: “*Mon cher ami, deux mots pour vous dire que je ne serai de retour à St[asbourg] que samedi. J’ai trop à faire ici. Ne croyez pas à une activité vorace de candidat: je ne sais pas du tout si je ferai le ‘galop d’essai’ préconisé par les connaisseurs. J’ai vu Jullian hier soir longuement. Il m’a parlé de neuf ou dix candidats. Le sien est Grenier à qui il a écrit de se présenter. Il est du reste très hostile à Halphen, très favorable à vous contre Halphen, et quant à moi, il m’a exposé tout au long ses crises de conscience et le début de son ‘admiration’ pour moi. [...] Ce qui m’incite à rester ici, ce sont d’autres soucis. Et la revue n’y est pas étrangère*”. Ibidem, p. 111-112.

concorrência e aos possíveis apoiadores era bastante comum, e talvez fosse a única coisa a tomar mais atenção do que os assuntos da revista nesses espaços de tempo.

Nesse primeiro evento, a cordialidade permanecia entre os dois. Em resposta, Bloch fez um balanço do peso de todos os candidatos e das possibilidades que tinham diante deles. Logo em seu início, apresentava a sua conclusão sobre o balanço de poder: “Acredito que você tenha fortes chances. A batalha, todos sabemos, acontecerá entre I. Lévy<sup>372</sup> e você”<sup>373</sup>. Bloch sabia que suas chances eram mínimas e por isso pensava em abrir mão da candidatura a favor do amigo. Na mesma semana, escrevia a Henri Berr:

Você já deve saber que Febvre – visando a um ensino diferente – tem a mesma ideia que eu. Inútil lhe dizer que jamais dois “concorrentes” estiveram mais a par da ação do outro. Você conhece nossa estreita amizade. Tenho por ele tanta estima e devo-lhe tanto que adoraria me retirar a seu favor. Porém, outros historiadores são candidatos; não tenho por que me inclinar diante deles, nem as mesmas razões morais nem as mesmas razões intelectuais...<sup>374</sup>

O mesmo tom de hesitação transparece naquela carta escrita para Lucien Febvre. Nela, dizia que não tomara uma decisão final, mas que pensava em levar a candidatura até as últimas etapas para, então, se retirar. Dessa forma, roubaria alguns votos que, quando chegasse o momento decisivo, seriam convertidas para o amigo. Planejava apresentar um projeto de ensino que fosse tão distinto quanto possível do de Febvre, a fim de que a balança dos votos pendesse diretamente para o lado que acreditava ser mais favorável. Dizia fazer isso em nome dos *Annales*:

Sobretudo, não me agradeça. Eu mentiria se lhe dissesse que não me é particularmente agradável ter, assim, a certeza de não lhe causar nenhum dano. Também a iluminação sobre nossos estudos históricos, que não me são indiferentes e aos quais você serviria tão bem estando no *Collège*, tem este preço<sup>375</sup>.

E seguia a carta desejando força a Febvre, sem deixar de se referir ao outro concorrente de forma sarcástica:

---

<sup>372</sup> Historiador do judaísmo e religiões orientais.

<sup>373</sup> *Ibidem*, p. 113.

<sup>374</sup> Carta de Bloch a Berr. Do original: “”. Marc Bloch, *Op. cit.*, p. 55.

<sup>375</sup> Carta de Bloch a Febvre, 23 de novembro de 1928. Do original: “Vous savez peut-être déjà que Febvre – visant un enseignement différent – a eu la même idée que moi. Inutile de vous dire que jamais deux ‘concurrents’ n’ont été mieux au courant chacun de l’action de l’autre. Vous connaissiez notre étroite amitié. J’ai pour lui tant d’estime, et je lui dois tant que j’eusse aimé m’effacer devant lui. Mais d’autres historiens sont candidats; je n’ai pour m’incliner devant eux, ni les mêmes raisons Morales, ni les mêmes raisons intellectuelles...”. *Ibidem*, p. 115.

Permita-me dizer, meu caro amigo, que você deve investir vigorosamente em suas chances. Pude constatar que você não viu Millet. Entendo que ele esteja vendido ao Pseudo-Isidore<sup>376</sup>. Ainda assim, acho que você não deve negligenciar ninguém. Perceba que me tornei maquiavélico. Você pode ganhar a batalha. Força; ao fim, tudo valerá a pena<sup>377</sup>.

O gesto de Bloch não pode ser superdimensionado. Assim, estaríamos a serviço de certa memória. A desistência da candidatura deu-se sobretudo pela consciência de que não tinha chances reais na ocasião. Podemos encará-la mais como uma tentativa de fincar as relações de poder entre os dois. Subjaz à troca de gentilezas uma clara hierarquização, relacionada à diferença de idade e influência dos dois. Febvre diria, na correspondência seguinte, que com a busca por votos ficava claro que os dois possuíam “o mesmo público”. Elogiava a ação de Bloch, “sábia e prudente” a ambos os partidos. “A única maneira de entrarmos no *Collège* é sucessivamente”<sup>378</sup>.

Febvre não conseguiria a cadeira naquele ano e a conclusão a que chegaram conjuntamente tornar-se-ia justamente o ponto dissonante entre os dois. É possível que desde a percepção concreta de que teriam que competir por uma vaga universitária de mais renome, tenha se desenvolvido entre eles uma competição velada. A Henri Berr, disse sentir-se incomodado com alguns atos de Bloch. Ele teria se adiantado para escrever uma resenha de um livro sobre o qual tinha consciência de que Febvre trabalhava<sup>379</sup>. A questão era que a publicação da resenha envolvia o nome de Camille Jullian, então um dos mais influentes membros do *Collège*.

Mas a crise de fato se instaurou no fim de 1929. Bloch provocaria a ira daquele a quem dera inicialmente apoio ao candidatar-se a uma vaga na *École Pratique des Hautes Études* (EPHE), considerada uma primeira etapa acadêmica para adentrar a *Sorbonne* ou o *Collège*. Sentiu-se traído, pois não poderia realizar a viagem de campanha que o outro faria, pois ficaria com trabalho acumulado e, no limite, nem teria condições financeiras para sustentar a família em caso de aprovação. O cargo renderia a Febvre metade do que ganhava em Estrasburgo<sup>380</sup>. A Berr reclamou das condições supostamente privilegiadas

---

<sup>376</sup> Refere-se ao concorrente Isidore Levy, em referência a um conjunto de textos medievais falsamente atribuídos a Isidore Mercator, durante anos também confundido com Isidoro de Sevilha. O falso documento é um dos mais importantes do direito canônico medieval.

<sup>377</sup> Carta de Bloch a Febvre, 23 de novembro de 1928. Do original: “*Mais laissez-moi vous dire, mon cher ami, qu’il faut pousser vigoreusement votre chance. J’ai constaté que vous n’aviez pas vu Millet. Il est acquis au Pseudo-Isidore, c’est entendu. Tout de même je crois que je deviens machiavélique. Vous pouvez gagner la bataille. Allez-y; après tout l’enjeu en vaut la peine*”. *Ibidem*, p. 115.

<sup>378</sup> *Ibidem*, p. 116.

<sup>379</sup> Olivier Dumoulin, *Op. cit.*, 2000, p. 96

<sup>380</sup> Em carta a Henri Berr (7 de dezembro de 1929), mencionava o ordenado de 68.000 francos recebidos na Universidade de Estrasburgo, frente aos 34.000 da EHES. Importava mesmo a projeção profissional. Lá,

do outro, em razão da fortuna pessoal de Simone Vidal, esposa de Bloch, que possibilitaria alguns anos de salários reduzidos na EPHE<sup>381</sup>.

Em 31 de dezembro daquele ano, enviou uma longa carta, na qual não escondia a irritação. A reclamação residia no fato de não ter sido avisado anteriormente das intenções de candidatura de Bloch (“desde antes das férias, em todo caso, não escrevi nem recebi uma palavra relativa aos AE [Altos Estudos], a não ser aquelas de Halphen e J. Bloch”). O que mais o incomodou fora uma missiva enviada às vésperas por Bloch (a qual não tivemos acesso), em que ele reclamava de Febvre por estar supostamente colocando os seus amigos da EPHE contra ele:

Tenho tantos amigos nos AE? [...] Imagino que você tenha citado os nomes. Peço para que me diga imediatamente quem são. [...] Os “amigos de Febvre”... sem dúvida; mas e se falarmos das “imprudências de Marc Bloch”?<sup>382</sup>

Ao tom agressivo, soma-se o discurso do acordo de cavalheiros anteriormente mencionado:

Note somente o seguinte: você estará sozinho em jogo. Não há, entre nós, uma espécie de competição latente [...]. Seja no *Collège*, seja no AE, julgávamos estar destinados a entrar em conflito direto e brutal. Estivemos preocupados, em diversas ocasiões, com meios que fossem igualmente favoráveis a nós dois. Estávamos preocupados com o sentimento mais amigável, por você e por mim [...]. Os “amigos de Febvre” são também os “amigos de Bloch” [...]. Temos que chegar os dois a Paris. Por nós, mas sobretudo **pelo que representamos** [...]. Pois você pode me impedir de chegar; mas eu posso impedi-lo de chegar. Escrevo tudo isso no dia 31 de dezembro. É uma maneira engraçada de celebrar o ano que virá. Mas não creio que seja uma maneira engraçada para que você testemunhe a minha amizade<sup>383</sup>. (grifos meus)

---

a missão educativa ganharia muito em peso. Poderia instruir as gerações seguintes a seguir a empreitada histórica que há tanto defendia. *Ibidem*, p. 262, nota 110.

<sup>381</sup> “[Marc Bloch] me anuncia que vai à Paris mover céu e terra para se fazer nomear, renunciando a Estrasburgo e contentando-se provisoriamente com o ordenado da Altos Estudos. Ele tem condições para fazê-lo – e sou obrigado, de não colocar em questão da história moderna e do acúmulo, uma vez que sou incapaz de ir a Paris: é o que Marc Bloch não demorou a perceber”. Do original: “*Marc Bloch [...] m’annonce qu’il va à paris remuer le ciel et la terre pour se faire nommer, en renonçant à Strasbourg et en se contentant provisoirement du traitement des Hautes études. Il a de la chance de pouvoir le faire – et je suis obligé, quant à moi, de ne pas reposer la question de l’histoire moderne et du cumul, puisque je suis incapable d’aller à Paris: ce de quoi Marc Bloch n’a pas mis longtemps à s’aviser*” *Ibidem*, p. 96-97.

<sup>382</sup> Carta de Febvre a Bloch, 31 de dezembro de 1929. Marc Bloch, Lucien Febvre, *Op. cit.*, 1997, p. 263, 264, 265.

<sup>383</sup> Carta de Febvre a Bloch, 31 de dezembro de 1929. Do original: “*Notez seulement ceci: vous seriez seul en jeu, il n’y aurait pas, entre vous et moi, une espèce de compétition latente [...]. Qu’il s’agisse du Collège, qu’il s’agisse des H[autes] Études, on a pu nous croire destinés à entrer en conflit direct et brutal. On s’en est beaucoup préoccupé, à diverses reprises, dans des milieux qui nous sont également favorables à tous deux. On s’en est préoccupé avec le sentiment le plus amical et pour vous et pour moi. [...] Les ‘amis de Febvre’ sont, tout aussi bien les ‘amis de Marc Bloch’.* [...] Nous devons arriver à Paris tous les deux. Pour

À parte todo o rancor, vale notar que mesmo numa carta tão tomada por paixões Febvre menciona a consciência do peso de ambos para a historiografia. Ao término do segundo ano da revista, apesar de um inexpressivo crescimento, reinava esse sentimento de que, de fato, suas ações deviam ser regidas em nome de uma história científica de real valor.

Febvre acabou escrevendo uma carta pedindo desculpas e tentando pacificar a situação, mas é incontestável o impacto que o evento teve na relação dos dois a partir daí. Confessava a Henri Berr, em 1931:

Marc Bloch. Estamos “muito bem”, em termos gerais. A atmosfera se descarregou graças às cartas de um ano atrás. É sempre a mesma raiva, mais forte que ele e, imagino, em parte inconsciente, de pôr seus pés em todos os meus passos. Estive em Gante, como professor de intercâmbio, ele irá este ano, depois de muito ter trabalhado para consegui-lo. Começo um artigo sobre um tema qualquer, oito dias depois ele já escreveu o dobro... Fora isso, mantemos boas relações; nossos filhos se veem com frequência etc.<sup>384</sup>

A vaga da EPHE foi ocupada por outro historiador, Émile Coornaert<sup>385</sup>. Curiosamente, não há sequer uma carta escrita por Bloch nesse ano de crise publicada na coleção de Bertand Müller, nem nas caixas e microfilmes dos *Archives Nationales*. As escritas por Febvre levam à frente os assuntos de ordem dos *Annales* e deixam de lado a rusga. Os motivos do sumiço podem ser diversos e não nos cabe especular. Muito das cartas – especialmente aquelas escritas por Marc Bloch – foram perdidas, como já mencionamos. O que importa, nesse momento, é perceber que a imagem de historiador ideal que Lucien Febvre tinha do amigo ao longo dos anos 1920, e que propagou após a sua morte, deve ser encarada com reservas. Se mesmo com a disputa o respeito intelectual que tinha por ele (Bloch foi o único historiador ainda vivo citado por Febvre em sua aula

---

*nous, mais plus encore pour ce que nous représentons. [...] Car vous pouvez m'empêcher d'arriver; mais je puis vous empêcher d'arriver. [...] J'écris tout ceci le 31 décembre. C'est une drôle de façon de célébrer l'na qui vient. Mais je ne crois pas que ce soit une drôle manière de vous témoigner mon amitié". Ibidem, p. 263, p. 264 e p. 265.*

<sup>384</sup> Carta de Febvre a Berr, 1 de janeiro de 1931. Do original: “*Marc Bloch. Mais nous sommes 'très bien' ensemble. L'atmosphère a été déchargée par les lettres d'il y a un an. C'est toujours la même rage, plus fort que lui et j'imagine en partir inconsciente de mettre ses pieds dans tous mes pas. Je suis allé à Gand, comme professeur d'échange, il y va cette année ayant beaucoup travaillé à l'obtenir. J'écris un bout d'article sur un objet quelconque, huit jours après il m'en apport ele double... À part ça, nous sommes en excellents termes, les enfants se voient fréquemment, etc.*”. Retirado de Olivier Dumoulin. *Op. cit.*, 2000, p. 98.

<sup>385</sup> Coornaert foi seu adversário mais uma vez em 1935, na disputa por uma vaga na Sorbonne. Desta vez, Bloch saiu vitorioso. Apesar disso, Coornaert colaborou regularmente para os *Annales*.

inaugural) não acabou e continuaram a trabalhar juntos até que não fosse mais possível, ainda assim o mito dos *Annales* merece ser relativizado.

Alguns anos depois, em 1933, Febvre conseguiu entrar no *Collège de France*. Nas correspondências, como mencionamos, percebemos o mesmo *modus operandi* do processo anterior: contagem de votos, troca dos adversários e apoio mútuo. Bloch também participou da seleção, mas não obteve sucesso. Tentou outras vezes e novamente a tensão reaparecia. Na sua primeira tentativa, ainda em 1933, ocorria na Alemanha a ascensão do nazismo ao poder, que parecia aos olhos dos dois aumentar proporcionalmente na instituição a necessidade de estudos germanistas. Retirou sua candidatura e a vaga fora conquistada por um professor especialista do país vizinho.

Surgiu nova oportunidade no ano seguinte. Camille Jullian, o involuntário causador da polêmica da resenha, faleceu, deixando vaga a sua cadeira. Uma vez mais, os caminhos políticos da Alemanha pareciam influenciar diretamente na sua trajetória. Febvre, que àquela altura estava iniciando uma caminhada política, relatava ter recebido uma orientação direta do Ministério da Educação Nacional que desencorajava bastante Marc Bloch: “um alerta: recebi um telefonema do ministério de Monzie que, impetuoso como de hábito, disse: ‘Uma cadeira vaga no *Collège*? Nomeiem Einstein’”<sup>386</sup>. O renomado físico, ameaçado pelo regime nazista, entrava no caminho do historiador, e essa disputa seria impossível de ser vencida.

Apesar do aparente apoio demonstrado através das correspondências, Febvre estava bastante ocupado com a organização da *Encyclopédie Française*, e não moveu grandes esforços para apoiar a candidatura de Bloch. Sempre sugeria que ele mantivesse uma agressiva política de envio de cartas de intenções aos professores do *Collège*. Bloch, que declarava não ver sentido em tanto investimento pessoal de Febvre no projeto enciclopédico, e talvez sentindo um relativo distanciamento, ficou obviamente decepcionado. Somava-se a isso o fato de o horizonte não ser tão favorável a ele, mais uma vez.

Depois do “perigo Einstein”<sup>387</sup> sair de cena, com a criação de uma nova cadeira específica para recebê-lo, Bloch desenhava seu argumento a favor da nomeação a partir da defesa do método comparativo. O problema era que aquilo que levava o físico ao

---

<sup>386</sup> Carta de Febvre a Bloch, 12 de abril de 1933. Do original: “j’ai eu une alerte. On m’a téléphoné du ministère que de Monzie, impulsif à son habitude, avait dit: ‘Une chaire vacante au Collège? Nommons-y Einstein’”. *Ibidem*, p. 352.

<sup>387</sup> *Ibidem*, p. 356.



*Collège* era justamente o que parecia afastar mais ainda Bloch de lá. O antissemitismo, aparentemente, crescia muitíssimo dentro da instituição. Febvre fora aconselhado a não apoiar tão abertamente a entrada de “mais um judeu” na instituição, para evitar agitações<sup>388</sup>. A história comparada só levaria Bloch “ao outro lado da rua”<sup>389</sup> no ano de 1936, quando finalmente entrou na Sorbonne.

## 2.6.2 Lucie Varga

A segunda rusga entre os historiadores tem a ver com suas vidas privadas afetando o andamento da revista. Desde que assumira a vaga no *Collège*, Lucien Febvre ficava cada vez mais atribulado com as várias atividades que desenvolvia. Ao perceber que não estava conseguindo assimilar todas elas, decidiu contratar um assistente. A escolhida foi Lucie Varga (cujo nome original era Rosa Stern), de origem austríaca, refugiada em Paris graças aos eventos de 1933. Datilografar textos, revisá-los, organizar a sua agenda eram as tarefas que lhe foram incumbidas inicialmente<sup>390</sup>. Poderia, assim, dedicar-se devidamente à escrita de um livro sobre as religiões do século XVI:

Meus trabalhos... aqui, novamente, eu lhe asseguro. Trabalho ativamente nas *Religiões do século XVI*. Contratei um “treinador”, melhor dizendo uma treinadora<sup>391</sup>; uma austríaca aluna de Dopsch, sobre o qual creio já ter falado com você, madame Varga-Borkenau – que três manhãs por semana vem trabalhar comigo<sup>392</sup>.

Gradualmente, a relevância da atuação da aprendiz para o trabalho de Febvre ia aumentando, ao ponto de ela fichar livros e fornecer, assim, material para que Febvre pudesse publicar na *Revue de Synthèse* e nos *Annales* resenhas de obras que não tinha tempo de ler<sup>393</sup>. O passo seguinte foi o de começar a assinar as resenhas nas duas

---

<sup>388</sup> Carole Fink. *Op. cit.*, p. 178.

<sup>389</sup> O *Collège de France* e a Sorbonne estão localizados na mesma rua em Paris.

<sup>390</sup> Bloch, por sua vez, contava sempre com a ajuda da esposa.

<sup>391</sup> O termo em francês é “*entraîneuse*”. Bertrand Müller destaca a triste escolha do emprego da palavra (*Op. cit.*, 2003, p. XLIV), pois em francês ele pode significar “treinadora” ou, pejorativamente, “garota de programa”.

<sup>392</sup> Carta de Febvre a Bloch, início de março de 1934. Do original: “*Mes travaux... Mais, ici encore, que je vous rassure. Je travaille activement aux Religions du xvi<sup>e</sup> siècle. J’ai pris un “entraîneur”, une entraîneuse plutôt, en la personne d’une Autrichienne élève de Dopsch, dont je vous parlé, je crois, M<sup>me</sup> Varga-Borkenau*”. Marc Bloch, Lucien Febvre, *Op. cit.*, 2003, p. 40.

<sup>393</sup> Quem levanta esta hipótese é Peter Schöttler, no livro *Lucie Varga: les autorités invisibles. Une historienne autrichienne aux Annales dans les années trente*. Paris: Le Cerf, 1991.

publicações. Varga se tornava a primeira mulher a publicar regularmente nos *Annales*. Sua relevância foi além: a edição mais ligada à política da revista naquele período Febvre/Bloch, tratada no próximo tópico rapidamente, foi por ela organizada.

Nas correspondências, a menção à sua figura torna-se recorrente, sinal de que ela se tornava peça cada vez mais relevante para as engrenagens da revista. Sabe-se que Bloch, que não a conhecera pessoalmente até se instalar em Paris em 1936, sempre tivera uma postura austera em relação a ela<sup>394</sup>, enquanto o parceiro sempre demonstrou admiração pelo talento e pela postura da historiadora.

A relação pessoal entre Febvre e Varga também aumentava. Ela passou a frequentar a casa dos Febvre mais frequentemente. Chegou a dar aulas de alemão e a levar o filho Henri para conhecer a Áustria<sup>395</sup>. Sob a sua orientação, Febvre programou uma viagem de férias a Viena e Praga, e estabeleceu contatos profissionais com o antigo professor, Alfons Dopsch. Ao fim, envolveram-se em um relacionamento amoroso que, obviamente, não fora sequer uma vez mencionado nas cartas, mesmo que sugerido implicitamente<sup>396</sup>.

Em 1937, o relacionamento pessoal e profissional entre Febvre e Varga encontrou a ruptura<sup>397</sup>. Constrangido e enfrentando uma grave crise, então, Febvre aceitava uma missão de trabalho de três meses na Argentina naquele verão<sup>398</sup>. Curiosamente, foi em um cruzeiro que fez durante essa viagem que reencontrou Fernand Braudel – que, sabemos, futuramente viria a ser o novo diretor da revista –, que havia sido aluno dele e de Bloch em Estrasburgo, e com quem se encontraram em eventos episódicos ao longo da década de 1930. Braudel estava tomando a embarcação para retornar a Paris depois de uma temporada como professor na Universidade de São Paulo, para assumir uma vaga na EPHES.

Nessa ocasião a intimidade do historiador esbarrou nos destinos da revista e gerou nova tensão. Febvre abandonou o projeto durante todo esse tempo, enquanto Bloch

---

<sup>394</sup> Bertand Müller, *Op. cit.*, 2003, p. XLV. A título de exemplo: há uma carta, escrita em maio de 1937, na qual Bloch se queixa de que Varga “o reteve na mesa”, por conta de uma tradução malfeita de um artigo de R. Koebner sobre mercados escravos e vilas alemãs, que seria publicado na próxima edição daquele ano. *Ibidem*, p. 441.

<sup>395</sup> *Ibidem*, p. XLV.

<sup>396</sup> Müller narra, em carta não publicada na coleção, que Febvre, teria mencionado os sonhos “de Tyrol, de Dolomitas” frente à proposta da esposa de ir ao Franco-Condado, de que tanto gostava. *Ibidem*, p. XLV.

<sup>397</sup> Peter Schöttler afirma que a ruptura se deu por exigência da esposa de Febvre, Sozanne Dognon, enquanto Müller indica não saber das circunstâncias para o rompimento.

<sup>398</sup> Lucie Varga faleceria em 1941, aos 36 anos, em decorrência de uma crise de diabetes, bastante agravada pela dificuldade de conseguir medicamentos. Eram tempos de guerra.

ficou encarregado, sozinho, de organizar um número inteiro do periódico<sup>399</sup>. O peso desse problema vinha sendo carregado desde as primeiras edições: é recorrente a insinuação de que faltava equilíbrio na divisão de tarefas entre os dois para a revista. Especialmente depois de 1933, tornava-se bastante comum Febvre pedir desculpas pelo relativo abandono do projeto. Ainda em 1929<sup>400</sup> haviam tido uma discussão sobre a prioridade do periódico em relação às demais atividades. Mas houve casos, também, em que Febvre pressionava Bloch a cumprir prazos cada vez mais curtos<sup>401</sup>.

### 2.6.3 Reformulações

O terceiro momento de discussões mais exacerbadas entre os dois *annalistes* ocorreu no mesmo ano de 1937. Poderíamos, inclusive, tratá-lo como um prolongamento das indisposições surgidas naquele verão. Ao longo do ano, haviam discutido com Phillipon, o editor, por se recusarem a publicar nos *Annales* um artigo pró-nazismo. Além da questão política, existia um pano de fundo de desgaste nas relações entre a editora e os historiadores.

A questão torna-se ainda mais compreensível se observarmos que organizavam uma edição que abordaria como tema central a Alemanha. Dentro do espírito da história-problema e da busca pela compreensão do presente que faria o renome da publicação, tentavam contribuir para o entendimento do nazismo a partir da especificidade histórica alemã. Como já sabemos, Lucie Varga encabeçou a organização do dossiê e escreveu o seu editorial: “Perto de nós um mundo terminou. Um novo surgiu, trazendo consigo fenômenos até então desconhecidos. Não temos que tentar compreendê-lo?”<sup>402</sup>. A revista seria composta por uma série de artigos que abordavam diversos aspectos daquela terrível novidade que lhes causava tanta preocupação e que, no entanto, só podia possuir raízes antigas.

---

<sup>399</sup> Olivier Dumoulin, *Op. cit.*, 2000, p. 101. Durante aquele período, trocaram poucas correspondências. Febvre envia a Bloch uma carta do mar, com um certo pedido de desculpas e com um final emblemático, no qual reforçava a necessidade da luta pela história que empreendiam. Bloch o respondia, também pedindo desculpas pelo longo silêncio e informando que, ao retornar, Febvre encontraria ainda algum trabalho da edição dos *Annales* que estava no prelo. *Ibidem*, pp. 442-449.

<sup>400</sup> Marc Bloch, Lucien Febvre, *Op. cit.*, 1997, pp 210-211.

<sup>401</sup> *Ibidem*, p. 298.

<sup>402</sup> Lucie Varga. “La Genèse Du National-socialisme Notes D'analyse Sociale”. *Annales D'histoire Économique Et Sociale*, 9 (48), 1937. EHESS: 529–46. <http://www.jstor.org/stable/27574562>. Na mesma edição, Varga assinou, ainda, um artigo sobre a juventude hitlerista.

É factível enxergar essa edição como divisora de águas. Se foi a mais política até ali, também marcaria dois rompimentos importantes: acabou sendo a última participação de Varga na revista e o derradeiro fruto da relação Armand Colin/*Annales*. Dos novos caminhos pelos quais a publicação forçosamente teria que passar, emergiram mais uma vez as diferentes visões que editora e organizadores tinham do empreendimento. A revista, então rebatizada de *Annales d'histoire sociale*, transformou-se – e não somente pela mudança de nome.

Diante da percepção de que deveriam promover um “resgate urgente” da revista, Febvre destacou a perda de sua relevância especialmente por conta do excesso de artigos demasiado “eruditos e pedagógicos”, muito centrados na Idade Média. Propunha que atinassem para o fato de que se tratava de “uma revista de ideias”, que não poderia adotar o conformismo “centro-esquerdista” que tomava conta dos ambientes universitários<sup>403</sup>. Bloch sentiu-se pessoalmente ofendido pelas alegações: “não me trate como um vil erudito, muito menos de chato conformista”<sup>404</sup>. Sobre o conformismo: “permita-me sorrir [...] você fez uma resenha do livro de Baumont que me deixou pasmo pelo caráter quase uniformemente elogioso”<sup>405</sup>. Chegaria mesmo a sugerir o fim da parceria: “você deseja prosseguir, comigo, dentro daquele espírito que é nosso, com a publicação dos nossos *Annales*? [...] [ou] deseja dirigi-la sozinho?”<sup>406</sup>. A fim de evitar maiores ruídos, Bloch convidou Febvre para uma conversa *tête-à-tête*, deixando-nos órfãos de traços escritos sobre o acordo a que chegaram:

Um último pedido, caro amigo, antes que eu termine esta carta. Não me responda por escrito. Depois de me ler, marque comigo um encontro por telefone. Que essa conversa, da qual tantas coisas dependem, seja ao menos uma verdadeira conversa, não privada da presença humana<sup>407</sup>.

A rusga ainda teria ruídos após essa feroz troca de acusações. Bloch, ao fim daquele ano, relataria a dificuldade de criar uma conta em nome de uma sociedade que oficialmente não existia. Sem consultar Febvre, pediu aos assinantes para que renovassem

---

<sup>403</sup> Carta de Febvre a Bloch, 18 de junho de 1938. Marc Bloch, Lucien Febvre, *Op. cit.*, 2003, pp. 22-25.

<sup>404</sup> Carta de Bloch a Febvre, 22 de junho de 1938. *Ibidem*, p. 26.

<sup>405</sup> *Ibidem*, p. 26.

<sup>406</sup> Do original: “Voulez-vous poursuivre avec moi, dans l'esprit que est nôtre, la publication de nos *Annales*? [...] Voulez-vous prendre seul la direction? ”. *Ibidem*, p. 31.

<sup>407</sup> Do original: “Une dernière prière, mon cher ami, avant que je ne ferme cette lettre. Ne me répondez point par écrit. Après m'avoir lu, fixez-moi un rendez-vous par téléphone. Que cette conversation, dont tant des choses dépendent, soit du moins une vraie conversation, non privée de la présence humaine”. *Ibidem*, p. 31.

as anualidades, enviando um cheque postal para a sua conta pessoal<sup>408</sup>. Dois anos depois, o assunto viria à tona em mais uma discussão. Também divergiam sobre os papéis dos novos colaboradores e proprietários da revista, Paul Leuilliot e Fernand Braudel<sup>409</sup>, ao longo de quase um ano.

\*\*\*

A revista sobreviveu ao ano de 1938, mas a eclosão da Segunda Guerra Mundial geraria novo ponto de conflito. Sob pressão do Estatuto dos Judeus<sup>410</sup> e correndo o risco de a revista ser proibida, Febvre sugeriu a Bloch que se retirasse dos *Annales*. Sobre esta desavença, basta por ora mencioná-la. Nas páginas que seguirão ela retornará, pois, ao mesmo tempo que remete a uma nova etapa (dramática) da trajetória de Bloch, envolve diretamente a questão da postura dos diretores dos *Annales* frente ao nazismo, tão cara aos esforços de memória que serão tema do último capítulo desta tese.

Os esforços realizados neste momento vieram, então, no mesmo sentido dos demais, de relativizar uma memória construída posteriormente aos fatos. Observar o estabelecimento do campo pré-*Annales* é crucial para entendermos o ambiente no qual suas projeções historiográficas puderam se desenvolver. As heranças intelectuais, tão repetidas, mostram a sua relevância. Da mesma forma, foi importante determinar quem eram seus adversários, os metódicos. Entretanto, para além do que se diz sobre a quebra de barreiras da história nacional promovida por Bloch e Febvre, podemos perceber igualmente projetos em comum. Defender a história como uma ciência é uma delas. Assim como o estabelecimento de uma revista que se postaria como uma novidade e um guia do bom fazer historiográfico. Nesse sentido, os *Annales* de 1929 não diferem muito da *Revue Historique* de 1876.

E se nas resenhas temos a alma dos *Annales*, nos artigos percebemos a fragilidade da memória que vende tanta solidez e comunhão de ideias para a prática

---

<sup>408</sup> Marc Bloch. “À nos lecteurs”. *Annales HES*, 10, 1938, p. 482.

<sup>409</sup> Ambos entrariam como sócios minoritários da revista.

<sup>410</sup> Que trataremos no próximo capítulo. Proibia que judeus exercessem atividade docente e publicassem livros e revistas.

historiográfica. Os próprios diretores estão constantemente insatisfeitos com discursos que a revista deveria aceitar para garantir a sua circulação regular. Dentro do contexto aqui proposto, com essa insatisfação temos também um pouco da medida da inovação proposta pelos dois. Entre o que gostariam de receber como colaboração e o que de fato receberam percebemos, então, rastros da novidade da publicação como projeto historiográfico. Junto ao convite para novas reflexões para a história vem a necessidade de manter o fluxo da revista.

Da mesma forma, refletir sobre o ano em que o projeto ganhou forma importa. A *materialidade* da revista, raramente levada em conta, apresenta-se como traço fundamental de sua constituição. Se o processo de editoração é o que torna possível a existência de uma revista como *Annales* ser compreendida posteriormente como movimento historiográfico, é ela também o que limita a liberdade criativa dos seus diretores. Também foi por meio dela que percebemos a importância das *sociabilidades* para que o projeto sobrevivesse às primeiras edições. Não fossem os amigos de Estrasburgo, dificilmente a revista tomaria forma por falta de colaboradores. Na mesma toada, a carência de laços com historiadores do contemporâneo fez com que a revista sempre contasse com escassos estudos históricos sobre o tempo recente, considerado inicialmente um dos baluartes da renovação que tentariam promover. Reforçamos, então, a ideia que acabamos de lançar. A abordagem que propunham era inovadora, a ponto de não conseguirem correspondentes na historiografia à qual tinham acesso.

Finalmente, contra a noção de uma parceria inabalável e frutífera, surgem as trocas de desaforos, discussões e disputas que só as correspondências poderiam nos mostrar, passados tantos anos. Os desentendimentos entre Bloch e Febvre vêm não para quebrar com uma ideia da forte amizade entre os dois, mas para torná-la mais *humana*, como não poderia deixar de ser.

## CAPÍTULO 3 – A GUERRA COMO FIM

### 3.1 O desapontamento

Marc Bloch viveria, em 1939, nova situação de extrema tensão para ele, seus familiares e para o corpo nacional. Iniciou-se um novo conflito bélico entre países europeus, a Segunda Guerra Mundial. Uma vez mais, a pátria demandaria a ação de seus abrigados. Uma vez mais, ele se apresentaria às armas e, munido pelo olhar do historiador – agora bem mais experiente –, deixaria registradas impressões sobre a guerra que se tornariam referenciais. Só que nessa ocasião, ele não escaparia com vida.

Desta guerra, como veremos, pode-se confirmar diversas assertivas subjacentes à escrita da história. A cadeia de eventos serve bem como prova de que a história não ensina lições. Chega a impressionar que certas falhas e estratégias francesas sejam tão semelhantes ao conflito mundial anterior. Milhões de mortes e todo o trauma de um longo período de contendas em território nacional não foram suficientes para a promoção de uma séria reformulação militar no país. Ainda assim, reforça-se, no mesmo sentido, a ideia de que a história não se repete. As mesmas falhas são sinal de que simular uma reprise em novos tempos não produzem outro resultado que não o desastre. “Aprender com os erros” mostra-se expressão tão falha quanto a atuação do país em combate<sup>411</sup>.

O resultado foi a capitulação dos franceses. Porém, uma derrota acachapante, tão rápida que pareceu deixá-los estupefatos. A nação que resistiu tão bravamente nos campos de Verdun foi, naquela ocasião, esmagada de forma avassaladora. Para onde foi a coragem, a abnegação e o amor à pátria que os guiaram à vitória duas décadas antes? Estariam perdidos?

Veremos neste capítulo que, para Marc Bloch, a resposta era “não”. Entender a derrocada de 1940 passava por outras questões, igualmente profundas, sobremaneira graves. Na sua visão, aquele espírito de 1916 estava confinado em um calabouço criado pelos próprios franceses, o que tornava a dor da derrota ainda maior.

---

<sup>411</sup> Esse *topos* historiográfico esteve bastante em voga ao longo do século XIX. A *historia magistral vitae*, “mestra da vida”, apostava na questão de que do passado que ensina. Sobre esse debate, ver Reinhart Koselleck. “*Historia Magistra Vitae* – Sobre a dissolução do *topos* na história moderna em movimento”. In: \_\_\_\_\_. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 41-60.

Interessa-nos observar ainda que tal abalo foi uma espécie de centelha para o transbordamento de divisões que estavam latentes no contexto do entreguerras. Com a invasão alemã e a Ocupação, veio à tona a institucionalização do ódio e do extremismo e, conseqüentemente, o rompimento daquele mito da União Sagrada consolidado no conflito imediatamente anterior.

Nesse sentido, o “lugar de fala”<sup>412</sup> de Marc Bloch ganha especial interesse. Judeu, ainda que não seguisse os preceitos religiosos, ele sabia que era parte de um dos grupos mais afetados por essa brusca mudança política e administrativa em decorrência da derrota. E, de fato, com a pressão regulamentária do Estatuto dos Judeus<sup>413</sup>, ele veria a sua sorte e a dos seus sofrer sérias ameaças. Antes disso, porém, deve-se ressaltar sua posição como membro do corpo militar incumbido de defender o país. A primeira parte do presente capítulo versará sobre esse aspecto. Ele foi testemunha ativa da miséria do exército francês frente ao inimigo. Historiador competente como era, traçou a partir daí uma análise da derrota que acabou se consagrando academicamente como uma das mais perspicazes.

No mesmo sentido, procuraremos entender a sua escolha em aderir ao movimento da Resistência Francesa. Estaremos, assim, antecipando debates que nortearão o nosso último capítulo, que buscará analisar a memória de Marc Bloch e a sua associação com os conflitos mundiais.

### 3.2 Escritos de guerra entre o público e o privado

O esforço de apresentação e análise do olhar de Marc Bloch sobre a Segunda Guerra Mundial dar-se-á a partir de seus escritos, mais uma vez. Privilegiaremos, no momento, o testemunho *L'étrange défaite*<sup>414</sup>, escrito em 1940 em meio aos trágicos eventos. Também usaremos como suporte um conjunto de cartas que ele trocou com o filho Étienne<sup>415</sup>, que apresentam bem o tom do sentimento do autor em relação aos meses

---

<sup>412</sup> Cf. Michel de Certeau. “A operação historiográfica”. In: *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 18.

<sup>413</sup> Que iremos abordar ainda nesse capítulo, em tópico específico.

<sup>414</sup> Marc Bloch. *L'étrange défaite*. Paris: Seuil, 1990.

<sup>415</sup> François Bédarida, Denis Pechanski (org.). “Marc Bloch à Étienne Bloch: lettres de ‘la drôle de guerre’”. Les Cahiers de L’IHTP, nº 19, 1991.



de inatividade desde a declaração de guerra até maio daquele ano, quando da movimentação alemã.

Em relação ao último conjunto de fontes por ora mencionado, vale fazer uma breve ressalva metodológica: nas cartas vemos a visão de Bloch sobre a guerra a partir daquilo que o filho decidiu ser digno de ser publicado. Há, portanto, uma escolha pessoal mediando o acesso a fonte. Ainda que se obtenha acesso a aparentemente todas as cartas do período entre fins de agosto de 1939 e o início de maio de 1940<sup>416</sup>, o próprio Étienne menciona cortes no texto<sup>417</sup> de tópicos considerados íntimos. Mesmo assim, alguns temas como a preocupação de Bloch com a esposa (esforço do filho para moldar a figura de “bom marido”?) e com a educação escolar e sexual do filho (tentativa de mostrar que a austeridade do pai não impediria a cumplicidade e aproximação dos dois?) aparecem sem muitas ressalvas. Temos, então, um pouco do Marc Bloch tal qual o filho gostaria que fosse lembrado<sup>418</sup>. E, trabalhado em conjunto com o testemunho de 1940, temos uma boa dimensão de como ele conjugou a sua ação em meios públicos e privados ao longo da guerra.

Por fim, observaremos alguns trechos de *Apologie pour l’histoire*<sup>419</sup>, conjunto de reflexões sobre a história que se tornaram um clássico acadêmico, escritos nesse contexto conturbado da guerra (Bloch não tinha acesso à sua biblioteca, que fora confiscada pela Gestapo) e que, justamente por isso, apresentam alguns sinais que nos ajudam a entender o momento do autor.

Assim como no conflito de 1914-1918, ele manteve um diário de anotações. Sua sorte, porém, não foi a mesma daqueles cadernos: no momento da retirada, Marc Bloch teve que queimar todos os seus registros<sup>420</sup>. Por isso, o testemunho foi redigido sem recorrer a tais escritos. Temos aqui um elemento que irá diferenciar bem a escrita dos dois testemunhos. Se nas memórias da Primeira Guerra nota-se um apego maior à cronologia, nas da Segunda, apesar de ainda conseguirmos encontrar uma lógica temporal coerente, há um relativo desprendimento desses relatos em relação à temporalidade, em prol de uma análise um pouco mais generalista. Talvez no último testemunho a crítica seja mais

---

<sup>416</sup> A periodicidade das cartas foi interrompida entre meados de novembro e meados de dezembro de 1939, quando Bloch consegue uma *permission* de dez dias, e no meio de fevereiro ao fim de março, momento em que ele adoece e fica hospitalizado na Cité Universitaire, em Paris.

<sup>417</sup> Todos discriminados na publicação a qual tivemos acesso.

<sup>418</sup> O último capítulo da tese versará sobre a memória construída de Marc Bloch, e a interferência do filho nessa construção será mais uma vez ressaltada.

<sup>419</sup> Annette Becker ; Étienne Bloch (org.). *Marc Bloch: L’Histoire, la Guerre, la Résistance*. Paris: Gallimard, 2006. Marc Bloch. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

<sup>420</sup> Marc Bloch. *Op. cit.*, 1990, p. 45.

importante do que a descrição dos eventos em si: vê-se que estes dão suporte à sua argumentação central.

Soma-se a isso a experiência pessoal do autor, vinte e um anos mais velho, com o mesmo tempo aumentando a sua bagagem intelectual. Antes, um profissional em início de carreira; agora, um senhor relativamente respeitado nos meios acadêmicos, que então promovia, junto com o colega Lucien Febvre, uma renovação historiográfica na França. O quadro termina de se delinear pelo seu cargo militar em 1939; trata-se do “capitão Bloch”, título alcançado no fim do conflito anterior, que lhe garantiu uma posição diferente da de outrora.

É esse amálgama contingencial entre experiência profissional indissociável de sua visão do mundo, a posição um pouco mais elevada nos meios militares e a impossibilidade de contar com suas anotações aquilo que compõe *L'étrange défaite*. Segundo Bloch, nesse testemunho, a derrota avassaladora tinha explicações bastante evidentes – talvez a surpresa tenha sido, justamente, a sua não previsibilidade a partir das condições em que foram montadas as defesas da França.

### 3.2.1 Premonições

Aproveitando o ensejo da menção a previsões, vale destacar que Marc Bloch, assim como muitos, não foi pego de surpresa pela deflagração da guerra e, aparentemente, não estava muito otimista com o que poderia ser o seu resultado. Sua antevisão de tempos difíceis para indivíduos que, como ele, carregavam o “fardo” do judaísmo, pode ser demonstrada pela sua movimentação pré-guerra. Em que pese todo o contexto da busca por maior proeminência para os *Annales*, sua decisão em dar aulas na Sorbonne a partir de 1936, após os insucessos nos concursos para o *Collège de France*, passou também por certo temor do que ocorria logo além da fronteira de Estrasburgo: a ascensão de Adolf Hitler certamente não dava tranquilidade à grande maioria dos semitas, mesmo àqueles que não eram intimamente ligados à religião<sup>421</sup>. Dentro da França, a situação mostrava-se igualmente preocupante.

O primeiro movimento feito pela família Bloch quando a guerra foi declarada foi mudar-se para Guéret, comuna localizada no departamento francês do Creuse, bem no

---

<sup>421</sup> Sobre essa decisão pela candidatura à Sorbonne, ver Carole Fink. *Marc Bloch: uma vida na história*. Lisboa: Oeiras, 1995.

centro do país. Era um local próximo à casa de campo da família<sup>422</sup> e onde morava Louis Lacroq<sup>423</sup>, amigo do historiador. Étienne Bloch atribui a essa decisão do pai uma escolha consciente: ele não estava confiante na vitória francesa e, por isso, decidiu se estabelecer longe da fronteira<sup>424</sup>. Havia também o temor de que Paris fosse bombardeada<sup>425</sup>, sentimento compartilhado por muitos no meio universitário<sup>426</sup> e que, posteriormente, mostrou-se previsão enganosa. O fato é que tentou manter os familiares mais seguros possível. Nesse momento, apenas os dois filhos mais velhos – Étienne, que encontrava-se de férias na Inglaterra, e Alice, que vivia em Limoges – não acompanharam a mudança dos pais Marc e Simone Vidal, de Sarah Ebstein, e dos outros descendentes (Louis, Daniel, Jean-Paul e Suzanne)<sup>427</sup>. O peso de muitas de suas escolhas estará associado às responsabilidades incutidas em relação a esse núcleo familiar.

Assim se deu a sua preparação para mais uma tormenta. Então, vinte e um anos após o armistício, teve início nova pausa dramática na carreira de Marc Bloch. Novamente, a França iria enfrentar a Alemanha a partir de uma postura defensiva em relação ao agressor. O historiador, agora já cinquentenário, iria se voluntariar para defender o país<sup>428</sup>.

---

<sup>422</sup> Étienne comenta que a casa comprada pelos pais ficava em Bourg-d'Hem, pequeno vilarejo circunscrito na floresta de Fougères, a poucos quilômetros de Guéret. Cf. Étienne Bloch. *Op. cit.*, 1991, p. 6.

<sup>423</sup> Louis Lacroq foi advogado, historiador e arqueólogo “diletante” do departamento do Creuse. Marc Bloch chegou a escrever uma resenha sobre um de seus trabalhos nos *Annales d'histoire économique et sociale* (número 2 do primeiro volume da revista em 1929). Para ele, as falhas da *Monographie de la commune de la Celle-Dunoise* estariam mais ligadas aos documentos do que à capacidade do autor. Seria este atenuante crítico um indício da amizade? Cf. <[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ahess\\_0003-441x\\_1929\\_num\\_1\\_2\\_1084\\_t1\\_0303\\_0000\\_1](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ahess_0003-441x_1929_num_1_2_1084_t1_0303_0000_1)>. Acesso em 16 maio 2014.

<sup>424</sup> Étienne Bloch In: François Bédarida, Denis Pechanski. *Op. cit.*, 1991, p. 5.

<sup>425</sup> François Bédarida. “*Marc Bloch historien, soldat et père de famille*”. Idem, 1991, p. 9.

<sup>426</sup> Sobre o medo de um possível bombardeio a Paris ver, por exemplo, Alan Riding. *Paris: a festa continuou*. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

<sup>427</sup> *Ibidem*, p. 5.

<sup>428</sup> Infelizmente não temos dados precisos que deem conta do tempo entre a mudança para Guéret e o alistamento de Marc Bloch em Estrasburgo. Por tal motivo, não podemos afirmar com certeza se ele tinha como objetivo o resguardo pessoal ou se apenas levou a família e logo partiu para o combate.

### 3.2.2 A vida privada

O primeiro olhar sobre essa trajetória se dará a partir de sua vida privada. Através das cartas trocadas com o filho, uma breve dimensão do que ele pensava intimamente pode ser ressaltado. Para as nossas ambições, a relevância em tratar do assunto explica-se pelo fato de que temos, com isso, oportunidade de levantar e, de certa forma, fundamentar certos pensamentos que ele incute em sua análise da derrota como sendo traços de sua personalidade – ou, de maneira mais ampla, dos franceses tal como ele os imaginava<sup>429</sup>, visto que se trata de um “testemunho de caráter civil”<sup>430</sup>. Temos, no mesmo caminho, vestígios de um cotidiano que se estabelece no cenário de guerra: se havia a distância entre o soldado e a sua família, muitos elementos da vida ordinária mantinham-se em ordem. Era necessário estudar, trabalhar, alimentar-se; enfim, levar o máximo possível a rotina adiante.

Como nos aponta François Bédarida, estas cartas apresentam um movimento de “vai-e-vem” entre a história da pequena célula familiar dos Bloch e a grande história da Europa: inquietudes pedagógicas e domésticas caminhavam lado a lado com preocupações de guerra. Para ele, a ligação com a família é uma chave essencial para a compreensão desse personagem: “[...] não é exagero dizer que sob grande medida é por ela que ele vive”<sup>431</sup>.

Tendo em mente as preocupações metodológicas sobre o uso de correspondências pessoais como fontes históricas elencadas no capítulo anterior, podemos dizer que nas cartas às quais tivemos acesso o Marc Bloch apresentado é a personalidade a partir da qual o próprio gostaria de ser visto/lembrado pelo filho. Temos então uma dupla preocupação: pensar não apenas no autor das epístolas, mas também a relação que ele tenta estabelecer com o seu receptor<sup>432</sup>. Nesse sentido, os temas das cartas também são fruto de uma seleção e organização, fosse plenamente consciente ou não. Essa dimensão não pode ser perdida.

---

<sup>429</sup> Aqui pensamos na França enquanto “comunidade imaginada”, seguindo os passos de Benedict Anderson em sua conhecida análise sobre o nacionalismo. Ver, do autor, *Comunidades Imaginadas – reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

<sup>430</sup> Marc Bloch. *Op. cit.*, 1990, p. 30.

<sup>431</sup> “[...] *il n’est pas exagere de dire que dans une très large mesure c’est par elle qu’il vit*”. François Bédarida. *Op. cit.* 1991, p. 9.

<sup>432</sup> Cf. Ângela de Casto Gomes. “Introdução”. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Escritas de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, pp. 10-22.

Bloch divide com o filho determinadas ansiedades e expectativas – que são, certamente, aquelas que acreditava serem possíveis de compartilhar com o jovem descendente. Tenta também manter as rédeas de um ideal de família que, ao fim e ao cabo, mostra-se bastante comum se relacionada ao seu contexto<sup>433</sup>.

Dentro dessa temática, temos no caso tratado uma importante barreira documental: apenas foram publicadas as cartas de Marc a Étienne; os únicos acessos que temos às respostas do filho dão-se por meio de indícios presentes nos escritos do pai. Como já mencionamos, certas passagens foram censuradas a fim de preservar assuntos íntimos da família. Tal parte de Marc Bloch, apresentada através das cartas, não deixa de ser, portanto, a construção de si do pai para o filho e, posteriormente, a construção do pai pelo filho, enquanto o guardião de sua memória.

Marc – e aqui não faz sentido referir-se a ele como “Bloch”, uma vez que todos os destinatários o são – trocava correspondências frequentemente com os seus. A esposa recebia quase todo dia um envelope<sup>434</sup>. Na documentação a qual tivemos acesso, não eram raros os momentos em que ele enviava nova carta antes mesmo de esperar a resposta do filho. Ainda que isso provavelmente fosse bastante comum à época, reflete com alguma coerência a sua necessidade de saber e participar da vida familiar em Guéret. Mesmo de longe, queria que fosse ele a controlar a vida de sua prole.

Nesse sentido, houve algumas rugas com Étienne. O filho homem mais velho<sup>435</sup>, com seus dezoito anos, quis assumir o papel de chefe da família e, por isso, estava frequentemente em conflito com a mãe, deixando o pai desesperado por não poder intervir mais ativamente. Ademais, Simone possuía frágil saúde, o que tornava todo o quadro ainda mais preocupante para o patriarca. Esse é um tema recorrente nas correspondências: o filho, no papel de “regente”, devia zelar pelos seus, mas sem substituir completamente o pai e, ainda, cumprir com maestria seus deveres pessoais, especialmente aqueles relacionados à educação – Étienne estava em curso de realizar o *baccalauréat*, exame que marca o fim dos estudos secundários na França<sup>436</sup>. Havia, ainda

---

<sup>433</sup> A título de exemplo, conferir Antoine Prost. “Fronteiras e espaços do privado”. In: Phillipe Ariès; Georges Duby. *História da Vida Privada – da Primeira Guerra a nossos dias* (tomo 5). São Paulo: Cia. das Letras, 1992, pp. 13-154.

<sup>434</sup> Étienne Bloch. In: Bédarida, Pechansky. *Op. cit.*, p. 6.

<sup>435</sup> A primogênita era Alice.

<sup>436</sup> “Aconteça o que for, seu primeiro dever nesse momento é o de trabalhar, corajosamente, metodicamente, ao seu trabalho de estudante”. Do original: “*quoi qu’il arrive ton premier devoir est de travailler, pour l’instant, courageusement, méthodiquement, à ton travail d’écolier*”. *Ibidem*, p. 27.

a preocupação com a posição da família no meio social: eles, na condição de “refugiados”, deviam ser exemplo de comportamento e evitar maiores problemas<sup>437</sup>.

Costumeiramente, o conteúdo das cartas compõe-se de um misto de pesadas advertências e palavras carinhosas. “Tiennot”, diminutivo de Étienne, era como Marc se referia ao filho em quase todas. O final não costumava ser menos tenro: beijos e abraços “do fundo do coração” eram recorrentes. Só que também eram frequentes as reclamações dos erros ortográficos das cartas dos filhos (e da esposa<sup>438</sup>), bem como cobranças em relação aos estudos. Em 28 de setembro de 1939, por exemplo, o historiador enviava a Étienne “Um abraço de coração, meu velho”, além de pedir que continuasse sendo informado de sua vida e que fosse “[...] o mais gentil possível com a sua mãe, que aliás não para de lhe elogiar.”<sup>439</sup> A carta, porém, acaba da seguinte maneira: “E o latim?”<sup>440</sup>. Na ótica dos filhos, Marc era um homem austero e de extrema inteligência<sup>441</sup>, ao passo que a mãe era vista como doce e serena<sup>442</sup>.

A severidade parecia agravar-se ainda mais por conta do conflito mundial. Em 9 de novembro, comentava:

É essencial que vocês dois [Étienne e o irmão Louis] sejam bons alunos. Precisamos de vocês. Não se pode deixar que a guerra, que pode gerar certos hábitos de desordem e negligência, estrague suas vidas. Pude ver alguns exemplos disso em 1914-18 e não quero que vocês sucumbam a essa preguiça, nascida de um entusiasmo mal empregado.<sup>443</sup>

Incute nos filhos a noção de responsabilidade, que ele julgava um importante princípio norteador de sua vida, parecia ser tarefa básica. A crise nacional tinha que ser encarada no âmbito privado com o maior cuidado possível. Para ele, independentemente da situação, a disciplina nas obrigações escolares devia ser objetivo primordial<sup>444</sup>. Uma

---

<sup>437</sup> Carta de Marc Bloch a Étienne Bloch (22 de setembro de 1939): “*Il faut que les ‘réfugiés’ donnent l’exemple*”. *Ibidem*, p. 38.

<sup>438</sup> *Ibidem*, p. 20.

<sup>439</sup> Do original: “*Je t’embrasse de tout mon coeur, mon vieux. Continue à me tenir au courant de ta vie, et sois aussi gentil avec maman, qui d’ailleurs ne cesse de selouer de toi*”. *Ibidem*, p. 41.

<sup>440</sup> Em cartas anteriores, Marc Bloch defendia a relevância do estudo dessa língua para o filho. *Ibidem*, p. 41.

<sup>441</sup> Étienne comenta que o pai parecia “saber tudo sobre tudo”. *Ibidem*, p. 19.

<sup>442</sup> François Bédarida relata a informação a partir de conversa com Étienne. *Ibidem*, p. 9.

<sup>443</sup> Do original: “*Il est essentiel que vous soyes tous deux de bons élèves. On aura besoin de vous. Et il ne faut pas que la guerre, en entraînant certaines habitudes de trouble et de laissez-aller, gâche votre vie. J’en ai vu quelques exemples en 1914-18 et je ne voudrais pas que vous succombiez à cette paresse, née d’un enthousiasme mal placé*”. *Ibidem*, p. 30.

<sup>444</sup> Carta de Marc Bloch a Étienne Bloch (18 de janeiro de 1940): “*quoi qu’il arrive ton premier devoir est de travailler, pour l’instant, courageusement, méthodiquement, à ton travail d’écolier*”. *Ibidem*, p. 70 (grifos meus).

das cartas mais longas foi escrita quando do episódio em que Étienne recusava-se a frequentar o liceu (Marc recebeu a queixa da mãe). A chantagem emocional baseava-se no alistamento voluntário do pai:

Estou certo ou não de ter me deixado mobilizar? De ter dado preferência, em suma, àquilo que acreditei ser o meu dever para o meu país ao meu claro dever para com os meus? Eu me interrogo sobre isso com angústia. Uma coisa é certa: acreditava que meus filhos facilitariam o meu sacrifício. Estou triste por estar enganado.<sup>445</sup>

Ainda que se trate de explorar o sentimento de culpa de Étienne e reafirmar a sua autoridade paternal, o trecho reflete um pensamento que parece bem claro ao longo dos escritos de Marc Bloch: seus deveres são para com a família e com o país, e, naquele momento, o último urgia mais pela sua atenção.

A abordagem do pai também era calcada pela franqueza. Isso fica bastante evidente quando o assunto era a vida sexual de Étienne. Em alguns episódios vislumbra-se a conjunção desse fato com a preocupação sempre constante de Marc com condutas que considerava ideais. Respondendo a alguma dúvida sentimental do filho, dizia ele:

Não o julgo ignorante desses assuntos. Sei como é o ambiente entre jovens meninos. Sei também que você tem os olhos abertos e que lê; e que tem dezoito anos. [...] Mas há alguns princípios que todos podem e devem seguir. Primeiramente, um corpo são. Você sabe que relações sexuais com mulheres contaminadas podem trazer certas doenças: gonorreia e sífilis, principalmente. Deve-se saber que se, por azar, se contrai um ou outro, hoje são completamente e radicalmente curáveis. [...] Mas um corpo são não quer dizer somente isso. Significa também evitar toda baixa satisfação e todo abuso. Isso está ligado, conseqüentemente, a um espírito são e limpo: sobre isso é inútil insistir. Dessas linhas que dedicamos à sua vida sentimental, é regra sagrada nunca arriscar fazer mal a outro ser que não a si mesmo. Dito isto, cabe aos jovens resolver, da melhor maneira, seus problemas físicos e sentimentais; as soluções radicais de certos princípios só fazem mal; e no ato natural que é também a lei do amor não há nada de vergonhoso.<sup>446</sup>

---

<sup>445</sup> Do original: “Ai-je eu tort ou raison de me laisser mobiliser? de préférer, en somme, ce que j’ai estimé mon devoir envers mon pays à mon clair devoir envers les miens ? Je m’interroge là-dessus avec angoisse. Une chose est sûre : je croyais que mes enfants me faciliteraient mon sacrifice. Je suis triste de m’être trompé”. Ibidem, p. 70.

<sup>446</sup> Do original: “Je ne te prends pas pour vraiment ignorant de ces choses. Je sais ce que sont les milieux des jeunes garçons; je sais que tu as les yeux ouverts et que tu lis; et tu a dix-huit ans. [...] Mais il y a quelques principes dont chacun peut et doit faire l’application. D’abord un corps sain. Tu sais que les rapports sexuels avec des femmes contaminées peuvent donner certaines maladies: blennorrhagie et syphilis, avant tout. Il faut savoir que l’une et l’autre, si, par malheur, on les contracte, sont aujourd’hui complètement et radicalement curables [...] Mais un corps sain ne veut pas dire cela seulement. Cela signifie aussi éviter toute basse satisfaction et tout abus. Et cela se relie, par conséquent, à un esprit sain et propre: ce sur quoi il est inutile d’insister. Enfin quelques lignes que l’on donne à sa vie sentimentale, c’est une règle sacrée de ne jamais risquer de faire le malheur d’un autre être que soi. Ceci dit, affaire aux jeunes gens de résoudre, de leur mieux, des problèmes à la fois physiques et sentimentaux; les solutions radicales de certaines morales n’ont jamais fait que du mal; et l’acte qu’a voulu la nature et qui est la loi de l’amour n’a rien de honteux”. Ibidem, p. 56.

Na carta seguinte, o assunto é retomado. A orientação do pai era de que o filho não criasse muita ansiedade em relação à virgindade e que tivesse cautela com as mulheres que rondavam os liceus<sup>447</sup>. Parecia importante também marcar a diferença entre as necessidades físicas e sentimentais do jovem<sup>448</sup>. Nota-se no discurso o esforço em tratar o mais francamente possível o assunto com Étienne. Nesse episódio temos prova da intimidade entre os dois, bem como uma pista de que Marc, em seu âmago, esforçava-se em aplicar sua visão de mundo calcada naquilo que julgava ser justo e correto.

A questão era educar o filho sem extrair inteiramente sua liberdade pessoal. Ele tinha que ser capaz de tomar as próprias decisões. Cabia ao pai tentar mostrar o quanto algumas delas estavam permeadas de afobações próprias aos ímpetos juvenis. Assim como no sexo, Étienne parecia querer pular alguns passos em relação à sua participação na guerra. Contra o desejo manifestado pelo filho de se alistar, Marc argumentava que o melhor seria esperar – pelo menos até a conclusão de sua trajetória educacional:

Entendo que você pense em se engajar. Faria o mesmo em seu lugar; e você me conhece bem o suficiente para saber que qualquer consideração de uma ternura egoísta nunca irá me mover a impedir um de meus filhos a correr perigo, **se esse é o seu dever**. Simplesmente peço que considere o seguinte:  
1º) os alistamentos estão momentaneamente suspensos. Ao que concerne aos franceses, não há limite de idade para o serviço. Portanto, não há pressa.  
2º) é essencial que você complete a primeira parte de seu *bachot*<sup>449</sup> (acredito que você entrará em Clermont. Diga-me o resultado, assim que possível),  
3º) Confesso que preferia que você se alistasse somente depois de formado. Não há razão pela qual um curso de filosofia em Guéret não seja proveitoso [...] porque a sua geração que, acredito, estará atenta, irá preencher os vazios da anterior.<sup>450</sup>

---

<sup>447</sup> Carta de 11 de novembro : “*Je sais et tu sais sans doute comme moi quel genre de femme hantent les environs des lycées parisiens au sortir des grandes classes*”. *Ibidem*, p. 61.

<sup>448</sup> Sabemos que a noção de juventude tal como a conhecemos hoje está relacionada historicamente ao contexto pós-1968.

<sup>449</sup> Exame prestado por todos os alunos secundaristas na França, a fim de definir a entrada no ensino superior.

<sup>450</sup> Do original: “*Je comprends que tu penses à t’engager. Je serais de même à ta place; et tu me connais assez pour savoir qu’aucune considération d’égoïste tendresse ne m’amènera jamais à empêcher un de mes enfants de courir un danger, si tel est son devoir. Simplement, je te demande de réfléchir à ce qui suit: 1º) les engagements sont suspendus pour l’instant, au moins en ce qui concerne les Français, n’ayant pas l’âge du service. Donc rien ne presse.*

*2º) il faut absolument que tu aies la première partie du bachot (je pense que tu la passera a Clermont. Dis le moi quand tu le sauras, le plus vite possible),*

*3º) je préférerais, je l’avoue, que tu ne t’engages qu’une fois complètement bachelier. Il n’y a aucune raison pour qu’une philo à Guéret ne te soit pas profitable. [...] Car ta génération, que, je l’espère, sera à peine, atteinte, aura à remplir les vides de la précédente*”. Marc Bloch In: Bédarida, Pechansky. *Op. cit.*, 1991, p. 32 (grifos meus).



Parece claro que Marc Bloch, ao menos retoricamente, entendia que o cumprimento do dever de cidadão estava acima, inclusive, dos riscos que o filho correria em decorrência do alistamento. Não pretendia, por esse motivo, negar-lhe o elã de cumprir com o dever patriótico, ainda que esclarecesse sua posição de que o momento não era oportuno. Étienne só iria alistar-se mais tarde, em 1943<sup>451</sup>.

Outro traço do intelectual que transparece na relação com o filho está nas orientações de livros e músicas. A introdução à música deveria passar por Haendel, Haydn, Schubert, precedidos por Mozart e Beethoven. Daí, com o gosto estabelecido e apurado, Wagner e Bach poderiam ser apreciados propriamente<sup>452</sup>. O mesmo se dava com a leitura. Tentando ajudá-lo nos estudos para os exames, indicava obras de referência e outras que possuía em sua biblioteca. Havia um forte estímulo à erudição do rebento. Reitera-se, nesse sentido, a premissa anteriormente esboçada: os valores que Marc Bloch buscou estimular nos filhos – e que acreditava serem seus – sempre esbarravam na positividade do trabalho e do esforço, moral e intelectual, justamente aqueles que atribuía a si mesmo.

Muito era discutido, também, sobre o contexto presente. Na maioria das cartas, o historiador tentava explicar ao filho sua visão sobre a política e os políticos de então, e suas expectativas em relação ao esforço de guerra – aspecto que retomaremos adiante. Isso porque, paralelamente ao conteúdo banal das cartas, caminhavam reflexões sobre a guerra que se tornariam essenciais para a escrita de *L'étrange défaite*. Entende-se, desse modo, a existência de preocupações legítimas crescendo em meio a um tedioso cotidiano experimentado pelo autor nos primeiros meses de estabelecimento do engodo militar contra os alemães. Aparentemente, uma de suas maiores críticas à estratégia militar francesa, a falta de controle sobre a situação, é uma espécie de reflexo daquilo que acreditava ser a necessidade primeira em meios familiares. Como vimos, mesmo longe da família, ele tentava, como um “patriarca”, organizar todos os passos de sua prole, sobretudo através de Étienne.

As cartas são relevantes no sentido de possibilitar apontamentos como esse. Também, para nos servimos delas a partir de um exercício análogo ao do primeiro capítulo, no qual tratamos da Grande Guerra. Se nele os diários deram base para a análise

---

<sup>451</sup> Partindo de Casablanca junto ao 2º DB, participou da retomada do país desde a Normandia até Estrasburgo. *Ibidem*, p.6.

<sup>452</sup> *Ibidem*, p. 58.

de *Écrits de Guerre*, aqui as cartas serão o complemento fundamental para a compreensão crítica de *L'étrange défaite*.

### 3.3 A derrota: experiência e análise a partir do “testemunho civil”

O cotejo documental supracitado será de grande valia para que se compreenda a “estranheza” da derrota. Não foram somente os nove meses entre a declaração de guerra e o início concreto dos combates que marcam o quê de excêntrico na trajetória do país. 1940 ficaria marcado como um ano decisivo, no qual ficaram evidentes questões bastante profundas no que diz respeito ao “ser francês” e ao “ser a França” como um todo. A derrota para a Alemanha, que em campo durou menos de dois meses<sup>453</sup>, trouxe consigo o esfacelamento de um ideal de nação que perduraria por bastante tempo. O desastre superou em muito a vergonha da humilhação frente ao inimigo histórico: mais grave do que atestar a própria incapacidade militar foi deixar emergir divisões internas muito marcantes.

A fragmentação se fez também em termos práticos. A suposta união nacional deu lugar a uma série de zonas de controle e ocupação. A Itália, componente do eixo, ocupou parte da região sudeste (cidades como Nice e Toulon ficaram sob sua égide); Lille passou à administração militar belga; o litoral, “interditado”<sup>454</sup> contra a penetração de forças aliadas – naquele momento, especialmente as britânicas; pequenas regiões foram desmilitarizadas; as sempre disputadas Alsácia e Lorena foram reanexadas pelos alemães; e havia ainda a “França Livre” governo autônomo reconhecido pelos aliados, mas não pelo eixo, comandado pelo general De Gaulle a partir de Londres. Dessas, podemos dizer que duas foram mais marcantes em relação ao momento e ao porvir histórico francês: aquela mais ao norte, na qual se estabeleceu a Ocupação pelos alemães; e a outra, concentrada ao sul, governada pelo marechal Pétain, autônoma porque era a zona de Colaboração com o regime nazista. Nesta clivagem está o trauma essencial, aquele que por muito tempo após o fim dos conflitos foi silenciado, ainda que, como veremos, sempre

---

<sup>453</sup> A invasão alemã começou no início de maio, e a capitulação oficial se deu no dia 25 de junho de 1940. Reynaud, então primeiro-ministro francês, negou-se a assinar a rendição e abdicou do cargo. Em seu lugar assumiu o marechal Pétain que não só oficializou a derrota como organizou, posteriormente, um governo colaboracionista com os alemães.

<sup>454</sup> Construiu-se o “muro do Atlântico”, série de fortificações levantadas na costa francesa.

urgisse em gritar ao longo dos anos. Tal constrangimento certamente superou aquele da derrota.

Um quadro especulativo rudemente desenhado garante a apreensão do tom do drama. Um “bom francês” – tomando aqui determinado ideal de francês, ligado à nação e aos seus objetivos, mas com autonomia para se movimentar – que quisesse se manter legalmente em território nacional teria que escolher entre duas realidades: viver sob o jugo do inimigo ou aceitar aquele espaço oficialmente independente, que sabidamente compartilhava da ideologia que anteriormente se combatia<sup>455</sup>.

Qualquer que fosse a escolha, devia-se encarar as imposições do armistício. Havia o fato de boa parte da França estar ocupada por tropas alemãs. Determinava-se também que o exército francês devia ser imediatamente desmobilizado, à exceção de uma pequena força, que seria mantida a fim de garantir a segurança interna e cujo efetivo seria indicado pelo vencedor. Todas as fortificações e todo o material bélico deveriam ser entregues. A atividade aérea fora proibida e os campos de aviação ficaram sob o controle germano-italiano. A marinha mercante tinha de retornar ao território nacional e permanecer em portos franceses até segunda ordem, enquanto a marinha de guerra devia ser desarmada. Os prisioneiros de guerra alemães foram soltos, mas os prisioneiros franceses deviam permanecer em grande parte em campos de concentração até a conclusão da paz. Os alemães que estavam refugiados em território francês deviam ser entregues nas mãos da Gestapo<sup>456</sup>. Onde estava a “honra” em assinar um armistício tão castrador? A pátria estaria sendo respeitada<sup>457</sup>?

Foi no interior desse mundo prático que Marc Bloch buscou analisar causas e efeitos da derrota, projetando em seu texto uma idealização: a de si enquanto cidadão consciente e atuante, representando, desse modo, o comportamento que se esperava de um modelo de francês que ele construiu e defendeu em atos e palavras ao longo da guerra. Para ele, mais do que a derrota em si, foi penosa para a nação a maneira como ela

---

<sup>455</sup> Temos ciência de que a França Livre – criada ainda em junho de 1940, apesar de reconhecida enquanto Estado somente depois – e a Resistência (posterior) também constituem opções. Estamos, no entanto, imaginando aquele quadro da oficialidade dentro do território francês.

<sup>456</sup> A. J. P. Taylor. *A Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

<sup>457</sup> Mencionamos aqui “honra” e “pátria” em referência a um curso ministrado por Lucien Febvre – que posteriormente foi publicado em forma de livro – no qual ele defende a ideia de que são esses dois conceitos que comporiam a identidade nacional francesa e iriam, de certa forma, orientar as ações dos franceses de ambos os lados do conflito (os resistentes e os colaboracionistas). Também é digno de nota que “Honra e pátria” era o nome do programa de rádio da França Livre na BBC que foi, segundo Jean-Pierre Azéma, um dos grandes responsáveis pela fama e força de De Gaulle. Ver Jean-Pierre Azéma. “A guerra”. In: René Rémond. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003; Lucien Febvre. *Honra e Pátria*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

aconteceu. A partir de três tópicos distintos, Bloch intencionou dar conta dessa dimensão. Neles, nota-se o dedo do historiador, no esforço de analisar os eventos à luz de seus mais distintos elementos. Iniciava trazendo à tona o seu lugar naquele evento, trazendo assim certa preocupação em impor os limites da própria análise. Em seguida, apresentou os aspectos militares da derrota. Finalmente, terminava através de um “exame de consciência”<sup>458</sup>, trazendo suas reflexões sobre a sociedade francesa como um todo.

### 3.3.1 A trajetória pessoal

A análise do cenário político europeu pelo historiador antecede a escrita do testemunho. Em conversa com Marcel Mauss e Raymond Aron em meados de 1939, confessava acreditar que a guerra seria não apenas inevitável, como duraria além do verão<sup>459</sup>. Atento a isso, aproveitou as férias para viajar pela França com a família. Passaram inclusive por Saint-Didier de Fromans, onde seria fuzilado em 1944; um local, segundo suas palavras, “encantador”<sup>460</sup>. A desconfiança sobre o que viria era patente. Lembremos que ele decidiu se mudar para longe de Paris com medo de bombardeios. Mesmo ao longo do combate esse sentimento perdurou. Como escreveu em carta à filha Alice em 6 fevereiro de 1940, pouco antes do ataque alemão: “Acredito que instalar-se com os pequenos em Paris seria algo imprudente. Corremos o risco, nesse momento, de um brusco alerta”<sup>461</sup>.

Naquela altura codiretor dos *Annales*, que havia completado uma década, publicava o primeiro volume de *A Sociedade Feudal*. Eram dois símbolos de que conseguiu conquistar, depois de longa jornada, renome acadêmico. Mesmo assim, dado o apelo nacional, decidiu pegar em armas novamente.

Um elemento que merece destaque para os propósitos da presente tese é esse alistamento voluntário de Marc Bloch. Por ter seis filhos, ele possuía amparo legal que garantia a sua dispensa<sup>462</sup>. A despeito disso e da sua idade – 53 anos – decidiu apresentar-

---

<sup>458</sup> O título do capítulo é “Exame de Consciência de um Francês”. Marc Bloch. *Op. cit.* 1990, p. 159.

<sup>459</sup> O diálogo é descrito em Raymond Aron. *Le spectateur engagé*. Paris: Julliard, 1981, p. 54.

<sup>460</sup> *Ibidem*, p. 54.

<sup>461</sup> Do original: “J’estime qu’une installation avec les petits à Paris serait peu sage. Nous risquerons, à cette date, une brusque alerte”. Citado em François Bédarida. *Op. cit.*, 1991, p. 9.

<sup>462</sup> Conferir a lei sobre recrutamento em vigor a partir de 31 de março de 1928: “Art. 58: [...] Os pais de seis ou mais filhos vivos estão liberados de qualquer obrigação militar a partir do nascimento do sexto filho”. Do original: “Les pères de six enfants vivants et d’un nombre plus élevé d’enfants sont libérés de

se ao exército francês. No fim de agosto de 1939, foi convocado pelo Estado-Maior da Alsácia, no grupo de subdivisões. Pela experiência militar que tinha, esteve incumbido de supervisionar a mobilização no leste do país<sup>463</sup>. Em outubro daquele ano, foi transferido para o QG da 1<sup>ère</sup> Armée em Bohain (comuna situada no departamento do Aisne), onde ficou encarregado de organizar a ligação com o corpo expedicionário britânico. De lá, passou para a vida burocrática sobre a qual tanto reclamou em *L'étrange défaite*.

Logo no início do testemunho, já fazia questão de se afirmar como um homem de ação, que lutava pela França: “Em 1915, após uma convalescença, juntei-me ao *front* antes da hora, como voluntário. Em 1939, mantive-me em atividade, apesar da minha idade e de meus seis filhos que, há tempos, me haviam dado o direito de pendurar meu uniforme”.<sup>464</sup>

No âmbito privado mostrava-se preocupado: “Observei certas coisas, do lado alemão, que me surpreenderam bastante. Mas prefiro não lhe dizer”<sup>465</sup>. Nesse primeiro momento, no entanto, a crença de que o saldo poderia ser positivo para a França ainda não tinha sido totalmente abalada, mesmo que pairasse certa desconfiança em relação ao que observava. Em 28 de setembro escreveu a Étienne: “Parece-me que adotamos uma estratégia muito prudente”<sup>466</sup>.

Vemos nas cartas que houve hesitações posteriormente. Em carta à filha Aline de 22 de janeiro de 1940, comentava:

Acredito que a questão da desmobilização dos pais de seis filhos será novamente colocada. Isso para mim é um problema muito grave, porque sempre me pergunto onde está o dever para mim, isto é, onde eu sou ou seria mais útil. [...] Sinto, por outro lado, grande repugnância de abandonar meu serviço aqui talvez às vésperas de passar à ação verdadeira.<sup>467</sup>

---

toute obligation militaire dès la naissance de leur sixième enfant.” Disponível em <<http://combattant.14-18.pagesperso-orange.fr/Pasapas/E304RMClasses.html>>. Acesso em 18 jan. 2015:

<sup>463</sup> François Bédarida. *Op. cit.*, 1991, p. 9.

<sup>464</sup> Do original: “En 1915, après un convalescence, j’ai rejoint le front avant mon tour, comme volontaire. En 1939, je me suis laissé maintenir en activité, malgré mon âge et mes six enfants, qui m’avaient, depuis longtemps, donné le droit de prendre au clou mon uniforme”. Marc Bloch. *Op. cit.*, 1990, p. 33.

<sup>465</sup> Do original: “J’y vois certaines choses qui, du côté allemand, m’étonnent beaucoup. Mais je crois préférable de ne pas te les dire.”. Carta a Étienne Bloch. Marc Bloch In: Bédarida, Pechansky. *Op. cit.*, 1991, p. 35

<sup>466</sup> Do original: “Il semble que nous ayons adopté une stratégie très prudente”. *Ibidem*, p. 40.

<sup>467</sup> Do original: “Je crois que la question de la démobilisation des pères de six enfants va se poser à nouveau. C’est pour moi un problème très grave, car je me demande toujours où est, pour moi, le devoir, c’est-à-dire où je suis ou serais le plus utile [...] J’éprouve, par ailleurs, une grande répugnance à abandonner mon service ici à la veille peut-être de passer à l’action véritable”. François Bédarida. *Op. cit.*, 1991, p. 12.

Desmobilizar-se, àquela altura, seria retornar para junto da família. O senso do dever, no entanto, prevaleceu, ainda que esse dever fosse algo tão moroso e ineficiente. No testemunho, também relatou o conflito interno, porém ressaltando a função que exercia mais do que a vontade de ver a família: “[...] um historiador não fica entediado tão facilmente: ele pode sempre se lembrar, observar, escrever<sup>468</sup>. Mas a inutilidade, quando a nação está em luta, é um sentimento insuportável”<sup>469</sup>. Três meses após a sua mobilização, ele escrevia a Michel Mollat: “Que guerra estranha! À exceção de raros disparos de DCA<sup>470</sup> e alguns exercícios de tiro, não ouvi armas sequer uma vez”<sup>471</sup>.

É mais do que evidente o seu incômodo com a vida “pouco febril” de um burocrata do exército<sup>472</sup>. Escrevia à esposa logo nos primeiros momentos das hostilidades: “[...] eu seria capaz de prestar serviços muito maiores em outros lugares”<sup>473</sup>. Ao filho, confessava:

Sei que poderia ser útil em muitos outros lugares. Evidentemente, não possuo a resistência necessária para comandar uma unidade de primeira linha. Não ignoro esse dado (a propósito, meu torcicolo está bem melhor e a gripe já passou). Mas há muitas coisas que poderia fazer de maneira eficaz. Devo, no entanto, ter paciência e deixar-me levar ao sabor do destino. Porque chegará o tempo de servir.<sup>474</sup>

Foi então que pediu transferência de cargo<sup>475</sup> e passou a atuar no papel de ligação com os britânicos que mencionamos. Nele, foi incumbido de organizar a distribuição de combustível para os equipamentos motorizados. O desafio de adaptação e

---

<sup>468</sup> O mesmo pensamento aparece em carta escrita a Étienne em 14 de setembro de 1939: “Sustento a ideia de que um historiador não pode se entediar: porque profissionalmente ele se interessa pelo espetáculo do mundo”. Do original: “*Je soutiens l'idée qu'un historien ne peut pas s'ennuyer ; car professionnellement il s'intéresse au spectacle du monde*”. *Ibidem*, pp. 42-43.

<sup>469</sup> Do original: “[...] *un historien ne s'ennuie pas facilement: il peut toujours se souvenir, observer, écrire. Mais l'inutilité, quand la nation se bat, est un sentiment insupportable*”. Marc Bloch. *Op. cit.*, 1990, p. 36.

<sup>470</sup> Sigla que significa “Canhão de Defesa Antiaérea”.

<sup>471</sup> Do original: “*Quelle étrange guerre! Réserve faite de quelques rares coups de DCA et de quelques exercices de tir, je n'ai pas entendu une fois le canon*”. Citado em François Bédarida. *Op. cit.*, 1991, p. 13.

<sup>472</sup> Marc Bloch. *Op. cit.*, 1990, p. 35.

<sup>473</sup> Carta de Marc Bloch a Étienne Bloch (20 de setembro de 1939): “*Alors que tout de même je serais capable de rendre ailleurs de beaucoup plus grands services*”. *Ibidem*, p. 13.

<sup>474</sup> Carta de Marc Bloch a Étienne Bloch (28 de setembro de 1939): “*Je sais que je pourrais être utile, en bien d'autres lieux. Evidemment, je n'ai plus la résistance nécessaire pour commander une unité de première ligne. Cela je ne l'ignore pas (à propos mon torticolis va beaucoup mieux, et mon rhume est tout à fait passé). Mais il y a beaucoup d'autres choses que je pourrais faire efficacement. Il faut, cependant, patienter et se laisser un peu flotter au gré du destin. Car il y aura le temps de servir*”. *Ibidem*, pp. 43-44.

<sup>475</sup> Conquistada graças a um contato do alto comando. Esse garantia de vantagem por conta de relações particulares, segundo o autor, entra para a lista das “coisas pelas quais não nos orgulhamos de praticar em uma guerra”. *Ibidem*, p. 35.

aprendizagem<sup>476</sup> logo arrefeceu e, mais uma vez, sentiu-se em meio a uma função por demasiado morna e burocrática. Rapidamente, escrevia ao filho: “Não possuo, nesse momento, o sentimento de ser muito útil”<sup>477</sup>. Naquele contexto, parecia retornar a noção que observamos ao longo da Grande Guerra, do intelectual que acreditava estar mal empregado em relação a suas potencialidades:

Limitado, dia após dia, a identificar latões ou a calcular, a conta-gotas, a distribuição de combustível, sentia novamente, talvez erroneamente, o sentimento de que talvez eu tivesse forças intelectuais e de espírito empreendedor que não estavam sendo bem empregados.<sup>478</sup>

Tal noção é reforçada nas cartas, sempre acompanhada pelo sentimento de incerteza e de espera infundável pelo inimigo. Vejamos dois exemplos:

Continuamos a viver na espera. O que irá acontecer na primavera? Infelizmente, a iniciativa pertence ao inimigo e não vejo como poderia ser diferente [...] e a ignorância das pessoas que me cercam continua a me assustar (falo de sua ignorância geral).<sup>479</sup>

O que faço, de todo modo, não é tremendamente interessante e continuo a pensar que me empregam muito mal. Reflito sobre os meios de atuar melhor. Naturalmente deve-se ter cuidado para não sucumbir ao mal da espera. Mas ao que me parece, é um mau momento generalizado.<sup>480</sup>

A indecisão sobre tomar proveito da prerrogativa legal para ser desmobilizado parecia assombrá-lo bastante<sup>481</sup>. Havia ainda a preocupação de como reagiriam ao ataque alemão: “Desconfiemos da preguiça nascida de uma guerra imóvel (até agora!)”<sup>482</sup>.

---

<sup>476</sup> “Tomara, escrevi à minha mulher, que Hitler fique tranquilo ao menos por algumas semanas!”. Do original: “*Pourvu, écrivais-je à ma femme, que Hitler consente à rester sage encore pendant quelques semaines*”. *Ibidem*, p. 38.

<sup>477</sup> Carta de Marc Bloch a Étienne Bloch (22 de outubro de 1939): “*Je n’ai pas, présentement, le sentiment d’être très utile*”. Marc Bloch In: Bédarida, Pechansky. *Op. cit.*, 1991, p. 50

<sup>478</sup> Do original: “*Réduit dorénavant, jour après jour, à recenser des bidons ou à calculer, au compte-gouttes, des allocations d’essence, j’eus de nouveau, peut-être à tort, le sentiment que ce que je pouvais posséder de forces intellectuelles et d’esprit d’entreprise n’était pas trop bien employé*”. Marc Bloch. *Op.cit.*, 1990, p. 39.

<sup>479</sup> Carta de Marc Bloch a Étienne Bloch (14 de fevereiro de 1940) : “*Nous continuons à vivre dans l’attente. Que va être le printemps? Malheureusement, l’initiative appartient à l’ennemi et je ne vois pas très bien comment il pourrait être autrement [...] et l’ignorance des gens qui m’entourent continue à m’effrayer (je parle de leur ignorance générale)*”. In: Bédarida, Pechansky. *Op. cit.*, 1991, p. 77.

<sup>480</sup> Carta de Marc Bloch a Étienne Bloch (28 de março de 1940): “*Ce que je fais n’est d’ailleurs pas prodigieusement intéressant et je continue à penser qu’on m’emploie assez mal. Je réfléchis aux moyens de mieux faire. Naturellement il faut se méfier, sur soi-même, du cafard de l’attente. Il est, me semble-t-il, un mal en ce moment assez général*”. *Ibidem*, p. 79.

<sup>481</sup> *Ibidem*, p. 39.

<sup>482</sup> Carta de Marc Bloch a Étienne Bloch (5 de maio de 1940): “*Méfions-nous de la paresse née d’une guerre immobile (jusqu’ici !)*”. *Ibidem*, p. 62.

Segundo o seu relato, quando o pensamento parecia estar se tornando certeza, veio o inesperado. Em 28 de maio de 1940, recebeu a ordem de esvaziar, inutilizar e abandonar os caminhões tanque e reservas de combustível que comandava. Seu superior declarou como prioridade garantir a retirada de pelo menos duas divisões. Escolheu alguns homens para acompanhá-lo na espera pelo inimigo e enviou os outros para tentar a sorte na retirada. Estava começando naquele momento a famosa Retirada de Dunquerque, que se estabelecerá a partir do dia seguinte<sup>483</sup>. Foi nessa ocasião, em que imperava a urgência, que ele se viu obrigado a queimar todos os seus arquivos, incluindo o caderno verde no qual anotava o seu dia-a-dia: “O que eu não faria, hoje, para ter em mãos aquele querido caderno verde!”<sup>484</sup>

Segundo o seu relato, aquele foi o momento em que o senso de dever e a moral do capitão-historiador pulsou forte. Mesmo sem ter obrigações para com o corpo militar, quebrado pela “febre de evasão” e pelo sentimento de “cada um por si”<sup>485</sup> na luta para garantir vaga nos navios que levariam franceses, ingleses e belgas em retirada para a Inglaterra, ele ainda se sentia responsável por algumas almas:

Uma vez que o exército tinha deixado de existir, eu não tinha mais nenhum serviço a cumprir no estado-maior. Mas ainda estava encarregado das almas. Não comandava mais o parque de combustíveis nem as companhias de caminhões-pipa, mas havia trabalhado por tempo demais com aquela brava gente para julgar ter o direito de ocupar-me comigo antes de garantir seu destino, ou seja, seu embarque, que era a única preocupação de todos naquele momento. Fugir da costa maldita antes que o inimigo forçasse nossas últimas defesas; escapar da captura pelo único caminho ainda livre, o mar: uma verdadeira febre de evasão tomou conta daquela multidão de homens quase totalmente desarmados que podiam ver, das margens onde estavam amontoados, os ingleses embarcando antes deles. Passei a maior parte do dia 30 tentando garantir aos meus homens uma vaga definitiva nas listas de partida.<sup>486</sup>

---

<sup>483</sup> Batalha na qual forças britânicas e francesas ficaram encurraladas pelos alemães nessa região, que fica ao norte, perto da fronteira com a Bélgica. A fama da batalha esteve na evacuação desses homens promovida pelas forças britânicas. Mais de trezentos mil soldados foram evacuados pelo mar para a Inglaterra. Por essa complexidade estratégica e técnica ter sido bem sucedida, a Operação Dínamo ficou conhecida também (pelos ingleses) como “a vitória de Dunquerque”.

<sup>484</sup> Do original: “*Que ne donnerai-je, aujourd’hui, pour tenir en main, ce cher cahier vert!*”. *Ibidem*, p. 46.

<sup>485</sup> Relata, inclusive, que um de seus chefes, encarregado pela organização da retirada, “desapareceu misteriosamente” no momento em que zarpou um navio em direção à Inglaterra. *Ibidem*, p. 126.

<sup>486</sup> Do original: “*L’armée ayant d’exister, en tant que telle, je n’avais plus aucun service d’état-major à remplir. Mais j’avais encore charge d’âmes. Je ne commandais certes pas le parc d’essence ni ses compagnies de camions-citernes. J’avais pourtant trop travaillé avec ces braves gens pour me croire en droit de m’occuper de moi-même avant d’avoir assuré leur sort, c’est-à-dire leur embarquement. Car telle était alors l’exclusive préoccupation de chacun. Fuir, avant que l’ennemi em forçât les dernières défenses, cette cote maudite; se dérober à la captivité par le seul chemin que restât encore libre, celui de la mer: une véritable fièvre d’évasion s’était emparée de cette foule d’hommes, maintenant à peu près desarmes, qui, des rives où ils s’entassaient, voyaient les Anglais, avant eux, prendre le large. J’employai le plus clair de*



Mesmo tendo salvado muitas vidas, Marc Bloch viu alguns de seus homens se perderem naquele dia. Um dos navios fora atacado e naufragou<sup>487</sup>. Se a inatividade o havia incomodado antes, naquele fim de maio a ação da guerra o atingia em cheio. Após garantir o embarque dos seus homens, pôde enfim buscar uma vaga para si e para os imediatos que o acompanhavam. Por conta de uma informação errada, ele e seu grupo atravessaram duas vezes a região de Dunquerque e presenciaram o frenesi estabelecido ao longo da caminhada “contra a corrente” dos soldados em fuga. Viu a cidade em ruínas, repleta mais de restos humanos do que de cadáveres<sup>488</sup>. A trilha sonora remetia aos gloriosos tempos de trincheiras: “tac-tac” de metralhadoras, explosões de bombas e obuses, somados aos disparos da defesa antiaérea. E, assim como no relato do batismo de fogo de 1914, suas recordações não são amargas: nada de horrores e perigos, mas a visão de uma admirável tarde de verão, na qual o sol disparava seus melhores raios sobre o mar. O céu era “ouro puro” e a água, cristalina<sup>489</sup>. Parecia arrebatado por uma precoce nostalgia de uma terra a qual ainda não tinha abandonado.

A chegada do outro lado do Canal da Mancha foi inicialmente revigorante. Os homens foram recebidos com cortesia e simpatia pelos ingleses. Noites de sono bem dormidas, sanduíches com presunto e queijo *cheddar*, cigarros, cores e lindas paisagens que observava de dentro de um vagão que levava a todos ao encontro dos franceses refugiados<sup>490</sup>. Destino final: a realidade. “Nada mais de sanduíches nem de cigarros”<sup>491</sup>. A recepção pelas forças francesas de retaguarda fora seca e desconfiada, à exceção da amabilidade de algumas mulheres da Cruz Vermelha. Das noites bem dormidas também ficaram apenas recordações; o acampamento improvisado estava longe de ser aconchegante. Se a recordação da saída da França era aprazível, parecia ainda mais bela se comparada à do retorno à pátria: foram praticamente “desovados” em Caen, saindo de trens extremamente desconfortáveis e chegando no meio da noite, sem qualquer recepção programada. O clima da guerra que fora brevemente esquecido logo abateu-se em todos<sup>492</sup>.

---

*ma journée du 30 à tâcher de procurer à mes clients une place définie sur le tableau des départs*”. *Ibidem*, p. 48.

<sup>487</sup> *Ibidem*, p. 49.

<sup>488</sup> *Ibidem*, p. 50.

<sup>489</sup> *Ibidem*, p. 50.

<sup>490</sup> *Ibidem*, p. 51.

<sup>491</sup> “*Plus de sandwiches ni de cigarettes*”. *Ibidem*, p. 51.

<sup>492</sup> *Ibidem*, p. 51.

Marc Bloch narrou um episódio que viveu nessa ocasião bastante representativo do estado precário da inteligência militar francesa com aquele “resto de exército”<sup>493</sup>. Naquela parte da Normandia, na manhã do dia 18 de junho, corria o boato de que o inimigo se aproximava. O capitão-historiador foi ao encontro de seu ordenança para lhe pedir que fizesse suas malas. Feito o contato, observou à sua frente, numa avenida, uma coluna alemã a desfilar. O território estava sendo tomado: “Nenhum tiro disparado. Soldados franceses e oficiais olhavam. Soube mais tarde que quando os alemães topavam por acaso com um soldado armado, limitavam-se a obrigá-lo a quebrar o fuzil e jogar fora os cartuchos”<sup>494</sup>.

Em seu testemunho, comentou que há muito estava decidido a não cair prisioneiro dos alemães. Permaneceria em seu posto apenas se acreditasse que, dessa maneira, seria útil para a nação. Como percebeu que nem se ensaiava uma resistência, decidiu fugir: “[...] minha inutilidade era flagrante; ou melhor, parecia-me claramente que o único meio de continuar a servir, de algum modo, a meu país e aos meus era fugir, antes que a armadilha acabasse de se fechar”<sup>495</sup>. Assim justificava o ato que, no limite, poderia contradizer a imagem do patriota ciente das obrigações que tantas vezes tentou promover para si.

O complemento dessa construção foi o relato de um episódio de extrema ousadia. Estabeleceu-se em Rennes, graças à ajuda de um amigo professor que atuou como contato na cidade. Ainda em fuga, decidiu não utilizar pseudônimo quando se instalou em um hotel no local:

Foi acreditando que não há melhor maneira de se esconder do que sob seu próprio personagem, escrevi na ficha que me entregaram meu verdadeiro nome e profissão. Meus cabelos grisalhos me assegurariam que, por trás do professor universitário, ninguém procuraria o oficial.<sup>496</sup>

Apostou as fichas e levou o prêmio. Ficou doze dias em Rennes sem ser abordado. “Na rua, no restaurante, no próprio hotel, o tempo todo esbarrava com oficiais

---

<sup>493</sup> *Ibidem*, p. 52.

<sup>494</sup> Do original: “*Pas un coup de feu. Des soldats français, des officiers regardaient. J'appris plus tard que lorsque les Allemands croisaient, par hasard, un soldat armé, ils se contentaient de le forcer à briser son fusil et à jeter ses cartouches*”. *Ibidem*, p. 52.

<sup>495</sup> Do original: “[...] *mon inutilité devenait flagrante; ou plutôt il m'apparaissait clairement que le seul moyen de continuer à servir, en quelque façon, mon pays et les miens était de m'échapper, avant que le piège achevât de se refermer*”. *Ibidem*, p. 52.

<sup>496</sup> Do original: “*Estimant que l'on ne se cache jamais mieux que sous son propre personnage, j'inscrivis, sur la fiche qu'on me tendit, mon vrai nom, avec ma profession. Mes cheveux gris m'assuraient que, sous l'universitaire, personne ne chercherait l'officier*”. *Ibidem*, p. 53.

alemães”. Sentia nisso “malicioso prazer de passar a perna naqueles senhores sem que eles sequer desconfiassem”<sup>497</sup>. Tal sentimento convivia com outros, nem subversivos, nem positivos. Em *L'étrange défaite*, relatava ser difícil viver na mentira – retoma aqui o *topos* do historiador comprometido com a verdade. Soma-se a isso outro mal estar: o de presenciar a coabitação pacífica<sup>498</sup> entre franceses e oficiais alemães que ocupavam a cidade – trazendo novamente outro *topos*, o do dever patriótico necessário que, no caso, estaria sendo traído<sup>499</sup>.

Outra vez contando com a ajuda de conhecidos, foi para a Antuérpia quando o sistema de trens foi restabelecido para, em seguida, viajar a Guéret para encontrar-se com a família. Escolheu esse momento para terminar a descrição de sua trajetória pessoal: “[...] eles fazem meu coração bater muito forte. Que o silêncio paire sobre eles!”<sup>500</sup>.

### 3.3.2 Os motivos da derrota

O tópico seguinte remete à tentativa de analisar a derrota em si. Quais elementos tinham, em conjunto, conspirado para impedir que o espírito de luta fervilhassem e fizessem prevalecer aqueles repugnantes atos que presenciara? Por que não se viam nos rostos a mesma determinação que caracterizara o conflito anterior, protagonizado inclusive por muitos indivíduos que estavam na frente de batalha novamente?

Para Marc Bloch, encontrar essas respostas era importante. Recorreu, então, à sua área de domínio para buscá-las: *L'étrange défaite* tem um longo tópico dedicado somente à busca das mazelas históricas que levaram a França ao abismo da derrota. Conjugava-se, ali, mais uma vez, o tino do historiador com a visão de quem viu “com os próprios olhos” os marcantes acontecimentos.

Lembrava novamente que o seu papel, dessa vez, não era com armas em mãos, mas no campo administrativo. Garantia, assim, uma distância da ação brutal que, por um lado, afastava-o um pouco daqueles homens que realmente valorizava<sup>501</sup> e, por outro,

---

<sup>497</sup> *Ibidem*, p. 53.

<sup>498</sup> Essa ideia de que o cotidiano continua, mesmo em situações-limite, é trabalhada por Pierre Laborie, que usa como categoria de explicação para essa experiência o conceito de “zona cinzenta”. Ver Pierre Laborie. *Les français des années troubles: de la guerre d’Espagne à la Libération*. Paris: Seuil, 2003.

<sup>499</sup> Marc Bloch. *Op. cit.*, p. 54.

<sup>500</sup> Do original: “[...] ils font trop fort bondir mon coeur. Que le silence soit sur eux!”. *Ibidem*, p. 54.

<sup>501</sup> Lembremos da idealização do camponês como “verdadeiro francês” que ele começou a desenhar a partir da experiência da Grande Guerra de 1914-1918.

possibilitava uma análise um pouco mais geral do desastre. Dessa posição, observou: o grande problema que teria levado a França à bancarrota fora a incapacidade do alto comando<sup>502</sup>. Muito além de má fé ou do desprezo à nação – problemas que, embora sérios, seriam detectados em determinados indivíduos e não no grupo como um todo –, estava uma questão central, esta sim bastante difundida e inexpugnável a curto prazo: pairava sobre o grupo uma mentalidade “atrasada” em relação ao contexto daquele conflito. Do outro lado, para piorar, atuava uma nação que parecia ter compreendido com bastante eficiência as demandas contingenciais da modernidade. Face à *Blitzkrieg*<sup>503</sup> alemã, a estratégia defensiva organizada pelo alto comando era irrisória.

Além da falta de inventividade de um grupo agarrado a um estilo de combate arcaico, havia o impedimento da famosa burocracia francesa. O “culto aos papéis” era obsessivo e extremamente nocivo, porque tornavam todo o processo ainda mais atabalhado. O autor apontava em vários momentos do texto para esse impacto negativo: memorandos cruciais que eram arquivados sem alcançar o destino final e informações que chegavam desencontradas ou fora de hora<sup>504</sup> eram situações rotineiras. Havia clara confusão de prioridades: agir com correção sobrepujava a agilidade que se fazia tão necessária naquele contexto.

Certa vez, Bloch quis alterar a distribuição de combustível de uma tropa, por acreditar que ela estava recebendo mais do que o necessário. Resolveu, então, pedir para cortar o envio de determinada porcentagem de gasolina, e redistribuir o excedente a outras áreas. Para conseguir tal feito, teve que enviar inúmeros ofícios e fazer vários telefonemas por mais de três dias, tempo suficiente para uma eventual mudança na situação que ele próprio havia diagnosticado<sup>505</sup>. Com certeza, os alemães não estavam parados esperando que essa decisão fosse tomada. Tal burocracia cerceava toda a inventividade que Bloch sentia presente em muitos companheiros de guerra<sup>506</sup>.

E se as condições de ação dos militares de mais baixa graduação eram precárias, o mesmo diagnóstico pode ser feito em relação à ligação das tropas francesas com as

---

<sup>502</sup> *Ibidem*, p. 55.

<sup>503</sup> “Guerra relâmpago”: estratégia militar que consistia em organizar ataques mecanizados rápidos, a fim de evitar que o inimigo organizasse a defensiva; surpreendê-lo era garantir a vitória.

<sup>504</sup> Relatou em dado momento que recebeu informação de um comboio alemão nas proximidades e, depois de feitos os preparativos para o embate, encontraram o local vazio. Ou o inverso: tropas que foram surpreendidas pelo inimigo porque não sabiam que eles se encontrariam em determinadas posições, o que coaduna com a ideia de que as informações não chegavam a tempo ou sequer eram enviadas. Ver *Ibidem*, pp. 104-106.

<sup>505</sup> *Ibidem*, p. 108-109.

<sup>506</sup> Lembremos que ele mesmo, em dado momento, disse que poderia ter servido melhor à pátria se pudesse aproveitar seu espírito empreendedor. Idem. *Ibidem*, p. 90.

inglesas. Apesar do inimigo comum, cada país parecia lutar sua própria guerra<sup>507</sup>. Falha dos franceses, sem dúvida. Os correios do exército, salvo engano de Bloch, não possuíam uma motocicleta sequer. Tinham poucos carros – menos ágeis do que o outro veículo –, que ainda assim eram mal distribuídos. Soma-se a isso uma questão de consciência nacional, marcada talvez pela relação histórica entre os dois países. Bloch tinha boas relações com muitos indivíduos ingleses, mas parecia ser uma exceção à regra, em um país onde a anglofobia reinava entre os meios de comunicação. A crítica que ele faz a isso é contundente: “Talvez fosse uma benção para um velho povo saber esquecer com mais facilidade: pois a lembrança obscurece por vezes a imagem do presente e o homem, antes de tudo, deseja adaptar-se ao novo”<sup>508</sup>.

A falta de percepção de que eles precisavam manter boas relações com os ingleses, e não apenas atirar na mesma direção que eles, foi mais um engano considerável. O autor do testemunho, contudo, faz questão de deixar marcado que os ingleses, embora tenham sido heroicos em eventos como a batalha de Dunquerque, nada tinham de santos. Possuíam todas as qualidades de um exército profissional. Obedecer e combater eram as palavras de ordem. Só que, no mesmo compasso, tinham todos os defeitos dessa casta. Mostrariam logo na campanha da Bélgica (no início da guerra) que eram saqueadores e libertinos. Havia, também, a diferença de gerações. Eram franceses de trinta e quarenta anos lutando ao lado de jovens ingleses. Marc Bloch defende que talvez uma delimitação clara da zona de atuação de cada país evitaria muitos incidentes desnecessários. A responsabilidade disso era do Alto Estado Maior Francês, única fonte de autoridade comum<sup>509</sup>.

Franceses e ingleses acabaram, por isso, criando uma desconfiança mútua que só intensificou a rixa histórica. Os primeiros desconfiavam das intenções dos ingleses em suas terras, e temiam pela integridade de sua população civil. O comportamento deles parecia-lhes estranho. Em caso de aceitar alguém em seu grupo, eram afáveis e repletos de candura. Com alguém que mantivesse relações efêmeras, por outro lado, eram distantes; reinava a sua impecável urbanidade. Quando os franceses pediam uma

---

<sup>507</sup> Mais um lembrete: Bloch escreveu isso na condição de um militar que era responsável por essa ligação entre as tropas de França e Inglaterra. Nesse ponto, portanto, podia discorrer como poucos. No interior do seu serviço, no entanto, ele conta que conseguiu criar com os ingleses um sistema privado de comunicação que foi prático e efetivo. *Ibidem*, p. 95-96.

<sup>508</sup> Do original: “*Peut-être serait-ce un bienfait, pour un vieux peuple, de savoir plus facilement oublier: car le souvenir brouille parfois l’image du présent et l’homme, avant tout, a besoin de s’adapter au neuf*”. *Ibidem*, p. 100.

<sup>509</sup> *Ibidem*, p. 104.

informação eles a davam, mas nada, além disso, lhes era respondido. Bloch se questionava até que ponto isso era suficiente. Os ingleses, por sua vez, em muitos momentos necessitaram de ajuda eficiente dos franceses e esbarravam naquela imobilidade tão denunciada por Bloch. A lentidão deles parecia, aos olhos do aliado, má vontade em colaborar. A relação entre os soldados tornou-se, por isso, puramente formal:

Após a ação conjunta projetada em Arras ter sido abortada, parece que nas duas partes, sob influência de uma espécie de desilusão mútua, os estados-maiores renunciaram quase totalmente a trabalhar juntos. Quantas pontes os britânicos não explodiram para cobrir sua retirada sem se preocuparem em prejudicar a nossa!<sup>510</sup>

Após presenciar esses acontecimentos, Marc Bloch foi transferido para o 2<sup>e</sup> *bureau*, responsável pelo controle das informações. Ficou parcialmente satisfeito por isso. Era um ambiente coerente com os seus interesses de historiador, mas que justamente por isso o inquietava. Os métodos ali utilizados eram igualmente ineficazes<sup>511</sup>. Bloch ficava inquieto com a inexatidão das informações que recebia sobre a disposição, capacidade e conteúdo dos depósitos de gasolina. Tudo era muito confuso. Os boletins que recebia nunca ou quase nunca tinham nexos entre si; muitas vezes até se contradiziam. Este era um sintoma do problema maior, a falta de um centro de informação, que organizasse minimamente tudo o que era produzido. Neste sentido, o exército francês encontrava-se praticamente em migalhas. Oficiais que desempenhavam cargos como o de Bloch só sabiam a posição do inimigo quando, por sorte ou casualidade, conseguiam captar poucas informações em conversas ou reuniões<sup>512</sup>. A crise de autoridade era evidente.

Lá, no 2<sup>e</sup> *bureau*, Bloch também teve a confirmação de outra tese sua. A formação dos militares na França era feita de forma equivocada. Ao invés de tentar mostrar aos futuros oficiais que a disciplina – um dos valores fundamentais a um corpo militar – devia ser meramente o prolongamento das virtudes civis, além de uma forma de consciência profissional, havia apenas o “adestramento” daqueles indivíduos e nada mais. Para que servia a escola militar se ela preparava para tudo, menos para a guerra? Ela

---

<sup>510</sup> Do original: “Après que l’action commune, projetée sur Arras, eut avorté, il semble que, des deux parts, sous l’empire d’une sorte de désillusion mutuelle, les états-majors aient presque totalement renoncé à collaborer. Que de ponts les Britanniques n’ont-ils pas alors fait sauter, pour couvrir leur retraite, sans se préoccuper de savoir s’ils ne coupaient pas la nôtre!” Ibidem, p. 107.

<sup>511</sup> “J’aurais d’ailleurs été un piètre historien se je n’avais toujours porté un intérêt particulièrement vif à ces questions d’information et de témoignage. Mais, précisément parce que j’étais un historien, les méthodes en usage autour de moi ne tardèrent pas à m’inspirer de cruelles inquiétudes”. Ibidem, p. 114.

<sup>512</sup> Ibidem, p. 119.

ensinou errado. Persuadiu o alto comando da guerra de 1914 que ela seria a de Napoleão, e aos chefes de 1939 que seria como em 1914<sup>513</sup> – sempre um passo atrás.

Seu lamento aumentou mais quando ele percebeu que os franceses, aqueles que dariam de forma mais intensa o seu sangue pela pátria, os soldados rasos, tinham um enorme potencial que não era explorado. Ele descrevia que, em razão de um reagrupamento na Normandia, recebeu alguns apertos de mão que confortaram seu coração. A carga sentimental desse momento marcou profundamente o historiador: “[...] na verdade, a memória desses dias me impedirá, enquanto eu tiver consciência, de duvidar do povo francês”<sup>514</sup>. Mais uma vez, portanto, ele afirmava: se a França tem algum valor a ser exaltado nessa estranha derrota, com certeza ele está no povo francês. O bom humor e a alegria da tropa haviam sido restringidos por esse “pseudo-adestramento”<sup>515</sup>. Infelizmente, para Bloch, o exército francês não havia esquecido o costume do exército imperial de implantar a velha arte de castigar.

Havia também a questão da disputa pela ascensão entre os oficiais. Ou seja, a distância não se exercia apenas entre eles e os soldados. Enquanto eles se preparavam para o conflito contra a Alemanha, outro combate acontecia internamente. A contenda corporativa se fazia muito presente. Um velho dito militar, citado por Bloch, expressava bem essa questão: “Tenentes, amigos. Capitães, camaradas. Comandantes, colegas. Coronéis, rivais. Generais, inimigos”. Apesar de Bloch, como já dissemos, não ter forte contato com esses militares de alta gradação, ele pôde presenciar muitas vezes as rivalidades institucionais que se configuravam, especialmente as do Estado Maior Geral (chamado de Alto Estado Maior) e o Estado Maior do Exército (o Ministério). Essa disputa por poder e prestígio, aliás, era um dos motivos dos entraves de comunicação e dos mandos e desmandos recebidos por Bloch e outros capitães. Para ele, esses homens pareciam estar preocupados apenas com uma coisa: os interesses do exército francês<sup>516</sup>. Não havia, aliás, um exército francês por conta dessa disputa, mas fragmentos que se misturavam sob as mesmas cores de uniforme, brigando entre si enquanto o inimigo já se

---

<sup>513</sup> *Ibidem*, p. 122.

<sup>514</sup> Do original: “*en vérité, le souvenir de ces journées m’empêchera toujours, si jamais j’en étais tente, de désespérer du peuple français*”. *Ibidem*, p. 123.

<sup>515</sup> Interessante é que Bloch observa uma hierarquia mais maleável no exército alemão. O oficial e o soldado, nesse caso, estavam unidos por um “clima de boa vontade comum”. Podemos conjecturar que Bloch, talvez, promovesse uma espécie de mitificação do povo francês, algo compreensível pelas circunstâncias da derrota. *Ibidem*, p. 124.

<sup>516</sup> *Ibidem*, p. 128-131.

encontrava além das portas das cidades que eles deveriam defender. Ora, rivalidades adquiridas em tempos de paz não seriam resolvidas dentro do campo de batalha<sup>517</sup>.

Praticamente alheio a tudo isso, o francês “comum” ia dando provas do seu valor:

Equivocadamente, muitos oficiais imaginam que os mais bravos soldados são recrutados entre os violentos, os aventureiros ou os “apaches”<sup>518</sup>. Sempre observei, ao contrário, que os brutais resistem mal a qualquer perigo levemente mantido. Dar provas de coragem é, para o soldado, propriamente fazer o seu trabalho. [...] Ele continuará, naturalmente, sob a bomba ou a metralhadora, a cumprir, com a mesma simplicidade, com o seu dever. Sobre tudo se tal desejo inato de realizar o trabalho encontra eco no instinto coletivo. Isso reveste bem de nuances diversas desde a motivação pessoal à semi-irracionalidade que leva o homem a não abandonar seu camarada até o sacrifício consentido em nome da comunidade nacional.<sup>519</sup>

Este era o verdadeiro patriota, o francês legítimo. Ele que poderia salvar a França das garras do inimigo, que dava a sua vida pela “comunidade imaginada”. Só que os generais, absortos em sua própria casta, não davam a atenção devida a isso. Aqueles homens que apenas cumpriam suas obrigações tinham uma lição a dar: a coletividade demandava sacrifícios e deveres que não podiam ser ignorados como fizeram os seus comandantes<sup>520</sup>. Era o fantasma do condicionamento pairando sobre a nação:

A rotina, enfim, essencialmente acomoda. Estávamos acostumados, durante os longos anos de burocracia, a demasiadas insuficiências, que raramente adquiriam um caráter trágico. Os tempos mudaram. Os costumes não. Em suma, não é exagero dizer que o estado-maior dos tempos de paz não foram uma boa escola para o caráter.<sup>521</sup>

---

<sup>517</sup> *Ibidem*, p. 135-137.

<sup>518</sup> Apelido dado a grupos de delinquentes em Paris durante a *belle époque*.

<sup>519</sup> Do original: “*A tort, beaucoup d’officiers s’imaginent que les plus braves soldats se recrutent parmi les violents, les aventureux ou les apaches. J’ai toujours observe, au contraire, que ces brutaux résistent mal à tout danger un peu soutenu. Faire preuve de courage, c’est, pour le soldat, proprement faire son métier. [...] Il continuera, tout naturellement, sous la bombe ou la mitraille, a s’acquitter, avec la même simplicité, du devoir du moment. Surtout, si, au besoin inné de la besogne consciencieusement accomplie, s’ajoute l’instinct collectif. Celui-ci revêt bien des nuances diverses, depuis l’élan, à demi irraisonné, qui porte l’homme à ne pas abandonner son camarade jusqu’au sacrifice consenti à la communauté nationale*”. *Ibidem*, p. 136.

<sup>520</sup> Bloch ilustra este senso de coletividade em um caso muito interessante, que vale a pena ser citado. Na ocasião, um chofer que estava gravemente ferido abriu mão da ajuda dos companheiros e, consequentemente, de sua vida, para que os outros tivessem alguma chance de fugir do inimigo: “*Il était, modestement, chauffeur de profession le troupier au grand coeur qui, blessé à mort au cours d’un de ces ravitaillements, refuse de permettre qu’on le relevât. ‘Je suis foutu. Partez. Je ne veux pas qu’un copain se fasse abîmer à cause de moi’.*” *Ibidem*, p. 137.

<sup>521</sup> Do original: “*La routine, enfin, est, par essence, accommodante. On s’était accoutumé, durant de longues années de bureaucratie, à beaucoup d’insuffisances, qui prenaient rarement um caractere tragique. Les temps changèrent. Non les moeurs. Pour faire court, ce serait sans doute assez de dire que les états-majors du temps de paix n’étaient pas une bonne école pour le caractere. On ne le vit que trop, de toutes façons*”. *Ibidem*, p. 127.



Criava-se, assim, um círculo vicioso. A burocracia paralisava a ação, já prejudicada pela estratégia adotada de esperar pelo inimigo. Quando o avanço alemão era premente, o desespero que tomava a todos trazia ainda mais inércia. Quem buscava agir esbarrava na paralisia do grupo, e o lento ficava mais lento, tornando em contrapartida o avanço alemão ainda mais veloz. No testemunho, Bloch relatava um episódio melancólico. Certa vez, ouviu um comandante dizer ao seu superior: “Faça o que quiser, meu general. Mas ao menos faça alguma coisa”<sup>522</sup>.

Esse mesmo general, aliás, também foi protagonista de outra história vivida por Bloch. Como tinha problemas respiratórios, não dormia nos sótãos das habitações que usavam como base os demais militares. Em busca de um lugar onde o ar fosse favorável, acabou por dormir no próprio cômodo onde trabalhava. No meio da noite, percebeu que ali entraram duas pessoas. Logo reconheceu que um deles se tratava do supracitado general. Eis que ele profere as seguintes palavras: “Acredito em uma dupla capitulação [dos ingleses e franceses]”<sup>523</sup>. O general já falava em entregar as armas para o inimigo e o conflito ainda estava em sua primeira semana. Tais palavras feriram Bloch mais do que o tiro que levava na guerra anterior. Para ele, a palavra “capitulação” não deveria jamais ser proferida, nem mesmo pensada, por um verdadeiro chefe. O seu papel era muito nobre para ser representado desta forma:

Ser um verdadeiro chefe é sobretudo saber serrar os dentes; é insuflar a confiança dos outros, algo que ninguém pode adquirir, mas que tem dentro de si; é recusar, até o fim, desesperar o próprio gênio; **é aceitar, finalmente, por aqueles que comanda e por si próprio, ao invés da inútil vergonha, o fecundo sacrifício.**<sup>524</sup> (grifos meus)

Tomando esse episódio como referência, fica mais do que evidente a letargia do alto comando. As trajetórias mais comuns dos homens que compunham o grupo fazem ser compreensível tal postura. Porque eles eram provenientes de duas frentes principais. Havia os chefes de 1940 que foram generais de divisões ou seus ajudantes em 1918. Estavam, portanto, impregnados pelas recordações da campanha anterior. As glórias

---

<sup>522</sup> Do original: “*Faites ce que vous voudrez, mon général. Mais, au moins, faites quelque chose*”. *Ibidem*, p. 141.

<sup>523</sup> Do original: “*Je vois très bien une double capitulation*”. *Ibidem*, p. 143.

<sup>524</sup> Do original: “*Être un vrai chef, c’est, avant tout peut-être, savoir serrer les dents; c’est insuffler aux autres cette confiance que nul ne peut donner s’il ne la possède lui-même; c’est refuser, jusqu’au bout, de désespérer de son propre génie; c’est accepter, enfin, pour ceux que l’on commande en même temps que pour soi, plutôt que l’inutile honte, le sacrifice fécond*”. *Ibidem*, p. 144 (grifos meus).

conquistadas nas trincheiras de Verdun e do Somme impediam a observação de que ainda que o território fosse o mesmo, o contexto era outro.

Os outros oficiais de alta patente eram provenientes da Escola de Guerra. Por si só, isso já se constituía em problema, segundo Bloch. A formação na instituição era, em sua visão, tão arraigada pelo tradicional que nem a diferença geracional afastava o pensamento entre eles e os veteranos de guerra. Aqueles que se destacavam na Escola eram justamente os favorecidos pelos velhos senhores, uma vez que compartilhavam de sua visão de mundo e da prática militar<sup>525</sup>. Numa instituição que apostava na tradição, o bom profissional era o que assimilava bem a continuidade. Por isso,

Quando os alemães se recusaram a jogar seu jogo segundo as regras da Escola de Guerra, ficamos tão desamparados quanto um mau orador diante de uma questão para a qual sua função não lhe oferece a réplica adequada. Acreditamos que tudo estava perdido e, em seguida, pusemos tudo a perder porque para dirigir a ação, até então excessivamente tutelada, só poderíamos nos valer de um espírito de realismo, de decisão e de improvisação que um ensino demasiado formalista não soube desenvolver nas mentalidades.<sup>526</sup>

O problema, para ele, era claro. Tratavam-se de bons técnicos, mas ignorantes da sociedade e afastados do mundo. Escrevia ao filho: “Todos [...] entendem muito bem de seus ofícios; [...] quando falam de política, literalmente estúpidos”<sup>527</sup>. Tão obsoletos quanto os equipamentos que tinham disponíveis era a cabeça de quem comandava.

O tempero final da desgraça: a Linha Maginot, cuja idealização subjaz diversos dos comentários já feitos neste capítulo. Era o grande elefante branco, talvez o símbolo máximo de um exército antiquado. Para Bloch, o princípio dessa linha defensiva era baseado no estilo de guerra de trincheiras. Não bastasse ele ser a marca do conflito anterior, portanto, do passado, aparentemente deixava de lado as milhões de vidas humanas que tal estratégia ceifou. Por isso, confiar demais na Linha foi um “crime estratégico” indesculpável do alto comando. O peso de apostar todas as fichas da salvação da França em “velhacos”<sup>528</sup> nostálgicos só poderia ser esse. Vencer dependeria de eventos extraordinários. Afinal, “[...] o mundo é de quem ama o novo”<sup>529</sup>, e os comandantes

---

<sup>525</sup> *Ibidem*, p. 145.

<sup>526</sup> *Ibidem*, p. 109.

<sup>527</sup> Do original, escrito em 14 de fevereiro de 1940: “Tous [...] sachant très bien leur métier; [...] et, quand ils parlent politique, littéralement stupides”. Marc Bloch In: Bédarida, Pechansky. *Op. cit.*, 1991, p. 49.

<sup>528</sup> “*Vieillards*” é o adjetivo utilizado pelo autor para qualificar o alto comando. Marc Bloch. *Op. cit.*, 1990, p. 154.

<sup>529</sup> *Ibidem*, p. 158.

franceses não pareciam compartilhar do espírito de mudança que, ao fim e ao cabo, rege a história.

Bastava, enfim, um pouco mais de cuidado ao analisar o conflito. Toda aquela velocidade que espantou os franceses era “carta dada”. Os métodos e doutrinas do exército alemão já mostravam isso em tempos de paz. A campanha da Polônia também. Por esse prisma, ele podia afirmar que a Alemanha tinha dado oito meses de “presente” para que os franceses se preparassem como deviam, e estes não souberam aproveitar esse tempo<sup>530</sup>. Faltou, portanto, a sensibilidade de perceber que se havia uma constante naquela altura do século XX, era a força incontrolável da mudança.

### 3.3.3 O francês no divã

Verifica-se, no entanto, que Marc Bloch, na qualidade de historiador que defendia que a realidade social era fluida e complexa<sup>531</sup>, não podia ficar satisfeito em terminar sua análise restringindo a apenas um grupo a responsabilidade pela derrocada da nação. Era do alto-comando que se esperavam a energia e a ação necessárias para insuflar o *front* e conduzir os soldados à vitória. Mas, segundo Bloch, jamais um corpo profissional deve ser totalmente responsável por seus próprios atos. Muito mais poderosa do que essa pretensa autonomia moral dos comandantes é a solidariedade coletiva – o que não ocorria naquele conflito. Parecia que os membros da retaguarda não se importavam com as mortes dos homens do *front* mais do que com os interesses pessoais.

Os sindicatos pregavam um pacifismo que não tinha lugar – a nação estava sendo atacada e buscar paz naquele momento significava se curvar ao inimigo ao preço da perda da liberdade. As indústrias buscaram um lucro excessivo, sem pensar que o Estado não tinha dinheiro suficiente para levar à frente a guerra. E, por fim, o sentimento nacional não teria sido estimulado devidamente pelos órgãos de propaganda.

O melhor meio de evitar tal falácia, para ele, era complementar o testemunho do soldado com o exame de consciência do francês. Afinal, assim como a falta de ação e de imaginação influenciou o resultado da guerra, esses homens do alto comando trabalharam com os recursos que lhes eram oferecidos pelo país. Estava, então, mais do que justificada

---

<sup>530</sup> Desde a declaração de guerra até os combates efetivos entre as duas forças quase um ano se passou. *Ibidem*, p. 154.

<sup>531</sup> Ver Marc Bloch. *Op. cit.*, 2001, p. 140.

a necessidade de analisar outros campos: muito mais cômodo seria atribuir a culpa pela derrota apenas a um corpo de profissionais; no entanto, a um historiador comprometido pela busca da compreensão dos eventos, tal movimento era inaceitável. O ambiente psicológico em que se vivia também não era criação do alto comando. O trabalho de relativização, no entanto, era custoso a um apaixonado pela pátria: “Certamente, não abordo essa parte de minha tarefa com alegria no coração. Francês, serei obrigado a falar de meu país, e não falar somente bem dele. É duro descobrir as fraquezas de uma mãe dolorosa”<sup>532</sup>.

O lado historiador de Bloch, porém, logo se impôs. Se o terreno em que o autor estava prestes a pisar parecia ser espinhoso para ele, o trabalho era necessário, em nome de uma análise correta:

Historiador, entendo melhor que qualquer um as dificuldades de uma análise que, para não cair em demasiada imperfeição, terá de remontar até as ramificações das causas mais distantes, complexas e, no estado atual das ciências humanas, mais ocultos. Que importam aqui, no entanto, os pequenos escrúpulos pessoais?<sup>533</sup>

Verifica-se, a partir dessa passagem, uma maneira de pensar que acompanha a fama de Bloch. O historiador devia estar sempre desgarrado de suas paixões (o que não significa que ele não as tenha), a fim de refinar e validar sua análise. Mais importante do que suas ligações políticas ou sentimentais é o *problema* sob o qual se debruça<sup>534</sup>. É, portanto, na busca pela manutenção da legitimidade de seu discurso que ele prossegue a análise sobre 1940.

Bloch começava por uma questão que acompanhou o grupo dos militares, não apenas franceses, mas de todos os lados do conflito. Uma questão que, definitivamente, não é exclusiva à Segunda Guerra Mundial. Vimo-la pulsar nas mentes, e aparecer em cartas e reivindicações de soldados em outros conflitos, como a Grande Guerra. Estamos falando do ressentimento dos combatentes em relação aos da retaguarda<sup>535</sup>. Quando os

---

<sup>532</sup> Do original: “*Certes, je n’aborde pas, de gaieté de coeur, cette partie de ma tâche. Français, je vais être contraint, parlant de mon pays, de ne pas en parler qu’en bien; il est dur de devoir découvrir les faiblesses d’une mère douloureuse*”. Marc Bloch. *Op. Cit.*, 1990, p. 159.

<sup>533</sup> Do original: “*Historien, je sais mieux que quiconque les difficultés d’une analyse qui, pour ne pas demeurer trop imparfaite, devrait remonter jusqu’aux ramifications causales les plus lointaines, les plus complexes et, dans l’état actuel des sciences humaines, les plus cachées. Qu’importent ici, cependant, de petits scupules personnels?*”. *Ibidem*, p. 159.

<sup>534</sup> Ver Marc Bloch. *Op. Cit.*, 1990.

<sup>535</sup> Isso foi tratado também no primeiro capítulo da tese. Sobre o ressentimento dos soldados da Grande Guerra, especialmente por conta da falta de reconhecimento pelo sacrifício após o retorno para casa, ver Marc Ferro. “Recordações Amargas”. In: \_\_\_\_\_. *A Grande Guerra*. Lisboa: Edições 70, 1990. Alguns

soldados, sujos, famintos, feridos, retornam de licença às suas casas, deparam-se com outros, muitas vezes da mesma idade que as suas, dando seguimento às suas vidas, trabalhando, fazendo compras, passeando pela cidade, sorrindo... Por mais patriota que seja o militar, quase sempre paira sobre a sua mente a questão: “por que é a minha vida que está correndo risco”? E é com essa pergunta que normalmente retornam à frente de batalha.

O sentimento de solidariedade entre os soldados também deve ser levado em conta. A vivência conjunta nas condições do *front*, normalmente, cria laços muito fortes, além da sensação de que esses homens que viveram todas aquelas experiências praticamente inenarráveis já não são mais aqueles que outrora saíram de suas cidades. Este sentimento só pode ser sentido por quem lutou em uma guerra. Só deve, justamente por isso, ser dividido com os colegas feitos durante o embate<sup>536</sup>. Não é à toa que observamos em todo o mundo associações de ex-combatentes que se reúnem periodicamente e buscam lutar pelos seus direitos.

Este sentimento de que a guerra gera uma ruptura entre soldados do *front* e soldados da retaguarda apresenta-se com mais força quando a nação é derrotada<sup>537</sup>. Afinal, o soldado quer que a sua luta, mesmo que infrutífera, seja reconhecida. A situação é, invariavelmente, estimulada pelo alto comando, que acaba criando a lenda da traição da retaguarda:

A batalha terminou em desastre? É nesse momento que a brecha entre as duas metades da nação corre o risco de ser mais duradoura. O soldado de tropa, consciente de seus sacrifícios, recusa-se a tomar responsabilidade por sua inutilidade. Seus chefes, que temem seu julgamento, os encorajam a buscar culpados por todo o lado, menos no exército. E assim nasce a lenda fatal da punhalada pelas costas, tão propícia aos projetos de recuperação às avessas e aos golpes.<sup>538</sup>

---

exemplos desse sentimento na Segunda Guerra Mundial podem ser encontrados em Andrew Carrol. *Cartas do Front: relatos emocionantes da vida na guerra*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

<sup>536</sup> Marc Bloch fala muito dessa solidariedade entre os combatentes. Ele mesmo é um exemplo disso. Não podemos esquecer que ele só lutou no último ano da Grande Guerra porque *se voluntariou* para isso, pois não podia deixar seus homens “sozinhos” nas trincheiras. Sobre isso, conferir também o primeiro capítulo da tese.

<sup>537</sup> O que não quer dizer que a ruptura não ocorre quando a nação sai vitoriosa – o caso, por exemplo, da Itália na Grande Guerra.

<sup>538</sup> Do original: “*La bataille s’achève-t-elle en désastre? C’est alors que la brèche, entre les deux moitiés de la nation, menace d’être la plus durable. Le troupier, conscient de ses propres sacrifices, refuse de se tenir pour responsable de leur inutilité. Ses chefs, qui redoutent son jugement, l’encouragent à chercher les coupables partout ailleurs que dans l’armée. Ainsi naît la fatale légende du coup de poignard dans le dos, propice aux redressements à rebours et aux prononciements*”. Marc Bloch. *Op. Cit.*, 1990, p. 160.

Ainda que acreditasse haver um quê exagero nessa questão da distância entre os “dois mundos”, Marc Bloch não exime a culpa da retaguarda. Teria havido, sim, certos pecados cometidos que poderiam ter sido o fiel da balança a favor dos franceses. Contudo, antes de entrar no questionamento da postura de classes da retaguarda, ele lançou um questionamento conceitual bastante pertinente: até que ponto, na Segunda Guerra Mundial, essa diferença entre frente e retaguarda realmente existiu? Apesar da difusão da ideia de que apenas aqueles que estavam uniformizados tinham a morte nos calcanhares, sabe-se bem que atos como bombardeios aéreos e a tática da guerra de velocidade não só quebravam a definição entre o que era ou não o *front*, como limava em definitivo aquela “bela organização do perigo” vista, por exemplo, na Grande Guerra. “Não há mais céu livre da ameaça e da força de penetração dos elementos motorizados que encurtam a distância”<sup>539</sup>.

Faltou entender que já não havia mais aquele contrato em que o exército era exclusivamente uma profissão, e que a população que o mantinha para que ele, em contrapartida, a defendesse, tinha direitos plenos de reclamar caso fosse atacado pelo inimigo. Era o momento do recrutamento de massa, no qual qualquer um que tivesse forças era feito soldado<sup>540</sup>: “A nação armada não conhece nada que não sejam postos de combate”<sup>541</sup>. Esta máxima era legítima para o capitão-historiador. Os soldados sempre ouviam que os da retaguarda eram importantes em suas funções dentro da sociedade. Mas será mesmo que todos os civis eram indispensáveis em seus ofícios? Parece ter faltado uma real entrega individual na luta contra o mal comum, esta que tinha “transbordado” em 1914. Havia algo maior que todos e que clamava por socorro: a França.

Nossa liberdade intelectual, nossa cultura, nosso equilíbrio moral, que golpe poderia atingi-los mais profundamente que a derrota? Aqui também, diante do sacrifício, exceções são inconcebíveis. Ninguém tem o direito de acreditar que a sua vida é mais útil que a dos vizinhos, pois cada um, em sua esfera, pequena ou grande, sempre encontrará razões perfeitamente legítimas para se acreditar necessário.<sup>542</sup>

---

<sup>539</sup> Do original: “*Il n’est plus de ciel sans menace et la force de pénétration des éléments motorisés a mangé la distance*”. *Ibidem*, p. 161.

<sup>540</sup> Sobre a ideia do “soldado cidadão” ver, por exemplo, Stephen Ambrose. *Soldados Cidadãos: do desembarque do Exército Americano nas praias da Normandia à Batalha das Ardenas e à rendição da Alemanha*. Rio de Janeiro: Betrand, 2010. Apesar de tratar dos soldados norte-americanos, explora bem a questão do homem “comum”, que não possui formação militar profissional, e a sua atuação em batalha.

<sup>541</sup> *Ibidem*, p. 166.

<sup>542</sup> Do original: “*Notre liberté intellectuelle, notre culture, notre équilibre moral, quel coup pouvait les atteindre plus sûrement que la défaite? Aussi bien, devant le sacrifice, on ne saurait concevoir d’exceptions. Nul n’a le droit de croire sa vie plus utile que celle de ses voisins, parce que, chacun, dans sa sphère, petite ou grande, trouvera toujours des raisons, parfaitement légitimes, de se croire nécessaire*”. *Ibidem*, p. 166-167.

Ainda o incomodava a falta de senso de coletividade. Apesar de não ter visto de perto, ele denunciava o “sórdido materialismo” das fábricas de guerra, que atravancava qualquer possibilidade de uma equidade material em relação aos alemães. Não se trabalhou o suficiente, não foram produzidos muitos aviões, motores nem carros, pois prevaleceu a noção capitalista de lucro. Esta atitude, legítima em outros momentos, era totalmente inadequada em tempos em que o povo estava em perigo e os combatentes em pleno sacrifício<sup>543</sup>. Obviamente, seria um tanto reducionista dizer que era a totalidade da usina de guerra que não se interessou pela questão nacional. O problema é que o desprezo estava estendido ali a ponto de prejudicar o equilíbrio da guerra e isso era inaceitável.

Nesse sentido, Marc Bloch entrava em um delicado debate. Para ele, essa questão da falta de entrega de vários grupos da sociedade francesa não era um fenômeno exclusivo do conflito que pretendia frear as forças de Hitler. Contra as opiniões que reinavam à época, ele considerava um erro acreditar que o conflito do momento clamava menos ao sentimento nacional do que a Grande Guerra:

Repetiu-se, em todos os tons, que essa guerra apelava muito menos aos sentimentos profundos da nação do que a precedente. Creio que isso seja um grave erro. Não é do temperamento de nosso povo desejar a guerra em momento algum. Nenhum francês em 1939 aspirava “morrer por Dantzig”. Assim como nenhum francês desejou, em 1914, “morrer por Belgrado” [...] A verdade é que, nas duas ocasiões, a fonte do impulso popular foi a mesma.<sup>544</sup>

Ele foi além, ao afirmar a possibilidade de que a convocação tenha sido ainda maior neste evento:

Aliás, se alguma das duas guerras se aproximou mais das inclinações íntimas das massas e, sobretudo, das massas operárias, foi indubitavelmente a segunda. Em razão, precisamente, desse caráter “ideológico” que tanto reprovaram e que, no entanto, tanta beleza garantia ao sacrifício.<sup>545</sup>

---

<sup>543</sup> *Ibidem*, p. 168.

<sup>544</sup> Do original: “*On a répété, sur tous les tons, que cette guerre avait, beaucoup moins que la précédente, fait appel aux sentiments profonds de la nation. C’est, je crois, une grave erreur. Il n’est pas dans le tempérament de notre peuple de souhaiter jamais la guerre. Aucun Français, en 1939, n’aspirait à ‘mourrir pour Dantzig’. Mais aucun, non plus, en 1914, à ‘mourrir pour Belgrade’ [...] La vérité est que, les deux fois, la source de l’élain populaire fut la même*”. *Ibidem*, p. 169-170.

<sup>545</sup> Do original: “*Si, d’ailleurs, une des deux guerres devait, plus que l’autre, s’accorder aux penchants intimes des masses et surtout des masses ouvrières, c’était, sans nul doute, la seconde. En raison, précisément, de ce caractère ‘idéologique’ qu’on lui a tant reproché et qui, pourtant, donnait au sacrifice un surcroît de beauté*”. *Ibidem*, p. 171.

As duas gerações, para Bloch, tinham o mesmo impulso nacionalista. O grande problema teria sido a falta de ímpeto da propaganda de guerra em explorar este sentimento. A crítica do autor a esse “egoísmo de classe” é contundente:

Jamais acreditei que amar a pátria e o amor aos filhos fossem incompatíveis. Também não entendo por que o internacionalismo do espírito ou da classe seria inconciliável com o culto da pátria. Em outras palavras, sinto, ao interrogar minha própria consciência, que essa antinomia não existe. Pobre coração aquele que se vê interditado de abraçar mais de um afeto.<sup>546</sup>

O pacifismo pregado pelos sindicatos também o incomodava muito. Bloch acreditava que era muito cômodo ao grupo dizer que a guerra era assunto da burguesia nacional e se mostrar contra ela para agradar alguns espíritos. No entanto, esse discurso deixava de lado uma questão que não podia ser menosprezada: a diferença entre uma guerra cuja decisão de prosseguir seria voluntária e outra imposta à nação, quando atacada. A fim de exemplificar a importância de tal diferença, Marc Bloch compara a situação da guerra com um assalto. O ladrão não grita para a sua vítima “Dê-me seu sangue!”. Ele apresenta a ela uma opção: “a bolsa ou a vida”. No caso da guerra, o povo agressor também oferece ao oprimido uma opção: “renuncie à sua liberdade ou aceite o massacre”<sup>547</sup>. Aceitando essa premissa como verdadeira, vemos com clareza que o discurso pacifista não teria espaço; ele não é uma opção. Por isso, o discurso dos sindicalistas só serviria aos egoístas e acomodados:

Como o discurso que pregavam era um evangelho de aparente comodidade, seus sermões ecoavam facilmente nos instintos preguiçosamente egoístas que dormem no fundo de todo coração humano, ao lado das potencialidades mais nobres.<sup>548</sup>

A questão, portanto, torna-se mais abrangente. Por diversas vezes ele disse que a passividade era latente no alto comando. Neste ponto, ele observou que ela também existia entre os demais franceses. Além disso, pôde observar que não foi apenas no terreno militar que a derrota ocorreu por motivos intelectuais. A “preguiça de saber” era latente

---

<sup>546</sup> Do original: “*Je n’ai jamais cru qu’aimer sa patrie empêchat d’aimer ses enfants; je n’aperçois point davantage que l’internationalisme de l’esprit ou de la classe soit irréconciliable avec le culte de la patrie. Ou plutôt je sens bien, en interrogrant ma propre conscience, que cette antinomie n’existe pas. C’est un pauvre cœur que celui auquel il est interdit de renfermer plus d’une tendresse*”. Ibidem, p. 172.

<sup>547</sup> Ibidem, p. 174.

<sup>548</sup> Do original: “*Comme la parole qu’ils prêchaient était un évangile d’apparente commodité, leurs sermons trouvaient un facile écho dans les instincts paresseusement égoïstes qui, à côté de virtualités plus nobles, dorment au fond de tout cœur humain*”. Ibidem, p. 175.



entre seus companheiros. Bloch contava que era o único que levava consigo um livro sobre Hitler. E o pior: apenas um amigo o pediu emprestado<sup>549</sup>. Era a demonstração de que a máxima “conheça a si mesmo” não estava sendo posta em prática. O conhecimento, que devia ser aberto a fim de contribuir com a ação coletiva, era tratado com máxima confidencialidade pelo alto comando. Tudo parecia ser deixado para a última hora, tratado com improviso, mais um traço de um pensamento que parecia “fora de época”: “No século da química, conservamos uma mentalidade de alquimistas”<sup>550</sup>.

Talvez não seja surpresa, se levarmos em conta a sua trajetória (pessoal e acadêmica), que o único grupo que Bloch exime totalmente de culpa na derrota foi o campesinato. Estes sim teriam lutado mais uma vez pela nação. Os camponeses eram aqueles que possuíam, para o autor, profunda ligação com o solo. Aliado a isso, foram eles que, por muito tempo, sustentaram o senso de coletividade que formou o “ser francês”. A grande lamentação era a de que este grupo não participava das grandes decisões dos caminhos da guerra. A triste realidade era que seu sangue era utilizado a esmo pelos desinteressados e apáticos membros do alto comando<sup>551</sup>.

A derrota, repetimos, fora puramente intelectual aos seus olhos. A lógica mais simples nos leva à conclusão de que o único caminho para a redenção estava no âmbito racional. A questão, no limite, não era da falta de cultura, mas a da carência de seu bom uso: “Lemos, quando lemos, para nos tornarmos cultos, o que é muito bom. Mas não pensamos que podemos e devemos, ao agir, buscar a ajuda de nossa cultura”<sup>552</sup>.

Fazer pensar. Essa era, portanto, uma das questões centrais. A energia intelectual dinâmica só seria uma realidade caso o ensino na França fosse diferente. Em especial, o ensino de história, tanto dos militares quanto dos civis, que viam a relação presente/passado de forma equivocada:

Historiador, estaria propenso a ser particularmente severo em relação ao ensino de história. Não somente a Escola de Guerra que prepara mal os alunos para a ação. E com certeza não podemos censurar os liceus por negligenciarem o mundo contemporâneo. Ao contrário, eles lhe reservam um lugar cada vez mais exclusivo. Mas justamente porque só querem olhar para o presente, tornam-se incapazes de explicá-lo, qual um oceanógrafo que, recusando-se a erguer os olhos para as estrelas sob o pretexto de que se encontram longe do mar, não saberia encontrar a razão das marés. É inútil afirmar que o passado não comanda inteiramente o presente. Sem ele, o presente torna-se inteligível. Pior

---

<sup>549</sup> *Ibidem*, p. 180.

<sup>550</sup> “*Au siècle de la chimie, ils ont conserve une mentalité d’alchimistes*”. *Ibidem*, p. 179.

<sup>551</sup> *Ibidem*, p. 181.

<sup>552</sup> Do original: “*Nous lisons, quando nous lisons, pour nous cultiver : ce qui est fort bien. Mais nous ne pensons pas assez qu’on peut, et doit, quand on agit, s’aider de sa culture*”. *Ibidem*, p. 184.

ainda: privando-se deliberadamente de um campo mais amplo de visão e comparação, a pedagogia histórica não consegue mais dar aos espíritos que pretende formar o sentido do diferente ou da mudança. Foi assim que nossa política renana pós-1918 baseou-se numa imagem ultrapassada da Europa. Ela insistia em ressuscitar um morto: o separatismo alemão.<sup>553</sup>

Para ele, a obsessão do político que dominava os programas escolares era falha. Deixavam de lado qualquer análise social, nem sequer um aroma desse elemento, que ele acreditava ser tão importante<sup>554</sup>. Por conta disso, não renovavam o pensamento, apenas perpetuavam um *status* pré-estabelecido. Ora, não foi contra isso que Bloch tanto lutou nos *Annales*?

Burocracia, morosidade, rotina. Eram muitos enganos, inadmissíveis perante um inimigo cujos homens mais importantes tinham uma “mente fresca” e haviam se desvincilhado das rotinas escolares, valorizando a razão e sabendo compreender o surpreendente e o novo. Para lutar contra eles, nada além de senhores cansados ou jovens envelhecidos, um retrato da sociedade que representavam<sup>555</sup>. Iam para a guerra com a aura mais negativa que se podia imaginar: recebiam ordens de um sistema político que lhes parecia totalmente corrompido, defendiam um país que julgavam incapaz de resistir, comandavam soldados que acreditavam ser integrantes de um povo degenerado. Definitivamente, não era essa a preparação mental para que se lutasse “até o último homem”.

Os homens que podiam ter mudado isso, os ex-combatentes da Grande Guerra (ele se incluía nesse grupo), pouco haviam feito. Cansados, explorados até o limite nas trincheiras, esses homens retornaram às suas casas, focados somente em recuperar o tempo perdido em suas mesas de trabalho. É certo que não eram profetas; não poderiam adivinhar o nazismo. Mas o revanchismo alemão não era algo velado, era um grito que se fazia ouvir por toda a Europa. O papel dos veteranos, nesse contexto, seria o de alertar os

---

<sup>553</sup> Do original: “*Historien, j’inclinerai à être particulièrement sévère à l’enseignement de l’histoire. Ce n’est pas l’école de Guerre seulement qui arme mal pour l’action. Non certes que, dans nos lycées, on puisse lui reprocher de négliger le monde contemporain. Il lui accorde, au contraire, une place sans cesse pas exclusive. Mais, justement, parce qu’il ne veut plus regarder que le présent, ou le très proche passé, il se rend incapable de les expliquer: tel un océanographe qui, refusant de lever les yeux vers les astres, sous prétexte qu’ils sont trop loin de la mer, ne saurait plus trouver la cause des marées. Le passé a beau ne pas commander le présent tout entier. Sans lui, le présent demeure inintelligible. Pis encore peut-être: se privant, délibérément, d’un champ de vision et de comparaison assez large, notre pédagogie historique ne réussit plus à donner, aux esprits qu’elle prétend former, le sens du différent ni celui du changement. Ainsi notre politique renane, après 1918, s’est fondée sur une image périmée de l’Europe: Elle persistait à croire vivant ce mort: le séparatisme allemand*”. Ibidem, p. 187. A mesma analogia entre o trabalho do historiador e do oceanógrafo é encontrada em *Apologie pour l’histoire*.

<sup>554</sup> Ibidem, p. 187.

<sup>555</sup> Ibidem, p. 193.

outros dos perigos oferecidos por essa nação ferida, posta logo ao lado deles. Mas a tranquilidade dos ofícios civis era mais atraente. Não responderam, sob este argumento, ao apelo da nação por mudanças significativas. Era por tal motivo que sobrava, justo em 1940, o peso na consciência por estar colhendo os frutos desse descaso, por ter interpretado mal a história: “[...] que nossos cadetes nos perdoem pelo sangue que temos em nossas mãos!”<sup>556</sup>. Elencados os motivos que justificariam a derrota, fica evidente que, na visão do historiador, a França foi vencida por si própria, muito mais do que pela Alemanha. No cerceamento da liberdade de tomada de decisões da estruturação da hierarquia militar, na falta mesmo de ações imaginativas, de uma manifesta vontade de vencer, estava, e esse era o argumento central de Bloch, a *incapacidade de adaptação a uma nova era*. O inimigo, por sua vez, parecia a encarnação da modernidade: eficiência, objetividade, velocidade... e barbaridade. O paradoxo fundamental anunciado por muitos<sup>557</sup> tinha naquele momento a Alemanha como competente protagonista<sup>558</sup>.

Dessa forma, na ocasião em que ele escreveu o seu testemunho na sua casa de campo em Bourg-d-Hem<sup>559</sup>, a França parecia não ser mais a dona de seu próprio destino. Bloch, no entanto, declarava em *L'étrange défaite* seguir acreditando em seu país. Fosse pela ajuda dos ingleses, ou por outro meio (lembrando que a Resistência, nesse primeiro momento, estava em vias de se organizar), a liberdade haveria de chegar. O que lhe importava era registrar que depositava todas as esperanças na juventude – em idade e, sobretudo, em espírito – quando chegasse o momento da reconstrução. Seriam eles os promotores da conjunção ideal entre este novo com o “patrimônio autêntico” da nação, o tradicional que seguia existindo, era relevante, e estava longe de ser aquele proferido pelos seus apóstolos<sup>560</sup>. Mesmo em condições tão desfavoráveis, ainda depositava na nação esperança de que tivesse relativo protagonismo no esforço de libertação:

Desejo, em todo caso, que ainda tenhamos sangue a derramar: mesmo que este seja o sangue daqueles que me são caros. Pois não há salvação sem uma parte

---

<sup>556</sup> Do original: “*puissent nos cadets nous pardonner le sang qui est sur nos mains!*”. *Ibidem*, p. 202-203.

<sup>557</sup> Ver, por exemplo, Hannah Ardent. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

<sup>558</sup> Não que esses elementos da barbárie fossem específicos à Alemanha. Não pretendemos cair na falácia da crença de que somente o nazismo foi promotor dos absurdos daquela guerra. Veremos na própria França “arcaica” de Bloch episódios similares, como aquele do velódromo de Vel d’Hiv, onde judeus franceses ficaram cativos para posteriormente serem enviados a campos de concentração.

<sup>559</sup> Próximo a Guèret. É também o local onde ele está enterrado.

<sup>560</sup> *Ibidem*, p. 208.

de sacrifício, nem liberdade nacional que possa ser plena se não trabalharmos para conquistá-las nós mesmos.<sup>561</sup>

Três anos depois, faria jus a essas palavras, engajando-se na Resistência a partir do grupo *Franc-Tireur*. Uma vez mais – e essa seria a última – atenderia ao chamado da França.

### 3.4 Entre a memória e a história

Precisamos ainda trazer algumas considerações sobre o lugar de *L'étrange défaite*. Temos no testemunho, mais um na trajetória de Marc Bloch, uma narrativa que tangencia com bastante frequência as fronteiras entre memória e história. Talvez essa movimentação se imponha mais aqui do que nos seus escritos da Grande Guerra: o historiador, bem mais experiente, recorre à sua memória com mais intensidade que outrora, por não contar com anotações que lhe ajudem na reconstrução dos eventos como no caso anterior. Alargam-se, então, os limites de seus usos pelo indivíduo Bloch, impelido pela urgência do relato.

Nesse sentido, é bastante representativo o fato de, logo no primeiro parágrafo, ele defender que almeja a escrita de um “testemunho de caráter civil”<sup>562</sup>. Seus traços mnemônicos – portanto restritos à sua personalidade – seriam utilizados como guias que orientassem um sentimento supostamente compartilhado – portanto, sociais. Isso não representaria um microcosmos desse embate teórico tão amplamente debatido?

E quanto à retórica utilizada? Como historiador consciente, alegava almejar a escrita de um texto que fosse uma contribuição à disciplina. Ainda assim, implantou nele elementos que refletiam suas maiores paixões:

Virá o dia, cedo ou tarde, tenho a firme esperança, em que a França verá brotar novamente, em seu velho solo abençoado por tantas colheitas, a liberdade de pensamento e de julgamento. Os dossiês escondidos serão, então, abertos; as brumas, que em torno do mais atroz fracasso de nossa história começam, desde agora, a acumular a má-fé, pouco a pouco se desvanecerão; e os pesquisadores

---

<sup>561</sup> Do original: “Je souhaite, en tout cas, que nous ayons encore du sang à verser: même si cela doit être celui d’êtres qui me sont chers. Car il n’est pas de salut sans un part de sacrifice; ni de liberté nationale qui puisse être pleine, si on n’a travaillé à la conquérir soi-même”. Marc Bloch. *Op. cit.*, 1990, p. 207.

<sup>562</sup> *Ibidem*, p. 29.

ocupados em encontrá-los quem sabe tirarão algum proveito ao folhear, se puderem descobri-lo, esse relatório do ano 1940.<sup>563</sup>

Confirma-se, então, a ambiguidade. Entre o racional distanciamento do historiador e o apaixonado registro de quem viu e viveu para contar, pulsam os dois sentimentos ao longo do texto. Mais uma vez, temos uma soldagem de elementos teoricamente distintos. O frio historiador e o angustiado capitão do exército são, afinal, um só, sob o nome “Marc Bloch”.

Chegamos há algum tempo nesse momento esperado por ele. Arquivos relativos ao trauma da Segunda Guerra estão disponíveis, após os trinta anos de proteção da lei francesa para a divulgação de alguns deles. Tivemos a “oficialização” da história do tempo presente<sup>564</sup> e com ela – mas não por causa dela – vieram discussões centrais para os franceses em relação aos seus tabus construídos por conta do trauma de Vichy. A ordem do dia primava pela ordem das coisas nos seus devidos lugares, enfrentando todo o contágio memorialístico, construído por décadas, daquele mito da Resistência como único comportamento legitimamente francês. A Colaboração e a vida na “zona cinzenta” pareciam não ter vez durante muito tempo<sup>565</sup>. Mas o tempo hoje é outro. Explicar a derrota, relativizar a Resistência, trazer ao debate a colaboração e a responsabilidade do Estado e dos cidadãos franceses pela *Shoah*, são alguns dos principais debates que recorrentemente extrapolam o universo acadêmico e ganham a imprensa e a sociedade francesa como um todo.

É nesse quadro que Henry Rousso reclama para *L'étrange défaite* a origem do que viria a ser o trabalho do IHTP<sup>566</sup>, do qual veio a ser o diretor entre 1994 e 2005. Segundo ele, a obra seria um trabalho de história do tempo presente justamente pelo duplo caráter antes mencionado: o autor apresenta-se simultaneamente como historiador e testemunha, escrevendo sobre a sua experiência e deixando um olhar emergencial sobre

---

<sup>563</sup> Do original: “Un jour viendra, tôt ou tard, j'en ai la ferme espérance, où la France verra de nouveau s'épanouir, sur son vieux sol béni déjà de tant de moissons, la liberté de pensée e de jugement. Alors le dossiers cachés s'ouvriront; les brumes, qu'autour du plus atroce effondrement de notre histoire commencent, dès maintenant, à accumuler tantôt la mauvaise foi, se lèveront peu a peu; et, peut-être les chercheurs occupés à les percer trouveront-ils quelque profit à feuilleter, s'ils le savent découvrir, ce procès-verbal de l'an 1940”. Ibidem, p. 29.

<sup>564</sup> Que, de certa forma, existe desde a guerra, com a criação do Comité de História da Segunda Guerra Mundial, raiz do *Institut d'Histoire du Temps Présent* (IHTP), criado no final da década de 1970, quando da abertura dos arquivos. Ver Henry Rousso. *La hantise du passé*. Entrevista com Phillipe Petit. Paris: Textuel, 1998. Ver também Marieta de Moraes Ferreira. “História do tempo presente: desafios”. *Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 94, nº3, p. 111-124, maio/jun, 2000.

<sup>565</sup> Esses debates sobre a memória serão trabalhados com bastante vagar no nosso último capítulo.

<sup>566</sup> Henry Rousso, *Op. cit.*, 1998.

o seu tempo<sup>567</sup>. Escrever sobre o presente não era novidade – lembramos imediatamente da concepção de história de Tucídides<sup>568</sup>. A elevação que Rousso tenta garantir ao testemunho provavelmente tem sua importância por conta de uma abertura de caminhos promovida despropositadamente por Bloch nesse contexto da historiografia do século XX, que evitava abordar temas “que não tenham virado passado”. Ainda assim, julgamos tratar-se mais de um reclame de origens gloriosas ao trabalho do IHTP do que de uma influência historiográfica consistente e absoluta. Veremos mais adiante o que se desenhava como outro historiador chamava de “o momento Bloch”<sup>569</sup>, no qual a sua figura tornava-se a resposta para tudo relativo à escrita da história. O grande sucesso de *L'étrange défaite* só foi alcançado, de fato, posteriormente. Sua publicação foi feita graças ao esforço de Jean Bloch-Mihel, sobrinho do autor, e Georges Altman, um de seus companheiros de *Franc-Tireur*, o movimento de resistência no qual Bloch se engajou. Até a década de 1960, foram lançadas três edições. A primeira teve cinco mil tiragens que não se esgotaram. As duas seguintes foram pouco vendidas. O texto só conseguiu atingir grande amplitude com a edição da Gallimard em 1990<sup>570</sup>.

Outra defesa de Rousso ao caráter inovador do texto: seu movimento retrospectivo. A análise do presente (a derrota) ajudaria na compreensão do passado (problemas de formação dos franceses que ficaram evidentes). Esse leve deslocamento do olhar<sup>571</sup> teria um forte impacto teórico, uma vez que recusaria a ideia de que somos totalmente condicionados pelo passado. Abre-se o espaço para o *contingencial*<sup>572</sup>, o mundo de possibilidades que subjazem determinado contexto historiográfico. A derrota não era o único cenário possível quando a guerra foi declarada, e foi justamente a consciência disso que a tornou “estranha”. A passividade do alto comando do exército face ao avanço alemão reproduzia, no limite, uma visão teleológica dos acontecimentos e, conseqüentemente, da história. Agia-se quase como se a derrota fosse a sina inescapável. Daí, nada de inovador poderia emergir dos campos da batalha.

---

<sup>567</sup> *Ibidem*, p. 53.

<sup>568</sup> Cf. Pierre Nora. “Temps et histoire. ‘Comment écrire l’histoire de France?’”. In: *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, n. 6. P. 1221, 1995. Disponível em <<http://www.persee.fr>>. Acesso em 06 jan. 2015.

<sup>569</sup> Mais uma vez, estamos adiantando um debate que se fortalecerá no capítulo seguinte. Sobre o “momento Bloch”, ver Olivier Dumoulin. *Marc Bloch*. Paris: ScienPo, 2000.

<sup>570</sup> Ver o prefácio da edição brasileira de *L'étrange défaite* (2011).

<sup>571</sup> Pensamos aqui na concepção de história-problema defendida por Bloch e Febvre nessa “primeira geração” dos *Annales*: o movimento não seria análogo?

<sup>572</sup> Bastante explorado hoje por historiadores, especialmente os ligados à vertente da nova História Cultural. Observamos esforços bastante competentes, por exemplo, nos trabalhos de Lynn Hunt. Ver, da autora, *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes Editora Lda, 1992.

O sentimento, lembremos, era geral. Muito longe de estar restrito ao alto comando, tornava os franceses o “povo primitivo”<sup>573</sup> e incapaz de deter o avanço inimigo: “[...] nossa própria marcha era muito lenta, nosso espírito, igualmente muito desprovido de prontidão para nos permitir aceitar que o inimigo pudesse marchar tão rápido”<sup>574</sup>. A fórmula era até simples. Espírito derrotista, somado à burocracia limitadora, uma retaguarda que prejudicava a batalha em nome de interesses próprios, o *déficit* material dos que estavam no *front*, comunicações quebradas e a anacrônica estratégia defensiva da Linha Maginot eram o cárcere perfeito a qualquer adequação à “irresistível lei da mudança” histórica. Conclui-se que o grande inimigo da França era a própria França. A entrega ao autoritarismo da nação que protagonizara o grande evento em nome da liberdade séculos atrás conferia a 1940 um peso histórico ainda mais vexatório. Naquele ano, restava a Marc Bloch cumprir com o seu “dever de memória”<sup>575</sup> e relatar a derrota a fim de evitar o seu esquecimento, bem como deixar registrado que a luta pela República – forte traço da identidade nacional francesa – não poderia cessar com a assinatura do armistício por Pétain.

Outro elemento que merece destaque na presente análise: o incômodo que o autor sentia com o peso atribuído socialmente às suas origens judaicas, que constantemente parecia colocar à prova o seu amor à França. Ainda que o judaísmo não dê o tom de seu testemunho, argumentava a esse respeito que “Só reivindico minha origem num único caso: diante de um antissemita”<sup>576</sup>. Ser judeu, que não era opção, tornava-se uma escolha moral em determinados casos. Mesmo que ele não seguisse os preceitos da religião, iria defendê-la em nome da liberdade. Afinal, esse era um problema enraizado na cultura europeia há séculos, que havia ganhado fôlego ao longo do século XIX<sup>577</sup> e que, com o Caso Dreyfus, demonstrara toda a sua potencialidade na sociedade francesa.

Nesse sentido, a grande questão para Bloch era reafirmar que a sua origem étnico-racial (não encarava o judaísmo como religião) não diminuía em nada o seu fervor

---

<sup>573</sup> Marc Bloch. *Op. cit.*, 1990, p. 67.

<sup>574</sup> Do original: “*Notre propre marche était trop lente, notre esprit, également trop dépourvu de promptitude, pour nous permettre d’accepter que l’adversaire pût aller si vite*”. *Ibidem*, p. 75.

<sup>575</sup> Sobre “dever de memória”, ver Beatriz Sarlo. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Cia. das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007; Paul Ricoeur. *Memória, história, esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2008.

<sup>576</sup> Do original: “*Je ne revendique jamais mon origine que dans un cas: en face d’un antisémite*”. Marc Bloch. *Op. cit.*, 1990, p. 31.

<sup>577</sup> Peter Gay. *O cultivo do ódio: a experiência burguesa. Da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

patriótico. Como um bom “judeu assimilado”<sup>578</sup>, era *francês antes de qualquer coisa*, seguindo o exemplo de seus familiares:

[...] que meu bisavô foi soldado em 1793; que meu pai serviu em Estrasburgo em 1870; que meus dois tios e ele deixaram voluntariamente a Alsácia natal, após a sua anexação pelo Segundo Reich; que fui criado no culto dessas tradições patrióticas, das quais os israelitas do êxodo alsaciano sempre foram os mais ardentes defensores; que a França, enfim, de onde alguns hoje conspiram para me expulsar e talvez (quem sabe?) obtenham sucesso, será, aconteça o que acontecer, a pátria da qual não saberia arrancar meu coração. Nasci aqui, bebi na fonte de sua cultura, fiz meu o seu passado, só respiro bem sob seu céu, e tenho me esforçado, por meu lado, para defendê-la o melhor que puder.<sup>579</sup>

Isso fica muito claro quando observamos a correspondência em 1941 de Bloch sobre a U.G.I.F. (*Union Générale des Israélites de France*), órgão criado durante o regime de Vichy para representar os judeus. Em uma carta, comentava sobre a importância de busca por documentação que comprovasse a pertença sem restrições dos judeus ao corpo nacional: “[...] os judeus franceses são franceses como quaisquer outros e, em sua imensa maioria, bons franceses”<sup>580</sup>. No mesmo contexto, ele redigiu uma carta que foi assinada por diversos judeus que haviam prestado serviço à pátria. Ao lado de cada nome, as honrarias conquistadas durante as guerras, bem como os importantes cargos que estes ocupavam. Em relação ao conteúdo, a afirmação constante de que a França era maior do que a Torá:

A França, pela qual demos o nosso melhor e pela qual, como fizeram tantos de nós, sacrificaremos voluntariamente amanhã nosso sangue e de nossos filhos, é a nossa pátria. [...] As esperanças e os lamentos da França são os nossos. Os valores de civilização, a que estamos tanto ligados, são aqueles que ela nos ensinou. Quaisquer que sejam nossas convicções filosóficas, políticas ou religiosas, **o povo francês é o nosso povo**. Não conhecemos outro.<sup>581</sup>

<sup>578</sup> Sobre a ideia do “judeu assimilado”, aquele que possui raízes semitas mas que procuram atuar e demonstrar maior apego à cidadania, ver o capítulo “Os judeus e a sociedade”, em Hannah Arendt. *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

<sup>579</sup> Do original: “[...] que mon arrière-grand-père fut soldat, en 93; que mon père, en 1870, servit dans Strasbourg assiégé; que mes deux oncles et lui quittèrent volontairement leur Alsace natale, après son annexion au II<sup>e</sup> Reich; que j’ai été élevé dans le culte de ces traditions patriotiques, dont les Israélites de l’exode alsacien furent toujours les plus fervents mainteneurs; que la France, enfin, dont certains conspireraient volontiers à m’expulser aujourd’hui et peut-être (qui sait?) y réussira, qu’il arrive, la patrie dont je ne saurais déraciner mon cœur. J’y suis né, j’ai bu aux sources de sa culture, j’ai fait mien son passé, je ne respire bien que sous son ciel, et je me suis efforcé, à mon tour, de la défendre de mon mieux”. Ibidem, pp. 31-33.

<sup>580</sup> “[...] les juifs Français sont des Français comme les autres et, dans leur immense majorité, de bons Français”. Marc Bloch. Op. Cit., 1990, p. 308.

<sup>581</sup> Do original: “La France, que nous avons servie de notre mieux et pour laquelle, comme l’on fait un si grand nombre des nôtres, nous sacrifions volontiers, demain encore, notre sang ou celui de nos enfants, est notre patrie.[...] Les espoirs comme les deuils de la France sont les nôtres. Les valeurs de civilisation,



Em uma palavra, por mais cruel que seja, no momento, a sorte de muitos de nós, por maiores que sejam as ameaças que pesam sobre nossos filhos, não temos dúvidas de nosso apego à França. **Nós somos franceses.** Não imaginamos como não sê-los. Nem nós nem os nossos filhos somos capazes de conceber outro futuro que não seja francês. É justamente esse destino que pedimos que seja preparado ou protegido.<sup>582</sup>

Para finalizar, retornemos à primeira questão levantada neste tópico. Ao fim e ao cabo, no embate entre memória e história, prevaleceu a primeira. Se com o tempo o texto vai assumindo o aspecto historiográfico e seus prognósticos provam-se mais e mais acertados, a subjetividade do personagem em questão aflora a todo momento. Aquele “eu” envolto na “capa Marc Bloch” mostra, mesmo precavido, toda a sua indignação pelas injustiças que ocorria em relação a tudo o que mais queria ver protegido. Temos um testemunho em sua plenitude, repleto de seleções, silêncios e construções tão próprios ao esforço memorialístico<sup>583</sup>.

Garante o valor de verdade não pelo *métier* de quem o escreve, mas por ter sido produzido por alguém “que estava lá”<sup>584</sup>. Conjugada ao imediatismo da experiência está, na narrativa, a capacidade de reparar o dano sofrido<sup>585</sup>. Daí a justificativa de depositar no futuro a esperança de ver a França livre novamente. Através da escrita, também, o passado é redimido<sup>586</sup>. Por meio dela Marc Bloch eximiu-se um pouco da culpa que homens como ele<sup>587</sup>, veteranos da guerra anterior, carregavam por ter deixado o país nas mãos de interesses escusos por uma “preguiça cívica” que atingiu quem gastou tanto tempo e energia nas trincheiras.

O mais importante, no entanto, é marcar definitivamente que, enquanto representação memorialística, *L'étrange défaite* é, antes de mais nada, espaço de

---

*auxquelles nous demeurons passionément attachés, sont celles qu'elle nous a enseignées. Quelle que puissent être dans leur diversité nos convictions philosophiques, politiques ou religieuses, le peuple français est notre peuple. Nous ne connaissons point d'autre". Ibidem, p. 314 (grifos meus).*

<sup>582</sup> Do original: “*En un mot, quelque cruel que soit, à l'heure actuelle, le sort de beaucoup d'entre nous, quelque menace qui pese sur nos enfants, nous n'avons point de souci qui prime notre attachement à la France. Nous sommes Français. Nous n'imaginons pas que nous puissions cesser de l'être. Ni pour nous, ni pour nos enfants, nous ne saurions concevoir d'autre destin qu'un avenir français. C'est ce avenir-là que nous vous demandons de préparer ou de protéger*”. *Ibidem*, p. 315 (grifos meus).

<sup>583</sup> Henty Rousso. *Op. cit.*, 1996, pp. 93 – 101.

<sup>584</sup> Marieta de Moraes Ferreira faz importante análise sobre o olhar do testemunho no esforço de escrita da história do tempo presente. Ver \_\_\_\_\_. *Op. cit.*, 2000, pp. 1, 7-10.

<sup>585</sup> Beatriz Sarlo. *Op. cit.*, 2007.

<sup>586</sup> *Ibidem*, p. 42.

<sup>587</sup> Pensamos aqui na relação da memória com a identidade social. Ver Michel Pollak. “Memória e identidade social”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

delimitação de uma subjetividade. Temos a partir dela, com muito mais força do que nos escritos acadêmicos, um Marc Bloch *tal qual desejou ser lembrado*.

### 3.5 O fim heroico: a Resistência

Após a derrocada, como vimos, Bloch estabeleceu-se na casa de campo da família. Em carta a Andrés Meyer, comentava o contexto do reencontro com os seus. A guerra abateu-se sobre todos:

Quinze dias depois, as comunicações se reestabeleceram e pude passar por Nantes, Agers e finalmente em Creuse, onde estavam os meus. Alguns sofreram com os bombardeios em Guéret: minha esposa, um de meus filhos e minha mãe, que haviam resgatado em um automóvel, correram sem rumo durante dez dias ao sul do rio Loire, durante e depois da batalha; por fim, chegaram a Guéret depois de mim. Pequena história de uma família francesa normalmente muito tranquila!<sup>588</sup>

Os eventos de 1940 trouxeram a Marc Bloch a necessidade de fazer balanços. Se em *L'étrange défaite* procurou analisar o seu presente e a sua realidade enquanto cidadão, movimento semelhante ocorrera em relação às suas motivações profissionais. Também foi na casa de campo que iniciou de forma sistemática a escrita de seu livro mais consagrado, *Apologie pour l'histoire*, que nunca encontrou o seu fim<sup>589</sup>. Essas reflexões teórico-metodológicas foram ensaiadas durante seu percurso enquanto capitão. Em carta a Étienne, datada de 14 de setembro de 1939, comentava: “Escrevo um pouco por conta própria: uma introdução sobre o método da história, por uma história da França que, talvez, eu jamais escreva”<sup>590</sup>. Curioso notar que, aparentemente, o projeto inicial era mais do que um tratado de método, um ensaio de uma história geral da França. Isso fica ainda mais claro em carta à filha Alice, escrita pouco depois: “Trabalho, aos poucos, em minha

---

<sup>588</sup> “Quince días después las comunicaciones quedaron restablecidas de modo que pude pasar por Nantes, Agers, y finalmente la Creuse en donde estaban los míos. Unos sufrieron bombardeos en Gueret, mi esposa y unos de mis hijos con mi madre, que había rescatado en auto, corrieron sin rumbo por diez días al sur del río Loire, durante y después de la batalla; por fin llegaron a Gueret después que yo. !Pequeña historia de una familia francesa normalmente muy tranquila!”. Carta de Marc Bloch a Andrés Meyer *Relaciones* 51, verano 1992, vol. XIII, p. 246 (trad. de Andrés Lira González).

<sup>589</sup> Não é à toa, portanto, que muitas reflexões e metáforas exploradas no livro sobre a prática historiográfica apareçam também entremeadas nas conjecturas sobre a derrota militar.

<sup>590</sup> Marc Bloch a Lucien Febvre: “*J’écris un peu pour mon propre compte: une introduction sur la méthode de l’histoire, pour une histoire de France que je n’écrirai, elle, peut-être jamais*”. Citado em Marc Bloch. *Op. cit.*, 2006, p. 42.

história da França. Encontro-me desde sempre no prefácio. Isso intriga bastante o meu velho general que me observa vez por outra escrevendo no escritório, e deseja saber o que escrevo. Tenho a crueldade de não lhe dizer”<sup>591</sup>.

Mas foi no momento em que toda a nação parecia estar de mãos atadas que pôde levar a cabo com mais afinco o projeto pessoal. O esboço foi, aos poucos, ganhando definições mais concretas. Tempos depois, em 17 de agosto de 1942, contava a Febvre: “Continuo a escrever minha *Apologie pour l’histoire*. Exercício difícil. Exercício instrutivo. Não possuo ideia muito precisa do que será o livro – ou mesmo se ele será algum dia”<sup>592</sup>. Também compartilhava com o filho as incertezas do projeto intelectual:

À tarde trabalho sobretudo em meu livro (“O ofício do historiador” me parece um título melhor que “Apologia da história”. O que você acha?). Ele avança lentamente. Mas avança e – malgrados os momentos habituais de dúvida – não me parece desinteressante. Quando acabará? Quando será publicado? Nesse momento, verdadeiramente, trabalhar é trabalhar para a Musa...<sup>593</sup>

O desafio da escrita era acompanhado pelo de conseguir se manter na legalidade e ativo. Afinal, encontrava-se em situação análoga à dos judeus na França ao longo da guerra e de todo o cenário de Vichy. As feridas abertas durante o Caso Dreyfus sangravam novamente no contexto imediato após a derrota para os alemães em 1940.

O caos no país dividido era prato cheio para extremismos em todos os níveis. Sob o discurso da necessidade primordial de reorganização em um país metade ocupado, metade colaboracionista<sup>594</sup>, para que a vida continuasse nessa nova realidade, iniciou-se um processo de “purificação” administrativa dentro de uma perspectiva antissemita<sup>595</sup>. O primeiro movimento foi o de excluir de cargos públicos refugiados, mulheres, pessoas que tivessem aderido à França Livre e judeus. Em nome da unidade, os “inimigos da nação” deveriam ser preteridos.

---

<sup>591</sup> Do original: “*Je travaille, petitement, à mon histoire de France. J’en suis toujours à la préface. Ça intrigue beaucoup mon vieux general de me voir quelquefois écrire au bureau, et il voudrait bien savoir ce que j’écris. J’ai la cruauté de ne pas lui dire*”. Citado em Bédarida. *Op. cit.*, 1991, p. 14.

<sup>592</sup> Do original: “*J’ai continué à écrire mon ‘Apologie pour l’histoire’. Exercice difficile. Exercice instrutif. Je n’ai pas encore une idée très précise de ce que sera le livre – ou même s’il sera jamais*”. Marc Bloch a Lucien Febvre em \_\_\_\_\_. *Correspondance* (vol 3: *les Annales en crise 1938-1943*). Paris: Fayard, 2003, p. 210.

<sup>593</sup> Carta escrita em 13 de setembro de 1942. Do original: “*Je travaille surtout à mon livre (‘Métier d’historien’ me paraît un titre mieux qu’ ‘Apologie pour l’histoire’. Qu’en penses-tu?) Il avance lentement. Mais enfin il avance, et – malgré les moments habituels de doute – il ne me semble pas sans intérêt, Quant sera-t-il fini? Quand pourra-t-il paraître? En ce moment, vraiment, travailler, c’est travailler pour la Muse...*”. Marc Bloch. In: Bédarida, Pechansky. *Op. cit.*, 1991, p. 101.

<sup>594</sup> Lembremos, novamente, que a divisão política do país ultrapassou essa dualidade.

<sup>595</sup> Cf. Claude Singer. *Vichy, L’Université et les Juifs: les silences et la mémoire*. Paris: Les Belles Lettres, 2004.

Logo após a derrocada, foram criados dois Estatutos dos Judeus na França (3 de outubro de 1940 e 29 de novembro de 1941). Entre suas preocupações principais estavam, além da criação de leis e regras de conduta diferenciadas para essa comunidade, formas de controlá-la. Nesse caso, importava questionar o que era um judeu, afinal.

Apesar de escrito às pressas<sup>596</sup>, o primeiro Estatuto estabelecia em seu artigo inicial que todo indivíduo que tivesse três avós “da raça judaica”, ou dois avós, caso seguisse praticando o judaísmo, deveria ser enquadrado na classificação e receber as devidas sanções. O segundo alargava ainda mais a definição, estabelecendo que o indivíduo que possuísse dois avós judeus e não tivesse se convertido a outra religião até 25 de junho de 1940 deveria se submeter às suas leis, as quais interditavam uma série de cargos profissionais aos judeus. Através desses estatutos, tentava-se reafirmar a identidade francesa ligada à tradição cristã, para o regozijo da extrema direita, que acreditava que a França caminhava a passos largos para uma recuperação da ordem e da moral que havia sido perdida antes da derrota. Mesmo que não praticantes da religião, Marc Bloch e Simone Vidal não escapavam a essa definição – e vimos que tampouco era o desejo de Marc Bloch esquivar-se desse rótulo em casos de intolerância.

Foi criada, em tal contexto, a *Union Générale des Israélites de France* (UGIF), organismo cuja função seria representar os judeus no poder público. Seu papel, no entanto, foi bastante ambíguo (como o fora o de outras instituições israelitas criadas em países ocupados pelos alemães ao longo do conflito). Se, por um lado, era uma das poucas chances de um indivíduo judeu ter seus interesses defendidos, por outro, a associação acabava criando uma catalogação da comunidade em todo o território, facilitando ainda mais atos de perseguição e reforçando preconceitos e clichês, como se o grupo classificado como “judeu” fosse homogêneo<sup>597</sup> e realmente necessitasse de uma legislação específica em terras francesas.

Parecia importante, sobretudo, eliminar a influência judaica na educação e nos meios intelectuais. Por isso, uma das primeiras profissões a qual os judeus foram proibidos de exercer foi a de professor. Para o Ministro da Educação, Abel Bonnard, não era admissível “que a história da França seja ensinada por um Isaac”<sup>598</sup>. Também se limitou/proibiu a contribuição deles em meios impressos. Alunos judeus também teriam

---

<sup>596</sup> Em apenas algumas horas. Cf. Claude Singer. *Op. cit.*, 2004, p. 72.

<sup>597</sup> A heterogeneidade da comunidade judaica foi muito explorada em diversos textos importantes. Destaco aqui o de Hannah Arendt. *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

<sup>598</sup> Claude Singer. *Op. cit.*, 2004, p. 150.

condições específicas de acesso a escolas, liceus e a universidade, através do *numerus clausus*<sup>599</sup>.

É curioso notar que essa ideia de uma “invasão” judaica, em números absolutos, não parecia fazer muito sentido. Na educação básica, 0,8% dos professores era de judeus, enquanto nas universidades esse número subia para 2,4%<sup>600</sup>. A questão era que, especialmente no caso das universidades, esses professores estavam concentrados em espaços específicos, colaborando com a sensação de que haveria um monopólio judeu na transmissão de conhecimento. A maioria, apesar de não praticar a religião, atuava nas áreas de medicina e ciências, e trabalhava em Paris ou Estrasburgo. Nesse sentido, o movimento de “purificação” foi mais efetivo dentro da universidade. Ao passo que houve vários episódios de instituições de ensino básico protegendo especialmente seus alunos judeus, na universidade o próprio corpo social atuava no sentido de fazer valer os Estatutos.

O cenário se tornava ainda mais grave porque o projeto hegemônico<sup>601</sup> da extrema direita acirrava ainda mais as diferenças dentro da própria comunidade judaica. Não havia conjugação de interesses (que não fossem o primordial, o de sobreviver). Por exemplo: uns defendiam o pacifismo, outros o ativismo contra as medidas repressoras; uns eram sionistas e outros achavam que essa defesa justificaria ainda mais a ideia de que o judeu é uma “raça” específica que não faz parte do corpo nacional. Clivagens como essas eram estimuladas ainda mais por conta do mecanismo das derrogações criado em Vichy, que permitia a recuperação do cargo de alguns. Cada um buscava “por si” justificar a sua reintegração social. Serviços prestados à pátria, heroísmo demonstrado na guerra anterior, antiguidade da família em território nacional, demonstrando fidelidade à França, entre outros argumentos, foram válvulas de escape que acabariam por legitimar ainda mais o cenário de exclusão. O enfrentamento era, assim, quase pacificado.

Nesse contexto de desarmonia de um grupo tão heterogêneo, Marc Bloch garantiu temporariamente, através de uma derrogação, um cargo na Universidade de Estrasburgo em Clermont-Ferrand<sup>602</sup>, mudando-se então de Guéret. Contra os Estatutos

---

<sup>599</sup> Cálculo que definia a porcentagem que cada instituição de ensino teria como possibilidade de aceitar estudantes israelitas. Vale destacar que essa tática foi adotada após se constatar a extrema impopularidade em criar escolas específicas para a comunidade judaica. Os franceses orgulhavam-se demais da ideia de educação universal ao ponto de não negar, em teoria, o seu acesso. *Ibidem*, p. 133.

<sup>600</sup> *Ibidem*, p. 143.

<sup>601</sup> Aqui utilizo-me do referencial gramsciano. Cf. Antonio Gramsci. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000 (3 vols).

<sup>602</sup> Desde setembro de 1939, com a iminência do combate, a instituição mudara de local para continuar o seu funcionamento, ganhando o status de “universidade exilada”. Cf. Carole Fink. *Op. cit.*, 1995, p. 253.

dos Judeus, apresentava a prova de ligação à França: as honrarias de guerra pelos serviços prestados, bem como evidências de que a família, há gerações, possuía o mesmo pulso patriótico<sup>603</sup>. Existe a remota possibilidade de que seus primeiros contatos com a Resistência tenham se dado nesse local<sup>604</sup>.

Surgia, nesse momento, uma oportunidade. Marc Bloch recebeu um convite da Fundação Rockefeller para se refugiar nos Estados Unidos com a esposa e os filhos. Atuaria durante dois anos na *New School*, em Nova York<sup>605</sup>. Mesmo tendo aceitado o convite, o processo não se concretizou. Para o consulado norte-americano (situado em Lyon), era muito difícil garantir a viagem de nove pessoas: ele, a esposa, os seis filhos e a mãe. Dois filhos – Étienne e Louis – tinham obrigações militares a cumprir e tanto a mãe – que veio a falecer em abril de 1941 –, quanto Simone estavam com problemas de saúde. Pela família, Bloch decidiu permanecer em solo francês.

Não foram somente essas as dificuldades que teve de enfrentar. De Paris, Lucien Febvre o pressionava insistentemente para que retirasse seu nome dos *Annales*. Era a condição para que a revista garantisse a continuidade, num quadro em que o Estatuto dos Judeus proibia a participação de semitas em meios impressos publicados na Zona Ocupada. Após alguns conflitos entre os dois, Bloch decidiu renunciar ao cargo de codiretor, e restringiu sua participação no periódico pela publicação de artigos sob o pseudônimo de “Fougères”<sup>606</sup>.

Extremamente preocupado com a saúde da esposa que, apesar de sempre ter sido frágil (as cartas de 1939-1940 mostram isso), parecia ainda mais delicada, decidiu se mudar para Montpellier. O inverno anterior em Clermont-Ferrand fizera muito mal a ela. Ainda amparado pela derrogação do Estatuto, garantiu uma vaga na universidade através de uma transferência.

Os problemas, obviamente, não cessaram com a mudança. Foi nesses idos de 1942 que a Gestapo confiscou a sua biblioteca, montada no apartamento de Paris. O sofrimento era imenso e ele buscou superá-lo fazendo o que mais lhe agradava, conforme deixou explícito na dedicatória que fez a Lucien Febvre em *Apologie pour l'histoire*. Ali,

---

<sup>603</sup> Mémorial de la Shoah, Ref.CDJC-CCCLXXIX-51.

<sup>604</sup> Um amigo de Universidade de Estrasburgo e médico da família, Dr. Waitz, seria o responsável pelo Franc-Tireur na região. Como se trata de uma hipótese baseada em conjecturas muito abstratas, não confirmadas nem mesmo pelo filho Étienne, achamos por bem descartá-la. A informação foi obtida no site da Associação Marc Bloch, disponível no link <<http://www.marcbloch.fr/resistant4144.html>>. Acesso em 22 jan. 2015.

<sup>605</sup> Carole Fink. *Marc Bloch: uma vida na história*. Oeiras: Celta, 1995, p. 308.

<sup>606</sup> A floresta na qual lutou boa parte da Grande Guerra, vale lembrar.

ele diz que seu livro servia-lhe como “[...] simples antídoto, ao qual, entre as piores dores e as piores angústias, pessoais e coletivas, peço nesse momento um pouco de paz de espírito”<sup>607</sup>. Na escrita encontrava um refúgio temporário<sup>608</sup>. Sem poder consultar suas fontes, escreveu um dos mais importantes tratados de história do século. A vida pessoal e profissional, no entanto, impedia uma dedicação plena ao projeto. Comenta em carta ao colega/discípulo André Meyer:

Aqui, encontro-me ocupado com a docência, que é bastante pesada (um tema de Idade Média para a *agrégation*, algo que pouco conhecia; principalmente as aulas da história econômica da França no século XIX que havia dado em Paris muito parcialmente. Não é algo fácil de montar). Não tenho em mãos meus livros que, segundo me informaram, encontram-se ameaçados em Paris, onde estão localizados. Como todos, estou mal instalado. Até agora quase não trabalhei no meu [livro]. Os *Annales* saíram de novo com as modificações externas que você adivinha.<sup>609</sup>

Na mesma epístola, retoma um ponto sempre repetido aos familiares: preocupava-se com a continuidade da educação dos filhos. Naquele contexto, tinham sido banidos dos estudos por serem judeus. Além disso, não possuíam as condecorações militares do pai e, por isso, a lei antissemita aplicava-se sobre eles:

[...] minhas maiores preocupações pessoais estão, sobretudo, dirigidas ao porvir dos meus filhos. Especialmente os maiores: um, estudante do segundo ano de direito; o outro no último ano de *prepa*<sup>610</sup> (e que sonhou, ao longo de toda a vida, com a Escola Colonial!).<sup>611</sup>

Todavia, era sobre a nação que sua angústia se mostrava mais intensa:

<sup>607</sup> Marc Bloch. *Op. cit.*, 2001, p. 39.

<sup>608</sup> Em uma carta que escreveu para Lucien Febvre, Marc Bloch faz um comentário bem parecido com o que escreveu na dedicatória supracitada. Ele diz: “[...] como antídoto, escrevo sobre a história. É preciso um banco de trabalho. Pouco importa naquilo em que se tornarão as aparas”. Marc Bloch. *Apologia da história ou O ofício do historiador*. Edição aumentada por Éienne Bloch. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001, p. 43.

<sup>609</sup> Do original: “*Acá estoy ocupado con la docencia que es bastante pesada (un tema de edad media para la agregación, algo que conocía mal; sobre todos una clase de historia económica de Francia en el siglo XIX que había dado en Paris de forma muy parcial. No es algo sencillo de armar). No tengo a la mano mis libros, muy amenazados según me acaban de decir, en París, donde se quedaron. Como todo el mundo, estoy mal instalado. Hasta ahora casi no he trabajado en lo mío. Los Annales salen de nuevo con las modificaciones externa que Ud. adivina.*”. Carta de Marc Bloch a Andrés Meyer. *Relaciones* 51, verano 1992, vol. XIII, p. 246-247.

<sup>610</sup> Curso de preparação para o *baccauréllat*.

<sup>611</sup> Do original: “*mis preocupaciones personales van, antes que todo, dirigidas hacia el porvenir de mis hijos. Especialmente mis hijos mayores: el uno, estudiante en segundo año de derecho, el otro en el ultimo año de prepa (¡y quien soñó, toda la vida, con la Escuela Colonial!)*”. *Ibidem*, p. 246.

Mas esse é o meu pequeno jardim individual, do qual seria impossível esquecer. Ainda assim, não é mais do que um pequeno jardim. Minhas mais altas preocupações encontram-se em outra parte. São as mesmas que as suas, assim como são idênticas as nossas esperanças. Teria que dizer-lhe que é menos o... digamos amanhã (um amanhã imaginado à luz que você adivinha) que é o que está por vir que me preocupa? É difícil para um velho historiador viver no tempo imediato.<sup>612</sup>

O longo historiador via fortalecerem novas decepções. O projeto profissional de uma vida, que já não contava com a sua assinatura, mudava de nome: *Mélanges d'Histoire Sociale* era a nova “máscara” dos *Annales*, contra a vigilância de Vichy. Certamente, um duro golpe ao intelectual, que via o cerco se fechar progressivamente. As condições de vida em Montpellier tornavam-se cada vez mais precárias: começava a faltar comida.

Nesse cenário amplamente desfavorável, grande parte de *Apologie pour l'histoire* foi escrita. Passo importante, indubitavelmente, e que fora acompanhado por outro de impacto análogo na trajetória de Marc Bloch: sua efetiva adesão à Resistência Francesa. Apesar de pouco se saber sobre essa passagem em Montpellier, há relatos de que ele compôs o *Mouvement Liberté*, que se tornaria o *Combat*, uma das principais células no sul da França da Resistência organizada internamente por Jean Moulin<sup>613</sup>. Ele, Étienne e Louis teriam começado a realizar atividades ligadas ao movimento. Em casa, pouco se falava sobre isso: quanto menos soubessem um do outro, melhor.

Em Montpellier, não sabíamos muito bem das atividades de papai. Exceto uma vez, na ocasião de uma festa nacional, quando uma parte da universidade e certos resistentes decidiram desfilar. Havia os professores resistentes, papai, Teitgen, e Courtin, professor de direito. Fui nomeado junto a outro como guarda-costas de Teitgen. Enquanto cuidava da guarda de Teitgen, observava papai, mas era cada um por si. Sabia que confabulava, mas o que? Não tinha a mínima ideia. Uma vez lhe disse: se você tem papéis a esconder, faça-o porque talvez venham me prender. Não me respondeu nada além de “obrigado”. Era a divisão de trabalho; era saudável, ele tinha razão.<sup>614</sup>

---

<sup>612</sup> Do original: “Pero eso es mi pequeña huerta individual, de la cual sería imposible olvidarse; sin embargo no es más que una pequeña huerta. Mis más altas preocupaciones se encuentran en otra parte. Son las mismas que las tuyas, e idênticas, igualmente, nuestras esperanzas?Tendré que decirle que es menos el... digamos mañana (un mañana imaginado en la luz que adiniva Ud.) que es el pasado mañana lo que me preocupa? Es difícil para un viejo historiador vivir en el tempo inmediato”. Ibidem, p. 247.

<sup>613</sup> Cf. Ayla Aglan. *Le Temps de la Résistance*. Paris: Actes Sud, 2008.

<sup>614</sup> Do original: “A Montpellier, on ne savait pas très bien ce que papa faisait, sinon qu'une fois lors d'une fête nationale, une partie de l'université et certains résistants avaient décidé de défiler. Il y avait les professeurs résistants, papa, Teitgen, et Courtin professeur de droit. J'avais été désigné pour être avec un autre, garde du corps de Teitgen. Moi, je gardais Teitgen et je voyais papa plus loin mais c'était chacun pour soi. Je savais qu'il fricotait, mais quoi?, je n'en avais aucune idée. Une fois je lui ai dit: si tu as des papiers à planquer, planque les parce que peut-être on va venir m'arrêter. Il ne me répondit rien d'autre que merci. C'était la division du travail, c'était sain, il avait raison”. Louis Bloch. Disponível em <<http://www.marcbloch.fr/resistant4144.html#cler>>. Acesso em: 26 jan 2015.



Em novembro de 1942, os riscos para a família tornaram-se prementes. Com a campanha da África começando a ganhar relevância<sup>615</sup>, ser judeu – e resistente – em Montpellier era sinônimo de estar sujeito a uma prisão. Em resposta à movimentação aliada, os alemães invadiram a “Zona Livre” de Vichy para organizar a defesa, e Hitler ordenou a prisão e deportação dos judeus franceses. A mudança, dessa vez, foi realizada com muito mais urgência. A família deslocou-se para Fougères. Bloch acabou, então, destituído de seu cargo por “deserção face ao inimigo”<sup>616</sup>.

O quadro de tensão não diminuiu a preocupação com a educação familiar. O filho Louis relatou que

Após a Ocupação da Zona Livre, papai decidiu que devíamos retornar a Fougères. Étienne e eu encontrávamo-nos bastante ameaçados por conta de nossa idade e nossas atividades; eu havia sido condenado à morte e era procurado. Toda a família reuniu-se em Fougères e imediatamente papai colocou em prática um sistema para que não interrompêssemos os estudos: ele e a minha mãe davam aulas aos mais velhos, e os mais velhos aos mais novos. Durante algumas horas por dia nós, os mais velhos, recebíamos ensinamentos e dávamos, a nosso turno, lições aos pequenos que tinham entre 5 e 12 anos. O esquema durou por volta de um mês e meio. Papai decidiu que Étienne e eu devíamos partir para Londres, através da Espanha, com um primo, Robert. [...] Partimos durante o feriado de Natal, em 1942.<sup>617</sup>

Três meses<sup>618</sup> depois da partida dos filhos, também deixou a família e mudou-se para Lyon. A redação de *Apologie pour l'Histoire*, aparentemente, foi interrompida neste momento. Gesto que, aliás, não retirou a importância do que ele escreveu. Como disse Le Goff, “[...] este livro inacabado é um ato completo de história”<sup>619</sup>. A obra incompleta foi

---

<sup>615</sup> Trata-se do mês em que as forças aliadas embarcaram no norte da África, ensaiando o movimento de reconquista que seria efetivado após as grandiosas Batalha de Stalingrado e a operação da Normandia (o Dia D).

<sup>616</sup> Cf. Carole Fink, 1995, p. 302.

<sup>617</sup> Do original: “Après l'occupation de la zone libre, papa a décidé que nous devons retourner à Fougères. Etienne et moi, étions très menacés à cause de notre âge et de nos activités, moi j'étais recherché et condamné à mort. Toute la famille s'est réunie à Fougère et immédiatement Papa a mis en place un système pour ne pas interrompre les études: lui et sa femme donnaient des cours aux aînés et les aînés des cours aux petits. Plusieurs heures par jour, nous, les aînés, recevions un enseignement et faisions à notre tour l'instruction aux petits qui devaient avoir entre 5 et 12 ans. Cela a duré environ un mois et demi. Puis papa a décidé, qu'Etienne et moi devons partir pour rejoindre Londres par l'Espagne avec un cousin, Robert [...]. Nous sommes partis au moment des vacances de Noël, en 1942”. Disponível em <<http://www.marcbloch.fr/resistant4144.html#mont>>, acessado em 28 jan. 2015.

<sup>618</sup> Não se sabe ao certo se foi realmente em março de 1943 que ocorreu a mudança para Lyon. Dominique Veillon, com a chancela de Étienne Bloch, delimitou a data. A primeira carta que se tem registro dele à esposa foi escrita em 15 de março daquele ano. Cf. Dominique Viellon. *Le Franc-Tireur*. Paris: Flammarion, 1977, p. 175.

<sup>619</sup> Marc Bloch a Lucien Febvre. In \_\_\_\_\_. *Op. cit.*, 1992, p. 238.

uma das últimas manifestações de Bloch enquanto historiador, cuja angústia parecia tornar-se insuportável:

Pessoalmente, sofro cada vez mais, posso garantir, por me sentir inútil em muitos aspectos. Esta tranquilidade, pelo menos provisória, não tem encantos para **um homem que nunca foi, por temperamento, de retaguarda**. Reconheço, no entanto, que para os meus, sob todos os pontos de vista, é melhor assim<sup>620</sup>. (grifos meus)

Foi em Lyon, a capital da Resistência, que Marc Bloch entrou definitivamente na clandestinidade, através do grupo *Franc-Tireur*<sup>621</sup>. Vestia, assim, o seu último uniforme: aquele do cidadão engajado, que sempre pareceu lhe caber tão bem. Nada melhor do que dispor-se em nome da verdade e da liberdade de sua nação. No caso em questão, talvez fosse a única opção ao judeu que há pouco fora declarado desertor. A partir dali, seria “Maurice Blanchard”, pseudônimo bastante sugestivo, uma vez que o conjunto sequencial de letras, como M, Bl, ch, logo nos remete ao nome do historiador – seria mais um exemplo daquela satisfação íntima em desafiar a inteligência do inimigo?

A partir daqui, temos cada vez menos Bloch por si mesmo. Vamos, então, dando lugar a outros testemunhos<sup>622</sup>, que cobrirão o fim de sua trajetória e, no capítulo final desta tese, darão a base para a construção de sua memória. Sabe-se, através deles, que Bloch pôde visitar algumas vezes a esposa em Fougères<sup>623</sup> e que ela o visitou em Lyon. Secretamente, também teve encontros com amigos ingleses e com Lucien Febvre. Há quem diga que, inclusive, chegou a ir a Paris em setembro<sup>624</sup>.

Mais certa é a informação de que atuou no planejamento de parte do futuro almejado, no qual a França estaria livre. Como não poderia deixar de ser, foi a educação que ficou a seu cargo. O plano era promover uma reforma curricular a nível nacional. Substituiria o antisemita Abel Bonnard no Ministério da Educação. A história, segundo a ideia, deixaria de ser dividida nas Idades que até hoje comodamente seguimos<sup>625</sup>.

---

<sup>620</sup> *Ibidem*, p. 51 (grifos meus).

<sup>621</sup> Movimento criado em 1941 por estudantes de Lyon. Entre os membros “de primeira hora”, estava Jean Pierre Lévy, que se tornaria um nome importante para o quadro geral da Resistência. De sua criação até a Libertação, o *Franc-Tireur* foi publicado mensalmente. Da tiragem inicial (6.500 exemplares), a publicação atingiu a cifra de 150 mil exemplares no momento em que Bloch aderiu ao movimento. Sua entrada, aliás, estava ligada ao *Comité des Experts*. Arquivos do IHTP, 72AJ55 (*Franc-Tireur*) e A261.

<sup>622</sup> Reunidos por nomes como Lucien Febvre, Étienne Bloch e Georges Altman (famoso companheiro de Resistência), esses passos finais de Marc Bloch estão disponíveis no site da Associação que leva o seu nome. Disponível em <<http://www.marcbloch.fr/resistant4144.html#mont>>, acessado em 22 jan. 2015.

<sup>623</sup> Os filhos não viram o pai naquelas ocasiões.

<sup>624</sup> Teria participado de uma reunião editorial dos *Cahiers Politiques*. *Op. cit.*, 1995, p. 312.

<sup>625</sup> *Ibidem*, p. 315

Também escreveu alguns artigos que foram publicados pelo *Franc-Tireur*, que tinha como principal atividade a produção e distribuição de panfletos em defesa da liberdade<sup>626</sup>, bem como nos *Cahiers Politiques* e no periódico *La Revue Libre*, outras publicações dos resistentes<sup>627</sup>. Da mesma maneira, contribuía clandestinamente para os *Mélanges d'Histoire* sob o pseudônimo “Fougères”: não podia afastar-se completamente de seu legado.

Por medidas de segurança, precisava trocar constantemente de apartamentos. Proporcional ao crescimento de importância dos M.U.R. (*Mouvements Unis de la Résistance*) era o perigo que corriam. Atuando em missões de organização, inspeção e planejamento, logo assumiu o lugar de Pierre Gacon como chefe regional do *Franc-Tireur* e como um dos três membros do diretório regional da Resistência. Ficou, por isso, a cargo da organização de Lyon para o “Dia D”<sup>628</sup>. Passou a utilizar o pseudônimo “Narbonne”<sup>629</sup>.

Antes da esperada data, no entanto, a inteligência nazista conseguiu informações que levaram a prisões em massa em Lyon. Em 7 de março de 1944, muitos membros do M.U.R. foram presos e interrogados. No dia seguinte, seria a vez de Marc Bloch. Torturados, o chefe regional do *Combat*, conhecido como “Drac”, e o seu assistente, “Villete” ou “Lombard” (na verdade Jean Bloch-Michel, sobrinho de Marc Bloch), denunciaram o historiador-resistente. Logo os jornais colaboracionistas anunciaram as prisões em massa, incluindo a de um “judeu que assumira o pseudônimo de uma cidade ao sul da França”, que estava, sob o financiamento de Londres e Moscou, liderando diversos “atos de terrorismo” contra os franceses<sup>630</sup>.

Encarcerado na famosa prisão de Montluc<sup>631</sup>, fora duramente interrogado e torturado. Já na primeira noite, segundo relatos<sup>632</sup>, foi jogado em uma banheira repleta de gelo, prática que se repetiu por diversas vezes (conjugada a outros suplícios) e que prejudicou bastante a sua frágil saúde. Dali em diante, o pulmão fora severamente

---

<sup>626</sup> Ayla Aglan. *Op. cit.*, 2008.

<sup>627</sup> Cf. Carole Fink. *Op. cit.*, 1995, p. 314.

<sup>628</sup> 6 de junho, data marcada para o desembarque dos aliados nas praias da Normandia. Foi o contra-ataque definitivo. De acordo com o plano, dias antes a Resistência iria promover a desordem nacional, dificultando a organização da defesa dos alemães.

<sup>629</sup> *Ibidem*, p. 308.

<sup>630</sup> *Ibidem*, p. 309.

<sup>631</sup> Prisão militar que serviu como base do encarceramento e tortura de membros da Resistência em Lyon. Jean Moulin, o grande nome da Resistência interna, ficou preso ali. Klaus Barbie, o “açougueiro de Lyon”, famoso pela promoção da tortura e descaso com os inimigos, era o gerente da prisão. O local tornou-se importante lugar de memória da Segunda Guerra Mundial.

<sup>632</sup> Étienne Bloch. “Marc Bloch: une vie complète”. Archive Nationales. Ref. AB XIX 5028 – 276.

prejudicado, causando-lhe tosses constantes. Conta-se que, a despeito de todo o sofrimento, reuniu forças para ensinar história a um jovem prisioneiro<sup>633</sup>.

Após mais de um mês de flagelos, foi produzido um relatório de todo o interrogatório que se passou. Nele, a organização do movimento é trazida à tona, bem como alguns pseudônimos e traços físicos de seus membros. Não revela nenhum nome real dos companheiros. No documento, assinado em 27 de maio de 1944, temos então novamente, e pela última vez, a – suposta – voz de Marc Bloch:

Sei o motivo de minha prisão. Reconheço pertencer desde Junho de 43<sup>634</sup> ao *Mouvement de Libération Nationale* (M.L.N., antes M.U.R.). Fui incluído por François de MENTHON, que até o início da guerra era professor da Universidade de Nancy. De MENTHON encontra-se desde julho de 1943 no norte da África, como Ministro da Justiça do governo dissidente de De Gaulle. Outro membro da organização é o antigo professor da Universidade de Montpellier TEITJEN, aliás TRISTAN, que provavelmente habita nesse momento Paris. TEITJEN me colocou em contato com os membros da Resistência. Eu o vi pela última vez em Paris, em janeiro de 44. O papel de MENTHON e de TEITJEN na organização era o de atuar na formação de um novo governo pós-guerra. Meu papel era análogo, mas ocupava-me mais especificamente da reforma do ensino.<sup>635</sup>

Relatava em seguida a estrutura do movimento. Era o chefe do Bureau OLA2, ligado a administração pública, reconstrução política e serviço de saúde pós-Libertação:

De minha atividade na organização, posso destacar que me ocupava unicamente da instituição de um comitê provisório que organizaria a região, após a retirada das tropas alemãs e o fim do regime de Vichy, até que o governo de Alger nomeasse novos prefeitos.<sup>636</sup>

---

<sup>633</sup> Informações como essa baseiam-se em relatos de outros prisioneiros, todos reunidos pelas pessoas supracitadas, na nota 221.

<sup>634</sup> Lembremos que a data mais provável, segundo todos os relatos, do engajamento de Bloch no *Franc-Tireur* seria março daquele ano.

<sup>635</sup> Neste documento havia uma nota escrita à mão: “documento confidencial. Não utilizar até o ano 2000”. Do original: “*Je connais le motif de mon arrestation. Je reconnais appartenir depuis Juin 43 au Mouvement de Libération Nationale (M.L.N., auparavant M.U.R.). J’ai été introduit par François de MENTHON, qui était jusqu’à la guerre professeur de l’Université de Nancy. De MENTHON est depuis Juillet 1943 en Afrique du Nord, comme Ministre de la Justice dans le gouvernement dissident de De Gaulle. Un autre membre de l’organisation est l’ancien Professeur à l’université de Montpellier TEITJEN, alias TRISTAN, qui habite en ce moment probablement Paris. TEITJEN me mit également en rapport avec des membres de la résistance. Je l’ai vu pour la dernière fois à Paris en Janvier 44. Le rôle de MENTHON et de TEITJEN dans l’organisation était la formation d’un nouveau gouvernement après la guerre.*”

*Mon rôle était analogue, mais je m’occupais plus spécialement de la réforme de l’enseignement.”*. Arquivo do Institut d’Histoire du Temps Present. Fonds Franc Tireur AII 12, 397, p. 1-2.

<sup>636</sup> Do original: “*De mon activité dans l’organisation, je peux aisément faire ressortir que je m’occupais uniquement d’instituer un comité provisoire qui dirigeait la région, après le départ des troupes allemandes et la disparition du régime de Vichy, jusqu’à ce que le gouvernement d’Alger nomme de nouveaux préfets*”. Arquivo do Institut d’Histoire du Temps Present. Fonds Franc Tireur AII 12, 397, p. 3.

Terminava a confissão:

Mesmo sob ameaça, não posso fazer outras declarações. Conheço bem outros membros da Organização, mas somente pelos apelidos. Não conheço suas verdadeiras identidades ou domicílio.

Não posso dizer mais nada sobre a organização em si. Estou, contudo, disposto a responder a outras questões que me possam ser feitas.

Digo a verdade e mantenho minhas declarações.

Lido, aprovado e assinado: Marc BLOCH<sup>637</sup>

Depois do “Dia D”, iniciou-se em território francês uma série de deportações e assassinatos de prisioneiros. Em 16 de junho, junto a outros quinze prisioneiros, Bloch fora tirado de Montluc e, em Saint-Didier de Fromans, num local conhecido como La Roussille<sup>638</sup>, todos foram metralhados por membros da Gestapo, que naquela altura batia em retirada. Supostamente, antes de fuzilado, teria gritado: “*Vive la France!*”<sup>639</sup>. A esposa e a filha Alice, assim que receberam a notícia, foram a Lyon em busca de informações. Simone Vidal faleceu pouco tempo depois, em decorrência de um câncer no estômago, sem reconhecer a fotografia do marido morto. Coube a Lucien Febvre ajudar a família Bloch nas investigações. Assim que a cidade foi libertada, viajou para lá.

Em uma nota, relatava que uma testemunha, Pierre Abraham, lhe havia dito conhecer um dos fuzilados daquele dia: “um homem idoso, grisalho, pequeno, curto, usava óculos dourados, chamava-se Marc Bloch e era professor na Sorbonne”<sup>640</sup>. A cunhada de Marc Bloch também avisava ter reconhecido algumas peças de roupa<sup>641</sup>, e alertava que os filhos receberam a notícia. Étienne, que chegava a Paris junto à divisão Leclerc<sup>642</sup>, recebera o golpe duplo de ser noticiado da perda dos pais: “pobre rapaz”<sup>643</sup>.

---

<sup>637</sup> Do original: “*Même devant la menace je ne peux faire d’autres déclarations. Je connais bien encore quelques membres de l’Organisation, mais seulement sous leurs surnoms. Je ne connais pas leur véritable identité ni leur domicile.*

*Je ne puis plus rien dire non plus sur l’organisations elle-même. Je suis cependant prêt à répondre aux autres questions qui pourront m’être posées.*

*J’ai dit la vérité et je maintiens mes déclarations.*

*Lu, éprouvée et signé: Marc BLOCH*”. Arquivo do Institut d’Histoire du Temps Present. Fonds Franc Tireur AII 12, 397, p. 3.

<sup>638</sup> Nos Archives Nationales, encontra-se o esboço feito por Lucien Febvre com o apontamento do local onde Bloch fora executado. Archives Nationales Ref. AB XIX 5028 – 259.

<sup>639</sup> O relato do episódio veio de dois sobreviventes do fuzilamento: Jean Crespo e Charles Perrin. Carole Fink. *Op. cit.*, p. 324.

<sup>640</sup> Do original: “*un homme déjà agé, grisament, petit, court, portait des lunnettes à cercle doré, qui s’appellait Marc Bloch et qui était prof. à la Sorbonne*”. Archives Nationales: Fonds Marc Bloch ABXIX 5028, p. 260.

<sup>641</sup> AB XIX 5028 - 261.

<sup>642</sup> Que partiu do norte da África e participou da retomada de Paris. A divisão foi a primeira a entrar na cidade (após negociação com os aliados).

<sup>643</sup> AB XIX 5028 - 261.

Quanto mais a investigação avançava, mais claro ficava que a informação da morte era correta.

### 3.6 Epílogo

Confirmado o desaparecimento, amigos e parentes iniciaram o processo de construção de sua memória, sobretudo daquela que destacava o seu amor à França. Como veremos adiante, essa memória familiar e afetiva viria, décadas depois, a assumir lugar em espaços públicos, consagrando a imagem de Marc Bloch como um herói nacional.

Em homenagem póstuma na primeira edição dos *Annales* após a Libertação, o companheiro de Resistência, Georges Altman, comentava: “Ele amava seu ofício tanto quanto amava os seus, tanto quanto a França”<sup>644</sup>. A partir dali, seu nome estaria sempre associado a este tríplice compromisso, símbolos máximos do ideal do “ser francês”. Durante algum tempo, restringiu-se a meios familiares e aos *Annales*. Posteriormente, essa imagem modelar “transborda” e atinge a sociedade francesa como um todo.

O que importa, por ora, é marcar que a família e os amigos lembraram de Marc Bloch *como ele quis ser lembrado*. Desde a Grande Guerra, era a identidade de patriota que buscava com maior fervor. Em 1915, ele escreveu a seus pais:

Quando vocês lerem esta carta, terei deixado de viver. Estarei “morto pelo inimigo”. Não vos peço que tenham coragem, sei que terão. Que suas lágrimas não sejam muito amargas! Morri voluntariamente por uma causa que amava; sacrifiquei-me em nome do mais belo dos fins.<sup>645</sup>

Seu testamento, escrito quase 30 anos depois, tem a mesma tônica:

[...] sempre me senti, durante a vida inteira, antes de tudo e muito simplesmente, francês. Ligado à minha pátria por uma já longa tradição familiar, nutrida por sua herança espiritual e por sua história, incapaz, na verdade, de conceber alguma outra onde pudesse respirar confortavelmente, eu a amei muito e tentei servi-la com todas as minhas forças. Nunca senti que a minha qualidade de judeu colocasse qualquer obstáculo a esses sentimentos.

---

<sup>644</sup> Do original: “*Il aimait son métier autant que les siens, autant que la France*”. Georges Altman. “Au temps de la clandestinité: notre ‘Narbonne’ de la résistance.” In: *Annales d’histoire sociale*. 8<sup>e</sup> anée, n.1, 1945, p. 14.

<sup>645</sup> Testamento de Marc Bloch escrito em 1 de junho de 1915. Do original: “*Quand vous lirez cette lettre, j’aurai cessé de vivre. Je serai mort “à l’ennemi”. Je ne vous demande pas d’avoir du courage, je sais trop que vous en aurez. Que vos larmes ne soient pas trop amères! Je suis mort volontairement pour une cause que j’aimais; j’ai fait en partant le sacrifice de moi-même; c’est la plus belle des fins*”. Cf. Marc Bloch. *Écrits de Guerre (1914-1918)*. Paris: Armand Colin, 1997, p. 106.

No decorrer de duas guerras, não foi meu destino morrer pela França. Mas posso, pelo menos, com toda sinceridade, dar este testemunho: **morro como vivi, como um bom francês.**<sup>646</sup>

Registrava, assim, a ideia de que seu sangue não fora derramado em vão. Pela família, pela história, pela França, o combate pareceu-lhe exemplar. A grande lição que o historiador quis deixar aos seus foi a sua própria trajetória.

---

<sup>646</sup> Do original: “[...] *je me suis senti, durant ma vie entière, avant tout et très simplement Français. Attaché à ma patrie, par une tradition familiale déjà longue, incapable, en vérité, d’en concevoir une autre ou je puisse respirer à l’aise, je l’ai beaucoup aimée et servie de toutes mes forces. Je n’ai jamais éprouvé que ma qualité de Juif mît à ces sentiments le moindre obstacle. Au cours des deux guerres, il ne m’a pas été donné de mourir pour la France. Du moins, puis-je, en toute sincérité, me rendre ce témoignage: **je meurs, comme j’ai vécu, un bon Français***”. Marc Bloch. Op. cit., 1990, p. 212 (grifos meus).

## **CAPÍTULO 4 – AS GUERRAS PELA MEMÓRIA**

Diante da possibilidade da morte, Marc Bloch sempre buscou enfatizar a satisfação do dever cumprido, em relação aos seus e à sua nação. A ideia do “bom francês”, presente em seus testamentos de guerra apareceu também em correspondências privadas trocadas com o filho e nos diários da Grande Guerra, ainda que tenha sido um ideal que fora brevemente abandonado no “exame de consciência” de seu testemunho de 1940. De certa forma, o apego à pátria foi a tônica de sua trajetória pessoal. Força das circunstâncias pelas quais passou, certamente. Mas também de suas escolhas.

Com sua morte, coube a amigos e familiares levar à frente essa imagem que tanto lutou para preservar.

Neste capítulo final, a proposta é analisar a mensagem e os lugares dessa memória construída, tanto pelo próprio Bloch sobre si, quanto aquela difundida por outras pessoas. O esforço aqui está em analisar os caminhos do esforço memorialístico sobre o indivíduo que ultrapassa a esfera do privado, ao ser difundida entre historiadores e ganhando espaços públicos.

### **4.1 Construções de si**

#### **4.1.1 O patriota**

Dois capítulos da tese dedicam-se a revelar a imagem de patriota que Bloch lapidara para si. Desde o retorno voluntário às trincheiras da Grande Guerra até a escolha do pseudônimo “Narbonne” na atuação pela Resistência Francesa e o subsequente fuzilamento em razão das atividades clandestinas, não foram raras as oportunidades em que reforçou o engajamento à sua comunidade imaginada.

No entanto, tal comprometimento, isoladamente, não constitui, em si, atos extraordinários a ponto de elevá-lo a um bastião da memória heróica francesa do século XX, como veremos mais adiante. Defendeu a nação em 1914 junto a milhões de concidadãos, a grande maioria anônimos. Como tantos outros, indignado com os eventos de 1940, apostou na ação subversiva para apoiar a expulsão dos alemães do território.



Como tantos, somente se engajou na Resistência quando todas as portas se fecharam<sup>647</sup>. As hesitações deixam claro que o engajamento não era a sua primeira opção absoluta. Muitos franceses, inclusive, haviam se engajado anos antes, o que possibilitou o cenário em que sua adesão foi possível<sup>648</sup>.

O que tornaria a sua trajetória, então, atrativa aos esforços de memória que se desenvolveram ao longo das décadas seguintes? Por que, entre tantos outros exemplos, o seu nome ganharia destaque – ao lado de outros, igualmente selecionados a fazer parte do panteão cívico francês?

Talvez uma primeira pista esteja no roteiro desse engajamento. Havia uma linearidade bastante adequada à construção de um herói nacional. Afinal, experimentara duas guerras mundiais, atuando na frente da batalha. Ganhou em vida (e depois dela) medalhas de honra em reconhecimento pelos bravos atos. E, no meio das guerras, trabalhara no grande espólio nacional, o território retomado das mãos do maior inimigo – onde mudara o foco da batalha, embora saísse vitorioso mais uma vez ao alçar a historiografia francesa a um protagonismo internacional. Percurso, portanto, diretamente ligado aos grandes eventos da nação nessa primeira metade de século.

Sua trajetória era, ainda, reflexo de um engajamento desinteressado, o que aumentava a aura heróica do combatente. Apesar de posteriormente ser “o” Marc Bloch, seu nome não importou em momento algum ao longo da experiência como soldado. Foi o exemplo de um indivíduo que atuou em combate como milhares, sem o poder de decisão dos grandes generais, movido apenas pelo elã patriótico. E, por isso, funcionava como uma espécie de representante do cidadão comum, do verdadeiro francês.

Ainda que não reclamasse para si a alcunha de herói, não se pode ignorar que os escritos de Marc Bloch acabaram por reforçar essa imagem construída *a posteriori* em torno do seu nome. Dos mais precoces registros aos últimos, a consciência de que morrer pela pátria deveria ser algo mais celebrado do que lamentado é o discurso mais conveniente possível a uma memória contingente. Soma-se a isso o fato de se tratar de um intelectual. O domínio das palavras confere aos atos uma aura ainda mais grandiosa

---

<sup>647</sup> Uma abordagem importante dessa questão vem de Bruno Bettelheim, em prefácio escrito para a publicação do testemunho de um judeu deportado que se voluntariou para trabalhar como médico em Auschwitz. Nele, comenta que o holocausto pôde acontecer – e foi tão trágico – porque, entre outras questões, havia uma reação geral, mesmo entre os judeus, de tentar “continuar os negócios como de costume”. Os judeus, segundo essa visão, deixavam-se levar “pela inércia”, o que conferia a passividade diante da morte. Miklos Nyiszli. *Auschwitz: o testemunho de um médico*. São Paulo: Record, 1974.

<sup>648</sup> Ver, por exemplo, o livro de Agnès Humbert, que narra o percurso do primeiro grupo de resistência do país, organizado a partir do *Musée de l'homme*. Agnès Humbert. *Resistência. A história de uma mulher que desafiou Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

e, logo, mais conveniente. Logo, pode-se dizer que esse esforço pessoal de reclamar uma identidade foi assimilado facilmente por uma política de memória que teve que lidar com as dificuldades de lembrar um passado de guerra tão vergonhoso.

Mas se a construção de si como patriota foi recorrente até aqui, há outra faceta de sua imagem própria que ainda merece destaque para explicar os usos de seu nome após a sua morte. Trata-se, na verdade, da imagem que em nossos meios mais se difunde: a do historiador ideal.

#### 4.1.2 O orangotango oculto: o historiador-detetive

Marc Bloch era um grande amante de romances policiais, especialmente os de origem inglesa. Leu a obra completa (publicada até o seu desaparecimento) de Dorothy Sayers e Agatha Christie<sup>649</sup>. Da paixão, nutriu a vontade de escrever o seu próprio romance. Em dezembro de 1940, na lista de “livros a escrever”, encontrava-se “*Un meurtre de province*”, trama baseada em uma morte decorrida de um suposto acidente de carro e que se revelaria um assassinato, culminância de uma série de intrigas entre membros da alta sociedade de uma província francesa. Da investigação, uma rede de chantagens e um relacionamento amoroso levariam a outro assassinato, desta vez maquiado como acidente de caça. Pensava em publicar o romance sob o pseudônimo Pol Charles Comblod, anagrama de Marc Léopold Bloch<sup>650</sup>.

Para além desse primeiro movimento em direção à escrita literária, da leitura voraz desse gênero podem ter vindo importantes reflexões historiográficas. Seria o historiador um Hercule Poirot<sup>651</sup> do passado? Ora, não é raro ao longo de sua carreira a associação entre o historiador e o *detetive*. Ela está lá, inclusive, em *Apologie pour l’histoire*. O caminho, então, se apresenta: o romance policial como experiência intelectual a Marc Bloch<sup>652</sup>.

---

<sup>649</sup> Étienne Bloch comenta o fato em nota biográfica não datada. Archives Nationales, Ref. AB/XIX/5028, partie 3, pièce 276.

<sup>650</sup> Ulrich Raulff. *Marc Bloch: un histoire au XX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l’homme, 1995, p. 134.

<sup>651</sup> Personagem mais célebre dos romances de Agatha Christie, era o detetive que protagonizou muitas de suas principais obras, como *Assassinato no Expresso Oriente*, *Cai o pano*, *Morte no Nilo*, entre tantos.

<sup>652</sup> Carlo Ginzburg, em um artigo, estabelece a relação entre o ofício do historiador com o personagem de Arthur Conan Doyle, Sherlock Holmes. Ver Carlo Ginzburg. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In: \_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991, pp. 143-180

Adotemos, então, a analogia do Bloch-detetive romanesco. Mas deixemos de lado Peter Wymsey, Montague Egg<sup>653</sup>, Sherlock Holmes e o próprio Poirot. Talvez a associação melhor sucedida seja entre o historiador e o “pai” de todos os detetives, Auguste Dupin, personagem dos contos de Edgar Allan Poe<sup>654</sup>. E, uma vez enveredados pela busca das fundações do gênero literário tão amado por Bloch, busquemos então o conto que apresenta ao leitor o detetive: “*Assassinatos na Rua Morgue*”<sup>655</sup>. Não se pode comprovar que Bloch tenha lido o conto<sup>656</sup>, mas isso não nos importa muito. O que está em jogo é o confronto entre dois tipos: o detetive ideal, apresentado na narrativa; e o historiador ideal, presente nas reflexões historiográficas de Bloch.

No conto, o narrador-personagem compara jogos populares à época – dama, xadrez e o *whist* – em termos de investimento de energia para alcançar a vitória. Nesse sentido, o jogo de cartas venceria a disputa, uma vez que o melhor jogador necessitava de um poder de observação que fosse muito além das regras do jogo: a postura dos adversários, o blefe, os olhares trocados entre as duplas que disputavam contavam tanto quanto aquilo que se tinha em mãos. A questão, então, era de ultrapassar as peculiaridades do esporte a partir da valorização de um contexto mais amplo.

Recorre à comparação para destacar essa inteligência peculiar, que explicaria a genialidade de seu novo colega de quarto em Paris, Auguste Dupin. No conto, comenta dois episódios nos quais ele mostrava sua capacidade extraordinária de investigação. Um no qual Dupin “leu os seus pensamentos” após caminharem juntos por 15 minutos em silêncio; o outro foi quando o detetive resolveu um estranho crime ocorrido na rua Morgue.

O que aproximava os dois eventos era a capacidade de observação do detetive. Partindo das mesmas evidências que outros, chegava a conclusões que ninguém era capaz de atingir. No primeiro caso, apenas atentando a pequenos acontecimentos ocorridos ao longo da caminhada, junto ao gestual do amigo, conseguiu inferir que ele pensava em um ator baixo demais para ser protagonista de uma peça. No outro, a conclusão parece ainda

---

<sup>653</sup> Personagens dos contos policiais de Dorothy Sayers.

<sup>654</sup> Os contos policiais de Poe são considerados as bases dos romances policiais, influência direta a todos os outros detetives supracitados. A genialidade, os métodos, o companheiro de investigação que narra as suas histórias são estruturas encontradas, em maior ou menor escala, em todos os outros personagens.

<sup>655</sup> Edgar Allan Poe. *Assassinatos na rua Morgue*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

<sup>656</sup> Quem sugere a familiaridade de Bloch com as reflexões de Poe é Ulrich Raulff. Dado o apego do historiador a este tipo de literatura, aliado ao tino do mesmo à pesquisa, que poderia perfeitamente ser aplicado à busca por romances policiais de referência, e as listas de obras que possuía em sua biblioteca pessoal (que contava com livros do próprio Poe), não é difícil imaginar que a hipótese de Raulff se confirme. Ulrich Raulff. *Op. cit.*, 1995, p. 138.

mais inalcançável – e inverossímil: quem assassinou uma senhora parisiense e a sua filha foi um orangotango originário de Bornéu, armado com uma navalha.

A incomum capacidade de Dupin parece justamente a que Bloch acreditava estar no cerne de um bom trabalho de história e que deveria ser habitual na prática dos profissionais da disciplina. Porque o detetive atuava dentro de um sistema de comportamentos que lhe eram muito caros.

Mais importante que os fatos estava a *observação* – aquela que diferenciava os jogadores de *whist*. Dupin teve acesso ao mesmo cenário do crime que os investigadores da polícia. Mas nenhum conseguiu discernir que mãos humanas não seriam capazes de arrancar o coro cabeludo da mãe assassinada, nem de estrangular com tanta facilidade a filha. Mesmo o mistério das janelas fechadas por dentro foram explicadas graças ao poder de observação de Dupin.

A Bloch, o desafio do historiador era similar. Encarar as fontes sobre uma nova perspectiva em relação à historiografia tradicional, partindo de um problema, seria o meio para se aproximar dos eventos do passado com mais eficácia. Enquanto a escola metódica insistia na estranheza do cenário – a história nacional –, ele julgava deixar o orangotango – a verdade histórica, científica – se revelar a partir das mesmas fontes. Saber observar e saber apresentar um problema eram, para ele, os passos fundamentais para o início da pesquisa histórica.

Nesse sentido, a crítica de Dupin ao departamento de polícia, que tenta “negar o que é e explicar o que não é”<sup>657</sup>, está em plena consonância com a de Bloch em relação à “má história”. O que os afasta de seus opostos é a forma de trabalhar. É tudo uma questão de apostar no *método*. E se o olhar sobre a cena/fonte é um diferencial, o procedimento pelo qual este se constrói também ganha relevância. Quando Dupin se aproxima da cena do crime, já observa as janelas fechadas, quando os policiais se apressam a encontrar as testemunhas que abriram a porta e se depararam com a nefasta cena. A janela é o ponto de partida e de chegada de sua investigação. Na resolução do enigma de como o assassino saiu da cena do crime, começava a desvendar como ele ocorreu. Ora, o método regressivo praticado por Bloch é assim. Quando defendia o uso da fotografia aérea para a investigação histórica<sup>658</sup>, por exemplo, queria cotejar uma situação presente com outras anteriores – no caso, planos parcelares, mapas e relatos de

---

<sup>657</sup> Edgar Allan Poe. *Op. cit.*, 2002, p. 69.

<sup>658</sup> Ver Marc Bloch. “*Les plans parcellaires: l’avion au service de l’histoire agraire*”. In: Annette Becker, Étienne Bloch. *Marc Bloch: L’Histoire, la Guerre, la Résistance*. Paris: Gallimard, 2006, pp. 395-406.

viagem. O presente, então, era a janela através da qual o historiador deveria iniciar os seus trabalhos.

Ainda sobre o método: Dupin teve acesso indireto ao depoimento das testemunhas, através dos jornais que acompanhavam o caso. Em cada narrativa dos acontecimentos, pequenos fatos se confirmavam. O principal era a quantidade de elementos na cena do crime. Distinguiam-se duas vozes. Uma, a de um francês, que certamente exclamou “*Mon Dieu!*” em algum momento enquanto ocorria o crime. A outra dava início a uma série de inconsistências. Apesar de todos declararem que a segunda voz viria de um estrangeiro, não houve acordo quanto à nacionalidade. Inglês, espanhol, italiano, russo, cada um atribuía a uma nação distinta a origem da pronúncia desconhecida. Discordavam também em relação a quantos minutos demoraram para abrir a porta, quem entrou primeiro na cena, etc. Essa discrepância, associada às marcas deixadas no pescoço da filha, a cor de pelos encontrados na cena do crime e os indícios da força bruta do assassino impressas nas partes da mãe (que teve a cabeça arrancada por um único golpe de objeto cortante e cujo rosto estava cheio de talhas) levaram o detetive à conclusão de que não era possível que o promotor da carnificina fosse humano. Daí a dedução: o estranho sotaque emitido, que ninguém pôde compreender era, na verdade, o grunhido do animal.

Temos aqui uma chave de investigação que já vimos ser bastante cara a Marc Bloch. Dupin parte de um engano dos observadores para atingir o desfecho improvável de um símio africano em fuga ser o artífice do cenário da rua Morgue. Promoveu, assim, a conexão entre elementos que a um primeiro olhar pareciam muito distintos.

Já repetimos que foi a partir da experiência dos soldados feridos nas trincheiras que ele iniciou a reflexão do historiador sobre o tratamento dos ferimentos dos súditos pelos reis medievais. E a crença no poder de cura dos soberanos era, como concluiu, um *erro histórico* que não pode ser ignorado, exatamente por ser fundamental para a construção de uma hierarquia social ao longo da Idade Média europeia. Assim também as falsas notícias de guerra configuravam aos soldados nas trincheiras uma realidade na qual eles podiam se ancorar e, através dela, agiam. O erro, portanto, exerce um papel fundamental na realidade histórica e não pode ser ignorado:

O erro não é para ele [o historiador] somente o corpo estrangeiro que se esforça para eliminar toda a precisão de seus instrumentos; e ele o considera também como um objeto de estudo sobre o qual ele se inclina quando se esforça para compreender o encadeamento das ações humanas. Narrativas falsas movimentaram multidões. As falsas notícias em toda multiplicidade de suas

formas – simples fofocas, imposturas, lendas – preencheram a vida da humanidade. Como elas nascem? De que elementos tiram sua substância? Como se propagam, ganham amplitude à medida em que passam de boca e boca ou de escrito a escrito? Outras questões não poderiam fascinar mais quem gosta de refletir sobre a história.<sup>659</sup>

Ao longo de toda a sua carreira, essa mesma percepção daria lugar ao estudo do erro e da psicologia do testemunho. Em *Apologie pour l'histoire*, o capítulo sobre a crítica retoma o assunto, comprovando quão cara era a questão para ele. Entretanto, ainda sobre o episódio dos sotaques, vale outra menção: encontrar o erro involuntário dos depoimentos decorreu de um simples trabalho de *comparação*, o mesmo caminho sugerido por Bloch em seu método crítico para analisar fontes históricas.

O poder investigativo do detetive do conto é fruto de seu amplo conhecimento sobre diversos elementos da vida. Teatro, astrologia, ciência, geografia, anatomia, química e o que mais pudesse auxiliar a busca pela verdade era não apenas bem-vindo, como fazia parte da gama de conhecimentos dominados pelo personagem. Tal aspecto não necessita de muito esforço para explicação: Bloch, “historiador-detetive”, também propunha a aproximação da história com outras áreas do conhecimento como passo fundamental ao andamento de sua disciplina. A *interdisciplinaridade* era, para ele, indispensável.

Em certo momento, Dupin promove um “salto de fé” em sua investigação. A fim de atrair um suspeito, lança no jornal um classificado em busca de um marinheiro que supostamente seria dono de um animal encontrado por ele. O blefe – pois o animal não estava em sua posse e ele não havia concluído que ele era, de fato, propriedade de um marinheiro – foi certo para atrair o indivíduo e, enfim, coletar o testemunho que resolveria de uma vez por todas o mistério. Movimentos como esse, em história, são os levantamentos de hipóteses que realizamos no início e durante a pesquisa. Conforme o seu andamento, concluiremos por suas confirmações ou seremos obrigados a descartá-las. E, da mesma forma que Dupin fora claro ao amigo de que as evidências ainda eram inconclusivas àquela altura, Marc Bloch defende que o historiador deve apresentar os

---

<sup>659</sup> Do original: “L’erreur n’est pas pour lui seulement le corps étranger qu’il s’efforce d’éliminer de toute la précision de ses instruments; il la considère aussi comme un objet d’étude sur lequel il se penche lorsqu’il s’efforce de comprendre l’enchaînement des actions humaines. Des faux récits ont soulevé les foules. Les fausses nouvelles, dans tout cela multiplicité de leurs formes, - simples racontars, impostures, légendes, - ont rempli l’avie de l’humanité. Comment naissent-elles? de quels éléments tirent-elles leur substance? comment se propagent-elles, gagnant en ampleur à mesure qu’elles passent de bouche en bouche ou d’écrit en écrit? Nulle question plus que celles-là ne mérite de passionner quiconque aime à réfléchir sur l’histoire.”. Marc Bloch. *Reflexions d’un historien sur les fausses nouvelles de guerre*. Paris: Éditions Allia, 2007, p. 14.

limites de sua pesquisa. Segundo o seu método crítico, justificar os caminhos da investigação a partir da apresentação das fontes, bem como as suas lacunas. Toda afirmação histórica pode e deve ser verificada.

No conto, quando a polícia prende erroneamente um suspeito, é porque a sua investigação enveredou no sentido de comprovar hipóteses sem considerar que as mesmas eram inválidas. Na história combatida por Bloch, a partir das fontes buscavam-se justificativas que dessem coró a uma história nacional. A condenação do historiador é contundente: “na crítica do testemunho, todos os dados estão viciados. Pois elementos muito delicados intervêm constantemente para fazer a balança pender para uma eventualidade privilegiada”<sup>660</sup>.

Ao final do conto policial, fica claro que o grande orgulho de Dupin foi conseguir superar os esforços policiais, que julgava antiquados. Sobre o investigador oficial do caso, comentava: “consegui derrotá-lo em seu próprio castelo”. Aqui a analogia se completa. Marc Bloch também não promoveria uma batalha aberta dentro dos espaços galgados pelo próprio “inimigo”, responsável pelo primeiro grande impulso de estabelecimento das bases científicas da disciplina na França? Atrás da *Sorbonne*, do *Collège de France*, de fazer crescer a influência de uma publicação acadêmica, apostava nas mesmas estratégias que, na geração anterior, tinham garantido o êxito de uma determinada visão sobre a história. Como vimos no capítulo 2, não foi tão bem-sucedido em um momento inicial como Dupin, que em uma única visita ao local do crime, fecharia o caso. Ainda assim, garantiria ao menos após a morte essa fama de ser o protagonista da superação de uma historiografia “manchada” por um viés político que a deturpava.

Ainda que nunca tenha reclamado para si a encarnação desse historiador ideal que transparece ao longo de suas obras, é claro que buscava assemelhar-se à criatura que construiu intelectualmente. Não escreveria um tratado de método como *Apologie* se não tivesse clareza de ao menos tentar pôr em prática o esforço que demanda para toda a classe profissional. Seu apego aos elementos epistemológicos aqui pincelados – crítica, comparação, interdisciplinaridade, observação – são mostra de que buscava, sim, revelar o orangotango (a verdade histórica *possível*) que não está mais ali, mas cujo grito ainda parece ser ouvido através dos vestígios.

---

<sup>660</sup> Marc Bloch. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 118.

#### 4.1.3 O historiador e o juiz de instrução

Existiu outro tipo bastante recorrente nas reflexões historiográficas de Marc Bloch. Servia, assim como o do detetive, para estabelecer o *modus operandi* do profissional de história. Trata-se da figura do *juiz de instrução*, talvez ainda mais emblemática por lidar com os limites que procurava estabelecer à disciplina de maneira mais incisiva.

Aqui cabe uma breve explicação. No sistema judiciário francês, existe a figura do juiz e a do juiz de instrução, cada um com atribuições específicas<sup>661</sup>. Ao passo que o primeiro acumula diversas funções, dentre as quais a de proclamar sentenças, a figura que Bloch utiliza em suas metáforas tem o dever de recolher as provas do processo, mas nunca pode julgar<sup>662</sup>.

A imagem aparece nos primeiros escritos do historiador sobre a sua especialidade que se tem registro. Duas semanas antes da declaração de guerra, em 1914, Bloch fez um discurso aos alunos do liceu de Amiens no qual podemos observar o germe de várias reflexões que consagrariam a sua identidade de historiador. Entre elas, figurava a comparação entre os ofícios: “Nós somos juízes de instrução, encarregados por uma vasta investigação sobre o passado. Assim como nossos colegas do Palácio da Justiça, recolhemos testemunhos, através dos quais buscaremos reconstruir a realidade”<sup>663</sup>. Segue lembrando aos jovens estudantes que nesse processo de emersão do passado urge fixar as bases da crítica histórica, uma vez que ela ajuda a lidar com os testemunhos, nem sempre sinceros, nem sempre fiéis.

A associação era importante para ele por tratar das dimensões éticas da disciplina. Em *Apologie*, por exemplo, dedica um tópico a comparar as figuras do cientista e do juiz<sup>664</sup>. Se os dois são conduzidos pela imparcialidade em seu processo de investigação, em determinado ponto os caminhos se separam:

---

<sup>661</sup> A mesma diferenciação ocorre no Brasil. Aqui, o juiz de instrução pode pedir a prisão preventiva de um suspeito.

<sup>662</sup> Sobre a diferenciação, ver Antoine Garapon, Julie Allard, Frédéric Gros. *Les vertus du juge*. Paris: Dalloz, 2008.

<sup>663</sup> Do original: “*Nous sommes des juges d’instruction, charges d’une vaste enquête sur le passé. Comme nos confrères du Palais de justice, nous recueillons des témoignages, à l’aide desquels nous cherchons à reconstruire la réalité*”. Discurso de Marc Bloch em razão da entrega dos prêmios aos alunos do liceu de Amiens. In: Annette Becker, Étienne Bloch. *Op. cit.*, 2006, p. 100.

<sup>664</sup> Trata-se de “julgar ou compreender?”, primeiro tópico do capítulo V, “A análise histórica”. Marc Bloch. *Op. cit.*, 2002, p. 125-128.



Quando o cientista observou e explicou, sua tarefa está terminada. Ao juiz resta ainda declarar sua sentença. Calando qualquer inclinação pessoal, pronuncia essa sentença segundo a lei? Ele se achará imparcial. Sê-lo-à, com efeito, no sentido dos juízes. Não no sentido dos cientistas. **Pois não se poderia condenar ou absolver sem tomar partido por uma tábua de valores**, que não depende de nenhuma ciência positiva.<sup>665</sup> (grifos meus)

Quando utilizou a imagem do juiz de instrução, estava seguindo o mesmo caminho, mas sem abandonar a alegoria do tribunal. Através da comparação com esse profissional, deu conta do mesmo processo investigativo do detetive – recolher evidências, cotejar testemunhos, observar os fatos – e potencializou a máxima do historiador que defendia e que o consagrou no cenário acadêmico: “*compreender*” é a palavra de ordem, não “julgar”. Buscava, assim, afastar-se da pretensão moral da história que combatia. Dessa forma, o cotejo entre as profissões ultrapassa a questão puramente retórica. No limite, ele encarna um *habitus* científico<sup>666</sup>.

A aproximação entre historiador e juiz de instrução se dá em termos práticos. É algo concreto, que envolve método – e ética. Apesar das funções sociais distintas, ambas envolvem a soberania do exercício da crítica dos testemunhos para atingir o sucesso do exercício profissional. Ambos devem saber que em todo testemunho há um quê de indomesticável, que o torna por essência incapaz de atingir a verdade. No entanto, é precisamente ele – se bem trabalhado – o caminho basilar da mesma verdade.

É por isso que Bloch defendia com tanta ênfase esforços em direção à psicologia do testemunho, à comparação e à semântica histórica. São os caminhos primeiros para um bom exercício de crítica. A partir deles, evita-se não apenas o grande pecado que pode ser cometido por um historiador, o anacronismo, mas também a atribuição de valores pessoais – que são indelévels ao sujeito – em suas análises, garantindo o estatuto científico tão almejado para a disciplina.

Essa valorização da crítica em nome da cientificidade que explica a proposta de Bloch em congressos internacionais e nos *Annales* em nome dos questionários universais. O esforço coletivo levaria ao corpo profissional a plenitude de sua atuação “laboratorial” em relação ao passado (e lembremos que a história como laboratório era outra imagem cara a Bloch), promovendo a passagem definitiva do texto historiográfico do veredito à enquete.

---

<sup>665</sup> Marc Bloch. *Op. cit.*, 2002, p. 125 (grifos meus). Tradução confrontada com Marc Bloch In: Annette Backer, Étienne, Bloch. *Op. cit.*, 2006, p. 947.

<sup>666</sup> Ulrich Raullf. *Op. cit.*, 2000, p. 129.

Curioso notar que, ao passo que ele tentava afastar-se do juízo de valor, o grande representante da história que combatia à época, Ernest Lavisse, realizava o movimento inverso. Foi um grande defensor da criação de um tribunal que julgasse criminosos de guerra quando o conflito terminou, em 1918<sup>667</sup>. Esse é um dos motivos pelos quais podemos dizer que o discurso de Bloch de que a história não poderia servir como um tribunal é, contrariamente ao que se imagina, um gesto político. Nas relações de poder endógenas à historiografia, defender esse descolamento era também postar-se contra uma maneira de ver e praticar a história dominante em sua época. Pode não ter havido uma disputa intelectual encarnada em troca de acusações e críticas em artigos, como era prática comum à intelectualidade francesa, mas a divergência de ideias é muito evidente. Uma pequena amostra do grande confronto que movimentaria a disciplina até o estabelecimento definitivo dos historiadores *annalistes* nos grandes espaços institucionais dedicados à história.

Se Marc Bloch apostou na comparação com o detetive pelo seu apreço à literatura policial, a alegoria do tribunal também pode ter suas raízes em seu contexto. Afinal, vivia-se na Terceira República Francesa uma cultura judiciária, muito motivada pelos intensos debates relativos ao Caso Dreyfus, cujo processo foi acompanhado de perto pelos cidadãos ao longo de muitos anos, e também graças ao Tratado de Versalhes, que estabeleceu, junto a outros tratados de paz após a Grande Guerra, o instável cenário político internacional que culminaria na Segunda Guerra Mundial.

Em ambos os casos, imprime-se a questão dos perigos do julgamento. O capitão Dreyfus encarou um processo judiciário por alta traição e a sentença de prisão perpétua, baseados em provas supostamente encontradas por uma faxineira em uma lixeira da embaixada alemã na França. Mesmo com a comprovação de que os documentos eram falsos (provavelmente produzidos por desafetos do capitão graças ao fato de ele ser judeu), só recebeu anistia em 1899, cinco anos após a condenação. Mesmo assim, ainda seria considerado culpado. Apenas em 1906 foi oficialmente inocentado. O que o salvou da vida na prisão, aliás, foi a crítica ao testemunho<sup>668</sup>.

Em relação ao Tratado de Versalhes, também ocorre uma condenação equivocada. À Alemanha recairia toda a responsabilidade pelo conflito mundial e o país deveria pagar pesada indenização aos vitoriosos. Graças à sentença, enfrentaria anos de

---

<sup>667</sup> *Ibidem*, p. 166.

<sup>668</sup> Louis Begley. *O Caso Dreyfus: Ilha do Diabo, Guanténamo e o pesadelo da história*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

muita instabilidade política e econômica, cenário bastante propício à adoção de extremismos.

Os dois casos repercutiram intensamente na imprensa francesa e certamente povoaram o imaginário nacional ao longo dessas décadas. Não seria inconsistente imaginar que para Bloch, judeu de família proveniente da Alsácia<sup>669</sup>, tal qual Dreyfus, e intelectualmente bastante próximo da Alemanha (lembramos que fez um intercâmbio de um ano no país, entre Leipzig e Berlim, em 1908-1909), o peso dos julgamentos tenha sido sentido de forma bastante peculiar. Dos grandes eventos judiciais de seu tempo, ficava a impressão de que a imparcialidade dos juízes esbarrava diretamente em suas convicções particulares. Por isso, talvez, a aposta em uma figura que, dentro do tribunal, conclua o seu trabalho puramente dentro de critérios técnicos e desapaixonados.

Ao longo da década de 1930, Bloch seguiu utilizando a imagem. Em 1935, Lucien Febvre criticou nas correspondências pessoais a eficácia da comparação feita pelo amigo:

Volto ao “juiz de instrução”. Pouco importa a imagem? Pelo contrário! A imagem importa mais que tudo. Ela é “intempestiva”, como diria meu velho amigo, o Duce. [...] Ela é perigosa, pois nos faz cair no seignobosismo integral, do historiador pelo Caso Dreyfus, da história reduzida às dimensões dos conflitos pessoais. Eu lhe asseguro que ela me dá frios na espinha. – Você me responde que é necessário defender o espírito crítico. Mas é claro! É só o que faço, ou ao menos tento fazer... Mas o espírito crítico não é o juiz de instrução. Fugamos dessas velhas metáforas tão carregadas de deformações. E tão carregadas de interpretações tendenciosas. Quando Seignobos disse: eu sou o juiz de instrução, isso quis dizer somente uma coisa: vou demonstrar que as soluções do radicalismo pequeno-burguês são verdadeiras, simplesmente reais, em todos os domínios, e em tudo e por tudo. E também de todos. Nem você nem eu precisamos remar essa galé. Espírito crítico? Caramba, sim. Crítica? À vontade. Instrução? Ah, não.<sup>670</sup>

---

<sup>669</sup> O pai de Marc Bloch, Gustave, foi um dos primeiros signatários da petição de intelectuais a favor de Dreyfus e Émile Zola (intelectual que foi o grande defensor do capitão judeu) em 1898.

<sup>670</sup> Carta de Febvre a Bloch, 8 dez. 1935. Do original: “*Et je reviens au “juge d’instruction”. Peu importe l’image. Mais si! l’image importe avant tout. Elle est “intempestive” comme dit mon vieil ami le Duce; [...] Elle est dangereuse parce qu’elle nous fait retomber dans le Seignobosisme integral, l’historien pour l’Affaire Dreyfus, l’histoire rapetissée aux dimensions d’un conflit entre personnes. Elle me fait frois dans les dos, je vous assure. – Vous me répondez qu’il faut défendre l’esprit critique. Mais bien sûr! mais je ne fais que ça, ou j’essaie de ne faire que ça... Seulement, l’esprit critique, ce n’est pas le juge d’instruction. Fuyons de ces vieilles métaphores si lourdes de déformation. Et si lourdes d’interprétations tendancieuses. Quand Seignobos dit: je suis le juge d’instruction – cela veut dire une seule chose: je vais vous démontrer que les solutions du radicalisme petit-bourgeois sont vraies, seules vraies, et dans tous les domaines, et en tout et pour tout. Et aussi de tous. Vous n’avez pas à ramer sur cette galère, ni moi. L’esprit critique, fichtre oui. La critique, tant qu’on voudra. L’instruction, ah non*”. Marc Bloch, Lucien Febvre. *Correspondances II: de Strasbourg à Paris*. Paris: Fayard, 2003, p. 348.

Marc Bloch defenderia o uso da comparação entre o trabalho do juiz de instrução e do historiador na carta seguinte. Argumentava que nela encontrava-se o trunfo da história, já que evidencia a importância tanto da crítica quanto da síntese contra a “pseudo-erudição” de alguns colegas de ofício, que citam inúmeros documentos, mas não passam de meros reprodutores de seus conteúdos. Dizia que a comparação estimulava o confronto com uma visão que se difundia largamente, de que um documento autêntico era sinônimo de documento verídico (aqui cita diretamente outro medievalista, Michel de Broüard)<sup>671</sup>.

Dias depois, em outra missiva, retornava ao assunto, defendendo-se da acusação de “seignobosismo” e, uma vez mais, reforçando a importância da crítica documental colocada em prática por bons profissionais dos dois ofícios:

Irei defender o meu “juiz de instrução”? Bem, sim! Não que a comparação seja assim tão lisonjeira. [...] [Mas, no caso,] Trata-se do juiz *sub specie aeternitatis*, a **ideia do juiz**. E, em primeiro lugar, porque me acusar de seignobosismo? Após a sua carta, tive a coragem não de reler a obra completa de **meu venerado mestre**, mas de dar uma olhada no Langlois e Seignobos<sup>672</sup> – do qual a parte crítica é, como sabemos, muito mais de Langlois do que de Seignobos. Não creio que a palavra que você ressaltou tenha jamais sido ali pronunciada; e – o que é mais característico – jamais a questão fora colocada sob o prisma do testemunho ou da crítica do testemunho. [...] Mas confrontação de testemunhos, interrogatórios etc. etc. não querem dizer forçosamente debate sobre as pessoas ou eventos. Existe um dossiê de testemunhos relativos à propagação da Reforma, creio eu. Bem ou mal, você pratica a “instrução”.<sup>673</sup> (grifos meus)

Se Bloch não quis abrir mão da associação, era porque ela importava muito a ele. Não se tratava apenas de uma figura de linguagem que conferisse estilo a suas reflexões epistemológicas. Esteve presente ao longo de toda a sua carreira porque foi por meio dela que apostou a cientificidade da história que praticava.

---

<sup>671</sup> Carta de Bloch a Febvre, 9 dez. 1935. *Ibidem*, p. 350.

<sup>672</sup> Aqui comenta do *Introduction aux Études Historiques* escrito pela dupla mencionada.

<sup>673</sup> Carta de Febvre a Bloch, 8 dez. 1935. Do original: “Vais-je défendre mon “juge d’instruction”? Eh bien oui! Non que la comparaison, en somme, soit bien flatteuse. [...] Il s’agit du juge *sub specie aeternitatis*, de l’idée du juge. Et d’abord, pourquoi m’accuser de seignobosisme? J’ai eu, après votre lettre, le courage, non de relire les oeuvres complètes de mon vénéré maître, mais de jeter un coup d’œil sur le Langlois et Seignobos, - où la partie critique est d’ailleurs, comme chacun sait, de Langlois plutôt que de Seignobos. Je ne crois pas que le mot, qui vous fait sursauter, soit jamais prononcé; et – ce qui est plus caractéristique – jamais la question n’est portée sur le plan du témoignage ou de la critique du témoignage [...] Mais confrontation de témoins, interrogatoire etc. etc. ne veulent pas dire forcément débat sur les personnes ou les menus événements. Il y a un dossier de témoignages sur la propagation de la Réforme, j’imagine. Bom gré, mal gré, vous en faites “l’instruction” (grifos meus). *Ibidem*, p. 351-352.

#### 4.1.4 *Veritas vinum vitae*: o trabalhador

Ainda ligada à autoimagem de Marc Bloch em função de seu ofício, existe uma terceira construção. Assim como as outras, deixou marcas diretas em sua carreira. Mas esta, de maneira particular, apareceu com força em momentos nos quais experimentou situações-limite, dando conta de uma identidade idealizada que, de certa forma, ultrapassava os limites da vida profissional e abarcava todos os aspectos morais de sua existência.

Nos diários escritos na trincheira ressaltava a admiração à coragem envolta na simplicidade daquele grupo social. Em seu testemunho sobre a derrota de 1940, o tema retorna. Trata-se da imagem do *camponês* que, como vimos no capítulo 1, era para ele a representação do “verdadeiro francês”.

Entre 1934 e 1935<sup>674</sup> atribuiu materialidade à esta construção de si. Teve uma ideia para um *ex-libris*, que foi esboçado pelo filho Étienne junto ao seu professor de desenho e, enfim, finalizado por sua esposa Simone Vidal. Ou seja, o próprio processo de feitura da inscrição de propriedade já foi um primeiro passo simbólico da identidade de Bloch, ao demonstrar o peso da família em sua trajetória.



Figura 3: *Ex-libris* de Marc Bloch (retirado de Ulrich Raulff. *Op. cit.*, 2000, p. 272)

---

<sup>674</sup> Étienne Bloch, em comunicação oral proferida em 1993, comenta não recordar com exatidão o ano. Ver Ulrich Raulff. *Op. cit.*, 2006, p. 273.

A imagem pensada e desenhada é, de fato, plena de significados. Se já vimos que, para Bloch, na ligação estreita entre camponês e a terra estariam as raízes profundas do “ser francês”, a escolha de um viticultor<sup>675</sup> como a profissão que seria representada para marcar em definitivo a sua biblioteca avança ainda alguns passos nessa identificação. O historiador alemão Ulrich Raulff aponta para algumas pistas biográficas de Bloch que podem explicar essa associação. Comenta que, na França, Saint Marc – homônimo de Bloch – é considerado o protetor dos viticultores e mercadores de vinho. Além disso, o historiador nasceu em Lyon, onde os produtores de vinho eram, à época, grupo social bastante respeitado<sup>676</sup>. Não esqueçamos, também, que o produto é até hoje um dos maiores orgulhos nacionais franceses<sup>677</sup>. A adoção da imagem, portanto, não apenas reafirma o compromisso com a terra, mas destaca que essa terra é a França, dando suporte ao nacionalismo que sempre comentou ser motivador de suas ações.

Atrás do trabalhador, emerge uma folha de samambaia, em francês *fougère*. Justamente o nome da comuna onde a família Bloch tinha propriedade desde a década de 1920 e costumava se instalar no período de férias. Lembremos também que “M. Fougères” foi um dos pseudônimos escolhidos por ele para publicar na *Mélanges d’histoire sociale*, “nome fantasia” dos *Annales* de 1942 a 1944, com a pressão do Estatuto dos Judeus. O apego à *campagne* francesa não poderia ser mais reafirmado.

Note-se ainda que o indivíduo representado é um jovem trabalhador. Seriam ecos da aposta na juventude francesa para tomar as rédeas da nação que anunciaria em *L’étrange défaite*, já que homens de sua geração, impactados pelo horror das trincheiras, haviam deixado a nação na mão dos “velhacos” que a levaram à bancarrota? De qualquer forma, a figura já possui em si outro significado: o trabalho de esmagamento da uva é feito com os pés, os mesmos que tocam a terra tão amada por ele. Se o vinho, na garrafa, ganha contornos quase espirituais, o processo que o leva à plenitude é fruto de trabalho pesado. É a arte em contato direto com o físico; o sublime e o corporal em consonância.

Mais do que isso: o trabalho de produzir a bebida, especialmente nesses estágios iniciais, demanda também um esforço coletivo. Nesse sentido, podemos ver na figura a posição de Marc Bloch na historiografia e dentro do empreendimento dos *Annales*,

---

<sup>675</sup> Viticultor (*fouleur de raisin*, em francês) é o responsável pela plantação, colheita e cultivo da uva. Diferente do vinicultor, que trabalha com a uva já colhida e assume o processo de confecção e venda do vinho.

<sup>676</sup> *Ibidem*, p. 274.

<sup>677</sup> Ver Don e Petite Kladstrup. *Vinho e guerra: Os Franceses, os Nazistas e a Batalha Pelo Maior Tesouro da França*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

proposta de trabalho colaborativo para a disciplina. Ali, ele faz a sua parte, mas consciente da dependência de um grupo para que “vingue a colheita” da história.

Podemos também ler o signo como sugeriu Ulrich Raulff: para ele, na alegoria o viticultor é o historiador, que se apresenta como um trabalhador que revela a verdade ao fazer a prensa do vinho – suas fontes<sup>678</sup>. No lema escrito em latim, “a verdade é o vinho da vida”, essa intenção parece bem clara. Se Marc Bloch adotou essas como as palavras de ordem que iriam resumir a sua trajetória, é porque apostava na história – nessa história colaborativa – como campo de conhecimento privilegiado. Mesmo assim, optou por representar o trabalho não através de livros e penas, mas por uma figura que realiza um trabalho braçal, talvez marcando que, para além da erudição, a conexão com as suas raízes se impunha. Diga-se de passagem, um método de trabalho bastante tradicional. À época, já existiam outras técnicas de esmagar as uvas mais eficazes. Por isso, adotar o processo da pisa como imagem reforça essa ideia de que na cultura do campo se revela o que há de mais antigo e profundo no “ser francês”.

Dentro da efígie do trabalhador, também se destaca que Bloch fazia outra associação: a do historiador como um artesão. É daí que vem a noção de “ofício” (*métier*) que intitula *Apologie pour l'histoire ou métier d'historien*. Das corporações de ofício medievais, inspiraria a noção de uma comunidade de pessoas qualificadas a determinada função que, juntas, protegem seus interesses comuns. Ora, não é uma bela imagem do que propunha junto a Febvre nos *Annales*? O historiador, portanto, possui o seu atelier, onde dispõe da ferramenta da *linguagem* para exercer o seu trabalho, especializado porque ele é capaz, em função do *método crítico*, de exercer a sua função de maneira peculiar.

Vale lembrar, por fim, que o trabalho foi tema importante de suas reflexões historiográficas. Bloch foi um grande pesquisador das técnicas – especialmente, as agrícolas. Não são poucos os artigos dedicados ao tema nos *Annales*. Sua análise, nesse sentido, é considerada inovadora por encarar o trabalhador para além da mera força produtiva, ao dar importância ao corpo no trabalho – e nesse sentido, analisava os gestos, processos e materiais empregados nele. A história econômica que preconizava, então, partia de suas ações mais elementares e, talvez por isso, mais reveladoras de determinada cultura histórica. Mesmo assim, essa análise não estava descolada do macro: adotou o conceito de “regimes agrários” em boa parte de suas reflexões sobre o campesinato medieval.

---

<sup>678</sup> *Ibidem*, p. 274.

*Veritas vinum vitae*. No *ex-libris* temos, então, um resumo simbólico de sua vida. Sem esquecer da família<sup>679</sup> e da ligação com a nação, estabeleceu a máxima que almejava para a história, que devia atuar sempre a serviço da verdade. Curiosamente, o mês da colheita da uva (outubro) era também o do início dos estudos. Os mutirões pelo vinho, então, eram acompanhados por aqueles em nome da história. Na vida cotidiana dos franceses, a analogia imaginada por Bloch se concretizava.

#### 4.1.5 Escritos como autorretratos

Todas essas identidades confluem em seus escritos, especialmente aqueles pensados dentro de uma perspectiva de ser um legado para a posteridade, que servissem como uma síntese de sua trajetória pessoal e profissional. Especialmente em momentos nos quais a vida potencialmente podia estar próxima ao fim, Marc Bloch procurou registrar como gostaria de ser lembrado pelos seus. Ele mesmo comentou que, em tempos difíceis, “todo escrito toma necessariamente a forma de um testamento”<sup>680</sup>.

Desses escritos, temos então os próprios testamentos para analisar. Já mencionamos, ao final do capítulo anterior, trechos do que escrevera como últimas vontades em 1915 e em 1943. Juntemos a eles, então, outra despedida, escrita também em 1915 diretamente ao irmão Louis<sup>681</sup>. Assim como nos outros, reforçava que não se arrependia de suas escolhas e gostaria que os familiares soubessem que estava pronto para o sacrifício<sup>682</sup>. O tema do apego à nação francesa mais uma vez é central e, portanto, marca a unidade entre os três textos.

Há, no entanto, diferenças entre as mensagens que tentou deixar em cada conflito. Se na Grande Guerra procurava tranquilizar a família e consolidar o elo patriótico, na década de 1940 outro tema ganha em relevância: o reforço de suas raízes judaicas. No último testamento, ainda que deixasse marcada a exigência de um funeral

---

<sup>679</sup> Apesar do S. de Simone, de certa forma, encarnar essa relação paternalista estabelecida na família Bloch. À parte do senso estético, Simone também não mereceria o nome por extenso? Ao longo de toda a trajetória profissional de Bloch, ela atuou como uma “sombra”, lendo seus textos, revisando, organizando... É certo que estamos tratando de um momento no qual o papel social da mulher estava em desequilíbrio com o outro gênero. Porém, cabe o registro de sua marcação como “coadjuvante”, mesmo no *ex-libris*.

<sup>680</sup> “*Des circonstances où tout écrit prend nécessairement un peu l’allure d’un testament*”. Marc Bloch. *Apologie pour l’histoire ou métier d’historien*. Étienne Bloch (org.). Paris: Armand Colin, 1993, p. 60.

<sup>681</sup> O irmão era médico e muito se atribui a ele o conhecimento de Bloch das ciências biológicas que apresentou em *Les Rois Taumaturges*. Ver prefácio de Carlo Ginzburg em Marc Bloch. *Os Reis Taumaturgos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

<sup>682</sup> Ulrich Raulff. *Op. cit.*, 2000, p. 320.



civil, indicava a tradição hebraica, que embalou o descanso eterno de seus familiares, incluindo o de seu pai<sup>683</sup>:

Afirmo então, face à morte, que nasci judeu; que nunca me ocorreu negá-lo a fim de me defender e que nunca me senti tentado a fazê-lo. Em um mundo assolado pela barbárie mais atroz, a generosa tradição dos profetas hebreus, que o cristianismo, em sua vertente mais pura, repetiu e ampliou, não segue sendo uma de nossas melhores razões para viver, crer e lutar?<sup>684</sup>

Associava, assim, o judaísmo para si muito mais enquanto uma profissão de fé em nome da verdade do que uma ligação religiosa. Percebemos a mesma mensagem em *L'étrange défaite*, onde comentava que só fazia questão de afirmar o elo com essa tradição se estivesse diante de um antissemita. Desenvolveu tal discurso no testamento ao enunciar a expressão *Dilexit veritatem* como guia moral: em nome da verdade, valeria a vida.

O testamento da Segunda Guerra Mundial também difere dos outros por possuir um caráter público, oposto ao âmbito restritamente familiar dos da Grande Guerra. Nestes, evocava sempre um interlocutor (“que **suas** lágrimas não sejam tão amargas!”), enquanto naquele o tom era mais impessoal. Não seria necessário reforçar, no seio familiar, a tradição judaica, e ainda menos a nacionalidade francesa. Certamente, se o fez, era porque pensava em um público mais amplo. Quem sabe, intencionava dialogar com a “comunidade imaginada”, para a qual sempre procurou demonstrar apego e dedicação, ressaltando, na questão do judaísmo, os caminhos tortos que julgava que ela tenha tomado nos últimos anos. Assumiu, assim, um duplo compromisso: francês, para com a pátria; judeu, em nome da justiça.

Delegou aos poemas os sentimentos mais íntimos. Em 1943, escreveu alguns versos cujo tema era a perda de um companheiro resistente. Nele, comentava sobre o luto que não se apacava mesmo com a esperança de vitória na guerra:

---

<sup>683</sup> Marc Bloch. *Op. cit.*, 1990, p. 212.

<sup>684</sup> Do original: “*J'affirme donc, s'il le faut, face à la mort, que je suis né Juif; que je n'ai jamais songé à m'en défendre ni trouvé aucun motif d'être tenté de la faire. Dans un monde assailli par la plus atroce barbarie, la généreuse tradition des prophètes hébreux, que le christianisme, en ce qu'il eût de plus pur, reprit, pour l'élargir, ne demeure-t-elle pas une de nos meilleures raisons de vivre, de croire et de lutter?*”. *Ibidem*, p. 212.

*Ich hatte einen Kamarad*<sup>685</sup> (Eu tinha um bom companheiro)

Eu tinha um bom companheiro  
Um projétil o deitou sobre a terra de Flandres  
Numa doce noite do mês de maio

Eu tinha um bom companheiro  
Numa bela manhã, em sua casa, vieram prendê-lo  
Ninguém o viu novamente

Eu tinha um bom companheiro  
Nós o ouvimos cantar no carro  
Enquanto o levavam ao fuzilamento

Eu tinha um bom companheiro  
Apertando sua mandíbula, morreu sob tortura  
Porque nada falou

Em breve brindaremos à vitória  
Bebendo o vinho da liberdade  
Em breve chegará o dia de glória  
Que os bons companheiros desejaram

Ao morrer, eles abriram a pedreira  
Onde nossas bandeiras irão se fixar.  
Mas eles não são mais do que caras sombras agora  
Nunca irei me consolar.<sup>686</sup>

Observa-se a mesma valorização do nacionalismo e a aposta na libertação da França dos demais escritos. Mesmo demonstrando certa melancolia por uma perda inestimável – esse foi também o sentimento exposto no testemunho de 1940 –, o otimismo se fez presente. Coincidentemente, um ano depois seria ele mesmo o “bom companheiro” de alguém. Seu destino, como sabemos, foi análogo ao do personagem referenciado no poema.

Marc Bloch escreveu outra poesia naquele mesmo ano. Uma declaração de amor à esposa e uma despedida, ao mesmo tempo:

---

<sup>685</sup> O título, em alemão, é o mesmo de um poema escrito por Ludwig Uhland em 1809. O tema é o mesmo: a perda de um amigo atingido por um tiro. Só que ele seria morto em combate, e não fuzilado, como o colega lírico de Bloch.

<sup>686</sup> Do original: “*J’avais un bon copain / Un obus l’a couché sur la terre de Flandre / Par un doux soir du mois de mai / J’avais un bon copain / Un beau matin, chez lui, ils sont venu le prendre / Nul na l’a plus revu jamais / J’avais un bon copain / Nous l’avons entendu chanter dans la voiture / Comme ils l’emmenait fusiller / J’avais un bon copain / Serrant la mâchoire, il est mort sous la torture / Pour n’avoir pas voulu parler / Bientôt nous trinquerons à la victoire / En buvant le vin de la liberté / Bientôt arrivera le jour de gloire / Que les bons copains avaient souhaité / Ils ont, en mourrant, ouvert la carrière / Oú nos drapeaux vont s’engager. / Mais qu’ils ne soient plus que des ombres chères / Je ne pourrais m’en consoler.*”. Retirado de Étienne Bloch. *Op. cit.*, 1997, p. 80.

*Ballade triste* (Balada triste)

Meu amor, ai, meu amor  
Precisarei partir esse ano  
Para a grande viagem sem retorno  
E irei te deixar sozinha, minha amada

Meu amor, ai, meu pobre amor  
A estrada, às vezes, foi dura  
O fardo, pesado para carregarmos  
Mas éramos nós dois, oh, minha amada

Meu amor, ai, meu tenro amor  
Após a alegria que você me deu  
Não se ressinta de mim se esse belo dia  
Terminar antes que caia a noite, minha amada

Meu amor, ai, meu único amor  
Quando for a hora do sino tocar  
Aquele que todo mortal irá escutar  
Esteja junto a mim, meu amor

Esteja junto a mim, meu amor  
Teu rosto apoiado junto ao meu  
E me dê um sorriso doce  
Para que eu durma feliz, meu amor<sup>687</sup>

Assim como o personagem dos versos, Bloch parecia, então, estar se preparando para o fim da vida. Organizava, em poemas e testamentos, a herança que deixaria aos familiares. Contudo, preocupava-se também em registrar um legado à França. Nos testamentos, reafirmava o compromisso com ela, como vimos. Pediria, ainda, para que suas citações militares fossem lidas em seu funeral. Movimentava-se no sentido de, conformado com a sua finitude, organizar a vida dos seus e a lembrança que gostaria que tivessem de si.

Essa, aliás, é uma maneira pela qual podemos encarar *Apologie pour l'histoire* e *L'étrange défaite*. Um autorretrato do profissional e do cidadão que tentou imprimir para deixar para a posteridade. No primeiro, o estabelecimento das bases primordiais da pesquisa histórica ideal, defendendo o esforço crítico, a comparação, a atenção à semântica histórica, entre tantas outras coisas. No segundo, uma análise ao mesmo tempo

---

<sup>687</sup> Do original: “*Mon amour, hélas, mon cher amour / Me faudra-t-il partir cette année / Pour le grand Voyage sans retour / Et te laisser seule mon aimée / Mon amour, hélas, mon pauvre amour / La route parfois fut malaisée / Le fardeau par moment nous fut lourd / Mais nous étions deux, ô mon aimée / Mon amour, hélas, mon tendre amour / Après la joie que tu m’as donnée / Ne m’en veuille pas si ce beau jour / Finit avant le soir, mon aimée / Mon amour, hélas, mon seul amour / Quand pour moi l’heure sera sonnée / Que tout mortel entend à son tour / Tiens toi bien près de moi mon aimée / Tiens toi tou près de moi, mon amour / Ta joue contre la mienne appuyée / Et souris moi très doucement, pour / Que je m’endorme heureux mon aimée*”. Retirado de Étienne Bloch. *Op. cit.*, 1997, p. 105.

histórica e apaixonada de um historiador e cidadão que não suporta que justamente o desapareço à história tenha causado a humilhante derrota.

Os dois textos, então, são também dois testamentos. Foram meios pelos quais procurou apresentar à história em definitivo a sua ética profissional. Enquanto textos-limite de sua existência, serviram como síntese das construções de si que promoveu ao longo de sua trajetória.

## 4.2 Lugares de memória

As condições de sua morte acabaram conferindo grande projeção a esses autorretratos. Gradativamente, o ato de lembrar Marc Bloch extrapolou o âmbito familiar e o seu nome começou a ser associado a uma série de “lugares de memória” na França, que buscaram explorar essa identidade do patriota e do historiador ideal.

Sobre eles, devemos abrir um breve parêntesis. O conceito fora popularizado por Pierre Nora, ao longo da década de 1980. Cabe lembrar que o historiador acreditava, quando iniciou o projeto de direção de uma coletânea de artigos sobre os lugares de memória da França, que a nação vivia numa “era da comemoração”, quase um estopim de um longo processo histórico de patrimonialização da memória que remonta ao período napoleônico e que ganhara muita força ao longo do século XIX. No século XX, com o advento das guerras e seus desdobramentos, o processo ganhava muita força. Nesse sentido, havia bastante espaço para que figuras como a de Marc Bloch emergissem enquanto suporte a essa demanda memorialística. Os motivos, revelaremos em breve.

Para Nora, a questão dos lugares é que eles confundem história e memória. O constructo intelectual, nesse sentido, oferece suporte à retenção afetiva do passado<sup>688</sup>. A ligação indelével da memória com a identidade<sup>689</sup>, nesse quesito, ganha materialidade. O coordenador dos *Lieux de mémoire*, no início<sup>690</sup> e no fim<sup>691</sup> do projeto, afirma essa questão da dupla condição do conceito: deve haver uma justaposição entre uma realidade tangível, inscrita no espaço e no tempo, na linguagem e na tradição, com uma realidade simbólica. Em resumo, define lugar de memória como “toda unidade significativa, de

---

<sup>688</sup> Fernando Catroga. *Memória, História, Historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2011.

<sup>689</sup> Michel Pollak. “Memória e identidade social”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

<sup>690</sup> Pierre Nora. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. In: *Projeto História*. São Paulo, nº10, p. 7-28, dez.1993

<sup>691</sup> Idem. *Les lieux de mémoire* vol. 3 – *Les France*. Paris: Gallimard, 1992.

ordem material ou ideal, que a vontade dos homens ou o trabalho do tempo converteu em elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade qualquer”<sup>692</sup>. Ao historiador, cabe a tarefa de analisá-lo à luz de seu contexto, desvendando assim como foi construído em determinada ocasião.

A proposta da coleção *Lieux de mémoire* era a de promover, nesse sentido, uma história “contracomemorativa”. O sucesso da empreitada, como apontou Armelle Enders<sup>693</sup> e o próprio Nora<sup>694</sup>, acabou gerando o processo inverso: foi apropriada pela comemoração. “Lugares de memória” passaram a habitar o vocabulário político francês – e além. Com a vulgarização, seu sentido pareceu se perder. O próprio projeto do historiador, que levou mais de uma década para encontrar o seu ponto final, possui variações naturais a uma obra tão duradoura, ampla e ambiciosa. Com as dezenas de colaborações, desenvolver um discurso homogêneo torna-se utópico. Mesmo assim, os vários momentos nos quais ele procurou estabelecer o conceito<sup>695</sup> merecem atenção neste momento da tese.

Assim, buscaremos encarar os lugares de memória de Marc Bloch dentro da perspectiva idealizada, mas nem sempre posta em prática. Abordaremos o patrimônio material das diversas comunidades que abraçaram a lembrança do historiador: a família, a dos historiadores e, finalmente, a França como um todo. Através de diversos lugares (e aqui arriscaremos aproximar-nos dos limites da ideia de “lugar”), como instituições, arquivos, discursos, publicações, eventos, vamos procurar mapear, no caso de Bloch, os limites e possibilidades da sentença proposta por Nora, quando comentava que “a memória dita e a história escreve”<sup>696</sup>. Dessa forma, as negociações, conflitos, esquecimentos e enquadramentos<sup>697</sup> advindos desse esforço identitário emergirão na tentativa de dar conta da construção comemorativa em torno do seu nome.

---

<sup>692</sup> *Ibidem*, p. 2226.

<sup>693</sup> Sobre a crítica ao conjunto de tomos que compõe *Les lieux de mémoire*, ver Armelle Enders. “Lugares de memória, 10 anos depois”. *Revista estudos Históricas*, Rio de Janeiro, n. 11, pp. 132-137, 1993.

<sup>694</sup> Idem. *Présent, nation, mémoire*. Paris: Gallimard, 2011.

<sup>695</sup> Ver, por exemplo, Pierre Nora. *Op. cit.*, 1993. O historiador revê algumas posições em uma série de artigos ao longo dos anos. Um bom compilado desses foi publicado em *Présent, nation, mémoire*.

<sup>696</sup> Idem. *Op.cit.*, 1993, p. 24.

<sup>697</sup> A relação entre memória e esquecimento é fundamental em todos os grandes trabalhos sobre o assunto. Ver, por exemplo, trabalhos de Michel Pollak, Fernano Catrogra, Antonio Mitre, Paul Ricoeur e Maurice Halbwachs, citados na bibliografia.

#### 4.2.1 Os guardiões da memória

Antes do nome Marc Bloch se “espalhar” em diversos lugares de memória, ele foi protegido por determinados indivíduos. Através de seus esforços em lembrar de sua trajetória, promoveram a manutenção – a seus gostos – daquela aura que o próprio Bloch construía para si. Num primeiro momento, eles monopolizaram as menções públicas sobre o historiador. E, ao longo de suas vidas, estiveram engajados em estabelecer o controle da memória “oficial” daquele indivíduo, conforme crescia a sua fama. Podemos dizer que foram, então, os guardiões da memória de Bloch.

##### 4.2.1.1 Lucien Febvre

O mais célebre deles foi Lucien Febvre. Até o fim da vida, em 1956, esteve comprometido em reforçar a amizade e admiração ao herói companheiro. Postulava, sempre que a ocasião se apresentava, que o gesto maior de respeito à lembrança de Bloch seria levar a cabo o maior dos seus legados: os *Annales*.

Em três ocasiões, na revista criada pela dupla, debruçava-se diretamente sobre a lembrança do amigo. A primeira, já em 1944, ainda sob o nome *Mélanges d'histoire sociale*, onde noticiaria ao público leitor o fuzilamento<sup>698</sup>. No ano seguinte, junto ao rebatismo, a *Annales d'histoire sociale* abriria o novo momento com o artigo “*Marc Bloch: de l'histoire au martyr*”<sup>699</sup>. Finalmente, em razão de uma data comemorativa, publicaria um artigo fazendo o balanço de uma década sem o amigo<sup>700</sup>. Na ocasião, a revista já se chamava *Annales. Économies, sociétés, civilisations*.

Na dedicatória de *Apologie pour l'histoire*, Marc Bloch tecia comentários sobre a parceria, reforçando que das ideias expostas ao longo do texto, muitas “não saberia decidir em toda consciência se são suas, minhas ou de nós ambos”<sup>701</sup>. Foi sobre essa sentença de uma comunhão de ideias tão homogênea que a memória de Febvre se construiu. Os artigos comentavam sobre a existência de uma espécie de “acordo

---

<sup>698</sup> Lucien Febvre. “Marc Bloch, fusillé”. In: *Mélanges d'histoire sociale*, N°6, 1944. p. 5-8. <[http://www.persee.fr/doc/ahess\\_1243-2571\\_1944\\_num\\_6\\_1\\_3122](http://www.persee.fr/doc/ahess_1243-2571_1944_num_6_1_3122)>, acesso em 14 abr. 2014.

<sup>699</sup> Idem. “Marc Bloch: de l'histoire au martyr”. In: *Annales d'histoire sociale*, 8e année, N.1, 1945, p.1.

<sup>700</sup> Lucien Febvre. “Marc Bloch: dix ans après”. In: *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 9e année, n.2, 1954, p. 145-147.

<sup>701</sup> Marc Bloch. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 39.

espontâneo” entre os dois. Regozijava-se de “ser compreendido, de poder pensar de forma elevada ante a um companheiro fiel e que adivinhava suas reflexões antes que saíssem de seus lábios”<sup>702</sup>.

Dizia, também, que havia construído com ele uma relação fraternal; considerava Marc Bloch como um irmão mais novo<sup>703</sup>. Para além da diferença de idade – Febvre era oito anos mais velho que Bloch –, podemos inferir que estava sutilmente demarcando uma hierarquia entre os dois. O irmão mais novo, em teoria, deve respeito ao mais velho. Vimos que Febvre esperava, de certa maneira, que a sua ascensão profissional ocorresse antes, respeitando essa escala “natural” que o tempo estabeleceu entre os dois.

Na construção, rememorava o impacto da experiência em Estrasburgo, em 1919. Ambos se conheceram brevemente antes da guerra, quando Lucien Febvre fez uma visita à casa dos Bloch para tratar de assuntos profissionais com o pai de Marc, Gustave. Somente com o fim da guerra – quando, curiosamente, ambos conquistaram as mesmas condecorações, quatro citações e a legião de honra a título militar – estabeleceriam a amizade a partir dos “encontros de sábado”, já citados no capítulo 2. A partir desse primeiro contato mais atento, acompanharia toda a carreira do futuro parceiro editorial.

Não deixou de ressaltar ser um grande entusiasta da capacidade do colega historiador. Sua erudição exemplar tinha um norte, segundo o relato: a valorização da verdade e da *liberdade*, não apenas na prática de historiador, mas na vida. Buscava estabelecer, assim, uma unidade de pensamento e ação que guiaria a trajetória de Bloch e a tornaria digna de homenagens.

Sobre o levantamento bibliográfico, tentava criar o elo entre o gesto político do fim da vida com a primeira obra publicada por ele. *Rois et Serfs*, no discurso *post mortem*, aparece como evidência de que o conceito de liberdade, problemática chave do livro, era uma obsessão de Bloch. O livro mostraria, também, o talento do historiador, através de sua crítica documental e erudição exemplares. Da experiência alsaciana, agregava o apego à interdisciplinaridade, representada na psicologia coletiva e antropologia histórica de *Les Rois Thaumaturges*. *Les caracteres originaux de l'histoire rurale française* seria a culminância da história comparada, que consagraria o trabalho do historiador.

Tratando de *La société féodale*, Febvre quebraria a política de evitarem escrever resenhas sobre o trabalho do outro – estabelecida ao longo das décadas anteriores, para evitar suspeitas de favorecimento mútuo nos concursos para cargos em universidades.

---

<sup>702</sup> José Antonio Ereño Altuna. “Marc Bloch visto por Lucien Febvre”. Letras de Deusto, vol. 23, n. 61, 1993, p. 31.

<sup>703</sup> Lucien Febvre. *Op. cit.*, 1945, p.1.

Lançou a crítica em 1941: a obra, em dois volumes, era grandiosa, mas não contava com um plano de abordagem que orientasse o leitor<sup>704</sup>. Posteriormente, diria ter se sentido obrigado a fazer tal ressalva, para não ser acusado de “coleguismo” com o estimado amigo<sup>705</sup>.

*Apologie pour l'histoire*, publicado postumamente, seria a coroação da trajetória profissional de Bloch. Um tratado metodológico grandioso, sem pretensões de servir como um manual escolástico, tal qual combatiam naqueles provenientes da escola metódica<sup>706</sup>. A lembrança sobre cada livro procurava, no limite, apresentar a dimensão de Bloch para o empreendimento dos *Annales*. Tornava ainda mais difícil aceitar a morte do “caçula”.

No apaixonado texto publicado em 1944, Febvre narrava os últimos passos do amigo. Retirado do cativeiro na famosa prisão de Lyon (Fort Montluc), foi fuzilado junto a vinte e seis companheiros em Saint-Didier de Formans, assim que os alemães perceberam que a retirada da França era iminente frente ao avanço aliado:

16 de junho de 1944: eram tempos nos quais o invasor sentia a proximidade de sua partida, “esvaziando as prisões” e semeando o campo, longe das cidades, com cadáveres de patriotas assassinados sem julgamento, motivados pelo objetivo de destruir suas identidades...<sup>707</sup>

Bloch era, portanto, vítima de uma covardia promovida contra a nação inteira, muito além dos limites da ética de guerra. Nesse processo quase mecânico, impessoal, o panteão de heróis nacionais daqueles tempos sombrios perderia o mais iminente dos seus representantes:

[...] de todos os nossos grandes mortos da Resistência, talvez Bloch tenha sido o de espírito mais elevado, com a influência mais luminosa, um dos mais fortes também por sua lúcida energia. A esta perda *francesa*, sei de antemão como será sentida no estrangeiro. Lá, fará emergir os mesmos sentimentos de horror que aqui, na França...<sup>708</sup>

---

<sup>704</sup> Lucien Febvre. “La société féodale (compte rendu)”. In: *Annales d'histoire sociale*, 3, 1941, p. 128

<sup>705</sup> Idem. *Op. cit.*, 1954, p. 13.

<sup>706</sup> José Ereño Altuna. *Op. cit.*, 1993, p. 40.

<sup>707</sup> Do original: “16 juin 1944: c'était le temps où l'envahisseur sentait son départ proche, 'vidait les prisons' et semait dans les campagnes, loin des villes, des cadavres de patriots assassins sans jugement et don't il s'acharnait à détruire l'identité...”. Lucien Febvre. *Op. cit.*, 1954, p. 5.

<sup>708</sup> Do original: “[...] de tous nos grands morts de la Résistance, Bloch, peut-être, est le plus grand pour l'esprit, le plus rayonnant par l'influence, l'un des plus forts aussi par l'énergie lucide. Cette perte française, je sais d'avance comme elle sera ressentie à l'étranger. Elle y fera naître les mêmes sentiments d'horreur qu'en France...”. Ibidem, p. 5.



Lembremos apenas que Jean Moulin, igualmente cativo em Montluc, seria assassinado no mesmo processo, em outro comboio (um trem, no caso) que ia em direção à Alemanha, poucas semanas depois de Bloch. Febvre, naquele momento de homenagem, postava o amigo acima mesmo do maior nome da Resistência Interior. A fim de justificar o grau de importância conferido a ele, traçou no artigo uma breve retrospectiva de sua trajetória na guerra: voluntariamente, Bloch vestiria o uniforme militar em 1939, tornando-se o capitão mais velho do exército francês naquele conflito e dando provas de sua “coragem física e moral exemplares”<sup>709</sup>. Se não pegou em armas naquele momento, era porque sua função era mais relevante. Na distribuição de combustível, estava responsável pela funcionalidade de todo o corpo militar. O metodismo e atenção, marcas do trabalho de historiador, foram fundamentais para que desempenhasse a tarefa com excelência.

Com o armistício, comentava que Bloch contou com a ajuda de colegas e foi, por isso, inscrito numa lista de professores de ensino superior em Montpellier. Escapou, então, da “abominável violação dos direitos mais sagrados do ser humano”<sup>710</sup> que muitos já sofriam àquela altura. Mas por pouco tempo. Logo, foi aconselhado a partir, para que conseguisse manter sua liberdade e integridade. Foi o que ele fez. E, por isso, foi acusado de “não-cumprimento do dever” e *se viu obrigado* a sair da legalidade<sup>711</sup>. Com essa construção, Febvre mantinha às escolhas de Bloch a aura do apego pela liberdade e justiça que reclamava ao amigo, mesmo quando tomou uma decisão “subversiva”. Guiado pelas mais elevadas questões de moral, saberia postar-se contra as regras quando elas fossem as verdadeiras agressoras do cidadão.

Foi com esse espírito que, foragido em Vichy, ele entrou para a Resistência Francesa. Febvre lembrava, com admiração, que Bloch tinha a opção mais fácil de refugiar-se nos Estados Unidos, todavia os impulsos patriótico e familiar falaram mais alto:

Bloch abandonou a legalidade [...] e se jogou bravamente nessa vida clandestina da Resistência, da qual é impossível, a quem não a viveu, imaginar os perigos, as fadigas, os alertas constantes, e as suas satisfações. Note-se que ele poderia, logo após o armistício, partir para os Estados Unidos, como tantos outros fizeram. A oferta foi feita. Ele poderia argumentar que, livre, serviria

---

<sup>709</sup> *Ibidem*, p. 6.

<sup>710</sup> *Ibidem*, p. 6.

<sup>711</sup> *Ibidem*, p. 6.

bem à causa de seu país. Percebeu, no entanto, que sua partida era impossível. Repugnava-o a ideia de abandonar sua família e seu país.<sup>712</sup>

Denota, no trecho, a ideia de que o colega soube lidar com a situação como um herói. Febvre seguia comentando que esse era o espírito que guiava a atuação de Bloch no *Franc-Tireur*. Mesmo em razão da sua prisão, ele não se esvairia. Febvre indicava, ainda, os suplícios sofridos pelo amigo: espancamentos no rosto, pulsos quase quebrados, jogado numa banheira de gelo até desenvolver uma broncopneumonia. Levado ao hospital, assim que se recuperou desta condição foi novamente levado a Montluc. Enquanto sofria no encarceramento, sua esposa morria subitamente em Lyon, a cunhada era deportada e o cunhado, fuzilado. Os filhos se separaram: uns fugiram para a África, enquanto os outros se esconderam pelo território francês. Levado ao limite, Bloch não tinha cedido às investidas dos interrogadores alemães. Por tudo isso, Febvre comentava que, talvez, sua morte tenha sido mais do que heróica. Era uma partida “santa”:

Ele não morreu apenas enquanto mártir de uma pátria da qual conhecia, melhor do que qualquer um, a grandeza eterna. Pensando em suas últimas cartas, nas últimas conversas, nessa constante pureza de seus pensamentos e de seus sentimentos, tenho o desejo de dizer, não, eu digo, que ele teve uma morte santa.

Ele está morto. E eu ainda não consigo dimensionar plenamente tudo o que implicam essas três pequenas palavras. Para a ciência, para a França, para os *Annales* e também para mim mesmo. Durante 25 anos, Bloch se dirigia a mim, sempre que alguma dificuldade grave se desenhava diante de sua consciência de homem ou de acadêmico. Da mesma forma, eu me dirigia a ele sempre que sentia a necessidade de inclinar-me diante de um homem, a um firme julgamento de um homem. Nós nos enfrentávamos, às vezes, mas era por sermos tão próximos e tão diferentes. Brigávamos, denunciando reciprocamente nosso “mau caráter”: logo em seguida, fazíamos as pazes, mais unidos que jamais na aversão comum à má história, aos maus historiadores – e aos maus franceses, que foram também maus europeus. Permaneço aqui, agora, como uma árvore atingida por um raio e sem a metade de seus galhos. Não importa. Digo a expressão que ele mesmo teria dito se nossos destinos tivessem sido trocados: mais do que nunca, os *Annales* continuam. Os *Annales* sobre os quais, até o seu último dia de liberdade, Marc Bloch não deixou de pensar sobre e trabalhar.<sup>713</sup>

---

<sup>712</sup> Do original: “Bloch quitta la légalité. [...] il se jeta bravement dans cette vie clandestine de la Résistance, dont il es impossible, à qui ne l’a connue, d’imaginer les dangers, les fatigues, les continuéllles alertes, les satisfactions également. Notons qu’il aurait pu, au lendemain de l’armistice, gagner les États-Unis, comme bien d’autres. On le lui offrait. Il pouvait se dire que, libre, il servirait bien la cause de son pays. Il s’arrangea, cependant, pour que son départ fût impossible. Il lui répugnait de quitter sa famille, son pays”. Ibidem, p. 7.

<sup>713</sup> Do original: “Il n’est pas mort seulement en martyr d’une patrie don’t il connaissait, mieux que personne, l’éternelle grandeur. Songeant à ses dernières letters, à ses dernières conversations, à cette épuration continuelle de sa pensée et de ses sentiments, j’ai envie de dire, je dis qu’il est mort d’une mort sainte. Il est mort. Et je n’arrive pas encore à réaliser pleinement tout ce qu’impliquent ces trois petits mots. Pour la Science, pour la France, pour les Annales aussi et pour moi-même. Depuis 25 ans, Bloch se tournait vers moi dès qu’une difficulté grave se dressait devant sa conscience d’homme ou de savant. De la même façon, je me tournais vers lui dès que je sentais le besoin de m’adosser à un homme, à un ferme

Terminava relembando que, até onde pôde, Bloch trabalhou pelos *Annales*. Para ele, então, seguir traçando os caminhos da revista tornava-se mais do que um exercício em nome da história, um dever de memória: “Os *Annales* continuam. Enquanto eles durarem, algo de Marc Bloch permanecerá entre nós, vivo, ativo e fecundo”<sup>714</sup>. Com essas palavras, terminava o discurso. Mesmo relembando a existência de rugas entre os dois, Febvre o fazia para reforçar ainda mais a ideia da amizade inabalável, construída sobretudo em função de um ideal comum de “purificação” da história. Pacificava, ao comentar sobre a dedicação de Bloch à revista “até o último dia”, a questão da grande disputa entre os dois sobre a retirada do seu nome da publicação para que ela continuasse a ser produzida após a derrota. E, por fim, reforçava a ideia de que a publicação era o seu grande legado. Dessa forma, tornava a associação entre o nome do historiador e do impresso mais do que esperada, um traço inexorável de sua identidade. Bloch foi para os *Annales* e a partir de então os *Annales* seriam para Bloch.

O artigo do ano seguinte compõe uma edição da revista dedicada a ser um tributo ao codiretor morto. Ele era fruto de um discurso pronunciado por Lucien Febvre em 26 de junho de 1944, no anfiteatro da Sorbonne, em função de uma cerimônia de homenagem ao historiador. Os adjetivos empregados mudam, mas permanece o esforço em delinear a imagem de um herói patriótico desde o título: “da história ao mártir”.

Complementa o texto anterior ao relembrar o cenário de uma Estrasburgo reanexada à França. Na cerimônia de inauguração daquela universidade, descrevia, todos “hasteavam a bandeira e cantavam a Marselhesa”. Em meio a esse clima de otimismo, iniciaria a “simbiose” entre os dois. Febvre destaca a juventude do amigo: “ainda somos muito jovens, aos 32 anos, sob o olhar de um homem de quarenta”<sup>715</sup>. Desta condição, teria percebido a ansiedade e a alegria, misturadas a um “intransigente desejo de servir”<sup>716</sup> que emanava da figura de Bloch e que era, a seus olhos, a marca de sua trajetória.

---

*jugement d'homme. Nous nous heurtions parfois, si proches l'un de l'autre et si différents. Nous nous jetions à la tête, réciproquement, notre « mauvais caractère »; après quoi, nous nous retrouvions, plus unis que jamais dans la haine commune de la mauvaise histoire, des mauvais historiens — et des mauvais Français qui furent aussi de mauvais Européens. Je reste là, maintenant, comme un arbre que la foudre a dépouillé d'une moitié de ses branches. Tant pis: je dis le mot que lui-même eût dit si nos destins eussent été intervertis: plus que jamais les Annales continuent. Ces Annales auxquelles jusqu'à son dernier jour de liberté, Marc Bloch n'a pas cessé de penser et de travailler”. Ibidem, p. 8.*

<sup>714</sup> Do original: “Les Annales continuent. Tant qu'elles dureront, quelque chose de Marc Bloch demeurera parmi nous, vivant, agissant, fécond”. Ibidem, p. 8.

<sup>715</sup> Do original: “On est toujours très jeune, à 32 ans, aux yeux d'un homme de quarante”. Lucien Febvre, *Op. cit.*, 1945, p. 1.

<sup>716</sup> “Intransigent désir de servir”. Ibidem, p. 1.

A partir disso que alega a coerência de pensamento de Bloch ao longo de toda a vida: “Dois Marc Bloch? O da Resistência, mártir? O da Universidade, historiador? Dois Bloch? Não. Apenas um. Nunca houve mais do que um”<sup>717</sup>. Bem próprio a um esforço de construção de memória, está a tentativa de conferir ao lembrado algum traço moral que tenha servido como um guia para a sua trajetória. Nesse sentido, tudo mostraria que Bloch movia-se pelo engajamento – à família, à pátria e à história.

Em contraste à tão elevada postura, estava a aspereza do último registro da estimada figura. Recordava da fotografia utilizada para o reconhecimento do corpo, “com a surpreendente fixidez do seu olhar, sua boca semiaberta, como se quisesse fazer uma última questão – e sobre o rosto e a orelha, o sangue do tiro fatal”<sup>718</sup>. Mesmo o corpo inanimado parecia, então, inquieto pela vida. O espírito crítico seria, nesse sentido, a última coisa a ser arrancada da matéria.

O elogio fúnebre continuava a pintar sem maiores censuras a imagem do mártir, procurando ocupar todas as dimensões de sua existência. Por isso, a entrega ao magistério também seria associada à figura do herói. Em Fort Montluc, segundo relatos, teria ensinado história a outros prisioneiros, “[...] homens simples, prisioneiros como ele porque franceses como ele. Ignoravam seu nome e mais ainda a sua obra. Sabiam simplesmente que era professor na Sorbonne e que amava a França – a ponto de morrer por ela”<sup>719</sup>.

Febvre, no papel de um mágico, cujo grande ato era a construção da ilusão biográfica<sup>720</sup> do amigo, fechava o ciclo de construção de uma trajetória coerente através do seu amor à França. Não importava o nome; a causa que defendia conferia à sua aura uma característica quase divina. O que tornava ainda mais dolorosa a partida e mais brutal a sua condição. A perenidade de um princípio fora rasgada da forma mais truculenta, por quatro alemães indiferentes ao grande crime que cometiam:

Imagem Bloch, um dos maiores eruditos de nossa Europa no meio daqueles brutos a lhe removerem as algemas. Bloch que, alguns minutos antes, na praça Bellecour, fora insultado junto a seus camaradas por um alemão bêbado com

---

<sup>717</sup> Do original: “*Deux Marc Bloch? Celui de la Résistance, le Martyr? Celui de l’Université, l’Historien? Deux Bloch? Non. Un seul. Il n’y en a jamais eu qu’un*”. *Ibidem*, p. 3.

<sup>718</sup> Do original: “*avec l’étonnante fixité de son regard, sa bouche demi-ouverte, comme por une derrière question - et sur la joue, sur l’oreille, le sang du coup de grâce*”. *Ibidem*, p. 3.

<sup>719</sup> Do original: “*des hommes simples, prisonniers comme lui parce que Français comme lui. Ils ignoraient son nom et plus encore son oeuvre. Ils savaient simplement qu’il était professeur en Sorbonne et qu’il aimait la France – à en mourir*”. *Ibidem*, p. 3.

<sup>720</sup> Pierre Bourdieu. “A ilusão biográfica”. In: Marieta de Moraes Ferreira, Janaina Amado (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, FGV: 2006, pp. 183-191.

uma garrafa de champanhe na mão, enquanto eram levados de caminhão à morte. Imaginem Bloch escalando, de cabeça erguida, o calvário. No fervor de seu último grito, de seu último “*Vive la France!*” – quem distinguiria o erudito do mártir?<sup>721</sup>

Uma vez mais, partia do fuzilamento para o comentário sobre a visão de Bloch sobre a história. Estruturalmente, reforçava assim a existência de um legado do herói a ser seguido. No mesmo sentido, soldava as naturezas da erudição e do apego nacionais. Bloch era um *homem de ação*, em todos os sentidos.

Comentava, por isso, a defesa da dupla de uma história “humana”, que se postava contra outra, *évenementielle*. Sintética e evolutiva, sua atividade devia sempre ir no sentido contrário ao do “mito das origens”. Da mesma forma, o especialista em história devia evitar o pecado da especialização. Ora, Marc Bloch não gostava de ser enquadrado no termo “medievalista”. Não tinha escrito sobre a história moderna em boa parte dos livros e não tinha se dedicado a analisar as falsas notícias da guerra de 1914-1918? Melhor era empregar, então o termo correto: “historiador”, tão somente.

Por fim, dizia que a história preconizada pelos dois era ativa na medida em que pretendia impedir que o historiador se tornasse servo do documento<sup>722</sup>. Sua função era, ao contrário, a de produzir uma história que instigasse curiosidade, desejo de saber e, obviamente, a interdisciplinaridade. Livre de qualquer amarra senão a científica, agiria em nome da verdade<sup>723</sup> – que, diga-se de passagem, é uma verdade sobre o passado, mas também, fundamentalmente, sobre o presente<sup>724</sup>. Promovia ainda, no discurso, aquela noção da forte comunhão entre as personalidades que Bloch pronunciava também em *Apologie*, como vimos: “História, ciência do homem. Essa é nossa rocha e nossa fé – é a rocha e a fé de Marc Bloch”<sup>725</sup>.

O artigo escrito em razão dos dez anos de sua morte guarda uma sutil diferença em relação aos anteriores. A estrutura argumentativa persiste. Iniciava descrevendo a cena do fuzilamento:

---

<sup>721</sup> Do original: “*Imaginons Bloch, imaginons l’un des plus grands savants de notre Europe au milieu de ceux dont les brutes enlèvent les menottes. Bloch que, quelques minutes plus tôt, sur la place Bellecour, un officier allemand ivre, une bouteille de champagne à la main, insultait, lui et ses camarades, alors que le camion les menait à la mort. Imaginons Bloch gravissant, tête haute, ce calvaire. Dans le ferveur de son dernier cri, de son dernier Vive la France – qui dèmelera la part du savant et celle du martyr?*”. Georges Altman. *Op. cit.*, 1945, p. 4.

<sup>722</sup> Lembremos que o argumento contra uma “história serva” é mais associada a Lucien Febvre, proferido em discurso exposto no nosso capítulo 2.

<sup>723</sup> *Ibidem*, p. 7.

<sup>724</sup> *Ibidem*, p. 10.

<sup>725</sup> Do original: “*Histoire, science de l’homme. C’est notre roc, notre foi – c’est le roc, c’est la foi de Marc Bloch. Ibidem*, p. 6.

Junho: a pradaria de Saône vivia o seu grande esplendor de todos os verões. As grama alta inclinava suas plumas na brisa. Em todos os lugares parecia brotar fertilidade. Sob a ordem dos alemães, vinte e seis patriotas franceses desciam de um caminhão. Foram levados, de dois em dois, ao prado cercado por sebes. Alguns passos. Uma rajada. A dupla desabava, rosto contra a terra. ‘Os próximos!’ Entre esses homens, Marc Bloch. Passaram-se dez anos.<sup>726</sup>

Ainda que o tom emotivo permanecesse, nesse artigo a ênfase recairia mais sobre o legado do amigo do que sobre o absurdo de sua morte. Bem comum aos esforços de memória ligados a uma data comemorativa é esse balanço que, mesmo sem deixar de prestar a homenagem, procura ressaltar as heranças deixadas, bem como o que os herdeiros estariam fazendo para honrá-la. Nesse sentido, Febvre procurou enumerar o que havia “restado” de Marc Bloch após uma década. Permanecia o talento incontestado, bem como a vontade de compreender e de se fazer compreender, além da solidez de suas interpretações, acompanhadas de inúmeras hipóteses levantadas em suas obras, ainda a serem rastreadas. Mas, como já percebemos ser a culminância do seu argumento, a grande herança deixada tinha sido a dos *Annales*. À pergunta sobre os motivos da homenagem ao amigo, argumentava:

Não tenho outra resposta a não ser: ‘Os *Annales* continuam’. **Nossos *Annales***. Indubitavelmente, com um grande vazio. Um vazio que ninguém será capaz de preencher. Mas o que foi essencial? História agrária; história monetária; história dos preços; história dos mitos, em outro domínio; história das incidências da economia na vida cultural; história das classes sociais etc. Em tudo aquilo que Bloch tocou, deixou a sua marca e, tantas vezes, posso dizer, **a marca de nossa pegada partilhada** – tudo aquilo que trabalhamos para desenvolver, vivificar, mobilizar. E podemos gritar: Partida ganha!<sup>727</sup> (grifos meus)

Se antes o argumento se montava no sentido de estabelecer a plenitude do indivíduo-herói Marc Bloch, em 1954 importava mais reclamar a parceria entre os dois historiadores. Seria o esforço do time que traria à disciplina tantos frutos. A essa altura

---

<sup>726</sup> Do original: “Juin: la prairie de Saône vivait sa grande splendeur de tous les étés. Les hautes graminées inclinaient leurs panaches sur la brise. De partout semblait sourdre la fécondité. Sur l’ordre des Allemands, vingt-six patriotes français descendirent de la voiture. On les fit entrer, deux par deux, dans une pré enclos de haies. Quelques pas. Une rafale. Le couple s’abîmait, face contre terre. “Aux deux suivants! Parmi ces hommes, Marc Bloch. Il y a dix ans””. Idem. Op. cit., 1954, p. 145.

<sup>727</sup> Do original: “Je n’ai guère à répondre qu’une chose: ‘ Les *Annales* continuent. Nos *Annales*. Avec sans doute un grand vide toujours. Un vide que personne ne saurait combler. Mais quant à l’essentiel? Histoire agraire; histoire monétaire; histoire des prix; histoire des mythes dans un autre domaine; histoire des incidences de l’économie sur l’aviation culturelle; histoire des classes sociales etc.: Tout ce que Marc Bloch a touché de sa main, marque de son empreinte et, si souvent, je puis le dire, de notre commune empreinte – tout cela, nous avons travaillé à le développer, à le vivifier, à le mobiliser. Et nous pouvons crier: Partie gagnée! ”. Ibidem, p. 146-147 (grifos meus).

da década de 1950, os *Annales* já haviam conseguido alcançar a relevância galgada desde a fundação. Lucien Febvre era um nome mais do que proeminente e os outros colaboradores – incluindo Braudel, que se tornaria o diretor da revista após a sua morte – também ocupavam espaços importantes na cena intelectual francesa. Vitória, portanto, garantida porque a “substituição forçada” da equipe fora bem sucedida no sentido de manter o espírito de renovação. Uma década antes, suplicava pela continuidade da luta pela história em nome do amigo. Agora, regozijava-se com o resultado:

Sim, a roda gira. Ela não parou em 16 de junho de 1944. Ela continua a nos conduzir, em frente, a uma história alargada aos limites de um planeta. Mais expandida, sem dúvida, do que imaginava Marc Bloch. Mas como ele estaria orgulhoso dessa extensão! Encontraria nela, uma vez mais, justificativa para o seu sacrifício. E para o seu trabalho? Não. O trabalho não necessita de justificção. Nós o amamos.<sup>728</sup>

Mas de todos os esforços em nome da construção de uma memória sobre Marc Bloch, talvez o mais relevante que Febvre tenha promovido foi *Apologie pour l'histoire*. Publicou em brochura, no ano de 1949<sup>729</sup>, a primeira edição do livro, pela Armand Colin, compondo o volume 3 dos *Cahier des Annales*.

No papel de guardião da memória, é evidente que a publicação do livro inacabado é esclarecedora. O capítulo V, apenas esboçado, contribui de certa forma para reiterar aquela mensagem da vida bruscamente interrompida. O restante, uma prova da enorme erudição de Bloch, que escreveu sem contar com a biblioteca de Paris, confiscada pelos nazistas. Contava unicamente com a vontade de seguir na defesa pela história. Nesse sentido, *Apologie pour l'histoire* é, por si só, um lugar de memória. Há constantemente, nas entrelinhas, a sugestão do fim heroico.

Existem, no entanto, outros aspectos a serem considerados sobre a função do livro enquanto espaço de memória. As condições da publicação da primeira edição podem nos apresentar algumas pistas. Porque, de certa forma, o lançamento foi obra coletiva de Bloch e Febvre. Dizemos isso porque seu trabalho de edição foi bastante ativo.

---

<sup>728</sup> Do original: “Oui, la roue tourne. Elle ne s’est pas arrêtée en juin 1944, le 16. Elle continue de nous entraîner tous, de l’avant, dans une histoire élargie aux limites d’une planète. Plus élargie sans doute que ne l’imaginait Marc Bloch. Mais de cette extension comme il eût été heureux! Il aurait trouvé en elle, une fois de plus, la justification de son sacrifice. – Et de son labeur? – Non. Le labeur n’a pas besoin de justification. On l’aime”. Ibidem, p. 147.

<sup>729</sup> Marc Bloch. *Apologie pour l'histoire ou métier d'historien*. Cahiers des Annales, 3. Paris: Armand Colin, 1949.

Bloch tinha o costume de reescrever diversas vezes os seus textos e, por isso, deixou cinco versões de sua *Apologie*<sup>730</sup>. Os rascunhos, fortuitamente, não foram confiscados pela Gestapo, ficando com a sua família. Das cinco, o filho Étienne doou três para Febvre, guardando para si duas versões datilografadas, que continham a introdução, os dois primeiros capítulos e uma parte do terceiro<sup>731</sup>. Na posse do *annaliste* ficaram um exemplar datilografado em 186 folhas numeradas (com uma lacuna de páginas em relação ao que foi publicado), e que provavelmente foi composto após a morte de Bloch<sup>732</sup>; e um arquivo com 308 folhas comprovadamente redigidas por Bloch. Entre originais, carbonos, datilografias e folhas escritas à mão<sup>733</sup>, Lucien Febvre teve ali acesso ao plano original e aos seus rascunhos mais avançados. Comentou assim o processo de organização:

Meu trabalho de editor consistiu essencialmente em compor a partir desses três exemplares um exemplar de base, completo em relação às suas páginas e respeitando todas as correções manuscritas pelo próprio Marc Bloch sobre a datilografia. Nenhuma adição, nenhuma correção, mesmo de pura forma, foi realizada no texto de Bloch; será o texto integral e puro que encontraremos impresso nesse *Cahier*.<sup>734</sup>

É justamente nesse sentido que essa primeira edição do livro carrega também a assinatura de Febvre. Ainda que seja exagero supor interpolações do historiador frente à obra do amigo, tal como ambos fizeram em diversos artigos dos *Annales*<sup>735</sup>, no trabalho de agregar as três versões certamente escolhas foram feitas. Aqui, sim, faz sentido a sentença de “não sabermos que lábios disseram o que está escrito”, uma vez que, das palavras de Bloch, coube a Febvre a sua seleção final, motivado que estava em levar a obra ao público. Conformava, no fim, a visão de Bloch sobre si e sobre a história, a partir do filtro do parceiro de tantas décadas.

Certamente, esse lugar de memória atingiu um público infinitamente maior do que o de leitores dos *Annales* que se depararam com as homenagens. A edição de 1949 teve uma tiragem de 3.000 exemplares. Houve uma segunda, publicada em 1952, com o

---

<sup>730</sup> Ver Massimo Mastrogregori. “Le manuscrit interrompu: Métier d'historien de Marc Bloch”. In: *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 44e année, n.1, 1989, pp. 147-159.

<sup>731</sup> *Ibidem*, p. 151.

<sup>732</sup> *Ibidem*, p. 153.

<sup>733</sup> *Ibidem*, p. 153.

<sup>734</sup> Do original: “Mon travail d'éditeur a consisté essentiellement à composer avec ces trois exemplaires un exemplaire de base, complet de toutes ses pages et tenant compte de toutes les corrections manuscrites faites par Marc Bloch lui-même sur la dactylographie. Aucune adjonction, aucune correction, même de pure forme, n'a été apportée au texte de Bloch; c'est ce texte intégral et pur que l'on trouvera imprimé dans ce Cahier”. O trecho compõe a sétima edição de *Apologie* publicada na França, em 1974, e foi retirado de Massimo Mastrogregori. *Op. cit.*, 1989, p. 152.

<sup>735</sup> *Ibidem*, p. 153.



mesmo número de exemplares. Ainda outra, em 1959, com 2.000 cópias. Mais uma, de 1961, com 5.000 tiragens, seguidas pela do ano de 1964, com 5.800. Em 1974, a obra era reeditada, com novo prefácio de Georges Duby, e ganharia ainda mais fôlego: média de 17.000 exemplares. Sem contar com sua repercussão fora da França, como na Itália (1952), Inglaterra (1953), Alemanha (1974, 1980, 1981), Estônia, Hungria (1969, 1974), Holanda (1989), Japão (1953), Polônia (1958, 1962), Portugal (1965), Tchecoslováquia (1967), URSS (1973), México (1952 – quando garantiu bastante sucesso na América Latina, vendendo estimadamente 150.000 exemplares –, 1984), Espanha (1984), Venezuela (1986) e Brasil (2001). Ao todo, foram quase meio milhão de exemplares impressos no mundo inteiro<sup>736</sup>.

#### 4.2.1.2 Étienne Bloch

O historiador português Fernando Catroga nos recorda que a família é a primeira instância da memória do eu<sup>737</sup>. Do jogo entre o processo mnemônico, identificação, filiação e distinção é que o indivíduo constrói a sua identidade. A princípio, essas categorias sempre estabelecem com os círculos familiares suas mais precoces relações.

Não seria exagero dizer que a importância da parentela vai mais além. Pois quando termina uma trajetória, é comum – e esperado – que seja ela a promover a curadoria da herança material e imaterial deixada por alguém. Aos mais próximos, obrigações e legados são entregues, deixando sobre a terra restos do indivíduo que está debaixo dela. É sobre este grupo que recaem, por exemplo, as expectativas do discurso fúnebre, que irá inaugurar a lembrança do finado. Nesse sentido, afirmamos que a família é a primeira instância da memória do eu e, posteriormente, sobre mim.

No caso de Marc Bloch, o guardião da memória advindo desse grupo foi Étienne, o filho homem mais velho<sup>738</sup>, muitas vezes mencionado nesta tese. Seu nome aparece recorrentemente em diversas publicações e homenagens ao pai. Pelo menos no esforço de atribuir publicidade ao nome do historiador, foi o familiar mais engajado. Ele mesmo

---

<sup>736</sup> Todos os números foram retirados de Étienne Bloch. *Marc Bloch (1886-1944): une biographie impossible*. Limoges: Culture et Patrimoine en Limousin, 1997, p. 135, e de Massimo Mastrogeorgi. *Op.cit.*, 1989, p. 137. Novas edições provavelmente foram impressas desde então, mas não conseguimos mapeá-las.

<sup>737</sup> Fernando Catroga. *Op. cit.*, 2011, p. 28.

<sup>738</sup> Lembremos que a filha mais velha era Alice que, aliás, ficou responsável pela criação dos irmãos mais novos, Jean-Paul e Suzanne, com a morte dos pais naquele ano de 1944.

comentou, quando da publicação das cartas da *drôle de guerre* que trabalhamos no capítulo anterior: “Ao longo de toda a minha vida fui motivado pelo objetivo de divulgar a obra de meu pai e de melhor fazer compreender a sua personalidade”<sup>739</sup>.

Assim como Febvre, procurou sempre reforçar o aspecto do nacionalismo e da luta pela história engendrada pelo genitor. Em discurso proferido em sua homenagem<sup>740</sup>, listava de pronto suas obras e percurso acadêmico e militar para, então, chancelar a pequena revolução historiográfica que teria promovido:

Meu pai, junto a uma equipe de jovens historiadores, contribuiu na França para a renovação da Ciência histórica. Digo História em geral, pois os homens apegados a categorias jamais poderiam armazená-lo dentro de qualquer especialidade. Sua obra é o melhor testemunho disso.<sup>741</sup>

Elencaria, assim, as publicações, destacando o quê de inovador que cada uma trazia. *La Société féodale*, “obra de maturidade”, trazia frescor ao mundo “pouco conhecido da rudeza e grosseria desses cavaleiros que não tinham a noção do tempo”<sup>742</sup>, destacando sobretudo as relações humanas que compunham esse mundo. *Les caractères originaux de l’histoire rurale française* teria sua originalidade em algo que ia muito além do título, uma vez que era o marco de “um novo ramo da história”<sup>743</sup>, com o diálogo com a geografia. O pioneirismo também estava, em sua visão, nos estudos que o pai fez sobre a história monetária e na recusa em encarar a moeda como um fenômeno puramente abstrato em suas variações cambiais, sem que se levasse em conta o impacto direto das mudanças das relações econômicas nas humanas. Havia ainda os *Annales*, que marcavam o apelo de Marc Bloch em defesa de uma ciência colaborativa: “por suas críticas,

---

<sup>739</sup> Do original: “*Tout au cours de ma vie j’ai été animé par le souci de faire connaître l’oeuvre de mon père et de mieux faire comprendre sa personnalité*”. Étienne Bloch. “Introduction”. In: François Bédarida, Denis Pechanski (org.). “*Marc Bloch à Étienne Bloch: lettres de ‘la drôle de guerre’*”. *Les Cahiers de L’IHTP*, n° 19, 1991, p.7.

<sup>740</sup> Não datado. Sabemos apenas que possivelmente trata-se de discurso proferido a um público mais amplo do que o de historiadores, pois ele inicia o texto comentando que provavelmente era a primeira vez que muito ouviam o nome “Marc Bloch”. Étienne Bloch. “Marc Bloch: une vie complète”. Archives Nationales, Ref. AB/XIX/5028, partie 3, pièce 276.

<sup>741</sup> Do original: “*Mon père, avec une équipe de jeunes hommes, a contribué en France au renouveau de la Science historique. Je dis bien Histoire en general, car les hommes amoureux de catégories ne pourront jamais le ranger dans une spécialité quelconque. Son oeuvre en est le meilleur témoignage*”. Archives Nationales, Ref. AB/XIX/5028, partie 3, pièce 276, p.1.

<sup>742</sup> Do original: “*oeuvre de maturité, il a trace une immense fresque de ce monde peu connu, de la rudesse et de la grossièreté de ces chevaliers qui m’avaient pas la notion du temps*”. Ref. AB/XIX/5028, partie 3, pièce 276, pp. 3.

<sup>743</sup> Archives Nationales, Ref. AB/XIX/5028, partie 3, pièce 276, p.3.

sugestões e questões [publicadas na revista], meu pai tinha dois objetivos: informar e convidar para a pesquisa”<sup>744</sup>.

Em meio aos elogios acadêmicos, associava-os à elevada trajetória: “Toda a sua vida é [sic] uma busca para entender melhor o conceito de liberdade e suas vicissitudes através dos tempos”<sup>745</sup>. Vida e obra, assim, aparecem como uníssonas a favor de um ideal consciente, digno e universal. Com o comparatismo, por exemplo, combatia um problema que seria visto tanto na escola metódica quanto nos fascismos: “ele nos advertia contra os perigos do nacionalismo exacerbado em matéria de história e se fazia advogado de uma história comparada, que seria sempre capaz de fazer justiça aos fenômenos de massa”<sup>746</sup>.

A diferença do panegírico de Étienne em relação ao de Febvre – para além de questões de estilo e do fato de Étienne não ser um profissional da disciplina – recai justamente na relação familiar, que o outro não tinha. Sempre associava as lembranças do historiador ao cotidiano de Marc Bloch. Era assim, por exemplo, quando rememorava a relação com os alunos. Destacava que o pai não impunha dificuldades a estender o seu horário de trabalho para atendê-los e, inclusive, guardava um horário semanal regular para isso. Respeito e confiança, nesse caso, eram as palavras de ordem.

Portanto, o Marc Bloch lembrado por Étienne carregava a tríplice função de herói, historiador e pai:

Faço uma pausa por um momento, e penso em meu pai. Ainda lembro da expressão severa em seu olhar quando me dava uma bronca; ainda sinto o calor de sua ternura quando consolava a criança repreendida. Vejo sua silhueta desaparecer pela escada da estação de trem de Montpellier, onde ele acompanhou a mim e meu irmão, naquele dia de dezembro no qual partiríamos para a Espanha. Nunca mais o veria novamente.<sup>747</sup>

O tom pessoal das lembranças confere a sua complexidade. Antes do Marc Bloch pela história e pela França – que, sim, existe para Étienne – vem o “meu” pai. Por isso, frente ao herói incansável desenhado por Lucien Febvre, o filho apresentava a imagem

---

<sup>744</sup> Do original: “*Par ses critiques, ses suggestions, ses questions, mon père avait deux buts: informer et inviter à la recherche*”. Archives Nationales, Ref. AB/XIX/5028, partie 3, pièce 276, p. 9.

<sup>745</sup> Do original: “*Toute sa vie est une quête pour comprendre mieux ce concept de Liberté et ses vicissitudes à travers les ages*”. Archives Nationales, Ref. AB/XIX/5028, partie 3, pièce 276, p. 2.

<sup>746</sup> Do original: “*Il prévenait contre le danger du nationalisme exacerbe en matière d’histoire et se faisant l’avocat d’une histoire comparée, qui saurait toujours rendre justice aux phénomènes de masse*”. Archives Nationales, Ref. AB/XIX/5028, partie 3, pièce 276, p. 4.

<sup>747</sup> Do original: “*Je m’arrête un moment, et je pense à mon Père. Je me souviens encore de l’expression sévère de son regard quand il faisait les gros yeux; je sens encore la chaleur de sa tendresse quand il consolait l’enfant grondé. Je revois sa silhouette disparaître par l’escalier du quai de la gare de Montpellier, où il avait tenu à nous accompagner, mon frère et moi, ce jour de Décembre où nous partions pour l’Espagne. Je ne devais plus le revoir*”. Ref. AB/XIX/5028, partie 3, pièce 276, p. 11.

do frágil homem que se postava diante dos seus olhos: “A guerra, e depois a Resistência, envelheceram consideravelmente o meu pai. Suas últimas fotos registram os cabelos brancos, os olhos dolorosamente encovados e o rosto cheio de rugas. Mas em 1939, a despeito de seus cinquenta anos, ele ainda era jovem”<sup>748</sup>. Rememorava, então, o homem tal qual nos dias anteriores à despedida na estação de trem:

Ele possuía estatura mediana e bem proporcionada. Ainda que afetado aos quarenta por frequentes crises de reumatismo, era forte e suportava muito bem o esforço. Ao vê-lo, éramos sobretudo surpreendidos por seus olhos, olhos pálidos de míope que te olhavam intensamente por trás das lentes dos óculos. A calvície precoce enfatizava a sua testa larga e enrugada. Um bigode duro e grosso se instalava debaixo de um grande nariz; os lábios incrivelmente finos desenhavam uma boca firme, e uma covinha profunda tornava mais evidente o queixo.

Sua expressão era frequentemente séria, mas os olhos sabiam rir eventualmente. Seu riso poderia muitas vezes ser confundido com ironia, mas nunca uma ironia perversa, já que seus olhos nunca deixavam de marcar a bondade.<sup>749</sup>

Marcava a memória do pai, então, a partir de um misto de força, mais presente nos ideais e evidente sobretudo no olhar, com a fragilidade de um corpo maltratado pela guerra e por uma saúde delicada.

Em relação à sua personalidade, procurou registrar, como vimos também no exemplo das cartas do capítulo anterior, a austeridade e exigência de disciplina. Procurava apresentar-se aos filhos como o modelo desse tipo de comportamento.

Quando meu pai estava nervoso adorava dizer que tinha um “caráter sujo”; às vezes ele tinha ataques súbitos de raiva que se esvaíam com a velocidade que nasciam. Duro consigo mesmo, impunha-se uma disciplina muito estrita – salvo quando estava doente, quase nunca se levantava depois das 8 horas – que também aplicava à sua família. Não que ele fosse particularmente severo com os resultados escolares dos filhos, mas sentíamos isso pela maneira como ele resmungava e se mexia. Ele era muito autoritário e não gostava que o contradissem. Mas também era frequentemente doce. Pai amoroso, sempre cuidou de nós com muito zelo. Procurava nos compreender e ajudar. Quando

---

<sup>748</sup> Do original: “la guerre, puis la Résistance, avaient considérablement vieilli mon père. Ses dernières photos le représentent les cheveux blancs, les yeux douloureusement creusés et tout le visage raviné, mais en 1939, malgré ses cinquante ans sonnés, il était encore jeune”. Ref. AB/XIX/5028, partie 3, pièce 276, p. 13.

<sup>749</sup> Do original: “Il était de taille moyenne et bien proportionné. Bien qu’affecté durant la quarantaine par de fréquentes crises de rhumatismes, il était solide et supportait remarquablement l’effort. En le voyant on était surtout frappé par ses yeux, des yeux pâles de myope qui vous regardaient intensément derrière les lunettes. Le crâne de bonne heure dégarni soulignait son large front bombé et ridé. Une moustache raide et fournie s’étalait sous un nez assez volumineux; les lèvres étonnamment minces dessinaient une bouche très ferme et une fossette profonde accusait le menton.

L’expression était souvent sérieuse mais les yeux savaient rire à l’occasion. Son sourire ouvait quelquefois blesser par l’ironie, mais ce n’était point une ironie méchante et son regard laissait entrevoir la bonté”. Ref. AB/XIX/5028, partie 3, pièce 276, pp. 13-14.

a Resistência o separou de sua família, os amigos diziam como ele sentia a sua falta e se importava com ela.<sup>750</sup>

Marcava, assim, o peso da família em suas decisões. Não tinha sido sem ressalvas que aderira à Resistência. Abrindo mão do contato diário com aqueles que mais se importava, a opção pelo engajamento garantia uma aura ainda mais edificante. Como não poderia deixar de ser frente a um filho tão apegado, construía uma recordação do pai baseada no amor. Sentimento, aliás, que teria um grande espaço igualmente reservado a Simone Vidal. Para Étienne, era ela quem lhe dava calma e suporte necessários para que trabalhasse. Lembrava do casal sempre a partir da união que transpirava em seu dia-a-dia. Secretária, revisora, companheira de viagem, até na morte pareceram inseparáveis. Sem saber da partida de Bloch, Simone faleceria sozinha em um leito de hospital a 2 de julho de 1944<sup>751</sup>.

Étienne também procurou reforçar a imagem que seu pai sempre buscou atribuir a si: a do intelectual que nunca deixou de ser um “bom francês”. Marcava-o enquanto tipo nacional no gosto pelo vinho e boa comida, normalmente associados a pequenas recepções de colegas selecionados, entre professores universitários, médicos, advogados e bons alunos. O interesse pelo homem – o ogro da lenda? – aparecia em pequenas atitudes, como o gosto que tinha por fumar e conversar com os amigos<sup>752</sup>.

Percebemos, aqui, certa semelhança com aquele autorretrato do intelectual cunhado por Bloch que já vimos em momentos anteriores. Étienne rememora que apesar desses encontros de “elite”, havia também uma tentativa de aproximação com as classes populares. Contava que ele adorava conversar com os camponeses quando estavam na casa de campo de Fougères. Nesse momento, no entanto, problematizava a visão do pai:

---

<sup>750</sup> Do original: “*Mon père était nerveux et aimait à dire qu’il avait un “sale caractere”; il avait aussi parfois des colères soudaines qui s’éteignaient aussi brusquement qu’elles naissaient. Dur avec lui-même, s’imposant une discipline très stricte – (12) sauf quando il était malade, il ne se levait presque jamais après 8 heures – il était aussi avec sa famille. Non point qu’il fut particulièrement sévère pour les résultats scolaires de ses fils, mais par la manière dont il rabrouait et grondait. Il était très autoritaire et n’aimait pas qu’on le contredise. Souvent aussi on le voyait doux; en père aimant, il s’est toujours occupé de nous avec beaucoup de soin. Il cherchait à nous comprendre et à nous aider. Quand la Résistance le sépara de sa famille, ses amis ont dit combien elle lui manqua et combien il s’en souciait*”. Ref. AB/XIX/5028, partie 3, pièce 276, pp. 12.

<sup>751</sup> Ref. AB/XIX/5028, partie 3, pièce 276, pp. 12.

<sup>752</sup> “Meu pai adorava estar junto a um grupo de amigos e passar a noite inteira a fumar e conversar. Ele tinha uma maneira peculiar de manter o cigarro entre os lábios. Contrariamente à maioria dos fumantes, ele não tragava a fumaça e o seu cigarro era consumido sem que ele o retirasse da boca eventualmente”. Do original: “*Mon père aimait se trouver par mi un groupe d’amis et passer la soirée à fumer et à converser. Il avait une manière assez particulière de maintenir sa cigarette au milieu des lèvres; contrairement à la plupart des fumeurs, il n’avalait pas la fumée et sa cigarette se consumait sans qu’il la retire de sa bouche de temps à autre*”. Ref. AB/XIX/5028, partie 3, pièce 276, pp. 13.

se parecia certo que ele os compreendia bem, havia nele uma idealização do camponês<sup>753</sup>. Bloch tinha uma vida quase inteiramente urbana e o primeiro contato com trabalhadores rurais tinha sido durante a Grande Guerra, quando muitas vezes a vida dependia dos laços de solidariedade que construíram nas trincheiras. Dali, iria retornar à vida acadêmica e afastar-se novamente desse grupo.

Mesmo assim, fazia questão de comentar que, “ao contrário de muitos colegas, o seu mundo não ficou restrito aos portões da Universidade”. Procurou situá-lo nesse meio caminho que seria, na verdade, o caminho pleno do intelectual. Lia obras fora de sua área, como de matemática e física, sem deixar de se aproximar das grandes obras da literatura; adorava música clássica; frequentava teatros e exposições parisienses. Ao mesmo tempo, tinha peculiar apreço pelos romances policiais, tão populares à época, assim como o cinema, que era visto como espaço de diversões baratas (e, por isso, considerado “menor” por alguns eruditos). Desse cruzamento de interesses considerados por muitos distintos, Étienne desenhava a noção do verdadeiro erudito, apaixonado por tudo o que fosse *humano*.

Vimos como Étienne esboçou o historiador e o pai. Resta observar o seu discurso sobre o herói patriota. Nesse aspecto, destacava o *voluntarismo* de Bloch, que duas vezes pegou em armas pela nação. Como sabemos, mesmo diante da possibilidade de dispensa em 1939, optou pelo serviço militar. Para o filho, provou-se homem de ação desde esse ato até a derrota em 1940: “nos últimos dias da batalha de Flandres, meu pai esteve entre os voluntários que, ao invés de descansar com o general Prioux, preferiram tentar se juntar a Dunquerque, a fim de escapar do encarceramento”<sup>754</sup>.

Marc Bloch aparecia como o pai e o historiador ideal; e ideal também seria sua atuação enquanto soldado:

Para ser um soldado, no senso nobre do termo, é necessária a coragem diante de todas as provas, uma elevada ideia de honra e um espírito de sacrifícios sempre em alerta; ser voluntário para as missões perigosas. Além disso, o militar moderno deve saber respeitar a hierarquia e, assim, aceitar as ordens e saber atribuí-las. Nesse sentido, meu pai tinha o espírito militar. Sua vida e

---

<sup>753</sup> Ref. AB/XIX/5028, partie 3, pièce 276, pp. 13.

<sup>754</sup> Do original: “Aux derniers jours de la bataille des Flandres, mon père fut parmi les volontaires, qui au lieu de rester avec le Général Prioux préférèrent tenter de rejoindre Dunkerque, pour échapper à la captivité”. Ref. AB/XIX/5028, partie 3, pièce 276, pp. 18.

morte mostram juntas que se associam nele uma coragem física indomável e uma coragem moral ainda mais surpreendente.<sup>755</sup>

Patriota, não teria duvidado em nenhum momento da vitória, mesmo que estivesse ciente da precariedade do exército francês: “nunca aceitou a derrota; sabia que ela era temporária. O mito de Pétain o revoltava por sua hipocrisia e covardia”<sup>756</sup>. O discurso enaltecia uma vez mais a clareza de pensamento de Bloch e trazia tintas ainda mais fortes à imagem do herói que, movido pela honra, lutava com vigor uma batalha que sabia estar perdida naquelas condições. No mesmo sentido, dizia que o pai também possuía ressalvas quanto ao mito da Resistência ao redor de De Gaulle. Entrava no movimento embalado pelos mesmos ideais e ressalvas:

Muito cedo aderii à Resistência, mas nunca olhou com bons olhos a ideia de um governo na Inglaterra. Ele tinha fé na França salva com a ajuda dos aliados e por ela mesma. Desde 1940, ele temia o perigo de um governo vindo do exterior, tendo perdido contato com a realidade francesa. Como ele estava certo!<sup>757</sup>

Mesmo que não tenhamos pistas do ano exato em que Étienne proferiu esse discurso, podemos inferir que possivelmente se trata do ano de 1953 ou 1954<sup>758</sup>, período em que o mito do gaullismo já começava a ser questionado. Atribui ao pai uma capacidade de antevisão que o tornaria um crítico prematuro dos caminhos políticos seguidos pelo líder da Resistência Exterior. Dessa forma, utiliza a voz do pai para criticar o governo.

Ainda sobre a decisão de aderir à Resistência, trazia uma variável que não fora abordada pelo outro guardião da memória. Ao representante da memória familiar, ainda que não houvesse dúvidas do engajamento pela França de seu pai, abandonar o ensino para retornar ao combate não era uma decisão fácil. No entanto, “na condição de judeu

---

<sup>755</sup> Do original: “*Mais cela ne suffit pas. Pout être un soldat, dans le sens noble du terme, il faut posséder un courage à toutes épreuves, une haute idée de l'honneur, et un esprit de sacrifices toujours en éveil; être volontaire pour les missions dangereuses. En outre le militaire moderne, sans pour cela peut être en respecter la hiérarchie, doit accepter les ordres et savoir en donner. En ce sens, mon père avait l'esprit militaire. Sa vie et sa mort on toutes deux montré que s'associaient en lui un courage physique indomptable et un courage moral plus étonnant encore*”. Ref. AB/XIX/5028, partie 3, pièce 276, p. 19.

<sup>756</sup> Ref. AB/XIX/5028, partie 3, pièce 276, p. 23.

<sup>757</sup> Do original: “*Très tôt il joignit la Résistance, mais n'accueillit jamais de grand coeur l'idée d'un gouvernement en Angleterre. Il avait foi en la France sauvée, et avec l'aide des alliés et par elle-même. Dès 1940, il redouait le danger d'un Gouvernement venu de l'extérieur, ayant perdu contact avec les réalités françaises. Combien il avait raison!*”. Ref. AB/XIX/5028, partie 3, pièce 276, p. 24.

<sup>758</sup> Chegamos nessa conclusão porque Étienne atualizou, à caneta, a função política de funcionários do primeiro governo De Gaulle, de forma correspondente ao que exerciam no primeiro governo de Joseph Laniel, situado nesse biênio.



não tinha muita escolha”<sup>759</sup>. Para a família, reinvidicar as raízes semitas do herói era importante. Comentava, por isso, que o reitor da Universidade de Montpellier, onde Marc Bloch conseguiu um cargo temporário como professor, procurou impedir a sua chegada na cidade, sob o pretexto de uma querela antiga, mas que acobertava o antissemitismo. Com o Estatuto dos Judeus ganhando força no país, ele logo perderia o cargo.

De acordo com o relato, foi ao longo dessa experiência que Marc Bloch iniciou os contatos com os resistentes (especialmente dois professores, René Courtin e Pierre-Henri Teitgen, este inclusive citado na confissão de Bloch que mostramos no capítulo anterior) que contaram com o seu auxílio para organizar as ações regionais do *Combat*, um dos mais importantes movimentos que orbitavam ao redor do *Conseil National de Resistance*, presidido por Jean Moulin<sup>760</sup>. Porém, esta ainda não foi a entrada definitiva, que só ocorreu depois que a situação familiar estava um pouco menos preocupante:

Em 1943, livre da preocupação com os filhos mais velhos, que vão para a Espanha, a seu pedido é colocado em contato com os responsáveis nacionais do movimento *Franc-Tireur*, através do intermediário Doutor Waitz.

Aos 57 anos, sofrendo de reumatismo, vai morar em Lyon, em uma pequena rua de ladeira, num quarto sem conforto, que podemos chamar de célula: uma mesa, uma cama, uma cadeira e um fogão onde, cada noite, após uma jornada de compromissos e viagens pela região, queimava os papéis comprometedores.<sup>761</sup>

A partir de então, a atividade do resistente só foi interrompida por sua prisão. Assim como Lucien Febvre, Étienne rememora com detalhes os suplícios sofridos pelo pai. Fazia questão de registrar: nenhuma palavra que incriminasse os outros combatentes.

Na manhã de 8 de março de 1944 ele foi preso. Começam então as ignóbeis brutalidades que os agentes da Gestapo estavam acostumados. Ele foi brutalmente espancado e submetido pela primeira vez ao suplício da banheira. Não disse uma palavra, e o enviaram a Montluc, ensanguentado, gravemente ferido, mas resolutos. Três dias depois ele foi levado à sede da Gestapo, na *École de Santé*, onde novamente foi espancado; quebram-lhe um dedo, arruinam-lhe as costelas, submetem-no a mais um banho de gelo. À noite, foi levado de volta à Montluc em coma, sem ter dito uma palavra. Ficou três dias na cela sem recobrar a consciência. Os alemães o levam então à enfermaria, pois ele desenvolveu uma dupla bronco-pneumonia.

<sup>759</sup> Do original: “Sa qualité de juif ne lui laissait guère de choix. Aurait-il pu mener, du reste, une vie normale dans Paris occupé par les Allemands?”. Ref. AB/XIX/5028, partie 3, pièce 276, p. 24.

<sup>760</sup> Jean-Pierre Azéma. *Jean Moulin: le politique, le rebelle, le résistant*. Paris: Éditions, Perrin, 2006.

<sup>761</sup> Do original: “En 1943, débarassée du souci de ses fils aînés qui passent en Espagne, sur sa demande, il est mis en rapport par l’intermédiaire du Docteur Waitz, avec les responsables nationaux du mouvement “Franc-Tireur”. A 57 ans, souffrant de rhumatisme, il habite, à Lyon, dans une petite rue grimpante, une chambre sans confort, on pourrait dire une cellule: une table, un lit, une chaise, et un poêle, où, chaque soir, après une journée de rendez-vous et de voyages dans la région, il brûle des papiers compromettants”. Ref. AB/XIX/5028, partie 3, pièce 276, p. 28-29.



Após três semanas sem receber nenhum cuidado, a despeito da fome, por um milagre de energia e vitalidade, Marc Bloch foi reintegrado em sua cela, totalmente curado.<sup>762</sup>

Como poderia Étienne saber com tantos detalhes dos sofridos caminhos percorridos por Bloch naquele mapa da tortura estabelecido pela Gestapo em Lyon? Assim como Lucien Febvre e outros que relataram esses momentos, alegava que companheiros de cela trouxeram o relato. Mas, para além da busca por atestar a veracidade das informações, interessa compreender a forma como elas são passadas ao leitor/ouvinte do discurso. Resoluto e movido por algo que o fez transcender os limites físicos, o senhor Bloch não se curvou ao inimigo.

Agia, portanto, como em 1940. Mesmo sabendo que era uma batalha – esta, pela vida – perdida, ele havia ganhado a guerra pessoal: “Os alemães renunciaram à brutalidade, frente à vontade feroz desse homem que, se falasse, poderia denunciar todos os líderes da Resistência Francesa”<sup>763</sup>. Étienne transformava, assim, os porões ensanguentados como o microcosmo da luta da Resistência e elevava a importância de seu pai ao limite. Não fosse a sua entrega plena, todo o movimento iria ruir. O peso do autocontrole diante de todas as provações tornava-o protagonista de uma vitória que estava por vir.

O espírito elevado não poderia escapar naquela que seria a sua caminhada final. Sobre o dia 16 de junho de 1944, Étienne comentava dos vinte e seis homens que foram colocados no caminhão para o fuzilamento. Segundo relatos de alguns homens escolhidos para sair do veículo e que tiveram a via poupada, Bloch teria consolado um jovem de 17 anos: “eles vão nos fuzilar, não tenha medo. Não nos farão mais mal... será rápido”<sup>764</sup>. Dos que restaram dentro dele, apenas um sobreviveu à matança. Teria dito que foi com

---

<sup>762</sup> Do original: “Le 8 mars 1944 au matin, il est arrêté. “Ce sont alors les ignobles brutalités dont les Agents de la Gestapo étaient coutumiers. Il est cruellement frappé puis soumis une première fois au supplice de la baignoire. Il ne dit pas un mot et on l’envoie à Montluc, ensanglanté, affreusement meurtri, mais résolu. Trois jour après il (30) est ramené au siège de la Gestapo, à l’Ecole de Santé, de nouveau frappé; on lui casse un poignet, on lui dpefonce les côtes, on le soumet de nouveau au supplice du bain glacé. On le ramène le soir à Montluc; dans le coma, mais n’ayant pas dit un mot. Il passe trois jours dans sa cellule sans reprendre connaissance. Les Allemands le mettent alors à l’Infirmierie, car il est attant d’une double broncho-pneumonie.

Au bout de trois semaines, n’ayant reçu aucun soins, malgré la faim, par un prodige d’énergie et de vitalité, Marc bloch reintegre sa cellule, guéri.”. Ref. AB/XIX/5028, partie 3, pièce 276, p. 29-30.

<sup>763</sup> Do original: “Les Allemandes rennoncent à la brutalité devant la volonté farouche de cet homme, qui s’il voulait parler pourrait dénoncer toutes les têtes de la Résistance Française”. Ref. AB/XIX/5028, partie 3, pièce 276, p. 30.

<sup>764</sup> Do original: “ils vont nous fusilles, n’aie pas peur, ils ne nous feront plus de mal... cela ira vite...”. Ref. AB/XIX/5028, partie 3, pièce 276, p. 30.

as honrarias militares (fitas da *Legión d'Honneur* e as duas *Croix de Guerre*) que Bloch se despediria da vida:

De repente, na entrada de uma vila, Saint Didier de Formans, [o caminhão] para na borda de um campo. Os homens descem. As metralhadoras crepitam. O primeiro, proferindo em palavras, tão frequentemente divididas, de todo o seu amor pela vida e por seu país, meu pai tomba: “*Vive la France*”.<sup>765</sup>

O último grito, sempre reforçado pelos guardiões da memória, dava então o tom de uma trajetória, ao menos como se gostaria que ela fosse lembrada.

Esse texto de Étienne deixa evidente como se organizava a lembrança de Marc Bloch que procurava divulgar para além do seio familiar. Preocupava-se em atestar a veracidade do que narrava a partir de dois artifícios: a apresentação constante dos testemunhos; e a inserção na fala de pequenos detalhes do cotidiano do pai. Essas lembranças íntimas servem ao fito de trazer a vivacidade da memória, conferindo-lhe uma legitimidade pretensamente inconteste. Buscava, então, ligar o seu comportamento ordinário com aquele que iria consagrá-lo como herói nacional.

Nesse sentido, o péssimo motorista que adorava dirigir<sup>766</sup>, o romântico, apaixonado pela esposa, o patriarca austero, mas sempre preocupado e atento à prole, conferiam ao mito contornos mais nobres. De alguma forma, legitimavam a ideia de que o pai era prova de que nobres ideais eram o que diferenciavam os homens comuns dos ídolos nacionais.

Étienne Bloch foi o grande curador da lembrança de Marc Bloch. Junto a Lucien Febvre (entre outros), fundou a *Association Marc Bloch* em 1947<sup>767</sup>, sociedade de “amigos dos *Annales*” que chegou a abrir uma filial em Toulouse<sup>768</sup>, e que publicava um boletim de trabalho intitulado *Cahiers Marc Bloch*, veiculado mesmo após a interrupção das atividades da associação em 1984 (o último *Cahiers* publicado foi em 1997).

Com a morte do cofundador dos *Annales* em 1956, restaria a ele a função de atuar no controle mnemônico. Lugares de memória batizados com o nome do pai (que

---

<sup>765</sup> Do original: “*Soudain, à l'entrée d'un village, Saint Didier de Formans, il s'arrête au bord d'un champ. Les hommes descendent. Les mitraillettes crépitent. Le premier, jetant dans des mots, si souvent partagés, tout son amour pour la vie et son pays, mon père tombe: 'Vive La France'*”. Ref. AB/XIX/5028, partie 3, pièce 276, p. 31.

<sup>766</sup> Étienne Bloch. *Op. cit.*, 1997, p.94.

<sup>767</sup> Informações disponíveis em [http://data.bnf.fr/11873357/association\\_marc\\_bloch\\_paris/](http://data.bnf.fr/11873357/association_marc_bloch_paris/) (acesso em 20 jan. 2016).

<sup>768</sup> Ver Lucien Febvre. “L'Association Marc Bloch à Toulouse”. In: *Annales: Économies, Sociétés, Civilisations*. 1953, vol.8, n.3, pp. 431-432. < [http://www.persee.fr/doc/ahess\\_0395-2649\\_1953\\_num\\_8\\_3\\_2201](http://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1953_num_8_3_2201)>, acesso em 20 jan. 2016).

veremos a seguir) frequentemente contavam com a sua presença no ato de inauguração. E, assim como Febvre, atuou como editor de muitas de suas obras. Através delas, tornava material o então impalpável trabalho de recordação.

Os três biógrafos de Marc Bloch que tanto habitaram as notas de rodapé desta tese – Carole Fink, Ulrich Raulff e Olivier Dumoulin – guardam nos agradecimentos o nome de Étienne, pelo apoio, disponibilização de documentos, contatos e entrevistas. Bertrand Müller, que organizou as correspondências entre os fundadores dos *Annales*, foi pelo mesmo caminho. Nos três volumes publicados pela Fayard, há um evidente desnível quantitativo entre o que se arquivou da atividade epistolar: temos muito mais cartas de Febvre a Bloch do que o contrário. Não seria esse, entre tantos outros fatores possíveis, mais uma evidência do engajamento de Étienne pela conservação da memória do pai? Não esqueçamos, também, que as cartas que recebeu em 1939-1940 também foram publicadas após a sua autorização.

Ele ainda teve o nome associado a três importantes publicações que, no imite, conformam a imagem do erudito patriota. A partir do material reunido para uma exposição em Limoges, publicou *Marc Bloch (1886-1944): une biographie impossible*<sup>769</sup>, livro com dados biográficos, recordações pessoais, fotos e documentos relativos à trajetória do historiador, prefaciado por Jacques Le Goff. Também organizou, junto à historiadora Annette Becker, a coletânea *Marc Bloch: l'Histoire, la Guerre, la Résistance*<sup>770</sup>, que reúne diversos escritos de Bloch – entre eles *Apologie pour l'histoire* e *L'étrange défaite* – bem como algumas homenagens a ele.

Por fim, Étienne publicou em 1993 a “sua” *Apologie pour l'histoire*<sup>771</sup>, agregando aquelas duas versões dos manuscritos que não entregou a Lucien Febvre<sup>772</sup> às demais para dar forma a uma nova redação. Naquela ocasião, escreveu um longo preâmbulo explicando como realizou as decisões para o texto tornar-se o mais próximo do idealizado pelo pai. Ao longo de todo o livro, expôs em notas de rodapé versões alternativas para algumas passagens tentando, desse modo, ampliar a dimensão do inacabado que percebemos na edição de Febvre. Assumindo o papel que outrora foi do companheiro da história, atrelava, assim, definitivamente os nomes de pai e filho.

---

<sup>769</sup> Étienne Bloch. *Op. cit.*, 1997.

<sup>770</sup> Annette Becker, Étienne Bloch. *Op.cit.*, 2006.

<sup>771</sup> Étienne Bloch. *Op. cit.*, 1993.

<sup>772</sup> Massimo Mastrogregori. *Op. cit.*, 1989, p. 151.

A partir desse panorama de como os dois guardiões da memória atuaram, percebemos leves nuances. Enquanto idealizadores de uma cena/imagem sobre ele, podemos dizer que ambos apostaram num enquadramento análogo ao *contra-plongée* do cinema: a câmera focaliza o personagem abaixo do nível de seus olhos, voltada para cima. Confere, dessa maneira, a noção de grandiosidade do focalizado em relação ao espectador. A diferença está em como o protagonista se posiciona em cena. Enquanto na imagem de Febvre, Bloch está com o olhar voltado para cima, perfil a 45 graus, denotando a aposta no resistente e historiador engajado, na de Étienne ele olha para baixo, diretamente para a câmera, conferindo identificação e ternura ao observador. Ao passo que mantém a aura heróica, pois o vemos “de baixo”, tem-se uma figura mais humana.

#### 4.2.1.3 Outras memórias

Houve muitas outras pessoas que lembraram de Marc Bloch entre eventos e publicações. Amigos, alunos, ou mesmo admiradores que não o conheceram pessoalmente, todos procuraram em diversas ocasiões dar a sua contribuição para a galeria de imagens sobre o indivíduo. Cada um, à sua maneira, chancelava o argumento de que Bloch foi um grande herói francês. Oriundos das mais distintas posições – profissionais, políticas e mesmo geográficas –, almejaram também expor os sentidos da contribuição do historiador para suas trajetórias. Vejamos brevemente algumas delas.

O primeiro nome que podemos destacar é o de Georges Altman, jornalista, que conheceu Bloch quando este se engajou no *Franc-Tireur*. Escreveu dois relatos<sup>773</sup> sobre a relação do grupo com o combatente caído a 16 de junho de 1944. O primeiro, naquela supracitada edição de “retomada” dos *Annales* em 1945<sup>774</sup>; o outro compôs o prefácio da edição de 1946 de *L'Étrange Défaite*<sup>775</sup>.

<sup>773</sup> Na verdade, um, que foi posteriormente reescrito com mais detalhes.

<sup>774</sup> Georges Altman. “Au temps de la clandestinité: notre ‘Narbonne’ de la Résistance.” In: *Annales d'histoire sociale*. 8<sup>e</sup> année, n.1, 1945, pp. 11-14.

<sup>775</sup> Por ser o texto mais completo, este será o privilegiado em citações e referências de notas de rodapé. Idem. “Avant-propos à l'édition originale de *L'Étrange Défaite*”. In: Annette Becker, Étienne Bloch. *Op. cit.*. Paris: Gallimard, 2006, pp. 989-995.

Altman não deixou de tecer elogios à produção acadêmica do historiador, ressaltando que cada livro que publicava constituía uma descoberta inestimável para a história e que, mesmo tomado pela raiva da derrota, o sentimento não tirou a clareza do espírito para escrever a lúcida análise que prefaciou<sup>776</sup>.

Mas foi sobre o resistente que ele dedicou mais linhas. Uma improvável combinação de “calma” e “amor ao perigo” compunha a personalidade de um dos mais caros membros da organização. Bloch o teria surpreendido desde o primeiro contato. Maurice, jovem resistente, apresentava o seu novo recruta: “um senhor de cinquenta anos, discreto, rosto fino sob os cabelos grisalhos, olhos aguçados por trás dos óculos, mala numa mão, bengala na outra”<sup>777</sup>.

Interessante observar dois aspectos desta descrição. O primeiro deles é como ele desenvolve o argumento de forma parecida com Étienne, ao contrapor a fragilidade do corpo de Bloch com a força indestrutível de seus princípios. O segundo é comum tanto nas lembranças do filho como em outros relatos, como veremos: o *olhar* de Marc Bloch. Importa destacar a profundidade desse gesto no historiador resistente porque recorrer a essa lembrança pressupõe a intimidade de quem lembra com o indivíduo lembrado no discurso.

Aquela valorização da força moral do frágil senhor fortalece ainda mais outra oposição, entre o bem (Resistência) conta o mal (nazismo):

Não podemos, não, não podemos suportar essa imagem: Marc Bloch entregue às bestas nazistas. Esse perfeito tipo da dignidade francesa, dotado de um humanismo requintado e profundo, esse espírito tornado presa das mãos mais vis... [...] Um detento o viu em um dos locais da Gestapo, com a boca sangrando [...] Lembro-me dessas palavras: “Ele sangrava”, e lágrimas de raiva fluíam nos olhos de todos nós.<sup>778</sup>

Altman buscava nos gestos de Bloch a sua grandeza. O gosto pela organização, que muitos diziam ser proveniente da atividade de historiador, era bem apropriado à vida de “vira-latas” na clandestinidade. Sempre curioso pelas coisas do mundo, fazia questão

---

<sup>776</sup> *Ibidem*, p. 989.

<sup>777</sup> Do original: “un monsieur de cinquante ans, décoré, le visage fin sous les cheveux gris argent, le regard aigu derrière ses lunettes, sa serviette d'une main, une canne de l'autre”. *Ibidem*, p. 992.

<sup>778</sup> Do original: “Nous ne pouvions pas, non, nous ne pouvions supporter cette image: Marc Bloch, livré aux bêtes nazies, ce type si parfait de dignité française, d'humanisme exquis et profond, cet esprit devenu une proie de char aux mains des plus vils... [...] Un détenu l'avait vu dans les locaux de la Gestapo, saignant de la bouche [...] Je me souviens; à ces paroles: ‘Il saignait’, les larmes de rage jaillirent de nos yeux à tous”. *Ibidem*, p. 992.

de participar de todos os trâmites do M.U.R. (*Mouvements Unis de la Résistance*) e, por isso, ficou conhecido por todos os resistentes.

Graças a essa intensa atividade, deslocou-se muito pela França de Vichy – sempre com um livro e uma bengala na mão. Altman recordou da última vez que o viu com vida: Bloch carregava nas mãos um livro de poesias de Ronsard e uma coleção de fábulas medievais<sup>779</sup>.

Além disso, sobre a descrição de Altman, interessa-nos reiterar o quanto ela desenhava o idoso, apenas para ressaltar a sua vitalidade e princípios elevados. Se o livro pode ser considerado o traço marcante de um intelectual, era, também nesse caso, a ferramenta da atividade clandestina. Em cada impresso que carregava, Bloch anotava datas e locais de reuniões dos M.U.R., a partir de um sistema de criptografia conhecido somente por ele. Era a imagem perfeita do historiador-resistente.

O jornalista reiterava ainda o amor à família e ao trabalho, descrevendo os planos que Bloch tinha de voltar a lecionar quando a vitória chegasse. E, do conhecido grito final, encontrava a marca da *unidade serena de uma vida*<sup>780</sup>. Conferia, então, a linearidade e coerência de sua trajetória em nome da França.

Charles Edmond-Perrin, que trabalhou com Bloch em Estrasburgo e na Sorbonne, registrou sua homenagem na *Revue Historique* em 1948<sup>781</sup>. Enquanto colega de profissão, dedicou a maior parte das páginas a realizar um balanço da obra bibliográfica de Bloch, destacando as inovações em cada uma delas. Comparatismo, geografia humana, mentalidades, sociologia, economia, são temas recorrentes do elogio fúnebre. Para o historiador, tratava-se de uma carreira brilhante, precocemente interrompida. Uma vez mais, percebemos a divulgação da noção de que aquela vida que terminava no fuzilamento havia sido guiada por grandes princípios: “Foi no amor pela verdade, que foi a grande paixão de sua vida, que ele adquiriu os ensinamentos morais que guiaram a sua conduta e sustentaram sua coragem até o momento do sacrifício supremo”<sup>782</sup>. Essa seria a razão pela qual as obras levantadas no artigo fossem tão importantes. Deveriam servir como ponto de partida para novos avanços científicos. Para

---

<sup>779</sup> *Ibidem*, p. 995.

<sup>780</sup> “*L’unite sereine d’une vie*”. *Ibidem*, p. 992.

<sup>781</sup> Charles Edmond-Perrin. “L’oeuvre historique de Marc Bloch”. *Revue Historique* 199, n.2, 1948, pp. 161-188.

<sup>782</sup> Do original: “*C’est dans l’amour pour la vérité, qui fut la grand passion de sa vie, qu’il a puisé les enseignements moraux qui ont guidé sa conduite et soutenu son courage jusqu’à l’heure du sacrifice suprême*”. *Ibidem*, p. 187.

Edmond-Perrin, a contribuição de Bloch após a morte, com esse legado deixado a toda uma nova geração de historiadores, seria ainda maior do que aquela deixada em vida:

Desejo somente que seus discípulos, fieis ao pensamento do mestre, abstendo-se de qualquer excesso, mantenham piedosamente o sentido de realidade e o espírito de finesse que atribuem a essa obra todo o seu valor e que a torna indispensável a toda ciência dos homens.<sup>783</sup>

É curioso, nesse caso, perceber mais uma vez como se contrapõem os olhares sobre um indivíduo em vida e após a morte. O mesmo Edmond-Perrin escreveria, em 1939, a Ferdinand Lot: “Enquanto a Idade Média for ensinada por Halphen<sup>784</sup> e Bloch e eu não estiver por lá para servir de freio a imprudência de um e insolência do outro, haverá dias de escárnio na Sorbonne”<sup>785</sup>. O rigor intelectual e a consciência do próprio valor, que marcam os elogios ao cadáver, são os mesmos que delineiam inimizades com o indivíduo vivente.

Outro nome que dedicou algumas páginas para recordar Marc Bloch nesses primeiros anos foi Fernand Braudel. “Herdeiro” dos *Annales* após a morte de Lucien Febvre, não poderia deixar de publicar recordações em datas comemorativas dos pais do empreendimento que dirigia. Escreveu textos memorialísticos sobre Bloch em ao menos três ocasiões: em 1959, lembrando dos trinta anos da fundação dos *Annales*<sup>786</sup>; na mesma edição, por ocasião da publicação de uma tradução russa para *Caractères originaux de l'Histoire rurale française*<sup>787</sup>; e outra em comemoração dos vinte anos da morte de Bloch<sup>788</sup>.

Na primeira teceu apenas breves comentários, ressaltando os resultados da parceria Bloch-Febvre em prol de uma história científica. Reclamava para a revista –

---

<sup>783</sup> Do original: “Je souhaite seulement que ses disciples, fidèles à la pensée du maître, se gardant de toute outrance, entretiennent pieusement en eux ce sens des réalités et cet esprit de finesse qui donnent à cette oeuvre toute sa valeur et qui sont d'ailleurs indispensable à toute science de l'homme”. *Ibidem*, p. 188.

<sup>784</sup> Louis Halphen, professor de Idade Média na Sorbonne, que foi retirado do cargo em decorrência do Estatuto dos Judeus.

<sup>785</sup> Carta de Charles Edmond-Perrin a Ferdinand Lot. Do original: “Quand le Moyen Âge sera enseigné par Halphen et Bloch et que je ne serai plus là pour servir de tampon entre l'imprudence de l'un et l'insolence de l'autre, il y aura des jours de rigolade dans la vieille Sorbonne”. Retirado de Olivier Dumoulin. *Op. cit.*, 2000, p. 74.

<sup>786</sup> Fernand Braudel. “Les *Annales* ont trente ans”. In: *Annales, Économies, Sociétés, Civilisations*, 14<sup>e</sup> année, n.1, 1959, pp. 1-2.

<sup>787</sup> Idem. “Marc Bloch à l'honneur”. In: *Annales, Économies, Sociétés, Civilisations*, 14<sup>e</sup> année, n.1, 1959b, pp. 91-92.

<sup>788</sup> Idem. “1944-964: Marc Bloch”. In: *Annales, Économies, Sociétés, Civilisations*. 19<sup>e</sup> anée, n.5, 1964, p. 833-834.

portanto, para si – a tarefa de continuar no esforço de levar a cabo a construção de uma linguagem que fosse universal para a disciplina<sup>789</sup>.

Naquele outro texto que compõe o número 1 dos *Annales* de 1959, deixou clara a indignação com a visão que os russos tinham de Bloch, que o chamavam – assim como a Febvre – de “historiador burguês”. Braudel procurava defender os dois, comentando que o marxismo era influente na obra de ambos e, por isso, essa qualificação não se aplicava.

A partir de então, não encaminhava mais uma discussão historiográfica. Começava a lembrar da trajetória do historiador. Primeiro, a acadêmica. Em seguida, ressaltando o patriotismo ardente, que fez com que o erudito se transformasse em soldado e, graças à sua coragem, garantisse rapidamente amor e respeito dos “camaradas” e, posteriormente, de todos os patriotas franceses<sup>790</sup>.

Mais interessante é o artigo escrito em 1964, duas décadas após a morte de Bloch. Braudel o define como um francês excepcional e heroico, além de um historiador sem igual. Era, *ao lado de Lucien Febvre*, “sem dúvida o maior historiador francês do século XX”<sup>791</sup>. Discípulo de Febvre, equiparava a produção dos dois historiadores e os alçava, *juntos*, à condição dos maiores de seu tempo. No elogio ao morto em 1944, não deixou de rememorar também aquele que considerava o seu maior mestre. Mesmo assim, a tônica de todo o texto está no esforço em dar relevo à importância do percurso historiográfico de Bloch como um dos pilares da renovação da disciplina na França. As máximas de Bloch, como “compreender, e não julgar”, a história-problema, a interdisciplinaridade, são contempladas como guias para os novos tempos da história. Para Braudel, gradualmente, a figura do historiador começava finalmente a sobrepujar as outras: “Vinte anos depois, o historiador que ele era e que continua sendo, graças ao prodigioso sucesso de seus livros, assume pouco a pouco o lugar de todos os seus outros personagens, acima do professor, e até mesmo do soldado da Resistência”<sup>792</sup>.

---

<sup>789</sup> Idem. *Op. cit.*, 1959, p. 1.

<sup>790</sup> Idem. *Op. cit.*, 1959b, p. 92.

<sup>791</sup> Do original: “*Lucien Febvre, sans doute le plus grand historien de ce siècle, le plus novateur*”. Idem. *Op. cit.*, 1964, p. 833.

<sup>792</sup> Do original: “*Vingt ans après, l'historien qu'il a été et qu'il reste, grâce au prodigieux succès de ces livres, prend peu à peu le pas sur tous ses autres personnages, sur le professeur, sur le soldat da la résistance lui-même*”. Ibidem, p. 833.



Georges I. Bratianu, um historiador romeno que teve a trajetória marcada pelo engajamento político em seu país<sup>793</sup> ressaltou em seu olhar sobre Bloch o soldado e o erudito<sup>794</sup>. Destacou o pioneirismo dos estudos econômicos medievais do historiador, que eram para ele o reflexo mais aparente de sua grande preocupação, que eram os seres humanos – e como eles são capazes de viver e de mudar suas próprias condições. Ideias e condições materiais eram preocupações constantes e complementares em sua obra que privilegiava, acima de tudo, a concepção de *liberdade*. Apostava, assim como Febvre, nessa chave interpretativa para associar o esforço intelectual com as ações políticas tomadas durante a guerra.

Para Bratianu, então, o mais importante a se ressaltar era mesmo o engajamento do soldado que, tombado diante do inimigo, mantinha vivo o seu *exemplo* universal: “ele aplica-se a toda e qualquer liberdade e justiça, contra todo imperialismo e toda tirania”<sup>795</sup>. Seu sacrifício aumentava o brilho do país que defendeu, ao encarnar o grito de um povo oprimido, além de valorizar o renome da ciência francesa como um todo<sup>796</sup>. Terminava o enaltecimento com um trabalho especulativo de fundo retórico. Sabia-se que a última vez que Bloch foi visto antes da prisão estava com um Rosnard na mão. Poderia estar lendo, entre tantos poemas do autor, “Hino à morte”, “Louvor à França”, “Conselhos para bem combater no dia da batalha” ou, e essa era a sua conjectura favorita, “Conselhos pela paz”<sup>797</sup>.

Outro nome de peso que escreveu sobre Marc Bloch: o filósofo e sociólogo Raymond Aron. Publicou em 1947 uma crítica ao testemunho *L'Étrange Défaite*<sup>798</sup>. Escrevia ali que a leitura do livro o fez remeter-se constantemente à *Réforme intellectuelle et morale de la France*, de Ernest Renan. Ambos os livros, análises de derrotas militares que consagraram a nação do outro lado do Reno como o grande rival histórico e que, por isso, muito pesaram à identidade nacional francesa. 1870 e 1940 estavam tão próximos

---

<sup>793</sup> Ex-combatente da Grande Guerra, ingressou no partido nacional liberal romeno. Protestou ao longo da Segunda Guerra pelo desengajamento do país. Com o estabelecimento de um regime comunista no país, posicionou-se como oposição e, por isso, foi preso em 1950 e morto em 1953. Annette Becker, Étienne Bloch. *Op. cit.*, 2006, p. 996-997.

<sup>794</sup> Georges I. Bratianu. “Un soldat et un savant, Marc Bloch (1886-1944)”. In: Annette Becker, Étienne Bloch. *Op. cit.*, 2006, pp. 998-1011.

<sup>795</sup> Do original: “Il vaut pour toute liberté et pour toute justice, contre tout impérialisme et toute tyrannie”. *Ibidem*, p. 1010.

<sup>796</sup> *Ibidem*, p. 1010.

<sup>797</sup> *Ibidem*, p. 1011.

<sup>798</sup> Raymond Aron. “Méditations sur la défaite”. Primeira publicação em *Critique*, n. 12, 1947, pp. 439-447. Retirado de Annette Becker, Étienne Bloch. *Op. cit.*, 2006, pp. 1013-1019.

quanto Bloch estava de Renan, já que os dois apostavam numa redenção nacional francesa após derrotas que eram, aos seus olhares, mais intelectuais do que propriamente militares. O diagnóstico comum, atribuído a tempos diferentes, apresentava otimismo na valorização do fato de que havia membros nacionais ainda embuídos da lembrança daquele espírito glorioso da Revolução. O que levava Aron, na direção contrária, a se perguntar: “Sim, mas quantos franceses, então, ainda conhecem a história da França?”<sup>799</sup>.

Destacamos também como Bloch foi visto pelos alunos, a partir da lembrança de Henri Brunschwig<sup>800</sup>. Novamente temos a construção do homem frágil, “quase careca”, “corpo atarracado”, “cabelo grisalho”, acompanhados de um “sorriso tenso, como uma máscara sobre esse rosto que trazia um olhar malicioso, divertido, às vezes inquisidor por trás dos óculos”<sup>801</sup>. Repete-se, então, o destaque para a profundidade do olhar, que, nesse caso, amedrontava os alunos, marcando a proximidade com o elogiado como comentamos anteriormente.

O aluno lembrava como a postura do professor, que mostrava o seu amplo conhecimento, conjugado com uma franqueza sem igual sobre os limites de seus estudos, os amedrontava:

Sua voz alta, seca, e seu discurso preciso, um pouco cadenciado, calculado para que o ouvinte pudesse tomar notas sem se fatigar; os episódicos “Peço desculpas... não é minha culpa...no estado atual da questão...” exprimiam o controle do espírito sobre um pensamento sempre alerta, traduzindo a preocupação de por sempre em dúvida algo tão grande como uma afirmação. Tudo, em Marc Bloch, intimidava o novato.<sup>802</sup>

Mas, ao passo que olhares profundos e franqueza intelectual limavam a segurança dos discentes, sentiam-se estimulados pelo clima de Estrasburgo. Bloch insistia para que fizessem cursos de direito, arqueologia, aprendessem alemão, o que fosse possível, para que eles ampliassem o diálogo da história e, no limite, fossem capazes reunir elementos para comparação interdisciplinar. As madames Febvre e Bloch eram

---

<sup>799</sup> Do original: “Oui, mais combien des Français, alors, comprennent encore l’histoire de la France?”. *Ibidem*, p. 1019.

<sup>800</sup> Henri Brunschwig. “Vingt ans après (1964): souvenirs sur Marc Bloch”. In: Annette Becker, Étienne Bloch. *Op. cit.*, 2006, pp. 1022- 1027.

<sup>801</sup> “[...] son sourire tendu comme un masque sur ce visage que trouaient des yeux malicieux, amusés, parfois inquisiteurs derrière les lunettes”. *Ibidem*, p. 1022.

<sup>802</sup> Do original: “Sa voix haute, sèche, qui prenait des notes sans fatigue; des incidentes ‘je m’en excuse...; je n’y suis pour rien...; em l’état actuel de la question...’ exprimaient le contrôle de l’esprit sur une pensée toujours en alerte, traduisaient le souci de faire toujours au doute une place aussi grande qu’à l’affirmation: tout, en Marc Bloch, intimidait le débutant”. *Ibidem*, p. 1022.

frequentes ouvintes das classes dos maridos, e não foram raras as vezes que, ao entrar em uma aula de filosofia ou sociologia recomendada por Bloch, ele se deparasse com o professor sentado nas cadeiras do curso, tomando notas da classe ministrada com interesse<sup>803</sup>. Nas conversas entre os alunos, ficava a questão: “o que será que esses professores pensam de nós nas reuniões de sábado?”.

Brunschwig seguia lembrando que fora convidado a contribuir com os *Annales*, algo pelo qual sentiu-se bastante honrado, como pela vez que, ao ser nomeado para um cargo de professor em liceu parisiense, foi convidado para jantar na casa dos Bloch. Daquele momento em diante, não teria mais notícias regulares do professor até a guerra. Relata que teve um encontro ocasional com Lucien Febvre em 1939, e que este o implorou para que não se alistasse: na guerra anterior a França teria perdido a sua juventude intelectual. Lisonjeado por ser considerado pelo mestre um dos “bons espíritos” da França, de fato, não vestiu o uniforme militar.

No ano seguinte, receberia uma caixa. Nela, a primeira edição de *Mélanges d'histoire sociale*. Sabia, assim, que os mestres estavam vivos e bem. Só teria novamente notícias em 1944, quando Braudel o avisara da morte do mestre:

Morto no limiar da vitória. Não sabíamos de nada. Não sabíamos que papel ele exercia na Resistência. Não sabíamos que ele havia sido fuzilado em um campo próximo a Lyon, após ser inutilmente torturado. **Não sabíamos que aquele pequeno professor, vivo, irônico, um tanto pedante, era um herói.** Quem imaginaria isso antes da guerra? [...] Experimentei um estupor, um vago sentimento de revolta, uma impressão de vazio que não compreendia bem. Foi assim que Bloch morto me disse tudo o que eu havia confusamente esperado do Bloch vivo.<sup>804</sup> (grifos meus)

Só com o desaparecimento teria compreendido em definitivo a importância do projeto dos *Annales*. E com *L'Étrange Défaite* conheceu, finalmente, o homem com quem tantas vezes esteve próximo. O peso da influência póstuma, então, sobrepujava à do indivíduo enquanto respirava.

---

<sup>803</sup> *Ibidem*, p. 1023.

<sup>804</sup> Do original: “Mort au seuil de la victoire. Nous n’en savions pas davantage. Nous ne savions pas quel rôle il avait joué dans la Résistance. Nous ne savions pas qu’on l’avait fusillé, dans un champ près de Lyon, après l’avoir vainement torturé. **Nous ne savions pas que ce petit professeur, vif, ironique, un tantinet pédant, était un héros.** [...] J’éprouvai de la stupeur, un vague sentiment de revolte, une impression de vide subit que je ne comprenais pas bien. C’est ensuite que Bloch mort me dit tout ce que j’avais confusément espéré de Bloch vivant”. *Ibidem*, p. 1025.

Em 1986, o historiador polonês Bronislaw Geremek recebeu um convite para proferir um discurso em razão de colóquio em homenagem ao centenário de nascimento de Marc Bloch. Foi impedido pelo governo nacional de viajar, por ser um membro de oposição democrática ao regime então instalado. A saída foi publicar o texto nos *Annales*<sup>805</sup>. Nele, destacou a influência da revista em toda a historiografia polonesa, cujas inovações historiográficas mais importantes tiveram nela inspiração direta. A obra pessoal de Bloch vinha no mesmo sentido, conferindo vigor aos estudos – principalmente – medievais. *Caractères originaux de l'Histoire Rurale Française, Les Rois Thaumaturges, La Société Féodale*: três livros, três direções de pesquisa (história econômica, história social, história cultural), três provas de que o autor ainda era atual para os estudos da disciplina.

E a vida de Bloch vinha para coroar a sua contribuição profissional: apresentava-se como uma mensagem sobre o lugar do historiador na cidade. Sua existência era prova de que ele compreendia a política e era capaz de observar a diferença entre os programas e as realizações, entre o almejado e o possível a ponto de, quando engajado, não se sentir constrangido por fazê-lo<sup>806</sup>. No artigo, dizia ter aprendido a lição:

Marc Bloch, que acreditava na máxima *dilexit veritatem*, pensava que a busca pela verdade deve pressupor defendê-la e servi-la durante a vida, que a história e o historiador devem estar a serviço da verdade e do justo, da liberdade e fraternidade dos homens. Não acredito ser infiel ao seu pensamento ao dizer que, ao fim, podemos morrer por Dantzig. Acredito nessa mensagem importante: ela é fundada sob a **unidade da vida e obra de um grande historiador**.<sup>807</sup>

Em Estrasburgo, comemorou-se em 1994 os cinquenta anos da libertação da cidade dos nazistas. Por isso, a Universidade organizou um evento intitulado *Marc Bloch: l'historien et la cité*, que reuniu diversos discursos em homenagem ao historiador. No primeiro dia, destacou-se sobretudo a sua ligação com a Alsácia<sup>808</sup>. Vemos, nesse sentido, Catherine Trautmann, política do partido socialista francês e prefeita de Estrasburgo<sup>809</sup>,

---

<sup>805</sup> Bronislaw Geremek. “Marc Bloch, historien et résistant”. *Annales ESC*, n.5, septembre-octobre 1986, p. 1091-1105.

<sup>806</sup> *Ibidem*, p. 1046.

<sup>807</sup> Do original: “Marc Bloch qui dilexit veritatem pensait que la poursuite de la vérité doit prédisposer à la défendre et à la servir dans la vie, que l’histoire et l’historien doivent être au service du vrai et du juste, de la liberté et de la fraternité des hommes. Je ne crois pas être infidèle à sa pensée en disant que, après tout, on peut mourir pour Dantzig. Je crois ce message important: il est fondé sur l’unité de la vie et de l’œuvre d’un grand historien”. *Ibidem*, p. 1046.

<sup>808</sup> Nos outros, debateu-se a sua trajetória nas guerras, bem como as suas contribuições historiográficas.

<sup>809</sup> Depois seria Ministra da Cultura da França.

abrir o evento com o discurso de que evocar o seu nome é evocar o judeu, o alsaciano, o universitário e o resistente. Marc Bloch era, assim, o representante maior da dinâmica tanto da Universidade de Estrasburgo quanto da cidade<sup>810</sup>.

Ela iniciava sua fala agradecendo a Étienne Bloch pela prontidão em aceitar apoiar e participar da organização do colóquio que então se inaugurava. Após citar diretamente o seu nome, agradece também aos outros membros da família Bloch que estavam presentes naquele momento<sup>811</sup>. Registrava, assim, a chancela do guardião da memória no que fosse exposto dali para frente.

Seguindo o laudatório, Albert Hamm, linguista, sublinhava mais uma vez a ligação do intelectual com a cidade. Afinal, os *Annales* eram originários de Estrasburgo. Foi de lá que houve o maior volume de contribuições em sua primeira década de existência<sup>812</sup>. E se Marc Bloch não se engajou em Estrasburgo, era porque quando lá estava não haviam se criado condições para tal<sup>813</sup>. O professor podia não seduzir pela oratória<sup>814</sup>, mas pela ação.

O economista Jean-Paul de Gaudenat reforçava a imagem de “um homem único” e coerente<sup>815</sup>, exemplar tanto para o presente da Universidade quanto para o porvir. Ressaltava, ainda, a contribuição inestimável aos estudos da economia, além de outros que por vezes nem eram percebidos – como a alegada semelhança entre a arqueologia do saber de Michel Foucault e o método regressivo do homenageado<sup>816</sup>.

No evento, foram também proferidos mais dois discursos. Um de Norbert Engel, na cerimônia de fixação de uma placa que inaugurava a Avenida Marc Bloch. E em comemoração aos cinquenta anos da retomada de Clermont-Ferrand, uma fala de Francis Rapp no Palácio da Justiça de Estrasburgo, destacando que a figura de Bloch também era homenageada em Moscou naquele mesmo dia e levantando elementos que conferiam a relevância do nome. O primeiro comentava que Bloch foi “o filho mais valoroso da Alsácia”<sup>817</sup>. Mesmo nascido em Lyon, eram evidentes as marcas alsacianas da família. O historiador era, no discurso, descrito como “a imagem acabada do estoico dos tempos

---

<sup>810</sup> Catherine Trautmann. “Hommage à Marc Bloch”. In: Pierre Deyon, Jean-Claude Richez e Léon Strauss (dir.). *Marc Bloch: l'historien et la cité*. Estrasburgo: Presses Universitaires de Strasbourg, 1997, p. 12-21.

<sup>811</sup> *Ibidem*, p. 12.

<sup>812</sup> *Ibidem*, p. 15.

<sup>813</sup> *Ibidem*, p. 21.

<sup>814</sup> Hamm cita lembranças de alguns ex-alunos de Bloch, que comentavam que suas afirmações nuançadas por hesitações desconcertavam a todos. *Ibidem*, p. 17.

<sup>815</sup> *Ibidem*, p. 24.

<sup>816</sup> *Ibidem*, p. 26.

<sup>817</sup> *Ibidem*, p. 29.

modernos”<sup>818</sup>. A rigidez dos princípios morais concentrada no indivíduo fez com que a sua morte se tornasse emblemática. No fuzilamento, foi a imagem da França que assassinaram. E finalizava: “Hoje, Estrasburgo não honra Marc Bloch. Hoje, Estrasburgo é honrada pelo seu nome. E nossa dívida é imensa, inextinguível”<sup>819</sup>.

De todas essas memórias, podemos destacar que cada uma representa um lugar de fala específico. Ao fim, elas dizem mais sobre os que homenageiam do que sobre o homenageado. Para o polonês e o romeno, envolvidos em embates políticos contra sistemas autoritários de governo, o grande legado de Bloch foi a liberdade. Ao resistente, a resistência. A Braudel, os *Annales*. Ao aluno, a apresentação da culpa – e, ao mesmo tempo, a sua exumação – pelo não-engajamento. Para os alsacianos, a Alsácia. Enfim, o nome Marc Bloch torna-se universal porque valores universais são reclamados para ele pelos que dele se lembram. Repetimos, então: em todas as falas aqui expostas, há a marca do engajamento de cada um daqueles que proferiu o discurso. Fosse esse compromisso em nome da política ou da história.

#### 4.2.1.4 O herói em espaços públicos

*Seu lugar está vazio nas salas onde toda uma geração o ouviu com respeito.  
Que o nome do grande professor Marc Bloch, o Narbonne, mártir da  
Resistência, viva eternamente nas galerias dessa Sorbonne que ele tanto  
amou. E que rapidamente, para os seus, para os seus amigos, para a França,  
honremos solenemente seu coração e o seu combate.*<sup>820</sup>

O apelo feito por Georges Altman em 1945 aparentemente ecoou. Ao longo dos anos – e com muito mais força a partir de fins da década de 1980 – o nome do herói, então, extrapolava os âmbitos familiares e historiográficos e ia ganhando a sociedade francesa (e europeia) como um todo. Nesse processo, observamos a criação de inúmeros lugares de memória que carregavam ou lembravam do nome de Marc Bloch. Neste tópico,

---

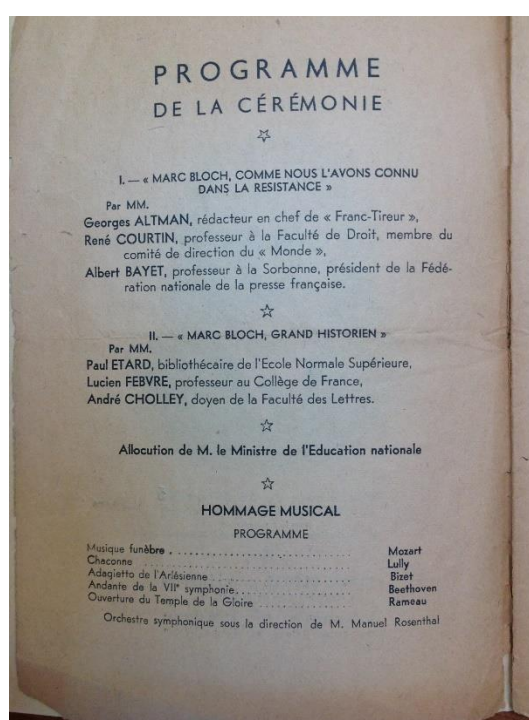
<sup>818</sup> *Ibidem*, p. 30.

<sup>819</sup> Do original: “*Strasbourg en ce jour n’honore pas Marc Bloch, Strasbourg en ce jour est honoré par Marc Bloch. Et notre dette est immense, inextinguible*”. *Ibidem*, p. 30.

<sup>820</sup> Do original: “*Sa place est vide dans ces salles où toute une génération l’écoula avec respect. Que le nom du grand professeur Marc Bloch, de Narbonne, martyr de la Résistance, vive à jamais sous les galeries de cette Sorbonne qu’il a tant aimée. Et que, vite, pour les siens, pour tous ses amis, pour la France, on honore solennellement son cœur et son combat*”. Georges Altman. *Op. cit.*, 1945, p.14.

apresentaremos alguns deles, procurando destacar a sua força, mas também os seus limites.

Naquele mesmo ano em que Altman publicava suas recordações nos *Annales*, a Sorbonne seria palco de uma cerimônia memorialística. Em 20 de junho, foi relembrado em seis intervenções – três dedicadas ao Bloch-resistente, três ao Bloch-historiador –, seguido por uma alocução do Ministro da Educação Nacional, e fechada com a apresentação da Orquestra Sinfônica, que tocaria peças clássicas relativas à morte e a glória.



Figuras 4 e 5: Primeiras páginas do encadernado da solenidade em homenagem a Marc Bloch (*Mémorial de la Shoah*, arquivo C.D.J.C., ref. 0.9688 – fotografias: arquivo pessoal)

Em 1965, outro momento emblemático. Foi organizada, pela Biblioteca de Lyon, uma exposição em homenagem aos dois grandes nomes nascidos na cidade e mortos durante a Segunda Guerra Mundial: Marc Bloch e Antoine de Saint-Exupéry. Vinte anos depois do fim da hecatombe, fazia-se necessário apresentar a uma nova geração que não viveu a guerra os seus grandes nomes. Se o fim de Exupéry, desaparecido em missão pela França Livre<sup>821</sup> de De Gaulle, estava diretamente relacionado à aura de sua obra mais

<sup>821</sup> Governo francês organizado na Inglaterra por De Gaulle após a derrota de 1940, disputava em legitimidade com aquele de Pétain em território nacional.

famosa, *Le Petit Prince*, no caso de Bloch julgava-se possível que fosse lido e admirado sem que se soubesse de sua trajetória<sup>822</sup>.

O interessante é que as duas figuras servem muito bem ao mito reconciliativo da Resistência. Um, ativo na Resistência Exterior; o outro, na Interior. Um católico; o outro, judeu. Ambos atenderam ao chamado da nação após a derrota de 1940, a despeito do descompasso entre as suas idades e as funções que iriam assumir – se a esta altura da tese sabemos que Bloch tinha mais de cinquenta anos, cabe marcar que Exupéry tinha 43 quando começou a pilotar para a França Livre e todo o esforço de pilotagem o levou a sofrer com muitas dores e fraturas. Ambos mortos pela França, também de forma a ampliar os seus mitos: enquanto o piloto desapareceu junto com o avião, quase como se o pequeno príncipe tivesse partido a conhecer novos planetas, Bloch teve o maltratado corpo encontrado, dando forma à covardia sofrida pela nação nas mãos daqueles bárbaros nazistas. Até onde se sabe, nunca se conheceram e, à exceção da cidade de nascimento, eram muito diferentes entre si. Que trajetórias complementares!

A exposição contava com objetos pessoais como fotos, rascunhos, diários, cartas, diplomas e medalhas de honra conquistadas ao longo de suas carreiras militares. Contava também com o percurso intelectual dos dois: cópias de obras, artigos e gravuras (no caso de Exupéry) publicados. Por fim, pequenos textos com lembranças sobre cada um (no caso de Bloch, obviamente nomes como o de Altman e Febvre estavam entre eles). O curador da exposição agradece, então, pela gentileza em ceder o acervo, à Simone e Marie de Saint-Exupéry, irmãs de Antoine, e a Étienne Bloch, no caso do historiador<sup>823</sup>.

Não podemos esquecer do lugar das publicações eruditas. As diversas reedições de seus livros e coletâneas de artigos, representadas pelo número cada vez maior de tiragens de *Apologie*<sup>824</sup>, e do grande sucesso garantido pela edição de bolso de 1990 de *L'Étrange Défaite*<sup>825</sup> são também, como já dissemos, esforços de memória, no limite. Novos prefácios, novas resenhas aparecem para estimular a continuidade do debate sobre a obra do autor. Houve, ainda, as três biografias, escritas por Carole Fink (1989), Ulrich Raulff (1995) e Olivier Dumoulin (2000). Além disso, aqueles livros organizados por Étienne Bloch, que já citamos em tópico específico, dão conta do mesmo trabalho

---

<sup>822</sup> Quem escreveu essas ideias foi o curador da exposição, o historiador Henri-Jean Martin.

<sup>823</sup> Arquivo da *Bibliothèque de Documentations Internationale Contemporaine*, ref. 0983979X, pièce 7778.

<sup>824</sup> Descritos no tópico “Lucien Febvre” deste capítulo.

<sup>825</sup> Ver capítulo 3.



mnemônico. Assim também foi com a publicação de suas correspondências com Henri Berr, relativas ao processo de escrita e publicação de *La société féodale*, e com os três volumes que reúnem as cartas trocadas com Lucien Febvre.

É notável que o volume de novas publicações (aquelas que iam além das reedições das suas obras) cresceu exponencialmente principalmente ao longo da década de 1990. Seu nome, sempre presente, pareceu “explodir” naquele momento na França. E fora dela. Historiadores que haviam garantido bastante renome da década anterior, como Natalie-Zemon Davies e Carlo Ginzburg, cujos trabalhos extrapolavam bastante as fronteiras da disciplina<sup>826</sup>, começaram a citar a dívida intelectual que tinham com Bloch<sup>827</sup>.

Depois de ser recuperado pela mídia francesa, através de menções no *Le Monde*<sup>828</sup>, no *Le Nouvel Observateur* e no *Dernières Nouvelles de l'Alsace*<sup>829</sup>, fortalecidas pela recuperação pela família Bloch dos seus arquivos moscovitas (que mencionamos no capítulo 2), consagrou-se a invasão de Bloch nos espaços públicos. Percebeu-se que era um nome a ser celebrado pelo corpo nacional.

Havia chegado o tempo dos nomes de ruas, prêmios e estabelecimentos escolares. Criou-se uma aura que era inédita a um historiador profissional. A título de exemplo: em 1993, foi criada a *Association Marc Bloch*, dirigida por François Bédarida<sup>830</sup>. Em 1994, o centro francês de investigações em ciências humanas de Berlim adotou o seu nome, além da universidade de Belfort. Em 1995, alunos oficiais de reserva da escola de Coëtquidan eram chamados de “capitão Bloch”. No mesmo ano, recebera uma promoção na *École National d'Administration*, eleição que até então só Tocqueville e Braudel (logo após a sua morte) haviam recebido. Existe um *Lycée Marc Bloch* em diversas municipalidades, como em Val-de-Reuil (batizado com o nome de Bloch em

---

<sup>826</sup> Natalie Zemon-Davies participou da elaboração do roteiro de um filme que obteve bastante sucesso, *O retorno de Martin Guerre*. A partir desse trabalho, publicou o livro homônimo, para dar conta de promover alguns “reparos históricos” da película e apresentar os limites da pesquisa historiográfica. Já Carlo Ginzburg alcançou sucesso com o seu *O queijo e os vermes*, que contava a história de um moleiro medieval e de todo o sistema de valores que construiu a partir da leitura – que lhe era bastante particular – de diversas obras. Expunha ao público, de forma bastante atrativa, o conceito de circularidades culturais, anteriormente tratada por Mikhail Bakhtin. Ver Natalie Zemon-Davies. *O Retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. E Carlo Ginzburg. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2005.

<sup>827</sup> Ver, por exemplo, a resenha de Davies para *L'Étrange Défaite*. Natalie Zemon Davies. “A modern hero”. *New York Review of books*, 26 abr. 1990, p. 27-29.

<sup>828</sup> No dia 17 de dezembro de 1993, por exemplo, saía publicado um artigo no *Le Monde* relativo ao lançamento da nova edição de *Apologie pour l'histoire*, ressaltando a trajetória do “capitão Bloch”. Em outro artigo para o mesmo jornal (18 de junho de 1995), debateria a questão da mestiçagem cultural a partir da forma como Bloch encarava o judaísmo e a nacionalidade.

<sup>829</sup> Ver Olivier Dumoulin. *Op. cit.*, 2000, p. 47.

<sup>830</sup> Que não é a mesma que fora criada em 1947 por Febvre, Étienne e outros.

1995), Bischeim (1997), Sérignan, Hœnheim, além dos *Collège Marc Bloch* em Bonnat (1999) e Cournon-d'Auvergne (2013)<sup>831</sup>.

Porém, ainda que essa retomada – que não teve precedentes – do seu nome reavive antigos mitos de união nacional, ela também traz à tona rivalidades que os colocavam em questão. Em 1994, um ano antes daquela cerimônia em Estrasburgo que homenageava o cinquentenário da libertação anteriormente citada<sup>832</sup>, tentou-se adotar o seu nome no Conselho de Administração da Universidade de Ciências Humanas de Estrasburgo. A tentativa fracassou e, na ocasião, a propaganda contrária a esse batismo foi feita através da distribuição de panfletos com conotação antisemita.

O jornal *Le Monde* acompanhou a polêmica. Em 17 de junho publicou um artigo cuja chamada era: “A Universidade de Ciências Humanas de Estrasburgo rejeita pela segunda vez o nome ‘Marc Bloch’”<sup>833</sup>. Nele, comentava-se que havia existido uma primeira tentativa de rebatismo da instituição em 1990, mas que não havia conquistado os dois terços de votos necessários para oficializar a mudança. Naquele ano, nova tentativa, mais uma vez infrutífera. Quatro dias antes do escrutínio, os votantes receberam uma carta anônima listando cinco motivos para a rejeição do nome. Alegava: que o nome de Marc Bloch não era conhecido pelo grande público e que ele era um historiador especialista, muito ligado a uma área restrita; que a campanha a seu favor estava sendo feita em função de uma “pressão exercida pelo exterior”, “fora da tradição universitária”; que o reitor e a prefeita de Estrasburgo<sup>834</sup>, favoráveis à mudança, “deviam deixar a política fora de nossas [sic] decisões”; que a expressão *L'Université Marc Bloch* “soava mal” (“Quem quer dizer *L'UMB* em alsaciano?”); e, finalmente, que batizar uma instituição instalada no Reno com um nome de indivíduo torturado e assassinado pelo ocupante alemão era “quase uma provocação” ao vizinho. Consolidada a derrota, o professor Freddy Raphaël publicaria no mesmo periódico, na emblemática data de 14 de julho, o artigo “Marc Bloch indesejável”, tratando com ironia o autor anônimo, mostrando a partir de elogios à obra e trajetória do historiador o porquê da memória sobre ele incomodar tanto alguns grupos sociais<sup>835</sup>.

---

<sup>831</sup> Quando há datas da inauguração, os dados foram coletados a partir da biografia de Dumoulin ou no próprio site da instituição. Aqueles que não estão datados foi porque não consegui maiores informações sobre a inauguração ou o batismo com o nome de Bloch.

<sup>832</sup> E que, aliás, é outro lugar de memória importante naquele contexto.

<sup>833</sup> Disponível nos *Archives de l'Institut d'Histoire du Temps Présent*, fundo DP 020 varia.

<sup>834</sup> Pierre Doyen e Catherine Trautmann, cujos discursos foram citados no tópico “Outras memórias”.

<sup>835</sup> Freddy Raphaël. “Marc Bloch l'indésirable”. *Le Monde*, 14 jul. 1994. Arquivo do *Institut d'Histoire du Temps Présent*, fundo DP 020 varia.

Por isso que, em 1995, Albert Hamm queixava-se em sua fala: “é particularmente lamentável que nossa universidade não tenha conseguido valer-se de um patrono tão exemplar”<sup>836</sup>. Frente ao insucesso, os partidários da mudança promoviam, então, aquela cerimônia na qual Marc Bloch aparecia como o nome de *toda* a Resistência e de *toda* a região alsaciana.

Mas o fato é que o nome de Bloch se sobrepôs, de maneira geral. É possível encontrá-lo em lugares bastante representativos. Em Lyon, na antiga prisão de Montluc, hoje um centro de memória, sua cela está discriminada, assim como a de Jean Moulin. No local do seu fuzilamento, há um monumento que registra os nomes dos vinte e seis fuzilados naquele dia. Em diversos museus da Resistência em todo o território<sup>837</sup>, ele está presente em fotos e dados.

Em Paris, seu testamento final – e fotos e pequenos dados biográficos – estão expostos no *Musée de la Shoah*. Sua foto também aparece no *hall* dos grandes resistentes do sul no *Musée de l'Armée* (ver Anexo 3).



Figuras 6 e 7: Referências a Marc Bloch no *Musée de la Shoah*, em Paris (Fotos: arquivo pessoal)

<sup>836</sup> Do original: “il est autant plus regrettable que notre université n'ait pas réussi à se réclamer d'un patronage aussi exemplaire”. Pierre Doyen, Jean-Claude Richez, Léon Strauss (dir.). *Op. cit.*, 1997, p. 21.

<sup>837</sup> Ver Anexos 1 (Referências a Marc Bloch no *Centre d'Histoire de la Résistance et de la Déportation*, em Lyon) e 2 (Referência a Marc Bloch no *Musée de la Résistance et de la Déportation Nationale de Champigny-sur-Marne*).



Figura 8: Referências a Marc Bloch no *Musée de la Shoah*, em Paris (Fotos: arquivo pessoal)

O apartamento onde morou, na Rue des Sèvres, foi contemplado com uma placa comemorativa:



Figura 9: A placa instalada no edifício onde Bloch viveu em Paris: “Nesse imóvel, viveu de 1936 até a Segunda Guerra Mundial MARC BLOCH (1886-1944) / historiador francês / fundador dos *Annales d'histoire économique et sociale* / resistente executado pelos nazistas / morto pela França” (foto: arquivo pessoal)

Os espaços mais representativos do país também lhe prestam homenagem. No *Panthéon*, talvez o símbolo máximo da celebração dos heróis nacionais, seu nome encontra-se na pilastra dos *morts pour la France* entre 1939-1944.



Figura 10: *Panthéon*, espaço dedicado aos mortos pela Pátria na Segunda Guerra Mundial (foto: arquivo pessoal)

E na Sorbonne recebeu dupla homenagem. Uma, nas paredes que dão acesso ao emblemático anfiteatro Richelieu (este, um lugar de memória de maio de 1968), junto a outros professores e alunos da Universidade mortos pela França. A outra o particulariza em meio a outros tantos que ouviram o chamado da nação. Seu nome batiza uma sala do departamento de história da instituição.





Figuras 11 e 12: Placa da Sorbonne em homenagem aos mortos pela França na Segunda Guerra Mundial (fotos: arquivo pessoal)



Figuras 13 e 14: A sala Marc Bloch, na Sorbonne (fotos: arquivo pessoal)

Em 1998, foi inaugurado no XX<sup>e</sup> arrondissement de Paris a Place Marc Bloch, em cerimônia que contou com Étienne Bloch como orador<sup>838</sup>. Na praça, encontra-se

<sup>838</sup> Françoise Berger. “Un professeur si discret: Marc Bloch, de la Société Feodale à la Résistance”. Disponível em <http://francoise.berger1.free.fr/>, acesso em 10 dez. 2015.

também o *Atelier Beaux-Arts – Centre Marc Bloch*, financiado pela prefeitura de Paris, que fornece cursos de desenho e pintura.



Figuras 15 e 16: Place Marc Bloch, em Paris (fotos: arquivo pessoal)

No século XXI, essa intensa exploração do nome de Bloch perde um pouco de sua força, mas sem cessar. *L'Étrange Défaite* vira peça de teatro em 2001, exibida no *Théâtre Averse*, no complexo de dois museus interligados, dedicados à memória da retomada da França na Segunda Guerra Mundial, *Le Mémorial du Marechal Leclerc de Hauteclerc et de la Libération de Paris – Musée Jean Moulin*.

A escolha do livro para a montagem foi de ordem financeira. Jean Quercy, que esteve à frente da produção do espetáculo, comenta que em 1999, com o apoio do museu, realizou a montagem de *Le Refus*, baseado em relato autobiográfico de Jean Moulin sobre o seu primeiro ato de resistência em 1940. Por conta da pequena estrutura do teatro e do alto custo relativo para a montagem<sup>839</sup>, o projeto não pôde contar com uma segunda temporada, a despeito de seu sucesso de público e crítica.

Marc Bloch surgia então como um substituto. Seu relato podia ser representado a partir de um monólogo e seria, assim, mais adequado às condições estruturais e financeiras do espaço. Para o diretor, a opção pareceu óbvia. Se o museu Moulin-Leclerc celebrava indivíduos dotados de extrema coragem, mais raros eram aqueles que conciliavam o “duplo título de homem de ação e homem de cultura”<sup>840</sup>. O desafio, então, era tornar o texto, concebido para ser lido, executável em cena. Entre os colaboradores da adaptação, estava Étienne Bloch.

<sup>839</sup> Quercy comentava ser necessário contratar oito atores franceses e “africanos” Arquivo da *Bibliothèque de Documentations Internationale Contemporaine*, ref. 0983979X, pièce 7779.

<sup>840</sup> Arquivo da *Bibliothèque de Documentations Internationale Contemporaine*, ref. 0983979X, pièce 7779, p. 4.

A peça, com uma hora de duração, obteve relativo sucesso. Foi renovada pelo menos até a terceira temporada<sup>841</sup>, e foi vista e elogiada por nomes relevantes para o contexto da guerra e da Resistência, como o de François Jacob<sup>842</sup>, o casal Aubrac<sup>843</sup>, bem como o de estudiosos como o historiador Jean-Jackes Becker e Arlette Farge<sup>844</sup>. A peça foi bastante elogiada na mídia também.

E em novembro de 2012, a Universidade de Estrasburgo reforçaria mais uma vez o elo com o historiador. Promoveram um evento em comemoração à rafle de 25 de novembro de 1943, quando a Gestapo prendeu e deportou centenas de estudantes judeus da Universidade de Clermont-Ferrand (que, lembremos, foi para onde depois da derrota de 1940 a Universidade de Estrasburgo foi movida administrativamente por algum tempo). Entre tantos mortos e resistentes que à época estavam situados na instituição, optou-se pelo nome de quem atuava em outra frente para ser o símbolo de todos. No evento, inaugurava-se *L'Aula Marc Bloch*<sup>845</sup>.

Esse levantamento deixa bem claro que, para uma política de memória bastante ativa na busca por símbolos nacionais, a figura de Marc Bloch foi ganhando importância gradualmente, garantindo mesmo um momento de forte entusiasmo na década de 1990. Naquele momento, ele sobrepunha os limites da disciplina e tornou-se “peça de museu”, no sentido de ser julgado digno de menção sempre que se refere ao que de mais elevado se pode lembrar daqueles tempos sombrios de guerra.

#### 4.3 Marc Bloch e Vichy

No entanto, também percebemos que elencar o seu nome reanima debates que não terminaram com a guerra. É por isso que afirmamos, com segurança, que a aura adquirida pelo nome “Marc Bloch” é reflexo de um debate amplo e intenso na França,

---

<sup>841</sup> No arquivo do BDIC observamos panfletos de propaganda para a temporada 2003/2004.

<sup>842</sup> Ganhador do nobel de física ou medicina em 1965, que na guerra alistou-se para a França livre, tendo sido gravemente ferido no desembarque da Normandia (o “Dia D”).

<sup>843</sup> Lucie e Raymond Aubrac, dois dos nomes mais célebres da Resistência interior, atuantes sobretudo no sul do país.

<sup>844</sup> No mesmo arquivo do BDIC, encontramos cópias de cartas escritas por essas personalidades ao diretor da peça, bem como recortes de críticas positivas escritas no *Le Figaro*, *Figaroscope*, *Historia* e *Historiens et Géographes*.

<sup>845</sup> O dossiê do evento pode ser encontrado no site da Universidade de Estrasburgo. Disponível em: <www.unistra.fr>, acessado em 12 nov. 2015.



ligado diretamente à memória – e ao silenciamento – de traumas de guerra. Buscaremos, a partir disso, compreender porque se tornou tão necessário lembrar do historiador resistente de forma tão enfática.

#### 4.3.1 *Les Parisiens sous l'Occupation*: o tabu em evidência

Para realizar tal esforço, comentaremos outro episódio sintomático. Na primavera de 2008, uma exposição fotográfica causou enorme polêmica na imprensa francesa e entre políticos parisienses. Nela, os espectadores entravam em contato com uma Paris colorida, ensolarada. Os habitantes da cidade andavam de bicicleta, tomavam sorvete, compravam ingressos para sessões de cinema, passeavam com seus filhos nas praças... enfim, viviam.

Esse foi justamente o motivo do escândalo. Dentre duzentas e setenta fotos, em apenas duas apareciam indivíduos que passeavam com uma estrela dourada costurada na roupa. Talvez só nelas se confirmassem as expectativas de muitos visitantes que entrassem na exposição atraídos pelo seu título chamativo: “*Les Parisiens sous l'Occupation*”.

Onde estariam os tanques e soldados alemães? Por que tanta alegria? E o medo do inimigo? E o rancor pela Ocupação? Um espectador desatento às notícias daqueles meses poderia se fazer essas perguntas ao fim da visita à Biblioteca Histórica da Cidade de Paris. Talvez, inclusive, se revoltasse ao ver, em algumas fotos, alemães e franceses interagindo sem qualquer tensão aparente – como as que mostram soldados alemães negociando com vendedores franceses diversos produtos no mercado de pulgas.

A polêmica começou pelo próprio nome da exposição. Após algumas críticas – inclusive do historiador Jean-Pierre Azéma, que acabou sendo encarregado de escrever o prefácio do livreto de orientação para a exposição, bem como alguns cartazes que seriam colocados ao lado de algumas fotos – “*Les Parisiens sous l'Occupation*” (Os Parisienses sob a Ocupação) tornou-se “*Des Parisiens sous l'Occupation*” (Parisienses sob a Ocupação)<sup>846</sup>. Era importante marcar que não eram “os” parisienses, mas “alguns”

---

<sup>846</sup> Sobre a polêmica, ver os sites: <[www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2704200804.htm](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2704200804.htm)>, <[www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/04/080424\\_parisocupadaexpodf.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/04/080424_parisocupadaexpodf.shtml)>, <[www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/as\\_fotos\\_polemicas\\_de\\_paris\\_ocupada](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/as_fotos_polemicas_de_paris_ocupada)>, <[www.rue89.com/2008/04/18/lexposition-dandre-zucca-perpetue-la-propagande-nazie](http://www.rue89.com/2008/04/18/lexposition-dandre-zucca-perpetue-la-propagande-nazie)> e

parisienses que experimentavam aqueles dias aprazíveis em meio à Segunda Guerra Mundial.

As matérias dos jornais refletiam o constrangimento. O *Le Monde* de 14 de março daquele ano começava a reportagem mencionando: “É uma Paris estranha”. E continuava: “como acreditar que, em 1941, a capital ocupada de um país derrotado pudesse ter aquele ar de férias?”<sup>847</sup>. A solução para esse dilema moral aparecia logo nos parágrafos seguintes. André Zucca, o fotógrafo responsável por essa visão da cidade naqueles tempos sombrios, era colaboracionista. Trabalhava para o jornal colaboracionista *Signal*<sup>848</sup>. O argumento aparecia como a salvação; limpava a consciência dos franceses.

A exposição causou um dilema também entre políticos parisienses. Chegou-se a discutir o fim da mostra. Por fim, ficou decidido que elas continuariam a ser exibidas ao longo do prazo estabelecido pela curadoria da Biblioteca. No entanto, essa exibição não seria mais promovida: os cartazes de propaganda espalhados pela cidade foram retirados. Além disso, foi acordado que seriam criadas, concomitantemente ao evento, mesas de debates entre alguns historiadores sobre o período da guerra. Por fim, a exposição conteria textos explicativos, escritos – como já dissemos – por Jean Pierre Azéma<sup>849</sup>, a fim de marcar a posição colaboracionista do fotógrafo<sup>850</sup>.

Toda a polêmica em torno de *Les Parisiens sous l'Occupation* é um claro reflexo de uma “neurose social” francesa. Um tabu que parece estar longe de ser superado. Mesmo após mais de seis décadas do ocorrido, percebe-se que nesses meses de 2008 foi exposta uma ferida que ainda causa constrangimento. É certo que as imagens foram montadas a fins de propaganda em nome de Vichy e da Alemanha nazista, como ressaltaram as matérias. Mas a reação contrária a essa exposição, a forte necessidade de

---

<[www.lemonde.fr/le-monde-2/article/2008/03/14/andrezucca\\_1022802\\_1004868.html](http://www.lemonde.fr/le-monde-2/article/2008/03/14/andrezucca_1022802_1004868.html)>, todos acessados em 13 abr. 2014.

<sup>847</sup> Do original: *Comment croire qu'en 1941, la capitale occupée d'un pays vaincu pouvait avoir un tel air de vacances?*. Disponível em: <[www.lemonde.fr/le-monde-2/article/2008/03/14/andrezucca\\_1022802\\_1004868.html](http://www.lemonde.fr/le-monde-2/article/2008/03/14/andrezucca_1022802_1004868.html)>, acessado em 28 abr. 2014.

<sup>848</sup> Periódico bimestral que circulava por todos os países ocupados pela Alemanha. Após a guerra, Zucca foi julgado pelo colaboracionismo, mas conseguiu escapar da condenação à morte.

<sup>849</sup> Vale lembrar que Azéma é um historiador cujos estudos giram em torno da Segunda Guerra Mundial, especialmente sobre a questão de Vichy e da Resistência. Além disso, é engajado nos debates contemporâneos que envolvem a história. Ele é um dos signatários da petição *Liberté pour l'histoire*, presidida por Pierre Nora, que defende a liberdade dos historiadores frente às chamadas “leis memoriais”, que poderiam tornar intelectuais passíveis de processos judiciais em função de textos revisionistas sobre temas-tabus. Retomaremos essa questão mais tarde.

<sup>850</sup> Disponível em: <[www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/as\\_fotos\\_polemicas\\_de\\_paris\\_ocupada](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/as_fotos_polemicas_de_paris_ocupada)>, acessado em 28 abr. 2014.

marcar que ela não representava a França é um sintoma igualmente revelador e que deve ser analisado.

Afinal, torna-se cada vez mais difícil negar que diferentes grupos sociais e indivíduos reagiram de maneiras distintas à derrota. A realidade social de 1940-1944 foi muito complexa, extremamente mais dinâmica do que a sempre lembrada polaridade entre colaboracionistas *versus* resistentes. Havia uma infinidade de comportamentos que, se defrontados com esse padrão explicativo, não se enquadrariam bem em nenhum dos casos. É como nos diz Alan Riding:

[...] a vida durante a ocupação não era uma fotografia estática, mas um drama em constante desenvolvimento, um cenário fervilhante em que lealdade e traição, comida e fome, amor e morte podiam coexistir, e onde mesmo as fronteiras que separavam bons e maus, resistentes e colaboracionistas, pareciam mudar de lugar com o desenrolar dos acontecimentos.<sup>851</sup>

Para dar sustentação ao seu argumento, Riding debruça-se sobre a vida parisiense durante a Ocupação. A cidade viveu, naquele momento, um período de forte ebulição cultural. Apesar de algumas figuras importantes terem-na deixado após a derrota, nota-se que pintores, escritores e artistas viviam – e boa parte deles, muito bem – e transitavam em teatros, cafés e cabarés pela capital. O autor relata que, em 1941, muitos pareciam, inclusive, ter se “acomodado” à Ocupação<sup>852</sup>.

De fato, havia trabalho para os artistas – exceto os judeus. Os pintores famosos vendiam bem os seus quadros<sup>853</sup>. A vida noturna, que continuava graças não apenas aos parisienses que não abandonaram suas casas, mas de todo o grupo de alemães que buscava diversão em seus períodos de descanso, era a garantia de emprego daqueles que faziam parte do cenário cultural da cidade.

Fica claro, então, que as escolhas e os dilemas dos indivíduos que viviam aquela situação eram muito variadas; não existiam somente duas atitudes possíveis – colaborar ou resistir. Mesmo aqueles que eram colaboradores ou resistentes podiam transitar pela camada que Pierre Laborie – tomando emprestada uma noção de Primo Levi – chama de “zona cinzenta”: os espaços nos quais, na medida do possível, muitas pessoas buscaram

---

<sup>851</sup> Alan Riding. *Paris, a festa continuou: a vida cultural durante a ocupação nazista, 1940-4*. São Paulo: Cia. das Letras, 2012, p. 12.

<sup>852</sup> *Ibidem*, p. 115.

<sup>853</sup> Há no livro de Riding relatos de “mecenas” dos pintores que tiraram proveito da situação econômica da França para comprar quadros a preços irrisórios. Ainda assim, para muitos do mundo das artes foi um período profícuo.

simplesmente dar seguimento às suas vidas, à parte das demandas por um posicionamento político claro pró ou contra Vichy, pró ou contra a Resistência<sup>854</sup>.

Um exemplo de que “resistentes” e “colaboradores” não são um núcleo duro é o do relacionamento entre os escritores Ramon Fernandez e Marguerite Duras, que residiam no mesmo prédio. Ele, que promovia reuniões fascistas em sua casa regularmente, nunca relatou aos seus pares o que ocorria no apartamento dela, logo abaixo do seu: encontros da Resistência. Ambos chegaram, inclusive, a dividir os serviços de uma faxineira durante algum tempo<sup>855</sup>. Ora, Fernandez seria, então, um colaboracionista-resistente, por acobertar os encontros dos resistentes? E Duras, uma resistente-colaboracionista, por tomar uma atitude inversamente proporcional? São experiências como esta que mostram como urge a adoção dessas novas abordagens que vêm sendo adotadas por muitos historiadores que estudam os anos de 1940-1944 na França. Faz-se necessário relativizar cada vez mais a memória hegemônica da Resistência que se construiu posteriormente, bem como analisar com cuidado no que ela consistiu, de fato.

#### 4.4 O dever de memória na França

Ao observarmos o caso da construção da memória da Resistência Francesa, percebemos claramente os problemas enfrentados pelos historiadores nessa dinâmica entre memória e história, bem como em relação à tríade lembrança, esquecimento e silêncio. A polêmica exposição de Zucca, como já dissemos, é um reflexo de que, apesar de existirem há décadas trabalhos de história que buscam analisar a dinâmica dos anos 1940-1944 a partir de sua complexidade, tais esforços ainda permanecem sendo defrontados com a questão da memória coletiva que parece engajada em continuar silenciando essas questões<sup>856</sup>, reduzindo-as a uma situação política puramente bipolar: ou se resistia ou se colaborava.

Podemos dizer que a França, assim como outros países europeus, passou pelo que Hans Ulrich Gumbrecht classificou como o “clima de latência” do pós-guerra. O nível de destruições promovido ao longo do conflito mundial parecia irreversível de tal forma

---

<sup>854</sup> Pierre Laborie: “*L’idée de Résistance, entre définition et sens: retour sur um questionnement*”. In: \_\_\_\_\_. *Les Français des années troubles – de la guerre d’Espagne à la Libération*. Paris, Seuil, 2003.

<sup>855</sup> Alan Riding. *Op. cit.*, 2012, p. 266.

<sup>856</sup> É claro que com menor força do que no período que vai até a década de 1970.

que, durante algum tempo, pareceu “paralisar” a ação humana. Muitas pessoas viviam em meio aos escombros como se eles não existissem. Se havia necessidade de seguir em frente, mover a vida, por outro lado, não se conseguia lidar com os horrores vivenciados no conflito. Era uma falsa sensação de superação. Mas o problema do latente é que em algum momento ele se manifesta. As ruínas não desaparecem sozinhas; os homens, necessariamente, devem removê-las para reconstruir as cidades. Lembrar a guerra seria um esforço doloroso, porém, extremamente necessário.

O reflexo dessa latência na França foi o enquadramento da memória do país na guerra. Certos eventos foram tão traumáticos para a sociedade francesa que acabaram recalçados durante muito tempo. Criou-se, principalmente em função da ascensão de De Gaulle no cenário político pós-guerra, um mito em relação à experiência francesa no conflito que, por mais que tenha sido contestado desde o início, permaneceu inabalável durante muito tempo.

Tal mito dizia respeito àqueles que pareciam ter levado até as últimas consequências os ensinamentos que eram comemorados no dia 14 de julho. Esses, os resistentes, passaram a representar, na memória coletiva enquadrada, não apenas uma parcela da sociedade, mas o *todo nacional*. A culpa pela *Shoah* teria sido toda dos alemães; os franceses não pactuariam com tamanha barbárie<sup>857</sup>. O mito “limpava a consciência” dos franceses. Durante cerca de trinta anos, permaneceu oficial essa lembrança comemorativa, que esquecia deliberadamente de Vichy<sup>858</sup> e de todos os meandros do cotidiano de um país dividido e ocupado.

Esse parecia ser o *dever de memória* por parte do Estado francês desde o período gaullista. Essa expressão, aliás, é um elemento-chave na compreensão de como se sustentou o mito da Resistência ao longo dos anos. Cunhada ao longo dos anos 1990 liga-se à noção de que Estado e sociedade civil possuem obrigações a cumprir em relação a certas comunidades protagonistas de uma memória de opressão e sofrimento. A noção teria origem na consolidação, a partir da década de 1970, de um discurso memorial ligado aos franceses que sofreram com a *Shoah*. Se é certo que os horrores dos campos de concentração foram conhecidos desde a década de 1940, somente passados trinta anos a

---

<sup>857</sup> Henry Rousso. *Le syndrome de Vichy: 1944 à nos jours*. Paris: Seuil, 1990, pp. 17-18.

<sup>858</sup> Pierre Laborie. “Memória e Opinião”. In: Cecília Azevedo; Denise Rollemberg Cruz; Paulo Knauss; Maia Fernanda Bicalho; Samantha Viz Quadrat (orgs.). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p. 91.

memória do genocídio judeu ganhou visibilidade. Passou-se de um período em que se tinha o direito ao esquecimento para outro, no qual reinava o dever de memória<sup>859</sup>.

A nova geração de judeus franceses passava por um processo de “rejudaização”<sup>860</sup>, no qual era fundamental promover a revisão da lembrança sobre o genocídio. As vítimas precisavam ser nomeadas. A justiça devia ser feita. A negação do evento, execrada. O papel do governo colaboracionista de Vichy para a concretização dos horrores da guerra, finalmente ressaltado. Naquele momento, a memória transforma-se em algo inestimável, a ponto de tornar-se uma obsessão entre esses grupos de portadores das vozes das vítimas. Esquecer era inaceitável a partir de então. E lembrar era um esforço controlado. Por isso, aumentou o conflito entre grupos de vítimas e historiadores, que pareciam insistir em contar histórias que não davam suporte a seus esforços de preservação da verdade de quem “esteve lá”.

Nessa supervalorização da memória, a figura dos historiadores passou por importantes transformações. Eles começaram a ser chamados para participar de processos contra colaboracionistas e criminosos de guerra nazistas. O seu aval “científico” começou a parecer elemento de grande importância para a acusação ou absolvição dessas pessoas. O processo Papon<sup>861</sup>, o mais emblemático nesse sentido, iniciou os debates sobre a validade dessa função do historiador no aparelho judiciário. Alguns responderam ao chamado para depor. Outros, como Henry Rousso, preferiram recusar o papel que lhes foi oferecido, e foram duramente criticados por isso<sup>862</sup>. O papel do intelectual, então, era ou não o de participar de debates públicos? Até onde a acusação de uma pessoa faria parte de tais debates?

A discussão foi intensa, especialmente após o Estado francês, no processo de gestão de passados sensíveis, ter criado as chamadas “leis memoriais”. Em 2001 (29 de

---

<sup>859</sup> Pollack, por exemplo, defende que o longo silêncio dos sobreviventes da *Shoah* deveu-se a uma tentativa dos egressos dos campos de reintegrar-se socialmente. Eles não podiam, naquele momento, provocar o sentimento de culpa daqueles que assistiram passivos ao transporte deles para os campos. Há também aqueles não-judeus que se silenciaram porque sua ida ao campo era devido a uma situação identitária que permanecia, após a guerra, sendo condenável socialmente: é o caso das prostitutas. Ver Michel Pollack. Op.cit., 1989.

<sup>860</sup> Luciana Heymann. “O ‘*devoir de mémoire*’ na França contemporânea: entre a memória, história, legislação e direitos”. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006, 27 f.

<sup>861</sup> O processo de Maurice Papon foi o mais longo da história da França. Apesar de ter atuado no governo de Vichy, foi membro importante no de De Gaulle após a guerra. Participou do comando da polícia da prefeitura de Paris. No processo, foi apontado como peça atuante da *Shoah* e responsável por alguns crimes ao longo da Guerra da Argélia.

<sup>862</sup> A crítica se abateu sobre Rousso porque ele se recusou a participar da acusação a Papon, porém fez parte de uma mesa redonda na qual o papel dos então intocáveis resistentes, Lucie e Raymond Aubrac, foi debatido. Aos olhos dos “guardiões da memória” da Resistência, Rousso, com isso, tomou posição, uma vez que deixou de acusar um colaboracionista e ousou relativizar o papel de resistentes.

janeiro) foi criada a lei na qual a França reconhecia publicamente o genocídio armênio de 1915; em 21 de maio, o país reconheceu através de outra lei o tráfico de escravos e a escravidão como crimes contra a humanidade; e, finalmente, em 2005, a lei que procurava garantir o reconhecimento aos repatriados após as guerras de independência e, indo mais além, determinava que os programas escolares deveriam reconhecer a positividade da presença francesa em suas colônias além-mar, em especial no norte da África. Esta última teve reação imediata. Obviamente, as ex-colônias e comunidades residentes na França originárias delas pressionaram pelo fim da lei. Alguns historiadores entraram no debate ao lado desses grupos e o artigo referente aos programas escolares foi suprimido<sup>863</sup>.

Essas leis geraram reações antagônicas dos historiadores, refletidas na criação de dois grupos distintos. A *Liberdade para a História*, petição assinada por dezenove historiadores franceses<sup>864</sup>, alegava que a história, apesar de contar com a memória, não pode ser confundida com ela e pedia a anulação das três leis, alegando que elas restringiam a liberdade da pesquisa histórica<sup>865</sup>. O passado, para esse grupo, não pode ser judicializado.

Do outro lado, criou-se o *Comitê de vigilância face aos usos públicos da história*, sob o comando de Gerard Noiriel. O grupo era favorável à revogação da lei de 2005, mas defendia as outras duas, por acreditar que a denúncia dos crimes do passado era garantia do avanço das lutas das populações em questão. Percebe-se, aqui, uma postura intimamente ligada ao dever de memória. Esse grupo proferiu diversas críticas à *Liberdade para a História*, reacendendo o velho debate sobre o papel do intelectual, uma vez que denunciaram o enclausuramento do grupo em “torres de marfim” e a tentativa de monopolizar o passado. A discussão tinha como pano de fundo a questão do historiador, em seu exercício, ter ou não contas a prestar com as vítimas e seus descendentes.

Tal panorama aqui exposto, no qual se passou do silêncio ao grito incessante das comunidades de vítimas da *Shoah* na França, claramente influenciou os debates historiográficos sobre o tema desde o fim da guerra. Apesar do inegável avanço do conhecimento histórico sobre a França ao longo do conflito, ainda parece imperar a noção

---

<sup>863</sup> Luciana Heymann. *Op.cit.*, 2006, p. 18.

<sup>864</sup> Jean-Pierre Azéma, Elisabeth Badinter, Jean-Jacques Becker, Françoise Chandernagor, Alain Decaux, Marc Ferro, Jacques Julliard, Jean Leclant, Pierre Milza, Pierre Nora, Mona Ozouf, Jean-Claude Perrot, Antoine Prost, René Rémond, Maurice Vaïsse, Jean-Pierre Vernant, Paul Veyne, Michel Winock e Pierre Vidal-Naquet.

<sup>865</sup> Outro motivo da criação do grupo foi o protesto em relação ao processo sofrido pelo historiador Pétrel-Grenouilleau, que estava sendo processado em razão da publicação de um livro no qual afirmava que a escravidão não tinha caráter genocidário, já que não era interessante para o traficante que o escravo, enquanto mercadoria, fosse exterminado.

de que os historiadores são, ou representantes dos heróis, ou dos vilões daquele período. Henry Rousso denunciou os grilhões dessa visão, ao dizer que “o esquecimento total e a lembrança constante são parte de uma mesma peça mortuária que nos impede de viver e pensar”. Superar esse quadro é o desafio e há um claro movimento nesse sentido.

Porque depois dos estudos sobre Vichy de Robert Paxton<sup>866</sup>, iniciou-se o esforço para superar a visão de uma França única ao longo da guerra. Nas últimas décadas, especialmente, o argumento ganhou força e conseguiu consolidar-se entre alguns historiadores. As evidências de que o mito da Resistência havia sido “inventado” por De Gaulle e os franceses<sup>867</sup> não podiam mais ser negadas. Ainda que os abusos de memória<sup>868</sup> permaneçam ativos, vigilantes contra esses historiadores, as ambivalências dos franceses entre 1940-1944 começam a emergir e garantir espaço no debate público. A política da “justa memória”, defendida por Paul Ricoeur<sup>869</sup>, vem gradualmente buscando afirmação na historiografia e na sociedade francesas.

Percebe-se, com clareza, que os valores de Vichy são anteriores à invasão alemã<sup>870</sup>. O problema do país pode ser analisado a partir de uma visão interna. Afinal, trinta e quatro governos entre novembro de 1918 e junho de 1940 são sintomas de uma grave crise política, que poderia muito bem desembocar na aceitação do radicalismo de direita promovido por Pétain após a derrota. Antes de 1940, a França era “uma nação em guerra consigo mesma”<sup>871</sup>.

E, ao passo que a colaboração não pôde mais ser negada – o periódico *Signal*, produzido pelos alemães com fins propagandísticos para circular nos países ocupados, vendia uma média de 700 mil exemplares por edição apenas na França –, a Resistência também começou a ser revista. A resistência cultural, tão valorizada, deve ser relativizada, uma vez que, como já dissemos, houve grande produção artística e intelectual ao longo dos anos da Ocupação. Além disso, os críticos ao regime de Vichy não tinham todo o alcance e a importância que posteriormente se atribuiu a eles. Some-se a isso a “zona cinzenta”: aqueles que circularam afastados de questões colaboracionistas ou resistentes, não podendo ser classificados como tais.

---

<sup>866</sup> Robert Paxton. *La France de Vichy (1940-1944)*. Paris, Seuil, 1997.

<sup>867</sup> Ver Denise Rollemberg Cruz. “Aos grandes homens a pátria reconhecida: os ‘justos’ no Panteão”. In: Ângela de Castro Gomes (org.). *Direitos e Cidadania: memória, política e cultura*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

<sup>868</sup> Tzvedan Todorov. *Los abusos de la memoria*. Barcelona: Paidós, 2000.

<sup>869</sup> Paul Ricoeur. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2008.

<sup>870</sup> Denise Rollemberg Cruz. *Op. cit.*, 2007, p. 54.

<sup>871</sup> Alan Riding. *Op. cit.*, 2012, p. 27.



Quanto às virtudes da Resistência, inicia-se um movimento de apresentar os seus reais impactos. Inicialmente, discutindo a ideia de que ela era um movimento unificado. Centenas de movimentos de resistência com plataformas distintas invariavelmente apresentariam planos de ação diferentes. Além disso, analisando seu alcance: quem de fato liberou o país foram os aliados; o movimento da Resistência tinha uma forte importância política – especialmente após o fim da guerra –, mas pouco impacto militar na luta contra o nazismo. Por fim, debatem-se atitudes dos resistentes que podem ser consideradas polêmicas, como o “expurgo selvagem”, momento no qual mais de 9 mil *miliciens* e colaboradores foram julgados e executados sumariamente por tribunais resistentes.

O mito vai ganhando em complexidade, no mesmo movimento em que vai perdendo sua força como exemplo de heróicidade. De Gaulle, os Aubrac, entre tantos, têm seus atos, pouco a pouco, sendo “descanonizados”. Não se trata de propagar mentiras sobre os indivíduos em questão, mas de colocar seus atos nos devidos lugares, no plano do real – no limite, o que um trabalho de história pode oferecer.

O próprio conceito de Resistência tornou-se alvo de intensos debates<sup>872</sup>, pois a depender do que se defina como resistir (seria escutar a BBC um ato de Resistência? E oferecer esconderijo aos *maquis*?) pode-se “esticar” ou restringir a quantidade de resistentes e, conseqüentemente, a consciência coletiva sobre os eventos.

Pierre Laborie escreveu sobre a possibilidade de pensarmos na ideia de um “homem-duplo” no contexto em questão<sup>873</sup>, o homem que deve aprender a viver a partir de duas visões, uma montada para parecer e durar, e outra que deve ser silenciada para preservar uma maneira de ser e agir. Talvez possamos ir mais além, e dizer que se constituíam *homens-múltiplos*, sempre contraditórios, tendo que viver sob a pressão – consciente ou não – de tomar infinitas escolhas que definirão a sua sobrevivência e a sua memória.

Lembremos mais uma vez de Marguerite Duras. Casada com um resistente comunista e ativa em ações contra o nazismo, logo resistente? Mas a aparente boa relação com o colaboracionista Fernandez? Excluiria definitivamente sua “classificação”? Ao fim e ao cabo, para os esforços da história, sua trajetória não irá mudar caso ela seja resistente

---

<sup>872</sup> Ver Denise Rollemberg. “Definir o conceito de Resistência: dilemas, reflexões, possibilidades”. In: Denise Rollemberg, Samantha Viz Quadrat. *História e Memória das ditaduras do século XX*. Rio de Janeiro: FGV, 2015, vol. 1., pp. 77-95.

<sup>873</sup> Pierre Laborie. “Les français du penser-double”. \_\_\_\_\_. *Op. cit.*, 2003.

ou não. Assim, fica evidente que o mote da questão não é apresentar uma resposta satisfatória para todos, mas mostrar, a partir da discussão sobre o que é Resistência, quão rica era a realidade naqueles anos. O que esses debates trazem é, aparentemente, aquilo que Pierre Nora almejava com seu *Lieux de Mémoire*: “[...] introduzir a dúvida no coração, a lâmina entre a árvore da memória e a casca da história”<sup>874</sup>. Isso significa desconfiar de uma herança que aprisiona, porque silencia. O culto passivo dos heróis não tem mais lugar.

Através da fragilidade dessas definições, torna-se presente o que estava ausente: Vichy não era um Estado alemão, mas francês. As tensões e conflitos ocorridos ao longo dos anos de 1940-1944 existiam antes da “estranha derrota”. Esse é o não-dito que os franceses devem enfrentar, além dos muros da historiografia.

O “passado que não passa”<sup>875</sup> permanece, é claro. A exposição fotográfica de 2008 mostra que a expressão está longe de ser inválida. Porém, fica evidente que, nesse conflito entre memória e história, existe o esforço por parte dos historiadores não de suplantar a memória – ambas podem e devem conviver no mesmo espaço de experiência –, mas de preservar a vocação histórica de buscar representar o mais fidedignamente possível a verdade sobre o passado. O historiador precisa lutar contra o esquecimento, por mais desejável que ele seja em certos casos. Como uma vez escreveu Fernando Catroga, ele deve “[...] atuar tanto quanto for possível, como pastor e lobo dos seus fantasmas e do ‘ser ausente’ que ele pretende fazer reviver”<sup>876</sup>.

Nesse contexto, a figura de Marc Bloch aparece como “apaziguadora” dos debates. Herói inequívoco, substituiu Jean Moulin no teatro por questões orçamentárias, mas também substituiu De Gaulle após seus questionáveis governos e o novo trauma da Guerra da Argélia, que mais uma vez pôs a identidade francesa em xeque. Quando as ações dos Aubrac passaram a ser questionadas, Bloch estava lá sem que se pudesse tirar o seu brilho. *Foi o suplente perfeito para atender as demandas memorialísticas advindas com a queda dos mitos.*

Isso porque ele foi, ao mesmo tempo, representante do grupo resistente e das vítimas. Apesar de ativo e fundamental para a organização da Resistência Interna, não foi com arma em mãos que atuou. Era considerado idoso à época do seu engajamento. Como

---

<sup>874</sup> Pierre Nora, *Op. cit.*, 1998, p. 10.

<sup>875</sup> Henry Rousso. *Op. cit.*, 1998.

<sup>876</sup> Fernando Catroga. *Op. cit.*, 2001, p. 65.

já dissemos, frágil, ao mesmo tempo que forte em seus princípios. Lembrando dele, pode-se esquecer um pouco da vergonha do colaboracionismo e de ter enviado tantos, como ele, a campos de concentração.

#### 4.5 Marc Bloch, Lucien Febvre e a síndrome de Vichy

É dentro desse mesmo contexto de traumas e a consequente edificação de Bloch que a figura de Lucien Febvre passa a ser demonizada por alguns. Para explicar o quadro, vamos recorrer à rusga entre os dois que deixamos de comentar no capítulo 2. Ela envolve a postura de cada um frente ao contexto da Ocupação e sua repercussão nos esforços de memória foram bastante significativas.

Concomitantemente à guerra contra o Eixo, os historiadores travaram sua contenda particular: a manutenção dos *Annales* tornou-se desafio intelectual de primeira ordem. Sentiram imediatamente as dificuldades que enfrentariam. Bloch, mobilizado, teve de confiar a Henri Berr a edição final do segundo volume de *La Société Féodale*. Em 1940, tomado pela atividade militar (mesmo que tivesse uma vida “pouco ativa” em relação às suas expectativas; como vimos, a simples presença no *front* complicava muito a dinâmica necessária para a organização de uma revista), deixou a Febvre a função de organizar, sozinho, dois volumes<sup>877</sup>. Nas correspondências, passou a ser comum o comentário de que “os *Annales* querem viver”<sup>878</sup>.

As dificuldades que encontravam eram comuns a quase todo o conjunto de revistas acadêmicas francesas. Muitas – entre elas a *Revue de Synthèse* – conheceram o seu fim naqueles anos do conflito mundial. E não era a censura o que de fato abalava o funcionamento normal dos periódicos. Até 1942, a Lista Otto<sup>879</sup> não possuía revistas como alvos. As condições materiais, abaladas em período tão difícil, prejudicavam muito mais os esforços de continuidade de diversas publicações<sup>880</sup>.

Naquele ano de 1940, após a derrota, mesmo diante dos contratempos, conseguiram publicar o terceiro volume dos *Annales*. Quem levou a cabo o esforço foi

---

<sup>877</sup> Bertrand Müller. “Introduction”. In: Marc Bloch, Lucien Febvre. *Correspondances III: Les Annales en crise* (1938-1943). Paris: Fayard, 2003, p. XV.

<sup>878</sup> Carta de Febvre a Bloch, 6 de outubro de 1940. *Ibidem*, p. 110.

<sup>879</sup> Durante a Ocupação, os alemães lançaram três documentos, conhecidos como *Liste Otto*, enumerando obras cuja comercialização seria proibida. Os *Annales*, em teoria, ficavam livres dessa restrição a partir de 1943, quando entraram em uma lista de “periódicos necessários aos estudos científicos”. *Ibidem*, p. XVIII.

<sup>880</sup> *Ibidem*, p. XVIII-XIX.

Bloch, pois no período habitava em Guèret, na zona não ocupada, mesma de Limoges, onde ficava a gráfica que imprimia a revista. Febvre estava “de mãos atadas”, na Paris Ocupada<sup>881</sup>.

No ano seguinte, aumentam os obstáculos, conforme se consolidava a administração das zonas entre as quais a França foi dividida. Aquela decisão de Bloch em pedir que as anuidades fossem pagas em sua conta pessoal foi um deles. Enquanto titular da conta para depósito, tornava a revista invariavelmente “meio-judia”. Havia ainda a questão da estrutura administrativa do periódico, que esbarrava nos limites territoriais impostos no período: a redação da revista localizava-se em uma região que respeitava leis distintas daquelas de sua zona de impressão. Criava-se, assim, um impasse jurídico. E, por fim, aquele que viria a ser o maior dos problemas: o nome de Marc Bloch na capa, naquela altura proibido de ali constar em função do Estatuto dos Judeus.

Lucien Febvre sugere três soluções: deixar a revista “adormecer” por um tempo; transferir a sede da revista para outra zona menos impeditiva ou mesmo para os Estados Unidos<sup>882</sup>; ou aceitar as condições do inimigo, e retirar o nome de Bloch da capa. “Os *Annales* precisam continuar. Este é o seu sentimento violento, assim como é o meu”<sup>883</sup>, dizia Febvre, quando sugeria que colocassem na capa que ele era o diretor “responsável”, deixando subentendido que não era o único daquela empreitada, como um modo de escapar à censura. Argumentou ser a estratégia adotada pelo *L'Année Sociologique*, frente ao mesmo entrave que envolvia o nome de Maurice Halbwachs, também judeu. Defendia ser a solução possível para que a revista continuasse a ser *francesa*, como não poderia deixar de ser. “Digo isto, correndo o risco que você me tome por ‘colaboracionista’”<sup>884</sup>.

A discordância, que naquele momento já durava algum tempo, ainda repercutiria por mais alguns meses. A “morte” dos *Annales* era frequentemente ventilada. Temerosos com o controle e a censura das cartas, por vezes debatiam o assunto do “*affaire limosine*”, que era o código da contenda pela forma da continuidade da publicação. Marc Bloch estava irredutível: os *Annales* só poderiam sair se o seu nome constasse na capa<sup>885</sup>. Para ele, suprimir sua assinatura era abdicar de um ideal; era capitular diante do inimigo<sup>886</sup>.

---

<sup>881</sup> *Ibidem*, p. XX.

<sup>882</sup> Naquele momento, Bloch ainda considerava a hipótese de se refugiar na América do Norte.

<sup>883</sup> Carta de Febvre a Bloch, dias antes de 7 de maio de 1941. Do original: “il faut que les *Annales* continuent, c’est son sentiment violent, comme c’est mon sentiment violent”. *Ibidem*, p. 142.

<sup>884</sup> Carta de Febvre a Bloch, dias antes de 7 de maio de 1941. Do original: “Je le dis, au risque de me faire convancre par vous de ‘collaborationisme’”. *Ibidem*, p. 144.

<sup>885</sup> Isso, de certa forma, mostrava o apreço de Bloch pelo projeto. Naquele mesmo ano, a Gallimard publicou *Le paysan et la terre*, sem o seu nome, apesar dele ter sido o responsável pela publicação. *Ibidem*, p. XXIV.

<sup>886</sup> Carta de Bloch a Febvre, 16 de abril de 1941. *Ibidem*, p. 134.

Por isso, se Febvre quisesse publicar algo sob essas condições, que desse outro título ao que fosse impresso.

Em meio ao impasse, Febvre consultou outros intelectuais, entre eles Henri Hauser<sup>887</sup>, intencionando mostrar a Bloch que a situação era incontornável. Ele então respondeu:

E a este propósito, como é difícil, meu amigo, compreender-nos quando estamos distantes um do outro! Você me fala de Hauser que, como diz, teve que sofrer bem mais “vexações pessoais” do que eu. Sem dúvida passei ileso por essas vexações<sup>888</sup>. Não negarei que sempre me soará agradável ter conseguido evitar esses dissabores. No entanto, o que importa? O que importa para você ou para mim? E será que as injustiças que eu sofro ou ainda poderei sofrer, você sofreria mais do que eu? Não. Existe entre a sua sorte e a minha, entre suas angústias e as minhas uma diferença (sobre isso, nada posso falar de Hauser). Certamente, ela é de dimensão. Ela não se refere à nossas pessoas ou aos nossos sentimentos. Ela reside no fato de que o futuro dos meus filhos me tortura e que o dos seus não é diferente do de todos os outros franceses. Isso posto de lado, não acredito que possa haver, na ansiedade e humilhação comuns, nada além de imperceptíveis nuances...

Pude constatar por algumas indicações [...], que as reações [das pessoas que consultamos] ao problema que nos dividiu quase sempre me favorecem. Não digo isso para demonstrar que tenho razão. O que significa, no limite, certo ou errado? Ao contrário, é você que, como observador, percebeu o mesmo desentendimento em nós daquele das duas zonas. Agora que a decisão foi tomada, não tenho outro desejo que não o do **seu** sucesso, o sucesso dos *Annales*.<sup>889</sup> (grifos meus)

Evidentemente, houve uma resposta de Febvre. Como era de costume entre eles, primeiro tratava de assuntos objetivos e notícias da família. Livres de assuntos cotidianos, partia para a tréplica:

---

<sup>887</sup> A quem Bloch substituíra na Sorbonne em 1936.

<sup>888</sup> Eles comentam do fato de Hauser ter sido impedido de dar aulas e obrigado a utilizar a estrela amarela no braço.

<sup>889</sup> Carta de Bloch a Febvre, 26 de junho de 1941. Do original: “*Et, à ce propôs, qu’il est donc difficile, mon ami, quando on est loin, de se comprendre l’un l’autre! Vouez me parlez de Hauser qui, me dites-vous, a eu à souffrir bien d’autres ‘vexations personnelles’ que moi. Sans doute en ai-je été à peu près indemne, de ces vexations. Je ne nierai pas qu’il me soit toujours agréable d’éviter ces désagréments. Et pourtant, est-ce que cela compte, cela? Est-ce que cela compterait pour vous? est-ce que cela compte pour moi? Et ne sais-je pas que les injustices dont je souffre ou dont je pourrais souffrir, vous en souffrait encore beaucoup plus que moi? Non. Il n’y a entre votre sort et le mien, entre vos angoisses et les miennes, qu’une différence (je ne sais rien, à cet égard, de Hauser). Il est vrai qu’elle est de taille. Elle ne tient pas à nos personnes, ni à nos sentiments. Elle réside en ceci que l’avenir de mes enfants me torture et que l’avenir de vôtres n’est pas plus en balance que celui de tous les autres Français. Cela mis à part, je ne pense pas qu’il puisse y avoir, dans l’inquiétude et l’humiliation communes, autre chose que d’imperceptibles nuances...*

*J’ai constaté par quelques indications, donnés en passant, que dans des milieux comme celui de Toulouse, les réactions vis-à-vis du problème qui nous a divisés auraient été, presque universellement, les miennes. que signifierait, en l’espèce, raison ou tort? Au contraire, c’est vous qui, comme observateur, voyiez juste en apercevant, dans notre dissentiment, celui des deux zones. Et maintenant que la résolution est prise, je n’ai plus qu’un souhait: votre succès, le succès des Annales”.* Ibidem, p. 151.

Aqui, abro meu parêntesis. Você me disse uma vez ou outra em sua última carta: “nada me resta a não ser desejar boa sorte aos seus *Annales*”. Meus *Annales*! Que fórmula surpreendente! Existem os *Annales*, Bloch. Nossos *Annales*. Você não pode assumir a direção comigo nesse momento: isso é um fato [...]. Depois... depois voltaremos, espero fortemente, para a solução abandonada provisoriamente sob coação e pela força. [...] Meus *Annnales*! Não. Os *Annales*, por favor. Seus, meus e de uma dúzia de bons companheiros que os fabricam junto a nós – e que os amam.<sup>890</sup>

Se antes da guerra a franqueza e rudeza entre eles era frequente nas cartas, naquele momento, em que ambos passavam por problemas familiares – doenças, indefinições, alistamentos, a morte da mãe de Bloch – os ânimos afloraram ainda mais. Depois da briga e da constatação de que não era mesmo possível seguir com a publicação, deram a martelada final para a troca do nome. *Mélanges d'Histoire Sociale* foi publicada a partir de 1942, sob a direção de Febvre, e com grande contribuição de artigos de um tal M. Fougères – pseudônimo de Bloch. A revista se mantém com muitas dificuldades materiais. Chegou a ter apenas a metade da média de páginas dos *Annales* e contava com a contribuição de pouco mais de uma dezena de pessoas. O próprio Fougères publicava menos do que Febvre (o que era inédito em comparação com a média dos *Annales*). Se o objetivo era manter a revista viva, ao menos isso eles tinham conseguido.

Marc Bloch, no final das contas, mostrava-se satisfeito com a solução: “recebi o primeiro volume dos *Mélanges d'Histoire Sociale*, que são um belo sucesso. Acredito que todos irão compreender”<sup>891</sup>. Um tempo depois, quando recebeu o segundo tomo da revista, escrevia: “Estou feliz, agora, por termos continuado. Que você siga em frente! E acredite, sem muito olhar para o passado, ao futuro”<sup>892</sup>.

Problema resolvido para Bloch e Febvre, mas não para a memória sobre eles. O comportamento de cada um nesse debate sobre a continuidade dos *Annales* acabou sendo determinante para que se especulasse sobre a postura dos historiadores diante do nazismo e do fascismo francês. Nesse sentido, confirmava o compromisso moral de Bloch,

---

<sup>890</sup> Carta de Febvre a Bloch, agosto de 1941. Do original: “Ici, j’ouvre ma parenthèse. Vous m’avez dit, encore et toujours dans cette dernière lettre: ‘Il ne me reste plus qu’à souhaiter bonne chance à vos Annales’. Mes Annales! quelle surprenante formule! – Il y a les Annales, Bloch. Nos Annales. Vous ne pouvez pas en assumer la direction avec moi en ce moment: c’est un fait [...]. Après... après, on reviendra, je l’espère fermement, à la solution abandonnée provisoirement sous la contrainte, et par force. [...] Mes Annales! non. Les Annales, s’il vous plaît. De vous, de moi, et d’une dizaine de bons bougres qui les fabriquent avec nous – et les aiment.”. *Ibidem*, p. 159.

<sup>891</sup> Carta de Bloch a Febvre, 17 de agosto de 1942. Do original: “j’avais vu arriver le t.1 des *Mélanges d'Histoire Sociale*, qui sont un beau succès. Je pense que tout le monde comprendra”. *Ibidem*, p. 209.

<sup>892</sup> Carta de Bloch a Febvre, 20 de outubro de 1942. Do original: “Je suis heureux, maintenant, que nous en ayons continué. Puissiez-vous continuer à continuer! Et pensons, sans trop de regards sur le passé, à l’avenir”. *Ibidem*, p. 225.

enquanto quase relegava a Febvre a pecha de “colaborador”<sup>893</sup>. Um aparecia como o ideal que deveria ser lembrado; o outro, representava a má consciência do francês que “lavava as mãos” diante das injustiças sofridas pelos concidadãos.

É como se a sugestão da retirada do nome apagasse o fato de que Febvre, ao longo da década de 1930, aderiu a organizações antifascistas<sup>894</sup> – inclusive convencendo a Bloch da importância de sua assinatura nas petições – e que, em 1937, proibiu junto ao amigo a publicação de um artigo pró-nazista nos *Annales*<sup>895</sup>.

A visão posterior sobre o nazismo, não custa lembrar, não é a mesma dos contemporâneos ao evento. Enquanto homens do seu tempo, não tinham acesso a tantas informações relativas ao que acontecia na Alemanha e dificilmente poderiam mensurar a real ameaça que sofriam com muita antecedência à declaração de guerra em 1939. *L'Étrange Défaite* é um exemplo de que havia disposição de escrever “no calor do momento”, assim como aquela edição sobre a Alemanha dos *Annales*, que mostra a preocupação em compreender o nazismo antes da guerra.

O contato direto de ambos com o nazismo era o possível à época e às condições de seu meio social: liam notícias em jornais, conversavam em congressos internacionais com alemães contrários ao regime<sup>896</sup>. Quando Lucien Febvre esteve em Praga e Viena coletou algumas informações relativas ao tema. Marc Bloch participou do *Congrès International de Folklore* de 1937, em Paris, e foi testemunha ocular do discurso nazista<sup>897</sup>. A delegação alemã contava com Otto Abetz, conselheiro de Ribbentrop e futuro embaixador de Hitler em Paris, e era dirigida por Adolf Helbok, um nazista de origem austríaca. Em carta, comentava a experiência no evento: “Os Alemães foram odiosos. Os Holandeses, não menos. O Führer alemão fez uma comunicação interminável e radical”<sup>898</sup>. Havia ainda os colaboradores dos *Annales* egressos da Alemanha em função

---

<sup>893</sup> É importante destacar a diferença entre “colaborador”, que cooperava com a Alemanha nazista sem compartilhar de seus ideais, com “colaboracionista”, que defendem abertamente o fascismo e a admiração ao hitlerismo. Ver Pierre Laborie. *Les mots de* 39-45. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2006, pp. 39-41.

<sup>894</sup> Os *Amis de l'Espagne* e o *Comité de Vigilance des Intellectuels Antifascistes*. Ver Ulrich Raulff. *Marc Bloch: un historien au XX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Édition de la Maison des Sciences de l'Homme, 1995, p. 160.

<sup>895</sup> *Ibidem*, p. 157.

<sup>896</sup> Peter Schötler. “Marc Bloch et Lucien Febvre face à L'Allemagne nazie”. In: *Gèneses*, 21, 1995. *Le nazisme et les savants*, pp. 75-95.

<sup>897</sup> Sobre o congresso e as contribuições que Bloch conseguiu para os *Annales*, ver Vallantin Catherine Velay. “Le Congrès International de Folklore de 1937”. In: *Annales. Histoire, Sciences Sociales*. 54<sup>e</sup> année, n. 2, 1999, pp. 481-506.

<sup>898</sup> Carta de Bloch a Febvre, 20 de setembro de 1937. Do original: “*Les Allemands ont été odieux. Les Hollandais, guère moins. Le Führer allemand a fait une communication interminable et radicale*”. Marc Bloch, Lucien Febvre. *Correspondance II: De Strasbourg à Paris (1934-1937)*. Paris: Fayard, 2003, p. 451.

do nazismo, como Henri Brunschwig (que foi testemunho ocular da *Matchtergreifung*, a nomeação de Hitler como chanceler em janeiro de 1933), além de Lucie Varga e o marido, Franz Borkenau, que frequentemente teciam comentários sobre a Alemanha na revista<sup>899</sup>.

Foi, então, a neurose coletiva francesa – a síndrome de Vichy – que tornou a lembrança sobre Febvre tão polêmica. Se ele não era pró-nazista, para alguns “a hipótese de um Lucien Febvre pura e simplesmente pétainista parece aceitável”<sup>900</sup>. Não há um *Lycée Lucien Febvre* em Paris<sup>901</sup>, nem uma universidade em seu nome, muito menos referências a ele no *Panthéon*. Na capital francesa, não encontramos uma rua ou praça Lucien Febvre. Se o nome não pode ser associado ao martírio da guerra, a contribuição historiográfica não estaria em pé de igualdade com a de Bloch? Outro grande nome dos *Annales*, Fernand Braudel, batiza também uma rua de Paris, por exemplo<sup>902</sup>.

Naquela década de 1990, na qual Marc Bloch foi referenciado num crescimento exponencial, Lucien Febvre também seria lembrado, só que no caminho oposto. Com a publicação de um livro de Phillipe Burrin, *La France à l'heure Allemande*<sup>903</sup>, ativou-se intensa polêmica. Nele, o autor defendia a noção de “acomodamento” quando tratava de comportamentos que não eram colaboracionistas, mas não enfrentavam o regime de Pétain. Criticava a postura de Febvre no pós-guerra, ao tentar conferir à revista uma aura de luta pela verdade, quando teria, na verdade, optado pela retirada do nome do companheiro da revista e pela troca do título da publicação para escapar da censura<sup>904</sup>.

O debate ganha corpo quando Bertrand Müller e Peter Schöller respondem aos argumentos no *Le Monde*, em artigo intitulado “Deveríamos queimar Lucien Febvre?”, no qual denunciam o argumento como evidência de um conluio contra o historiador e signo de um sentimento de culpa geral dos franceses frente a mártires como Marc Bloch<sup>905</sup>. Burrin rebate as críticas, argumentando que expôs o comportamento antagônico

---

<sup>899</sup> Peter Schötler. *Op. cit.*, 1995, p. 80.

<sup>900</sup> Alain Guerreau. “Les Annales E.S.C. vus par un médiéviste”, *Lendemains. Zeitschrift für Frankreichforschung* 6, 1981, n. 24, p. 4., citado em *Ibidem*, p. 76.

<sup>901</sup> Existe apenas um *Collège Lucien Febvre* em Saint-Amour, na Franche-Comté, onde Febvre possuía uma casa onde passava regularmente as férias.

<sup>902</sup> Ela fica em uma das esquinas da *Bibliothèque Nationale de France*. Local, aliás, mais nobre do que o da praça Marc Bloch. Ver Anexo 4.

<sup>903</sup> Phillipe Burrin. *La France à l'heure Allemande*. Paris: Seuil, 1994.

<sup>904</sup> *Ibidem*, p. 374.

<sup>905</sup> Bertrand Müller, Peter Schöller. “Faut-il brûler Lucien Febvre?”, *Le Monde*, 8 fev. 1995.



dos historiadores a fim de demonstrar as diversas escolhas possíveis e, portanto, a complexidade das ações em tempos de Ocupação<sup>906</sup>.

A polêmica<sup>907</sup> foi o reflexo de um não-dito. Estabelece diretamente que a divisão do país, concreta em tempos de guerra, aparentemente foi – e continuava sendo – presente, mesmo que intangível. O martírio de Bloch contribuiu, definitivamente, para relegar a segundo plano a análise do que “realmente passou” na primeira década dos *Annales* em relação à postura dos dois frente à extrema direita europeia.

O resistente *versus* o colaborador. Um, “ativo” na zona livre, lutando pela sobrevivência e pela liberdade; o outro, “acomodado” na zona ocupada, fazendo vista grossa ao maior dos absurdos experimentado pela nação. Marc Bloch e Lucien Febvre tornavam-se, assim, a encarnação do debate sobre a postura dos franceses diante da derrota de 1940. Dessa construção, eles também parecem incorporar a discussão historiográfica sobre a memória, quando se ressalta o jogo entre lembrança e esquecimento. A composição dos lugares de memória mostra que, para os franceses, é necessário esquecer Febvre e lembrar de Bloch. Desse modo, acredita-se apaziguar os espíritos mais agitados.

---

<sup>906</sup> Philippe Burrin. “Lucien Febvre inférieur à lui-même”. *Le Monde*, 28 fev. 1995. Ver também “Fausse querele autor de Lucien Febvre”. *L’Histoire* n.189, juin 1995, p. 92.

<sup>907</sup> Ver também o artigo de Marleen Wessel, “L’inutile balance de Saint Michel”, publicado ao lado da defesa de Burrin no *Le Monde*, na qual a historiadora defende que as escolhas de Bloch e Febvre foram as possíveis naquele contexto, diminuindo a contenda inflamada naquele ano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentamos evidenciar aquilo que motivou a constante rememoração de Marc Bloch na França. Há, contudo, que se realizar um último esforço nesse sentido, partindo da comparação de outra trajetória – de fato, bastante análoga à sua, mas que não obteve o mesmo investimento simbólico.

O sociólogo Maurice Halbwachs nasceu em Reims, mas também tinha família de origem alsaciana. Tal como Bloch, era um judeu afastado dos rituais religiosos do grupo. Um pouco mais velho que o historiador (nasceu em 1877), sofreu igualmente com o impacto do Caso Dreyfus. E o da Grande Guerra, como todos os franceses. Após o conflito, assumiu cargo de professor na Universidade de Estrasburgo, onde participou das reuniões de sábado e da concepção de novos caminhos para a ciência – no caso, a sociologia. Lá, inclusive, estabeleceu fortes laços de amizade com Marc Bloch. Já comentamos que foi em seu apartamento que o historiador morou durante alguns anos naquela cidade.

A relação que mantiveram também se assentou na intelectualidade: foi um dos mais recorrentes colaboradores dos *Annales*, e o seu nome fazia parte do comitê editorial desde o número 1 da revista. Aliás, ele também apostava em um periódico para debater os rumos da sua disciplina – no caso, a *Année Sociologique*, do seu mestre Durkheim, também muito admirado por Bloch. Foi um ano antes do amigo, em 1935, que Halbwachs entrou para a *Sorbonne*. Em 1944, a Gestapo também o prendeu. Diferentemente de Bloch, foi deportado para o campo de Buchenwald, onde morreu de disenteria<sup>908</sup>. Também teve um guardião da memória no seio familiar – a irmã Jeanne<sup>909</sup>.

Por que, então, não existem *Lycées Maurice Halbwachs*, praças ou peças de teatro que adaptaram o seu diário? Certamente, há lugares de memória dedicados a ele. A biblioteca do departamento de sociologia da Universidade de Estrasburgo, por exemplo, tem o seu nome. Como Bloch, batiza uma sala na Sorbonne (ver Anexo 5) e o seu nome também está listado na placa próxima ao auditório Richelieu (ver figuras 11 e 12). Ele também nomeia outra sala no *Collège de France* (onde assumiu uma cadeira apenas dois meses antes de sua prisão). Existe um *Centre Maurice Halbwachs*, unidade de pesquisa

---

<sup>908</sup> Ver Annette Becker. *Maurice Halbwachs – un intellectuel en guerres mondiales (1914-1945)*. Paris: Agnès Viénot, 2003.

<sup>909</sup> Jeanne Halbwachs foi uma filósofa bastante engajada politicamente. Foi defensora do pacifismo durante a Grande Guerra e ativista do feminismo no entreguerras.

associada ao CNRS (*Centre Nationale de Recherche Scientifique*). Finalmente, em Reims, há uma rua em sua homenagem.

Percebe-se que, à exceção da rua, todos os outros lugares de memória estão diretamente associados ao mundo acadêmico. O Halbwachs que se quer lembrar é o do erudito que mudou os rumos da sociologia. O cidadão, nesse caso, parece não ter encontrado o seu lugar, mesmo que a sua morte tenha sido um exemplo daquele fim que foi o mais emblemático do século XX: a experiência concentracionária.

Talvez resida nela a diferença na imagem construída sobre os dois intelectuais. A morte de Bloch esteve diretamente associada à sua *ação*, ao passo que a de Halbwachs ligava-se mais à sua *condição*. Desta, quem sabe, não faltassem exemplos. Ela, no mesmo sentido, não apaziguava o trauma da colaboração. Pelo contrário, reforçava-o<sup>910</sup>.

Halbwachs foi dispensado do exército em 1914 devido a um severo problema de visão, algo que o deixou desolado. Queria servir, e teve de lidar durante toda a vida com o constrangimento do não-mobilizado<sup>911</sup>, que testemunhava o sacrifício de outros da sua geração e tinha que enfrentar constantes olhares que julgavam a sua distância das trincheiras. Talvez por isso, no período entreguerras assumiu direção política distinta de Bloch, que se dizia *non engagé*: foi partidário do socialismo e procurou trazer à sua prática intelectual preceitos políticos. Mas esse engajamento não foi suficiente para apagar para a memória o peso de sua incapacidade física diante de situações-limite. Conta ainda contra ele outra questão em sua trajetória: em alguns comentários eruditos, aparece uma postura racista a partir da divisão de grupos humanos em sistemas hierárquicos<sup>912</sup>. Para a memória nacional, um problema incontornável. Temos, então, uma trajetória inquestionável, ativa e engajada em nome de um conceito bastante amplo – a nação – frente a outra, que apresenta determinados “pontos de desvio”.

Precisamos também refletir sobre as diferenças nos sentidos de suas produções. É certo que ambos foram divisores de águas para a ciência em seus campos específicos. Mas os trabalhos de Halbwachs, concentrados nos estudos da memória, classes sociais e na temática do suicídio, não podem ser instrumentalizados nos esforços de memória como os de Bloch, que se dedicava ao mundo rural, “a verdadeira França”, à comparação, ao

---

<sup>910</sup> Olivier Wieviorka comenta que, no momento da Libertação, havia um certo sentimento de indiferença aos deportados judeus na França, pois os franceses julgavam que também haviam sofrido. E ao contrário, a voz dos resistentes era uma a qual se queria ouvir. Olivier Wieviorka. *La mémoire désunie. Le souvenir politique des années sombres, de la Libération à nos jours*. Paris: Seuil, 2010.

<sup>911</sup> *Ibidem*, p. 38.

<sup>912</sup> *Ibidem*, p. 72.

erro, enfim, a tudo o que vimos nos capítulos anteriores e que foi recorrentemente referenciado como mais um gesto implícito em direção à defesa da liberdade e da justiça.

E ao nacionalismo. É notável o contraste entre a defesa nos *Annales* de uma história científica e contrária à nacional, com o forte engajamento pessoal de Bloch à sua comunidade imaginada. Seria a trajetória de Bloch, nesse sentido, uma evidência do êxito do projeto político e historiográfico da escola metódica que tanto criticou? Se defendeu uma vida pautada pela verdade, a sua verdade não foi a da nação ideal, construída com o sangue do povo, fosse ele camponês, revolucionário, ou combatente? Um caso a se pensar.

Outra reflexão se faz necessária. Da trajetória “impecável” de Bloch, a construção da memória apoia-se, sobretudo, nas suas atuações como historiador e resistente. Por que não na atuação durante a Grande Guerra? Nela, pegou efetivamente em armas, foi ferido, matou e quase morreu. Foi um combatente no sentido pleno do termo.

Não foi por sua participação no primeiro conflito de dimensões mundiais que se tornou mártir. Sobreviver é anular essa condição. Mas o caso é outro: na memória nacional, a guerra de 1914-1918 está “resolvida”. O mito da união nacional (a *união sagrada*) não é abalado por meio de sua rememoração; é justamente o contrário. No quadro de lugares de memória, os mais valorizados sobre o evento recaem no “soldado anônimo”, o representante das massas, morto incógnito nos campos franceses, palco de boa parte das batalhas. Para ele, por exemplo, acendeu-se uma chama eterna no Arco do Triunfo. Nessa coletivização, não se deve particularizar uma figura. Marc Bloch, para a memória, era “só mais um” no glorioso esforço de defesa nacional. Sob esse prisma, a sua atuação no primeiro conflito mundial torna-se ordinária e, por isso, menos digna de nota. Ao fim, esse relativo apagamento de sua lembrança como soldado da Grande Guerra faz parte do mesmo movimento em direção a uma memória nacional pacificadora.

No entanto, na mesma medida em que agrega, a unanimidade garantida pela sua trajetória é responsável por alguns conflitos. Na última década, teve início uma intensa disputa pela memória de Marc Bloch.

Em 2006 o jornal *Le Figaro* publicou um manifesto<sup>913</sup>, assinado por dezessete grandes historiadores<sup>914</sup> que pretendiam representar, com sua posição, a voz de toda a classe de historiadores franceses<sup>915</sup>, pedindo ao então presidente Jacques Chirac para que os mortais de Bloch fossem transferidos para o *Panthéon*. O argumento justificador da reivindicação centrava-se no seu papel como historiador e cidadão. Obviamente, por se tratar de uma solicitação visando a sua incorporação no mais relevante dos lugares de memória para os heróis nacionais, os signatários do manifesto destacavam a vida *doadada para a nação*. Bloch demonstrava, com seu “humilde heroísmo”, ao agir sem nunca questionar ordens e sempre esperançoso na vitória, ser um exemplar dos “melhores patriotas”: “inegavelmente, Marc Bloch deixa para trás a imagem de um patriota fervoroso, um republicano convencido, mas acima de tudo um grande francês. Comungando com o passado de seu país, ele estava por assim dizer em osmose com ele”<sup>916</sup>.

Os historiadores reforçavam este argumento destacando uma ideia que aparecia recorrentemente no testamento de Bloch— de que ele era “francês antes de tudo”:

Ele compreendeu a especificidade da nação francesa, fundamentada sob a história, cultura e língua, e não sob qualquer característica racial ou religiosa. Este republicano foi, por sua família, de confissão judaica. Nunca se atrelou a isso, até a legislação antisemita o lembrar.<sup>917</sup>

Percebemos também que a relação com a nação significa necessariamente, para os franceses, a defesa do republicanismo. O ideal, conquistado pela Revolução de 1789, aparece como a maior representação da grandeza da pátria.

---

<sup>913</sup> “Supplique à Monsieur le président de la République pour le transfert au Panthéon de Marc Bloch”. Disponível em <[http://www.lefigaro.fr/livres/2006/06/01/03005-20060601ARTWWW90286-supplique\\_a\\_monsieur\\_le\\_president\\_de\\_la\\_republique\\_pour\\_le\\_transfert\\_au\\_panthéon\\_de\\_marc\\_bloch.php](http://www.lefigaro.fr/livres/2006/06/01/03005-20060601ARTWWW90286-supplique_a_monsieur_le_president_de_la_republique_pour_le_transfert_au_panthéon_de_marc_bloch.php)>, acessado em 27 dez. 2015.

<sup>914</sup> Assinaram (em ordem): Maurice Agulhon, Stéphane Audoin-Rouzeau, Jean-Pierre Azéma, Annette Becker, André Burguière, Max Gallo, Bronislaw Geremek, Jacques le Goff, Ran Halevi, Pierre Nora, Mona Ozouf, René Rémond, Eric Roussel, Jean-Claude Schmitt, Dominique Schnapper, Pierre Toubert e Michel Winock.

<sup>915</sup> Das grandes Universidades e Centros de Pesquisa, só não houve assinaturas em nome da Sorbonne.

<sup>916</sup> Do original: “indéniablement, Marc Bloch laisse derrière lui l'image d'un patriote fervent, d'un républicain convaincu, mais avant tout d'un grand Français. Communiant avec le passé de son pays, il était pour ainsi dire en osmose avec lui”. Disponível em: <[http://www.lefigaro.fr/livres/2006/06/01/03005-20060601ARTWWW90286-supplique\\_a\\_monsieur\\_le\\_president\\_de\\_la\\_republique\\_pour\\_le\\_transfert\\_au\\_panthéon\\_de\\_marc\\_bloch.php](http://www.lefigaro.fr/livres/2006/06/01/03005-20060601ARTWWW90286-supplique_a_monsieur_le_president_de_la_republique_pour_le_transfert_au_panthéon_de_marc_bloch.php)>, acessado em 27 dez. 2015.

<sup>917</sup> Disponível em: <[http://www.lefigaro.fr/livres/2006/06/01/03005-20060601ARTWWW90286-supplique\\_a\\_monsieur\\_le\\_president\\_de\\_la\\_republique\\_pour\\_le\\_transfert\\_au\\_panthéon\\_de\\_marc\\_bloch.php](http://www.lefigaro.fr/livres/2006/06/01/03005-20060601ARTWWW90286-supplique_a_monsieur_le_president_de_la_republique_pour_le_transfert_au_panthéon_de_marc_bloch.php)>, acessado em 27 dez. 2015.

Era então em nome de todos os grandes valores franceses que urgia que Marc Bloch fosse levado ao *Panthéon*: “Sr. presidente da República, não é o momento de se celebrar como merece a memória desse filho que a honrou?”<sup>918</sup>. Naquele ano, no entanto, o processo de transferência para o monumento não foi levado adiante.

Foi durante o governo seguinte, de Nicolas Sarkozy, que a homenagem passou a ser veiculada na agenda presidencial. Em 12 novembro de 2009, o presidente proferiu um discurso sobre a identidade nacional francesa em La Chapelle-em-Vercors, comuna situada num dos principais cenários do enfrentamento da guerrilha, nos alpes franceses, onde os franceses foram massacrados pelas forças militares alemãs<sup>919</sup>. Destacava alguns exemplos de coragem de resistentes frente aos nazistas, a começar por um episódio no qual dezesseis *maquisards* foram aí fuzilados. Distintos em suas origens sociais, todos pareciam responder a um mesmo chamado, comum a todo o território:

Todos tinham a sensação de lutar pela mesma coisa. Era o sentimento nacional. Marc Bloch, talvez o maior historiador do século XX – pelo menos para mim –, assassinado pela Gestapo, não tinha o mesmo conhecimento de história que o ferroviário que arriscava a sua vida praticando a sabotagem. Porém eles tinham consciência, Marc Bloch e o ferroviário, de pertencer a uma mesma história, como o imigrante italiano, espanhol ou polonês que entrava na Resistência, e que se sentia tão francês que proibia seus filhos de falar em casa outra língua que não o francês.<sup>920</sup>

Sarkozy utilizava, portanto, a figura de Bloch como um dos elementos de comunhão dos valores que realmente importariam para ser francês. Mais do que origem social – ou mesmo nacional –, o apego à língua e ao território, bem como o passado comum. Algo que lembra vagamente a “vontade de estar junto” de Ernest Renan<sup>921</sup>.

---

<sup>918</sup> Do original: “*Monsieur le président de la République, n'est-il pas temps pour cette dernière de célébrer comme il le mérite la mémoire de ce fils qui lui fait honneur?*”. Disponível em: <[http://www.lefigaro.fr/livres/2006/06/01/03005-20060601ARTWWW90286-supplique\\_a\\_monsieur\\_le\\_president\\_de\\_la\\_republique\\_pour\\_le\\_transfert\\_au\\_panthéon\\_de\\_marc\\_bloch.php](http://www.lefigaro.fr/livres/2006/06/01/03005-20060601ARTWWW90286-supplique_a_monsieur_le_president_de_la_republique_pour_le_transfert_au_panthéon_de_marc_bloch.php)>, acessado em 27 dez. 2015.

<sup>919</sup> Disponível em: <<http://www.voltairenet.org/article162906.html>>, acessado em 27 dez. 2015.

<sup>920</sup> Do original: “*Tous pour tout avaient le sentiment de se battre pour la même chose. Cela, c'est l'identité nationale.*”

*Marc Bloch, le plus grand historien peut-être – en tout cas à mes yeux – du XXe siècle, assassiné par la Gestapo n'avait pas la même connaissance de l'histoire de France que le cheminot qui risque sa vie en se livrant au sabotage. Mais ils avaient conscience, Marc Bloch et le cheminot, d'appartenir à la même histoire, comme l'immigré italien, espagnol ou polonais qui entra en résistance et qui se sentait tellement Français qu'il interdisait à ses enfants de parler à la maison une autre langue que le Français*”. Disponível em: <<http://www.voltairenet.org/article162906.html>>, acessado em 27 dez. 2015.

<sup>921</sup> Ernest Renan. “O que é uma nação?” In: Maria Helena Rouanet (org.). *Nacionalidade em questão*, Cadernos da Pós/Letras: UERJ, 1997.

No discurso, essa defesa da identidade francesa servia como pano de fundo para a sua plataforma política. A nação precisava manter a união e os cidadãos seriam inabaláveis enquanto sentissem a emoção da Festa da Federação ou da Coroação de Reims<sup>922</sup>, observassem a luta entre girondinos e jacobinos como dois lados da mesma moeda e se percebessem ao mesmo tempo herdeiros do Iluminismo e do Cristianismo, seriam inabaláveis. O artifício retórico se completava: em nome dessa unidade, o presidente se declarava contrário à aprovação da redução da jornada de trabalho para 35 horas, aos reclames pela redução do poder policial e estatal e denunciava a confusão entre igualdade e igualitarismo, deliberadamente implantada pela oposição nos debates parlamentares.

Logo, Sarkozy não fez diferente daqueles outros que destacamos no capítulo precedente. Através de Bloch, apresentou os seus próprios valores. O nacionalismo do historiador é muito conveniente ao discurso conservador do presidente. Assim como ele se sacrificou em nome de algo maior, por que os trabalhadores franceses não deveriam fazê-lo?

Sarkozy não citou o historiador à toa. Naquele mês, tentava dar conta do processo de transferência dos restos mortais de Bloch ao *Panthéon*, no momento em que entrava em cena uma nova personagem: a herdeira da guarda da memória de Marc Bloch, a neta Suzette Bloch<sup>923</sup>. Com a morte de Étienne em 2011, coube a ela a tarefa de zelar pelas formas de lembrar o seu antepassado<sup>924</sup>. E, por tal motivo, ela tinha plenos poderes para impedir a realização da cerimônia de consagração do avô<sup>925</sup>.

Suzette Bloch publicou no jornal *Le Monde* uma carta aberta escrita junto com o historiador Nicolas Offenstadt, intitulada “Deixe Marc Bloch tranquilo, Sr. Sarkozy”<sup>926</sup>. Nela, denunciou o uso da memória do avô como argumento de proselitismo:

---

<sup>922</sup> Quando Sarkozy faz menção a esse sentimento ligado a eventos históricos (a comemoração do primeiro aniversário da tomada da Bastilha, em 1790, e a coroação do “primeiro rei” da França, Luís, o Pio, em 816), possivelmente tirou inspiração de um trecho de *L'Étrange Défaite*: “Existem duas categorias de franceses que jamais compreenderão a história da França: aqueles que se recusam a vibrar com a lembrança da Coroação de Reims; e aqueles que leem sem emoção a narrativa da festa da Federação”. Do original: “Il est deux catégories de Français qui ne comprendront jamais l'histoire de France: ceux qui refusent de vibrer au souvenir du sacre de Reims; ceux qui lisent sans émotion le récit de la fête de la Fédération”. Marc Bloch. *L'Étrange Défaite*. Paris: Gallimard (Folio), 1990, p. 198.

<sup>923</sup> Jornalista, ela é filha de Louis, o caçula de Marc Bloch.

<sup>924</sup> Na publicação dos *Mélanges Historiques* de 2011, por exemplo, os agradecimentos dos organizadores vão para ela e para Yves Bloch, outro neto do historiador.

<sup>925</sup> Segundo as regras do cerimonial, é necessário que todos os familiares aceitem a transferência dos restos mortais para o *Panthéon*.

<sup>926</sup> “Laissez Marc Bloch tranquille, M. Sarkozy”. *Le Monde*, 29 nov. 2009. Disponível em: <[http://www.citoyens-resistants.fr/IMG/pdf/Laissez\\_Marc\\_Bloch\\_tranquille.pdf](http://www.citoyens-resistants.fr/IMG/pdf/Laissez_Marc_Bloch_tranquille.pdf)>, acessado em 26 dez. 2015. A carta na íntegra está disponível no Anexo 6.

Neta de Marc Bloch e historiador medievalista, decidimos juntar nossas vozes para dar um basta à utilização abusiva do historiador, intelectual e resistente Marc Bloch pelo presidente da República, Nicolas Sarkozy – e por aqueles que o cercam – para ornar seus discursos ideológicos.<sup>927</sup>

A neta do historiador narrou episódio no qual perguntou ao pai, Louis Bloch, como teve coragem para resistir durante a guerra. Ele teria respondido que nem pensou nisso na ocasião, pois agia num reflexo de quem era agredido. Suzette relata que nunca pôde fazer a pergunta aos avós, mortos pela guerra. Guardava, para ela, a marca do sacrifício de sua linhagem: “Marc, Simone e Louis me deixaram uma memória. A memória de uma família que erigiu a liberdade de espírito ao primeiro posto dos valores humanos. Hoje, estou indignada. Ao ponto de superar a timidez que recebi como herança. Para dizer ‘Basta!’”<sup>928</sup>.

Dizia-se enojada pelo discurso de 12 de novembro, bem como pelas citações à *L'Étrange Défaite* feitas durante toda a campanha presidencial. O “retorno ao nacional” do presidente retirava do contexto o engajamento e a visão de mundo do avô. O nacionalismo de Bloch era irreconciliável com a xenofobia de Sarkozy:

Recuso-me a permitir que meu avô seja utilizado para celebrar a pátria segundo Nicolas Sarkozy, que estimula o medo “do outro”. O “estrangeiro”? O “imigrante”? Sempre convocado para se justificar, forçadamente marginalizado por um debate centrado na “identidade nacional”, perseguido por não estar “dentro das regras”, obrigado a se esconder, a esconder os seus filhos, a prestar serviços sob as terríveis condições do trabalho clandestino. Quais são as “renúncias” que ameaçam a pátria? Toda essa fraseologia nada tem a ver com Marc Bloch, que lutou em outro contexto, contra os verdadeiros inimigos da liberdade.<sup>929</sup>

Contra o uso da memória do avô pela direita, Suzette relembra a menção do historiador a Marx no mesmo testemunho de 1940, quando dizia que, historiador, sabia

---

<sup>927</sup> Do original: “*Petite-fille de Marc Bloch et historien médiéviste, nous avons décidé de joindre nos voix pour dire stop à l'utilisation abusive de l'historien, de l'intellectuel, du résistant Marc Bloch par le président de la République, Nicolas Sarkozy – et ceux qui l'entourent – pour habiller leurs discours idéologiques*”. Ibidem.

<sup>928</sup> Do original: “*Marc, Simone, Louis m'ont laissé une mémoire, la mémoire d'une famille qui a érigé la liberté d'esprit au rang de première des valeurs humaines. Aujourd'hui, je suis indignée. Au point où j'en arrive à surmonter la timidité que j'ai aussi recue en héritage. Pour dire “Assez!”*”. Ibidem.

<sup>929</sup> Do original: “*Je refuse que mon grand-père soit utilisé pour célébrer la patrie selon Nicolas Sarkozy, qui joue de la peur de "l'Autre". "L'étranger" ? "L'immigré" ? Toujours sommé de se justifier, forcément marginalisé par un débat centré sur l'identité nationale, pourchassé quant il n'est pas "en règle", obligé de se cacher, de cacher ses enfants ou de travailler aux sinistres conditions du travail au noir. Quels sont ces "renoncements" qui menacent la patrie ? Toute cette phraseologie n'a rien à voir avec Marc Bloch, qui s'est battu dans un tout autre contexte contre de vrais ennemis des libertés*”. Ibidem.



bem o que significava o grito “proletários do mundo, uni-vos!”. Repetiria, uma vez mais: exigia que o presidente parasse de utilizar o pensamento de Bloch em nome de um “nacionalismo doentio”.

Graças à interdição, Sarkozy não conseguiu levá-lo ao *Panthéon*<sup>930</sup>. Era a segunda tentativa fracassada de aumentar o número de componentes daqueles gelados corredores repletos de símbolos cívicos. Um pouco antes, o filho de Albert Camus, Jean, também havia proibido a transferência de seu pai. A lista de personalidades escolhidas pelo presidente para a cerimônia denota uma tentativa de demarcar as fronteiras do nacional<sup>931</sup>. Isso explica a terceira investida, dessa vez bem-sucedida. Em 2011, levou o nome de Aymé Césaire ao *Panthéon*. Mas levou realmente apenas o nome. Os restos mortais do poeta e político permaneceram na Martinica, onde nascera, de acordo com sua vontade<sup>932</sup>.

A luta de Suzette Bloch não teve fim com esse episódio. Em 2012, Marie Le Pen, talvez a mais conhecida representante da extrema direita francesa atualmente, líder do partido *Front National*, herdeira política do pai, Jean-Marie Le Pen, voltava a citar Marc Bloch em discursos de campanha presidencial.

Em 25 de março daquele ano, faz um apelo à juventude do país em nome do nacionalismo. Comentava que “todos os filhos da França devem vibrar, como Marc Bloch, diante da narrativa da Coroação de Reims e ao relato de Valmy”<sup>933</sup>. Toda a sua fala apelava para a emoção e para ideias como o “patriotismo econômico”, o amor pela França, a força do país, a necessidade de defesa diante de um inimigo externo etc. Enfim, recorria a argumentos clássicos da extrema direita europeia, sobretudo a partir da década de 1920. Ao menos em três outras ocasiões<sup>934</sup>, Marie Le Pen repetiu a mesma passagem em discursos.

---

<sup>930</sup> Para mais informações sobre a querela, ver <<http://forward.com/the-assimilator/139279/historian-marc-bloch-and-family-still-fighting-th/>>, acessado em 27 dez. 2015.

<sup>931</sup> Bloch, o judeu “assimilado”. Camus, nascido na Argélia.

<sup>932</sup> Ver a matéria de Geoffroy Clavel para o Huffington Post, “Panthéon: les présidents de la République à la recherche des grand hommes”. Disponível em: <[http://www.huffingtonpost.fr/2015/05/27/pantheon-presidents-republique-grands-hommes\\_n\\_7442534.html](http://www.huffingtonpost.fr/2015/05/27/pantheon-presidents-republique-grands-hommes_n_7442534.html)>, acessado em 27 dez. 2015.

<sup>933</sup> A Batalha de Valmy (1792) foi a primeira vitória do exército revolucionário contra os prussianos. Do original: “*Tous les enfants de France doivent vibrer, comme Marc Bloch, au récit du sacre de Reims et au récit de Valmy.*”. Disponível em: <<http://www.frontnational.com/videos/discours-de-marine-le-pen-a-nantes/>>, acessado em 27 dez. 2015.

<sup>934</sup> Ver Jean-Marie Portier. “L’incessante récupération de Marc Bloch par le Front National”. *Slate*, 12 fev, 2015. Disponível em: <<http://www.slate.fr/story/110927/marc-bloch-front-national>>, acessado em 27 dez. 2015.

Se não temos como averiguar a reação da neta para este evento específico, podemos observar sua resposta em ocasião semelhante. Quando *Le Figaro – Histoire* publicou um número que sobre o ensino de história, os editores optaram por incluir um infográfico que mostrava Marc Bloch e Jacques Bainville (intelectual de extrema direita) como integrantes de um mesmo processo em nome da reforma educacional. Uma vez mais, Suzette Bloch apresentou-se em defesa do uso da memória do avô. Comentava, em artigo publicado no *Libération*:

Ao ler o *Figaro Histoire* número 4, fiquei com os cabelos em pé. Marc Bloch, o grande historiador, que pagou com a sua vida pelo engajamento na resistência contra os nazistas, foi colocado no mesmo plano que o admirador de Maurras, pró-Mussolini e antisemita Jacques Bainville, membro da Ação Francesa, jornal da ultradireita monarchista.<sup>935</sup>



Reprodução da página 86 de *Le Figaro-Histoire* (retirado de <[http://www.huffingtonpost.fr/william-blanc/le-deshonneur-du-figaro-histoire\\_b\\_2100157.html](http://www.huffingtonpost.fr/william-blanc/le-deshonneur-du-figaro-histoire_b_2100157.html)>, acesso em 27 dez. 2015)

<sup>935</sup> Do original: “A la lecture du *Figaro Histoire* numéro 4, mes cheveux se sont dressés sur la tête. Marc Bloch, le grand historien qui a payé de sa vie son engagement dans la résistance contre les nazis, y est mis sur le même plan que le maurassien pro-mussolinien et antisémite Jacques Bainville, membre de l’*Action française*, journal de l’ultradroite monarchiste”. Suzette Bloch. “L’oeuvre de Marc Bloch dévoyée”. *Libération*, 12 nov. 2012. Disponível em: <[http://www.libération.fr/france/2012/11/12/l-oeuvre-de-marc-bloch-devoyee\\_859924](http://www.libération.fr/france/2012/11/12/l-oeuvre-de-marc-bloch-devoyee_859924)>, acessado em 17 dez. 2015.

Ao final da página do *Le Figaro*, aquela mesma passagem do testemunho de 1940 era citada novamente. Então, Suzette Bloch apela para que o leitor observe que, nos escritos do avô, a frase continuava, ganhando outro sentido, bem diverso do que se queria levar a crer. Na passagem, dizia, ele estava criticando a Frente Popular de 1936<sup>936</sup>, bem como o patronato e as elites, todos incapazes de ouvir com atenção a luta dos trabalhadores. E se revista assumia que Bloch “criticava a luta de classes”, a neta lançava um desafio: quem poderia encontrar tal passagem em *L'Étrange Défaite*? Em resposta, ela mesma indicava que tal ideia nunca esteve presente na obra de Bloch, mas no discurso de Philippe Pétain de junho de 1940, quando da assinatura do armistício. Por esses motivos, ela reforçava: “é necessário ler e reler Marc Bloch”<sup>937</sup>.

Percebemos, com essas polêmicas, que os discursos dos candidatos levavam o debate sobre a memória de Marc Bloch em outra direção. Por trás da questão dos embates entre a memória familiar e a memória pública, apresentava-se outro problema. Desta vez, os conflitos entre a direita e a esquerda francesas. De um lado, a neta, que pareceu escolher a dedo onde publicar o seu artigo – no periódico de esquerda *Libération*. De outro, os políticos e os arautos do conservadorismo assentados em torno do *Le Figaro*.

O fato de esse debate perdurar e a simples observância de que um partido que frequentemente adota uma posição antissemita (e xenófoba) recorra a um judeu para chancelar seus discursos de palanque, mostram que o nome de Marc Bloch ainda permanece relevante. A sua memória continua viva e ativa. Resta-nos observar até quando e por quais motivos.

---

<sup>936</sup> Conjunto de partidos de esquerda e centro-esquerda que elegeram Léon Blum presidente.

<sup>937</sup> Suzette Bloch. *Op. cit.*, 2012.

## BIBLIOGRAFIA

- Fontes (Marc Bloch)

BLOCH, Marc. *Rois et Serfs*. Paris: Champion, 1920.

\_\_\_\_\_. “*Sur les programmes d’histoire dans l’enseignement secondaire*”. BSPHG, janvier 1921, pp. 15-17.

\_\_\_\_\_. *Les Rois thaumaturges. Étude sur le caractere surnaturel attribué à la puissance royale particulièrement en France et en Angleterre*. Strasbourg: Université de Strasbourg, 1924.

\_\_\_\_\_. “*Pour une histoire comparée des sociétés européennes*”. *Revue de Synthèse historique*, n. 46, 1928, pp. 15-50.

\_\_\_\_\_. Louis Lacrocq, *Monographie de la commune de La Celle-Dunoise* (compte rendu). *Annales d’histoire économique et sociale*, 1929, v.1, n.2, pp. 303-304 <[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ahess\\_0003-441x\\_1929\\_num\\_1\\_2\\_1084\\_t1\\_0303\\_0000\\_1](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ahess_0003-441x_1929_num_1_2_1084_t1_0303_0000_1)>. Acesso em 16 maio 2014.

\_\_\_\_\_. *La Société Féodale*. Paris: Albin Michel, t.1, 1939, t.2, 1940

\_\_\_\_\_. *Les caractères originaux de l’histoire rurale française*. Tomo 1. Paris: Armand Colin, 1931.

\_\_\_\_\_. “*Un temperament: Georg von Below*”. *Annales d’Histoire économique et sociale*, n.3, 1932.

\_\_\_\_\_. “*Pour le renouveau de l’enseignement historique*”. *Annales d’histoire économique et sociale*, 1937, pp. 113-129.

\_\_\_\_\_. *L’Étrange Défaite*. Paris: Société des Éditions ‘Le Franc-Tireur’, 1946.

\_\_\_\_\_. *Apologie pour l’histoire ou métier d’historien*. *Cahiers des Annales*, 3. Paris: Armand Colin, 1949.

\_\_\_\_\_. *Écrire La Société Féodale*. Lettres à Henri Berr, 1924-1943. Paris: Institut Mémoires de l’édition contemporaine, 1992.

\_\_\_\_\_. *Apologie pour l’histoire ou métier d’historien*. Organizado por Étienne Bloch. Paris: Armand Colin, 1993.

\_\_\_\_\_. *Histoire et Historiens* (organizado por Étienne Bloch). Paris: Armand Colin, 1995.

\_\_\_\_\_. “*Comparação*”. In: *História e historiadores – textos reunidos por Étienne Bloch*. Lisboa: Teorema, 1998.

\_\_\_\_\_. *Os Reis Taumaturgos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

- \_\_\_\_\_. *A terra e seus homens: agricultura e vida rural nos séculos XVII e XVIII*. Bauru: EDUSC, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Réflexions d'un historien sur les fausses nouvelles de la guerre*. Paris: Allia, 2007.
- \_\_\_\_\_. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Mélanges Historiques*. Paris: CNRS Éditions, 2011.
- \_\_\_\_\_. *L'Histoire, La Guerre, La Résistance*. (organizado por Étienne Bloch, Anette Becker). Paris: Quarto Gallimard, 2006.
- BLOCH, Marc, FEBVRE, Lucien. *Correspondance*. Paris: Fayard, 1994. t1. La naissance des *Annales* (1928-1933).
- \_\_\_\_\_. *Correspondance*. Paris: Fayard, 2003. t.2. De Strasbourg à Paris (1934-1937).
- \_\_\_\_\_. *Correspondance*. Paris: Fayard, 2003. t.3. Les *Annales* en crise (1938-1943).

- Fontes (outras)

- ALTMAN, Georges. “Au temps de la clandestinité: notre ‘Narbonne’ de la Résistance”. In: *Annales d'histoire sociale*. 8<sup>e</sup> anée, n. 1, 1945, pp. 11-14.
- BLOCH, Étienne. *Marc Bloch (1886-1944): une biographie impossible*. Limoges: Culture et Patrimoine en Limousin, 1997.
- \_\_\_\_\_. “Marc Bloch: une vie complète”. Archives Nationales, Ref. AB/XIX/5028, partie 3, pièce 276.
- BRAUDEL, Fernand. “Les *Annales* ont trente ans”. In: *Annales, Économies, Sociétés, Civilisations*, 14<sup>e</sup> année, n. 1, 1959, pp. 1-2.
- \_\_\_\_\_. “Marc Bloch à l'honneur”. In: *Annales, Économies, Sociétés, Civilisations*, 14<sup>e</sup> année, n.1, 1959b, pp. 91-92.
- \_\_\_\_\_. “1944-964: Marc Bloch”. In: *Annales, Économies, Sociétés, Civilisations*. 19<sup>e</sup> anée, n.5, 1964, p. 833-834.
- DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. Trad. por Maria Isaura Pereira de Queiroz. 6.a ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1972.
- \_\_\_\_\_. “Préface”. *Année Sociologique*, n. 1, 1986, pp. I-VII. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k93908s/f2.image>>. Acesso em janeiro de 2016.

- EDMOND-PERRIN, Charles. “L’oeuvre historique de Marc Bloch”. *Revue Historique* 199, n. 2, 1948, pp. 161-188.
- FEBVRE, Lucien. “De la Revue de Synthèse aux Annales [Henri Berr ou un demi-siècle de travail au service de l'Histoire]”. In: *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 7<sup>e</sup> année, n. 3, 1952. pp. 289-292. Disponível em: <[http://www.persee.fr/doc/ahess\\_0395-2649\\_1952\\_num\\_7\\_3\\_2076](http://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1952_num_7_3_2076)>. Acesso em novembro de 2015.
- \_\_\_\_\_. “La société féodale (compte rendu)”. In: *Annales d'histoire sociale*, 3, 1941, p. 128.
- \_\_\_\_\_. “L’Association Marc Bloch à Toulouse”. In: *Annales: Économies, Sociétés, Civilisations*. 1953, vol.8, n.3, pp. 431-432. Disponível em: <[http://www.persee.fr/doc/ahess\\_0395-2649\\_1953\\_num\\_8\\_3\\_2201](http://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1953_num_8_3_2201)>. Acesso em janeiro de 2016.
- \_\_\_\_\_. “L’Histoire dans le monde em ruines”. *Revue de Synthèse Historique*, t. 30, 1920, p. 1-15. Disponível em: <[https://fr.wikisource.org/wiki/L%E2%80%99Histoire\\_dans\\_le\\_monde\\_en\\_ruines#>](https://fr.wikisource.org/wiki/L%E2%80%99Histoire_dans_le_monde_en_ruines#>). Acesso em janeiro de 2016.
- \_\_\_\_\_. “Marc Bloch: de l’histoire au martyr”. In: *Annales d'histoire sociale*, 8<sup>e</sup> année, N.1, 1945, p. 1-3.
- \_\_\_\_\_. “Marc Bloch: dix ans après”. In: *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 9<sup>e</sup> année, n.2, 1954, p. 145-147.
- \_\_\_\_\_. “Marc Bloch et Strasbourg. Souvenirs d’une grande histoire”. *Mémorial des années 1939-1945*, Strasbourg: Publications de la faculté des lettres, 1947.
- \_\_\_\_\_. “Marc Bloch, fusillé”. In: *Mélanges d'histoire sociale*, N°6, 1944. p. 5-8. Disponível em: <[http://www.persee.fr/doc/ahess\\_1243-2571\\_1944\\_num\\_6\\_1\\_3122](http://www.persee.fr/doc/ahess_1243-2571_1944_num_6_1_3122)>. Acesso em abril de 2014.
- \_\_\_\_\_. *Un Destin*. Martin Luter. Paris: PUF, 1928.
- MONOD, Gabriel. “Du progrès des sciences historiques”. *Revue Historique*. 1/1, 1876, p. 30-31.
- POE, Edgard Allan. *Assassinatos na rua Morgue*. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- RAPHÄEL, Freddy. “Marc Bloch l’indésirable”. *Le Monde*, 14 jul. 1994. Arquivo do *Institut d’Histoire du Temps Present*, fundo DP 020 varia.
- SIMIAND, François. “Méthode historique et science sociale”. *Revue de Synthèse Historique*, n. 16, 1903, p. 129-157.

- Artigos e livros

- ABRÃO, Janete Silva. “O Brasil de Max Leclerc”. *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. 38, supl., p. S116-S128, nov. 2012.
- AGLAN, Ayla. *Le Temps de la Résistance*. Paris: Actes Sud, 2008.
- ALTUNA, José Antonio Ereño. “Marc Bloch visto por Lucien Febvre”. *Letras de Deusto*, vol. 23, n. 61, 1993.
- AMORIM, Silvana Vieira da Silva. *Guillaume Appolinaire: fábula e lírica*. São Paulo: Editora UNESO, 2003.
- AMBROSE, Stephen. *Soldados Cidadãos: do desembarque do Exército Americano nas praias da Normandia à Batalha das Ardenas e à rendição da Alemanha*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas – reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.
- ARENDT, Hannah. *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Da Revolução*. São Paulo: Ática, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- ARON, Raymond. *Le spectateur engagé*. Paris: Juliard, 1981.
- AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. “L’enfer, c’est la boue!”. In: *14-18: mourir pour la patrie (l’Histoire, n°107, janvier 1988)*. Paris: Points, 2007.
- AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane; BECKER, Anette. *14-18, retrouver la guerre*. Paris: Gallimard, 2014.
- AUDOUIN-ROUZEAU, Stéphane; BECKER, Jean-Jacques (org.). *Encyclopédie de la Grande Guerre 1914-1918*. Paris : Bayard, 2004.
- AZEMA, Jean-Pierre. “A guerra”. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Jean Moulin: le politique, le rebelle, le résistant*. Paris: Éditions, Perrin, 2006.
- BEAUPRE, Nicolas. *Écrire en guerre, écrire la guerre*. Paris: CNRS Éditions, 2006.
- BECKER, Anette; BLOCH, Étienne (org.). *Marc Bloch: L’Histoire, la Guerre, la Résistance*. Paris: Gallimard, 2006.
- BECKER, Annette. *Maurice Halbwachs: un intellectuel en guerres mondiales 1914-1945*. Paris : Agnès Viénot, 2003.
- BECKER, Jean-Jacques. *1914: Comment les Français sont entrés dans la Guerre*. Paris, Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politique, 1977.

- \_\_\_\_\_. “La bataille de la Marne, ou la fin des illusions”. In: *14-18 : Mourir pour la patrie*. Paris: Seuil, 1992, pp. 124-136.
- \_\_\_\_\_. “Les innovations stratégiques”. In: *14-18: mourir pour la patrie (l’Histoire*, n°107, janvier 1988). Paris: Points, 2007, pp. 85-103.
- BEDARIDA, François, PECHANISKI, Denis (org.). “*Marc Bloch à Étienne Bloch: lettres de ‘la drôle de guerre’*”. Les Cahiers de L’IHTP, n° 19, 1991.
- BEGLEY, Louis. *O Caso Dreyfus: Ilha do Diabo, Guanténamo e o pesadelo da história*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.
- BÉMONT, Charles; PFISTER, Christian. “À nos lecteurs”. *Revue Historique*, 44, 1919. Disponível em <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k182250/f5.image.r=>>>. Acesso em dezembro de 2015.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- BERGER, Françoise. “Un professeur si discret: Marc Bloch, de la Société Feodale à la Résistance”. Disponível em <<http://francoise.berger1.free.fr/>>>. Acesso em dezembro de 2015.
- BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. *As escolas históricas*. Portugal: Editora Europa-América, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira (et. all.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, FGV: 2006, pp. 183-191.
- BRATIANU, Georges I. “Un soldat et un savant, Marc Bloch (1886-1944)”. In: BECKER, Annette; BLOCH, Étienne (org.). *Marc Bloch: L’Histoire, la Guerre, la Résistance*. Paris: Gallimard, 2006, pp. 998- 1011.
- BRUNCHWIG, Henri. “Vingt ans après (1964): souvenirs sur Marc Bloch”. In: BECKER, Annette Becker; BLOCH, Étienne (orgS.). *Marc Bloch: L’Histoire, la Guerre, la Résistance*. Paris: Gallimard, 2006, pp. 1022- 1027.
- BURRIN, Phillipe. *La France à l’heure Allemande*. Paris: Seuil, 1994.
- \_\_\_\_\_. “Fausse querele autor de Lucien Febvre”. *L’Histoire* n. 189, juin 1995.
- \_\_\_\_\_. “Lucien Febvre inférieur à lui-même”. *Le Monde*, 28 fev. 1995.
- BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.
- CARBONELL, Charles-Olivier; LIVET, Georges. *Au berceau des “Annales”*. Le milieu strasbourgeois. L’Histoire en France au début du XX<sup>e</sup> siècle. Toulouse: Presses de l’Institute d’études politiques de Toulouse, 1983.



- CARROL, Andrew. *Cartas do Front: relatos emocionantes da vida na guerra*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- CATROGA, Fernando. *Memória, História, Historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2011.
- CENTRE DE RECHERCHE DE L'HISTORIAL DE PERONNE. *14-18: la très Grande Guerre*. Le Monde Édition: 1994.
- CERTEAU, Michel de. "A operação historiográfica". In: \_\_\_\_\_. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CHARTIER, Roger. *Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Inscriver e apagar: cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII)*. São Paulo: UNESP, 2007.
- DAVIES, Natalie Zemon. "A modern hero". *New York Review of books*, 26 abr. 1990, p. 27-29.
- \_\_\_\_\_. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick (orgs.). *As correntes históricas na França: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- DEN NOER, Pim. *History as a Profession: the Study of History em France (1818-1914)*. Princeton, NJ: Princeton, University Press, 1998.
- DEYON, Pierre; RICHEL, Jean-Claude; STRAUSS, Léon (org.). *Marc Bloch: l'historien et la cité*. Estrasburgo: Presses Universitaires de Strasbourg, 1997.
- DOSSE, François. *A história em migalhas*. São Paulo: Ensaio; Campinas: EdUnicamp, 1992.
- DUMOULIN, Olivier. *Marc Bloch*. Paris: SciencPo, 2000.
- ENDERS, Armelle. "Lugares de memória, 10 anos depois". *Revista estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 11, pp. 132-137, 1993.
- EKSTEINS, Modris. *A Sagração da Primavera: a Grande Guerra e o nascimento da Era Moderna*. São Paulo: Rocco, 1997.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. "História do tempo presente: desafios". *Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 94, nº3, p. 111-124, maio/jun, 2000.
- FERRO, Marc. *A Grande Guerra*. Lisboa: Edições 70, 1990.
- FINK, Carole. *Marc Bloch: uma vida na história*. Oeiras: Celta, 1995.
- FURET, François. *O nascimento da história*. Lisboa: Gradiva, s/d.

- GARAPON, Antoine; ALLARD, Julie; GROS, Frédéric. *Les vertus du juge*. Paris: Dalloz, 2008.
- GAY, Peter. *O cultivo do ódio: a experiência burguesa. Da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Guerras do Prazer: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- GEREMEK, Bronislaw. “Marc Bloch, historien et résistant”. *Annales ESC*, n.5, septembre-octobre 1986, p. 1091-1105.
- GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In: \_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- \_\_\_\_\_. “Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito”. In: \_\_\_\_\_. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- \_\_\_\_\_. “Decifrar em espaço em branco”. In: \_\_\_\_\_. *Relações de Força: história, retórica, prova*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, pp. 100 – 117.
- \_\_\_\_\_. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. “Provas e possibilidades à margem de ‘Il retorno de Martin Guerre’ de Natalie Zemon Davies”. In: \_\_\_\_\_. *A Micro-história e outros ensaios*. Lisboa: DIFEL, 1989, pp. 179-202.
- GLOTZ, Gustave. “*Le prix du papyrus dans l’Antiquité grecque*”. In: *Annales d’Histoire Économique et Sociale*, 1<sup>er</sup> année, 1929, pp. 3-12.
- GOMES, Ângela de Castro. “Introdução”. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Escritas de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, pp. 10-22.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000 (3 vols).
- HALBWASCH, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HEYMANN, Luciana. “O ‘devoir de mémoire’ na França contemporânea: entre a memória, história, legislação e direitos”. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.
- HOBBSBAWM, Eric. *A Era dos extremos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. “O atual e inatual em Leopold von Ranke”. In: *Ranke*. São Paulo: Ática, 1979, pp. 7-62.
- HUMBERT, Agnès. *Resistência. A história de uma mulher que desafiou Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes Editora Lda, 1992.
- JEANNENEY, Jean-Noël. *La Grande Guerre: si loin, si proche*. Paris: Seuil, 2013.

- KAUFMANN, Susana Griselda. “Sobre violencia social, trauma e memoria”. In: *Anais do Seminario memoria colectiva y represión - SSRC*, 1998. Disponível em: <<http://www.cholonautas.edu.pe/modulo/upload/GKauffman.pdf>>. Acesso em: abril de 2013.
- KIRSCHNER, Tereza Cristina. “Ernest Lavisse”. In: MALERBA, Jurandir (org.). *Lições de História: o caminho da ciência ao longo do século XIX*. Rio de Janeiro: FGV. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.
- KLADSTRUP, Don; KLADSTRUP, Petite. *Vinho e guerra: Os Franceses, os Nazistas e a Batalha Pelo Maior Tesouro da França*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- \_\_\_\_\_. “*Historia Magistra Vitae – Sobre a dissolução do topos na história moderna em movimento*”. In: \_\_\_\_\_. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 41-60.
- LABORIE, Pierre. *Les français des années troubles: de la guerre d’Espagne à la Libération*. Paris: Seuil, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Les mots de 39-45*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2006.
- \_\_\_\_\_. “Memória e Opinião”. In: AZEVEDO, Cecília (et. all.). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- LAVISSE, Ernst. *Histoire de la France: cours élémentaire* <[https://fr.wikisource.org/wiki/Page:Ernest\\_Lavisse\\_\\_Histoire\\_de\\_France\\_cours\\_%C3%A9l%C3%A9mentaire,\\_Armand\\_Colin,\\_1913.djvu/13](https://fr.wikisource.org/wiki/Page:Ernest_Lavisse__Histoire_de_France_cours_%C3%A9l%C3%A9mentaire,_Armand_Colin,_1913.djvu/13)> acesso em 23 nov. 2015, às 15:00.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- MALATIAN, Teresa. “Cartas. Narrador, registro e arquivo”. In: Carla Bassanezi Pinsky; Tania Regina de Luca (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 195-249.
- MARIOT, Nicolas. *Tous unis dans les tranchées? 1914-1918, les intellectuels rencontrent le peuple*. Paris: Seuil, 2013 (versão Kindle).
- MARTINS, Vanessa Gandra Dutra. “Diálogos entre a história e a literatura: a escrita epistolar como recurso de construção do passado”. In: *Revista Vozes do Vale da UFVJM*, n. 2, ano I, 2012.

- MASTROGREGORI, Massimo. “Le manuscrit interrompu: Métier d’historien de Marc Bloch”. In: *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 44e année, n.1, 1989, pp. 147-159.
- MAYER, Arno. *A Força da Tradição: a persistência do Antigo Regime (1818-1914)*. São Paulo: Cia. da Letras, 1987.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *As Raízes Clássicas da historiografia moderna*. São Paulo: EDUSC, 2004.
- MÜLLER, Bertrand; SCHÖLLER, Peter. “Faut-il brûler Lucien Febvre?”. *Le Monde*, 8 fev. 1995.
- MÜLLER, Bertrand. “Archéologie du Centre de Recherches Historiques. Les enquetes collectives de Marc Bloch et Lucien Febvre et leur posterité”. *Les Cahiers du Centre de Recherches Historiques*, n. 36, 2005. Disponível em: <<http://ccrh.revues.org/3039#tocto1n3>>. Acesso em janeiro de 2016.
- \_\_\_\_\_. “Lucien Febvre et Henri Berr: de la synthèse à l’histoire-problème”. In: BIARD, Agnès (org.). *Henr Berr et la culture du XXe siècle*. Paris: Albin Michel, 1997, pp. 39-59.
- NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. In: *Projeto História*. São Paulo, nº10, p. 7-28, dez.1993.
- \_\_\_\_\_. *Les lieux de mémoire* (vol. 1 – La République). Paris: Gallimard, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Les lieux de mémoire* (vol. 3 – Les France). Paris: Gallimard, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Present, nation, mémoire*. Paris: Gallimard, 2001.
- \_\_\_\_\_. “Temps et histoire. ‘Comment écrire l’histoire de France?’”. In: *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, n. 6, 1995. Disponível em <<http://www.persee.fr>>. Acesso em janeiro de 2015.
- NYISZLI, Miklos. *Auschwitz: o testemunho de um médico*. São Paulo: Record, 1974.
- ORY, Pascal; SIRINELLI, Jean-François. *Les intellectuels en France: de l’affaire Dreyfus à nos jours*. Paris: Éditions Perrin, 2004.
- PAXTON, Robert. *La France de Vichy (1940-1944)*. Paris, Seuil, 1997.
- POLLAK, Michel. “Memória e identidade social”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Memoria, olvido e silencio*. La Plata: Al Margen, 2006.
- PROCHASSON, Christophe. “Atenção: verdade! Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998, pp. 105-119.

- PROST, Antoine. “Fronteiras e espaços do privado”. In: ARIÈS, Phillipe; DUBY, Georges. *História da Vida Privada – da Primeira Guerra a nossos dias* (tomo 5). São Paulo: Cia. das Letras, 1992, pp. 13-154.
- RACINE, Nicole. “Lucien Febvre et la Encyclopédie française”. *Vingtième siècle*, 1998, v.57, n. 1.
- RAULFF, Ulrich. *Marc Bloch: un historien au XX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Fondation Maison des sciences de l’homme, 2005.
- REMARQUE, Erich Maria. *Nada de novo no front*. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- RENAN, Ernest. “O que é uma nação?”. In: ROUANET, Maria Helena (org.). *Nacionalidade em questão*, Cadernos da Pós/Letras: UERJ, 1997.
- RICOEUR, Paul. *Memória, história, esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2008.
- RIDING, Alan. *Paris, a festa continuou: a vida cultural durante a ocupação nazista, 1940-4*. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.
- ROLLEMBERG, Denise Cruz. “Aos grandes homens a pátria reconhecida: os ‘justos’ no Panteão”. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Direitos e Cidadania: memória, política e cultura*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- \_\_\_\_\_. “Definir o conceito de Resistência: dilemas, reflexões, possibilidades”. In: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz (orgs.). *História e Memória das ditaduras do século XX*. Rio de Janeiro: FGV, 2015, vol. 1., pp. 77-95.
- ROUSSO, Henry. *La hantise du passé*. Entrevista com Phillipe Petit. Paris: Textuel, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Le syndrome de Vichy: 1944 à nos jours*. Paris: Seuil, 1990.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Cia. das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SCHNEIDER, Sérgio; SCHMIDT Cláudia Job. “O uso do método comparativo nas ciências sociais”. *Cadernos de Sociologia*, Porto Alegre, v.9, p. 49-87, 1998.
- SCHÖTLER, Peter. *Lucie Varga: les autorités invisibles. Une historienne autrichienne aux Annales dans les années trente*. Paris: Le Cerf, 1991.
- \_\_\_\_\_. “Marc Bloch et Lucien Febvre face à L’Allemagne nazie”. In: *Gèseses*, 21, 1995. *Le nazisme et les savants*, pp. 75-95.
- SELIEGMANN-SILVA. “Narrar o trauma – a questão dos testemunhos das catástrofes históricas”. *Psicologia clínica*, Rio de Janeiro, vol. 15, n.2, 2003.
- \_\_\_\_\_. “O local do testemunho”. *Tempo e Argumento – revista do programa de Pós-Graduação em História*. Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 3 – 20, jan. / jun. 2010.

- SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida mental” In: VELHO, Otavio G. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- SINGER, Claude. *Vichy, L’Université et les Juifs: les silences et la mémoire*. Paris: Les Belles Lettres, 2004.
- SIRINELLI, Jean-François. *Génération intellectuelle: Khâgneux et normaliens dans l’entre-deux-guerres*. Paris: Fayard, 1988.
- TAYLOR, A. J. P. *A Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- TODOROV, Tzvedan. *Los abusos de la memoria*. Barcelona: Paidós, 2000.
- TRAUTMANN, Catherine. “Hommage à Marc Bloch”. In: DEYON, Pierre; RICHEZ, Jean-Claude; STRAUSS, Léon (dir.). *Marc Bloch: l’historien et la cité*. Estrasburgo: Presses Universitaires de Strasbourg, 1997, p. 12-21.
- VARGA, Lucie. “La Genèse Du National-socialisme Notes D’analyse Sociale”. *Annales D’histoire Économique Et Sociale*, 9 (48), 1937. EHESS: 529–46.
- VELAY, Vallantin Catherine. “Le Congrès International de Folklore de 1937”. In: *Annales. Histoire, Sciences Sociales*. 54<sup>e</sup> année, n. 2, 1999, pp. 481-506.
- VENANCIO, Gisele. “Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história”. In: Ângela de Castro Gomes (org.). *Escritas de si, escrita da história.*, 1992, pp. 111-137.
- \_\_\_\_\_. “Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 28, 2001.
- VIELLON, Dominique. *Le Franc-Tireur*. Paris: Flammarion, 1977.
- WESSEL, Marleen. “L’inutile balance de Saint Michel”. *Le Monde*, 28 fev. 1995.
- WINOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- WINTER, Jay. *Remembering War: the Great War between memory and History in the 20<sup>th</sup> century*. New Haven, Conn: Yale University Press, 2006.
- YERUSHALMI, Yosef Hayim. “Reflexiones sobre el olvido”. In: \_\_\_\_\_. (et all.). *Usos del olvido*. Buenos Aires: Nueva Vision, 2006.

## ANEXOS

**ANEXO 1:** Referências a Marc Bloch no *Centre d'Histoire de la Résistance et de la Déportation*, em Lyon (fotos: arquivo Denise Rollemberg)



Edição do jornal *Lyon Libre* de 1 nov. 1944. “Entre os mais belos nomes, os seus são os mais belos”. Marc Bloch ganha destaque pela centralidade na diagramação e por ser o primeiro citado.



A primeira edição de *L'Étrange Défaite* em exposição



Espaço reservado a Marc Bloch no museu

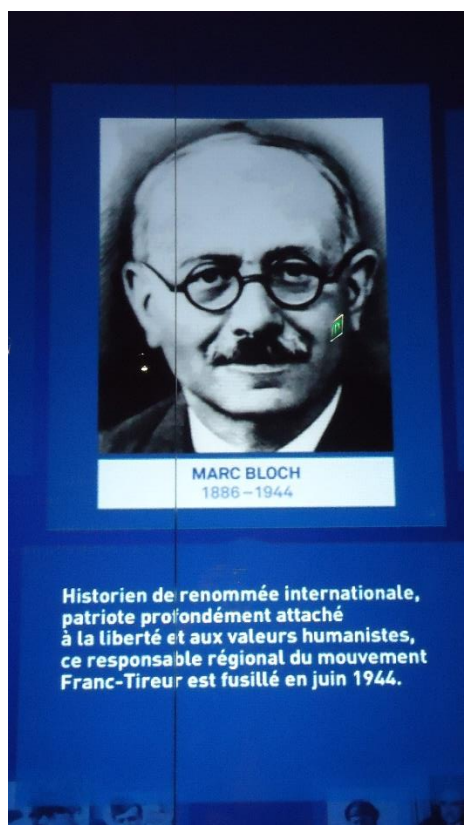


**ANEXO 2:** Referência a Marc Bloch no *Musée de la Résistance et de la Déportation Nationale de Champigny-sur-Marne* (foto: arquivo Denise Rollemberg)



“Marc Bloch, grande historiador medievalista e chefe regional do movimento *Franc-Tireur*, em Lyon, foi assassinado em 16 de junho pela Milícia”.

**ANEXO 3:** Referências a Marc Bloch no *Musée de l'Armé, Historial Charles de Gaulle*  
(fotos: arquivo Denise Rollemberg)



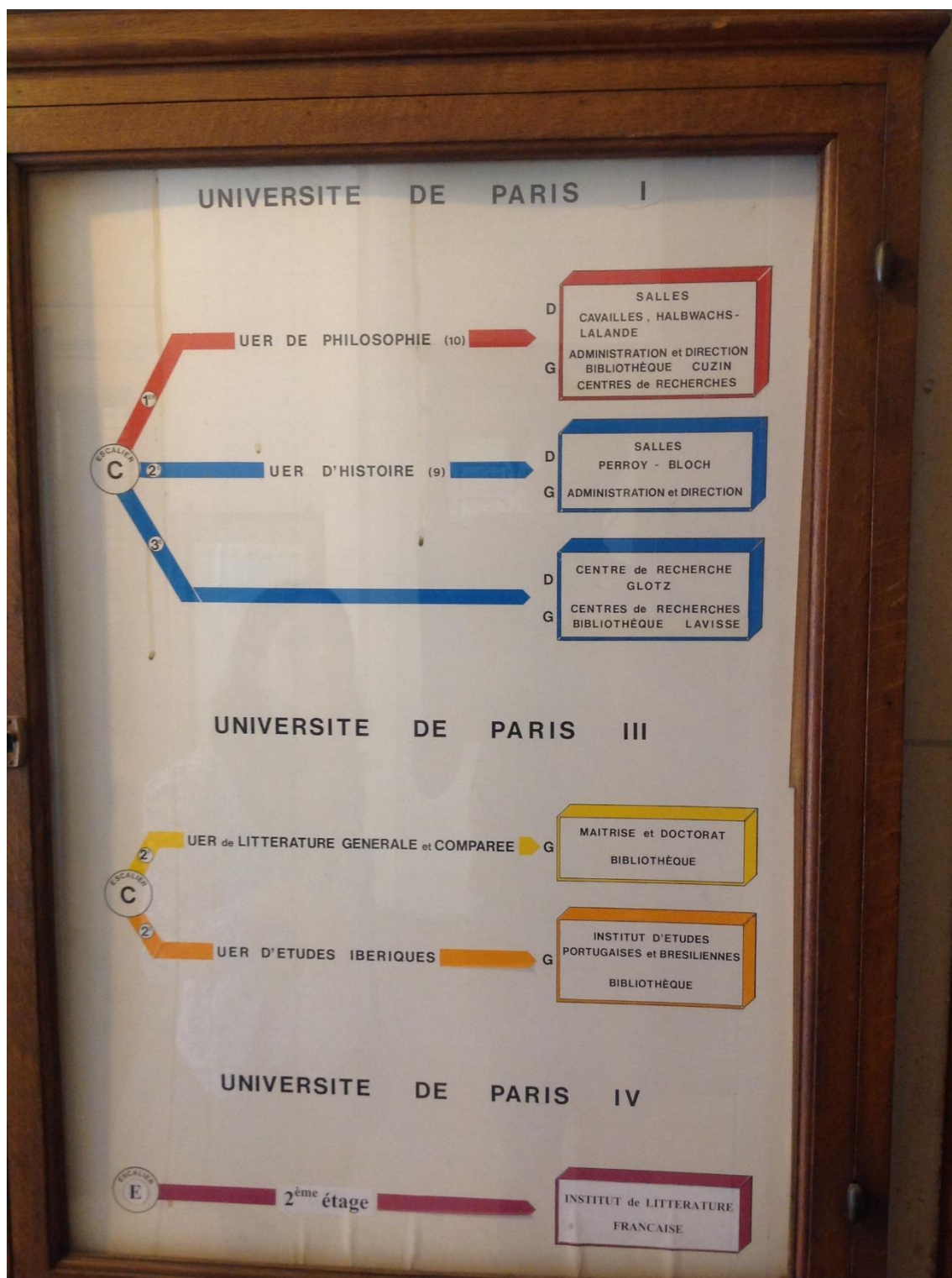
“Historiador de renome internacional, patriota e profundamente ligado à liberdade e aos valores humanistas, este responsável regional pelo movimento *Franc-Tireur* foi fuzilado em 1944”.

**ANEXO 4:** Rue Fernand Braudel, próxima à *Bibliothèque Nationale de France* (foto: arquivo pessoal)





ANEXO 5: Plano de salas da Sorbonne (foto: arquivo pessoal)



ANEXO 6: "Deixe Marc Bloch tranquilo, senhor Sarkozy" (retirado de [http://www.citoyens-resistants.fr/IMG/pdf/Laissez\\_Marc\\_Bloch\\_tranquille.pdf](http://www.citoyens-resistants.fr/IMG/pdf/Laissez_Marc_Bloch_tranquille.pdf))

## "Laissez Marc Bloch tranquille, M. Sarkozy",

Tribune publiée dans les pages Opinions du Journal **Le Monde** le 29 novembre 2009 et intitulée "*Laissez Marc Bloch tranquille, M. Sarkozy*", elle est co-signée par **Suzette Bloch** et **Nicolas Offenstadt**.

Petite-fille de Marc Bloch et historien médiéviste, nous avons décidé de joindre nos voix pour dire stop à l'utilisation abusive de l'historien, de l'intellectuel, du résistant Marc Bloch par le président de la République, Nicolas Sarkozy - et ceux qui l'entourent - pour habiller leurs discours idéologiques.

Un jour, moi, Suzette Bloch, j'ai demandé à mon père: "*Mais comment as-tu fait pour avoir le courage physique de résister à l'occupant ?*" Il m'a répondu: "*Tu sais, quand tu es agressé, tu ripostes, c'est comme un réflexe, tu ne te poses même pas la question.*" Mon père s'appelait Louis Bloch. Il était modeste. Ses hauts faits de résistant contre les nazis et leurs auxiliaires français, je les ai appris par le récit d'autres. J'aurais pu poser la question à mon grand-père. Mais je ne l'ai pas connu. Il a été fusillé. Le 16 juin 1944. Il est tombé sous les balles allemandes. Le soir, dans un champ. A Saint-Didier-de-Formans (Ain). Il était lui aussi dans la Résistance. Il s'appelait Marc Bloch. J'aurais pu poser la question à ma grand-mère. Mais je ne l'ai pas connue. Elle est morte le 2 juillet 1944. A Lyon. De douleur, de privations, sans nouvelles de son mari, de ses fils, Etienne, Louis et Daniel, tous engagés dans l'armée de l'ombre. Elle s'appelait Simonne.

Marc, Simonne, Louis m'ont laissé une mémoire, la mémoire d'une famille qui a érigé la liberté d'esprit au rang de première des valeurs humaines. Aujourd'hui, je suis indignée. Au point où j'en arrive à surmonter la timidité que j'ai aussi reçue en héritage. Pour dire "Assez !".

Le 12 novembre à La-Chapelle-en-Vercors, dans la Drôme, le président de la République a prononcé un discours destiné à apporter sa "contribution" au débat qu'il a lancé sur l'"identité nationale", une notion qui ne s'impose en rien et qui peut servir les pires desseins idéologiques. Il en a appelé à mon grand-père à l'appui de son hymne à la France repliée, chrétienne et éternelle. "Honneur", "patrie", "fierté d'être français", "identité nationale française", "héritier de la chrétienté": ces termes sont légion dans ce discours où le chef de l'Etat prétend décrire ce que doit être sa France, cautionnée par le "plus grand historien".

A plusieurs reprises, pendant la campagne présidentielle, il avait cru bon de citer L'Etrange Défaite, ce retour réflexif sur 1940, écrit par l'historien, qui avait été aussi combattant. Mais là, trop, c'est trop. Je suis révoltée. Pourquoi ce besoin de recourir à Marc Bloch pour se vêtir de ses qualités d'homme irréprochable. Peut-être parce qu'il faut rendre noble et acceptable un débat qui sert à la fois de courtes visées électorales et un projet idéologique de retour au "national", sans rapport aucun avec les engagements et la vision du monde, savant et citoyen, de Marc Bloch.

Je refuse que mon grand-père soit utilisé pour célébrer la patrie selon Nicolas Sarkozy, qui joue de la peur de "l'Autre". "L'étranger"? "L'immigré"? Toujours sommé de se justifier, forcément marginalisé par un débat centré sur l'"identité nationale",

pourchassé quant il n'est pas "en règle", obligé de se cacher, de cacher ses enfants ou de travailler aux sinistres conditions du travail au noir. Quels sont ces "renoncements" qui menacent la patrie? Toute cette phraséologie n'a rien à voir avec Marc Bloch, qui s'est battu dans un tout autre contexte contre de vrais ennemis des libertés.

« Je suis, je m'en flatte, un bon citoyen du monde et le moins chauvin des hommes. Historien, je sais tout ce que contenait de vérité le cri fameux de Karl Marx: "Prolétaires de tous les pays, unissez-vous!" », écrivait aussi le médiéviste dans *L'Etrange Défaite*, soucieux d'articuler son intense patriotisme et de plus larges horizons.

Non, moi, sa petite-fille, je ne veux pas que Marc Bloch soit instrumentalisé par Nicolas Sarkozy. Il n'aurait pas approuvé cette idéologie nationaliste malsaine. Je demande au président de laisser la pensée de mon grand-père à l'étude, à la critique, aux historiens, ainsi qu'à tous les lecteurs de ses oeuvres.

L'historien coauteur de ces lignes doit dire, avec bien d'autres, que le fameux passage cité à plusieurs reprises par le président et ses proches, et encore à La Chapelle-en-Vercors, pour faire croire que l'histoire de France s'adopte comme un tout, comme un animal de compagnie, est un détournement bien abusif. Voici la phrase exacte: "Il est deux catégories de Français qui ne comprendront jamais l'histoire de France, ceux qui refusent de vibrer au souvenir du sacre de Reims ; ceux qui lisent sans émotion le récit de la fête de la Fédération."

Lorsqu'on remet cette phrase dans son contexte, on comprend qu'elle sert avant tout à dénoncer l'étroitesse d'esprit du patronat des années 1930, incapable de saisir l'élan des luttes ouvrières, et en particulier de celles de 1936. "Dans le Front populaire", ajoute Bloch - le vrai, celui des foules, non des politiciens -, il revivait "quelque chose de l'atmosphère du Champ de Mars, au grand soleil du 14 juillet 1790." Surtout, Marc Bloch dénonce ici l'incapacité des élites à bâtir de grands moments de rassemblement autour des idéaux démocratiques, face à ceux des régimes fascistes. Les spécialistes de Marc Bloch invitent à la prudence dans l'usage de la phrase, déjà formulée pendant la Grande Guerre. Ils en ont proposé de multiples lectures, insistant sur ce double contexte de guerre. A l'évidence, ce genre de discours d'union sacrée est un lieu commun pendant un conflit et mérite d'être entendu dans ce contexte.

Comme d'habitude, le président sort des mots et des icônes de leurs contextes et de leurs engagements pour les peindre aux couleurs du jour, les plus nationales en l'occurrence, oubliant l'époque qui les a produits, empêchant toute compréhension des enjeux du temps. Comme le note l'historien Gérard Noiriel, "alors que Nicolas Sarkozy n'a cessé de stigmatiser la pensée critique comme une menace sur l'identité nationale, Marc Bloch l'a, au contraire, toujours encouragée".

° **Suzette Bloch** est Journaliste, petite-fille de Marc Bloch

° **Nicolas Offenstadt** est Maître de conférences en histoire à l'université Paris-I, auteur de

"L'Histoire bling-bling", Stock